

J. 38 FH

# A ESPERANÇA

SEMANARIO DE RECREIO LITTERARIO

DEDICADO ÀS DAMAS

✠

**Collaborado por diferentes escriptoras e escriptores, já bem conhecidos na republica das lettras**

VOLUME II



PROPRIETARIO:

Antonio Pereira da Silva

1866

PORTO:

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.<sup>o</sup>

63,—Praça de Santa Theresa,—63.

*Handwritten notes in the left margin:*  
Cópia do livro...  
Rua do...  
19

# A ESPERANCA

ANALISTAS DE REVENUE LITTOGRAPHIC

DEDICADO AS DAMAS

Collected by different countries and authors. It has  
been published in several languages.

VOLUME I

PRINTED BY

JOHN W. PETERSON & CO.

1866

NEW YORK

STATIONERS AND PRINTERS, 15 NASSAU ST. N.Y.

15 - Nassau St. N.Y.

# INTRODUÇÃO

**O**s jornaes de hoje são para tudo e para todos. Tratam do agradável e do util, do bello e do bom, do que diverte e do que instrue; são as flôres e o perfume. E' por isso que ninguem os deixa de lêr: ou para entreter as horas d'ocio depois da lida, ou para alargar os horisontes do espirito e abrir a alma á luz da instrucção.

Hoje exploram-se, com admiravel afan, todos os veios de que se possa extrair ouro. Applaudiu-se geralmente a ideia da propagação do jornal, porque elle circula desde os grandes povoados até ao canto mais ignorado da terra e, sendo o thermometro da intelligencia, vae lá mostrar os progressos d'um espirito, que são incentivo ao trabalho d'outro! porque vae lá deixar o exemplo e com o exemplo a lição! porque vae lá levar o convite e o chamamento dos que lidam.

Não se deixam morrer os genios na obscuridade, porque se comprehendeu que elles devem de ser os guias e os conselheiros do povo. Os Moysés do trabalho de hoje, hão de gozar amanhã a Canaam da gloria, porque nem o crime da ignorancia, nem o da inercia lhes prohibem a entrada.

E' por isso que nós, apostolando as ideias e tendencias do seculo, deitamos, do meio da nossa obscuridade, pregão para trabalho. E' por isso que nós abrimos as portas d'esta pequena galeria de pensadores aos espiritos inclinados á lida.

Aqui gloriamos os talentos que já subiram, e acolhemos os que sobem ainda. A uns rende-se preito, a outros dá-se favor e bom acolhimento.

As portas estão abertas: com ínfima alegria inscreveremos no frontal do nosso humilde templo os nomes dos que se chegarem a nós.

Do publico hemos de ser bem acolhidos; já o fômos, e continuaremos a sel-o. E d'este modo estamos certos de que a geral opinião porá corôa aos nossos e vossos esforços.

## A FREIRA

QUATRO senhoras ainda novas, acompanhadas por um sujeito de idade, entravam pelo portão do convento de Santa Clara.

Seus rostos estavam pallidos; e em seus olhos vermelhos de chorar, brilhava ainda uma lagrima, que todas faziam por esconder.

Que pezar affligiria aquellas jovens?

O que iriam ellas fazer ao convento?

E' natural que o leitor faça estas perguntas, a que eu responderei com a continuação d'esta narrativa.

Quando chegaram á porta por onde costumam entrar as senhoras que vão alli procurar a paz, que não encontraram no mundo, já ella se achava aberta, apresentando aos olhos das recém-chegadas um quadro sublime, como ainda pintor algum foi capaz de reproduzir na tela!

As religiosas, vestidas com seus habitos, estavam formadas em duas alas; e era tal o silencio e immobildade em que jaziam, que mais pareciam estatuas trabalhadas por mão d'um habil artista, do que creaturas humanas animadas pelo sôpro da vida.

Ao aproximarem-se as cinco pessoas de que acima fallamos, a superiora veio cumprimental-as; e depois, vóltando-se para uma das jovens, disse:

—De hoje em diante hão de ser estas as suas companheiras, sr.<sup>a</sup> D. Adelaide.

E ao mesmo tempo lhe indicou com a mão as religiosas, que ainda se conservavam immo-veis.

Adelaide começou então a chorar, e as suas companheiras juntaram seus soluços aos d'ella.

O ancião, commovido tambem com aquella scena, disse, querendo occultar a sua fraqueza.

—Vamos, meninas, é preciso acabar com isto... Já choraram bastante em casa... Demais, não sei porque motivo hão-de estar a affligirse d'esse modo... Esta separação não é eterna; pois teem a liberdade de virem visital-a quando lhes aprouver.

Ellas, porém, não lhe davam ouvidos.

Entregues á mais viva desesperação por terem de apartar-se da amiga que estremeciam, foi com bastante custo que seu pai conseguiu arrancar-as dos braços d'ella.

O velho, saudando a superiora, quasi que obrigou suas filhas a seguirem-lhe os passos para fóra do convento.

.....

Apenas as tres jovens e o ancião se retiraram, as religiosas foram cumprimentar e abraçar a sua nova companheira, e ao mesmo tempo ministrar-lhe palavras de consolação.

No meio d'estas santas creaturas foi Adelaide conduzida á sua cella.

Depois d'uma noite passada a chorar, recebeu a joven um recado da superiora para que fosse almoçar com ella.

Adelaide accedendo a tão honroso convite, foi ter com aquella, sob cujas ordens havia de estar d'alli em diante. Agradeceu-lhe a honra que lhe fazia; mas só comeu alguma cousa por obedecer ás repetidas instancias da sua attenciosa hospedeira.

Depois que acabaram de almoçar travou-se entre as duas a seguinte conversa:

—Diga-me, minha filha (permitta-me que lhe dê este nome,) foi voluntaria a sua reclusão n'este convento; ou foi a isso obrigada por alguém?

—Ninguem me obrigou a entrar para aqui: foi tão sómente por subtrahir-me á ambição de meu pai, que me resolvi a procurar um refugio n'esta casa.

—Se não temesse desgostal-a, pedir-lhe-ia que me contasse a sua historia; pois, na verdade, não faz ideia do interesse que me inspira.

—Oh! minha senhora! Quanto lhe agradeço as palavras que acaba de proferir! — disse Adelaide enternecida — Já que tanto se interessa por mim consinta que eu lhe dê o santo nome de mãe, uma vez que tive a infelicidade de não chegar a conhecer—aquella que me deu a existencia... Contar-lhe-hei, sim, contar-lhe-hei a historia da minha vida, historia que só conhecem as amigas que hontem me acompanharam...

Entrou n'este momento nma criada, que

veio receber as ordens da superiora. — Leve a louça do almoço;—disse esta—e que não entre aqui ninguém sem me avisar.

Logo que a criada sahiu, a superiora foi fechar a porta e veio outra vez sentar-se junto de Adelaide, dizendo:

—Póde começar que ninguém virá interromper-nos.

AUGUSTO QUEIROZ.

(Continúa)

## LUIZA

(Villancete)

A F. M. DE SOUSA VITERBO

*C'est ici le mélange*

*Des roses et des pleurs.*

*Mad. Valmore.*

Logo que o pardo veu da neblina se quebre,  
Hade-se vêr d'aqui alvejar o casebre  
Da Luiza do Val. Trepadeiras em flôr  
Vão cobrindo o telhado; a hera, em derredor  
Das paredes, se encosta indolente e lasciva...  
E em cada folha, á tarde, a viração esquiva  
Vem pôr um môrno beijo e foge a sussurar...  
As aves, entretanto, a cantar, a cantar,  
Ou de dia, ou de noite, ou de verão, ou d'inverno.  
Fazem d'aquelle albergue um paraíso eterno!..  
Mas ha bem tempo, já, que a porta não se abriu!  
Ha dois mezes—talvez?—que d'alli não saiu  
A Luiza do Val, a loira rapariga  
Que sabia de'cór uma certa cantiga  
Que fallava d'amôr...—E cantava tão bem!—  
Já aos campos não sae, já não a vê ninguém  
A tanger os seus bois feliz e cuidadôsa,  
Com avental de linho e lenço côr de rosa;  
Ou a fiar na roca, ou á porta a coser,  
Ou na missa primeira antes do sol nascer!..  
Alguem já se lembrou de lhe bater á porta,  
Receiando, talvez, que ella esteja morta.  
Outros affirmam, pois, que só de noite sai

Como douda, a correr, sem saber onde vái;  
E que todo o seu mal é de saudade e amôres,  
Por isso já não ama as aves nem as flôres...

Os que dizem que o mal é mal do coração,  
Pensam com mais prudencia e mais reflexão...

## II

Um caçador gentil de perspectiva estranha  
Vinha descendo ao val na encosta da montanha;  
E ella estava, á porta, a coser e a cantar.  
Viu-o, ergueu o rosto, e começou a olhar,  
A olhar... Elle riu-se e foi direito á porta...  
Ella cantava, sempre, enlevada e absorta  
N'um extasi d'amor... Elle disse-lhe então:  
—Aquem agua me desse, eu dava o coração...  
—Vou buscal-a, senhor, entretanto arrefece...  
Levantou-se e sorriu; não tardou que viesse  
Com a bilha da agua. E elle agradeceu;  
Mas a moça gentil—não sei porque!—tremeu...

## III

—Escute, meu senhor, não me falte á promessa...  
O coração é meu?...

—Duvidas?... Ora essa!...

—Oh! como sou feliz!... Mas quando volta aqui?..  
—Eu não me esqueço, não, lembrar-me-hei de ti  
Sempre, aonde estiver, no mundo ou sob a loisa...  
Como a folha que fica aonde o vento a poisa  
Assim eu também sou... Mas tu, meu serafim,  
Oh! não me queiras vêr, debes fugir de mim,  
Homem que reneguei de Deus que me guiava...  
—Entretanto Luiza, a tremer, soluçava...—  
—Foge d'aqui, mulher, deixa-me, parte, vai,  
Porque eu sou um bandido...»

Ouviu-se então um ai

Que ella arrancou do seio... E pallida, quasi morta  
P'ra dentro se atirou fechando a sua porta...

## IV

Não mais então saiu!... Nem um raio de sol  
Deixa na sua face as tintas do arrebol  
Levando a pallidez... Se, lá, onde ella mora  
Não entra o esplendor do occaso, nem da aurora!...  
Se ella vive, sempre,—infeliz!—a chorar,  
E, nem, ao pôr do sol, vem os cravos regar!...  
Cuido que pranto e ais onde ella vasa as dores  
Se convertem, cá fóra, em cantos e em flores,  
Pois que o cazebre é verde e sempre a florir  
Sem as rosas murchar, nem as aves fugir!...

Sozello 25 de Setembro de 1865.

ALBERTO PIMENTEL.

## HORAS ALEGRES

Cartas a E...

## I

*Post tenebras sol lucet...*

Se não fóra um raio de sol, que vem desvanecer uma nuvem de melancolia, que nos innotava a alma, se não foram algumas horas de paz que nos serenam o espirito no meio das tribulações dolorosas da vida, se não fóra a esperança depois do desconforto,—se não fóra tudo isto, o mundo devia de se nos appresentar como um deserto immenso e arido, sem oásis para o descanso de uma hora, sem flores que nos embriagassem com aromas, sem ar que nos alimentasse a vida e sem luz que nos alumiasse o caminho da existencia!

Porque é que nós temos *horas alegres* a sorrir-nos n'um relance de felicidade, momentos depois da nossa alma expandir as suas maguas intimas n'uma chuva de lagrimas, que nos resaltou dos olhos, n'uma conglobação de suspiros e ais, que são a expressão e a linguagem sublime da dor?!

Se nós fomos assim interrogados, deviamos de perguntar á madre-silva porque nasceu tão formosa entre as urzes da montanha; á es-

trella da bonança por que veio mostrar-se no ceu depois dos vagalhões horridos da procella; ao abril porque veio cobrir de flores os montes e os vales, que o dezembro tinha despido...

Estas *horas alegres*, que hoje se dão a lume, nasceram da alma que se enlevava em extasi em instantes de suprema felicidade e pertencem a ti, mulher que as inspiraste, como as flores pertencem á primavera que as gerou, e as estrellas a esse mundo esplenduroso onde nasceram...

E dou-t'as, como d'antes, quando brincavamos na varsea, eu te dava, d'envolta com o primeiro amor, as flores mais formosas que encontrava...

E dou-t'as, como tambem hoje te dou os primeiros hymnos da minha lyra e como amanhã te darei as lagrimas da saudade, se houver mão tyranna e despota que te roube aos meus olhos, e que te leve de mim, ó sacrario ridentissimo de todas as minhas esperanças e alegrias...

Estas paginas resumem todo o esplendido poema d'esses arroubos d'amor que tu me dás; e cada phrase que ahi fica creou-a um teu olhar, um teu sorriso, uma palavra tua!

Quando estas paginas chegarem á tua obscura camara não as expulses de ti. Ellas nasceram no fogo d'uma vertigem, d'um delirio de felicidade; deixa-as tambem alimentar no suavissimo calôr de teu seio, no sopro perfumado dos teus labios. Se algum dia o acaso me apartar de ti, se a influencia d'um destino maldito me levar para longe, lamenta as torturas d'uma alma que cahiu, mas gloria-te de me teres dado muitas horas de felicidade, que estas paginas exprimem...

Acolhe pois as singelas flôres, que os teus sorrisos geraram... Acolhe-as... Cada uma d'ellas brotou n'uma d'essas horas de intimo contentamento que se seguem ás minhas horas tristes, ás horas de desconforto,—que são aquellas em que te não vejo e fallo.

É certo: depois da procella a bonança...

Porto 27 de Dezembro de 1865.

(Continua.)

A.

## A EMILIA

Hoje no teu beiral, a tímida andorinha  
veio sorrir, beijar a trepadeira em flor;  
dizendo que tua alma houvera de ser minha,  
e que já te pertence o meu eterno amor.

A brisa não agita a copa dos pomares!  
Como teu duro seio, a tarde muda está!  
Não sei se é voz d'amor o hymno que fere os ares,  
se o que teu labio estila é veneno ou maná!

Como a tarde vae calma!... Este calor intenso  
queima do teu beiral a campanula azul;  
e a andorinha amanhã não buscará o incenso  
da tua secca flôr!—hade ir n'aza do sul.

Hade ir para outro seio em supplica d'amores!  
Na luz de novo sol hade ir-se espanejar!  
Só eu hei-de morrer c'ò as tuas mortas flores!..  
Gilbert do teu festim, ostia do teu altar.

14 de Dezembro de 65.

SOSA VITERBO.

## AMOR D'UM NEGRO

Que mulher tão linda aquella  
Que entre palmares diviso,  
Nunca vi outra donzella  
Com tão magico sorriso!  
Se me fosse dado amal-a,  
Dirigir-lhe inda uma falla,  
Pintar-lhe a minha paixão!  
Pobre negro! renuncia  
Ao amor fatal que um dia  
Fará perder-te a razão!...

A razão!... Quero perdel-a,  
Adorando-a eternamente!  
Tento em vão esquecer-me d'ella  
Que a sua imagem na mente  
Vae commigo a toda a parte!  
Sim, ó branca eu hei-de amar-te  
Mesmo ao ver o teu rigor!  
Hei-de ver-te sem ser visto;  
Mas á dor eu não resisto  
De perder o teu amor!...

Negro mas independente,  
Tenho escravos e riqueza,  
Idéas grandes na mente  
E tenho n'alma a nobreza  
Que inspiram honra e virtude!  
Comprender as letras pude,  
Tenho estudo, erudição  
Para exprimir a donzella  
Tudo que sinto por ella  
N'este ardente coração!

E sobre um banco de relva  
Onde se assentava Alzira,  
O negro deixa uma carta  
Que ella a sorrir logo abrira.

E fallava só d'amores,  
Mas n'um estylo eloquente  
Que enlevou a joven tanto  
Que a fez amar ternamente.

Quanto póde a intelligencia  
N'um coração illustrado!  
Ama-se a quem a revela,  
Sem se ter inda encontrado!

Via atravez das palmeiras  
Jorge, o negro enamorado,  
Como ella lia attenta  
Seu dizer apaixonado,

E depois todos os dias  
Á mesma hora recebia  
Alzira a carta d'amores  
Abrindo-a com alegria,

E como ao desconhecido  
Ella amava com paixão!  
Como sentia por elle  
Pulsar forte o coração!

Não comprehendia a donzella  
Amante tão singular  
Que não buscava encontral-a  
Para a ver, p'ra lhe fallar!

Se tiver—dizia a furto—  
Um tão bonito semblante  
Quanto o seu dizer é lindo  
E o seu estylo é brilhante!

Ah! Deixa que eu te conheça  
Encanto da minha vida!  
Se tens amor, por que foges  
Da mulher que te é querida!

Ámanhã no bosque, á noute,  
Junto d'aquella palmeira,  
Onde tu dizes me viras  
Assentada a vez primeira;

Ámanhã alli t'espero,  
Se tu és da terra um sér!...  
Mas se do espaço és um genio,  
Deixa-me então só morrer!...

É forçoso o negro disse,  
Um terrível desengano!  
Ah! se a noute me encobrisse,  
Se prolongasse este enganof!...  
Sim; irei! Ella decida-  
A' vontade d'esta vida;  
Mas se cruel me odear,  
Não soffrerei seu desprezo  
Que este seio d'amor preso,  
Sem ella não quer pulsar!

A noute chega em fim, d'amor, receio,  
Essa noite que tanto ella anciava;  
Vacillante, eis que parte e um mago enleio  
O leva para Alzira que o esperava :

Escuro estava a noute e carregada  
Quando o negro no bosque Alzira chama,  
—«Alzira, eis-me a teu lado ó minha amada  
«Eis quem por ti d'amor todo s'inflammat!

—«Vem mancebo eloquente,  
Alma de meu coração!  
Phanal que em trevas me guia  
Que na terra me allumia  
Que me dá inspiração!...

Vem assentar-te a meu lado  
E dizer se mais amor  
Pôde alguém já revelar-te,  
Se foste amado d'est'arte,  
Com mais fé, com mais ardor!

E tremendo o negro amante,  
Junto á virgem se curvou;  
Toma-lhe a dextra mimosa,

Alva como a nivia rosa  
E um beijo imprimir-lhe ousou!

—«Se a teus pés não vim douzella,  
A' mais tempo ajoelhar  
E' que perder-te eu temia,  
Perder tudo n'um só dia,  
Vêr teu amor acabar!...

«Alzira! N'est'alma existe  
A virtude, amor, nobreza;  
Eis, por que ella não resiste  
Ao desejo da franqueza:  
Este que tens a teu lado,  
Este amante desgraçado,  
Vae seu crime revelar!...

Se é crime, virgem amar-te,  
Ideiar-te em toda a parte,  
Dos puros anjos a par!

«Se do teu misero amante,  
Amasses só os talentos,  
Se p'ra ti fosse bastante  
Os seus nobres sentimentos!...

Podéra já n'este dia  
Dizer-te por que fugia,  
Dizer-te que negro sou!...  
Sem receiar minha sorte...  
Dá-me agora a vida, ou morte  
Que morrer por ti eu vou!...

N'isto ethérea luz frisante  
D'um relampago allumia,  
Do gentil negro o semblante  
Que Alzira tremula via  
E recua espavorida!  
E co'a rasão já perdida  
Cae desmaiada no chão!  
Eis que o amante fremente  
Toma um punhal reluzente,  
Cravando-o no coração!

E quando ella volta á vida  
Vê á frouxa luz d'aurora,  
Do negro a larga ferida;  
Então lamenta-o e chóra!  
Vive, ella diz, triste amante,  
Vive, ser-te-hei constante,  
Vive, vive para amar!  
Elle os olhos inda abrindo,  
Diz para Alzira sorrindo—  
—Assim é docê expirar!...

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTÓRICO)

## I

## A conversação

O dia 20 de janeiro de 1560, estava a findar. O sol descia ao mar, reflectindo na azul campina do oceano seus esplendidos raios.

Na praia do Rastello, estavam dois individuos, admirando as forças maritimas da esquadra portugueza, restos sem duvida do feliz reinado do glorioso D. Manoel.

Um d'elles parecia meditabundo e passeiava d'um lado para o outro, impaciente, em quanto que o outro talvez menos preocupado, estava sentado n'uma rocha e contemplava o Tejo, que fulgia, quaes brilhantes estrellas de finissimo ouro.

Eram elles: Leão Henriques, confessor de S. A. o cardeal D. Henrique; e Miguel de Torres, da rainha regente D. Catharina d'Austria; viuva d'el-rei D. João III, de piedosa memoria.

—O padre Luiz Gonçalves demora-se excessivamente—disse Leão Henriques, cansado de esperar—que novidade haverá?

O confessor da rainha parou repentinamente e affirmando-se no seu collega, respondeu:

—Não sei. Isto já passa a mais... uma demora assim!... Quem sabe se elle se terá esquecido do contracto...

—Nada, nada, é impossivel. Talvez que elrei hoje se demorasse mais. Ha dias que anda melancholico...

—Eu sei! Aquelles cortesões do paço não nos são favoraveis. Paulo Dias...

—Cortesões?... E por ventura poderão elles mais que nós?... Não temos por nossa parte o duque d'Aveiro e o conde de Castanhei-

ra, irmão do vice-rei da India?... Os filhos de Santo Ignacio de Loyalla, são muito fortes para serem aballados... O nosso Simões Rodrigues, luctou com muitos odios e inimisades, mas a final conseguiu enraisar o seu dominio.

—Com effeito; potente é o nosso ministério, mas não tanto a ponto de confiarmos n'elle em demasia. E' necessario muito zelo e perseverancia... O nosso irmão Luiz Gonçalves...

—Hein? Que me quereis?...—Bradou-lhe uma voz aos ouvidos, á medida que uma vigorosa mão batia no hombro de Leão Henriques.

Este voltou-se admirado, e viu-se cara a cara com quem tão impacientemente esperava.

O padre Luiz Gonçalves da Camara, mestre, guia e confessor do joven D. Sebastião, foi por tanto quem o veio interromper.

—Tarde vindes para o nosso ajuste—lhe disse Henriques—coisa digna de se estranhar... porque...

—E' verdade, talvez tardasse alguma coisa, mas preciso é confessar-vol'o, assim foi mister. A's vezes a nossa profissão, traz consigo coincidencias bem tristes e penosas.

—Como assim? A apostar que D. Sebastião...

—Qual?! Cada vez o temos mais aferrado ás nossas crenças e doutrina; ainda hoje lhe aconselhei que dissesse á avó ser indispensavel dar as convenientes ordens para se combater pela santa fé, sem o que, jámais nos veriamos completamente expurgados dos erros do judaismo e da extirpação das heresias...

—E então?

—O principe manifestou o mais vivo interesse a este respeito, por que todos os seus desejos são pugnar pela manutenção da Santa Igreja Catholica Romana. Agora o que falta, é que o padre Miguel de Torres, cumpra com os deveres religiosos e use dos meios dispostos

ao seu alcance para dar maior impulso á companhia de Jesus, de quem nós devemos ser devotados filhos.

—Socegue o padre Luiz Gonçalves—disse Miguel de Torres—que a rainha minha senhora hade-me attender, confio no Eterno e no nosso santo patriarcha S. Ignacio.

—Deus o queira. Mas primeiro que tudo, é preciso lançar as bases ao nosso edificio permanente, e para isso as columnas reaes são as mais fortes e duradouras...

—Mas uma pergunta, padre confessor—disse Leão Henriques. V. reverendissima e eu, bem estamos, porque os nossos *penitentes* são faceis de persuadir... mas a rainha regente com aquellas maneiras?!...

—E' verdade, que ahí temos um embaraço, mas a companhia conta com o zêlo de seu irmão e padre Miguel... e sobre tudo, temos grandes protecções no paço...

—Uma idéa luminosa e magistral!—exclamou o confessor de D. Catharina—S. A. a rainha é muito catholica, posto que o não pareça. A casa d'Austria não tem nota de revel, e as muitas e excelsas virtudes que ornavam o seu marido de eterna e saudiosa memoria, e que uma morte prematura, como geralmente sentida, veio roubar á affeição de seus leães subditos...

—Mas então; a ideia?

—A idéa é simples e facil. Sua alteza hade concordar com as idéas da companhia, por que hoje mesmo é sexta-feira, e portanto, dia de confissão; logo nada ha, como disse, mais simples e facil.

E os tres jesuitas foram caminhando por a praia do Rastello, confirmando os seus tenebrosos projectos para fazer valer as suas ideias sinistras.

O joven D. Sebastião, que então contava

apenas 6 annos, era neto, como se sabe, de D. João III, e de sua esposa D. Catharina da Austria; filha de Phillippe I de Castella, e irmã do imperador Carlos V. Educado pelo fanatico jesuita o padre Luiz Gonçalves da Camara, por influencia de seu tio o cardeal D. Henrique, era dominado pela companhia de Jesus; julgou-se indigitado por Deus para derribar o imperio do mahometismo e nas suas ruinas arvorar o estandarte da cruz.

Vê-se d'aqui quaes haviam de ser as machinacões secretas dos jesuitas, para conseguirem o seu intento projectado.

A rainha fraca por natureza, era pouco competente para governar uma nação potente como Portugal era então; o cardeal, unico que n'aquellas circunstancias poderia intervir em favor do estado, em attenção á sua vasta erudição, e conhecimentos divinos e humanos, não o podia fazer por causa da grande confiança que depunha nos jesuitas; finalmente, D. Sebastião educado n'aquelle rigorismo e loucas maximas da hypocrisia, tornou-se um louco entusiasta e por conseguinte incapaz de levar a cabo os seus intentos.

Era n'estas circunstancias que Portugal se achava, quando então estavamos n'uma das épocas mais interessantes da historia patria.

—O dia está a findar—disse Miguel de Torres—é mister tractar dos nossos compromissos e obrigações! S. A. espera-me junto do seu genuflexorio, porque as horas aproximam-se. A chegada do padre Luiz Gonçalves, foi demasiadamente tarde...

—Sinto muito o ter de me affastar tão depressa—disse o confessor de D. Sebastião—porque realmente uma reunião d'amigos é sempre apreciavel, e demais quando essa reunião se promove em favor do rei, da religião e da patria, palavras dignas de grande respeito e

reverencia de todo o christão, que reverencia e acata quanto deve, a sublime religião do Crucificado.

Esta ultima palavra foi pronunciada com grande respeito pelo jesuita e acompanhada d'uma reverencia, cerimonia, que foi repetida pelos dois outros sacerdotes.

O confessor do cardeal acompanhou o de D. Sebastião, e Miguel de Torres seguiu para o paço real com a velocidade que as suas pernas já fracas e cansadas o permittiam.

Era já noite, á luz tibia do crepusculo, viam-se as arvores negrear ao longe quaes tristes, escuros tumulos; via-se lá muito além o horisonte esplendidamente colorido de vermelho o que dava a conhecer que o dia seguinte, não obstante pertencer ao mez de janeiro, havia de ser calmo e bonançoso, como o tinha sido aquelle que declinava.

Os campos estavam abandonados e silenciosos, as luzes começavam a fulgir pelas gelosias das janellas, os ferreiros apagaram o folle, os trabalhadores descansavam depois de doze horas successivas de trabalho, finalmente, os rebanhos procuravam o alegre e risonho curral que servia de choupana ao indigente lavrador.

O padre Miguel de Torres, pouco lhe importavam estas bellezas puras e jovias, com que a natureza nos mimoseia e caminhava apressado para o genuflexorio da rainha regente.

—Hoje já vou tarde—pensava elle—O genio da rainha é assaz colerico, e com bastante custo me hei-de vêr livre de *massadas*. E' mister inventar alguma cousa para me sahir bem d'este negocio...

E depois, encolhendo os hombros, continuou:

—E então!... Eu não estava agora a alardear sustos na mente... eu, que sou um dos mais poderosos do reino de Portugal!.. Não

temos obstaculos... se os temesse vagaria ainda errante e pobre, como ainda ha pouco vagava.. A companhia de Jesus não era nada e agora temem-n'a os poderosos, mas não poderão derribal-a. Quam poucos comprehendem este fogo da ambição que me devora! Governar Portugal! Ser eu, quem aconselho e por assim dizer, dou ordens á regente d'este reino! Oh! embrulho na humildade de jesuita a toga purpurada da realesa e a corôa de D. Catharina. Governo por ella, que obedece ás minhas ordens... por ella que de rainha só tem a corôa e o padre Miguel de Torres a dignidade real!...

Era assim que fallava um ministro do altar!... Eram estas as idéas d'um sacerdote catholico, que ia ouvir de confissão uma penitente!!

Ia elle com estas reflexões, quando chegou junto do paço. Era noite escura. Subiu as escadas espaçosas do palacio e entrando por uma grande galeria, tomou á direita e em breve batia, respeitosamente, á porta da camara, onde S. A. o costumava receber.

Depois d'alguns segundos d'espera, a porta abriu-se e o reverendo padre Miguel entrou no aposento de S. A. a rainha.

(Continúa.)

A. P. DO AMARAL.

### A C.

Sempre, sempre a tua imagem  
vem meus sonhos povoar.  
Sempre a tua fronte bella,  
nos meus sonhos de poeta,  
pareço vêr reclinar  
no meu inflammado seio.

Se escuto o doce gorgoejo,  
que desprende na balseira  
o cadente rouxinol;

da lympha pura o murmurio;  
da fresca brisa o cicio;  
e se de humilde tugurio,  
onde brilha uma fogueira,  
sae um canto d'alegria;  
vou postar-me junto ao rio,  
onde vai, com ufania,  
retratar-se o ardente sol;  
e, tomando a minha lyra,  
desprendo cantos d'amor.

Tua belleza, donzella,  
é quem os cantos inspira  
ao teu cego adorador.

AUGUSTO QUEIROZ.

## HORAS ALEGRES

Cartas a E...

### II

A que céos tu me subiste...

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

E sabes quaes são as minhas horas alegres, as minhas horas de felicidade? Sabes... Sabes, porque de certo ainda te lembrás d'aquellas tardes suaves e embalsamadas d'abril, em que nós brincavamos, na varsea florida, com um rancho de crianças risonhas e felizes como nós.

Sobreposto á varsea, para o sul, elevava-se um florido jardim, e no jardim uma pequena capella; ao poente havia uma porta de ferro, que fechava a verde explanada, e a junto da porta um chorão frondoso, que nos dava sombra, quando affastando-nos dos companheiros, nos iamós sentar allí. Tua mãe — e porque lhe não heide chamar tambem minha?... — vigiava-nos de longe, assentada na relva; se algum de nós chorava, eu por ciúmes, tu por capricho,

ella acolhia-nos no seio e sempre havia na sua bocca palavras de consolação e conforto!

Hoje, quando vejo aquelle campo risonho por onde brincamos as tardes da infancia, sinto accender-se-me a alma em saudades do passado e esperanças do futuro.

Se eu te perdesse agora, ó anjo, aquelles sitios que nos fallam ainda dos dias que já foram na onda do tempo, seriam d'um bello horrivel para mim.

Seriam... Mas eu sei que te não perco, que te não apartas de mim, porque te hasde lembrar tambem d'aquellas tardes saudosas em que brincavamos juntos, d'aquelle verde chorão que parecia dizer-nos: eu tenho sombra para vos dar, — e d'aquellas aladas avesinhas que murmuravam brandamente: os nossos cantos são vossos!...

Eras então n'esse tempo chrysalida d'um anjo e sentias por mim; hoje, que abriste de todo a alma á luz do amor, não hasde abafar no coração os sentimentos d'esse tempo, nem perder da memoria as recordações do passado...

E as minhas *horas alegres*, desde então, desde a nossa infancia, succedem-se umas ás outras, porque o meu amor recresceu, cada vez mais vestido de recordações e engrinaldado d'esperanças...

Porto 2 de janeiro de 1866.

(Continua.)

A.

## CHRISTO

A PEDRO DE LIMA

### I

Como a senda era escura!.. E o homem caminhava Inclinando a frente á voz do despotismo!.. Nem um astro no ceu! Nem uma luz brilhava Para mostrar, sequer, a bocca do abysmo!..

A treva recrescia! E o homem caminhava  
Como folha amarella involta n'um tufão!...  
No sangue de seu pae o filho se manchava,  
E o irmão succumbia ao ferro do irmão!...

O mundo era então como um lago de sangue  
Aonde se nutria o feroz despotismo...  
O homem caminhava até cair exangue.  
Sem que viesse ungil-o a agua do baptismo!..

## II

A arvore do *mal* na terra inda não tomba!  
Ainda a noite cobre a humanidade inteira!  
Oh! quando surgirá no bico d'uma pomba  
Um ramo d'oliveira?!..

A noite já vai longa... a aurora ha-de vir perto  
Com aromas e sons e toda a luz que tem...  
Ha-de nascer a flôr n'este immenso deserto,  
Symbolizando o *bem*...

O homem será livre á luz d'um novo dia!...  
O ferro do algoz não mais hade ser visto!...  
E já, ao longe, o sol esplendido irradia  
Sobre a face de Christo!...

## III

E Christo vem então!..—Não tarda o dia novo..—  
E pára, scisma, pensa ao vêr assim o povo,  
Sem norte, sem razão, tresmalhado, sem lei...  
—O povo que só vê no despotismo um rei!..—  
«Meu Deus, como salvá-o?! E como dar-lhe regras,  
«Se não o cobre a luz e as trevas são tão negras!..  
«Se não tem no seu peito o germen do amor!..  
«Meu Pae, Meu Pae, valei-me...»

Então frio suor

Cobriu a sua face... E Christo meditava  
N'aquella multidão, que, cega, caminhava...

.....  
.....  
Seu rosto, um dia, teve uma alegria estranha!  
Firme subiu Jesus do Golgotha á montanha

E lá, já sobre a cruz, alguém lhe ouviu dizer :  
—Para salvar o povo é preciso morrer...—

Setembro de 1865.

ALBERTO PIMENTEL.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

(De pag. 375, do 1.º vol.)

—Se v. exc.<sup>a</sup> me dá licença eu lerei em  
seu nome o seu destino.

—Já que lhe é concedido o dom de lêr no  
futuro, não só lhe dou licença de interrogar a  
minha estrella, mas até lhe peço que o faça.  
Tenha com tudo cautella, não seja ella mentiro-  
sa nas suas respostas.

Os passeiantes chegaram em frente da rua  
dos loureiros. Josephina voltou-se e perguntou  
aos dois moços:

—Não vos recordaes de quantas vezes cor-  
remos por esta rua, para vêr qual chegava pri-  
meiro ao fim?

—Fazes de nós bem esquecidos, respon-  
deu Paulino, suspirando.

A filha do marquez continuou a conversar  
com o primo, e seu irmão disse a Clotilde:

—Eu respondi por ambos nós, minha se-  
nhora, e v. exc.<sup>a</sup> já talvez se não lembre dos  
bellos dias que passamos todos.

—Essa supposição é injusta, snr. Paulino,  
é impossivel esquecerem-se essas impressões  
da infancia; ellas gravam-se em nossos corações  
em caracteres que o tempo não tem poder de  
riscar.

Neste momento chegavam ao pé d'elles o  
marquez e a baronesa.

—Meu filho, a maior parte dos convidados  
já subiram para os salões, dizia o marquez, será  
bem recolhermos.

Clotilde pareceu acordar d'um sonho! A

claridade da lua, a conversação animada de Paulino, suas expressões sinceras e meigas, haviam-n'a elevado acima d'este mundo: n'esses momentos viveu n'esse paraíso que ella tantas vezes havia sonhado, mas as palavras do Marquez desfizeram essa illusão.

Chegaram aos salões. Junto da filha mais nova do barão estava uma cadeira vazia, Clotilde foi-a occupar.

D. Francisquinha teria 15 annos quando muito, era elegante, e mais formosa que suas irmãs; tambem não tinha um ar tão malicioso como ellas, e poucas vezes as acompanhava nas suas criticas conversações.

—Quem é a sua modista, minha senhora, perguntou D. Francisca á outra menina apenas esta se assentou.

—Sou eu mesma, respondeu Clotilde.

—Pois que!—tornou a outra menina com admiração,—não manda fazer os seus vestidos no Porto, ou Lisboa?

—Não minha senhora, porque depois não teria eu em que entreter o tempo.

—E entertem-a o trabalho?

—Quem não hade n'elle achar distracção, respondeu Clotilde, se não fosse o trabalho os dias me pareceriam annos.

—Pois a mim não me acontece o mesmo; eu não gosto do trabalho, e de mais não tenho tempo para trabalhar. De manhã, levanto-me muito tarde, e tanto eu como as manas, almoçamos nos nesses quartos. Até ás 11 horas estamos ao tocador, depois vamos estudar as nossas lições de musica, aonde nos entertemos até ao jantar, que é quasi á noite; no fim do jantar vamos dar um passeio ao jardim; á noite temos sempre *partida* em nossa casa, e jogam até á meia noite. Já vê que não nos resta tempo para trabalhar.

—Ó Antoninha, olha como tua irmã conversa com a senhora *pensadora*, dizia Margarida.

—Não que tu não podes fazer ideia da parvulez da Francisquinha, parece mesmo uma *Maria d'aldeia*. Estamos sempre a reprehendel-a, mas não toma emenda, conversa com todas as pessoas, sem se importar com a sua

posição; e a gente deve distinguir-se, e não se rebaixar fallando com pessoas que não são da nossa gerarchia.

—Tens razão, e não debes consentir que ella tenha intimidade com aquella laponia. A tal D. Clotilde é a pessoa mais tola que tenho encontrado desde que vim do Porto.

—Eu que tenho vivido sempre na provincia admiro-me de ver uma pessoa tão *pé de boi*, que farás tu acostumada á fina educação da cidade? dizia D. Antonia.

Em quanto as duas meninas sustentavam esta conversação um pouco mordaz, entabola-se um dialogo semelhante entre D. Eugenia e o filho do barão.

—Está esta noite com muito mau gosto, snr. Eduardo! Dizer que a acha encantadora! essa não lh'a perdôo.

—Pois ainda estou pelo que disse, repetiu o mancebo, e havia de brilhar muito mais se a rara belleza de v. exc.<sup>a</sup> a não offuscasse bastante.

—Bonito; dê mais a mais lisongeiro.

—Isto não é lisonja, minha senhora, é a pura verdade; e pode-me acreditar por que tenho voto na materia.

—Avaliando tudo pelo gosto que ha um instante manifestou, eu não lhe dava o meu voto se se quizesse arvorar em apreciador de formosuras.

—V. exc.<sup>a</sup>, não gosta da sobrinha do snr. Cunha?

—Quasi tanto como do tio.

A musica tocava uma polka.

—V exc.<sup>a</sup> faz-me o favor de dançar comigo esta polka?

— Já tenho pár, snr. Eduardo, respondeu Eugenia.

—Quem é o feliz mortal?

—É o seu amigo Paulino.

—Como é uma infelicidade que agora não posso remediar, resigno-me, mas não dançarei.

—Oh! senhor eu agradeço muito essa fineza, mas peço-lhe que vá dançar.

—V. exc.<sup>a</sup> não pede, manda, e visto que manda obedecerei.

Paulino veio dar o braço ao seu par, e conduziu-o para o meio do salão. Eduardo foi convidar Clotilde.

A menina acceitou, mas dançou pouco tempo; o filho do barão assentou-se ao pé d'ella.

Eugenia continuava a dançar; sua figura esbelta sobresahia garbozamente nos elegantes passos da polka.

Clotilde olhava, não com inveja, por que um sentimento muito baixo para o seu elevado espirito, mas sim com admiração para a filha do visconde: e sentia no coração um aperto que já mais havia experimentado.

Pobre menina! era o relador ciume que acabava de entrar no seu coração!! Sim, era o ciume, esse martyrio que forma sempre a vanguarda do amor.

Subio de ponto o seu supplicio quando Eduardo lhe disse:

—Eu tenho admirado o tempo que Paulino tem dançado!

Quem o vio á tres mezes luctando com a morte se se lembraria que lhe havia de escapar de suas sanguinoletas garras!

—Elle esteve muito em perigo de perder a vida, disse a menina.

—O seu padecer era mais moral do que phyico, acrescentou o mancebo, foram desgostos por cauza da infidelidade d'uma *nimfa* quem elle adorava...Todas as senhoras dos nossos sitios o deviam desprezar, para o castigarem por aquelle acto de loucura imperdoavel! Esquecer-se das divindades suas vizinhas para se ir apaixonar tão longe de quem logo lhe foi infiel. Mas é tão feliz que o castigo que lhe applicam é darem-lhe a preferencia sobre todos; e parece-me que D. Eugenia o fará esquecer de todo da sua bella infiel.

Todas as palavras do mancebo eram punhaladas que varavam o coração de Clotilde! os beijos descórados tremiam n'uma convulsão nervoza, o peito anciado arfava-lhe que fazia estalar as roupas! um deslumbramento repentino segou-lhe a vista; quiz dizer alguma coiza, mas as palavras soffocadas não se articulavam. Fez um esforço para se levantar, e os joelhos descaíram!!

Tudo isto passou com a rapidez do relampago; uma centelha de indignação brilhou no palido rosto de Clotilde. Envergonhou-se de si propria, de amar um homem que lhe não correspondia. Lembrou-se então que Eduardo podia reparar no seu desasocego, e ajuizar mal d'elle. Com voz, que ella fez por tornar socegada perguntou-lhe:

(Continua).

## LAGRIMAS D'AMOR

(AO MEU AMIGO ELIAS FERNANDES PEREIRA.)

Que tens tu, pobre Maria?  
Que rosto tão descorado!  
De certo foi mau olhado  
D'alguem que mal te queria!..

A' melhor das raparigas  
Entristecel-a quem soube?!  
Já nas ceifas ninguem ouve  
As tuas doces cantigas!

Mais e mais teu rosto perde  
Sua côr, de dia a dia!  
Porque não danças, Maria,  
Ao domingo, a cana-verde?!

Que é da saia côr de rosa,  
E do teu lenço de cassa?  
Anjo, que grande desgraça  
D'alegre te fez chorosa?..

Nem te vestes como d'antes!  
Succumbes assim á magua!  
E sempre, sempre um veu d'agua  
Te encobre os olhos brilhantes!..

Tua mãe quasi endoidece,  
Desgostosa de tal vida,  
Ao vêr na fronte pendida  
Signal de que a dor recresce!

Já não têm quem de si trate  
Os cravos e os lilases,  
Que trazias aos rapazes  
No teu pequeno açafate!..

.....  
Por fim o anjo adoecê,  
Suffocado de desgosto!  
E mais lhe descora o rosto!  
E mais o olhar languêce!..

Ella que sempre foi boa,  
Hade-o ser tambem agora.  
Na sua ultima hora  
Diz assim: Ó mãe, perdôa...

«Perdôa a quem não sabia,  
«Que o homem recebe flores  
«E as paga a nós com dores!...  
«Perdôa á pobre Maria...

«Eu perdoei ao ingrato  
«O mal que me havia feito...  
«Entre a mortalha, no peito,  
«Esconde-me este retrato...

«Esconde, ó mãe, eu t'o peço.  
«Quero leval-c comigo...  
«Que ao pé d'elle no jazigo  
«O somno da morte esqueço...»

E o sino da freguezia,  
Pouco depois, soou triste,  
A dizer: Já não existe  
A innocente Maria.

Janeiro — 1866.

ALBERTO PIMENTEL.

### AO ACASO

(N'um album)

Para que serve uma lyra,  
se o vento da mocidade,  
nas suas cordas suspira  
só o gemer da saudade?

Para que se abriga um minho  
nas franças do salgueiral,  
se o rouxinol é sósinho  
na viuvez do cazal?

P'ra que diz alguém—espera!—  
ao já roto peregrino,

se inda é longe a Primavera  
do nosso fallaz destino?

Para que me serve o pranto,  
grata musica da dôr,  
se nunca se quebra o encanto  
d'este meu sonhado amôr?

P'ra que na espessa balseira  
sempre a flôr desabotoa,  
se a esperança derradeira  
com seus perfumes me vôa?

Para que serve uma lampa,  
cheia d'oleo e mais de luz,  
se alumia só a campa,  
e dá reflexos á cruz?

Para que existe uma lympha  
de suave correntesa,  
se nunca a habita uma nympha,  
se não a assombra a deveza?

.....  
Talvez ninguem isto leia,  
cheio de doce emoção,  
e se lêr, talvez não creia  
nos sonhos do coração!

E se crêr, não diz aonde  
existe o anhelado fogo,  
porisso o acazo interrogo,  
mas o acazo não responde!

28 de Dezembro de 1866.

SOUSA VITERBO.

PORTO: 1866—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Thereza, n.º 63.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTÓRICO)

(De pag. 11)

## II

## A camara da rainha

Apenas a porta se tornou a fechar, a rainha levantou-se d'um sophá onde estava sentada e dando a mão a beijar, disse-lhe:

—Vamos que já não é cedo... Estava ansiosa por saber o que vos tinha acontecido. O confessor e capellão da minha real camara merece-me algum interesse e attenção...

—Vossa alteza — respondeu o jesuita com ar reverente—jámais me deixa de honrar com sua protecção soberana. No ceu receberá o premio de tanta bondade e respeito que tem pela igreja.

—Meu neto já me participou do interesse que os padres da companhia manifestavam em que se dessem ordens para serem abandonados os nossos presidios d'Africa.

—Real senhora, a companhia a que tenho a honra de pertencer, firma-se nas mais solidas virtudes, e portanto só pugna pelo bem geral da humanidade e principalmente da religião christã, d'este conjuncto sublime de idéas grandiosas. Todos os seus intentos, todos os meios de que póde usar são em favor do real throno portuguez, e accredite vossa alteza que serão leaes os subditos que houve por bem escolher para junto de vossa augusta pessoa.

—Acredito, quaes são as idéas que a companhia de Jesus professa; meu cunhado assim o tem affirmado e os progressos que tem feito o meu muito amado e presado neto, o principe D. Sebastião, bem mostram quaes as capacidades, e virtudes que em seu seio possui...

Vossa alteza faz a devida justiça ao cara-

cter dos padres da companhia, e a determinação que tomou é em tudo digna do seu nobre character. Os vossos cuidados consistem em mandar missões para a India. Aquella grande extensão de territorio, pertencente ao dominio portuguez, deve usar da mesma religião que nós.

— O principe anda empenhado deversas na revindicação da santa fé — disse do lado o conde da Castanheira—e á devoção que lhe achamos, é de crer que desempenhe essa inspirada missão a comprasimento dos verdadeiros christãos.

—Agradeço-lhe conde a sua opinião a este respeito, e accredite na minha amisade. Não obstante estar conhecido que o zelo catholico é essencial para o zelo da vida eterna, mesmo assim ainda ha quem lhe seja revél.

—A minha familia, senhora, é de christãos velhos, affeiçãoados ao real emblema do poder, valentes no campo da batalha, e nobres no exercicio de suas obrigações.

—Vossa alteza conhece ha muito a nobreza que abrilhanta os brazões de D. Antonio d'Athayde, conde da Castanheira—disse Miguel de Torres—A sua familia é muito antiga e nobre...

—É verdade, os fidalgos da Castanheira são antigos, mas o que diremos ao duque d'Aveiro que nós aqui temos presentes? A sua linhagem é antiga e nobre em extremo. Foi no reinado de D. João II, que D. Jorge, duque de Coimbra, desposou D. Brites de Vilhena, e foi o progenitor de quem descende a casa dos Aveiros.

O duque d'Aveiro fez uma reverencia á rainha, e esta dando-lhe a beijar a mão, continuou:

—Muito estimava poder-vos dar uma prova da minha amisade, e só uma nomeação de ministro...

— Ministro o duque d'Aveiro!—pensou o jesuita— Elle que pertence em corpo e alma á companhia de Jesus! É mister que vença essa idéa.

E levantando a voz, disse:

—Real senhora, se vossa alteza me permite levantar a voz perante esta illustrada assembléa e emittir a minha opinião, direi que o duque seria uma bella aquisição para primeiro ministro. A nobreza que como vossa alteza diz, herdou de sua familia, junctamente com seu character pessoal e indole religiosa, tornam-o um perfeito cavalheiro e um intelligente estadista.

—São essas as idéas da companhia, de quem é interprete, ou não passam d'um mero conselho diplomatico?...

—Já por varias vezes tenho tido a honra de dizer a vossa alteza, que toda a companhia só deseja o bem do estado e do throno e a publica manutenção da santa fé em Portugal.

—Comprehendo o que o confessor de vossa alteza diz—retorquiu o conde de Castanheira— o duque era talvez o unico que n'estas circumstancias poderia fazer grandes serviços ao paiz inteiro, a sua affeição á companhia, prova em demasia quanto acabo de dizer...

O conde foi interrompido pelo principe D. Sebastião, que entrou na sala acompanhado de seu aio D. Aleixo de Menezes.

—Senhora—disse este ultimo dirigindo-se á rainha— Vossa alteza ha-de-me desculpar, mas el-rei desejava immenso fallar com vossa real pessoa...

—Meu neto, — disse a rainha assumindo a sua costumada vivacidade e genio colerico, não é proprio da sua indole e moral vir a esta hora importunar-me. Bem sabeis quaes os rigores da etiqueta da corte; por tanto, dizei o que querieis; fallai.

—Não sei se vossa alteza levará a bem esta ousadia — disse elle com voz alta e firme — mas as praticas religiosas que me teem ensinado, obrigam-me a dar este passo, embora infrinja como dizeis a etiqueta da cõrte. Os deveres para com o Altissimo estão muito acima d'aquelle que se devem aos homens.

—Muito bem; pensou o confessor da rainha, não anda mal, o padre Gonçalves amestrou-o bem nas veredas por onde o queremos conduzir.

—Ainda ignoro, qual o motivo que aqui vos traz; e se, não vos explicaes, é difficil comprehender-vos.

—Em primeiro lugar, venho beijar a mão ao vosso confessor, cousa que eu não posso prescindir...

—Mas isso não é costume; nunca vol'o vi fazer.

—Mau; ahi vae a avó, dizer uma coisa que não sabe, o padre Miguel de Torres veio hoje mais tarde, e por isso não tive tempo de o fazer ha mais tempo..

—Minha senhora—disse então o confessor, apesar da idade de vosso augusto neto, duvidar da religião d'elle e dos seus instinctos de moral, é o mesmo que vêr uma mentira nos labios de Deus.

—E em segundo lugar!

—Em segundo lugar, vim ouvir por algum tempo a vossa amavel conversação porque não ha coisa mais instructiva, a meu vêr, que a conversação d'uma rainha catholica e conhecida na Europa por um modelo de virtudes, para um principe novo e herdeiro á corôa d'estes reinos. Meus avós os excelsos reis D. Manoel, e D. João III, mereceram a geral estima de seus subditos, e eu não quero deslisar um unico passo dos meus gloriosos antepassados, e mórmente, quando se tracta da felicidade do povo portuguez.

—Visto serem essas as vossas ideias, condescendo, e por essa causa demoro por mais algum tempo a conversação; podeis-vos assentar.

D. Sebastião apontou para uma cadeira, e disse:

—Vossa alteza dá licença que o aio e guarda da minha mocidade, tome um lugar na vossa real camara.

—Está bom, esta bom; hoje não vos nego nada;—assentae-vos Aleixo de Menezes.

—Agradeço cardealmente o especial obsequio que vossa alteza me acaba de dispensar, e declaro que depois da nomeação que ha trez annos recebi de el-rei D. João, meu senhor e vosso esposo que Deus tem em gloria, para tomar sob o meu cuidado a guarda do vosso augusto neto D. Sebastião, ainda não recebi distincção mais honrosa...

—Ha quanto tempo que V. Alteza não vae caçar? perguntou o conde da Castanheira.

—E' verdade, respondeu o principe —é mister irmos amanhã, até ás coutadas d'Almeirim; isto é, caso que a rainha minha avó, consinta.

—Eu não me metto em questões d'essa natureza, quando ellas são concernentes a meu neto, o rei d'estes reinos.

—Então, conde está convidado para a grande caçada d'amanhã; acceita?

—Pois não, real senhor; uma graça de V. alteza não se deve desprezar.

—Nomeio o meu logar-tenente, n'esta empresa; quem mais escolhe?

—Vossa alteza, melhor que ninguem, o pode fazer.

—Pois está bom; escolha quem entender, amanhã pela manhã daremos começo á grande caçada regia...

D'ahi a momentos tudo se separou da ca-

mara da rainha, e esta acompanhou o confessor ao seu genuflexorio.

(Continúa.)

A. P. DO AMARAL.

## A FREIRA

(De pag. 5.)

—Nascida no Porto em quinze d'agosto de 18... não cheguei a conhecer minha mãe, porque ella falleceu oito dias depois de me haver dado á luz.

Na falta, porém, dos seus carinhos, tive os de minha madrinha e tia, senhora de muitas virtudes, a qual me tomou debaixo da sua protecção; e seria ainda hoje bem feliz se ella não tivesse morrido...

Aqui Adelaide callou-se um momento para limpar — duas grossas lagrimas—que lhe corriam pelas faces.

—Vamos, minha filha; não esteja a chorar. —Disse a superiora enternecida—Se eu soubesse que isto a entristecia, não lhe tinha pedido semelhante cousa.

—Não diga isso, minha senhora. As lagrimas são o balsamo, que vai cicatrizando, pouco a pouco, as chagas da alma; e é por isso que nós sentimos um secreto allivio quando encontramos um coração amigo, onde possamos depositar, como em seguro cofre, a narração de todos os nossos soffrimentos.

—Pois bem; queira então continuar.

—Meu pai era empregado publico; e tinha eu completado cinco annos, quando elle recebeu a noticia da sua transferencia para outro districto.

Foi dar parte d'isto a seu irmão, o barão de..., que era meu padrinho, e ao mesmo tempo ia buscar-me para me levar comsigo; porém nem meu padrinho, nem minha madrinha consentiram que eu sabbisse da sua companhia.

Passado algum tempo entrei n'um collegio, aonde me foram ensinadas todas as prendas—que costumam saber as meninas de nobre linhagem.

Apesar de ser alumna interna vinha, com-

tudo, passar os domingos a casa, aonde, n'estes dias, costumavam reunir-se algumas familias mais gradas da vizinhança; porém de todas as visitas a que eu mais estimava era a da familia d'aquellas meninas que me acompanharam quando vim para aqui.

Affeita desde que entrei para caza de meus padrinhos a tel'as sempre por companheiras nos meus brinquedos, consagrei-lhes a mais sincera amizade, affeição esta que com o tempo mais uniu nossas almas.

Não havia segredo algum que lhe não revelasse; e ellas, da sua parte, tinham a mesma franqueza para commigo.

Ao mesmo tempo existia entre minha madrinha e a mãe das minhas amigas tanta intimidade que facilmente as tomaria por irmãs que as visse, quer em caza, quer na rua, juntas e conversando com a maior familiaridade.

A minha felicidade, porém, não podia ser eterna....

Pouco depois de eu ter sahido do collegio (tinha então dezeseite annos) minha madrinha adoeceu gravemente, sendo infructiferos, para a livrarem das garras da morte, todos os soccorros da medicina e os cuidados que lhe prodigalizaram as suas mais intimas amigas durante a sua enfermidade...

Adelaide, soffocada pelos soluços, interrompeu n'este ponto a sua narração; e ajoelhando diante de uma imagem do Redemptor, que se achava collocada em cima de uma meza na cella da superiora, orou pelo descanso eterno da sua finada madrinha e protectora.

Levantou-se passados momentos e fixando a vista no crucifixo, exclamou com voz entrecortada:

—Era... uma santa!

E deixando pender a fronte sobre o peito, ficou por um grande espaço de tempo entregue a um estado de torpôr, de que a superiora não se atreveu a fazel-a sahir.

(Continua.)

AUGUSTO QUEIROZ.

## O DEMONIO DO AMOR

(AO SNR. JOSÉ GERMANO BRANDÃO)

*Di meliora piis...*

### I

O Julio tinha dezeseis annos...

Nunca vi coração tão propenso ao incendio das paixões, nem cabeça tão abrasada na lava da poesia!...

As idealidades do poeta requeimaram temporaneamente aquelle craneo, e a labareda do amor accendeu-se precoce no coração da criança!...

Havia n'aquelle seu olhar, langorosamente inflammado, um reflexo de chamma infernal, com que lhe illuminava a pupilla o demonio da perdição!...

O Julio arrastado por uma tentação satanica, uma attracção do inferno, deixou-se ir descuidoso até á bocca do precipicio. E então, vendo aos pés o abysmo, erguia-se embriagado nas azas da phantasia, quem sabe se para esquecer a morte ou para cahir de mais alto?!.. E cahiu!... Cahiu de bem alto aquella alma que borboleteava alada na esphera da poesia, como que a buscar a morte na chamma que a fascinava, como que a procurar o aspide venenoso escondido nos calices das flores d'esses rozaes, que a sua imaginação creava povoados d'aves a descantar amores e de sylphos aereos a entóar canticos suavissimos gorgeados em garganta de se-reia!...

A vida do Julio resume-se n'isto: enlevos de poeta e tribulações de martyr. Uma pagina que falle dos arroubos amorosos de Anachreon-te e outra das torturas infernaes dos poemas do Dante e do livro de Milton!...

Ai! Magdalena, Magdalena! Foste tu o demonio bom que levaste aquella alma ao paraizo e o anjo mau que a expulsaste de lá!...

Ó demonio do amor, porque ao dar-nos a primeira esperanza, nos dás tambem na fronte o beijo venenoso da desgraça?!..

Como tu cabiste, Julio!...

## II

Magdalena...

Eu não sei como se possa descrever umas mulheres, que mais parecem visões phantasticas d'alma febril e que nada teem com estas mulheres-mulheres que tomam indigestões de sandwiches e apanham calarrhos á saída dos bailes! Nem a analyse psychologica da guerreetypa certas almas que teem um que demais phantastico e sublime do que a *substancia espiritual* dos phylosophos e são uns como vasos de poesia; nem ha sciencia de estatuario, que possa descrever-nos a belleza escultural do corpo d'uma mulher, tal como a Magdalena! É aqui que o poeta vale mais e bem mais que o homem que aprendeu com o trabalho do estudo... Quereis uma mulher assim?... Lembrai-vos da Graziella de Lamartine, da Virginia de Saint-Pierre, da Juha de Rousseau, da Esmeralda de Victor Hugo e achal-a-heis então!...

Nós outros — os atomos que andamos tateando na escuridão — chegaremos a conceber uma mulher assim, mas o que nós não podemos fazer é encarnal-a, aos olhos dos outros, n'um typo cuja alma é um sacrario de poesia e cuja forma é mais esplendida e correcta do que a imagem da estatuaría grega!

Como te heide eu descrever, Magdalena, se não sei dar aos teus olhos o mixto de esplendor e languidez que elles tinham?! Se não posso descrever os teus cabellos negros a emmolurarem-te o rosto mais branco do que a pedra de Paros?!

Como te heide eu descrever!

## III

As aves dos sineirões, as margaritas do monte e a cruz melancolica do adro hão-de-nos recordar agora os juramentos e segredos de duas crianças, que passavam as tardes do estio e as manhãs da primavera emboscados nas moitas floridas ou sentados nos degraus do cruzeiro, que defrontava com a humilde igreja do lugar.

Mas se as aves e as flores não responderem passadas de saudade, lêde o livro de Ber-

nardin de Saint-Pierre e achareis lá o idyllio d'estes amores.

E os dias succederam-se. A onda do tempo mergulhou no abysmo do nada a sazão florida da infancia. Magdalena tem dezoito annos; Julio não conta mais de dezeseis... Magdalena atravessa as salas do baile e leva após de si a cohorte dos mil galanteadores. Julio sente no coração o demonio do ciume e duvida então que seja amado por aquella mulher, a quem os ricos abrem os thesouros para lhe mercadejarem a mão.

Falla-lhe da infancia e conhece que na alma de Magdalena se conservam em flôr as lembranças do passado. Mas... receia que os Cresos endinheirados do salão façam esquecer os juramentos que elle lhe ouvira em outro tempo, quando iam brincar á aldêa. Julio lembra-se de que tem apenas dezeseis annos e inclina a fronte a pensar.

Consulta os amigos confidentes e elles dizem-lhe: «Estuda, para subires em breve a uma posição..» Julio estremece, receiando a fraqueza da mulher, e diz á sua alma: «Em quanto eu trabalhar para te ganhar hão-de-te seduzir as promessas dos homens d'ouro... E eu heide-te perder! O' sociedade! O' materialismo!..»

## IV

Como tu foste infeliz, Julio!

E' que tu não sabias que a mulher que nos dá as alegrias mais santas da nossa vida, nos arrasta ao abysmo que se esconde entre flores de infernal seducção.

Se tu não morreras tão moço, se chegares ao dia de hoje, lerias o *Amor de perdição*, *A sereia*, *O esqueleto*, *O homem de brios*, *A queda d'um anjo*, *a Agulha em palheiro*, *O romance d'um homem rico* e os outros romances de Camillo e os mil romances de muitos outros e verias então que os labios de mulher que estillaram o maná da embriaguez estillam pouco depois o veneno da perdição...

O mundo é assim, Julio!

## V

N'uma noite de abril, á roda d'uma jardineira, costumavam Magdalena, as irmãs e a mãe de Julio, em quanto elle recitava ou cantava ao violão.

Notaram as senhoras que a fronte da pobre criança se annuviára instantaneamente d'uma nuvem de melancolia. Interrogou-o Magdalena com um ar de galanteria indivizivel:

—Tristezas na mocidade, snr. Julio?!

—Chuveiros d'abril, minha senhora—respondeu elle inclinando, com ingenuidade, a cabeça.

E desapareceu da sala.

Pouco depois ouviram no quarto proximo a voz sonora de Julio; cantava a ballada de Victor Hugo, intitulada—*L'aveu du chatelain*, que diz assim:

Ecoute-moi, Madeleine!

L'hiver a quitté la plaine

Qu'hier il glaçait encor!

Viens dans ces bois d'ou ma suite

Se retire, au loin conduite

Par les sons errans du cor!

Viens! on dirait, Madeleins,

Que le printemps, dont l'haleine

Donne aux roses leurs couleurs,

A, cette nuit, pour te plaire,

Secoue sur la bruyère

Sa robe pleine de fleurs!

Calara-se n'este ponto.. As senhoras esperavam a continuação da ballada, quando, momentos depois, retumbou na saia a detonação d'um tiro de pistola. Correram ao quarto assustadas e ao entrarem a porta recuaram espavoridas. Julio estava morto.

—Meu filho, meu filho, perdeu-te o demónio do amor—bradou com desespero a desgraçada mãe.

Julio, Julio, matou-te o demonio da loucura, porque eu amava-te muito e confiava no futuro.—Exclamou Magdalena cabindo desmaiada junto ao cadaver d'elle.

ALBERTO PIMENTEL.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

(De pag. 13.)

—Então parece-lhe que elle ama D. Eugenia?

—Não vamos tão depressa, minha senhora, eu só digo que elle sympathisa com a filha do visconde, e que ella não é indifferente ás homenagens, que Paulino lhe rende.

—Acha que a filha do visconde é tão bella como se diz?—perguntou a menina.

—Tenho a vista deslumbrada com os raios brilhantes de formosura de vossa excellencia e não posso avaliar o debil clarão que o d'ella espalha. A lua só brilha quando o sol lhe permite. O brilho d'aquella depende da desaparição d'este.

—Eu não gosto de adulações, snr. Eduardo, respondeu Clotilde com dignidade.

—Acredito que o são, minha senhora—redarguiu o moço, porque ainda esta metaphora é sem força para provar a differença que eu encontro entre vossa excellencia e a filha do visconde. Se vossa excellencia se dignasse lançar os olhos sobre o meu coração, havia de vêr n'elle a força d'um sentimento que eu não ousou exprimir...

Clotilde nada respondeu, levantou-se e dirigiu-se para fóra do salão. A desesperação, que um pouco amor proprio tinha comprimido, rasgava agora os diques, e nas suas tumultuosas vagas arrastava Clotilde, que, sem saber como, se encontrou no quarto de Josefina.

Amargozas lagrimas, gottas que transbordavam do fel que lhe enchia o coração, corriam de seus olhos.

—Tudo acabou, disse ella, todas as minhas esperanças feneceram. E eu não o posso accusar nem de ingrato, nem de inconstante; nunca lhe dei a entender o amor que lhe consagro. Eu é que me enganava a seu respeito; soppuz

que tambem havia amor, a onde só morava amizade!

A menina demorou-se muito tempo sem regressar ao salão; quando voltou a elle dançava-se uma valsa. A musica era melancolica, e cheia de doces harmonias. Paulino não dançava, e apenas a menina se assentou dirigiu-se a ella pedindo-lhe que fosse seu par.

Clotilde ia a recuzar; mas olhando para o mancebo viu em seus labios um sorriso tão seductor! seus olhos exprimiam tanta ternura, que a moça esqueceu as palavras do filho do barão, e não pode pronunciar nem uma recusa.

Diremos agora alguma coisa a respeito de Eduardo.

N'esse anno tinha elle acompanhado Paulino para Coimbra, e passaram ambos na Salgueirosa. Eduardo ficou captivo, não diremos da formosura de Clotilde, por que ella não era formosa, mas das suas graças, e delicadas maneiras. Em diferentes conversações havia elle sondado o filho do marquez para ver se em seu coração tinha a menina inspirado amor, ou só amizade. Mas ou porque Paulino percebesse o intento do seu discipulo ou por que fosse muito discreto, e não quizesse ser franco com Eduardo, este só pode deduzir das respostas do mancebo que uma amizade respeitosa era o unico sentimento que tributava á sobrinha do snr. Cunha.

Seguro do que não tinha a receiar um rival em Paulino, quiz experimentar se a menina estimava o mancebo como um irmão, por que elle sabia que tinham ambos passado a infancia com a intimidade de irmãos.

Para este fim inventou a supposta causa, que já vimos, a enfermidade do moço estudante. Examinou a impressão que aquella fabula fazia no animo da donzella, mas a commoção que esta sentiu foi tão rapidamente domada que elle não a pode perceber, e viu ficar a menina n'um estado de indifferentismo que ella soube perfeitamente fingir.

Eduardo ficou ainda mais satisfeito quando viu Clotilde a valsar com o filho do marquez.

Alli não ha amor, pensava o mancebo, se

não ella havia de estar ressentida para elle depois do que eu lhe disse.

Era manhã: todos os convidados desceram para o jardim aonde estava servido um magnifico almoço. Foi alli que o filho do marquez reparou com admiração na pallidez que cobria o rosto de Clotilde! É que do incendio que devorava o coração da donzella não se viam as chammas, mas appareciam as cinzas, e os estragos!...

Nessa mesma tarde ella e seu tio deixaram a casa do Marquez, e este accedendo aos rogos de Clotilde, prometteu que no mez seguinte seus filhos iriam passar dois dias á Salgueirosa.

## VII

### PROJECTOS DE CASAMENTO

Eram passados quinze dias depois do baile dado em casa do marquez de Santa Eulalia. Estavamos no dia 3 de agosto: o sol no fim da sua carreira dardejava seus ultimos raios no topo das montanhas. Os rebanhos sahindo de seus curraes balavam alegria, e sorviam com soffreguidão o ar, que a aproximação da noite tornava mais fresco. As fontes gemiam, e todos os habitantes se occupavam em regar os terrenos requecidos pelo ardente sol de agosto.

O snr. Cunha passeiava na quinta pegada ás casas e sua sobrinha estava assentada em frente d'uma das sacadas que deitavam sobre o largo das acacias. O semblante da menina mostrava abatimento de espirito. Em vão seu tio procurava indagar a causa dos seus soffrimentos, por que a moça respondia sempre que não sentia incommodo algum. Foi consultado o medico da casa, e este não encontrou causa alguma aos seus padecimentos; aconselhou distracção, e prohibiu a leitura de obras tragicas, e sentimentaes. Mas a menina regeitava qualquer distracção que se lhe offerecesse. Os esforços que ella fazia para esquecer Paulino eram superiores ás suas forças, e sentia-se succumbir de baixo do pezo d'elles. Evitava com cuidado tudo o que lhe podesse fallar do mancebo: já não ia á Ermida; os amores perfeitos foram

arrancados, e fechada a janella do seu quarto que deitava para o jardim. Já não gostava de estar no seu gabinete, aonde tantas vezes sonhara uma felicidade que agora lhe fugia. E quanto mais a queria esquecer, mais a sua imagem se avivava no seu coração. Algumas vezes snppunha ter alcançado victoria, e que o mancebo lhe era inteiramente indifferente! Uma prova que ella sempre experimentava era, lembrar-se da valsa que lhe vira dançar com Eugenia, e que tanta inspiração lhe causara: d'esta experiencia não tirava se não novos soffrimentos, por que sentia o coração dolorosamente comprimido como no momento em que o viu dançar.

—Oh! meu Deus, dai-me força para o expulsar d'este coração que tanto o ama, a meu pesar, dizia a donzella no cumulo do desespero, já vos não pesso a felicidade, meu Deus, só vos pesso o esquecimento d'essa mesma felicidade.

Assim se passavam os dias para a desgraçada Clotilde.

No dia 3 de agosto recebeu uma carta de Josephina em que no dia 15 do mesmo mez teria o gosto de a abraçar. Esta noticia que, pouco tempo antes teria transportado a menina ao apogeu da felicidade, causava-lhe agora um tormento atrás; por que uma só vista de Paulino vinha desbaratar as frageis fortificações que ella, a poder de lagrimas, tinha construido contra esse pouco amor que a todo o custo queria derrobar. Quiz, por momentos, roubar-se a tão penosas reflexões, e escolheu na sua livraria um livro cuja leitura podesse tranquilisar seu attribulado espirito. A escolha recabiu no—Genio do Christianismo—n'essa obra sublime de mr. de Chataubriand, um dos seus auctores prediletos. Pegou no livro e desceu com elle para a sala do jantar.

Foi interrompida na sua leitura pelo ranger do portão que se abria. Com surpresa viu a menina apear-se, d'um soberbo cavallo, o barão de Franco.

O snr. Cunha não admirou menos que sua sobrinha a visita do seu hospede.

(Continua).

## ESTROPHES

Com este titulo vae brevemente entrar no prelo um volume de poesias de que é author o snr. Alberto Pimentel.

### PREÇOS

Para o Porto 200 reis, provincias 240 reis (adiantados).

Assigna-se na Praça de Santa Theresa n.º 63, ou em qualquer das livrarias d'esta cidade.

O proprietario d'este jornal recebeu do snr. Alberto Pimentel a seguinte carta:

*Snr. Antonio Pereira da Silva:*

«Levado pela amizade que nos junta de ha muito, e não seduzido do valor litterario da obra, que o não tem, comprou V. a propriedade do meu volume de versos. Agora que os prospectos correm e os jornaes annunciam o livro, haja V. felicidade n'esta empreza com que entrou no arriscado commercio de editor; porque se d'aqui lhe não resultarem desgostos e perdas é de crer que V. continue a editar de modo que possa salvar da obscuridade obras de valor, que não tem a minha, e que lhe possam trazer mais gloria e lucros do que esta. Porém já que V. poz mãos á obra é dever meu auxiliá-lo na tentativa; assim o faço, pedindo, por este meio, aos meus amigos e conhecidos e aos leitores do seu hebdomadario o favor de comprar o livro. D'aqui agradeço já aos subscriptores das—Estrophes—e reitero os meus votos de gratidão, a V., na qualidade de editor.»

Porto 11 de Janeiro,  
de 1866.

De V.  
amigo affectuoso,

ALBERTO PIMENTEL.

PORTO: 1866—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Thereza, n.º 63.

## UM SUICIDIO COM FLORES

A' EXM.<sup>a</sup> SNR.<sup>a</sup> D. EMILIA ALVES RODRIGUES

Teve v. exc.<sup>a</sup> as mais diminutas relações com Martha? Viu-a alguma vez, debruçada no camarote do theatro, lançar perolas de rizo sobre a plateia, que, de quando em quando, applaudia com os seus olhares, a scena magnetica, que se passava nas orbitas rasgadas dos olhos d'ella, que se inflammavam d'amor? Nos saraus, entre as musicas do piano, e o rodopio das walsas, escutou-a v. exc.<sup>a</sup> fallando de mansinho ao elegante rapaz mais predilecto do seu coração? Disfarçada em Pompadour ou em Marion Delorme, descobriu-a em algum baile de mascaras, voluptuosamente rodando n'um galope, com a cabeça altiva, com as mãos delicadas, apertando um ramo e um chicotinho?

Viu-a em Leça bordejar n'um pequeno e fragil batel, aportando ora n'esta, ora n'aquella margem, para colher um pequeno ramo de flores silvestres, que a estavam namorando como seu brilho e frescôr? Viu-a na Foz, sentada á beira dos rochedos, atirar para o lado as Harmonias Hebraicas d'aquelle coração esphacelado, que se chamava simplesmente Byron, para lér descuidosamente as Flores d'alma de Thomaz Ribeiro? Soube-lhe alguém dizer, que ella se vestia de amasona, e ia para a aldeia cavalgar airosamente, e passar a todo o galope com os cabelos soltos, debaixo dos frondentes ramos das arvores seculares, que se estendem em renques para formarem as largas e compridas ruas de seus parques? Nos basares de philanthropia, nunca viu uma almofada, bordado a ouro, em que se estampassem as iniciaes do seu nome? Nunca nas pedras da rua, em que v. exc.<sup>a</sup> móra, fizeram attrito as rodas do seu carro luxudo? Nunca os vestidos de v. exc.<sup>a</sup> roçaram as sedas, em que ella se envolvia, ou nas lojas de modas, ou nos passeios publicos?

Prescindo de resposta. V. exc.<sup>a</sup> nunca chegou a ter de Martha o mais pequeno conhecimento. Mulheres, como esta, que se roubam a vida, porque lhes negam o philtro do amôr, só

vivem na imaginação do poeta, que as foi evocar do nada.

E'-me licito, pois, estender á vontade as côres na têla, que a minha phantasia delineou. Se os traços não corresponderem á imagem, que ergui cá dentro, no pedestal do meu coração, quem me poderá accusar d'infliel?

Pouco lhe sei da meninice. Comecei-a a conhecer, nos meus sonhos de mancebo, desde que um vago affecto me arrastou aos pés de v. exc.<sup>a</sup>

Por quinze vezes lhe teria engastado a primavera uma flor na sua grinalda pudibunda. O primeiro beijo que a mãe lhe imprimiu na testa bastou para espalhar em cima de todo o rosto um alvacento carmim. O ultimo abraço da sua irmã moribunda lhe poz a cahir dos hombros a opa da melancolia.

Mal posso dizer quanto era a sua formosura. Sempre que a via lembrava-me aquella graciosissima imagem da Senhora das Mercês, a cuja pequena ermida vossa excellencia costumava ir rezar ao lado de sua mãe. Nunca lhe contemplei o rosto sereno que a não imaginasse um d'esses calices transparentes e aveludados das brilhantes flores da Azia, onde armam o phantastico leito os pequeninos genios e as franzinas e bondosas fadas.

De certo que o seu coração era a urna onde se abrigava a esmerada particula do amor e da bondade.

Aparei-lhe o choro uma só vez. Eram lagrimas de contentamento. Lagrimas que exprimem sorrisos, e que não escaldam o seio, que gostosamente as embebe. Prantos d'afflicção, reverberos da magoa interna, se os vertia era tão ás escuras, que, nunca, um raio de consolação os salvaria das trevas do desespero. Porque chorava? Porque descobria risonha nos labios de sua mãe a palavra maviosa, que lhe abençoava os actos da sua pequena mas bem feita caridade.

Tinha Martha um grande defeito para a ruidoza sociedade, que a envolvia. Era o ser bôa de mais, excessivamente sincera. Não tinha um que de maldade, que produz a illusão, que ser-

ve para atraíçoar, que leva ao engano os mais puros sentimentos da alma. Não era mulher da moda, a quem um capricho servisse d'escada a novos caprichos. Tudo fazia singelamente, conforme lhe vinha de dentro, sem pompa, e sem ostentação. As amigas soltavam gargalhadas passe tornarem salientes, e ella destacava-se, abandonando os ruidozos grupos, na contemplação d'um quadro ou no arranjo das flôres d'um vaso de porcellana. Pobre criança, que não sabia comprehender as conveniencias mundanas!

Resultado d'este defeito, era a sua muita credulidade. Dava fê a tudo o que lhe vasassem no sacrario do peito, mas — pasmosos effeitos da innocencia! — nunca a falsidade deixou virus peçonhento nos seus ouvidos, por onde primeiro se escoava, quanto mais no intimo do seio. Como era bonito o seu rosto, inclinado, vagamente colorido do fogo da crença, quando escutava as narrações mais ou menos ficticias, que lhe queriam fazer acreditar! Dir-se-hia a tímida moça, que, pela primeira vez, desse ouvidos á declaração do seu amante.

Uma d'estas mulheres, que se dam ares de prophetisa, sabedora de couzas sybillinas, visionaria, lhe tinha soletrado nas linhas azues da delicada mão o versiculo do seu futuro, o oraculo do seu amor. Martha acreditou-a. Como podia abandonar uma lenda, que fallava do seu coração? O prognostico era triste, que importava? A lagrima para a mulher é uma perola. A desgraça uma provação, um crisol, que a purifica. Abraçou-a, mas inda com algum pezar, digamol-o em verdade. Julgando-se innocente perante Deus, digna de percorrer a estrada da felicidade, não queria ter um dia, motivos de blasphemar talvez. Porisso buscava apartamento de tudo aquillo que lhe podesse accender a chama vertiginosa d'uma paixão. Fazia-se indigna do culto do mais obscuro amante, só para querer fugir d'esse abysmo, que uma especie de miticismo lhe rasgara. Era debalde! A flôr mais esquiva não pôde negar á abelha o mel mais saboroço, que Deus lhe entornou no intimo do calix, o aroma, que lhe unctua as petalas. Era debalde! Se Martha abrigava em si o fogo sagrado, prompto a atear-se n'ella, por

que deixava de se inclinar perante o altar dos sacrificios?

Era debalde! Bem cedo teve occasião de provar involuntariamente o calix, que não queria lhe humedecesse os labios. Incolou-se-lhe o veneno, quando julgava calcar aos pés as flores mais perigosas. Nos lyrios, que a primavera fez rebentar, nasceu o espinho que lhe feriu o coração.

Foi no alvorecer da quadra mais festiva que no seio lhe cahiu a semente, do bem para muitos, da desgraça para ella. Um dos mais risonhos dias de Maio baixou, coroado de rozas, ao sepulchro do passado, depois de ter sido testemunha da primeira scena do singelo mas sublime drama, que a levaria a gozar do socego d'outros mundos. Os festões e as grinaldas, que se iam trançando por toda a parte, nos cómoros e nos valles, lhe foram simulachro de funebres atavios. Quem o havia de dizer!?

N'esse dia, Martha havia recebido convite para um fausto sarau, a que não podia faltar. Tudo era promettedor d'uma festa esplendida. As modistas estavam todas occupadas em arranjar vestes as mais luxuozas. As mulheres do grande mundo porfiavam em quererem ser todas ao mesmo tempo a rainha da festa. Para isso despendiam largamente dos seus cofres, só se importando da victoria. Martha venceria, porém, acclamando-a a deusa do festim, pela singeleza, pela elegancia desataviada, e pela sua formosura inexcedivel, e despida de orgulho.

Ao entardecer, Martha entrou no seu quarto, para se vestir. Era uma camara modesta a sua. A simplicidade revelava-se graciosamente em tudo. Nenhum adorno proprios a molestarem a virgindade d'uma rapariga tão casta como ella. Alguns quadros pendentes da parede eram singelos como as scenas de Biblia. Não se viam n'elles as posições grotescas, os tregeitos bachicos, os movimentos da volupia.

Não eram assumptos licenciosos, em que tanto se prazem os olhos da maior parte das donzellinhas d'agora. Eram filhas do pincel d'um artista christão, guiado pelo desenho d'um anjo. Sobre a commoda pouzavam duas redomas, on-

de se anichavam duas imagens de marfim. Uma d'ellas era Jezus, a outra sua mãe.

Martha sentou-se defronte do toucador, anediando os longos cabellos com um pente de tartaruga. Tinha desabotoado o chambre, e o espelho mostrava-se contente por reproduzir um pedaço de neve do seu alvissimo collo. Atravez dos cortinados entrava um doce clarão, que parecia cobrir os moveis d'um verniz phantastico. Uma nuvem carmezim e azul contorneava a estatueta da Virgem, e dava-lhe as apparencias d'uma Venus, sahindo do mar.

(Continua).

VITERBO.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTORICO)

(De pag. 19.)

### III

#### A CAÇADA

No outro dia pela manhã, ainda o sol não tinha nascido, e já D. Sebastião exclamava á sua alegre comitiva:

—A'vante amigos! Toca a caçar! Vamos á vida montesinha!

E montando-se n'um fogoso alasão, cavalgou donairosamente para as mattas de Almeirim. Era a caça uma das suas mais predilectas manias. Gostava immenso das estações tormentosas, para mais corajosamente arrostar o tempo, a fim de se endurecer.

Todos os seus desejos eram emprehender acções tão temerarias, e arriscadas que havia mais do que razões, para que realmente se temesse d'elle.

Cavalgava adiante com dois amigos tão temerarios como elle, Luiz de Alcaçova e Christovão d'Alcaçova, filhos de D. Pedro de Alcaçova; o conde das Idanhas; D. Pedro, filho do conde de Linhares, e D. João da Silveira, filho do conde de Sortelha, tambem o acompanhavam.

Logo em seguida ia seu aio D. Aleixo de

Menezes, o conde de Alcaçova e varios fidalgos.

Depois de duas horas de marcha, estavam em Almeirim. Ao som das businas de caça, ao estrepito dos cavallos, e ao latido dos cães, juntava-se as vozes dos diferentes monteiros, caçadores e falcoeiros da côrte.

—Para que parte vamos caçar?—perguntava Jorge de Mello, o caçador-mór de D. Sebastião.

—Para onde mais vos convier—respondeu Aleixo de Menezes—El-rei está por tudo.

—Vamos além á grande matta, a caça lá é muito boa...

—Snr. Jorge de Mello—disse o barão de Alvito—sua alteza é muito joven ainda, e o seu valor, pôde dar funestos resultados...

—Snr. barão—atalhou muito depressa el-rei—jámais coisa alguma me intimidou: sou corajoso de mais para receiar nada; e demais eu não vou só.

—Disse vossa alteza muito bem—retorquiu do lado o conde de Alcaçova, que queria ganhar as sus boas graças—Eu bem sei quando vossa alteza gosta de passeiar a sós pela matta de Cintra, e então com a escuridade que lá faz!

O sol ia já alto, quando a caçada começou.

—Que bello dia hoje temos para caçarmos, Jorge!

—É verdade, senhor.

E esporeando os cavallos, largaram todos a trote para o sitio que Jorge de Mello, indicara.

A raposa onde se metteu? exclamava um caçador já antigo.

—Ainda ha pouco por ahi andava—respondeu-lhe outro—os cães o provavam com as suas desatinadas correrias...

—Mas agora?!

—Agora não sei.

E a cavalgada parou um pouco a meditar na casualidade da fuga da raposa.

D. Sebastião embebido como hia em cavalgar o alasão, não deu por a demora, e em breve parou junto a um grande pinheiral.

Era este arvoredado tão copado, que parecia impossivel penetrarem-n'ó. Como não avistasse

ninguém, apeiou-se; e, sentando-se á sombra das frondosas arvores, exclamou?

—Eis-me só no centro d'estas mattas, sem de seu horroroso aspecto me assustar!... Também tem graça a minha exclamação... eu que nada me assusta!.. Quem anda a sós pelas tristes, sutusnas e medonhas mattas de Alneirim!.. (a) Quando percorro a furiosa corrente do magestoso Tejo, só no seio das ondas, n'um fragil baixel sem receiar o furor de Neptuno!....

Ainda me lembra—não sem algum susto—d'aquella vez que eu ia só, dentro d'uma falua, que eu proprio guiava quando ella abalroou contra um rochedo despedaçando-se... e eu tive, se me quiz salvar, de correr sobre os parceis medonhos e saltar com bastante custo para a praia!...(b)

Apenas acabou com este seu soliloquio sorriu-se tristemente e levantou-se. Passado instantes, appareceram dois escudeiros, que apenas avistaram el-rei, exclamaram em altas vozes para a regia comitiva:

—Por aqui... por aqui!.. Aqui temos Sua Alteza... por aqui!...

Em menos de dez minutos já tudo estava outra vez junto de D. Sebastião, que se affastara do seu sequito para ver se obrava alguma das suas empresas temerarias e atrevidas.

O cortejo continuou a sua marcha pelas embrenhadas mattas d'aquelle bosque...

Caminhavam na frente, montados em formosos cavallos, arautos, falcoeiros, e caçadores do paço, seguia-se uma banda de musica, que segundo o tempo, era inseparavel de festejos reaes. Depois iam perto d'uns cem archeiros fidalgos, D. Sebastião montado n'um soberbo corcel e com manto real, dava a direita ao seu aio D. Aleixo de Menezes, e a esquerda, ao ministro da rainha, sua avó; ambos ricamente montados, seguindo-se depois toda a côrte, e varios cavalleiros.

Acabava a caçada de desaparecer envolta na densa nuvem de pó que os cavallos levantavam cavalgando; e logo á crepitação dos ramos

(a) Este factó é historico.

(b) Ibidem.

suceddeu a toada de um ligeiro galope, e uma enorme raposa de côr ruiva, patas e orelhas pretas, entrou muito esfalfada na matta; vinha a escorrer em agua, porque tinha atravessado um charco, a fim de inutilisar o faro dos cães; e com effeito, valeu-lhe a manha, porque a matilha apenas chegou áquelle logar, retrocedeu logo, segundo se colligiu dos seus latidos cada vez mais distantes.

Será escusado descrever o estado da raposa, (em qualquer romance apparece), sómente direi que o tal *animal matreiro*, vinha archejando esbaforido e trazia a lingua fóra da bocca.

Os huivos da matilha e os sons das businas, cada vez mais proximos, ouvem-se distinctamente... os cães chegaram ao fim do rasto; isto é, depois de terem corrido desatinadamente até ao sitio onde o Monteiro-mór dizia estar ali a raposa; porém, trabalho baldado! A raposa já ali não estava; porque tendo corrido quanto as suas forças lhe permittiam até alli, sumiu-se n'um barranco, que distava poucos passos, e que os caçadores não tinham notado.

Os cães inquietos e enfurecidos por esta subita perda do rasto, tão forte até alli sobre o seu olfacto, andavam buscando e rebuscando d'uma para outra parte sempre com o focinho pegado á terra.

Depois da raposa se ter sumido nas brenhas da matta, ouviu-se crepitar os ramos e depois adiantou-se com precaução um grande veado cuja immensa armação vinha interlaçada de folhas. O animal acossado pela matilha, corria com tal velocidade que nem os ramos das arvores crusados uns sobre os outros lhe punham obstaculos á sua fuga.

—Hoje a caçada é infructifera, dizia D. Sebastião para o seu caçador-mór.—Vós enganaste-me, Jorge!

—Desculpe-me vossa alteza, mas o que disse, posso confirmal-o. Este sitio é muito proprio para a caça, e a prova está nas immensas caçadas que tenho feito...

E o caçador foi interrompido pela detonação d'uma espingarda. Tres lebres sahindo da matta, fugiam espavoridas... D. Sebastião dá esporas ao seu alasão e parte atraz d'ellas. Se-

guem-o quasi todos; os cães, e especialmente os galgos largam a todo trote, para vêr se conseguiam apanhar as fugitivas lebres; e os clarins soávam com estrepito, retumbando seus bellicosos sons pelas quebradas das montanhas.

A este sussurro e estrondo, sahio muita caça que encontrava a morte nos tiros dos experimentados caçadores e falcoeiros da côrte.. e ainda nos dentes dos vigorosos e adestrados cães de filla, coisa em que D. Sebastião muito caprichava.

.....  
Era já noite escura, quando aquella numerosa e galharda cavalgada se recolheu ao paço.

(Continúa.)

A. P. DO AMARAL.

## HORAS ALEGRES

Cartas a E...

### III

Ai! guardemos a doce memoria  
D'esses dias de pura innocencia...

GOMES D'AMORIM.

Não sabes tu porque na minha segunda carta te recordei o amenissimo poema da nossa infancia ainda perfumado com as flores secas da saudade e todo revestido das folhas verdes da esperanza? É que o coração gosta naturalmente de embeber-se na recordação d'um passado de inalteravel felicidade e muito mais quando elle pressente que essa felicidade não fugiu com o tempo e pode voltar de novo mais viçosa e risonha e engrinaldada de floridos renovos... O passado para nós foi um suavissimo idyllio em que superabundam infantis devaneios d'um casto amor; e simplezas proprias da nossa idade de innocencia. O passado foi um livro como o de Paulo e Virginia... Agora, o futuro que para nós é tudo, como Victor Hugo disse: *Oh! demain, c'est la grande chose!* hade-nos apparecer vestido de novas galas, inflorado com as santas alegrias d'um paraiso eterno onde não se esconde o demonio da perdição nem ha arvore do mal. .

E hoje, e hoje, ó anjo,

... o passado adorando,  
Outra vez a viver comecemos;  
Com a infancia nem tudo perdemos  
Se o affecto de então nos ficou.

Não diz bem o author dos *Cantos matutinos?* Podemos hoje renovar o poema dos nossos amores passados porque o affecto ficou no coração tão virginal e casto como nos brotou do seio d'alma quando confidenciavamos assentados á sombra do chorão.

Esses beijos que eu dei na criança  
Á mulher não promettem amor?

Os nossos olhares quando se crusavam n'um relance de felicidade não pareciam dizer na eloquencia da sua mudez: Todos os dias que o sol nos cobrir com a sua luz nos encontrará á sombra d'este chorão respirando n'uma atmospheria de felicidade?...

Que poemas de ineffaveis harmonias nos gorgeavam as aves por cima da cabeça como n'um coreto aerio! Com que magica timidez nos olhavam as rasteiras violetas como a dizerem-se baixinho: Não ha futuro que os aparte!

E assim foi!... E assim ha-de ser, ó anjo!...

Guardemos no coração a lembrança da nossa infancia e deixemos que as nossas almas entoem cada novo dia uma nova estrophe, que continuará indifinidamente o poema dos nossos amores.

Porto 15 de Janeiro de 1866.

(Continúa.)

A.

A. C.

Da ventura e prazer um dia abandonado,  
ousei de Deus, do ceu, de tudo renegar....  
Tinha uma santa mãe.... roubou-m'a o negro fado,  
e triste me deixou sobre a terra a chorar....

E desde então sem ter no mundo um seio amigo,  
onde fosse esconder a minha acerba dôr,  
deixei pender a fronte, e disse a sós commigo:  
«Onde se occulta o Deus que tem por lei o amor?»

«Para que vamos nós, nos templos ajoelhando,  
«dirigir ao Senhor as nossas orações,  
«na sua santidade e leis acreditando,  
«Se jamais houve Deus? se tudo são ficções?»

D'este modo fallava ao ver-me só n'um mundo  
aonde a corrupção e a desventura jaz;  
e do peito arrancava um grito, um ai profundo  
por vêr que nunca mais havia de ter paz.

Mas, a final, um dia em tua frente bella  
meus olhos, de chorar cançados já fitei....  
Ai! quizera dizer-te, ó candida donzella,  
a extrema sensação que ao ver-te experimentei...

E tu depois tambem no rosto meu fitaste  
o teu languido olhar, que fez cessar a dor  
que o peito me affligia, e appar'cer deixaste  
nos labios de carmim um sorriso d'amor.

Desde então para cá no firmamento leio  
uma esperança fagueira um risonho porvir!  
Na existencia de Deus, no seu poder já creio!  
Quanto veleu, donzella, o teu meigo sorrir!...

12 de Janeiro de 1866. AUGUSTO QUEIROZ.

## CHRONICA

A curiosidade, sentimento, que, segundo Lopes de Mendonça, perdeu a nossa mãe Eva e deixou engasgado o nosso primeiro pai Adão, fixa-se actualmente na revolta de Hespanha, a ponto que ao pegar n'um jornal, se elle não publica novos telegrammas que nos illudem, fica qualquer engasgado como se tivera pegado na garganta o pômo da arvore prohibida.

Pergunta-se a toda a hora se o general Prim ganha terreno ou foge perseguido; se Madrid concorre á sedicção ou permanece em socego e quaes sejam os fins politicos da revolução, ponto que ainda não está cabalmente averiguado.

Estes são os themas das conversações nos cafés, nas assembleias, nas praças, e nas lojas de bebidas onde a questão é tratada com

grande entusiasmo e calôr... alcoholico. Este discutir de politica externa faz com que muita gente desampare a exposição, e ande atraz dos noticiaristas e barbeiros a indagar novidades... De sorte que estas discussões renhidas sobre Hespanha vieram-nos ensurdecer a ponto de não ouvirmos os rumores longiquos d'uma trovoada litteraria que chovia coriscos sobre Lisboa e Coimbra.

A critica do snr. Castilho que fecha o — *Poema da mocidade*—foi o pômo da discordia lançado sobre a meza em que se banquetevam, como os convidados de Thetis e Peleo, os representantes da escola de Coimbra, que sahiram a campo, arrogantemente, respondendo que os de Lisboa eram meros estatuarios da palavra. Não se ficaram estes e continuaram a dizer que a escola coimbrã era hybrida, abstrusa e nebulosa. Cuido que nem uns nem outros andaram bem. O snr. Castilho disse, com a liberdade e authoridade devida ao mestre, que tres moços de grande intelligencia, Anthero do Quentel, Theophilo Braga e Vieira de Castro, escreviam em estylo subido de mais para entendimentos vulgares.

Isto era uma observação e nada mais. A resposta, porém, do snr. Anthero, escripta de-baixo da vehemencia da impressão, foi uma pouca indelicada e aggravante. Na carta—*Bom senso e bom gosto*—esquecia-se a consideração devida a Antonio Feliciano de Castilho; e em outras que sahiram dos prêlos de Coimbra não só se analysava com desfavor a feição dos escriptos do *principe da lyra*, mas tambem se criticava o caracter do homem. A quem tinha lido as prosas e versos de Castilho custou-lhe amargamente ouvir dizer que elle nada tinha de *ideial* e pouco mais fazia do que pulir e lustrear, com esmero, a fôrma. Se não ha corpo tambem não ha vestidos. A palavra hade forçosamente vestir a ideia. Eu pensei que se poderia chamar *ideial* a Castilho lendo-se os *Ciumes do bardo*, por exemplo. Mas enganei-me. O certo é que os de Coimbra disseram que os escriptos de Castilho eram mosaicos de palavras sonoras sim, mas ôcas como o bojo do cavallo de Troya. Cada um vai com a sua. Esta tirada

de litteratura revolucionaria já vae longa de mais para uma chronica e pode destoar aqui aos ouvidos dos neutraes na questão.

Tenho a noticiar a publicação de mais um livro de Camillo. Intitula-se o romance—*A queda d'um anjo*—e é editado pelo livreiro Campos Junior, de Lisboa. N'este romance ha um typo notabilissimo e novo: Calisto-Eloy. Está magistralmente desenhado, em todas as situações, o vulto do morgado de Agra de Freimas, que vivendo em boa sociedade conjugal com sua esposa e prima D. Theodora até aos quarenta e quatro annos, tropeçou e cahiu—n'esta idade!—nas redes amorosas que lhe lançára D. Iphigenia, sua prima tambem. E' preciso dizer que a honra de Calisto naufragou em Lisboa na occasião em que vinha representar no parlamento o povo seu committente. Segundo penso muitos Calistos teem naufragado tambem em Lisboa e sobre tudo... no parlamento.

Vou-lhes dizer de relance que a companhia do gymnasio desertou para Lisboa; eu sei d'um poetaço meu conhecido que cantou em oitavaria a ausencia d'aquella gente que nos entretinha, ás noites, com chistosas comedias optimamente desempenhadas.

Tambem foi bom elles irem! E' que eu conheço um brasileiro muito gordo e muito rico que me disse outro dia:

—Homem, qualquer noite morro de cócegas na plateia do Baquet com as facecias do Taborda.

E tinha rasão o brasileiro!

Esquecia-me tambem dizer-lhes que hoje fica por aqui o muito humilde chroniqueiro.

JOÃO CLIMACO.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

(De pag. 22.)

Ao outro dia de manhã mandou este pedir uma conferencia particular ao tio de Clotilde,

e o snr. Anselmo apressou-se em ir ao aposento em que tinha pernoitado o barão. Apenas entrou disse-lhe este:

—Meu caro snr. Cunha, eu venho tractar um negocio de bastante importancia — O barão fez uma pausa.

—Fallai, snr. barão.

—Ayaliando o merito e virtudes de sua sobrinha, continuou o barão, e instado por meu filho que está apaixonadissimo por ella, venho pedir-lhe para meu filho a mão de Clotilde.

O snr. Anselmo esteve por momentos sem responder, depois disse:

—Pela parte que me toca póde v. exc.<sup>a</sup> estar certo do meu consentimento, e até do prazer com que verei essa união; e supponho que minha sobrinha não deixará de annuir á honrosa proposta que o snr. barão lhes faz. No caso contrario, desde já advirto a v. exc.<sup>a</sup> que minha sobrinha é muito senhora da sua vontade, e que eu não empregarei meio algum de a constrear.

—Isso tambem eu não quero snr.—respondeu o barão.

—Pondere mais, snr. barão, que minha sobrinha tem uma pequena caza á vista da grande fortuna de seu filho, porque o pai de Clotilde não lhe deixou se não dividas, e a caza em tal desordem que apezar das minhas deligencias não a tenho podido augmentar.

O snr. Cunha inventava esta mentira para com ella cobrir os desfalques que elle todos os dias fazia nos bens da sua pupila.

—Isso nada importa, tornou o barão, porque meu filho tem riqueza bastante para ambos.

O snr. Anselmo estava transportado de alegria; todos os seus roubos passavam acobertados com a calunnia que elle lançava sobre a memoria do pai de Clotilde.

Está bem disse o snr. Cunha, só falta então o consentimento de minha sobrinha.

—Poís tenha a bondade de ir consultar a sua vontade, respondeu o barão.

—O snr. Anselmo, depois de se fazer annunciar entrou nos apoentos da menina.

—Eu venho, lhe disse elle, assentando-se

junto do vestidor em que Clotilde trabalhava tratar nada menos do que da tua sorte futura: tens vinte e um annos, não tens pai, nem mãe; eu estou velho, e posso morrer d'uma hora para outra; é por tanto preciso cuidar em te dar um amparo. O barão do Franco veio pedir a tua mão para seu filho. Clotilde deixava fallar seu tio e guardava silencio. Este continuou:

—Pensa bem primeiro de dares a tua decisão: vê porém que não podes aspirar a um melhor casamento; que tu tens uma pequena caza, e Eduardo é riquissimo. Eu deixo-te algum tempo para reflectires bem no que acabo de propor-te.

—É escuzado, meu tio, respondeu a moça com resolução; tenha a bondade de levar já a minha decisão; não aceito a proposta do nobre barão; e em quanto á pouquidade dos meus bens, não se afflija v. s.<sup>a</sup> por que eu sou pouco ambiciosa, e elles talvez cheguem para eu entrar n'um convento.

—Vê bem o que fazes, Clotilde; repara que és tu que desprezas a fortuna que te procura.

—A minha resolução é inabalavel senhor, e já mais em tempo algum terei de que arrependender-me.

—Então é essa a resposta que hei-de levar ao barão? perguntou ainda o sr. Cunha fitando um olhar de dó em sua sobrinha.

Sim meu tio; faça favor de dizer-lhe que sou sensível á sua generosa proposição, mas que a não accetto por que não estou resolvida a cazar.

O sr. Anselmo sabiu do quarto de Clotilde e foi levar ao barão a decisão d'ella.

Citaremos agora uma conversação que n'este mesmo dia tinha lugar entre Eduardo, e Paulino.

Eduardo havia acompanhado seu pai até á caza do marquez de Santa Eulalia, e d'alli foi só o barão á Salgueirosa.

—Que esquizitice foi a tua em não acompanhar teu pai? perguntou o filho do marquez ao seu amigo.

—Preferi esperar aqui a minha sentença, por que meu pai foi dicidir alli da minha sorte.

Paulino estremeceu. Eduardo continuou:

Foi pedir para mim a mão de Clotilde.

—Como! perguntou com admiração o filho do marquez. Pois tu amal-a?

—Como se ama uma vez só.

—E ella ama-te? perguntou o mancebo com uma inquietação mal dissimulada.

—Supponho que sim, respondeu Eduardo, e brincava-lhe nos labios um sorriso de fatuidade.

Uma nuvem de tristeza cobriu por momentos o rosto de Paulino, mas passou rapida, e elle continuou a conversar com a maior serenidade.

Este socego seria filho do indifferentismo? Não, não era, por que o mancebo amava Clotilde.

Talvez que elle tivesse lido no coração da menina, e confiasse tanto no sentimento que n'elle encontrou, que lhe não causasse receio o fraco rival que se lhe apresentava.

Esta hypothese é mais admissivel.

Com tudo o mancebo, no intimo do seu coração não deixava de se arrependender de não ter declarado o seu amor ao objecto que lhe inspirava.

Ambos os moços esperavam o barão com a maior anciedade.

Este chegou mas parecia vir pouco satisfeito.

Eduardo agourou mal do negocio, Paulino exultou.

(Continua.)

## ESTROPHES

Com este titulo vae brevemente entrar no prelo um volume de poesias de que é author o sr. Alberto Pimentel.

### PREÇOS

Para o Porto 200 reis, provincias 240 reis (adiantados).

Assigna-se na Praça de Santa Theresa n.º 63, ou em qualquer das livrarias d'esta cidade.

PORTO: 1866—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Thereza, n.º 63.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTÓRICO)

(De pag. 29.)

## IV

## A tia Lourença

Deixemos agora D. Sebastião com todos os seus temerarios arrojados, e vamos vêr algumas scenas não menos interessantes—se é vontade do leitor. —A tia Lourença era a despenseira e por assim dizer, a mordoma da casa do commendador da Malta, João da Cunha que habitava um excellente predio na espaçosa e concorrida *Rua Nova*.

Era uma mulher gorda, alentada, e capaz de muito trabalho. Tinha uns musculos tão grossos e possantes, que bastaria um só murro d'elles, para quebrar os dentes ao proprio Belzebuth. Os seus olhos pardos e redondos, que davam a demonstrar alguma vivacidade d'espírito, estavam encaixados n'uma caraça vermelha e redonda. Uma saia de *Sirguilha* deixava ver umas pernas tostadas de sol, mas tão grossas, que sem hyperbole, se lhes poderia chamar uns cepos.

É esta personagem que sem mais preambulos, pretendo apresentar aos leitores. Desculpem a apresentação não ser em fórma, porque tal coisa seria gastar muita cera com tão ruim defuncta.

Caminhava algum tanto apressada pela praça chamada do *Pelourinho velho*, que á pressa que tinha, fazia um contraste com o seu modo de andar. Arrebolava-se tanto, n'aquelle tempo em que uma unica saia não era estranhada; que faria agora no seculo XIX, em que os *merinaques* dão toda a graça, desde a *ministra* nas suas fofas carruagens, até á simples criada com o cantaro d'agua á cabeça! .. Mas deixemo-nos de reflexões, que podem tirar algum interesse ao romance e eu com isso não ganho nada; antes perco.

Como acima disse, a tia Lourença caminhava com uma affoiteza que ultrapassava os

limites dos fastos da humanidade, porque dava tal jeito ao corpo, baloiçando-o, que se diria que a mulher ia a dançar. Chegou-se a um dos escribas (\*) que alli estavam acampados como um aquartellamento bellico, e disse-lhe:

—Bons dias snr. Francisco.

—Viva, snr.<sup>a</sup> Lourença... então como vae?...

—Assim, assim. Vinha aqui para me fazer uma cartinha...

—Ao seu namorado, hein?...—disse o escrevente com certo ar de malignidade.

—Qual namorado, nem qual carapuça! Queria escrever para meu irmão que está no Brazil... *vocemece* bem o conheceu, era um rapaz gordo e fero... e então aquellas maneiras d'elle tão francas e leaes?!... parece que ainda o estou a vêr com aquelle *bonet* á hespanhola, que tambem lhe ficava...

—Mas então?... a carta?

—Jesus Senhor, *você* tio Francisco, nunca deixa acabar uma conversação!... Irra, c'ò a breca!

Pois *você* que quer, tia Lourença, a gente não está aqui de mãos espanadas a conversar com quem vem... era o que faltava! Sequer que lhe escreva a carta dite-a, que eu escrevo-lh'a; senão adeus, boas noites...

—É o que eu digo! *você* vae ás do cabo d'um momento para o outro... uma coisa assim! Parece-se bem com o meu amo, o snr. commendador... *vocemece* bem o conhece; pois elle outro dia não me queria...

—Ora adeus, adeus... até logo; vá dormir que lhe hade fazer bem — disse elle á tia Lourença, já muito enfadado; e, depois vendo passar uma rapariga por junto d'elles, gritou-lhe:

—Pshiu! ó menina do lenço amarello, quer que escreva uma cartinha ao seu amante?

—Vá lá—disse por fim a criada do commendador—*você* è os meus peccados, nem sequer me deixa fallar; nem que a lingua não fosse minha!—Olhe, ponha lá...

—Eu escrevo...

—Pois seja... escreva lá... o que? Eu nem

(\*) Segundo resam as chronicas d'aquelle tempo, a praça do Pelourinho velho tinham certos individuos que se occupavam a eserever cartas... etc. etc. aos transeuntes

sei por onde lhe pegue! Não sei o que deva mandar pôr em primeiro lugar; em fim, diga-lhe lá que aceitei com muito gosto o presente que me elle mandou, e que ainda espero se Deus me der vidinha e saude poder retribuir-lh'o. Deus me livre que me elle adoecesse, arruda vigario, não me ficava ninguem n'este mundo por quem tivesse affeição... Que eu estou com todos os meus *sete sentidos* a tomar conta no que na côrte se faz, para t'o mandar dizer... já poz?

—Boa! *você* pensa que temos aqui a velocidade d'um cavallo andaluz! (\*) A penna move-se vagarosamente...

—Pois então arranje lá isso como entender, bem sabe que eu não sei nada... fôra a alma sou uma!... É tão lindo saber lêr e escrever!... Bem me lembra ainda, era pequenina e ia á escôla, e já andava no *b, a, ba...* mas como o dinheiro não era muito, tive de me contentar com isso!... Então que quer!... É sorte... é sorte! Se quer que lhe diga, ainda conheço algumas lettras, e mais ha quantos annos isso lá vae... olhe, eu lhe digo, a minha mãe que Deus haja... que já lá está; e está muito bem, mas como lhe hia contando...

—Calle-se mulher, por quem é; que me faz enganar! Já se viu uma tagarella assim!...

—Sim?!.. Pois já não lhe conto nada... foi o que *você* fez com esse seu dito de barra! ande, acabe lá com isso, que me quero ir embora...

—Ah! chegaram-lhe agora as pressas todas? Pois por pirraça... ha-de aqui ficar! .

—Hei-de, pois não foste!... Ah! que se não fôra o meu irmão, outro gallo lhe cantaria... Sabe que mais, arranje a carta como entender, diga-lhe só que estou á espera d'elle, como as almas do purgatorio esperam pela vinda de Christo...

—Mais nada?

—Mais nada.... Ah! espere lá que faltava o melhor... esta minha cabeça! Diga-lhe que ahí lhe mando esse par de meias e essas ceroulhas para o arranjo de sua casa, que seja videi-

(\*) Note-se; n'aquelle tempo não havia ainda fios electricos, nem caminhos de ferro... aliás não lhe esquecia a inclusão!

ro e poupadinho... porque cá eu trabalho como uma negra e nem assim posso forrar alguns vintezinhos!....

Olhe, sabe o que meu amo me costuma dizer quando lhe eu digo que me pague as diligencias que faço por bem o servir? Que eu era muito ingrata, *que* elle dava-me de comer, vestir e calçar e ainda por cima lhe pedia dinheiro... Tambem está fresca, trabalhar, trabalhar como uma moira, como uma moira.. mais.. muito mais.. pintada ha-de ser aquella que me tomar a dianteira... olha os *podricas* que nem podem com uma gata pelo rabo!... eu...

—Aqui está prompta a carta e va-se embora! sempre está uma chaga! Safa que *impada* me appareceu agora pela tarde!...

—Quanto tenho a dar...

—Vinte e quatro reis... não pode ser menos!

—Ta... ta... ta... pois elle não havia coisa melhor.. era ir a côrte e matal-os todos!.. Vinte e quatro reis da-se por uma canada de vinho e fica a *aborrotar*)... Emfim, para encurtar razões, pegue-os lá.

E a tia Lourença atirou-lhe com o dinheiro e sabiu com a carta, sem se lembrar de a mandar lêr ou abril-a, para ver se ainda lá lombri-gava alguma das taes lettras que elle tinha aprendido na mestra, talvez tão *amazombada* como a discipula.

Algum tempo depois batia ella á porta do seu patrão, o commendador da Malta.

Galgou as escadas, quatro a quatro, com a arrogancia e garbo da epocha, pois é bem certo que — *com o rei se muda o povo* — e esta mulher á pouco tão palradeira e bem humorada com o escriba da praça do Pelourinho, diante de seu amo era orgulhosa e até ás vezes insolente. Coisa estranha! João da Cunha, commendador da Malta, um dos grandes do reino e que fora no reinado de D. João, seu conselheiro d'estado, era quasi que inteiramente dominado por sua criada! Um *heroe* que sacrificou *gloriosamente* a sua vida nas plagas ardentes de Africa, a par de El-rei D. Sebastião, era um pessillanime diante d uma criada!

—Então, que demora foi lá essa? disse o

commendador muito pachorrento, segundo o seu costume.

—Ora, o que havia de ser! Tive negocios a arranjar... Diga se lhe fiz falta em casa!

—Ahi vens já com os teus desparates; quem te pergunta por isso?.. Licero dizia muitas vezes, que exaltar o animo, era loucura; portanto, nem o *berço patrio* (que tantos poderes tem), pode profanar essa maxima sem cahir no alludido defeito...

—Ora ahi vem elle já—pensou tia Lourença — Diz cada parvoice que nem um menino de dois annos... ora entendam-n'o lá, diz que tem defeitos, loucuras e não sei quê, por estar no berço, quando eu vejo-o muito *escarrapachado* na sua poltrona!

E depois disse alto:

—Até logo, vou tractar da vida.

—Valha-te Deus mulher, nunca has-de ter juiso! Esse teu genio leva-te á sepultura...

—E então que tem lá isso? São coisas. Se eu tivesse o seu genio, era bom; mas, eu que não posso ser assim?

—Olha, nós nunca nos devemos rebellar contra os designios da Providencia. Deus concede-nos a felicidade corporal e até a propria espirital, se nós da nossa parte nos esforçar-nos em attenuar as circumstancias desregrantes que nos opprimem a razão.

E o commendador, abrindo a caixa absorveu uma enorme pitada.

—Sempre lhe aturo coisas! Eu aposto que ninguem é capaz de o comprehender...

—A mim? Pois eu falló portuguez, e portuguez legitimo.. Luiz de Camões, aquelle grande poeta, que anda compondo um optimo poema—os *Lusiadas*, iniciou uma linguagem sublime de que nós ha muito carecíamos.

—Importa-me cá bem Camões e as suas lamurias.... até logo, vou accender o lume que são horas...

—Então, chega-me aquelle livro grande que acolá está.

A tia Lourença aproximou-se da estanta do commendador, e pegando no livro que achou mais á mão, trazia-lh'o muito contente por ter

assim um meio de se poder affastar de seu amo, quando este lhe gritou:

—Que é lá isso!.. Eu disse-te o livro grande.

Ella pegou n'outro á *negligé*—mas por felicidade acertou. Eram os odes de Horacio, o seu livro favorito. Puchou a cadeira d'espaldas, onde estava sentado, e chegando-se para junto da janella estendeu preguiçosamente os seus pés ao sol.

—E agora, quer mais alguma coisa!

—Não, agora podes-te retirar.

Esta palavra foi para a pobre Lourença como uma intimação celeste; e, quando fechára a porta ouviu o commendador absorver outra pitada.

(*Continúa.*)

A. P. DO AMARAL.

## NA SESTA DE VERÃO

No chão verde reclinada,  
Sob os olmos da floresta,  
Adormeces descuidada  
Ás horas calmas da sesta!  
Como dormes esquecida  
De que se alguém te encontrára  
Assim, mil beijos poisára  
N'essa tua face, querida!...  
Dos teus sonhos, o arvoredo  
Que fecha o bosque dezerto,  
Pode ouvir algum segredo  
Escutando-te de perto,  
E não temes... Descuidosa!  
Nem te pejas de que as aves  
Sintam desejos... Não sabes  
O que é a gente ser formosa!...

E talvez! Da tua imagem  
Os contornos graciosos  
Verão, por entre a folhagem,  
Alguns olhos curiosos?...  
És bella quando na sesta  
As faces mais te descoram!  
As arvores da floresta  
Em segredo te namoram,  
N'essa hora!

Em torno as aves  
Arrulham maguas d'amores,  
Em mil endeixas suaves,  
Que não sabem trovadores!  
Que lyra já cordas teve  
Que desse cantos mais bellos?!

E a brisa affaga ao de leve  
A trança dos teus cabellos!..

Como és bella adormecida!  
Que ledo sonhar agita  
Teu coração, que palpita  
Nos enlevos d'outra vida?  
Que vês tu? Que paraíso  
Aos teus olhos se descerra?  
Dá-te alguém lá um sorriso  
Como tu me dás na terra?  
E que sylphos vaporosos  
Te sorriem, te namoram?  
Como as faces te descoram  
N'esses sonhos amorosos!  
E' que algum genio celeste  
Embebido no dezejo  
Te veio pedir um beijo...  
Por isso, ó anjo, tremeste  
E assim teu rosto descora  
Receiando que elle ousasse...  
Mas é pura a tua face  
E não se pollue agora;  
Que o teu bom anjo da guarda  
Te segue por toda a parte.  
Em vão o demonio aguarda  
O momento de tentar-te...  
E se a innocencia te arrasta  
A indiscrição, na vertigem,  
Que importa, se tu és casta,  
E se o anjo ampara a virgem?..

Já o sol no extremo arde  
E dormes ainda! As aves  
Findam as notas suaves  
Do seu poema da tarde.  
Dorme, dorme, que esse mundo  
Que nos abre a phantasia  
Tem uma estranha magia!  
Nem é baratro profundo  
Como este!

O olho enorme  
Do sol deixal-o apagar,  
Se tu vives a sonhar  
E és feliz... Dorme, dorme.

1866

ALBERTO PIMENTEL.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

(De pag. 32.)

Eram passad's onze dias depois da conversação que acabamos de referir. Tinha amanhecido justamente o dia em que Paulino, e sua irmã deviam ir á Salgueirosa.

Eduardo appareceu n'essa manhã em casa do marquez.

—Eu vinha, disse o mancebo a Paulino, saber se me queres acompanhar a casa do Visconde de Fornos?

—Vais para lá?

—Agora mesmo.

Bastante sinto não poder acompanhar-te, e gozar a amavel companhia das bellas filhas do visconde, mas não me é possivel, por que vou acompanhar Josefina á Salgueirosa.

—A casa da minha noiva? perguntou Eduardo.

—Eu suppunha que esse casamento estava desarranjado; disse Paulino, teu pae não vinha, ao que me pareceu muito satisfeito.

—Ella e seu tio aceitaram com jubilo a proposta de meu pae, mas elle viuha descontente por que Clotilde, averiguadas as contas, tem uma pequena casa; e eu mesmo suppunha que ella era mais rica, acrescentou com intenção.

Este enfatuado não querendo confessar que Clotilde o havia despresado, inventava esta mentira, para que nunca se dissesse que haviam regeitado a sua mão, acompanhada ainda d'uma grande fortuna.

Esta fabula penetrou no coração de Pauli-

no como um ferro em braza, e um sorriso amargo lhe assomou aos labios!

—Estou a receiar que meu pai me não deixe realizar o casamento, continuou Eduardo. Apesar de Clotilde ser pobre, e valer por isso muito menos, eu aprecio as suas boas qualidades e sou grato á sympathia que ella parece ter por mim.

Paulino nada respondeu.

—Meu amigo, continuou o estouvado Eduardo, visto que me não acompanhas a caza do visconde, não me demoro mais porque o calor vai a crescer.

Eduardo sahio, e Paulino foi fechar-se no seu quarto.

—Ella ama-o, repetia elle passeando agitado, e aquelle coração de lama não sabe apreciar um amor d'aquelles!! E eu heide ver colher por outro a mimoza flôr que eu com amor e respeito, via crescer! Só ouzava contemplal-a de longe; adoral-a como se adora uma divindade. Nunca lhe fallei de amor, suppondo que o meu halito ao pronunciar aquella palavra, a faria murchar qual *sensitiva!* e agora tenho de contemplar o paraizo do meu rival ...

Bateram á porta do quarto do mancebo. Era Josefina que lhe vinha dizer que tudo estava prompto para partirem.

Paulino chamou aos labios um sorriso de satisfação, e acompanhou sua irmã ao quarto do Marquez. Depois de o abraçarem sahiram para a Salgueiroza.

(Continua.)

## ADEUS

Ao meu adorado Pai

Tanto se sente na morte,  
Quanto na ausencia se sente,  
Se a morte é auzencia eterna.  
A auzencia é morte apparente.

JULIA CASTILHO.

Adeus dias que breves passasteis,  
Semeados de paz e ventura,  
E tão cheios de meiga ternura  
Que no ceu eu julgava viver!

As caricias d'um pai eu gosava,  
Seu amor minha dita fazia  
A tal ponto, que até me esquecia  
Longa ausencia que eu tinha a soffrer!..

Mas em breve esse dia fatal,  
Repasado de triste afflicção,  
Appar'ceu, e no meu coração,  
Da saudade os espinhos cravou!  
E tão fundos que o sangue gotteja,  
E em prantos de fêl convertido,  
Fez trocar o prazer n'um gemido,  
A ventura em soffrer transmudou...

E depois esta ausencia tão longa,  
N'um escuro sodario envolvida,  
Deita a palma de martyr á vida;  
Faz os dias em seculos trocar!  
Qual phantasma de negro me surge  
N'essas noites que lentas se arrastam  
E nos dias tão tristes que passam  
Sem que eu possa o meu pai abraçar!

Hade o sópro tão triste do outomno  
Congelar-se nos montes d'além  
Hade vir o inverno tambem  
Com seu sceptro de ferro assentar-se  
Sobre as ruinas que o outomno deixou  
Hade o vento bramir furioso;  
Mas depois d'este tempo horroroso,  
Tornará a natura a animar-se.

Findará o outomno, o inverno;  
Hade a quadra florente findar,  
Sem que o peito me venha animar  
Um affago do pai adorado!  
Hão-de em flôr os espinhos mudar-se,  
Hade tudo contente sorrir  
Sem que eu possa no leito sentir,  
Meu soffrer n'um sorriso trocado.

Estes bosques tão nús, que mal vostem  
Pobres folhas perdidas da côr,  
Tornarão a ter viço, e verdôr,  
Sem que tu, ó meu pai extremo  
Ao lár patrio de novo regresses!...  
E eu heide esta ausencia soffrer?  
Hade o pranto amargoso correr  
Sem que chegue esse tempo ditoso?

Mas no fim de tão longo martyrio  
 Refulgente reluz uma esp'rança;  
 Como surge tambem a bonança  
 Terminado o fragôr da procella,  
 Como as ondas barrentas se acalmam  
 Apoz longo, fermente agitar,  
 Tal meu peito se deixa affagar  
 Pela esp'rança risonha e tão bella.

Ante a luz que essa esp'rança diffunde,  
 Ante esse astro de mago cõndão;  
 Inda ha pranto, martyrio, afflicção;  
 Inda ha lento viver de amargura...  
 Mas depois de passada essa nuvem,  
 Hade a esp'rança brilhante apparecer;  
 Já sem veu que lhe possa envolver,  
 Os seus raios de immensa ventura.

Eia pois, ó meu peito, coragem,  
 Não te deixes assim succumbir,  
 Cessa, ó lyra, tambem de carpir  
 Meu soffrer pela ausencia cauzado...  
 Cala as dores que o meu peito torturam.  
 Vê se podes meu pranto occultar,  
 P'ra podermos melhor offertar  
 Este adeus ao meu pai adorado.

Veiga—novembro.

EPHIGENIA DO CARVALHAL.

A. C.

Quando te vi, donzella, a vez primeira  
 os teus olhos fitando no horisonte;  
 quando te vi, pendida ao seio a fronte,  
 a sombra procurando da palmeira;

quando te vi nos labios nacarados  
 um sorriso adejar pudico e terno,  
 em minh'alma senti nascer o inferno  
 que os dias me tornou amargurados....

E n'esse dia o rouxinol cadente  
 —o trovador canôro da floresta—  
 soltára, em vez d'um cantico de festa,  
 um cantico d'amor sincero e ardente!

E em quanto seus gorgeios modulava  
 junto de ti o trovador alado,

silencioso, extactico ao teu lado  
 tua virginea fronte eu contemplava.

Mas aõ findar o mavioso canto  
 do plumôso cantor, tambem findava  
 o grato enlevo em que embebido estava,  
 a risonha visão, o meu encanto.

De tua formosura impressionado,  
 e encontrando alli a sós comtigo,  
 não pude calcular o immenso p'rigo  
 que me ia succeder; e em fim ousado,

caminhei para ti—não me sentiste!  
 (Não pára aqui o meu arrojio ainda)  
 A tua mão beijei formozza e linda;  
 mas, infeliz de mim! tu me fugiste....

AUGUSTO QUEIROZ.

## O CAÇADOR

Mal que aurora luz fagueira,  
 Por meu cão fiel seguido  
 Levo a arma companheira  
 E das pompas esquecido  
 Transponho contente os montes  
 E descanço junto ás fontes,  
 Dos bosques sou o senhor!  
 Por feliz que o grande seja,  
 Eu não lhe tenho inveja,  
 Feliz é o caçador!

Que livre elle é nas florestas!  
 Que ar tão puro alli aspirat!  
 São alli as suás festas,  
 Se é poeta toma a lyra,  
 Solta o canto em liberdade  
 E de Deus na immensidade  
 Emprega a imaginação;  
 Eis sente a caça e repara,  
 N'um instante a arma despára,  
 Busca, busca, diz ao cão.

Não trocava por um solio  
 Venturas do caçador;  
 Ha n'estas selvas mais vida,  
 Mais saudade e mais amor!

Nos vastos salões doirados  
Reina a intriga, a vil inveja;  
Mas aqui por entre os bosques,  
Da paz o genio adeja;

N'estas solidões não lembram  
Riquezas, luxo e vaidade,  
Aqui, entre a natureza,  
Só se preza a liberdade!

Quanto é magestoso e bello  
Vêr nas montanhas raiar  
O formoso astro do dia  
E vel-o esconder no mar!

E vêr como a noute estende  
Seu manto sobre a natura,  
Vêr a lua após no lago  
Mirar-se formosa e pura.

E nas aldeias sósinho  
Volve alegre o caçador,  
Ora canta, ora suspira!  
Fel-o a selva trovador?

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

## UM SUICIDIO COM FLORES

A EXM.<sup>a</sup> SNR.<sup>a</sup> D. EMILIA ALVES RODRIGUES

(De pag. 27)

Martha, tirando os olhos do crystal, pas-  
seou-os por todo o quarto, e ficou admirada da  
scena, que lhe ia em roda. Ergueu-se para co-  
nhecer a causa d'aquelle phenomeno, e levantando  
com a cabecinha airosa as ondas do cortina-  
do, foi debruçar-se na janella. Então um espe-  
taculo indiscriptivel feriu o lume de seus olhos.  
Um magnifico clarão illuminava um unico pon-  
to dos vastos horisontes. A lampada do dia  
baixava sobre o mar. Dir-se-hia um vaso immen-  
so de fogo no altar da natureza. No meio de  
todas aquellas nuvens luminosas, que tumul-  
tuavam como um pó de carmim, destacava-se  
o olho do sol, como um nó de lume que atasse  
as cortinas do poente. Quem não ficaria exta-  
tico diante d'aquelle grandioso painel! Martha,

na sua arrebatadora contemplação, parece que  
susteve o respirar convulso, tanta era a sua  
immobilidade. Levada pela curiosidade infantil,  
tão subitamente viera para a janella, que nem se  
lembrara de encobrir o descuido de seu traje.  
Quanto não se affligiria depois, só de lembrar-  
se que alguém que a visse a censuraria da ne-  
gligencia do seu pudôr?... Mas a rua estava  
solitaria como de costume, parecia um caminho  
d'aldéa.

E Martha continuava na sua muda cogita-  
ção. Esquecida de tudo o mais, quem a visse  
houvera de a julgar petreficada. Apenas a mão,  
que ainda sustentava o pente, dilatou insensivel-  
mente os dedos, e este foi cahir no lageado da  
rua. Ao pequenô ruido que produziu na que-  
da, Martha acordou sobresaltada; e ainda em  
maior sobresalto ficou ao vêr um gentil man-  
cebo, que passando n'esse instante, debaixo  
da janella, o apanhou e, depois de se sorrir  
para ella, o foi entregar ao criado, que estava  
á porta. Quem podera descrever a confusão de  
Martha? Com os cabellos soltos fez veus de  
pudicicia, e cheia de vergonha, como que se  
escondeu entre as cortinas. Mas um desejo,  
na apparencia, inoffensivo, e no fundo, gerado  
por Satanaz, a fez lançar vistas para fóra, para  
reconhecer o salvador do seu primoroso pente  
de tartaruga. Este, que tambem fitava as janel-  
las, pôde colher-lhe os seus olhares, e furtar-  
lhe um sorriso.

Aquella troca d'olhares, simples, passagei-  
ra, instantanea, quasi que fez delirar Martha.  
E no entanto que tinha ella visto? Quasi nada...  
Um mancebo, um coronel de cavallaria.

Rapida metamorphose se passa na sua vi-  
da. Ella a descuidosa das festas, anheia agora o  
brilhantismo das salas, e parecem-lhe seculos  
as horas que medeiam até entrar no baile. Des-  
conhece-se a si propria, e não sabe nem pôde  
dar razões de si. O que soffre é inexplicavel. O  
lenitivo do seu mal é de se buscar no turbilhão  
dós galopes, na musica delirante das walsas. Pe-  
la primeira vez sente a sua consciencia a ta-  
tear nas sombras.

Martha, finalmente, entra radiante na sala,  
acompanhada de sua mãe. Os leões volvem-se

todos para ella. Descubrem-lhe mais um pouco de garbo audacioso, que não tinha. Todos lhe dirigem amabilidades, a que mal sabe corresponder porque, no estado em que se acha, as não comprehende. Aceita o primeiro braço, que se lhe offerece. Dança com furor, mas ainda não acha ali o seu refrigerio. Sente o desespero e o aborrecimento ao mesmo tempo. Abre as janellas, que deitam para o jardim, mas o perfume das flôres ainda mais a estonteia. Foge ás amigas, e ás impertinencias dos seus adoradores. Pede copos d'agua, derrete com soffreguidão os sorvetes, mas sempre a mesma sede. Assenta-se ao piano, toca com delirio, uma chuva de palmas a festeja. Foge dos applausos. Vagueia pelas salas, a vêr se sente cansaço, e, cada vez mais, sente ancias de passeiar. O inferno desenha-se-lhe, pela primeira vez nos olhos, o desespero crepita-lhe nos labios. E todos os que a veem passar a cobiçam e a namoram, sem lhe importarem do que soffre, sem lhe adinharem o que padece. Quem terá pena d'aquella alma?

A noite já vae alta. No relógio da escada soaram tres horas. Onde está Martha? Já lhe acabaria o phrenesi? Não vagueia nas salas, não entra nas danças, não percorre com os dedos o teclado do piano.. ter-se-hia ido embora?..

Inda é cedo para recolher. O baile é agora que está mais animado. Agora é que as rozas começam a perder o brilho e as mulheres a endeusarem-se. Agora é que os lumes vam esmorecendo, e os olhos mais fulguram. Agora é que os seios escurecem a alvura das rendas, que os velam. Agora é que os diamantes se envergonham e se confundem, ao estalar dos labios, que mostram, n'um riso, as perolas de não sonhado thesouro. E Martha não havia de esquivar-se a tantas seduções. Não havia de partir o êlo, que a prendia á corrente inevitavel. Não havia de desfazer-se, como resequi da flôr, na grinalda, que a enlaçava. Não. Não!

Musicas da festa, calae-vos por um pouco. Ruidos vagos ide susurrar ao longe, que só vos escutem os echos esmorecidos da soledade. Retintim dos crystaes, accomoda-te. Libae em silen-

cio, ó convivas, emquanto que ao fundo da sala, um pequenino grupo, conversa no ideal.

Vede-a, vede-a, recostada, na sua poltrona carmesim, com uma das fransinas mãos amparando a fronte e com a outra apertando a branca luva d'um moço, que ao seu lado abraça os mesmos pensamentos, desfolha as mesmas illusões, alarga os mesmos horisontes e fita a mesma estrella. Deixai-os cogitar bem, no infinito, que mal comprehendem. Não os interrompaes, no seu colmeiar poetico. Sylphos do prazer não esvoegeis em torno d'esse par, a quem a mesma coroa serve de grinalda, a quem a mesma rosa serve de perfume. Deixae avultar somente aos seus olhos fascinados, os phantasmas nebulosos do amor.

Mas o baile continua cada vez mais ruidoso. A's compassadas quadrilhas succederam os galopes, e as walsas delirantes. Parece que havia um thyrsos, diabolicamente escondido, a reger aquellas danças. Tudo voava em roda do salão. Ninguem era ali, que fosse mudo e quieto.

(Continua).

VITERBO.

## ESTROPHES

Com este titulo vae brevemente entrar no prelo um volume de poesias de que é author o snr. Alberto Pimentel.

### PREÇOS

Para o Porto 200 reis, provincias 240 reis (adiantados).

Assigna-se na Praça de Santa Theresa n.º 63, ou em qualquer das livrarias d'esta cidade.

## O FILHO DE DEUS

Este excellente volume de que é authora a snr.ª Fernandes Prata, ainda se acham n'esta redacção alguns exemplares á venda pela modica quantia de 300 reis, contendo o livro 152 paginas de leitura.

PORTO: 1866—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Theresa, n.º 63.

## A QUESTÃO LITTERARIA

(AO MEU AMIGO A. A. P.)

O meu amigo já leu o *Poema da mocidade* do Pinheiro Chagas? Já, de certo. E a carta do Castilho que remata o livro?... Sempre é bem estúpida a minha pergunta! Pois quem ha ahi que tendo lido o poema não lê-se tambem a critica litteraria que lhe é feita pelo sublime cantor da Primavera?!

Mas... vamos ao caso.

Encontrou na carta do Castilho alguma offensa á dignidade da eschola Coimbrã? A este respeito declaro-lhe que já a tenho lido uma porção de vezes, mas ainda não me foi possivel dar com o insulto, a que respondeu com tanta arrogancia e atrevimento o Anthero do Quental.

Como sabe (pois não ha ninguem que o ignore) o author das *Odes modernas* dirigiu ao primeiro poeta portuguez uma carta com o titulo *Bom senso e bom gosto*, cuja leitura muito me indignou, e, certamente, o mesmo terá acontecido a todos aquelles que prezam o primeiro vulto litterario do nosso paiz.

Julguei que ainda se podia defender uma questão sem que fosse preciso empregar as armas do insulto, que tão mal ficam a quem faz uso d'ellas; porém a carta de que fallo veio mostrar-me o contrario.

Apoz este do Anthero do Quental vieram a lume muitos outros escriptos dos defensores das duas parcialidades, entre os quaes os de mais merecimento são a *Litteratura de hoje* do Ramalho Ortigão e as *Vaidades irritadas e irritantes* do Camillo Castello Branco. O quanto valem estes dous escriptos dil-o o nome dos seus authores. Ambos elles defendem o Castilho, o qual deve estar muito satisfeito, porque as melhores pennas que possui o nosso paiz se

teem agrupado á volta d'elle, rebatendo as injurias aggressões da eschola Coimbrã.

Appareceu tambem, sobre a questão, um folheto em verso do Urbano Loureiro, administrador do *Bocage*, jornal satyrico que fez a principio tanta bulha, mas que hoje só merece o desprezo da gente seria.

A quem não tiver lido já algum escripto d'este rapaz, bastará dizer que foi collaborador do *Raio* para que se possa ajuizar do seu modo de escrever.

A composição d'elle que tem mais o cunho da seriedade é — Um drama, romance original publicado no *Luiz de Camões*, mas que o seu author não chegou a acabar, porque, certamente, não se julgou capaz de escrever em estylo sério.

A respeito d'esta sua ultima producção que se intitula *Questão de palheiro* dizia o *Comercio do Porto* o seguinte:

«Tem o merito de fazer rir, cousa que não adianta nem atraza a questão.»

Eu por mim direi que nem graça achei a tal escripto, e ha mais alguem que seja da mesma opinião, senão veja-se o epigramma que compoz um poeta depois de lêr o tal folheto:

Tambem o pobre corcunda

quiz metter-se na questão:

de todas a mais insulsa

foi a sua producção.

Outro poeta disse tambem que os escriptores, que teem sido seringados pelo *Bocage*, estão vingados com esta publicação.

O meu amigo quer que lhe diga a minha opinião ácerca da questão que se levantou entre as escholas de Coimbra e de Lisboa? Pois olhe, vou fallar-lhe com muita franqueza. Na verdade não posso deixar de dar razão ao Cas-

tilho, porque já li as *Odes modernas* do Anthero do Quental e cheguei ao fim sem entender o que tinha lido; e o mesmo aconteceu a um meu amigo que m'as emprestou.

O author das *Cartas do Echo e Narciso* não fez mais do que recordar o artigo que trata da *clareza* no Manual do Estylo, o qual diz assim:

«E' a clareza a primeira das virtudes do dizer: porque, por mais finos, delicados, profundos ou sublimes que sejam os pensamentos, serão, se não forem entendidos, tão apreciados como a belleza de um quadro posto ás escuras.»

A. J. F.

## CARTAS DE LISBOA

### III

Tinha eu começado a minha antecedente carta por fallar muito de leve na polemica que ahí se travou entre os senhores, Castilho, Quental e Roussado, e estava longe de pensar que as poucas palavras que a tal respeito disse me serviriam ainda de preambulo para me intrômetter em uma questão, de que eu desejára fugir. E' por conseguinte, bem certo, que o homem põe e Deus dispõe.

Regressava eu d'uma digressão ao campo, aonde me havia esquecido completamente da polemica do snr. Castilho, porque no campo não se dá apreço a taes questões, quando vi annunciada uma carta do snr. Rui Porto-Carrero ácerca d'esta polemica, que, em vez de perder de força durante o tempo que estive ausente de Lisboa, tomou mais vida e deu margem a novos escriptos.

Fui, pois, solícito em comprar a carta do snr. Porto-Carrero, e confesso que cheguei a persuadir-me que o livreiro que m'a vendeu se envergonhára de pedir-me apenas um tostão por um tão importante trabalho... *litterario!*

O homem lá teria as suas razões para se envergonhar; mas eu que não as suspeitava, en-

treguei-me ávido á leitura da mencionada carta, e em menos de dez minutos, tive occasião de lastimar comigo mesmo, que se gastasse tempo em escrever uma cousa de tanta insignificancia, que nem mesmo valeria a pena mencioná-la, se não fosse necessario tolher um pouco o passo áquelles, que, sem competencia e sem illustração, querem caminhar velozmente na carreira das lettras.

O snr. Rui Porto-Carrero pretendeu defender o snr. Anthero do Quental, deprimindo o merecimento litterario dos snrs. Pinheiro Chagas, Manoel Roussado e Julio de Castilho. Seria esta uma toleravel pretensão, se o snr. Porto-Carrero tivesse argumentado com competencia; mas do que s. s.<sup>a</sup> escreveu estavam sufficientemente vingados os impugnadores da chamada escôla Coimbrã...

Na carta do snr. Porto-Carrero, que nem revista foi, porque quasi em todas as palavras se notam erros typographicos, afóra a incompetente virgulação que tem, não se encontra fundamentada a opinião do senhor Quental, e nem tão pouco se vêem combatidas as doutrinas dos seus adversarios.

É uma d'aquellas *defezas* que compromettem o defendido, fazem conhecer o defensor, e collocam em bom terreno os aggressores!

Nunca me pareceu bem a contenda litteraria que ahí se armou depois da publicação do livro do snr. Pinheiro Chagas—*O poema da mocidade*,—e por isso não cheguei a dar razão a nenhum dos contendores, com quanto folgasse muito com a apparição da primeira carta do snr. Anthero do Quental, porque eu sempre folgo quando vejo que o talento não se humilha ante o talento, que, na republica das lettras, não se olham aos annos, mas attende-se ao merecimento.

E não me pareceu bem tal contenda, porque não vi motivos para a encetar, e nem fortes argumentos para a sustentar, quer do lado do snr. Quental, quer do lado do snr. A. Feliciano de Castilho; mas, chegadas as cousas ao ponto a que chegaram, entendo que quem mais airoosamente sahiu do debate, foi o snr. Quental, e que não era preciso apparecer a carta do

snr. Porto-Carrero, para o publico avaliar o merecimento do author das *Odes modernas*.

A carta do snr. Porto-Carrero não esclareceu cousa alguma a questão. Servindo-me das proprias palavras do snr. Porto-Carrero, direi que *le-la e não vêr, é uma e a mesma cousa*.

Posto isto, passarei a outros assumptos.

O snr. E. A. Vidal, publicou um volume de poesias com o titulo *Folhas Soltas*, que alcançou excellento acolhimento do publico.

N'este livro reuniu o snr. Vidal algumas lindas poesias que andavam publicadas dispersamente, e apresentou-nos outras que não menos elevam o merecimento do distincto poeta.

As *Folhas Soltas*, dão um grande contingente para se vir a apreciar dentro em pouco, a poesia que interessa verdadeiramente, aquella que, singela e suave, exprime em inspirados cantos a paixão do amor, e em que as creações do poeta que se apresentam cheias de fogo e de sentimento.

Nos theatros tem havido ultimamente alguma animação, o que nem sempre acontece, principalmente no theatro de D. Maria 2<sup>a</sup>, que costuma *cançar* o publico com peças já muito vistas.

Em S. Carlos, tem-se sustentado o *Fausto*, que os portuenses tiveram occasião de vir ver nos dous ultimos dias santos aproveitando-sé da facilidade e barateza do transporte que a companhia dos caminhos de ferro portuguezes lhes offereceu.

Tambem se tem cantado a *Vestal*, opera do maestro Mercadante, que não tem tido exito muito feliz.

Ensaia-se a *Filha do Regimento*, em que Volpini deve sobresahir.

Parece que teremos depois da *Filha do Regimento*, o *Baile de Mascaras*, linda opera de Verdi, que agrada sempre, ainda mesmo que não seja na estação carnavalesca.

Em D. Maria tem se representado algumas comedias novas, e está agora em scena o drama — *Os Canteiros*, original de Alexandre Dumas, e que está muito satisfatoriamente traduzido.

N'este theatro começaram já os bailes de mascarar, que devendo ser os mais decentes,

são os menos toleraveis, de tal modo o senhor commissario dispõe as cousas que dizem respeito á direcção do seu theatro...

No *Principe Real* tem-se representado com applausos algumas novas comedias, entre ellas:—*A Condessa de Villar*, original do snr. Florencio Sarmento, *Uma mulher de juiso*, em que se estreiou n'este theatro a actriz Gabriella, recentemente vinda do Brazil, merecendo applausos no desempenho do seu papel, e um proverbio em um acto imitação do meu illustre amigo, o snr. Francisco Serra, e cuja representação tem alcançado muitos applausos.

Com effeito a actriz Clementina vai muito bem no papel que lhe coube no proverbio—*O que o berço dá...* e bem merecidos são os applausos que o publico lhe manifesta todas as vezes que o desempenha.

No theatro das *Variedades* dá-se uma magica, do snr. E. Garrido, que tem agradado bastante, a julgar pelas muitas enchentes que o theatro tem tido.

A *Pera de Satanaz* é, como todas as magicas destituida de merecimento dramatico, mas está escripta com graça, e para a plateia do theatro das *Variedades*, é mais do que boa...

O *Gymnasio* recomeçou os seus espectaculos. Em breve se representará a parodia ao *Fausto* feita pelo meu amigo Francisco Serra.

Estamos proximos ao carnaval. Os bailes de mascarar vão tomando vida, substituindo, e muito bem, os brinquedos perigosos e imprudentes d'outro tempo.

Os bailes de S. Carlos devem estar este anno deslumbrantes. Na sua devida occasião me competirá dizer se o estiveram ou não; por hoje, resolvo-me a dar por concluida esta minha carta. E até breve, minhas interessantes leitoras.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1866.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

## O ECHO DO VALLE

## I

Já o sol tinha descido  
 Por de traz dos verdes montes.  
 Entre as floridas alfombras  
 Da terra, corriam fontes  
 Murmurando tristes ais.  
 E do cimo dos oiteiros,  
 Grandes, negras, desiguaes,  
 Cabiam da noite as sombras  
 D'entre os ramos dos pinheiros.

Não sei que enlevos suaves  
 Sente a alma n'essa hora,  
 Em que o ceu todo descora  
 Quando o sol entra no mar,  
 E em côro trinam as aves  
 Uma saudosa canção,  
 Despedindo a luz do dia!  
 Que doce melancolia  
 Que nós sentimos então!

Sentado junto á ermida,  
 Que jaz entre o salgueiral,

Eu scismava;

Já o sol tinha mandado  
 O clarão da despedida  
 Ás madre-silvas do val.

Eu scismava. Nem sei mesmo  
 Que tempo a scismar levei!  
 Não sei que maguas sentia  
 Na minha alma, não sei!..

## II

E pouco depois fluctua,  
 Entre os ramos dos salgueiros,  
 Um raio froixo da lua,  
 Que subia do levante,  
 Despertei,  
 Despertei n'aquelle instante.

Acordado d'esse somno,  
 Enlevado e delirante

Eu cantei:

«Ou reponte a luz do dia,  
 «Ou venha subindo a lua,

«Em minha alma fluctua  
 «Nuvem de melancolia!...

«Raio de morte me fira,  
 «Ou se mude o meu destino...  
 «Nem sabem vibrar um hymno  
 «As cordas da minha lyra!...

«Alma triste não se inflamma?  
 «Dize, ceu, que hei-de fazer  
 «Para sentir do prazer  
 «No meu peito a luz, a chamma?»

E ao longe murmurou: *ama*  
 O echo d'aquelle val.  
 E a lua cheia doirava  
 Os ramos do salgueiral.

Dezembro—1865.

ALBERTO PIMENTEL.

## UM SUICIDIO COM FLORES

A' EXM.<sup>a</sup> SNR.<sup>a</sup> D. EMILIA ALVES RODRIGUES

(De pag. 39)

O' Martha, porque te não sentes interrompida com este bulicio? Não se estropeam as notas do teu hymno? Não se derramam os lumes da tua ideia? Não imaginas que, d'envolta com as tuas vozes, pôde ir em direcção ao ouvido do teu amante uma palavra, que não seja tua, e que outra mulher proferisse ao longe? Não era melhor que o silencio fosse o unico confidente do teu colloquio cheio d'eloquencia?

Que impossiveis te estou eu pedindo, ó Martha! Quem, depois de se ter debruçado no barco, e cahido ás ondas, despreza a taboa que se lhe afigura de salvamento? Qual é a roza que fecha o calice, quando o orvalho do ceu lhe está cahindo por cima? Quem derrama o oleo do candil, quando lhe começa a anoitecer no caminho?

Mas uma pergunta de v. exc.<sup>a</sup> me vem interromper. Se eu tivesse pensado que v. exc.<sup>a</sup> não adivinhara quem era o elegante mancebo, que tanto captivava Martha, já de ha muito lh'ó houvera declarado. Fallemos sériamente. V.

exc.<sup>a</sup> ainda não advinhou? Assim sabe tão pouco comprehender os mysterios do coração? Não crê na influencia d'um elhar passageiro? Pois eu vou-lh'o revelar. O mancebo era o heroe que figura, n'este conto, por causa d'um pente. Era o coronel de cavalleria.

O baile vae quasi findo. Nas salas meio desertas corre o murmurinho d'uma saudade, que deixaram, ao partir, os que se banquetearam, não só nas eguarias, mas no riso, na dança, na musica, e no amor. A alvorada quer vir substituir os lumes das placas e das serpentinhas. Na sala do convivio, ha risos soltos de embriagados, e ditos truanescos de poetas vilões, que mercadejam a lyra servil por uma garrafa de malvasia. A banda marcial abandona o pateo e vae tocar a musica da orgia nos baixos escondrijos do palacio, entre os taboleiros de doce, e os cangirões espumantes. Os criados esquecem o serviço das salas, e vão descançar para a cozinha.

Martha ainda se não retirou. Ainda continua a tecer o seu mystico enlace. As mulheres, que se vão retirando, zombeteam, os homens riem-se, e todos o fazem por ciume. É preciso que sua mãe a vá accordar d'aquella especie de somno, em que se quizera, de boa vontade, adormentar para sempre.

Como lhe custou aquelle apartamento! A hera despega-se mais facilmente da negra barbacã, a que se enlaçou. A andorinha deixa com menos difficuldade o seu ninho de verão. O nauta abandona com menos tristeza o cazalinho da patria serra, que se descobre do mar.

O coronel acompanhou-as até á carruagem. Depois que ellas entraram, estendeu a mão como signal de ultima despedida, e Martha não teve pejo de lhe pousar um osculo. Apoz a queda do beijo, estendeu a cabeça para fóra da vidraça e murmurou-lhe ao ouvido — Não te esqueças, Augusto, adeus!

— Adeus!

Quando Martha chegou a caza já cantavam as avesinhas, na folhagem do seu rendado pavilhão, o hymno da madrugada. Martha, que sempre accordava ao seu gorgear melodiço e tímido, não as escutou d'esta vez. Côro mais

suave lhe andava volitandô lá por dentro do coração. Depois de ter pedido, como de costume, a benção a sua mãe, recolheu-se ao quarto, e despindo os apparatus da festa, procurou adormecer. A vigilia e o cansaço lhe estavam convidando os membros para o repouzo, mas um scismar caprichoso continuava a trazel-a dispersa. Por mais que fechasse as palpebras, descobria sempre um vulto a inquietal-a. Até então bastava pouzar levemente a cabeça na travesseira, para dormir um somno preguiçoso e descuidado. A innocencia lhe colava os ciliós, e lhe passava sobre os hombros o lençol, quando, por algum movimento involuntario se chegava a descobrir. Mas agora uma especie de anjo mau lhe está soprando aos ouvidos as notas d'um hymno, que a fazem delirar. Esquece-lhe a oração da noite; a sua supplica de virgem morre-lhe no coração antes de chegar aos labios; os dedos não se entrelaçam, nem as mãos se cruzam para rezar a prece ao seu anjo tutelar.

Volve-se uma e outra vez. A colcha de damasco azul cae em desalinho. Estende os braços nús sobre os lençoes, e prêga no cortinado os olhos como cheios de espanto. Sem dormir sequer, um grande sonho a perturba. Cheia de desespero ergue-se por fim, e vae sentar-se n'uma cadeira. E' meio dia. Uma criada a vem chamar para o almoço, e Martha, vestindo um trage ligeiro, se dirige, cheia de pallidez, para a meza. Ao vel-a assim tão morbida, e a fronte tão desmaiada, sua mãe lhe pergunta se está doente, mas ella sabe-se desculpar, dizendo que é a fadiga do baile.

E' nullo o seu appetite, e nenhuma as palavras que profere. Findo o almoço, dirige-se novamente ao quarto, e ali se entrega a um devaneio inexplicavel. Abre o seu livro de orações, e em vez de o lér macula as suas folhas com duas grandes lagrimas. Vae buscar já estante os poemas de Garret, e suspira, lendo e relendo aquelles dous maviosissimos e sentimentaes versos, que de per si valem um canto.

Rosa d'amôr, rosa purpurea e bella,  
Quem entre os goivos te esfolhou da campã?

Folheia depois Rodrigues Lobo, e apraz-se de vêr o desespero d'aquelle pastor e tangedor de sanfoninha, que abandona as margens pittorescas do seu Lis, por cauza do fado amoroso, que o persegue.

E agrada-lhe esta leitura, porque ha em si o principio da mesma enfermidade. E é sina de todos os corações acharem cura para o seu mal, no mal identico que os outros vam padecendo.

Martha amava pela primeira vez, e ainda não aprendera a dominar os impetos da sua alma juvenil. O seu amor não era d'estes, que vam despontando pouco e pouco, para depois surgirem brilhantes no horizonte da paixão, sem nevoa, que os tente escurecer. Não era tremulo, cheio de medo, vergonhoso, a receiar de si, e d'aquelle a quem timidamente, se dirige. Não era problematico, obscuro, desconhecido como o de Mario antes de saborear os idyllos magicos da rua de Plumet. Era um amor, que logo na sua origem foi grande. Rebentou despercebido e não houve tempo de o contraminar. Não lhe bastava uma saudade ou uma esperança, uma recordação ou uma promessa. De nada d'isto podia viver. Um nome não o satisfazia. Era um amor sem memoria, que, não sabia decorar as primeiras impressões, para depois d'esta lembrança se poder alimentar. Não conhecia tempo. Fenix, que se queimava, e logo das suas cinzas renascia, precisava de estar a cada instante em contacto com a cauza, que o produzira. Porisso ella vivia n'aquella continua allucinação, n'aquelle deliramento successivo.

Vimol-a entrar no baile agitada, tremula, sequiosa, e depois socegar ao lado de Augusto. Porque se achava novamente auzente, sentia outra vez as mesmas convulsões, a mesma agonia, diminuida apenas pela certeza de que o havia dê ver ainda n'aquelle dia. O coronel promettera, no baile, uma entrevista debaixo da janella, ás 11 horas, quando tudo em casa estivesse recolhido.

A noite felizmente preparou o seu leito de sombras, e a hora marcada, bem tarde, como é de crêr, para Martha, sôou a final. O coronel não faltou. Martha ha muito, que já o es-

perava, debruçada na janella e mal elle chegou parece que sentiu a refrescar-lhe a testa uma nova viração, que foi beber perfumes ás regiões celestes.

Martha, porém, ainda não se julgava totalmente feliz. Tinha ciumes da columna d'ar, que os separava. Queria-o mais perto de si, como se elle fosse o rochedo e ella o musgo, elle o alveo, e ella a torrente, elle a haste e ella a assucena. Apesar do seu amor não ser um amor de fórmias, aspirava conhecer no rosto do seu amante e nas palpitações do seu coração a intensidade com que elle lhe correspondia. Por isso d'um cordão de seda teceu fransina escada, e segurando-a pelas pontas a atirou abaixo, ao mesmo tempo que dizia ao coronel.

— Não te custa fazer um sacrificio, Augusto?

— Porque não dizes antes, se eu quero subir para o ceu da felicidade, que tu me abres, com tanta prodigalidade?... volveu o coronel, trepando ligeiramente os pequeninos degraus,

*Continua).*

VITERBO.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

(De pag. 37.)

VIII

DOIS DIAS DE AMARGURA

Clotilde, depois que o snr. Cunha sahiu do seu quarto, largou o trabalho, dirigiu-se ao mirante e fitou distrahidamente as aguas do rio.

— Hei-de conservar-me livre, murmurou a moça. Já que meus pulsos não sustentam essas grinaldas de flores que brotam de reciproca amisade de dois corações, jámais serão algemados com as pesadas cadêas d'um homem sem amor. Poderei sem ser criminosa, pensar em Paulino, n'esse tempo que já passou: voltar-me-hei toda para o passado, que enche minha alma de

meigas recordações e não olharei para o futuro, que com tão feias cores se me apresenta.

Como sabemos, na Salgueirosa esperava-se pelos filhos do Marquez, no dia 15 de Agosto. Seriam 8 horas da tarde do dia quatorze, quando um cavalheiro se apeava á porta da casa de Clotilde. A menina estava na sala do jantar, aonde o novo personagem entrou.

Era um homem de 60 annos, de elevada estatura. Tinha o rosto comprido e bronzeado com o d'um indio, o nariz aquilino era rematado por uma grande verruga côr de sangue. Os olhos pequenos e penetrantes, tinham uma expressão de maldade que elle em vão tenta modificar com uma hypocrita bonomia que mais repugnante o tornavam.

Clotilde estremeceu ao ver este homem, e o seu rosto contrahiu-se de uma tal maneira que o hospede recém-chegado podia perfeitamente conhecer que a sua visita era insupportavel á dona da casa.

A menina dissimulou quanto pode estes signaes de descontentamento, e dirigindo-se ao homem que acabava de entrar, complimentou-o com politica e severidade.

—O meu amigo não está em caza, minha sr.<sup>a</sup>? Está no seu quarto ajustando as contas a alguns operarios, mas não pode tardar.

—Não lhe causa surpresa a minha visita, sr.<sup>a</sup> D. Clotilde?

—V. s.<sup>a</sup> não causa n'esta casa senão prazer, respondeu a menina, mas uma forte contracção de suas arqueadas sobrancelhas, mostrava que seus labios diziam o contrario do que sentia!

Esta observação fazia-o desconhecido, e um sorriso ironico lhe entre-abriu os labios.

—Agradecido, minha senhora—respondeu elle em tom não menos ironico do que o sorriso; e depois acrescentou:

—Então saiba v. excellencia que eu venho com tenção de me demorar aqui uns dias, para satisfazer os repetidos convites que me tem feito o meu amigo Cunha.

Clotilde não pôde d'esta vez dissimular o prazer que lhe causava a longa visita do snr.

Silva Gomes, e só pôde balbuciar um secco—*muito folgo.*

Uma alegria vingativa fazia brilhar os pequenos olhos do snr. Gomes.

—Ha muito tempo que o marquez de Santa Eulalia, e seus filhos aqui estiveram, minha senhora?

—Teem vindo amiudadas vezes, e espero-os amanhã.

—Pobre marquez, acrescentou o cavalheiro, que desgosto deve ter com aquelle filho tão extravagante! E creio que em nada tem mudado; e a molestia que este anno soffreu foi originada pelo excesso de bebidas espirituosas, e pela falta de descanso, por que, dizem, passava dias e noites successivas á mesa do jogo.

—Vil calumniador, pensava a menina, empallidecendo com a recordação do que lhe tinha dito Eduardo, relativo á causa da molestia de Paulino.

O snr. Gomes observava a donzella, e suppoz que as suas palavras tinham surtido bom effeito, por isso continuou:

O desventurado marquez empenhando a casa, e a sua honra para o filho gastar como um principe, nas suas extravagancias! .. O rosto de Clotilde de pallido que era, tornou-se escarlata, e a menina, indignada respondeu:

Ohi! snr. parece-me que está mal informado porque está mal informado porque tudo quanto acaba de dizer não é exacto; e quando se não sabem as coisas com certeza é melhor não se dizerem, muito mais quando se prejudica alguem.

Tanto estou bem informado, minha senhora, tornou o snr. Gomes, sem se alterar, que sei que o marquez está nas mãos do visconde de Fornos, pelas avultadas quantias que lhe deve, e que não pôde pagar porque a casa está empenhada. O filho tem dissipado por um lado, e o pai tem jogado pelo outro.

O coração de Clotilde apertou-se dolorosamente. Ella sabia que o marquez tinha perdido grossas sommas ao jogo, mas ignorava que as devia ao astucioso visconde de Fornos. Já no baile do marquez, a menina tinha notado com admiração que o visconde tractava o dono da

casa com um ar de protecção e sobrançeria tal, que a surprenderam; mas não sabia attribuir aquillo senão á má educação, e orgulho do visconde. O snr. Gomes aclarára agora o mysterio. Clotilde tremia de ver o Marquez á disposição de uma pessoa como era o visconde.

O snr. Gomes olhava para a menina com uma alegria triumphante. N'este momento entrava na sala o snr. Cunha, sua sobrinha sabiu, e foi encerrar-se no seu quarto.

—Este homem insoffrivel cauza-me um terror que eu não posso vencer, dizia a menina. Como aquella vil alma exulta com a ruina do nobre Marquez! quanto pode a inveja, meu Deus!! Nada poupa a mordacidade d'este homem infame! Como elle calumnia Paulino! como eu pude conter a minha colera ao ouvir-lhe tão falsas palavras!

A minha avergão cada vez cresce mais para esse impostor e não lh'o poder mostrar francamente; não lhe poder impedir que entre n'esta caza, por cauza de meu tio que o adora, porque está illudido, e escuta as suas palavras como se foram um evangelho. E é tão cega a confiança que depozita n'elle, que seriam vãos os meus esforços se tentasse desenganal-o.

N'estas reflexões estava a moça, quando Rosa a veio chamar para a ceia.

—Diz a meu tio que estou alguma coiza encommodada, por isso que me desculpe por lhe não fazer companhia á ceia.

—Quer que lh'a traga aqui, minha snr.<sup>a</sup>?

—Não, não quero ceiar.

O snr. Cunha affligiu-se com os encommodos de sua sobrinha, o snr. Gomes ria-se interiormente do effeito que as suas palavras produziam.

Clotilde tornou a atar o fio das suas penzas reflexões; por fim o seu espirito cansado seduz ao somno, mas nem a dormir achava descanso!

A pobre moça via em sonhos Jozefina coberta de andrajos pedir esmoia para seu pobre e velho pai que estava prezo; Paulino desesperado suicidou-se; e o visconde de Fornos lançou uma gargalhada de escarneo sobre aquelle infortunio!!

Clotilde acordou sobresaltada; sentou-se na

cama, e com a mão tremula desviava a vizão que a tinha perseguido.

Ao amanhecer saltou fóra da cama, e novos cuidados vieram occupar a sua imaginação.

As palavras do snr. Gomes tinham-n'a feito esquecer de que ia tornar a ver Paulino.

—Vou vel-o, meu Deus, mas já não é esse mancebo que eu julgava poder amar; não, não é esse que eu vou ver, mas sim o amante de Eugenia, dizia a menina apertando a fronte entre as mãos.

Acabava de almoçar quando chegaram as filhas do Marquez.

Quem poderá dár uma leve ideia do constrangimento de Paulino e Clotilde durante esta vizita!

Elle já não via na donzella essa vizão celeste que elle contemplava em silencioza admiração; via sómente a futura espoza de Eduardo, e este pensamento tarturava-o. Clotilde não via no mancebo o companheiro da sua infancia, esse joven que ella se ufanava em amar; e de continuo se lhe figurava vel-o já espozo da filha do visconde. Os cumprimentos d'um para o outro, foram frios, um e outro já esperavam por isso. Josefina via com pasmo a indifferença da sua amiga para seu irmão, mas nada dizia. O snr. Anselmo em nada reparou; porém o snr. Gomes que via muito com os seus pequenos olhos, examinava se aquella frieza seria fingida. O rosto do sr. Silvestre denotava receio e descontentamento. Paulino ao cumprimental-o dirigiu-lhe um olhar de tanto desprezo que o snr. Gomes conhece terem chegado aos ouvidos do mancebo as calumnias que contra elle propalava. Esta supposição alterou-o, por que era cobarde como são todos os impostores, e receiava que Paulino lhe pedisse alguma explicação.

(Continua.)

## ESTROPHES

Assigna-se na Praça de Santa Theresa n.º 63, ou em qualquer das livrarias d'esta cidade.

### PREÇOS

Para o Porto 200 reis, provincias 240 reis (adiantados).

PORTO: 1866—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º  
Praça de Santa Thereza, n.º 63.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTORICO)

(De pag. 33.)

V

Os Jesuitas

Decorrera perto de meia hora, sem que o erudito commendador, fosse interrompido no seu agradável colloquio com o grande poeta da antiguidade. Na verdade era notavel! Em pleno seculo XVI, conversar assim com o protegido de Messenas, que viveu lá n'um tempo em que a Chronologia por pouco desenvolvida, poucas reminiscencias poderia inspirar aos apaixonados d'aquelle classismo laconico em que se espraivam os gregos e romanos!

Havia já meia hora que João da Cunha estava só, quando a sua roliça-criada, lhe veio anunciar a visita do confessor d'el-rei, ao padre mestre Luiz Gonçalves da Camara. O bom do commendador desfez-se em cumprimentos e não sabia a que attribuir tão inesperavel, como agradável visita.

—Vossa reverencia por aqui?

—E' verdade, meu caro, se lhe não causar incommodo, vinha tractar d'uns negocios de summo interesse e da mais elevada urgencia.

—Como assim?... — exclamou o commendador recostando-se no espaldar da cadeira e estendendo os pés de tal maneira, que quasi dava um pontapé no jesuita, tenha a bondade de sentar-se. Esteja á vontade.

O padre puchou uma cadeira para junto do amigo de fresca data, e disse-lhe muito pa-chorrento...

—Parece-me que o vim incommodar... aquelle livro aberto...

—Ah! aquillo é o divino Horacio, aquella vigorosa penna da antiguidade, que tão justamente lhe fez tomar o nome dos poetas lyricos.

E abrindo de novo a caixa, saboreou uma pitada, e offereceu outra ao confessor de D. Sebastião.

Este acceitou-a, absorveu-a pausadamente, e

dando dois fortes e estridentes espirros, disse-lhe:

—Pois snr. commendador, v. s.<sup>a</sup> ha-de-me ouvir duas palavras...

—Duas?... Quatro meu querido senhor! Póde fallar... sou todo ouvidos!...

—Pois meu caro, vou-lhe dar uma novidade... o senhor D. Sebastião não é livre senhor de sua vontade...

—Quem, el-rei?—Ah! já comprehendo, mas o seu confessor pode-lhe influir no seu animo juvenil....

—Nada, não digo isso. Longe de mim tal pensamento. A minha ideia agora não é essa...

—Então tenha a bondade de se explicar.

—Snr. commendador, conto muito com a sua dedicação á companhia, e é em nome d'ella que lhe venho fallar...

—Em nome da companhia! De veras! Ah! padre confessor que me enthusiasinou! Um cumprimento da sacra companhia, é mais que apreciada, toca as raias a sublime.

E o commendador, deu sem querer um empurrão ao seu livro favorito, o qual arrebolando pelo chão, ficou aberto no meio da salla, e tendo debaixo de si algumas folhas dobradas. Mas então não deu por isso, e disse de novo ao padre Camara:

—A companhia a cumprimentar-me! Honra disputada até pela propria familia real, que a honra de a ter tão intimamente chegada a si! Diga meu caro, que eu presto toda a attenção.

—Já sabe que el-rei deixou-se prender pelos laços perfidos e traiçoeiros de Cupido. D. Joanna de Castro, a filha do conde da Feira, acaba de operar esse milagre, para nós tão prejudicial e mesmo nociva á nossa desmesurada reputação.

O amo da tia Lourença, ao ouvir aquelle dito ao seu interlocutor, dito que lhe cheirou a modo d'um contra-senso, não pôde conter-se e desatou uma estrondosa gargalhada.

—Pois o padre confessor engola uma petranha d'essas! Como se póde acreditar tal des-tempo?...

—Esse gracejo não vem a proposito, e queira desculpar; mas não honra muito quem o

deu —disse o padre Luiz Gonçalves, um pouco fóra de si.

—Eu ri-me, por que julgo haver innumereáveis razões, até placiveis, para não acreditar n'isso, *primó*, o principe é demasiado novo para lhe passarem taes ideias pela imaginação; *secundó*, o conde da Terra é muito modesto e ignoto para ambicionar um nome real, pessimamente adquirido; *tertio*, D. Sebastião não ia procurar uma dama da camara da avó; finalmente...

—Se com effeito, o meu amigo gosa das faculdades intellectuaes, sinto-lhe muito o procedimento do seu juizo... O principe pôde amar, porque o amor nem olha a idades, nem mede distancias, percebeu?...

—Ora deixe-se de contos; el-rei bem lhe importa isso. É verdade, quantos annos tem a filha do conde da Feira?

—Tem perto de 14 annos, mas para o rei todos olham; é uma rosa que todos se comprazem em cheirar...

—Pois bem; dado o caso que isso acontecesse, aonde quer v. reverencia chegar?

—Eu lhe digo. Eu como seu mestre e confessor, não posso de maneira nenhuma consentir em tal, porque vae inteiramente d'encontro ás ideias que lhe quero inculcar. O denodo e coragem, que lhe inspirei e que tanta propensão lhe achava, desvaneceu-se repentinamente, qual a onda que bate nas fragas, só pelos perfidos olhos d'uma mulher.

—Não vale desesperar, por que isso não passa d'uma vã, e pessima phantasmagoria. Olhe padre Luiz, quando D. Sebastião estiver enamorado...

—Attenda-me v. reverencia, quer que lhe eu indague isso, não quer?

—Oh! meu caro commendador, obsequiaria-me immenso com esse favor. A amizade que v. s.<sup>a</sup> consagra ao conde da Feira, pôde favorecer-o...

—Pois então conte comigo, hoje mesmo o porei ao facto de tudo.

—Oh! homem que lhe poderei fazer em troco de tantos obsequios?

—Uma unica coisa.

—Uma coisa?—Diga o que é, se estiver na minha mão, pôde contar com ella.

—Vou-lhe dizer aqui em confidencia... se se conseguir depôr a rainha e entregar o sceptro ao intelligente e catholico D. Henrique...

—Pois que?... v. s.<sup>a</sup>, snr. commendador, de certo desejava o que acabo de dizer? Tem em mim um criado zeloso e serviçal. Vamos a executar o nosso plano. V. s.<sup>a</sup> tem algum criado em casa? Vamos tratar d'isso. Ha muito que desejava dar-lhe solução, e só agora tenho occasião opportuna...

—Tenho ahi a minha criada. Ó Lourença! —exclamou elle, acompanhando a apostrophe com o sybillante tanger d'uma campainha de prata doirada, que tinha sobre a sua escrivaniha...

Em quanto ella não chegava, o padre Camara, escreveu dois bilhetes, um ao padre Miguel de Torres e outro a Leão Henriques. Em cada um d'elles dava a demonstrar ser necessario o comparecimento de tal ou tal personagem, adstricto ao pessoal da companhia de Jesus, para uma reunião secreta.

Chegou a rotunda Lourença e muito contra vontade, se dignou remetter os alludidos bilhetes.

—Jesus, senhor!—exclamou o commendador—quando viu o seu inseparavel Horacio, jazendo só, abandonado e até maltractado aos pés de todos. —O' meu divino Horacio! seria talvez a *Pérola*, maldicto gaio, que me não dá a fruir senão afflições!...

—Socegue, isso não é nada; amanhã, eu lhe mandarei uma edicção riquissima, obra que pertenceu a D. João III. Foi D. Sebastião que me fez presente d'ella. Está encadernada em velludo azul batido a oiro, tem um *fac-simile* da firma e varios autographos do proprio Horacio, e assignatura de D. João III, do Cardeal D. Henrique, do principe D. João e de el-rei D. Sebastião, todas escriptas por suas proprias mãos.

—Pelo proprio punho de D. João III... do Cardeal D. Henrique... de D. Sebastião? Que livro magnifico, que apreciavel thesouro!... Pois só o autographo da firma de Horacio, valia a

coisa mais preciosa, que o mundo encerra em si!... Que esplendida obra!!--Exclama o commendador cada vez mais attonito e admirado.

—Mas vamos ao essencial. Dizia-lhe á pouco, que como tem familiaridade com o conde da Beira, pinte-lhe a inconveniencia de taes amores e a necessidade de supprimir o campo á tumultuosa refrega do traçoeiro anjo Cupido... Em quanto ao depôr a rainha, esse acto é muito sério e depende de grandes estudos e reflexões, como a apparencia o indica. É verdade, que é mister muito segredo, mas que ha, que a companhia de Jesus não possa levar a cabo? A religião está acima de todos os dogmas humanos.

O santo padre Pio V, cujos poderes são equilibrados pela balança ceeste, pode muito, tanto no poder espiritual como no corporal. Toda a questão depende unicamente d'um breve pontificio forjado *ad hoc*, o que não é difficil...

—Não é tanto assim. É verdade que Sua Santidade, talvez se não negasse a sancionar com a sua approvação a nossa ideia, com quanto ella fosse formada nas regras da mais solida justiça, e que allegassemos razões bastantes para confirmarmos o nosso dito...

—E dado esse passo, que razão poderiamos allegar?

—Que razões? As mais fortes e positivas. A rainha é-nos prejudicial; a rainha váe d'encontro aos nossos projectos, a rainha, finalmente, desvia D. Sebastião do caminho guerreiro por onde o queremos conduzir.

—Ah!--fez o commendador—mas v. reverencia falla bem, o peor é dar-se execução ao projecto...

—Nada ha mais facil. Já mandei chamar grande parte de gente que nos é affeicoad; e depois convocaremos quaes as opiniões necessarias, para bem se resolver a questão.

Ficaram n'isto. O commendador tornou a puchar a cadeira para o sol, fitou os olhos no tectio, e começou a trautear uma área, restos talvez da poesia lyrica dos antigos; talvez o cantico do Mar Vermelho, ou as lamentações de Jeremias... se acaso as soubesse.

O padre Luiz da Camara, começou a pas-

seiar d'um lado para o outro, talvez meditando na execução dos seus planos nefandos. Depois de muito passeiar, abriu uma vidraça e poz-se á janella. A bella *Rua Nova*, apresentava todos os primores. Era um sabbado, dia em que se costuma vêr todas as ruas ostentarem as mais bellas e esplendidas gallas. Via-se trotar um fogoso cavallo, o qual, depois de dar muito coice, ia esbarrar-se contra uma mulher que estava a descascar trigo á porta. Esta começava a descompôr o pobre do cavalleiro que se não sabia conter nos limites da ordem que fazia, que acontecia... Mais adiante viu-se passar um coche castelhano, e toda a plebe e o rapasio, o saudava boquiaberto. Além, estava uma escrava moura, esfregando o portal da sua casa e esparrinhando agua para as pernas dos transeuntes, que muito enfadados, lhe censuravam o procedimento, sob o pretexto de ainda quererem casar.

Eis o quadro que frequentemente se via pelas ruas de Lisboa, e que d'esta vez o confessor d'el-rei pescou tambem. Estava elle meditando n'isto, quando avistou ao longe os individuos que intentava consultar.

Veio para dentro mais satisfeito. O commendador havia começado por dormirar, depois adormeceu; e, quando por fim o padre Luiz entrou na salla, encontrou-o a resonar.

Abanou-o, deu-lhe dois puchões, e outros tantos gritos aos ouvidos, sem que o pobre desse signal de si. Porém, depois d'alguns esforços, sempre conseguiu reanimal-o, mas não sem custo. Ainda assim, bocejou, esfregou os olhos, espreguiçou-se duas vezes e exclamou desorientado:

—Que é lá isso? Eu bem o dizia, o sol negou-lhe os seus raios!...

—Acorde homem, que estão abi já os padres...

—Quaes padres! Eu ainda não morri, nem ienções tenho d'iso... Está boa a chalaça.

—E' o que eu digo. Levante-se d'abi, que já temos os homens á porta.

O commendador ainda queria tornar-se a encostar, mas um violento puchão de campainha, fel-o acordar inteiramente.

(Continúa)

A. P. DO AMARAL.

## ORMIA

Cantar vou ao som da lyra  
D'Ormia gentil e pura  
A infausta, triste aventura,  
Muitos jovens infanções  
Sua dextra ambicionaram;  
Obteve-a o mais pod'roso,  
Dos Lusos o mais famoso,  
Que ostentava mais brazões.

Outr'ora em remotas eras,  
Quando antigos Lusitanos  
Venceram feros Romanos,  
Houve entre elles uma acção,  
Que os Lusos fortes ganharam;  
Mas após—que triste caso!  
Ormia e noivo ao acaso  
Volvem e captivos são!

Captivos por um Romano,  
Que fica tambem captivo,  
Que muda seu genio altivo,  
Ao vêr a dama gentil  
De celeste formosura;  
D'ella os olhos não desvia,  
Encanta-o essa magia  
De seu garbo e graças mil!

De cada vez que a contempla  
Nova perfeição descobre,  
E a custo no peito nobre  
Vae seu amor esconder  
Quer fugir-lhe, mas é tarde!!  
Detem-n'ó fatal destino!...  
Póde a paixão mais que o tino,  
Hade amal-a! Hade soffrer!

Ao vel-a tão recatada,  
Tão tímida e tão modesta,  
Esconder em fim protesta  
Seu amor, pura afeição;  
Mas um dia só a encontra  
Ao luar scismando triste,  
Tão linda a vê, não resiste,  
Pinta-lhe a sua paixão.

Já não supporta o martyrio,  
Não póde callar no seio  
Quanto sente e com receio  
Lhe beija o tremulo pé.  
Faz confissão da sua alma;  
Mas ella o reprehende altiva  
E diz-lhe:—«a triste captiva  
«Nem quebra honra, nem fê!

O mancebo empallidece,  
Como ferido de morte  
E tratado d'esta sorte  
Soltou a gemer um ai;  
Era bello desmaiado,  
Qual uma estatua pendida,  
E a joven enternecida  
Sua fê já quasi traê,

E retira-se inquieta,  
A seu pesar n'elle scisma,  
E já vê por outro prisma  
O mundo, pois sente amor,  
Sente uma triste saudade,  
Não sei que doce ventura,  
Mas envolta n'amargura,  
Que no peito gera a dor!...

Volve triste e suspirando  
O Romano junto a Ormia  
Que findar não deixa um dia  
Sem a vêr, sem lhe fallar;  
Será elle amado agora?  
Seu amor seria acceito?  
Escutar-lhe-hia do peito  
Esses ais que solta ao ar?

Ama Ormia e vacillante,  
Tem o remorso no seio,  
Que lhe accusa o crime feio  
D'uma ingratição tão vil.  
E leva dias inteiros  
Na solidão, no deserto:  
Mas o esposo vê de perto  
Aquelle scismar febril.

E descobrir elle busca  
D'essa tristeza o motivo  
E vae perguntar-lhe altivo  
A origem da sua dor:

A esposa cáe de joelhos,  
Toda chorosa e tremente,  
Inda que está innocente,  
Sem ter crime n'esse amor.

E nada occulta ao consorte  
Que ideia terrível plano!  
Diz-lhe que a sós o Romano,  
N'um deserto pavilhão  
Faça entrar lá n'alta noute  
Que leve um punhal no seio  
E que ao vel-o em doce enleio  
Lh'o crave no coração!

Que a sua fidelidade  
Só lhe prova por est'arte;  
Eis que ella convulsa parte  
Armada com o punhal;  
Váe alta a noite e medonha,  
Semeando a tempestade  
A soturna claridade  
Dos raios entre o pinhal.

E ella tremula caminha,  
Como quem váe para a morte,  
Como quem sem guia e norte,  
Váe a um abysmo parar!  
Soa em fim já meia noute  
Ouviu-a a triste e tremia,  
Frio suor a cobria,  
Sente os membros fraquear.

Meia noite, hora aprazada,  
Para a fatal entrevista,  
Elle a espera e ella o avista  
Ao clarão d'ethérea luz.

—«Eis-me aqui mulher formosa  
«Que heide amar na vida e morte!  
«Santo amor, que n'um transporte  
«Só para ti me conduz!..

«Vinte annos contava, Ormia,  
«Sem que tivesse inda amado,  
«Oh! como era afortunado,  
«Se te não visse. mulher!..  
«Em vão luctei longo tempo,  
«Para ver se te esquecia...  
«Mas nunca! Nunca um só dia!  
«Hora, ou instante se quer!..

«De mim já te apiedaste,  
«Anjo que vens dar-me a vida!..  
«Dize, uma vez só, querida,  
«Se sentes amor por mim!..  
«Se não dizes; então—morre,  
«Morre—dize que eu contente  
«Ao lado teu docemente  
«Quero ter meu curto fim!..

— «Ai, como elle me quer tanto!  
«E eu venho trazer-lhe a morte!..  
«Que estrella a minha! Que sorte!..  
«Ah! Que destino infernal!  
«Que mal me fez em amar-me!  
«Para vir aqui feril-o!  
«Vir traioeira illudil-o,  
«Qual o seu genio do mal!

—«D'amor uma phrase Ormia,  
«Balbuciem os teus labios  
«Que um de teus discursos sabios  
«Seja a estrella do meu ceu,  
«Que a estrada da minha vida  
«Encha de soes multicores,  
«O Santelmo dos amores  
«Que brilha n'este escarceu.

—«Por te amar tive remorsos!  
«Prezo o dever, a virtude,  
«Suffocar n'est'alma pude  
«A minha ardente paixão;  
«Mas accusou-me a consciencia,  
«Notou-me o esposo a tristeza,  
«Ordenando com fereza  
«Do meu peito a confissão!

«Após deu me a penitencia,  
«Aqui vêm por seu mandado,  
«O' quanto elle me é pesado!  
«Vês este ferro fatal!..  
«Era p'ra vida tirar-te!  
«Foge! Foge que eu te salvo  
«E meu peito será o alvo  
«Onde acerte este punhal!..

E logo o crava no seio,  
Cabindo no solo exangue  
E a jorros lhe mana o sangue  
Do ferido coração

Tão linda, na flor dos annos,  
Assim morre a malfadada  
Que só d'est'arte apagada  
Póde ver sua paixão!

E o Romano em brados foge,  
Por montes, desatinado,  
Chama Ormia o desgraçado,  
Não póde a dor supportar!  
Perde a razão, váe sem tino  
Despenhar-se d'um rochedo,  
Cáe n'um abysmo e quedo,  
Não fica ahí! Rola ao mar!

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

## UM SUICIDIO COM FLORES

A' EXM.<sup>a</sup> SNR.<sup>a</sup> D. EMILIA ALVES RODRIGUES

(De pag. 44)

Repetir as phrases, que souberam dizer um ao outro, no socego d'um quarto phantastico, illuminado por a lampada, que arde defronte d'um Christo, nem o soubera fazer a penna d'um Lamartine. Que segredos incomprehensíveis não tem o amor! Que linguagem particular não dá elle a cada amante! Que desordem de palavras, e que perfeição de poemas! Que notas dispersas e que murmúrio de córos! Que rudezas tornadas melodias! Que nadas, e que sublimes ditos! Que tocar fremente de mãos, e que enorme choque d'idéas! Que sombras, que dão clarões! Que tempestades, que geram musicas! Que vagas, que gemem cantos! Que torrentes, que despenham pérolas! Que selvagens, que são Romeu e Julietta, ou Julia e Raphael!

A crua realidade, vem desfazer, comtudo aquellas teias de douradas illusões. O momento de partida urge. O coronel vae, cheio de melancolia e de tristeza, a retirar-se, mas sente-se prezo pela mão de Martha, que o leva diante da Virgem, e fazendo-o insensivelmente ajoelhar, lhe brada.

«Oh! não te vás ainda embora, sem que jures diante d'esta imagem da maior santa, que me tens amôr. Diz a quem amas á mais perfeita das mães, á mais pudica das esposas. Ella, a amante de Deus, ha-de regosijar-se da nossa união, vinculada pela castidade. Pelas suas lagrimas de mãe, e pela sua corôa de rainha das santas, jura comigo um amôr eterno. Pela sua virgindade, jura que será puro e sem nodoa. Pelo seu manto d'estrellas, pelo seu throno de saphiras, jura ainda que hade sentir o vivido reflexo de todos os teus bons affectos!»

O homem mais rude sentiria um como influxo, vindo da parte de Deus. O coronel não se póde esquivar áquelle predominio santo e chorou.

Martha parecia ter augmentado d'estatura. Quem a visse, n'aquella arrebatadora posição, com um dos braços apontando para a Virgem, havia de julgar que Deus lhe tinha collocado nos hombros as grandes azas d'um Serafim.

Apoz isto, Martha voltou, acompanhada do seu amante, para a janella e ainda mais commovida lhe accrescentou.

—Vês?... a lua vae-se sumindo pouco e pouco n'aquella curva azul escura, que se chama o ceu. As estrellas anoitecem os seus pallidos lumes, e apenas a percursora da manhã conserva o seu facho acceso. Além o firmamento vai-se aclarando e na crista das montanhas apparecem umas delgadas palhetas de ouro. As brisas da madrugada saccodem o orvalho das folhas das copadas arvores, e rorejam a relva dos prados. Os melros, as cotovias, e os rouxinoes afinam as suas flautas invisíveis. As ribeiras e as cascatas despem o seu manto de vapores. Pelos esmorécidos lumes da noite, que vae findar; pelo alvôr da madrugada, que disponenta; pelos murmúrios, com que principia mais um dia, que hade festejar e dar louvores á nature-

za; pelo céu, pela terra e pelo mar; pela sombra e pela luz; pelos astros, flores do ceu, e pelas violetas flores da terra e que não vemos, mas cujo perfume nos embriaga; pela harmonia e pelo confuso murmurar de vozes; por tudo isto, que se chama Deus; juremos, que nos amamos!»

«Sim, sim! juremos, juremos!.. respondeu o coronel entusiasmado, e atirando-se d'um salto da janella abaixo, como querendo fugir do canto fascinador d'uma sereia!

*Continua).*

VITERBO.

Não sabeis, senhora minha,  
O fogo que me devora?  
Porque sois cruel rainha  
Do meu coração, senhora?..

Morto me traz esta vida,  
Que mais me parece morte...  
Vou, como barca perdida,  
Vogando sem leme e norte.

Leme da minha existencia  
Seriam os vossos olhos,  
Se tivesses a clemencia  
De me salvar dos escolhos...

Os vossos olhos, senhora,  
Têm vida e não me dão vida!...  
A minha sorte melhora  
Por quem sois, senhora querida...

Ha fogo no nosso peito,  
Só para mim é de gelo!  
Ser tão esquiva é defeito,  
E vós escusaes de tel-o...

E' bem cruel minha sorte,  
Que de vós depende agora!..  
Sentença de vida ou morte  
Heis de dizel-a, senhora.

Se fordes, senhora minha,  
Grata e boa a quem vos ama,  
Sereis a melhor rainha,  
E a mais formosa dama.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

**Ephigenia do Carvalho Sousa Telles**

(De pag. 37.)

As horas d'esse dia passavam com vagorosa lentidão para os dois pobres namorados, que a intriga tentava desunir! Um e outro sofriam, porque ambos duvidavam!.. faltava-lhes a fé, e deixavam murchar as esperanças, que desde a infancia acalentavam.

Paulino quiz ainda fazer uma experiencia, e disse a Clotilde.

—Estivemos hoje para vir acompanhadas do filho do barão do Franco.

A menina corou sem saber porque. O mancebo proseguiu:

—Não lhe parece, minha snr.<sup>a</sup>, que já deviam ser bastante fortes os motivos que impediram Eduardo de vir á Salgueiroza?!

Clotilde ficou admirada do tom de amarga reprehensão com que eram ditas estas palavras! Ella sabia, por Jozefina lh'o haver dito, que o filho do barão, havia ido para casa do visconde de Fornos, e attribuia as espressões de Paulino, a ciumes que tivesse por Eduardo ir a caza de Eugenia; e algum tanto resentida, respondeu:

—Não posso conceber o motivo em que possa fundar essa inclinação de Eduardo pela Salgueiroza, pois só cá veio uma vez.

De tarde, a filha do marquez propoz um passeio; ella queria a todo o custo distrair a sua amiga e seu irmão, da tristeza em que os via sepultados. A menina suspeitava alguns *arrufos* entre os dois jovens, mas não ouzava interrogal-os

A lembrança do passeio foi accete por todos; e Paulino pediu para que fossem á Ermida

da Serra; e, voltando-se para as duas senhoras, disse-lhes:

—Eu quero cumprir a promessa que fiz quando estava em Coimbra.

—Ha-de-nos acompanhar á Ermida? perguntou Clotilde.

—Sim, minha senhora.

—Lembrar-se lá tão longe d'um sitio de tão pouca importancia!

Para mim, minha snr.<sup>a</sup>, é um logar rico de recordações, tornou o mancebo. Ella nem já se lembra d'aquelle tempo ditozo da nossa infancia, pensava Paulino com amargura, já se não lembra senão de Eduardo!

Como ella ha instantes dizia resentida, que elle só tinha aqui vindo uma vez!!.. Como ella o ama; e elle não saber apreciar aquelle amôr! chamar-lhe pobre!...

Clotilde pensava tambem a seu modo, e murmurava:

E' o que eu tenho supposto; elle para mim só tem amizade; estes sitios só lhe podem recordar os nossos brinquedos infantis: Essas sensações fortes; essas recordações arrebatadoras que cauza o amor.... essas só lhes motiva Eugenia!

Assim estes dois desgraçados, atormentavam-se por se não comprehenderem.

No fim da ceia todos se dirigiram para os aposentos que lhe estavam destinados. O quarto de Paulino era proximo do jardim: a noite estava lindissima, e o calôr no quarto era excessivo; o mancebo desceu para o jardim depois de ter passeiado algum tempo, passou debaixo das janellas do quarto de Clotilde. Vio com surpresa os amores perfectos, as flores predilectas da menina, arrancadas.

—Não lhe ligava importancia alguma; disse o mancebo suspirando, e eu que tenho guardado religiosamente estas duas flores que ella

d'alli colheu para me dar! E dizendo isto tirava d'uma carteira dois amores perfectos ressequidos.

O mancebo beijou-as com apaixonado transporte, e acrescentou:

—Como eu vos estimava, pequenas flores, suppondo que ereis a imagem do sentimento que ella me consagrava! Como eu vivia illudido, Santo Deus!

—Que calôr me abraza a fronte, murmurava o pobre moço fechando a carteira, e passeiando apressado; o maior ardôr me queima o coração! sinto que esta paixão mal correspondida, me vai queimar o os liames que me prendem a vida... Oh! Clotilde, Clotilde, como me fazes soffrer! E os braços do pobre moço, erguiam-se supplicantes em direcção do quarto da donzella.

(Continua.)

## NOVA TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.<sup>o</sup>

63—Praça de Santa Theresa—63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, programmas, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, letras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

PORTO: 1866—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.<sup>o</sup>  
Praça de Santa Thereza, n.º 63.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTÓRICO)

(De pag. 61.)

## VI

## As maquinações

O erudito João da Cunha subiu ao andar de cima e lavou-se bem lavado, para não parecer que tinha dormido. Loucura do mundo! Nem que o dormir fosse crime. Mas que querem? Está isto introduzido entre nós de tal maneira, que qualquer pessoa, deitando-se a dormir, tem de lavar-se *expres* para que as linguas da porta não tomem aquella eventualidade para assumpto das suas conversações. São costumes portuguezes e portanto como taes hão-de persistir a travez do immenso veu dos tempos.

Entrou a luzida companhia. Trocaram-se os cumprimentos do costume. O padre Luiz Gonçalves da Camara, confessor e mestre de El-rei D. Sebastião, foi quem tomou a presidencia d'aquella sociedade secreta, e tomando a cadeira que á pouco servira de preguiceira ao commendador, disse :

—Meus senhores, tenho a honra de me dirigir a esta illustre assemblea, para fins importantissimos. Em primeiro lugar direi que confio muito na vossa dedicação á santa causa da companhia. Mais vale servil-a que atraçoal-a. Estão de accordo com a minha ideia?

—Sim, sim, podeis proferil-a—diziam uns.

—Contáe com nosco! — exclamaram outros.

—Pois bem, meus amigos, primeiro que tudo é mister socego e tranquillidade do espirito, sem a qual já mais poderemos contemplar a face soberana de Deus. E' necessario fazer todos os esforços para coadjuvarmos a rainha em seus reaes desejos. S. Alteza sente muito a

falta de seu defunto marido, o sr. D. João III de saudosa memoria, e deseja immenso recolher-se ao convento de Xabregas, pelo qual ha muito tempo tem dedicado a sua regia e sempre apreciavel affeição. Pois bem, meus caros irmãos é dever sagrado para nós coadjuvar n'este intento Sua Alteza, a rainha.

—Sr. presidente — disse Miguel de Torres — Sua Alteza ha muito que me tem manifestado esse desejo, porque é a sua mais proporcionada inclinação. Atiendel-a logo, era o meu dever, como catholico romano e subdito fiel, mas como?.. Como executar isso, eu só; e fragil como todos os mortaes?! Entretanto declaro aqui solemnemente, que para bem do estado e para felicidade de Sua Alteza e de todo o reino, abraço fielmente esta causa e espero que todos os membros da companhia, que se acham presentes, a abracem igualmente, porque fica regendo o reino, um principe muito virtuoso e catholico, o sr. cardeal D. Henrique, até á maioridade de el-rei D. Sebastião, nosso senhor.

O leitor, admirar-se-ha de certo, que não passando estes ditos de vis traições jesuiticas, como o confessor da rainha representou aquella scena, menos mal caraterizado; mais talvez senão lembre de que a companhia era capaz de tudo para lograr os seus intentos perversos e que Luiz da Camara, havia, com um signal seu, dado a conhecer isto ao seu collega Miguel de Torres.

Depois seguiu-se-lhe o padre confessor Leão Henriques que, com voz alta e assucarada, *improvisou* o seguinte discurso :

—Senhores, agora sigo-me eu. A opinião da companhia está já perfectamente narrada e desenvolvida pelo professor de S. M. el-rei, e ainda pelo reverendo confessor da rainha, e só tenho a acrescentar que temos em D. Sebastião um perfeito executor dos nossos conselhos. Pela

minha parte não pouparei exforsos nem trabalho para o completo desenvolvimento das nossas *bemfazejos e meritorias* empresas. Sua Alteza o cardeal, é um grande e apreciavel amigo que nós temos, e com o qual seguramente, podemos contar. Seu carinho paternal e maneiras bondosas tem lhe attrahido grandes amisades e immensas sympathias, tanto no reino, como no estrangeiro, e por tanto, esse é o unico que nos convem e aquelle que é mister escolhermos.

—Sim, sim, é necessario ser aclamado regente na menoridade d'el-rei — exclamava alguém.

—A rainha é contra os nossos interesses, é verdade—gritava quasi tudo unisono.

—Deixe-m'o-nos de questões—disse muito pachorrento o commendador, segundo o seu costume, tratemos do essencial. Dizer—ponhasse fóra, que nos é desfavoravel—é facil; peor e o que custa é dizer—Olha que canalha esta que não faz mais que palrar! Eu com um só sopro sou capaz de lançar a soberba abaixo do seu throno e derribal-a a meus pés!—(*riso na assemblea*). E se não ha um destemido que diga isso, os ditos de agora não valem um real.

O confessor de D. Sebastião, não gostou da allusão e replicou com todo o sangue frio.

E' verdade sr. commendador, porque não faz v. s.<sup>a</sup> de valentão, já que tanta graça lhe acha? Estes preambulos não teem servido de nada, pois não é assim?... Ora a culpa tive-a eu em o accordar, se eu soubesse o que vinha a acontecer deixava-o estar a resonar; ao menos servia de trombão, para tocar nos entrevallos da discussão (*riso; e alguns bravos retumbam na sala.*)

O commendador, agora tambem não gostou da chataça mas teve de a ouvir tranquillamente. Se elle se achasse com a edição grande do Virgilio nas mãos, nem o respeito do logar, nem a sua affeição ao livro, o pouparia do trabalho de lh'o atirar á cabeça. Emfim, conteve-se, e portou-se com maneiras de cavalheiro... Tal coisa não era de esperar d'um homem de genio colérico e arrebatado mas entretanto succedeu inteiramente o contrario. O commendador por unica

satisfação puchou a caixa de prata do bolso e tirou uma pitada. O padre Luiz Gonçalves quiz congraçar-se e estendeu-lhe o braço, e elle julgando ser para o rapê, offereceu-lhe uma pitada com toda a pachorra e singeleza.

—Agora que estamos socegados, toca a tomar um character definitivo e irrevogavel. Fale primeiro, o nosso padre Leão Henriques e falle francamente, diga qual a sua opinião a este respeito.

—A minha opinião—respondeu o confessor do cardeal—está bem sabida, é conseguir depor a rainha e aclamar como regente d'este reino sua alteza o cardeal...

—Pois sim, mas eu não lhe digo isso. A pergunta foi. — Qual é o desenvolvimento que vossa reverencia intenta dar ao nosso projectado intento?

—Ah! agora o comprehendo eu, padre confessor. A minha opinião, e segundo creio a de todos é uma petição a sua santidade.

—Qual! Qual!—disse o padre Camara.— Por amor de Deus! Isso daria que fallar no reino, e talvez, que nós não sabissemos bem do negocio. A rainha ainda tem partidarios, porque as praxes do seu systema governante são boas, mister é confessal-o, e só a companhia podem affectar... é um negocio de muito melindre e exige serias precauções.

—Então qual é o seu parecer?—disse-lhe o commendador—quer que uma escolta a vá prender ao paço?... impossivel. Quer que seja assassinada na sua camara?... peor. Que se lance o fogo ao palacio real?... muito peor ainda... Estou ignorando a sua opinião, e careço d'ella.

—E' isso, tem razão, disse o conde da Castanheira—não era mau a rainha ser deposta, por que por causa d'ella é que eu fui demittido, mas é necessario um meio seja qual fôr, para haver coherencia entre nós.

—O nosso caro commendador já enunciou muitos meios, mas nenhum d'elles pode valer; uns por muito arriscados, e sobre-maneira perigosos, e outros porque não só a perderiamos, mas tambem com ella morreria muita gente, o que na verdade seria pena...

—Mas então?

—O unico meio possivel n'estas circumstancias era revesti-m'o-nos de muita coragem e resolução, para poder-mos vir a gosar o que agora ambicionamos... mas para isso...

—Acabae...

—Para se isso conseguir...

—Acabae, por Deus, acabae...

—Para conseguir-mos o intento, é mister reflectir, por que sem reflexão jamais se pode vir ás mãos com pessoa alguma. A rainha virá a ser expulsa, quanto antes. D. Sebastião já hoje será aconselhado da necessidade da abdição da rainha sua avo. Por seu coração entusiasta e pelo bom desempenho da sua parte fico eu, o peor é o conde Pedro das Alcaçovas Carneiro que como ministro pode influir bastante...

—Pois se o conde Alcaçova é ministro d'estado?

—É verdade, já está assignado o decreto. O duque d'Aveiro desistiu, e portanto, só elle é que foi o escolhido pela rainha.

—Então estamos bem — disse Miguel de Torres, porque o conde é dos nossos. Quando ouvi dizer que o duque d'Aveiro não tinha accedido a nomeação, fiquei descorçoado; mas entretanto não devemos desesperar porque o ministro actual, não nos é muito avesso.

—Muito bem. Como á pouco dizia, D. Sebastião ficará inteirado das nossas ideias, porque para isso tenho cá uma lembrança que nem um magistrado. Conseguido isso, é um obstaculo que temos de menos. O padre Miguel encarga-se de fazer outro tanto conforme a companhia deseje.

—Assim o prometto.

—Pois bem meu amigo, nada de perder tempo, que tão precioso é. Logo á sahida, falaremos todos tres em secreto. Já aqui estamos ha muito, e já se discutiu o necessario, por tanto a dissolução nos espera. Não se esqueçam do que aqui tratamos; e se acaso acharem alguma ideia, deem-me parte por escripto. Terminarei dizendo, que isto apenas foi uma secção preparatoria. Em breve haverá uma reu-

nião de toda a companhia no palacio dos Estãos, ou no convento de S. Domingos.

E levantando-se da cadeira do commendador, onde estivera muito bem encaixado, disse com voz aflautada.

—Está levantada a secção.

Estas palavras foram o *alamiré* d'uma grande revolução. Soltou tudo com tal rapidez pela escada abaixo, que dentro em 5 minutos não se vi' ninguem na sala.

—Não se me esqueça — disse o padre Luiz Gonçalves ao prepassar pelo commendador — de atalhar os namoricos do principe, porque ainda pode fazer-nos muito mal. Diga ao conde, que tenha olho vivo e mais olho vivo. Se poder veja se d'uma cacheirada mata dois coelhos. Não se esqueça... adeus. Amanhã lhe mandarei o Horacio de que ha pouco lhe fallei.

(Continúa)

A. P. DO AMARAL.

## GUIOMAR

AO MEU AMIGO ALFREDO LEÃO

(De pag. 381 do 1.º vol.)

### IV

A SERENATA

Que linda noite d'estio!  
Atravez do salgueiral,  
A lua prateia o rio,  
E o rio prateia o vall!..

Como as flôres estremecem  
Ao sôpro da morna aragem,  
Que suspira entre a ramagem  
Onde as aves adormecem!..

Tanta luz! tanta magia!  
Em nenhuma noite achamos!  
E á noss'alma perguntamos:  
«Será noite ou será dia?...»

O ceu cobriu-se de lumes  
D'um estranhado esplendor!  
A varzea solta perfumes!  
A alma respira amôr!

Um raio pallido da lua,  
 Illuminando a janella,  
 Deixa vêr a fronte bella  
 De Guiomar.  
 Seus olhos negros fitára,  
 Como n'um extasi santo,  
 N'aquelle doirado manto  
 Que envolve o ceu... E pensára.

De repente

Ouve-se ao longe soar  
 Um violão; parece ave  
 Do ceu! Escuta, Guiomar,  
 Aquella canção suave,  
 Aquella terna canção,  
 Que se casa docemente  
 A's notas do violão.

« Guiomar, formosa alveola,  
 « Guiomar, doirada estrella,  
 « Ouve, escuta, a noite é bella,  
 « A lua convida a amar...  
 « Guiomar, tudo é placido!  
 « O mundo parece um lago,  
 « Que reflecte o clarão vago  
 « D'esse teu fulgido olhar...

« Eu não sei, ó pomba candida,  
 « De quanto a vida valesse,  
 « Se minh'alma não tivesse  
 « Um raio do teu amor!..  
 « Eu deliro, eu extasio-me  
 « Ao ver-te! E sinto que logo  
 « Nas veias me corre o fogo  
 « D'um suavissimo ardor!..

Guiomar escuta absorta,  
 Debruçada na janella.  
 Esplende o ceu doirado,  
 Treme ao vento a bambinella.

«Achei emfim uma perola  
 «Procurando o dia todo!  
 «Das azas saccudo o lodo.  
 «Posso erguer-me do paul...  
 «Achei-te estrella fatidica,  
 «D'estio por noite bella!  
 «Se te vejo na janella,  
 «Acho feio o ceu azul...

«Já cansado de martyrios,  
 «Desalentado d'esperança,  
 «Annunciou-me bonança  
 «Um raio de viva luz...  
 «Eras tu, visão esplendida,  
 «Lyrio da balsa celeste,  
 «Que benevola desceste  
 «A tomar a minha cruz...»

V

#### A CANÇÃO DE GUIOMAR

Desencosta-se, recua,  
 Treme d'amor Guiomar.  
 Nem sabe que a espreira a lua,  
 Que as estrellas estão a olhar!..

E corre ao piano a virgem,  
 As teclas gemem após.  
 E' um sonho, uma vertigem!  
 Guiomar desprende a voz:

«Amor! palavra escrita  
 «No mar, no ceu, na terra!  
 «Que fogo n'alma excita!  
 «Que mysterios encerra!

«Amor, fogo suave!  
 «Bebida, que incendeia!  
 «E's invisivel ave,  
 «Que em noss'alma gorgeia!..,

«N'estas noites d'estio  
 «Em tudo eu leio— amor!—  
 «E namorando a flor  
 «—Amor—suspira o rio...

«Se nós os escutamos  
 «—Amor—dizem os ninhos,  
 «Que balouçam nos ramos  
 «A' beira dos caminhos...

«Da varzea no retiro,  
 «Ao roçar na folhagem,  
 «Como em longo suspiro,  
 «—Amor—repete a aragem...

«E eu, ao ver-te, logo,  
 «—Amor—n'alma senti...

«E tambem—amor—li  
«No teu olhar de fogo...»

Estreitara-se o élo! Mais se uniram  
Aquellas duas almas tão singelas!  
Duas vidas que n'uma se resumem!  
N'uma só hastea duas rosas bellas!..

(Continúa.)

ALBERTO PIMENTEL.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL

POR

Ephigenia do Carvalho Sousa Telles

(De pag. 56.)

O mancebo desviou-se de debaixo das janellas, mas foi assentar-se junto d'um caramanchão que lhe ficava em frente.

No quarto de Clotilde havia luz, e a janella toda aberta deixava ver todo o interior d'esse aposento de virgem. A sua dona ainda não o occupava; porém, passados momentos, entraram n'elle as duas meninas.

—Eil-a alli, dizia o mancebo, e vai dormir descansada, sem se lembrar dos martirios que me causa.

Clotilde, n'este momento veio para a janella, e a lua reflectindo em seu rosto, fazia brilhar lagrimas que se deslisavam serenás pelas faces da moça.

—Porque chora ella? pensava o mancebo. E aquellas lagrimas cahiam-me no coração; são doces quando chegam a elle, mas o ciume torna-as logo em amargoso fêl; porque as saudades por Eduardo são o motivo que lh'as faz verter.

Josefina veio tambem para a janella, e seu irmão pôde ouvir o seguinte dialogo entre as duas meninas.

—Tu occultas-me algum segredo, Clotilde. Acaso já não merecerei a tua confiança?

—Estás illudida, Josefina, eu nada te occulto.

—Mas tu és infeliz; não vives satisfeito co-

mo d'antes, e não me communicas a causa dos teus soffrimentos.

—Enganas-te, minha amiga, eu não sou infeliz: a fortuna tem sido sempre para mim prodiga nos seus favores.

O tom de ironia que a moça empregava n'estas palavras, não escapou a Paulino, e com o maior interesse continuou a ouvir.

—Dizes que és feliz, e choras?

—Acaso não sabes que tambem se chora de prazer? Vejo-te ao pé de mim e não posso contêr as lagrimas de alegria que me ressaltam do coração.

—Como tens mudado, Clotilde, e tens mudado em tudo... hoje notei a indiferença com que tratavas meu irmão; e elle da mesma maneira te correspondia.

—Nova illusão tua!! Eu não achei differença alguma em teu irmão, e eu profeco-lhe, como sempre, uma amisade sincera, como se fora meu irmão.

—E mais nada?... Parecia-me que tinha visto no teu coração um sentimento mais vivo...

—Parecia-te isso? pois enganaste-te! Esse sentimento que tu imaginaste ver em mim, ainda o não experimentei por ninguem.

—Clotilde, não julgues que essas palavras me illudem: tu amas alguem, porém vejo com magua que já não achas a tua Josephina digna de ser a tua confidente!

—Como tem esfriado essa amisade que me juravas ser eterna!!

E a filha do marquez soluçava.

—Cruel amiga, tambem tu me queres atormentar?

—Não, Clotilde, não quero, mas pelo amor de Deus, por alma de tua mãe, não falles com essa ironia que me esmaga o coração, porque sei, queres com ella incobrir o estado de tua alma. Falla, minha querida, falla, talvez que eu possa dar-te alguma consolação, ou ao menos partilharei contigo as tuas maguas.

—Não está na tua mão o dar-me alivio, murmurou Clotilde escondendo a fronte no seio da outra menina, mas não quero que me opprimas por mais tempo com o epitheto de ingrata: vou confiar-te parte do meu segredo: Amo sim,

Josefina, amo até com delirio, mas não procures saber a quem! Um dia hade vir em que eu t'ò hei-de dizer... Acredita, Josefina, que esse dia hade decidir da minha sorte. O meu segredo hei-de acabar de confiar ou no auge do prazer, ou no cumulo da desesperação.

—Fazes-me tremer, Clotilde! E é esse amor, infeliz, que te faz verter tanta lagrima?

—Tanta lagrima, dizes tu! acaso podes fazer ideia das que tenho chorado em segredo? Olha, Josefina, ha quasi um anno que o amor entrou triumphante em meu coração, e desde essa época tenho tido poucos momentos felizes; poucos dias se tem passado sem que eu os orvalhe com lagrimas de fêl.

—Que amor tão desgraçado, murmurou a filha do marquez.

Dizes bem Josephina; é muito desgraçado. Se eu o não tivesse conhecido, como a minha vida se teria deslizado placida. Quanto invejo a tua sorte, Josefina, como és feliz tu, e Mendonça, amando-vos mutuamente!

—De certo tenho sido bem afortunada, mas a tua desdita vai transtornar a minha felicidade. Se eu podesse repartir d'ella contigo! Confia na bondade de Deus, minha Clotilde, a fê hade fortalecer o teu espirito, hade fazer renascer a esperança no teu coração.

—E que queres que eu espere?

—Muita felicidade.

—Não o creias, Josefina.

—Vê como a noite vai adiantada. Tu has de precisar descansar; vamos deitar.

A janella fechou-se, e o infeliz Paulino estava ainda como petrificado no mesmo lugar, e repetia com desespero:

—«Ha quasi um anno que o amor entrou triumphante em meu coração! ?...» Não tenho que duvidar; ha tambem quasi um anno que ella viu Eduardo pela primeira vez. E depois o que ella disse: «Se eu o não tivera conhecido...» Mas que será o que a atormenta? não posso comprehender este enigma... E aquella reserva; não querer dizer a minha irmã o nome do seu amante! Tudo isto dá-me que pensar.

O mancebo, preocupado com estas refle-

xões, dirigiu-se para o seu quarto, cada vez mais infeliz, porque estava mais que nunca convencido de que Clotilde amava Eduardo.

No quarto do snr. Cunha passava-se a esta mesma hora outra scena que iremos descrever:

—Não te intendo! pois tu não estás lembrado de me dizeres a ultima vez que aqui estiveste, que minha sobrinha amava o filho do marquez?

—E' verdade que te disse isso, mas hoje tenho-o observado e convenci-me de que me havia enganado, e que o coração de tua sobrinha está livre; e então talvez ella accite a mão de meu sobrinho.

—Experimentaremos, dizia o snr. Cunha, mas agoiro mal do negocio. Já o outro dia o barão de Franco me veio pedir a mão de Clotilde para o filho, e ella regeitou a proposta do barão, e disse-me que não estava com tenção de casar; e até me fallou em entrar para um convento! Tu bem sabes que ella tem uma vontade de ferro.

—É por que a tua é... de lousa, respondeu o snr. Silvestre Gomes, havia de ser commigo, e tu verias como ella mudava! O que se não faz pela brandura e persuasão, consegue-se com a violencia.

—Não gasto d'esses meios, e demais eu estimo muito a minha pupila. Ella ainda não viu teu sobrinho; será bem que elle aqui venha, e depois eu consultarei a vontade de Clotilde.

Os dois amigos assentaram n'isto, e deitaram-se tranquillamente:

O dia seguinte passou sem incidente algum que mereça narrar-se. Nessa mesma tarde as filhas do marquez deixaram a Salgueirosa. Ninguém lhe pediu para que ficassem mais tempo; Clotilde queria pôr termo áquelles dois dias de martyrio.

(Continua.)

A' EXM.<sup>a</sup> SNR.<sup>a</sup> D. AMELIA C. A. M.

(NO DIA DO SEU CASAMENTO)

Inda hontem, pomba candida,  
o casto veu da innocencia  
te cobria a nivea tez;  
e ornavam-te a fronte angelica  
flôrinhas de grata essencia  
que jazem hoje a teus pés...

Em vez de flôrinhas simplices  
tens hoje a da lrangeira  
que ao novo estado condiz.  
Escuta da minha cithara,  
que é sincera e verdadeira,  
um desejo : — **Sê feliz.**

Porto 10 de Fevereiro de 1865.

AUGUSTO QUEIROZ.

## A BOA MÃE

Tradução de Julia da Silva

No meio do mundo, onde o vicio enge-  
nhoso em disfarçar-se toma mil enganadoras  
fórmãs, é que a mais ditosa indole, deve prin-  
cipalmente, ter sem cessar, quem a illustre.  
Quanto mais escolhos n'ella ha, e mais occul-  
tos estão, maior precisão tem d'um sisudo pilo-  
to, a barca da innocencia e ventura. Qual tive-  
ra sido por exemplo, a sorte da menina Troene,  
se o ceu não lhe creara de proposito uma mãe,  
que a par d'ella poucas ha!

Tinha esta respeitavel viuva consagrado á  
educação de sua filha unica, os mais bellos  
annos da vida, e rasão é que saiba quem lér  
esta historia qual foi o calculo que ella fez des-  
de a idade de vinte e cinco annos.

O esposo perdi, dizia ella; já não tenho  
ninguem senão a mim mesmo, e a minha filhi-  
nha para a qual das duas viverei pois, para mim

ou para ella? Para mim ri ainda o mundo, e  
ainda me praz; mas se a elle me entrego, de-  
samparo a minha filha, e aventuro a sua e a  
minha dita. Quero suppor que tenho quantos  
encantos se lhe attribue, a vida tumultuosa,  
e distrahida, que tempo poderei eu aturar sem  
perder-lhe o gosto? Quam poucos dos meus  
annos, que vão correndo, não tenho eu de pas-  
sar no mundo? Quantos na soledade e regaço  
de minha menina? O mundo que hoje me con-  
vida, cedo me despedirá sem piedade, e se mi-  
nha filha fôr esquecida por ella, por exemplo,  
se por meu descuido for desgraçada, qual con-  
solação será minha? Embellezarei, pois, com tem-  
po o meu retiro; farei com que ella seja tão  
aprazivel, como honroso, e sacrificarei á mi-  
nha filha, que para mim é tudo, essa multi-  
dão estranha, a quem dentro em pouco tem-  
po já não serei nada.

De então em diante foi ainda mãe amiga  
e companheira de sua filha. Mas não era coisa  
que se fizesse n'um dia, o merecer a sua con-  
fiança.

Emilia (este o nome que tinha a menina)  
tinha recebido da natureza uma alma capaz das  
impressões mais vivas, e sua mãe que a estu-  
dava sem cessar, sentia em si uma alegria in-  
quieta, quando percebia aquella sensibilidade,  
que tanto mal e tanto bem faz. Ditoso, ditoso,  
dizia elle algumas vezes, o esposo a quem ella  
amar, se for digno da sua ternura, e por via da  
estimação e amizade souber constituir-lhe pre-  
ciosos desvêlos, que ella puzer em agradal-o!

Mas desgraçado d'elle se a humilhar e des-  
gostar! Que offendido o seu melindre para am-  
bos, servirá de supplicio. Vejo que se a mim  
mesmo me escapa qualquer censura, um leve  
queixume que ella não tinha merecido, lagri-  
mas d'amargura, destillam seus olhos, e es-  
morecido seu coração perde o alento.

(Continua.)

## AOS ANNOS

DE

MARIA C. DE QUEIROZ

Eu só vejo reinar paz e felicidade  
 se fito o meu olhar na azul immensidade,  
 aonde brilha o sol;  
 ou se, apurando o ouvido, escuto attentamente,  
 sabindo da flôresta, a voz, o canto ingente  
 que solta o rouxinol.

Tem cadencia o gemer da rola que suspira;  
 o ciciar do vento imita os sons de lyra  
 que fere ignota mão;  
 só eu, que esforços mil emprego n'este dia,  
 não posso traduzir a intima alegria  
 que sentê o coração.

Cessa pois, minha lyra, o canto começado;  
 e tu perdôa, irmã; pois hoje não me é dado  
 cantar o teu natal...

Não é por me faltar vontade, bem o sabes;  
 mas, se o não canto eu, celebram-no as aves  
 n'um canto festival.

Porto 19 de fevereiro de 1866.

AUGUSTO QUEIROZ.

Recebemos uma carta do snr. Martinho Delrio, escriptor hespanhol, em que nos dá noticia de ter n'esta ultima viagem que fez á America, encontrado muitos cadaveres de gigantes de 18, 20, e 22 covados d'altura; e distante duas legoas do sitio acima mencionado, deparou com um monstro que tinha 70 palmos de alto, e cara quasi d'homem. Isto succedeu no anno de 1240!...

Temos um escripto em nosso peder d'um assignante da provincia em que nos pede a publicação. Eil-o:

«Em uma ilha visinha d'Athenas, encontrei o sepulchro d'um gigante que tinha cem covados de largo, com um epitaphio de que collegi ter vivido cinco mil annos. Ignora-se a epoca? Comtudo, segundo escreveu Fuente La Penha, que no tempo do imperador Maximiliano, houve um homem tão grande, que d'uma só vez comia um boi inteiro. Mas eu não acreditando ainda n'este festejado escriptor, menciono outra descoberta feita em Mauritania pelo snr. Gabino, em que affirma, que os ossos d'Anteo, tinham de comprimento setenta covados. E que tal?...

## NOVA TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ PEREIRA DA SILVA &amp; F.º

63—Praça de Santa Theresa—63

Os proprietarios d'esta typographia montada pelo systema moderno, participam ao publico que se encarregam das seguintes impressões:

Romances, jornaes litterarios, progammias, bilhetes de visita ou para diversos estabelecimentos, tanto dourados como prateados, convites a baile, procurações, prospectos, estatutos, letras, circulares, carimbos em cartas, acções, arrendamentos, e bem assim de qualquer especie de impressos, sendo o seu preço rasoavel, affiançando-se a nitidez de todo e qualquer trabalho typographico enviado a este estabelecimento.

PORTO: 1866—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Thereza, n.º 63.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTÓRICO)

(De pag. .)

## VII

## As duas comadres

A tia Lourença espreitou e presenciou quasi toda a scena precedente, por cuja causa deixou queimar o prato do meio do competente commendador.

Depois de ter digerido o seu *apetitoso* jantar, desceu as escadas e safou-se para o andar da rua, mas note-se — sem licença de seu amo — pois elle fi-á-a a dormir.

Apressou o passo tanto, quanto a sua gordura roliça o permitia, e em breve estava na praça do Rocio. Chegou-se a uma casa de humilde apparencia e sem bater á porta, entrou para dentro.

Era um casebre antigo, já arruinado em parte, e ameaçando desabar. Tudo n'esta casa indicava pobreza e indigencia. A tia Lourença penetrou por alli dentro e com a velocidade d'um cavallo fozoso, entrava no interior d'aquella sombria habitação!

— Senhora Gertrudinhas, dá licença? disse ella a uma mulher que alli estava fiando junto do lar onde crepitava a uma grande quantidade de lenha do matto.

— Pois não, comadre, não tem mais que entrar, como sabe á muito, quanto eu tenho e mais o meu filho lhe pertence.

— Obrigada, obrigada. Não ambiciono honras nem grandezas, mas as que a pobreza me dá, são boas de mais. Onde está o seu filho?

— Ah! o seu afilhado, coitadinho, está lá em cima a estudar a lição... custa-lhe tanto aquillo!

— O latim?... Quer não, quer não; que é uma coisa muito boa, assim o diz o meu amo commendador, que o sabe como o melhor menino...

— Deixe-se d'isso, comadre, se não fossem os jesuitas, o meu filho não se matava tanto a estudar para padre João.

— Não diga isso, comadre, isso não são graças! Pois os jesuitas, o pratinho do meio de D. João 3.º, é assumpto para brincadeiras! — Ora por amor de Deus! — Mas o seu filho, onde está o seu filho?

— Está lá em cima — Ó João, anda, que está cá a madrinha — disse a sr.ª Gertrudes, e virando-se para a tia Lourença, disse-lhe: — Elle para que bem o digamos dá-se bem com estes estudos, mas eu, olhe o que são coisas — não posso ouvir-lhe aquella *algaravia!*...

Foi interrompida no seu discurso. O Joãozinho tinha entrado na salla, dizendo:

— Accusativo — *Justos, as, a*, Vocativo — *O justí, ae, i* — Ablativo — *a Justis*. Olê por cá minha madrinha? A que lhe devo tamanho obsequio?

— Vim te ver meu afilhado! Como tu estás fero e guapo! Hein! pareceste muito com o meu irmão que está no Brazil...

— Quem? seu irmão Manoel?

— Sim o Manoel da minha alma.

— Mas elle não foi n'um gallião, para as Indias? O Brazil ainda está quasi inculto...

— Pois isso foi mesmo o que lhe disse e mais o meu amo, que o estimava mais que as meninas dos olhos, mas elle ferrou os pés á parede e ninguem foi capaz de lhe tirar a mania da cabeça. E quem sabe se elle morreria; ha dois paquetes, que me não escreve... pobre Mancell! E a tia Lourença limpou duas lagrimas, que lhe deslisaram pela face.

— Não vale a pena chorar por tão pouco. A comadre é muito ajuisada para que eu a reprehenda, mas enfim desculpe-me a ousadia...

— Ora diga-me uma coisa, comadre, o meu afilhado porta-se bem?

— Ora se porta! E' mesmo um rapaz guapo. Não é para o gabar, mas ainda ha pouco o sr. abbade o elogiou na minha presença... faz mesmo inveja ás outras mães.

E a senhora Gertrudes passou orgulhosa, a mão sobre os cabellos crespos de seu filho que se sentia inflammado pelo subito elogio que recebeu d'um momento para o outro. Mas enganara-se, aquillo eram apenas *cocegas* maternas, abrasadoras e vivificantes, sim, mas a quem o

sopro da brisa d'um mar de gelo e susceptibilidades tirava algum interesse, que acaso se lhe podesse encontrar.

—E' portar-se sempre assim se quizer um dia vir a ser gente... Olhe, eu aqui onde me vê, tenho levado muito má vidinha, já comi do pão que o *maravelho* amassou, e tudo isso por causa de meu tio, que muito pulo tem dado no inferno..

—Como assim?... Ora essa!... Isso são coisas que se digam d'um tio?

—Pois elle não é assim!—disse a tia Lourença muito indignada—A gente vê caras e não vê corações... aquelle meu tio parecia um sanatorio, e foi por sua causa que eu me vejo reduzida a esta miseria!.. Ai, sr.<sup>a</sup> comadre, se vocece soubesse o que eu tenho soffrido por esse mundo de Christo! Deus te crie para boa sorte meu afilhado, e te livre d'almas damninhas—acrescentou a creada do commendador, deitando-lhe a benção.

—Amen, respondeu-lhe a mãe.

—Reconheci ser necessario, continuou a gorda da madrinha — alguma coisita para ti, porque ao que parece não és dos mais ricos..

Pois eu estou-lhe a dizer, que vivemos se pode dizer de esmollas, e mais é como quem põe a mão na consciencia...

—Pois muito bem, aqui tens este dinheirito que eu pude arranjar, desculpa por ser pouco, ao menos vontade não me falta, disse a tia Lourença tirando alguns reaes brancos do bolso da sua japona.

—Muito agradecida, Deus lh'o pague, seja pelas atinhas da sua obrigação. .

Mudémos de conversa...—disse Lourença e depois virando-se para o afilhado continuou: —Dize-me cá João, é certo o que se diz?..

—O' qué minha madrinha...

—Que tu andas namoriscado, bem?

—Ora! eu!

—E' o que te digo! Disseram-me isso hontem; e eu sempre queria saber a verdade, porque enfim como diz lá o outro é coisa muito boa, mas é comidinha, que se não pode dar a todo o mundo...

—Quem?—o meu filho?—Você está enga-

nada, tia Lourença! João é o rapaz mais serio de toda a rua!

—A modo que seria *pieguice*, quem ainda tem os *cueiros* atraz da porta, metter-se em brincadeiras d'essas. Olha eu era uma *raparigoiça* dos meus desoito annos e por olhar para o criado da porta de cima, que por signal era um lindo rapaz, esteve para me custar cara a brincadeira... meu pae, que Deus haja, pôz-me em lenções de vinho, com uma coça que me deu...

—E eu? e eu?!..—accudiu a mãe do lado— quantas vezes tenho dito a esse *birbante*, que d'uma occasião, era ás trindades, e estavamos a descascar o milho na eira, com muitas festas e alegrias, e vae, senão quando, um barbas de *chibo* que lá estava, deu-lhe para me dirigir chalaças e gracinhas das d'elle; e eu tão asna que que lhe dei ouvidos. Vae meu pae que embirrava com o *semblante* d'aquelle maganão e zés... ouviu a nossa conversa e diante mesmo d'elle, deu-me dois bofetões, que me deixaram a cara a arder. E olhe a *sóra* Lourença e tu meu bruto, lá mais tarde aquelle mariola tornou-me a fallar e eu ainda lhe dei corda, mas resultou d'ahi eu levar, depois de tudo acabado, uma sova e companhia, que mais d'oito dias não soube o que era feito de mim! ..

—Mas, minha mãe aventurou-se adizer ao pobre rapaz, você está enganada.... tomo o ceu por testemunha....

—Fallemos socegradamente, diz-me quem é que te prendeu o coração... porque... *con-sante* elle for... assim eu lhe fallarei mais claramente...

—Sim, para quem levanta, tu os olhos, bruto, tu não vês que estudas para padre João?

—Isso não quer dizer nada, o essencial é saber quem namoras... porque o mais arranja-se Bem vês que nem todos são da nossa iguallha...

—Eu só olhei outro dia... para... uma senhora... mas isso já lá vae...

—Como? Pois que! Uma senhora... contanos isso!

—Eu só sei dizer que no *oitro dia* encontrei uma senhora na missa, e cabindo-lhe ao

chão o seu livro e apanhei-o. Ella agradeceu-me e foi-se embora; no dia seguinte hia a casa do sr. padre Simão, quando a encontrei. Vinha ella com uma creada que trazia uma cesta no braço.. Volta e meia estava ao pé de mim. Comprimentou-me e depois, continuou o seu caminho não sem olhar duas vezes para traz.

Sua mãe olhou para a tia Lourença e sorrindo-se, perguntou-lhe:

—Hein, isso váe de grande! Quem é essa senhora?

—Eu não sei, parece-me que tem entrada no paço...

—No paço? E sabes como se chama?

—Chama-se Theresa de Gusmão...

—Theresa de Gusmão?... de certo? Então se assim é, podes fazer-nos muitos serviços.

—Muitos serviços e em que?

—Em uma coisa que logo te contarei.

E a tia Lourença piscou o olho á senhora Gertrudes, e est<sup>a</sup> dando-lhe para estar alegre solto uma gargalhada e exclamou.

—Isso são graças de rapazes, tão tolo és tu como ella!

(Continúa)

A. P. DO AMARAL.

### A QUEM DÃO A PREFERENCIA ?

Ellas são ambas formosas,  
E ambas mostram sorrisos,  
Que terram mil paraísos,  
Muito amor e muita vida  
Na bacia do meu peito!  
Não sei por qual me decida...  
Se d'uma vejo o re rato,  
Não lhe noto um só defeito,  
Que me obrigue a recusar!  
Mas vacillo na incertesa,  
E fico então a scismar,  
Vendo a languida belleza  
Da outra airosa e gentil,  
Como os lyrios em abril!

Vou, porém, deixal-as ambas  
Desenhadas sobre a tela,

Para que os outros decidam  
Qual é mais linda, mais bella.

Leonor tem olhos pretos,  
Buliçosos, inquietos,  
Um olhar fascinador,  
Que nos arrasta á vertigem,  
A' tentação do amor!...  
Traz os cabellos riçados  
Com artistico deşdem,  
E gracioso desleixo,  
Como não vi á ninguem!  
Tez morena, nariz breve;  
E a bocca, por ser pequena,  
E por ter dentes de neve,  
Como que espalha desejos  
Da gente lhe dar... cem beijos,  
E sentir... inda vontade!  
E falla com tanta graça,  
E com tal galanteria,  
Com tanta sonoridade!  
A voz lhe dispensaria  
As feições lindas que tem,  
E por si só valeria  
As cem fadas d'um harem!..

O melhor... inda o não disse...  
Não disse o dote mais bello,  
O dote de mais valor,  
Que Deus lhe deu! Inda não...  
Mas escutem, vou dizel-o:  
E' ter ella um coração  
Bondoso, terno, singelo,  
Incapaz de ser ingrato  
A quem souber compr'hendel-o!...

Vamos ao outro retrato:

Face branca como a neve,  
Lisos e pretos cabellos,  
Olhos castanhos, mas bellos,  
Porque sempre os inflamma  
O cyrio da languidez...  
Não têm dos outros a chamma,  
Mas são mais bellos... talvez!

Augusta é alta, elegante,  
Nem ha mulher mais formosa,  
Quando gyra por a sala

Na valsa vertiginosa!  
E quando ri, quando falla...  
Então, é que ella é formosa!  
Que sempre em seus labios passa  
Um certo riso de graça,  
Como o da outra senhora!...

Vista assim, ella é formosa!  
Formosa como a estatua  
De subida correcção!  
Não houve corpo mais bello,  
Nem mais gentil! Isso não...  
Mas logo que eu declare  
Que o seu peito é todo gelo,  
E que, injusta, a Providencia  
Não lhe quiz dar coração,  
Hão de dizer, com franqueza,  
A quem dão a preferencia...

1866.

ALBERTO PIMENTEL.

### CHRONICA

*O chronista falla de tudo e não conta nada... por o simples motivo de não haver nada que contar.—Falla de Mephistopheles e de Bertran... que são dois demonios vivos—A proposito de «gaz», vem o «jornal dos piparotes», papelucho luminoso, fabricado no gazometro da Rua do Bomjardim—Escrevem-se alguns gallicismos, porque o author se deixa tambem dominar... pela franco-mania—Dizem-se algumas coisas mais—E por ultimo assigna-se o chronista.*

Vamos atravessando uma epocha de inalteravel semsaboria, uma epocha em que de todo escasseam successos melo-dramaticos e peripecias de tragedia, que nos conservam de bocca aberta e olhos arregalados.

A vida corre serenamente e não promette trovoadas.

Dantes até nos *palheiros* se *questionava*; hoje não. Hoje envergonharam-se de si os palhaços, que dançavam no corda bamba da litteratura revolucionaria, e abandonaram a scena. Voltou tudo ao seu estado primitivo e semsabor. De manhã encontra-se um sujeito com outro. e atira-lhe com esta phrase logo depois do cumprimento:

—Está tanto frio!

De tarde esse outro sujeito encontra-se com um terceiro, e pergunta-lhe em seguida:

—Quando vai o Fausto?

À noite esse terceiro sujeito, se gosta de jogo, vai fazer uma partida de bisca de nove com o visinho, que lhe diz ao sentar-se á meza:

—Eu estou a tiritar com frio!

Depois em quanto o visinho baralha as cartas, pergunta-lhe o parceiro:

—Não sabe quando vai o Fausto?

Hoje é d'estemodo que se passa o tempo. Toda a gente almoça, janta e ceia ás horas do costume, e não ha ninguem, que, para variar o rythmo quotidiano da comida, se lembre de ceiar... quando os outros almoçam! Anda toda a gente anciosa de novidades, mas de novidades estrondosas, tetricas, horridas, como uma gargalhada de Mephistopheles ou de Bertran!

Se a companhia d'illuminação publica, por exemplo, em lugar de mandar accender os lampões á noite, os mandasse accender, uma vez, ao meio dia, de sorte que as beatas largassem a fugir proclamando a chegada do Ante-Christo, e as senhoras nervosas calissem desmaiadas, já havia muito que dizer!

O jornalismo portuense começava a dar zagunchada na Companhia, e eu sahia, tambem a campo com uma descabellada verrina, que dava demasiado assumpto para tres numeros de chorumenta critica do *jornal dos piparotes*. Depois é que era de ver o *Bocage* a analysar-me *espirituosamente* o escripto, palavra por palavra, syllaba por syllaba, letra por letra! E era até capaz de me mandar por o ponto a'um — i —, que por descuido da typographia tivesse sahido sem elle... Sahiam-se então a azorregar-me todos os rabiscadores que fazem officio d'eserever e de... matar a paciencia a quem os lê; desde a magna cegonha litteraria até á infima, desde os grandes pontifices da religião das letras, até aos simpli es mosinhos do templo de Apollo, não faltava ninguem a satyrisar-me em prosa ou verso, ou n'uma nova especie de litteratura, em que usam escrever os coimbrões, que nem é prosa nem é verso.

Até agora perguntava-se a toda a gente-

—Já foi á Exposição?

—Já.

—Gosta do quadro do Goblin?

—Muito.

—Das porcellanas de Sevres?

—Muitissimo.

E iam assim revistando em synopsis os objectos mais notaveis da exposição, o que já era divertimento para algum tempo, e o que equivalia a vêr-se mais uma vez a exposição... sem lá se ir. Isto, ainda assim, era um entretenimento passageiro. Mas o que era a vida, a animação, o supremo divertimento, era entrar-se no Palacio de Crystal, por uma hora, por um momento que fosse!

Ali; n'aquelle grande *boulevard* d'aquelle Pariz pequena, passavam as *preciosas* dando-se ares de sylphos, de gnomos, de visões phantasticas! Os leões gyravam no salão desde manhã até o sol posto! Cada um corria para seu lado esquecendo o desapontamento d'um sorriso infructifero com as glorias d'uma nova conquista, despresando uma mulher e seguindo outra, fallando a uma, e olhando para a que estava ao pé.

Depois se um homem encontrava a qualquer *fashionable*, e lhe perguntava o que fazia ali dentro tantas horas, elle respondia, como os janotas de Paris, com um sorriso nos labios:

—Je suis les femmes.

E sumia-se, ao longe, entre uma nuvem de mulheres!

Isso era tempo! Agora o Palacio não passa d'uma gaiola vasia, d'onde desertaram as graciosas alveolas, como um bando d'andorinhas quando se aproxima o inverno!... Agora... nem ha que contar! Para que fallar-lhes da inauguração do monumento de D. Pedro V, do encarceramento da Exposição, e d'outras coisas mais que sabem perfeitamente? Para que dizer que findou o entrudo, com todas as suas folias secantes e causticas, se já ninguem vê, pregado n'uma esquina, um cartaz que nos convide para um baile de mascaras? Para que contar que chegou a quaresma seguida dos seus jejuns, penitencias e vias-sacras, se as folhinhas e reportorios proclamavam que no dia 14 de Fevereiro era quarta feira de cinza?

E então... que narrar? Fica-se ainda n'esta insupportavel calmaria á espera dos successos novos e dignos de chronica.

João Climaco.

## MARIA

### I

Assim como no ceu brilha suspenso um sol apenas, cuja luz brilhante nos vem esclarecer o espaço immenso;

### II

tambem em nossas almas vem radiante um affecto prender nos mais intenso, que não morre e fenece n'um instante.

### III

Amôr elle se chama, luz divina, um presente de Deus, lá das alturas pharol que nossas trevas illumina.

### IV

Um vergel de delicias e venturas, meiga açucena, candida bonina que vive até além nas sepulturas.

### V

Esse affecto na vida é um sómente que brota em nossas almas verdadeiro e a ventura nos dá suavemente.

### VI

Depois é sempre breve e passageiro se novo affecto nosso peito sente embora nos pareça bem fagueiro.

### VII

É parcella de luz que vem perdida da luz primeira que affagar-nos veio tendo em nosso peito curta vida.

### VIII

É por isso, Maria, que hoje leio nos olhos teus a esperança já perdida que fôra puro enlevo d'este seio.

## IX

O teu primeiro amor foi meu amor  
que na terra me dava um paraíso  
tão puro como um anjo do Senhor.

## X

Nos lábios teus o candido sorriso  
primeiro quem gosou, ó minha flôr  
ainda tão singelo, inda indeciso?

## XI

Á quem foram teus lábios murmurar,  
teus lábios innocentes e tão bellos  
Maria, como o teu bello sonhar;

## XII

Teus pensamentos puros e singelos  
d'amôr a quem os foste tu jurar  
e que d'alma expressavam teus anhelos?

## XIII

A mim, a mim sómente revelados  
me foram os teus sonhos d'innocencia  
de virgens pensamentos dimanados.

## XIV

Venturosa tornando esta existencia,  
tu eras os meus sonhos, meus cuidados  
do germen da ventura, a pura essencia.

## XV

Tranquilla a nossa vida nos corria  
nos sonhos tão gentis da mocidade  
a nossa alma cingindo d'alegria.

## XVI

Depois a mão austera da saudade  
veio tudo roubar-me n'um só dia  
com a mais impia e negra impiedade.

## XVII

Mas que veio turbar nossa ventura  
que motivou a dor que n'alma sinto,  
quem deu motivo a tão impia amargura?

## XVIII

Quem veio encher a taça d'abyssintho  
que d'antes trasbordava de doçura  
e onde negro fel hoje pressinto.

## XIX

.....  
.....  
.....

## XX

Silencio, no silencio hoje deixemos  
guardado esse motivo, pois Maria  
era agravar o mal que então soffrermos.

## XXI

Deixemos no passado reclinar-se  
para sempre no pó do esquecimento  
a chaga que não pode já curar-se.

## XXII

Que balsamo nos traz ao pensamento  
no presente, o passado recordar-se  
quando elle nos legou vivo tormento?

## XXIII

Não, Maria, deixemos tal lembrança,  
recorda o nosso amor, nossos carinhos,  
recorda que já foste a minha esp'rança.

## XXIV

Basta para resgate tão sósinhos  
anhelarmos, pedirmos a bonança  
e ter no coração tantos espinhos.

## XXV

Nos teus olhos, Maria, inda bem leio  
que o tempo não matou o sentimento  
que fez por mim pulsar teu casto seio,

## XXVI

Não pode tão veloz do pensamento  
para sempre olvidar tão doce enleio  
e não se recordar um só momento.

## XXVII

Por isso hoje Maria, hoje quem hade  
criminar-te se acaso novamente  
quer's o tempo volver da f'lecidade.

## XXVIII

A' voz do coração, quem impunente  
pode sempre mostrar a magestade  
e attender á razão simplesmente?

## XXIX

Deixa pois doce amiga, nos laços  
firmar nossa ventura, nosso amôr  
e sigamos na terra doces traços.

## XXX

Que a vida é como um sonho, meiga flor,  
sempre c'os vendavaes andando a braços,  
perdendo todo o viço, aroma e côr  
té um dia voar pelos espaços.

Maio de 1865.

COSTA GOOLDOPHIM.

## UM SUICIDIO COM FLORES

A' EXM.<sup>a</sup> SNR.<sup>a</sup> D. EMILIA ALVES RODRIGUES

(De pag. 55)

Martha vivia feliz com o seu amor. Volveram-lhe os dias risinhos da sua infancia. Principiarão novamente a abrirem-se-lhe as flores da arvore do seu contentamento. A primavera da sua vida tinha um sol, que todos os dias a enramava de peregrinas verduras. Cada vez mais se dilatava, assombreada de bons presentimentos, a estrada do seu porvir. Já não tinha aquella timidez de creança, mas ainda conservava a innocencia dos seis annos. A sua mãe notava-lhe esta grande mudança, sabia de certo qual o *fiat lux* d'aquelle genesis do seu coração, mas nunca a reprehendeu, nem quiz ser confidente dos seus segredos mais intimos. Para que?.. se via sempre resplendente, na sua airoza cabeça, a corôa da virgindade e da candura; se o carmim, que lhe avermelhava as faces, não era filho da vergonha e do remorso, mas somente o resultado do seu natural pudôr?!

Martha não sabia conter o thesouro de felicidade, que julgava inexgotavel. A todas as suas amigas contava as peripecias da sua paixão, e quando não tinha com quem fallar do grande sentimento, que a dominava, ia para o jardim e travava dialogos mudos com as flores mais filhas do seu cuidado.

Uma tarde recebeu Martha uma visita

d'uma das suas mais antigas amigas do collegio. Ha muito que já se não tinham encontrado, e ambas se sentiram enternecidas ao verem-se de novo, e por longo tempo se apertaram nos braços sem atinarem com palavras. Chamava-se Adelina esta sua amiga. Era moça corpolenta, de rosto algum tanto moreno e com uns olhos vivos e scintillantes, que denotavam, porém, um coração ardilozo a quem se achesse a encaral-os de frente. Luvas de flôr d'alecrim lhe cobriam as franzinas mãos, que melhor fôra andassem livres d'aquelle pequena prizão.

Passados os cumprimentos da etiqueta, Adelina sentou-se ao pianno, e tocou uma das peças, que mais lhes appraziam, quando eram collegiaes. Martha acompanhou-a com a sua voz dulcissima e cantou uma balladasiinha, que as fez chorar a ambas, quando finalisaram. Ai! como poderam chorar aquellas duas juvenis e accendidissimas almas!... Mystérios do coração!... Onde é que a saudade não lavrou uma mina de lagrimas?!... Que importa, que essa saudade seja apenas a lembrança dos brinquedos infantis, que se passaram na mestra?

Desceram depois ao jardim. A' sombra d'um bosquesinho d'acacias, foi servido o chá, já quasi noute. Suavemente encostadas nos toscos bancos de pedra, pareciam duas mulheres do harem, sorvendo o café das taças de porcellana, por debaixo dos frondentes ramos dos sycomoros, nas margens virentes do Bosphoros, que lhes traz no gemer de suas aguas um cantico desconhecido. Só lhes faltava, deitado aos pés, o escravo prompto a mover-se a um de seus unicos acenos, e os veus de neve a occultarem seus rostos e a tremerem agitados pela brisa. Mas melhor escravo era o rouxinol, que preso de tanta formosura, se viera pousar para aquella arvore, para mais livremente lhes ensinar no peito o ardor de que estava possuido.

Era, pois, muito bôa a occasião para dar azas ao pensamento, e scismar e scismar nos mysterios mais reconditos da alma. Inda que a hora não fosse propicia, Martha teria declarado a Adelina os motivos do seu amôr, mas, por acaso, foi esta a primeira a interrogal-a sobre o uni-

co assumpto, digno das paléstras da mocidade.

Martha travou-lhe então do braço, e erguendo-se ambas, ao mesmo tempo, que iam arrastando os vestidos pela rua d'uma frondeza alameda, foram assim fallando — «O' Adelina, tu hasde te recordar do padre Joaquim, d'aquelle bom velhote, que nos ensinava geographia e nos mandava procurar nos mappas, só para nos fazer rir e ás vezes moer a paciencia, a Lourinhã, e um ribeiro, que passava na terra d'elle, cujo nome já totalmente esqueci! —

— «Se me lembro!.

— «Pois um dia perguntou-me para que servia o ceu, e eu respondi-lhe... sabes o que?..

— «Não, não sou capaz de adivinhar.

— «Que era para habitarem n'elle Deus e os anjos.

— «Resposta de creança e de poeta ao mesmo tempo.

— «Se elle me fizesse hoje essa pergunta, havia de lhe responder muito differentemente.

— «Então que lhe dirias tu?

— «O mesmo que tu talvez tivesses no pensamento.

— «Estás hoje discorrendo d'uma original maneira. Quasi que te desconheço. Não admira, já ha tanto tempo que nos não vimos! Imagina que sou eu que te faço a pergunta, e para não gastares mais tempo, e não mais me aguçares a curiosidade, deixa-te de pensar que eu responderia da mesma forma.

— «Para que serve o ceu! Pois tu não amas? O ceu é o livro dos amantes. Cada estrella é uma estrophe da grande epopeia. Não é fogo o que nós sentimos dentro do peito, quando amamos? Pois o ceu é um livro de fogo, é um livro d'amor. Out'ora via surgir a lua e não tinha um pensamento para depoi n'aquella branca urna dos espaços. Hoje, não, hoje mal a rainha das noites apparece atravez dos pinheiraes, logo os meus olhos tendem para ella como a agulha para o pólo, e seguindo-a pela immensidade, quanto mais se eleva, mais o pensamento se levanta. Quem me dera saber de que lyrio se namora, ou de que phantasma celeste se captiva! Sempre serena, debalde lhe busco interceptar um riso, que a possa trahir. Calo o respirar agitado do meu seio, para vêr se no halito mais tenuissimo d'aragem colho uma phrase do seu colloquio amoroso, mas a viração passando rapida pelos cortinados da janella, traz um côro de misturadas vozes, que em vão tento distinguir. Por vezes uma nuvem diaphana a encobre, e então voltando-me para as estrellas lhes pergunto — que noivado é aquelle? As

estrellas estremezem de delirio, e eu estremeendo como ellas, penso que a alma vôa toda inteira a girar n'uma dança phantastica com os lumes do ceu. Uma estrella cadente m'a restitue, e serenada a vertigem, ponho-me a combinar os astros, e, por mais que eu os ajunte e combine de mil variadas formas, sempre traduzo a mesma palavra, sempre deparo com o mesmo nome, o nome, que adoro, o nome por quem anceo!

— «Que grande amôr é esse teu, Martha!

— «Grande .. quem sabe! Inda talvez digno de maiores finezas seja aquelle a quem se dirige.

— «Será possivel, mas tão somente diante da tua cegueira. Qual foi o feliz mortal, que á maneira do Indio que sabe encantar a serpente e leva-a apoz si com os sons que tira da magica flauta, tão bem te soube illudir?

— «Não me falles assim, que me dás mágoa. Se tu o conhecesses, logo te arrependerias das phrases, que tão malevolamente proferiste. O meu Augusto...

— O teu Augusto — atalhou Adelina, repentinamente, sobresaltada, como se houvesse recebido na ponta dos pés a picadura d'algum venenozo insecto.

(Continúa.)

SOUZA VITERBO.

## EXPEDIENTE

*Pedimos aos nossos illustres assignantes da provincia, o favor d'enviar a esta redacção o importe das suas assignaturas equivalentes ao presente trimestre, em conformidade ao programma, em que diz ser feita a remessa adiantada ao editor Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Theresa n.º 63—Porto.*

### PREÇOS

Trimestre .....	360 rs.
Semestre.....	720 »
Anno.....	1\$440 »

PORTO: 1866—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º

Praça de Santa Thezeza, n.º 63.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTORICO)

(De pag. 67.)

## VIII

## O caffè

As senhoras comadres, depois de terem gasto um vocabulario completo da sua gyria favorita, chegaram-se para a meza afim de tambem poderem esgotar uma chavena de caffè que a elegante Gertrudes preparara para a sua hospeda e comadre.

Caffè era este, que sem hyperbole se lhe poderia chamar agua de castanhas, mas que nem por isso deixou de adoçar a sequiosa bocca a tão avultadas lambareiras.

O aspirante a *padre João*, pegou no compendio da sua grammatica latina e ainda deu suas voltas aos *nominativos*, que, segundo o seu parecer, era uma coisa indispensavel para a completa intelligencia de tão *difficultosa* licção.

Estava a tia Lourença comendo mui satisfactoriamente uma *toast*, quando disse para o nosso estudioso Joãozinho:

—Meu caro menino, é preciso que me atenda; vocemecê conhece muito bem, assim como eu, sua mãe e nós todos, a que ponto chegam as poucas vergonhas dos jesuitas.

—Dos jesuitas? perguntou admirada a mãe de João, porque era a primeira vez que ouvia dizer mal da companhia á sua comadre Lourença.

—Dos jesuitas, sim. Eu se os tenho approvedo, é por causas que depois talvez lhe venha a contar, mas você tem e sempre teve muita razão, em dizer que os jesuitas são a canalla mais desaforada que Deus Nosso Senhor deitou ao mundo. Senão escute-me.

A senhora Gertrudes poisou a chavena no pires e pondo as mãos na cintura, approximou-se

maravilhada para ouvir aquelle tenebroso e interessante segredo. Seu filho fechou livro e tambem se approximou para ouvir a façanhuda narração que sua madrinha ia fazer.

—Hoje pela manhãzinha, foi a casa de meu amo, o padre Luiz da Camara, o pratinho de meio de El-rei D. Sebastião, mas como lhe ia dizendo ha pouco, o confessor do rei disse-lhe que desejava saber se com effeito a filha do conde da Feira estaria d'amores com o rei, e este prometteu fazer-lhe isso, mas como tambem é um dos jesuitas, disse-lhe se em troca conseguia depôr a rainha e tomar a regencia o cardeal...

—Ah! fizeram os dois. Nunca tinham supposto, não obstante todos os seus odios á companhia, que ella fosse capaz de tanta maldade.

—Depois veio de jesuitas mais que catervas! Para elles é que eu queria o Santo officio!..., mas como ia dizendo chegaram alguns padres e todos prometteram á uma deitar a rainha abaixo; até o bruto de meu amo—queimado tinha elle a lingua—chegou a dizer que era preciso matar a rainha.

—Jesus! Senhor! —exclamaram os ouvintes—isso é mesmo de estarrecer!

—Pois foi tal e qual, assim Deus Nosso Senhor me dê vidinha e saude; mas olhe, como o seu filho tem entrada no paço por causa do seu namorisco, póde fazer um grande serviço á nossa rainha...

—Um serviço á rainha!—disse João, já á espera d'alguma commenda ou donativo, diga, diga minha madrinha, estou prompto a fazel-o.

A tia Lourença acabava de beber a sua ultima gotta de caffè e arrumando a chavena, disse:

—Olha meu filho, escuta-me, quero que quebres uma castanha na bocca áquelles tonantes; tenho aqui um documento feito pelo padre

Miguel de Torres e com a sua assignatura, que foi enviado a meu amo, e este deu-me parte, para o levar ao conde da Castanheira, mas eu só se lhe levar uma figa, pega tu n'elle e como tens entrada no palacio, pede para fallar á rainha sobre negocios importantes, ou diz a algum parente da tua conversada para lh'o levar... enfim, arranja lá isso como quizeres, comtanto que lh'o entregues.

Este documento alludido, foi feito pelo padre Miguel de Torres, confidente e confessor da Rainha, afim de dar a conhecer aos partidarios da companhia, a falsa noticia, de que tinha sido encarregado pela sua augusta senhora e ama para declarar, que ella tinha necessidade de se recolher ao convento de Xabregas e por conseguinte resignara a regencia do reino.

—Pois sim, eu verei isso; esteja a madrinha descansada que farei todos os esforços para bem executar o seu projecto.

—Mas diga-me uma coisa, comadre, e se seu amo chega a desconfiar d'este negocio? Isso é que não tinha graça.

—Qual historia! Você é tola! Meu patrão sabe lá nada—olha o *catacego!* desculpe, mas com elle faço o que quero. Elle tem amizade com todos os ministros, condes e o diabo que os leve a todos, e vae, eu que faço?—peço-lhe como uma cega. Embirrei para aqui e está arrumada, ora deem-me volta!.. pois não, era o que faltava! Um dia peço-lhe que arranje uma pensão para o irmão d'uma amiga, no outro dia, zás... peço-lhe um augmento de soldo ao amo d'outra amiga...enfim, é um nunca acabar. E se não fosse eu, você comadre, ainda estava na cepa torta..

—É verdade, é verdade, comadre, se meu filho está arrumado a si o devo. Foi um anjo que me appareceu em casa.

—Pois muito bem, agora o que eu desejo, é uma coisa muito facil e util, ao mesmo tempo, a prompta entrega, d'esse documento á rainha.

—Amanhã, se Deus quizer, será entregue, sem falta.

—Agora que estamos sem fazer nada, sempre te direi, que depois de tudo arranjado, dê de mão ás tuas exquisitas relações com a tal Theresinha...

—Mas vê, mãe, se não fosse ella, não poderia fazer um bem á nossa rainha.

—Quer sim, quer sopas, um padre não deve sonhar em namoros, por que Deus Nosso Senhor nunca namorou...

—Ora essa! Sempre a mãe tem cada uma que faz rir! Então, visto Deus não ter namorado, segue-se d'ahi, que eu tambem não devo namorar .. não?

—Não quero cá saber d'historias, disse que não, e está dito... percebes? Mais claro só agua!

—Vá, não vale arrenegar por causa d'isso —disse a tia Lourença que era uma mulher ordeira, que para socegar os barulhos, achava rasão a toda a gente.

—Meu pae que Deus haja—disse a senhora Gertrudes sem se importar com o dito ordeiro de sua comadre e bemfeitora—não sympathisava com estas brincadeiras e dava-me cachação por *dá cá aquella palha...* ah! as creações d'então, não são, como as d'agora, aquillo é que eram creações!...

—É assim, é assim. Minha madrastra tambem me deu mais *pilotas* do que aquellas que agora vejo dar por ahi .. Cada vez que me lembra do meu Joaquimzinho, o criado da porta de cima; de que ha pouco lhe fallei, e por cuja causa levei uma *tropa* decidida... faz-me vir as lagrimas aos olhos!

—Vê, mãe, a madrinha ainda se lembra do seu namorado, e mais ha que annos isso vae! Você é injusta comigo!...

—Hein! E elle a dar-lhe; faz que não entende! Não me importa dos mais, tenho-t'o dito, mais de mil vezes, só me importa de ti e de mais ninguem. Fique dito por uma vez, eu não sou relógio de repetição.

—Mas... eu... não queria... sim... voce-mecê bem me entende...

—Calla-te que não estou agora para mais, depois d'amanhã fallaremos; talvez que a rainha te dê alguma coisa e tu terás menos que fazer... Nós depois fallaremos.

—É verdade, isto já são horas de me ir chegando a casa, o sol está-se mettendo no mar,

e meu amo talvez já accordasse. Emfim seja o que fôr. ali fica o documento, não se esqueçam de o entregar... e adeus até outra occasião.

E a tia Lourença sahiu com tal rapidez, que foi impossivel á comadre dizer-lhe nada, porque quando esta chegou á porta para a chamar, já a não viu.

(Continúa)

A. P. DO AMARAL.

## CARTAS DE LISBOA

### IV

Passou-se o carnaval em Lisboa com a monotonia que ha annos é habitual n'estes folguedos, e para tudo correr insipido, até a chuva não deixou ser completa a folia de certa gente que costuma percorrer as ruas da cidade, dançando e pulando com verdadeiro enthusiasmo.

Este anno só houve de notavel a authoridade policial empregar todos os meios ao seu alcance para que se não repetissem as brincadeiras pouco prudentes dos ovos e dos tremoços, e serem inteiramente desattendidos os clamores da authoridade; isto é, os ovos e os tremoços tiveram uma grande extracção, por isso mesmo que a authoridade havia prohibido que se atirassem!

Os bailes de mascaras foram todos concorridos, principalmente nos tres dias de folgança.

O theatro de D. Maria II attrahiu uma immensa multidão na terça-feira de entrudo, de modo que se transformou a pretendida distracção em um insoffrivel incommodo.

O snr. commissario regio mostrava-se satisfeito de vêr a casa apinhada de gente, mas o publico censurava, e com razão, que se tivesse vendido ou dado um numero de bilhetes que as dimensões do theatro não comportavam.

Na verdade quem assistisse aos bailes dados no theatro normal, havia de vêr por ali muita cousa que rebaixava qualquer estabelecimento publico, e que, no theatro do governo, na escôla do aperfeiçoamento da arte dramatica

portugueza, é altamente condemnado, é altamente degradante.

Não é proprio do character d'estas minhas cartas narrar e discutir o que quasi toda a imprensa de Lisboa tem dito, e disse ainda agora por occasião do carnaval, a respeito da administração do theatro de D. Maria II, por isso me abstenho de commentar os escandalos que foram este anno pelos bailes d'este theatro. Basta que o publico de Lisboa tenha d'elles conhecimento, e que a imprensa independente d'esta cidade não cesse de pedir d'elles contas ao senhor commissario regio.

No theatro de S. Carlos estiveram os bailes pouco animados, mas concorreu a elles a melhor sociedade de Lisboa.

No Casino, no Principe Real e no Price, houve sempre animação, e bastante concorrencia da classe media.

Os espectaculos apresentaram poucas novidades n'estes dias de festa popular.

No theatro de S. Carlos cantou-se o *Baile de Mascaras* com exito infeliz por parte da prima-dona Bonias. Na verdade foi um despropósito da empresa confiar a esta cantora um papel importante da linda opera de Vêrdi, e ter-se-ia calculado o muito bem que o publico havia de dar mostras do seu desagrado a tal despropósito.

O *Barbeiro de Sevilla* agradou: mas, julgo que por incommodo da senhora Borghy-Mamo, apenas se cantou uma noite.

Continua em scena a opera *Fausto*, que ao menos é bem cantada, e tem lindos trechos de musica.

Parece que a empresa quer dar o *Guilherme Tell* n'esta época, e que não se cantará a *Filha do Regimento*.

No Theatro de D. Maria II deram-se algumas comedias muito vistas e reapareceram outras que nem pela antiguidade toem grande merecimento. Nos theatros de 2.<sup>a</sup> ordem pouca alteração houve no repertorio das comedias já conhecidas do publico.

Nas Variedades a *Pera de Satanaz*, e nos condes o *Collar de Salomão* continuam a attrahir

gente, e a darem interesse ás respectivas empresas.

No theatro do Principe Real váe representar-se um novo drama—*Os trapeiros de Lisboa*.

Nas Variedades promette-se uma *Revista de anno*, critica engraçada dos acontecimentos que tiveram logar em 1865.

O Gymnasio deu-nos ultimamente uma comedia nova— O mestre Jeronymo, que tem sido applaudida.

Foi-se a companhia equestre do Principe Alphonso, e annuncia-se que deve chegar em março uma companhia de zarzuela, em que entrará a distincta tiple Zamacois, já muito conhecida da sociedade de Lisboa.

Que venha, pois, mais esta distração para Lisboa, recompensar-n'os de algum modo a falta do theatro de S. Carlos!

Não tenho publicações litterarias a mencionar, e nem da questão litteraria posso adiantar cousa alguma que leve novidade aos meus leitores, que já sabem de mais o caso dado entre o snr. Quental e Ortigão.

Parece que depois de haver sangue socegaram os espiritos buliçosos. Antes assim, que as lutas de sangue não são nada agradaveis!...

Lisboa 20 de fevereiro de 1866.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

### A JAKOB PERSSON

Na hora da partida é sempre triste  
soltar da lyra um canto  
quando em torno de nós sómente existe  
muda imagem do pranto.

A hora da partida é bem solemne  
nas vozes d'amisade!  
Quando o goso, a ventura mais perenne  
se muda na saudade!

Quando a mão do amigo a mão aperta  
e diz: talvez!... Quem sabe?

Ser o fim d'esta ausencia bem incerta  
talvez nunca se acabe.

Bem solemne de certo é pois na vida,  
cheia de negros veos,  
a hora, quando os labios da partida  
soltam ultimo adeus!

Por isso meu amigo, hoje não pode  
cantar a minha lyra,  
porque aos olhos o pranto vem, acode  
e minh'alma suspira!

Um abraço sómente d'amisade  
seja o laço perenne  
n'esta ausencia talvez d'eternidade  
n'est' hora tão solemne!

COSTA GOOLDOPHIM.

### CANTIGAS PARA O SERÃO

#### A minhas irmãs

Irmãs minhas muito amigas.

Nunca escrevi de tão boa vontade uma só linha, como as que hoje dou aos prelos convicto do pouco que valem para os outros, e do muito que valem para vós. A esses que lerem deve de causar estranheza o sahir-me eu com estas singelissimas trovas n'uma época, em que o anjo da poesia escondeu a sua loira cabeça na nuvem azul do Ideial, e andam todos os bons ingenhos a fugir para as subtilezas nebulosas da metaphysica. E' por isso que hoje se desama a amena e graciosissima poesia do povo, a poesia verdadeiramente nacional, a poesia das lendas, das cançonetas, das balladas, das xacaras e dos rimances, que tantos disvelos mereceu a Garcia de Rezende, a Garrett, e continua a importar ao nosso contemporaneo Castilho.

Eu preso estas velharias, que são ainda hoje novas, e que o serão tambem amanhã, por-

que não ha tempo que lhes desgaste as bellezas, nem desprezo que as faça valer menos. Tentei o genero, e não me acho arrependido por tal fazer.

Quando, minhas boas irmãs, vos ouvia cantar *As minhas azas*—de Garrett, a—*Joven Lilia* de Castilho, o *Mutilado* de Palmeirim, e outras poesias mais, que me deliciavam os ouvidos e a alma, lembrei-me tambem de compor para vós as trovas, que dou hoje a lume, não para que preferissem as minhas ás dos mestres, mas para que, ao cantal-as, vos lembrassem de mim, se a morte deixar o meu logar vasio, ao vosso lado, nas noites de serão.

Oh! quando eu morrer, minhas irmãs, cantai então as minhas singelas trovas, e orvalhai as notas do vosso canto com as lagrimas da saudade. Dai as perolas das vossos olhos á memoria do pobre irmão, que será essa, de certo, a melhor paga que de vós haverei. Lembrai-vos da minha offerta de hoje, e, quando me fordes esconder o rosto no capuz da mortalha, dizei então, ó minhas irmãs, dizei — e isso basta — «Como elle era nosso amigo!..»

28 de Fevereiro de 1866

Vosso irmão e amigo

ALBERTO.

## I

Venturas ou dissabores  
Heide-os cantar na viola,  
Que desde que eu tenho amores  
Sempre o cantar me consola...

E passo os dias inteiros  
Cantando a minha pastora,  
Que, entre um bosque de salgueiros,  
Na sua cabana mora.

Não ha cabellos mais pretos,  
Nem rosto mais peregrino!  
Dos seus olhos inquietos  
Pende todo o meu destino...

Se alguma canção lhe digo  
Escuta-a sempre absorta!

E vem ouvir-me ao postigo,  
Se lhe vou cantar á porta...

Na igreja, louco de gosto,  
Em lugar de ouvir a missa,  
Cravo os olhos no seu rosto,  
E o seu rosto me enfeitça!..

Deus perdõe se faço isto,  
E troco a missa por ella...  
Mas, perdido, não resisto...  
E morro d'amor ao vel-a!

E se a não vejo um só dia,  
A tudo ponho defeito!..  
Que funda melancolia  
Sinto pesar-me no peito!..

Então, passado de dores,  
Pego na minha viola;  
Que desde que eu tenho amores,  
Sempre o cantar me consola...

## II

—Quem canta seu mal espanta—  
Foi sentença que eu ouvi  
A minha mãe, uma santa,  
Que Deus levou para si.

E hoje, se tenho males,  
Espaireço o coração  
Errando por esses vales,  
Com a viola na mão.

Minha mae deu-me o conselho  
E eu no peito o guardei.  
E' preceito do evangelho  
Que da pobre mãe herdei.

Já morreu ha nove mezes,  
E deixou-me sem mentor!..  
Não tenho nos meus revezes  
O pharol do seu amor!..

Minha mãe, porque fugiste,  
Se me guiavas ao bem?..  
Não sabes que vivo triste  
Por viver sem ti, ó mãe?..

Oh! mas não... Tu eras boa,  
E o anjo que vem de Deus  
Se poisa na terra, voa,  
Pouco depois, para os ceus...

A's tempestades da vida,  
Resistiu sempre de pé!  
Luctava de frente erguida,  
E com esp'rança e com fê!..

Das suas dores na tormenta  
Dizia a cantar, que santa!—  
—«Quem chora seu mal augmenta,  
Quem canta seu mal espanta..»—

## III

—«Se fores hoje, Maria,  
Com as outras ao serão,  
Vou fazer-te companhia,  
E levo o meu violão.»—

—«Se me preparas a estriga,  
Depois dou-te a massaroca;  
Mas dirás uma cantiga  
Emquanto eu fiar na roca.»—

—«Sim, aceito o pensamento...  
Que do linho que fiares,  
Para o nosso casamento,  
Lenções farão os teares.»—

—«Vou-me já, meu bem amado,  
Vou trabalhar no serão.  
Que a coberta do noivado  
Fiarei por minha mão...»—

## IV

Tive um papagaio verde,  
—Chocalheiro papagaio!—  
Da côr das aguas do mar,  
Da côr dos prados em maio.

Passava os dias inteiros  
Sempre a fallar, sempre a rir.  
E tudo o que se dizia  
Costumava repetir...

Tive um papagaio verde,  
—Chocalheiro papagaio!—

Da côr das aguas do mar,  
Da côr dos prados em maio.

Eu, ás noites, no meu quarto,  
Sonhando sonhos d'amor,  
Esquecia o papagaio,  
E chamava por Leonor...

Tive um papagaio verde,  
—Chocalheiro papagaio!—

Da côr das aguas do mar,  
—Da côr dos prados em maio.

Muito amor senti por ella,  
Amor que não revelei!..  
Tremia, se lhe fallava,  
E em tal não lhe fallei...

Tive um papagaio verde,  
—Chocalheiro papagaio!—  
Da côr das aguas do mar,  
Da côr dos prados em maio.

Mas, um dia, o papagaio,  
Podendo a prisão quebrar,  
Foi dizer a Leonor  
O que eu dizia a sonhar...

Tive um papagaio verde  
—Chocalheiro papagaio!—  
Da côr das aguas do mar,  
Da côr dos prados em maio.

## V

Já não tenho as azas brancas  
Com que eu voava em criança!  
Azas brancas se mudaram,  
Branças azas da esperança!

Azas negras me ficaram,  
E azas de maldição!  
Se quero subir aos astros,  
Mais me pendem para o chão...

Azas brancas, minhas azas,  
Quem em negras vos tornou?  
—«A que dos risos fez prantos,  
Nossa côr tambem —mudou...»

Já não tenho as azas brancas  
Com que eu voava em criança!  
Azas brancas se mudaram,  
Branças azas da esperança!..

## VI

Quem ama senhora esquiva,  
Traz no peito fragoa viva,  
Por seu mal.

E o tempo bem nos ensina  
Que não tem outra má sina  
Dor egual!

Sem o bordão da esperança  
Tambem a alma se cança  
De soffrer.

E, como nauta sem porto;  
Lucta, e cae no desconforto  
Do morrer...

Da minha dôr nos escolhos  
Podiam ser vossos olhos  
O phanal...

Mas por vós serdes esquiva,  
Tenho o peito em fragoa viva,  
Por meu mal...

ALBERTO PIMENTEL.

## O HUSSARD DA MORTE

(TRADUÇÃO DE AUGUSTO DE QUEIPOZ)

Entre os regimentos allemãos que se formaram em 1809, para responder ao apello dirigido pela Austria ás potencias germanicas com o proposito de organizar uma resistencia commum ás armas da França, havia um corpo de infantaria formado pelo duque Frederico Guilherme de Bruns-wick, e foi este um dos que mais se distinguiram na lucta de que a Alemanha foi o theatro no sobredito anno. A exemplo d'esta infantaria tão famosa por sua firmeza e energia, formou-se tambem, sob os auspicios do mesmo principe, um regimento de cavallaria

de voluntarios que se tornou celebre durante esta campanha e que consolidou mais tarde a sua reputação de intrepida no exercito inglez na Hespanha, posto que nos annaes militares da peninsula hispanica, é muitas vezes mencionada por suas gloriosas acções e durante muitos annos se ouvirá fallar, nos quartéis allemãos, d'esta terrivel legião de hussards negros, tambem chamados hussards da morte porque no seu sacco e no punho da espada tinha uma caveira collocada sobre dous ossos atravessados.

Este regimento tinha a sua origem d'uma sociedade secreta e patriotica que se formou n'esta apocha para unir os povos da raça germanica contra o poderoso dominio da França; contava nas suas fileiras homens pertencentes a todas as classes sociaes e ás mais differentes profissões. Advogados, juizes, escriptores, artistas, e até negociantes e opulentos rendeiros se achavam misturados a jovens e modestos operarios; porque todos estavam animados do mesmo ardor de patriotismo e do mesmo sentimento de odio contra o estrangeiro. A bandeira dos hussards da morte parecia tornar-se um signal de união para todas as vinganças e para todas as esperanças nacionaes.

Entretanto, um outro genero de ideias tinha tambem induzido um grande numero de entusiastas: affeições illudidas, decepções da vida, necessidade de aventuras, exaltações poeticas do coração ou do espirito, para as quaes era preciso procurar um alimento ou uma diversão. No numero d'estes voluntarios havia um cuja recordação jamais se apagará da minha memoria e cuja historia singularmente tragica, parece sem duvida ser contada.

Ambos servimos na mesma companhia, e depois da nossa entrada no regimento em 1809, até pouco depois da dissolução, fomos sempre amigos. Era difficil encontrar um coração mais

franco, um camarada de trato mais familiar e agradável. Bravo a toda a prova, sympathico a todos os nobres sentimentos, apenas se lhe conhecia um unico defeito; era o de ser um tanto ambicioso. Em quanto ao mais desprezando a vida, era sempre o primeiro a entrar em combate e o ultimo quando era preciso retirar. Leal e justo, era amado de todos, estimado de seus superiores, e admirado tanto de uns como d'outros.

Entretanto a ultima vez que eu o vi, achava-se elle mettido n'um penoso processo. Tornou-se culpado d'uma grave infracção á honra militar, e era levado ao quartel-general do exercito, onde devia comparecer perante um conselho de guerra. Eu segui-o com os olhos em quanto pude. Marchando com altivez no meio da escolta que o acompanhava, estava extremamente pallido. Tinha metade do rosto coberto com um lenço branco, a travez do qual se viam vestigios de sangue de uma ferida que tinha recebido recentemente, e eu já não esperava tornal-o a ver n'este mundo. — Em 1831 puz-me a caminho para ir passar quinze dias junto d'um de nossos antigos companheiros d'armas, official reformado, que, graças a um bom casamento, se tornara um rico proprietario, e descansava das fadigas da vida militar nos seus dominios situados na ilha de Wight. Caminhando demorei-me alguns dias em Portymouth, onde residia outro dos nossos irmãos d'armas chegado ha pouco de Bengala e encarregado, n'este porto, do deposito do exercito da India.

Este bravo militar, robusto ainda, tinha, depois da nossa separação na Secilia, passado uma vida singularmente aventureira. Tinha vivido mais de doze annos em Bombaim e Calcutá e não houve expedição alguma militar, durante este periodo, na visinhança das posses-

sões inglezas da India em que elle não tivesse tomado parte muito activa. Duas vezes tinha arribado á ilha de Santa-Helena; na primeira viu com seus olhos o guerreiro incomparavel que tinha sido durante muito tempo, o Carlos Magno da Europa moderna; na segunda, tinha meditado sobre a vaidade das grandezas humanas á sombra do salgueiro historico cujas folhas se acham hoje dispersas no mundo. De maneira que me contou infinitas cousas e acontecimentos igualmente interessantes para mim, obscuro auctor d'esta epopea imperial, em que se encontram encerrados os primeiros annos do nosso seculo.

Depois que o tenente coronel prendeu, durante algumas horas, a minha attenção com as novidades, fez uma pausa. Em seguida offerecendo-me um copo de vinho, do Porto, propoz-me uma saude a todos os bravos que tinhamos conhecido n'outro tempo, e dos quaes a maior parte tinha deixado d'existir. Será preciso dizer que o fiz de boa vontade?

—Mas, por minha fê! exclamou elle de repente tomando-me uma mão; esqueciam quasi o principal e deixava de lhe dar noticias do seu antigo major de Gillern. Recorda-se da sensação que produziu, não só no nosso regimento, mas tambem em todo o exercito da Secilia, a noticia de que este official, tão distincto por seu valor e intelligencia, tinha, depois da conclusão da paz, pedido a sua reforma para ir tentar fortuna na terra de Var Diemen. Sem duvida nunca mais ouviu fallar n'ella depois d'isto. Pois bem, eu posso dizer-lhe alguma cousa.

(Continúa)

*Pedimos aos nossos illustres assignantes da provincia, o favor d'enviar a esta redacção o importe das suas assignaturas equivalentes ao presente trimestre, em conformidade ao programma, em que diz ser feita a remessa adiantada ao editor Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Theresa n.º 63—Porto.*

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTÓRICO)

(De pag. 75.)

## XI

D. Sebastião

Emquanto estas scenas se passavam na humilde casa da praça do Rocio, passavam-se est'outras no paço real.

D. Sebastião estava no quarto d'estudo com o seu mestre e confessor, o padre Luiz Gonçalves da Camara. Era quasi noite. O jesuita tinha um livro diante de si e gesticulava com os braços para dar a explicação das suas ócas phantasmagorias ao seu real discipulo.

—Eu bem sei, padre, que já ha muito estou destinado por Deus para consolidar o santo edificio da religião christã. Meu avô D. João, fez todos os esforços para a sua realisação e Portugal deve-lhe não poucos serviços... O estabelecimento do Santo Officio e da companhia de Jesus, é o sufficiente para abrilhantar o seu augusto reinado. Entretanto, é para sentir que não fosse dotado de genio emprehendedor...

—Attenda-me, vossa alteza,—disse o padre Camara—Se el-rei D. João que Deus haja, em sua santa gloria tivesse a penetração distincta que nós todos notamos na excelsa pessoa de vossa alteza, era quanto bastava para que este reino se convertesse n'um paraíso de delicias: mas infelizmente, vossa alteza não é o inteiro senhor de sua vontade... porque se o fosse...

—Como assim? De quem me quereis falar?

—Sua alteza a rainha, não obstante o vir de casas mui illustres e catholicas, desliza alguma coisa dos passos de seus gloriosos antepassados...—e aqui o confessor embasbacou. Entretanto, depois de engulir por duas vezes a saliva, continuou—Real senhor, e isso não nos convem, porque vae d'encontro ás vossas ideias patrioticas e religiosas.

—Deixe-se d'isso vossa reverendissima, a rainha minha avó, é muita minha amiga para que me arranque assim, d'esse caminho gloriozo e ao mesmo tempo lisongeiro.

—Vossa alteza ainda é muito joven e não comprehende de quanto é capaz a indole perversa d'este mundo de realidades. Isto é, um abysmo em que Jesus Christo por algum tempo nos lançou para nos patentear d'um modo bem notorio, quanto soffreu por os homens na terra. Não creia vossa alteza n'elles que são apenas seguidores de seus meros caprichos politicos. Confie nos meus dogmas e preceitos que só por elles caminhará na recta senda da razão e da justiça, que é o paraíso da terra. Que poderá haver mais justo e santo do que combater pela religião do cruxificado, essa philosophia sublime em que nos faz conservar as prazes da amizade e do mais santo idealismo religioso.

—Estou finalmente crente na vossa auctoridade e posso abraçar as ideias que por isso me transmittirdes.

—Pois muito bem, nada de perder tempo. E' preciso um meio seja elle qual for, para obstar a que a rainha contrarie os vossos votos de prosperidade por esta nação briosa, e se vossa alteza, me ajudar n'este designio, espero obter a sua completa realisação.

—Está bom, eu me empenharei n'esse negocio se acaso poder fazer alguma cousa n'elle. Minha avó é muito boa, e portanto, se lhe pedir, é de suppor que me ajude em vez de me contrariar.

—E' o que digo—pensou o confessor, está n'aquella persuasão, e ninguem é capaz de lh'a tirar da cabeça.

Ainda fez um esforço.

—Mas isso, e o que eu digo, é totalmente contrario. V. alteza, força é dizer-lh'o, confia em demasia nas pessoas do paço, e isso é uma loucura. Jesus Christo, o rei do ceu e da terra, depositava larga e ampla confiança em S. Pedro, o chefe dos apóstolos, e elle n'uma noite de sedição, ousou negar seu divino mestre. Principe! não vos entranheis muito na immensidão do abysmo porque a sua bocca pode fechar-se sobre vós, sepultando-vos nas suas ruinas. A aerea phantasma da gloria, abre-vos seus esplendidos braços; mas é mister attender á infausta adversidade que desdenhosa vos impelle para

sua tenebrosa morada. Confiai em minhas palavras que são o vivo reverbero dos sublimes vocabulos do Evangelho.... e oxalá ellas achem ecco em vosso coração pueril, e levem a esperança á vossa alma, onde ha muito reina a anarchia da cega confiança que em todos depositaes...

—Pois bem, direi em quem devo confiar... quaes são os confidentes que mais me convem...

—Isso seria uma cousa longa e enfadonha, somente vos direi que deveis confiar nas palavras dos devotados da companhia, porque só elles—é mais ninguém—vos poderão eniciar na bonançosa carreira que projectaes seguir.

—Muito bem. Que mais devo fazer.

—Mais nada. Executae os justos e santos conselhos que vos dou, e despresai esses ambiciosos cortesãos, que não teem em vista senão os seus desairosos interesses. São quaes desprezíveis reptis que se rojam aos pés do throno para revindicar seus meios torpes. Vossos antepassados eram o ludibrio dos desenfreados ventos da ambição, e muito avisado andou o nosso virtuoso e excesso soberano, o sr. D. João 3.º, vosso avô, que Deus tem á sua vista em instituir a companhia de Jesus para ser illuminado na vasta senda da sublime religião do Crucificado...

—Então fallae... tendes-me suspenso.

—Vossa augusta avó, ainda vos não participou que deseja recolher-se ao convento de Xabregas...

—Ao convento! E abdicar a regencia do reino! Nunca soube de tal...

—Pois é verdade. Isso já é mais que notorio. Já toda a cidade o sabe... e muito admira que vós estando dentro do paço...

—Ainda o não soubesse?... Pois assim aconteceu. A rainha não tem por costume fazer-me interprete das suas resoluções... portanto, pouco admira a coincidencia.

—Mas, segundo dizia, a rainha depois de abdicar, ha-de forçosamente ficar o sceptro ao cardeal D. Henrique, que é sinceramente affeição á companhia.

Emquanto D. Sebastião ouvia estas maxi-

mas da bocca do seu confessor, passava-se a seguinte scena na camara da rainha.

D. Catharina estava sentada n'um sophá conversando com seu ministro, o conde Pedro d'Alcaçova Carneiro.

—Sua alteza, demora-se hoje desmarcado, dizia-lhe o conde.

—E' verdade... aquelle padre Camara é os seus peccados, incute-lhe as suas ideias no animo, de tal maneira, que ainda ha-de vir a ser a ruina da nação...

—Jesus! Vossa alteza que diz! D. Sebastião, um rei que dá tantas esperanças a Portugal com o seu denodo e valentia...

—Pois é essa mesma valentia que o ha-de perder. Meu neto é um louco deixar-se guiar pelos jesuitas...

—Mas Vossa alteza que quer? E' muito joven ainda... e então seu tio... o cardeal...

—Tambem tem muita culpa. Se não fosse elle, já a muito os tinha barrido do paço, porque os odeio de morte. Conheço perfeitamente que as palavras do Evangelho apenas as tem na bocca... no coração reina a mais desenfreada vaidade e orgulho. E' a aspide encoberta nas flôres... é a mais louca praga, que poderia infestar esta nação.

—Senhora, se todos presassem como vossa alteza, já ella não imperaria d'essa maneira tão perversa...e...

O conde d'Alcaçova foi interrompido por uma dama *d'honor* que havia entrado na sua real camara.

—Que desejais Elvira?

—Real senhora venho depor a vossos pés um documento que me entregaram alli fora, e dizem ser muito interessante.

A rainha pegou n'elle, contemplou-o por instantes e depois entregando-o ao ministro disse-lhe:

—Vêde o que é; talvez alguma reclamação a que não se pode dar credito porque a cada passo se veem ellas por ahi em pessoas incompetentes.

O conde leu o autographo do padre Miguel de Torres e córou.

—Que é isso? Que tendes? Deixae ver....

O conde estendeu o braço e entregou á rainha o documento em questão.

Esta deitou a lente e depois de o ler, balbuciou:

—Isto como se estende? Um facto d'esta maneira e um presagio—e elevando a voz continuou.

—Elvira, está ahí o portador?

—Saiba vossa alteza que está no salão, esperando por resposta.

—Chamaio-o cá.

A aia auzentou-se. Passado momentos entrava na camara da rainha.

João, pois, era elle o portador, ajoelhou-se perante a magestade da rainha, e esta mandando-o levantar, perguntou-lhe.

—Então a que proposito vindes? Que quer dizer este documento?

—Real senhora—disse João, fui encarregado de vos entregar esse autographo, para que saibaes o que em vosso nome se ordena.

—Uma infamia só propria de taes ambiciosos, exclamou a rainha indignada, mas dizei-me como isto veio parar á mão?

—Muito facilmente. Minha madrinha está a servir em casa do sr. João da Cunha, commendador de Malta, a quem esse documento foi enviado; porém, cedendo a seus instinctos patrioticos mandou-me entregar-vol'o.

—Então sois pobre... não?

—Muito, real senhora. Vossa Alteza, não pode fazer ideia do que é a pobreza, porque sempre foi servida em baixellas d'oiro, mas entretanto digo-lhe que apenas minha madrinha é quem nos sustenta. Minha mãe é já idosa e viuva, e não tem quem lhe ganhe a vida—continuou elle com visos de magoado, a ver, se a rainha se compadecia d'elle.

—E então vós que fazeis?

—Eu, senhora, estudo para padre... E a rainha interrompeu-o n'esta occasião. Foi pena realmente não o deixar acabar a phrase, para se poder rir á sua custa.

—E tendes gosto na vida que projectaes seguir?

—Oh! não, real senhora, odeio a de morte e se affectei abraçal-a foi por comprazer...

—Logo vi, porque senão talvez não denunciásseis os padres da companhia...

—Enganáe-vos, senhora. Eu se visse agora diante de mim abrir-se um abysmo, correria em vossa salvação mesmo em risco da minha vida, sou muito dedicado ao throno para o atraiçoar.

Esta resposta desartificiosa valeu-lhe a protecção da rainha, e fez pender a balança que estava já prestes a tombar.

—Conde, disse D. Catharina virando-se para o seu ministro, concedei a este joven uma pensão de 20 mil reis por anno com direito de seus filhos a poderem herdar por sua morte.

E voltando-se para o nosso orgulhoso Joãozinho deu-lhe a mão a beijar, e disse:

—Ouviu, esta pensão é para vós e vossa mãe. Sempre serei vossa devedora; quando precisardes d'alguma coisa, não tendes mais que procurar-me.

E puchando por uma campainha d'oiro, que alli estava pendente, appareceu a mesma aia de ha pouco, a quem disse:

—Elvira, conduz esse joven até á porta do paço.

João fez uma respeitosa cortezia á rainha, e ausentou-se acompanhado da dama *d'honor* da real camara.

—Que atrevimento! —disse a rainha depois que se viu só, com o ministro, dizer aos seus sequases, que eu tinha abdicado e portanto só ao cardeal obdecessem! E' necessario absolutamente banir esta gente do paço! E banirei. Hoje mesmo se lavrará o decreto da demissão do padre Miguel de Torres... ouviu conde! Traga-me logo o decreto para o assignar. Assim como tambem não esqueça a pensão d'aquelle rapaz. (\*)

Pobre jesuita! Quando elle muito socegado confiava no bom resultado das suas empresas, labrava-se no paço a sua demissão de confessor da rainha.

(Continúa.)

A. P. DO AMARAL.

(\*) A rainha demittiu o padre Torres, e nunca admittiu mais jesuitas como confessores... escolheu dois humildes frades.

## FRAGMENTO

## I

.....  
 E foi na primavera, intima angustia  
 sentia dentro n'alma bem pungente,  
 tristeza sem motivo talvez fosse  
 ou presagio fatal d'este presente.

Vestia a natureza como agora  
 o seu bordado manto de mil flores,  
 o mesmo campo tinha estas grinaldas,  
 o ceu tinha tambem as mesmas cores.

Debruçava-se o lyrio na corrente  
 mirando n'ella a fronte qual Narciso;  
 a roza no seu calix meditava  
 talvez tambem sonhando um paraíso.

E eu sonhava tambem, sonhava sim  
 um sonho de delicias bem formoso,  
 eu sonhava talvez como Petrarcha,  
 como o Tasso sonhou tambem gostoso.

Sonhava meu amor, sonhava sim,  
 minh'alma na tu'alma se fundia;  
 tu eras a esperança d'esta esperança,  
 tu eras o meu sol, minha alegria.

Tu eras a minha harpa, a minha lyra,  
 meu intimo inspirado pensamento;  
 eras a minha estrella, o meu vigia,  
 tu eras o meu ceu, meu firmamento.

Eras tudo na terra, tudo, tudo!  
 Eras do ceu tambem meu cherubim,  
 eras singella flor dest'alma ardente  
 no meu delyrio até um deus—emfim!—

## II

Eras tudo, mas qu'importa  
 se a mais fera tempestade

veio pôr uma saudade  
 onde havia só amor,  
 se da vida o doce enlevo,  
 a tão suprema ventura,  
 veio a mão da sorte dura  
 e deixon tão negra dôr.

Se ficaste tu e eu  
 n'este perpetuo delyrio,  
 sentindo n'alma o martyrio  
 tão fatal e tão pungente  
 se nas horas da agonia  
 vem matar-nos a existencia  
 esta saudade esta ausencia  
 esta dôr tão permanente.

Se em tudo que me rodeia  
 a minha mente procura  
 perguntar quando a tristura  
 findará peito meu.  
 Quando um dia um sol mais bello  
 surgirá na minha vida,  
 quando, pois ó flôr querida  
 veremos o mesmo ceu.

Quando a estrella tão infausta  
 cançará de nos seguir  
 quando mais ledo porvir  
 findará a nossa existencia.  
 Quando em vez do pranto triste  
 que de nossos olhos cae,  
 um sorriso em vez d'um ai,  
 seja o termô d'esta ausencia.

## III

Amor, amor n'esta vida  
 é flôr qu'rida  
 que brota no coração;  
 vindo depois a saudade  
 sem piedade  
 derroba a pelo chão.

Amor na vida é um sonho  
 tão risonho  
 sonho que nasce de Deus;  
 aonde apoz do delyrio  
 do martyrio  
 brota meiga flôr dos ceus.

A flor chama-se esperança  
 que bonança  
 vem trazer no mar da vida,  
 quando a horrida tormenta  
 mui violenta  
 passa com a fronte erguida.

E assim pois como no ceu  
 no azul veu  
 uma nuvem passa às vezes,  
 tambem a mão da desgraça,  
 lenta passa  
 e nos deixa mil revezes.

Mas um dia mais sereno,  
 mais ameno  
 vem as nuvens affastar.  
 E no mar da desbonança  
 vem a esp'rança  
 pobre naufrago animar.

## IV

Assim um dia surgirá mais ledo;  
 nossa ventura não será mais breve,  
 tua mão alva como a còr da neve  
 ligar á minha não terás tu medo.

Um dia, um dia surgirá mais bello  
 vindo nas trevas derramar, a luz;  
 um dia, um dia surgirá que a flux  
 ha-de comprir-se nosso ardente anhelô.

Um dia pois, a palidez sombria,  
 a dôr profunda que teu seio opprime,

ha-de nas vozes d'um amor sublime  
 volver-te a dôce festival magia.

Desses teus olhos meu celeste amor  
 onde a tristeza vem mirar-se altiva  
 oh! hade a chamma reviver bem viva  
 nesses dois astros, minha meiga flôr.

Março, 28—1865.

COSTA GOODOLPHIM.

## UM DESENGANO A TEMPO

Vou contar ao leitor o que me succedeu  
 um dia d'estes, quando a entrada dos raios do  
 sol no meu quarto de cama me interrompiam  
 as delicias que eu estava sentindo, entregue  
 nos braços de Morpheu, e o que depois se se-  
 guiu.

Tinha acabado de sonhar, que vira perto  
 de mim uma mulher cheia de encantos, uma  
 mulher d'aquellas que fazem perder a cabeça  
 ainda ao mais descrente dos homens nas cousas  
 de amor, uma mulher de que fôra difficil en-  
 contrar um fiel retrato, e cuja belleza me é  
 impossivel descrever com verdade. Já se vê que  
 acordei sobresaltado por um sonho bem agra-  
 davel, mas que, como todos os sonhos me  
 deixam em um grande desespero por não vêr  
 nem sequer um vestigio da existencia d'aquel-  
 le encantador objecto que, por momentos, a  
 minha imaginação creou!

Vesti-me em tão pequeno espaço de tem-  
 po, que me dei por prompto para sahir sem  
 saber como.

Sahi; corri os pontos mais frequentados da  
 baixa, conheci muita gente, mas não fallei a  
 ninguem.

Sentia em mim não sei que alteração. Um  
 immenso cartaz do Circo pomove, a uma esquina

a minha curiosidade: começava a admirar as garrafas letras que sabem da typographia Franco-Portugueza, quando senti o rojar d'um lindissimo vestido de seda, tão bem feito, de tão bom gosto para a estação, que deixei o cartaz, e deixaria tudo para ver a dama que possuia este bello objecto de luxo.

Em meio segundo tinha eu analysado a mulher que, pelo vestido me attahiu a attenção, e não tractei mais de olhar para o que ella vestia. Já me era indifferente que ella trajasse de seda, ou que fosse cheia de diamantes; o que deveras me importava era que o passeio se alongasse para eu ter occasião de admirar por mais tempo os seus meigos olhares, o seu sorriso encantador.

Com effeito o retracto da mulher com quem eu havia sonhado, tinha-m'o o acaso deparado. Anjo ou mulher, eu via no seu todo um conjuncto de encantos que me prendiam o coração, e me tornavam um ente felicissimo, admirando-os.

E aquella mulher amaria?!...

Era justamente o que me convinha saber, era justamente do que eu devia occupar-me...

Um acaso feliz me fez conhecê-la, um encontro desgraçado me fez perdê-la de vista.

D'aqui por diante eu não tinha outro pensamento senão o d'esta mulher cheia dos attractivos da belleza, rica dos dons da natureza, por toda a parte a procurava, mas nem nos meus sonhos a pudera tornar a admirar! Já isto era uma cruel realidade!

Um dia chegou, porém, que eu tornei a avistá-la em um ponto muito concorrido de Lisboa, aonde eu tive logar de patentear-lhe bem ao vivo a minha ardente paixão. A mulher que eu amava, sem saber se ella era capaz de amar, parecia sorrir-se ás minhas manifestações de amor, e não tardou que os meus amigos me consideras-

sem feliz, merecendo o olhar seductor d'aquelle anjo de candura e belleza.

Cheguei a crer que os meus amigos me diziam o que na verdade sentiam. Cheguei a persuadir-me que a mulher por quem eu me havia apaixonado me amava e que era mil vezes ditoso merecendo o seu amor.

Ah! dizia então, como os sonhos fagueiros de uma noute se convertem, muitas vezes, em realidades invejáveis de muitos dias, em protesto de amor que nem o incessante correr do tempo pôde desfazer! E como é santo, poetico de doce o amor d'uma mulher bella pelos seus encantos phisicos, seductora pelos seus dotes moraes, insinuante pela sua innocencia, interessante pela sua fina educação e pelo seu meigo tracto!

Houve certo tempo em que esta mulher se affastou um pouco dos pontos em que me era dado vê-la.

Um dia o acaso levou me a passar por uma das mais elegantes igrejas de Lisboa, e o instincto religioso fez-me entrar no templo. Dei com os olhos na mulher que eu amei: estava chegada a contrahir o laço sagrado do matrimonio com o meu amigo F., um dos bons e estimáveis rapazes da sociedade de Lisboa!...

Fiquei desenganado, e cada vez mais convencido de que o sonho e o amor são... chimeras!

Lisboa 10 de Fevereiro de 1866.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 62)

## IX

## OS DOIS IRMÃOS

Era ao descahir da tarde d'um dos ultimos dias d'agosto. O sol recolhia apressado as suas redes d'oiro. Os bosques, os prados, as aves, enfim, tudo quanto é vivente e vegetal, parecia compôr um hymno de saudade para entôar, não sei se como de pedida ao sol, se como recepção á lua, que já lá vinha mostrando o seu disco de prata por detraz das fronteiras colinas.

Paulino e sua irmã, passeiavam no jardim, e depois percorreram toda a rua dos Loureiros, e dirigiram-se para o bosque que povoava a cascata.

—Que lindo tapete de verdura se estende ao pé d'este amoroso carvalho! dizia o filho do marquez.

—Utilisamo-nos d'elle por momentos, acrescentou a menina assentando-se sobre o taboleiro de relva, porque eu já estou fatigada do passeio.

Os dois irmãos assentados um a par do outro, guardavam silencio por momentos.

—Minha irmã, disse enfim o mancebo, tenho a pedir-te um favor.

—Já vejo que não mereces a sua confiança.

—Serei feliz podendo fazer-t'o.

—Pódes, é sómente que sejas franca na resposta do que te vou perguntar. Prometes?

—Prometo, sim.

—Clotilde não te deu ainda parte do seu casamento?

—Do seu casamento!! repetia a menina admirada, pois ella casa-se?

—Mas com quem casa ella?

—Com o filho do barão do Franco.

—E elle ama-a?

—Amam se ambos mutuamente.

—Não o acredito, Paulino, quem foi que t'o disse.

—Confessou-m'o elle mesmo; já foi tractado o casamento.

—Pobre Clotilde! disse Josefina, quanto lastimo a sua sorte!

—Lastimo a sua sorte? para que? Pois que lhe falta para ser feliz?

—Um coração que comprehenda o seu, respondeu a donzella. Eduardo é um perfeito *Narciso*, não pôde amar senão a sua pessoa; e, quando a rasão desvendar os olhos da minha pobre amiga, o desengano deve ser terrivel.

—Póde ser que essa desillusão nunca chegue.

—Não o creio. Agora reflexiono sobre algumas palavras que ella soltou o outro dia. Confessou-me que amava, mas não me quiz dizer a quem.

—Eu ouvi essa conversação, disse o mancebo, estava no jardim.

—Então ouvis-te o que eu lhe disse a teu respeito?

—Ouvi; eu já estava no jardim quando foram para a janella.

—Paulino, eu respondi com sinceridade á tua pergunta, responde tu igualmente á que te vou fazer. Tu amavas Clotilde?

—Se a tivesse amado, e agora me fosse indifferente, julgava-me feliz. Amei-a com um amor sereno, puro, e sancto; amo-a com uma paixão louca, delirante.

Tem sido vãos os esforços que tenho feito para a esquecer! debalde a imagino presa nos laços d'outro, d'esse outro que ella ama; mas esta ideia é repellida pela visão celeste que minha alma teima em criar, e aformosear! Vejo-a então a sorrir-se para mim com um sorrir de Archanjo, tem as faces orvalhadas de lagrimas, e ouço a sua doce voz dizer-me: — Vem, enchuga estas lagrimas que a saudade por ti me fez verter.

—Oh! minha Josefina, que torrentes de felicidade inundou meu coração n'estes momentos em que a imagino assim!

—Pobre irmã, como deves padecer quando a realidade desfizer essa illusão.

—Não podes fazer ideia, Josefina; sou arremessado da região do amor, nos abysmos

insondáveis da desesperança!! E elle, o louco, não temer que eu o esmaga-se na minha queda!.. Vir lançar espinhos no tapete de boninas que eu pisava! armar a tempestade no limpido horizonte da minha vida!! Mas que trema, por que pôde ser fulminado pela raiz do meu desespero.

O mancebo havia-se levantado, e passeiava a passos largos.

—Como estou arrependido em lhe tocar n'aquelle assumpto, murmurava a menina, fui sem o saber, comprimir a chaga que ainda sangrava.

O mancebo serenando pouco a pouco, veio assentar-se de novo junto de sua irmã.

—Lembraste, Josefina, do que ella te disse n'aquella noite?

—Lembra-me perfeitamente.

—Pois eu servindo-me das suas proprias expressões, digo-te:—*Se eu a não tivesse conhecido, que feliz se teria deslizado a minha vida.*—Ella foi o anjo que desde a infancia guiou meus passos; parecia-me que ambas nos encaminhavamos para um céu de felicidade: que iamoz gozar as delicias dos Anjos junto um do outro, de repente vejo surgir um demonio que asmagua debaixo de seus pés as minhas risonhas esperanças, e dizer-me com palavras de fogo que me queimam os ouvidos.

—Esse anjo pertence-me porque me ama, e a ti odeia-te — E ella tinha seguido como a estrella polar do meu porvir, dizer tambem:— Não te adoro, mas estimo-te como a um irmão, a quem amo é a elle—E ver-lhe eu brilhar novamente nos olhos aquellas lagrimas de ternura, e nos labios aquelle sorriso divino, e pensar que lagrimas e sorrisos são dedicadas a outro... Isto é superior a quantos tormentos ha no inferno.

—Paulino, pelo amor de Deus torna a ti, faz um esforço; esquece-a.

—Esquecel-a?! como? se o meu coração foi já formado com a imagem d'ella. Olha, Josefina, acredita que só o pó da campa poderá apagar a sua lembrança d'este coração.

—Tem dó do nosso pobre pai que morreria se te visse infeliz.

—Está descançada, minha irmã, porque se não ten' o força para a poder esquecer poderei ao menos occultar esta paixão, só conhecida de nós ambos.

—Se ao menos pudesse estar sempre ao pé de ti, para depositares em meu seio as tuas maguas! Tremo á ideia de te deixar partir com o desespero por companheiro.

—Quero arrancar-me o mais cedo possivel d'estes sitios onde ella vive: irei por estes oito dias.

—Mas a Universidade ainda não está aberta, meu querido Paulino.

—Não importa; demorar-me-hei algum tempo no Porto. Faltam-me dois annos para ultimar a minha formatura, no fim da qual tencio-no ir viajar.

—E queres assim deixar entregues a uma pungente saudade teu pai, tua irmã, e o teu amigo?

—Esse amigo é uma consolação que me resta: Augusto supprir-me-ha junto de ti, e de nosso pai, que encontrará n'elle um filho respeitoso, tu... lucras na substituição, accrescentou o mancebo sorrindo.

—Paulino, a dor faz-te enlouquecer, por isso te perdôo essas palavras. Acaso suppões que nosso pai sobreviverá á tua . ingratição? julgas que tua irmã, e o teu amigo poderão ser felizes sendo tu desgraçado?

—Assim é preciso, Josephina; não posso viver n'estes sitios que se vão tornar o paraizo do meu rival.

A noite havia já estendido o seu manto de sombras sobre a terra: os dois irmãos dirigitam-se silenciosos para casa.

Paulino firme no seu proposito, partiu para Coimbra nos primeiros dias de Setembro. Quando nassou na Salgueirosa, Clotilde, e seu tio, haviam ido fazer uma visita. O mancebo, depois de fallar com a velha Rosa, dirigiu um saudoso adeus áquelles sitios, e foi-se caminho de Coimbra, levando por companheiros o ciu-me e o desespero.

(Continua.)

#### EXPEDIENTE

A redacção agradece aos illustres assignantes da provincia a pontualidade com que tem mandado satisfazer o importe das suas assignaturas; e junctamente: pedia a alguns dos snr. que estão em débito, a bondade de as mandar satisfazer, para não soffrer interrupção na sua remessa.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTÓRICO)

(De pag. 83.)

X

## Os dois poetas

Eram passados onze mezes e estávamos a 22 de Dezembro de 1560, e eram perto de tres horas da tarde. Um homem embuçado n'um capote passeiava d'um lado para o outro pelo Terreiro do Paço.

Era este homem algum tanto idozo e pela impaciencia com que andava, parecia esperar alguém. Era portanto algum negocio imperioso que assim o occupava. Não se podia attribuir a outra coisa esse seu fervoroso cuidado.

Era o grande Luiz de Camões, esse homem que ali andava passeiando.

Sentou-se n'um peão de pedra, e cruzando os braços com o aspecto poetico, que as musas lhe deram e fitou os olhos no mar.

Estava elle alheio a tudo em roda de si e sómente absorvido no fragoso bramir do mar quando uma robusta mão lhe tocou no hombro; voltou-se e viu-se junto de Bernardim Ribeiro.

Que fazes illustre vate  
N'esta terra de Portugal?

Camões retorquiu-lhe muito depressa:

Contemplo a patria minha  
O meu bello paiz natal.

—Não admira— disse então Bernardim— não admira, quem tanto tempo esteve distante do bello solo da sua patria, que o contemple á sua volta.

—Com effeito— respondeu Camões— são muito grandes e lisongeiros os testemunhos de amizade que alguém me consagra, mas que são, comparados com as inimidades que de continuo me torturam os flagellados dias da existencia?

—Oh! mas o vosso brilhante poema está

sublime! É um grandioso monumento que deixaes á posteridade.

—Ah!— respondeu Camões allucinado pelo entusiasmo— essa ignobil raça de ignorantes prostergaram-me ao desprezo do esquecimento, mas ha-de-lhe custar cara no augusto tribunal celeste, tão ignominosa malquerença! O anathema será propagado pelos vindouros, que lhe cuspirão em suas ossadas o sarcasmo plangente da exacração e da ignominia. Fui desterrado para as Indias por ter pugnado pela religião, pelo rei e pela patria, e naufraguei n'um mar tormentoso e fero... entre o horror da morte e esperança da gloria.

—Foi a peor coisa que o destino vos poderia fazer, porque com isso, poderieis affrouxar na vasta senda dos esplendores com que os *Lusiadas* depois vos corôou.

—Ah!— continuou o principe dos poetas —Ia em senda de flores... n'um mar de delicias, inteiramente absorvido na consummação da minha obra que tantos titulos de esperança e alegrias me porporcionava.. quando de repente o sybillante bramir da tormenta me fez recuar na realisação d'aquella ideia puramente patriótica.

Parou um pouco e depois improvisou o seguinte, exaltado pelo seu estro:

Mas eis que de repente o ar se tolda,  
Escura nebrina encobre a lua...  
Espessa nuvem aos olhos cobre  
A esplendida atmosphera d'aquouco.  
Medonho trovão nos ares rimbomba,  
Bramir fero que a tormenta indica:  
Seu ecco soturno atordoava  
Meus magicos sons. E minha pobre lyra  
Tristes devaneios só vibrava....

—Deixe-mo-nos de coisas tristes...  
Mas Camões não o attendeu e continuou:

Era immenso o fragôr das vagas  
Em sua impetuosa corrente...  
Do relampago o fusilar austero  
Alumeava as vagas romorosas  
Do Oceano. Um vento furioso  
Repentinamente errugou os mares.

Estridente celeuma ás nuvens sobe  
 Mais rapido que da agnia o vôo;  
 Retumba no ar estrepitoso grito  
 Mais forte que o estridor immenso  
 Que a Cascavel comsigo arrasta,  
 Transpondo suas cavernosas grutas  
 Era o grito por mim proprio propagado  
 Sem poder arrostar a sorte horrenda  
 Que assim me torturou. A esperança  
 Ao despontar do arrehol do dia  
 De todo me fugiu. Os companheiros  
 Que comigo impavidos arrostaram  
 Grandes trabalhos enormes fadigas  
 Affogados no mar tinham ficado.

E parou. Um momento de silencio veio interromper aquella phrenetica explosão d'um entusiasmo febril. Loucos devaneios seriam na verdade, se um raio da sua razão não seguisse pura; mas entretanto outra cousa muito diferente acontecia. Luiz de Camões, salvo alguns entusiasmos, conservava-se tranquillo e sosegado, porque poucos como elle sabiam arrostar as peripicias da sorte com tanto denodo.

—Que me diz o meu caro amigo aos boatos que correm?

—Os boatos, apenas são meros positivimos d'este abysmo de realidades a que chamamos mundo. O idealismo como sabe, pois tambem é poeta e tem colloquio com as musas, é a coisa mais elevada que Deus poderia conceder á fragil humanidade...

—Pois sim concordo que a poesia é a fiel interprete do coração, a lingua dos Deuses...

—A poesia é,—atalhou Camões—além da lingua dos Deuses, uma sciencia sublime, que dá ás ideias, por meio de palavras, um grau de força, que arrebatá a alma, engana a razão e arrasta o coração pelos indeleveis traços do entusiasmo...

—Creio tudo isso, mas diga-me, qual é a sua opinião a respeito da abdicação da rainha.

—Socegae, meu caro, a rainha é muito viva e esperta para entregar assim o sceptro ao ambicioso D. Henrique que já de ha muito co-

nhece. O lisongeiro que D. Catharina acariciar podemol-o corôar já; tal é a sua justiça e recto comportamento.

—E' verdade; o lisongeiro titulo de *Mãe da patria* que soube adquirir, prova o que acabães de dizer, mas vem de bôa fonte o boato de que ella quer resignar a regencia do reino.

—Meu caro, nem sempre as boas fontes são as que deitam agua mais crystallina. Esses boatos propagados pelos jesuitas.... em quanto não vir ordem official não dê credito a boatos espalhados por conveniencias politicas.

—Assim será. Bem me lembra como em Janeiro se dimittiu o seu confessor o padre Migel de Torres tanto em segredo. Foi um completo desapontamento para a companhia de Jesus; um facto d'esses, honra quem o pratica.

—Então ahí tem uma prova mais que certa dos segredos d'Estado. Se por acaso é certo o que dizeis, isso se virá a saber.

—É o que vivamente desejo; e Deus permitta que S. A. a rainha, conserve por annos desmarcados e immensos a regencia d'estes reinos. Até logo; se por aqui se demorar, ainda hoje nos veremos.

E o poeta Bernardim Ribeiro, deixou o author dos *Lusiadas*, que ficou de novo absorvido nas suas meditações costumadas.

Ahí esteve por espaço de tres quartos d'hora. Depois fitou o paço que se avistava ao longe, envolvido em nuvens doiradas que lhe davam um aspecto magestoso, e deslumbrante, e depois de o contemplar por algum tempo levantou a voz com uma inflexão entre o irado e o aborrecido, improvisou:

Que poderei do mundo já querer  
 Pois no mesmo em que puz tamanho amor,  
 Não vi senão desgosto e desfavôr,  
 E morte emfim que mais não pode ser.

Pois me não farta a vida de viver,  
 Pois já sei que não mata grande dôr  
 Se hover cousa que mágoa dê maior  
 Eu a verei; que tudo posso vêr.

A morte, a meu pesar, me assegurou  
De quanto mal me vinha: já perdi  
O que a perder o medo me ensinou.

Na vida desamor sómente vi,  
Na morte a grande dor que me ficou:  
Parece que para isso só nasci. (\*)

E tornou outra vez a olhar para as caudalosas vagas do Oceano.

A inveja que te importa...  
Que tens tu co'a ambição?  
Segue; trepidar não debes...  
Lembra-te d'esta nação.

Lhe disse uma voz baixa e ao mesmo tempo roufenha, Camões virou-se e viu-se com o padre Luiz da Camara que o convidou a segui-lo até ao paço, para se distrahir, e ao mesmo distrahir os outros.

Camões condescendeu e d'ahi a pouco transpunha as moradas reaes de companhia com o jesuita.

(Continúa.)

A. P. DO AMARAL.

## NÃO CHOREIS

*Justus Dominus in omnibus  
viis suis, et sanctus in omnibus  
o peribus suis.*

(Ps. CXLIV. V 18)

Mais um anjo a Deus subiu.

(SOARES FRANCO).

Que motiva o vosso pranto,  
que gerou a vossa dôr,  
ter mais um anjo o Senhor  
vindo cobrir com seu manto?  
Que motiva essa agonia,  
essa pena tão profunda,  
essa dôr que vos circumda  
deslembrando o Paraizo?  
Perdesteis o filho qu'rido

de quem bastava um sorriso  
para sorrisos tambem?  
Doe-vos a dôr de ser mãe  
ter tão rapido fugido  
aos vossos doces carinhos?  
Mas não vêdes, que foi Deus  
quem o levou para os ceus  
livrando-o destes caminhos,  
onde o homem tantas vezes  
cercado de mil revezes,  
pungido por mil espinhos  
mal diz a sua existencia  
e tem saudade, saudade  
de, na quadra da innocencia  
ter voado á Eternidade.

Oh! ninguem chore, ninguem  
por um anjinho que vôa  
a cingir a etherea c'roa  
de flores, que não encerra  
este caminho da terra.  
Ninguem chore a flor mimosa  
que ainda em botão pendeu;  
foi abrir e mais formosa  
além no jardim do ceu.

Aqui, no correr dos annos  
tinha os negros desenganos  
que da vida ao vendavel  
nos cercam continuamente,  
a poz auroras festival,  
e mais tarde, debilmente  
murcharia. Mas agora  
junto ao throno do Senhor  
gosando da eterna aurora  
cinge-o ethereo esplendor  
Oh! então se cae o pranto  
que vem de fundo desgosto  
orvalhando o vosso rosto  
queimar-vos o coração.  
Meditae o doce encanto  
que o circumda, que já gosa,  
lembrae-vos que sois esposa  
e que breve novamente  
hade vir um innocente  
pedir os vossos affagos:  
Não queraes pela saudade  
definhar-vos lentamente;  
não torneis dias amargos

(\*) Obras de Luiz de Camões,—Lisboa 1852—Tomo segundo, soneto XCII pag.—51.

os dias dos que vos cercam;  
e estes doces pensamentos  
de vós nunca se vos percam:  
de que é sempre uma ventura  
o mais sublime penhor  
que nos dá o Salvador  
se na quadra da innocencia  
tira ao mundo uma existencia  
deste caminhar terrestre;  
e a seu lado, nas alturas  
livre já das amarguras  
a tem na patria celeste.

COSTA GOODOLPHIM.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 88)

### X

#### A VISITA

Agora pôde o paciente e benevolo leitor descaçar da fastidiosidade massada que lhe temos dado. Esta *lengalenga* sem gosto e sem chiste tem-lhe mais d'uma vez desafiado o somno! Pois bem, pôde agora entregar-se ás delicias de Morpheo, e procurar antidotas para o fastidioso enjôo que o nosso pobre romance lhe tem cauzado; e depois, se ainda se sentir com força, vontade, e paciencia para nos continuar a aturar; e se as personagens d'esta historia lhe tem despertado algum interesse, tenha a bondade de nos seguir, que vamos em procura do fio d'este romance. Tinhamos deixado *fio* na Salgueiroza, se bem me lembro.... Foi isso, foi. Vamos por conseguinte á Salgueiroza em procura d'elle; mas receio que esteja já *apodrecido*, porque desde que o largamos já dois invernos choraram sobre elle as suas lagrimas desoladoras. Estamos, como o leitor sabe, transportados ao anno de 1845. Bem, achamos o debil fio da historia; attenda-me o leitor, que eu vou continuar a narrar:

Era nos fins de maio de 1845; a chuva

cabia em torrentes, repetidos trovões enchiam com seu medonho estampido a amplidão dos espaços, ameados relampagos rasgavam as grossas nuvens que se haviam agglomerado sobre a Salgueiroza e suas immediações. Todos os habitantes da formosa aldeia estavam possuidos do maior susto! Nunca haviam visto uma tempestade tão horrivel! O ribombar do trovão echoava nas concavidades dos montes, e repercutia o seu terrivel estampido sobre a planicie. As pessoas mais moderozas diziam que era o fim do mundo, a Igreja enchia-se de ferventes devotos. Padre Francisco a custo podia denominar tanta confusão. Em caza de Clotilde partilhava-se o geral sobresalto. Roza corria assustada para o quarto de sua ama. Esta estava de joelhos, e recitava com fervor a Magnifica.

— Que terrivel tormenta, minha snr.<sup>a</sup>, dizia a pobre velha entrando no quarto de sua ama, parece que vamos a ter segundo *diluvio!*

— Isto vai a passar; as rajadas de vento vão dispersar a trovoadá.

— Pelo contrario, minha snr.<sup>a</sup>, parece que o vento redobra a furia da agua...

— Escuta, Rosa, que barulho é aquelle? parece que batem ao portão. Com effeito sentiam-se fortes pancadas na porta do jardim.

— Os criados estão surdos! Vai, dize a Leopoldo que vá abrir a porta.

Em quanto o criado vai ver quem é o desgraçado que está á prova d'agua, daremos ao leitor uma breve ideia dos successos que haviam decorrido durante os dois annos em que deixamos em esquecimento o fio d'esta singella historia

Clotilde não tinha tornado a vêr Paulino desde aquelles dois dias que elle e sua irmã passaram na Salgueiroza. O leitor hade estar lembrado de que a donzella não estava em casa quando o filho do marquez passou para Coimbra; e quando elle voltou a ferias, no verão seguinte a tinha elle; e seu tio ido para uma aldeia do Minho, para casa d'uma irmã do snr. Cunha que alli estava casada e muito rica. O snr. Anselmo voltou em breve, mas sua sobrinha passou lá os tres mezes do verão e quan-

do regressou, já Paulino havia voltado para Coimbra.

O sr. Silvestre Gomes, firme nos seus projectos, tinha voltado á Salgueirosa acompanhado de seu sobrinho. Este era um ente tão antipático, tão grosseiro, que Clotilde não pode gostar mais d'elle do que do tio; e quando o seu tutor lhe disse que o joven Bernardino estava encantado das suas graças, e que olhava como a maior ventura uma união com ella, a menina não pode deixar de sorrir da proposta que seu tio lhe fazia, e desvanecia as suas esperanças, e as do sr. Gomes como havia desvanecido as do barão do Franco. Não acontecia o mesmo ao filho d'este.

Eduardo estava tão convencido da sympathia e graça que julgava possuir, da elegancia do seu corpo, e do chiste que tinha em tudo o que fazia e dizia, que não se podia conformar com a idéa de que Clotilde havia regeitado a sua mão. Em 1844 concluiu elle a sua formatura, e logo que Clotilde regressou do Minho foi elle logo á Salgueirosa.

Eduardo tinha formado um novo plano, e julgava tiraria d'elle os melhores resultados. Nas conversações que teve com a menina, representou o papel de martyr resignado! nem a mais leve allusão á recusa da donzella, nem uma palavra da paixão que elle dizia lhe queimava o peito.

Clotilde notou o procedimento do mancebo, e parecia-lhe nobre. Sentiu despertar a compaixão na sua alma generosa, e principiou a tractar o moço com differença e estima.

Como já dissemos, a vaidade não tinha deixado murchar as esperanças no coração do mancebo, e a mudança que notava nas meninices affaveis da donzella pareceu-lhe um triumpho que a sua agradável pessoa acabava de obter.

Logo que regressou a casa significou a suas irmãs o desejo que tinha de que ellas contrahissem amizade com Clotilde a quem fez os maiores elogios; e rematou por lhe pedir que a fossem visitar.

As maliciosas meninas riram a bom rir do entusiasmo do seu irmão, e disseram-lhe fór-

malmente que não iriam visitar Clotilde sem que ella alli viesse primeiro.

Eduardo quiz ver se seu pai mudava a resolução de suas irmãs. Contou-lhe a differença que tinha notado em Clotilde, e que a menina desejava instreitar os laços d'amizade entre as duas familias.. Acrescentou mais que Clotilde queria vir primeiro visitar suas irmãs, mas que o sr. Cunha estava doente, e por isso impossibilitado de acompanhar sua sobrinha. O barão acreditou quanto Eduardo lhe disse.

—Parece-lhe bonito e decoroso, meu pai, que nós vamos assim solicitar a convivencia d'essa laponia? dizia D. Antonia, quando o seu pai lhe participava que iriam á Salgueirosa.

—Já vos disse que Clotilde queria vir visitar-vos primeiro, mas não tem quem a acompanhe, já que seu tio está doente.

Em fim depois de muitas observações assentou-se que a visita seria feita na semana seguinte.

A aproximação do inverno poz estorvo á execução d'esse projecto. O dia que tinham destinado para a sua vizita appareceu chuvoso. Isto era pelos fins de novembro, e as meninas disseram que era melhor esperar para o primeiro de janeiro, para irem dar as boas festas á sobrinha do sr. Cunha.

(Continua).

## O AVENTUREIRO

Ao meu amigo

FRANCISCO ANTONIO MARQUES GIRALDES

Vento em pôpa o mar rasgava  
Pequena e linda embarcação;  
Em pé na prôa, um mancebo  
Intôava esta canção:

Não conheço a minha patria,  
Tenho por norte o destino,  
Rio desprezo a riqueza,  
Cumpro um preceito divino.

Tenho um coração, mas livre,  
O amor não o inflamma,

Sou insensível á gloria,  
Nem sequer conheço a fama.

Não conheço a minha patria,  
Tenho por norte o destino,  
Rio despreso a riqueza,  
Cumpro um preceito divino.

Debalde irado o mar berra,  
Não tenho medo ao seu rugir;  
Affronto a morte não temo,  
Ao p'riego costume sorrir.

Não conheço a minha patria,  
Tenho por norte o destino,  
Rio despreso a riqueza,  
Cumpro um preceito divino.

O vento em furia sopra,  
O raio fenda os outeiros;  
Á nau quebre o cachopo,  
Luctarei com os aguaceiros.

Não conheço a minha patria,  
Tenho por norte o destino,  
Rio despreso a riqueza,  
Cumpro um preceito divino.

Venha tambem a desgraça  
Com toda a sua cohorte,  
Que com forças não a temo,  
Com ellas resisto á morte.

Não conheço a minha patria,  
Tenho por norte o destino,  
Rio despreso a riqueza,  
Cumpro um preceito divino.

SOUSA CAVALHEIRO.

## REMINISCENCIAS

Dourados sonhos da minha infancia, onde estão as venturas, que outr'ora com rosto alegre me promettieis? Onde está aquella esperança fagueira que com o braço estendido me apon-taveis? Oh! já tudo feneceu! Na infancia só vãs chimeras nos rodeiam, só fallases esperanças nos

acareciam!... E nós, se havemos de desprezar suas meiguices, damos-lhe credito. E porque? Pórque, envolvidos nos prazeres e folguedos do presente, não temos tempo para pensar no porvir com a devida circumspecção... Porém o tempo corre ligeiro, e, chegado o futuro, vemos-nos a braços com tristes desenganos....

Ainda hontem a existencia, ornada de galas, e rodellada de gozos infinitos, me sorria alegre e prazenteira: então sentia eu no peito tomar incremento uma lava de prazer que n'elle nascera, e que me tornava o mais ditoso entre os mortaes; porque me affagavam os carinhos d'uma mãe terna; porque tinha irmãos extremosos, e no meio de brinquedos innocentes que juntos gozavamos, me esquecia de que pedesse existir a desventura; e porque tinha amigos verdadeiros que não deslustravam o sagrado affecto da amisade.

Hoje, quanto me rodeia, é arido e triste!... Pouco a pouco o destino cruel me veio separar dos entes que mais estremecia!... Uas roubou-m'os a Parca devastadora, cortando com sua fouce os ultimos laços que os prendiam á vida.... Outros arrancou-os dos meus braços a sorte avara para os transportar a terras longinquoas....

Agora, quando algum pensamento triste me assalta o espirito, procuro o seio de minha mãe para n'elle desafogar a minha dôr em sentido pranto..mas..ai de mim! já não o encontro.. já não sinto esses affagos que n'outro tempo bastavam para enxugar minhas lagrimas.. nem já sinto o calor dos seus beijos... e apenas posso pronunciar a custo:—Minha mãe!.....

.....

Busco então um retiro solitario, onde sem temer curiosos olhares, deixo correr o pranto de meus olhos magoados... E' sómente na solidão e que encontro allivio para a dôr que me atormenta.... Alli, dobro o joelho, fito os olhos no firmamento, ergo as mãos, e em preçoso fervoroso peço ao Creador de tanta grandeza e magestade a resignação que me é necessaria....

AUGUSTO QUEIROZ.

## O FAUSTO

Está-me parecendo que a opera *Fausto* se pôde comparar, agora, ao tonel, immenso e desfundado das irmãs Danaides, de que nos fallam as tradições mythológicas. Imaginem o *Fausto* um grande tonel, a que todos os escriptores do paiz teem lançado boa copia de palavras, mas, que por não ter fundo, como o outro, está ainda completamente vasio. Isto quer dizer que se tem dito muito do *Fausto*, e que se não tem dito nada. Mas a razão, a final, é obvia.

Não ha um só viajante, que ao visitar Roma, não fique embevecido deante da cathedral de S. Pedro, essa esplendida epopea de pedra, que está continuamente derramando na alma de quem a contempla niagaras de poesia.

Mas perguntando a esse viajante o que é a cathedral de S. Pedro, vereis que elle se cala em doloroso recolhimento, por não poder exprimir em palavras o que está vendo ainda na imaginação, com todo o esplendor da sua grandeza. Se abre a bocca, porém, e tenta descrever o que se lhe pede, dá-vos um esboço pallido d'aquella maravilhosa construcção, e vós ficais sem saber o que é a cathedral de S. Pedro, por a simples razão... de elle não ter dito o que ella é. Com o *Fausto* acontece exactamente o mesmo. Vai-se vêr o *Fausto*, sentem-se impressões novas e sublimes, a alma foge-nos com as notas que se côm dos labios de Margarida, perdem-se os sentidos na vertigem que nos enleva, a embriaguez manifesta-se, mas se nos perguntarem o que é o *Fausto*, ó impotencia humana, não se diz!...

Não saio a campo com pretensões de dizer mais de que os outros. O Porto, esta cidade do futuro, como lhe chamou Pinheiro Chagas, preparou-se para o grande spectaculo, os cartazes annunciaram-o, os jornaes fallaram fanaticamente da opera, correu a população ao theatro, a plateia encheu-se, e eu perdi-me tambem n'aquelle *mare magnum* de espectadores, que esperavam, d'olhos arregalados, que o panno subisse.

A orchestra começou a symphonia. A's primeiras notas ninguem fallava, as respirações es-

tavam suspensas, ninguem se movia, porque ellas prometteram uma opera admiravel, porque ellas são o prologo esplendido d'uma partitura inimitavel.

O panno subiu. A um tempo, e como por combinação, os binoculos assestaram-se, e fixaram-se no doutor Fausto, que medita assentado á sua banca d'estudo, á luz pallida d'uma lampada prestes a extinguir-se.

Quem não conhecesse o tenor Agresti, quem não o tivesse ouvido muitas vezes, percebia logo ao ouvir-lhe as primeiras notas, que elle está longe de ser um rival perigoso do celebre tenor Mario, universalmente conhecido por o seu *dó do peito!*.. Isto é uma verdade triste de referir!..

Não continuo a desenvolver o libretto, porque elle tem sido publicado em muitos jornaes da capital e do Porto, e não é hoje desconhecido a ninguem. Vou, porem, fallar rapidamente dos cantores. A snr.<sup>a</sup> *Elvira Demi*, Margarida, comprehendeu admiravelmente o seu papel, e canta com gosto e correcção bastante. Loira como Daphne, formosa como Venus, faz-nos lembrar aquelles visões vaporosas e azues das lendas allemans do mesmo Goethe, Uhland, Chamisso e muitos outros.

A snr. Demi tem jus aos louros do triumpho, porque se ha admiravelmente no seu papel. O tenor Agresti não desempenha cabalmente, penso eu.

Nos lances de maior sentimento, conserva-se frio, sem paixão, sem enlevo, sem aquelle fogo d'um poeta que ama, ou d'um amante poeta, como Fausto. Nestas situações de euthusiasmo, mostra o snr. Agresti o defeito de ser... um pouco *agreste* de coração... Dizia o snr. Pinheiro Chagas, ha mezes, n'um folhetim: — «Fausto, para seguir as boas tradições lyricas, deve ser tenor, mas tenor só quando se apresentar juvenil, apaixonado, cheio de fogo e de vida etc.» E eu digo, agora, ao illustre folhetinista: Tenor é o snr. Agresti, mas tenor que não pôde ser Fausto, porque se não apresenta juvenil, apaixonado, cheio de vida e de fogo, e faz errar as boas tradições lyricas.

O snr. *Paccini*, Mephistopheles, comprehendeu também o seu papel, e se algum defeito tem, pode-se dizer francamente, é exagerar um pouco. O snr. *Morelli*, Valentim, desempenha mal.

D'aqui resulta que a scena do côro das cruces, a morte de *Valentim* e o quartetto do terceiro acto, ficam valendo menos, do que na verdade valem. Quem faz o papel de *Martha*, é a snr.<sup>a</sup> Gabriella Florentina, actriz dramatica portuense, que á falta de melhor cantora o accitou.

Dizendo isto, respondo á *Chronica dos theatros*, que perguntava outro dia: «Quem fez o papel de *Valentim*? Quem faz o papel de *Martha*?»

Ficam sabendo os collegas quem desempenha estes papeis, e ficam também sabendo que são mal desempenhados.

O papel de *Siebel*, pagem, é feito pela senhora *Cazaloni*, que se apresenta condignamente. O *mise-en-scene* e a orchestra é que são admiraveis, e não nos deixam nada a desejar.

Porém de todos os actores que cantam no Porto a celebre partitura de *Gounod*, é só a snr.<sup>a</sup> *Elvira Demi* a verdadeiramente distincta, a unica que sahe victoriosa d'este admiravel torneio lyrico. Dê-se a *Cezar* o que é de *Cezar*; *a tout seigneur tout honneur*.

ALBERTO PIMENTEL.

### A MINHA MÃE

(N'um album)

Os meus cantos são teus, ó minha boa mãe.  
Pois que de ti me veio a emanação do bem  
Que no leite sorvi, dar-vos também devia  
A emanação da alma, o amor e a poesia...  
Os meus cantos são teus: o aroma é da flor,  
As estrellas do ceu, o ceu é do Senhor,  
As areias do mar, e a espuma da vaga!  
A nada falta mãe! Quem é que nos affaga  
E dá consolações nas horas do soffrer?..

E nós—sem ter razão!—havemos d'esquecer  
Esse grande mentor, o coração materno,  
Primavera sem fim!

O amor não tem inverno

No coração de mãe!

E nós os filhos seus

Devemos de cantar—assim o manda Deus—

O abril do seu amor, como cantam as aves

O abril, que lhes inspira os modilhos suaves.

ALBERTO PIMENTEL.

### A UMA RAPARIGA

N'UM ALBUM

O teu pucaro d'agua, ó filha, não me apaga  
a sede que em meu peito, ha muito, afogueaste.  
O oceano do amor rôla vaga apoz vaga,  
e eu só me inclino á onda, e eu sou tão debil haste!

Quero o immenso e teu seio é para mim bastante!  
Busco a Deus e tu és o meu unico altar!  
Peço-te a Biblia e dás-me esse Inferno do Dante!  
Aspiro a eternidade, e basta me o teu lar!

Abriste no meu seio a fonte dos enganos,  
e vae... oh! vae além encher a tua bilha,  
mas deixa uma esperança ao ceu dos meus vinte annos  
em cada prega azul da lúcida mantilha.

SOUSA VITERBO.

### LITTERATURA D'HONTEM

OU

BREVES REFLEXÕES SOBRE A QUESTÃO LITTERARIA

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

Este bem escripto opusculo acha-se desde já á venda n'esta typographia e nas principaes livrarias d'esta cidade.

PREÇO 100 REIS.

EXPEDIENTE

A redacção agradece aos illustres assignantes da provincia a pontualidade com que teem mandado satisfazer o importe das suas assignaturas; e junctamente pedia a alguns dos snrs. que estão em debito, a bondade de as mandar satisfazer, para não soffrer interrupção na sua remessa.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTORICO)

(De pag. 91.)

XI

## Incerteza

O erudito commendador foi a primeira pessoa que os dois companheiros encontraram. João da Cunha desfez-se em cumprimentos á sua chegada. E o padre Luiz da Camara, retorquiu-lhe com outros cumprimentos não menos circumspectos e attenciosos. O que são coisas! Se elle soubesse que o commendador tinha sido a causa (entende-se, mesmo *malgré soi*) de a rainha ter postergado junto de si o padre Miguel de Torres, e por conseguintemente os conselhos dos jesuitas; era muito de supôr que nem para elle olhassé, se a sua indole lhe não suggerisse outra affronta peor, porque a companhia de Jesus não recuava diante de ninguem, nem temia obstaculos que a sorte lhe suggerisse em suas mais attenuantes peripecias.

O commendador sahio para fóra e Camões seguiu para dentro, de companhia com o confessor de D. Sebastião.

Este não foi, como era de presumir, fallar com el-rei, mas conferenciar com o cardeal D. Henrique. El-rei sahia para fóra acompanhado do seu ministro D. Pedro d'Alcaçova Carneiro, dois jovens de perto da sua idade, o seu aio Aleixo de Menezes e mais alguns fidalgos e dirigia-se á borda do Tejo. Mettendo-se no seu brigantino real, fez-se de vela n'uma viagem de recreio pela esteira verde e immensa dos crystaes d'aquelle amenorio.

Este passeio foi algum tanto demorado, porque sua alteza achou-se muito bem n'elle, e as suas disposições bellicas estavam perfeitamente d'accôrdo, com o aspecto algum tanto ar rugado que o Tejo então apresentava. El-rei divertiu-se muito; e para corôar sua alegria, quando se recolhia ao paço deu a demonstrar desejos de conversar com os jesuitas ao collegio de Santo Antão, o seu aio disse-lhe claramente que tal coisa não era propria por causa da tarde já

estar a findar, e jantar mais que a unica coisa que se lhe offerencia era chamarem-se alguns padres que lhe fossem mais affeiçoados e entreter a noite conversando com elles.

Condescendeu el-rei com este pedido e dirigiu-se ao paço, já de noite. Recolhido que foi á sua camara mandou dar parte ao jesuita Simão Gomes, denominado o Sapateiro para lhe vir fallar no dia seguinte e passou aquella noite conversando com D. Alvaro de Castro, homem algum tanto intelligente e que por muito tempo tinha nas Indias obrado prodigios de valor.

—Que vos pareceu este passeio, D. Alvaro?

—Uma coisa grande para vossa alteza, mas muito diminuta para mim, que tenho militado em muita campanha e barateado meu sangue em bem da patria.

—E' verdade, segundo se diz, sois um dos mais valentes do meu reino.

—Senhor, isso é lisonja desmarcada que vossa alteza me faz, mas não é sem orgulho que digo que fui eu, quem por muito tempo elevou o nome portuguez nas praias indianas. Sua alteza o snr. D. João III, vosso avô, que Deus tenha á sua vista e de quem eu fui fiel e dedicado subdito, assim como sempre o serei de vossa real pessoa, tractava-me com immensa familiaridade e amizade que sempre me penhorou...

—E pensaes que eu não faço outro tanto? Eu estimo muito os poucos homens valentes que tenho em Portugal, e meu tio, fará outro tanto, tenho a certeza d'isso.

—Vossa alteza penhora-me muito com essa excessiva bondade com que me tracta, e se Deus em seus altos designios lhe conservar esses extinctos, vossa alteza, virá a ser o mais potente e illustrado rei de Portugal. Vossa augusta avó, que tantas sympathias tem ganho no reino, está já idosa e cansada de governar e o legado do governo recahirá em quem, tambem como ella sustentará as redeas do governo a geral comprazimento de todos.

—Convenho no que dizeis, porque ha muito vos conheço a maestria e sisudez em negocios d'esta ordem, mas deverei acreditar que

isso é linguagem desapaixonada e livre d'odios partidarios?... Fallae-me francamente, por que gosto d'ouvir a verdade com todo o seu esplendor...

—Se vossa alteza me concede essa honra, direi, que a indole bondosa com que o Eterno houve por bem dotar vossa augusta pessoa, põe-o a coberto de muita injustiça...

—Como assim?... Pois vós...

—E' verdade, senhor. Esses sequazes da companhia de Jesus, que vossa alteza tanto adora e ama, são uns traidores que só fazem dano á patria.

—Ora! isso não tem resposta. Pois a companhia de Jesus, que tanto zelo mostra pela religião, e como haveis de saber, converteu tanta gente nas Indias, pôde-se dizer que atraioam a patria?

—Senhor, isso foi em tempo. Então tractavam elles por meio das suas ideias rectas e justas estabelecer confiança e partidarios, tanto no interior como no exterior do reino, mas agora que elles veem que dominam a familia real, só tem as palavras de Christo na bocca... comprehendéis, senhor, só na bocca, porque no coração já ha muito que não reinam.

—Mas, sois vós o primeiro que tal me dizeis e já agora provae-m'o, dae-me a razão do vosso dito.

—Só vos direi—tornou-lhe D. Alvaro—que os jesuitas a quem consultaes, nenhum conhecimento tem nas altas deliberações do estado. Apesar do nome que teem, a sua pericia de nada lhes vale, porque lhes falta o raciocinio e a meditação. São muito imprudentes nas suas cidades, e nenhum obsequio teem causado ao paiz... porque...

—Mas isso ainda não prova nada... se me não dizeis mais... de pouco vos vale a accusa...

—Quereis que vos dê a razão do meu dito?... Ei-lo:—Perguntae a toda a cidade de Lisboa quaes são os intentos e acções dos jesuitas... e toda ella vos dirá: «A companhia de Jesus é o verme mais roedor que a sociedade poderia ter .. de tudo se servem para postergarem suas iras e odios... até nem a propria religião

está segura contra seus sacrilegos e nefandos intuitos... Eis o que vos diria a cidade em peso. E tudo isto, porque? Porque o seu orgulho, e a sua desmesurada ambição, os teem arrastado a tão louco como desarrasoado desígnio.

—Mas como poderei eu saber a verdade?

—Vossa alteza não acredita em mim? Pois posso-lhe dar a razão de tudo quanto asseverei. Se não for necessario para ser acreditado, dizer que aposto a vida sobre tudo quanto disse, posso ainda affirmar que tenho quem prove a vossa alteza não só estes, mas muitos mais segredos d'estado.

—E asseguraes-me isso de certo?...

—E' mais que certo, real senhor, os jesuitas só servirão para acabar d'arruinar a patria. O thesouro real está já inteiramente estancado, e a final, que lucrou o paiz com esses infinitos estabelecimentos inuteis de que o reino está cheio? Diga vossa alteza qual é o edificio construido por elles que alguma vantagem possa offerecer á nação?

O rei ouviu com attenção e não respondeu nada.

—Que dirão as nações estrangeiras—continuou D. Alvaro dobrando em zelo, mas já se vê para sua conveniencia, porque intentava depôr os jesuitas para se assenhorear dos seus logares.—Que dirá o sacro-collegio? Que o reino de Portugal perdeu aquelle brilho e resplendor que se lhes via no reinado do mestre d'Aviz, D. Affonso V, D. Manoel e D. João III, vossos augustos avós, sobre cujas ossadas venerandas, ousaram cuspir o mais pungente sarcasmo... um escarro ignobil tão loucamente arremessado!...

Um momento de silencio.

—Vossa alteza—continuou elle—cuida que reina? Não, senhor, não é vossa alteza o nosso principe.. elles é que são os nossos monarchas. Dispõem de tudo quanto podem haver á mão, dão commendas, mercês, graças, recompensas e castigos. Elles é que são os verdadeiros reis de Portugal. (\*) Ah! senhor, se D. Manoel se

(\*) Historia de Portugal da Bibliotheca economica—pag.

erguesse agora do tumulto e contemplasse o vigor da actual realza, segunda vez de pejo morreria!... Era impossivel que seus manes não perseguissem quem tão injustamente abusa do poder, para assim flagellar esta nação briosa, e digna de melhor sorte...

O rei estava vencido, mas não convencido.

—Então qual é o vosso parecer sobre esta questão toda?

—Senhor, a minha opinião é esta, embora, m'a tacheis d'inconveniente—A altivez do espirito fal-os odiar por todos, e o unico remedio que ainda póderia haver, era arredal-os da côrte o mais breve possivel.

—Mas que quereis que vos faça, se não sou eu quem governo?. Minha avó ainda tem a regencia e portanto só com ella é que vos deverieis haver.

—Vossa alteza—disse D. Alvaro—está convencido da verdade, ou ainda labora n'essa terrível loucura em que o padre Camara o poz? Isto é de noite e vossa alteza não me pode acompanhar nem tão pouco será facil trazer aqui, quem vos mostre tudo até a evidencia; mas amanhã espero que v. alteza se conformará com tudo quanto tenho asseverado.

O rei não sabia quem obrava tamanho prodigio, e nem lh'o perguntou por que receiava confundir mais as ideias, mas no entanto disse-lhe:

—Talvez não saia fóra; e se acaso cá não poderdes trazer esse *thymaturgo*—e o principe pronunciou esta palavra com um sorriso d'incredelidade—saibai-me lá por fóra alguma coisa concernente á minha vida, aliás não acredito.

—Uma pergunta — disse D. Alvaro — v. alteza pode-me conceder um favor?

—Fallae.

—Amanhã offerecer-vos-hei um jantar em minha casa e lá pedereis fallar com quem vos porá ao facto de tudo.

—Está dito, não falto lá.

—Então não se esqueça v. alteza, mas no entanto pode já deitar odio implecavel a toda

essa nefasta gente, esses lobos famintos, a que chamam companhia de Jesus.

E sabiu triumphante da camara do rei.

(*Continúa.*)

A. P. DO AMARAL.

## O IDYLLIO DA INFANCIA

### A UMA CRIANÇA

#### I

Ao vél-a tão formosa,  
Entre as mais pequenitas,  
Sorrindo graciosa  
A's boas avesitas,  
Que poisam sobre o muro  
Ónde a hera se entrança,  
Eu penso no futuro  
D'essa gentil criança!

E cuido vél-a já n'essa quadra risonha,  
Momento d'illusões, idade do amor,  
Em que o seio palpita, e a cabeça nos sonha  
Um mundo todo luz! um mundo bem melhor!

Croada de flores  
Cuido vel-a um instante  
A segredar amores  
Ao seu gentil amante!  
E fico pensativo  
A scismar n'isto, enquanto  
Seu olhar expressivo  
Reflecte um vago encanto!

Igual a tua irmã, ó pequenina alveola,  
Possues o doce rir! e languidez no olhar!  
Da frente em derredor a luminosa aureola!  
E no aspecto gentil um què d'arrebatar!

Ao vél-a tão formosa,  
Entre as mais pequenitas,  
Sorrindo graciosa  
A's boas avesitas,  
Que poisam sobre o muro  
Onde a hera se entrança,  
Eu penso no futuro  
D'essa gentil criança!

#### II

Da quadra da infancia  
Os dias são risonhos,  
Como os aerios sonhos,

Que nos fallam do ceu !  
E que doce innocencia  
Não mostram os brinquedos  
D'esses instantes lêdos  
Sem dôr, sem mal, sem veu!

De tudo descuidosa,  
Co'as outras pequenitas  
Colhes as margaritas  
Que a primavera dá.  
E de brincar cansada,  
A' noite, achas consôlo  
De tua irmã no collo  
Onde mais que um ceu ha...

E quando estás dormindo  
N'esse berço sublime,  
Na tua face imprime  
Mil beijos tua irmã.  
Assim tambem na rosa,  
Que entre as folhas repouza,  
Ardentes beijos poisa  
Sempre a luz da manhã!

E's bella se te occultas  
Entre as moitas floridas  
Jogando as escondidas,  
Da tarde ao descahir !  
Ou quando d'algum lago  
A bacia de prata  
Na agua te retrata  
E começa a rir !...

Fôra melhor ficares  
Só nos teus cinco annos;  
Dos infantis enganos  
Absorta no sonhar !  
E sê da idade amarga  
Não viras o deserto,  
Não sabias de certo  
Quanto custa chorar !

Da manhã no crepusculo,  
Ao despertar, as aves  
Cantam notas suaves  
D'um hymno festival.  
Mas quando surge o véspero

Cala-se a natureza  
E veste da tristesa,  
O manto funeral...

## III

Da tua infancia o idyllio  
Mais de que os outros é bello !  
Que não fallam do desvelo  
Como o teu, da boa irmã...  
Que elles não fallam d'um anjo  
Que em seu collo te adormece,  
E resa contigo a prece  
A' Virgem Mãe, de manhã...

A historia da nossa infancia  
E' sempre um quadro risonho,  
Que se conta como um sonho  
Em que nós vimos o ceu.  
O idyllio d'esses dias  
Como é lindo e é singelo !  
Mas oh ! nenhum é tão bello,  
Tão bello como esse teu!...

Isso não ! As mais crianças  
—Coração, tu m'o predizes !...—  
Podem ser muito felizes  
Mas como tu... isso não !  
Que não gosam um instante  
Da irmã gentil o sorriso,  
E em seu collo um paraíso !  
Nem as guia a sua mão !

Brinca, brinca, ó innocente.  
Pelo ceu da infancia vôa !  
Porque a vida já é boa  
Quando se vive a sonhar,  
E mais se nos chama ao somno  
O collo da irmã mais velha  
Onde dormes, como abelha  
Que na rosa vai poisar...

## IV

Brinca, brinca, e se algum dia,  
Do amôr no casto enleio,  
Fôres feliz, como eu creio,  
Lembra-te ao menos de mim,

Que te predisse um futuro  
De ventura e d'esperança,  
Quando tu eras criança,  
E já eras serafim!

Dezembro—1863.

ALBERTO PIMENTEL.

## A PRIMAVERA

Primavera, rainha da vida,  
P'renne estrella de brilho constante,  
Lenitivo que a dôr n'um instante  
Vem do peito roubar com vigor;  
Anjo lindo que a c'rôa d'espinhos  
Tira aos homens no mundo d'abrolhos,  
E que muda os agrestes escólhos  
Na viçosa fragrancia da flôr:

E' immenso esse brilho que exparges;  
E' fulgente essa luz que derramas;  
O ambiente que tu embalsamas  
Tem perfumes de sacra mansão.  
Eu quizera-te sempre no mundo  
Por que d'elle és a estrella que é minha,  
Por que o peito contigo caminha  
E não sente as agruras do chão.

Quando o triste, coitado, os seus passos  
Move lentos ao peso da dôr,  
E um só labio não falla d'amôr  
Ao que vive sósinho a penar;  
Quando a terra figura um deserto  
Em que avulta o buido tormento,  
E que a esp'rança não vem um momento  
Esse pobre uma vez animar:

Como é bello gozar-te as delicias!  
Como encanta esse aspecto ridente!...  
Como as notas de uma ave cadente  
Vem erguel-o do abysmo pela mão!  
Que doçura meu Deus, tem a brisa

Que cicia na tarde formosa!...  
Como é bella a frescura da rosa...  
Como ao triste transformas então!

Quando as rugas nos sulcam as faces,  
Quando os annos nos curvam a fronte,  
O que mostra que um breve horisonte  
Deus concede ao mortal percorrer,  
Não enluta o porvir essa idéa,  
Não assusta a lembrança da morte.  
Se tu és, primavera, que a sorte  
Da velhice nos vens esquecer.

Porque o sol que dardeja brilhante  
E que a fronte nos torna ditosa;  
Porque a linpha de voz sonora  
Que dos campos ao peito dá vida;  
Porque as flôres, os valles, estrellas,  
Fontes tantas d'amôr são tão bellas,  
Que não pôde um só homem ao vê-las  
Recordar-se da triste partida.

Como apoz homicida tormenta  
Vem a doce bonança, fagueira;  
Como a terna palavra primeira  
Que d'amôr nos segreda a donzella  
Vem do peito abrandar o soffrer:  
Assim tu, primavera formosa  
E's qual outra vivaz mariposa  
Percursora de vida mais bella.

Bem vinda pois sejas tu,  
Do mundo mimosa flôr;  
Sublime offerta de Deus...  
Fecundo germen d'amôr.

Que venham os teus encantos  
O nectar n'alma espargir,  
Que venham ao pobre afflicto  
Mostrar a esp'rança a sorrir.

A. SALAZAR D'EÇA JORDÃO.

## O HUSSARD DA MORTE

(TRADUÇÃO DE AUGUSTO QUEIROZ)

(De pag 81)

Eu escuteio com attenção; e depois d'este curto exordio, fiquei muito surprehendido por saber que o nosso antigo companheiro d'armas estava muito bem e que a sua fortuna era uma das principaes da Australia. O meu tenente-coronel tinha, segundo dizia, estas noticias d'um de meus compatriotas que chegara d'aquelle paiz, e que habitava, havia alguns dias, no hotel d'Albion, onde eu tambem tinha alugado um quarto na vespera.

— Este cavalheiro, ajentou elle, tem a apparencia d'um homem muito sério, e as suas maneiras são muito distinctas. Basta ouvi-lo para qualquer se convencer que da bocca d'elle só sahem verdades; é preciso absolutamente que vós o vejaes. A sua conversação vos ha de interessar muito, porque elle vos dará os mais precisos e circumstanciados dados ácerca do major de Gillern.

— N'este momento a nossa conversação foi interrompida por um criado que entregou a seu amo um bilhete que acabava de receber.

— Daes-me licença, meu amigo, que eu veja o conteúdo? perguntou-me o tenente coronel antes de rasgar o sobre-eserito.

— Pois não! essa é boa! respondi eu.

Immediatamente elle abriu o bilhete e leu-o.

— Ora esta! disse um instante depois, eis que o commandante do porto me pede que vá a caza d'elle sem demora. Embarços do serviço, embarços do dever. Desculpae-me por vos deixar n'este momento.

— Coronel, eu tambem já fui soldado, e conheço bem as regras da disciplina para vos reter um só instante, repliquei eu, levantando-me.

Um minuto depois, separamos-nos não sem termos convencionado encontrar-nos ambos de tarde no hotel d'Albion.

Apertei a mão ao coronel; e retirei-me.

Depois de ter atravessado Nelson-square,

e no momento de entrar em Allemarle-street, eu vi dirigir-se, para o lado opposto da rua, um estrangeiro vestido com grande simplicidade, ainda que com muita distincção. Seu porte e as feições do seu rosto offereciam um aspecto tão marcial e resolutivo, que não se podia desconhecer n'elle um antigo militar. O que me confirmava n'esta opinião era uma enorme cicatriz que lhe atravessava a face esquerda de alto a baixo e uma outra que se via na fronte e que parecia de grande profundidade. Era effectivamente um homem da profissão. Attrahiu vivamente a minha attenção, e parei incivilmente diante d'elle.

Elle parou quasi ao mesmo tempo. Durante trez ou quatro segundos olhamos um para o outro com a mesma curiosidade. Depois, querendo pôr um termo á apparente incivildade de que tinha usado:

— Desculpai-me, senhor, lhe disse eu.

— E porque? interrompeu elle, contrahindo os labios n'um ligeiro sorriso como se me tomasse por um agente de policia de Bow-street.

— Pela indiscripção de que me tornei culpado repliquei eu. Mas a natureza deveria ter caprichos singulares se me engano, julgando achar-me em presença d'um antigo companheiro de armas, M. H...

A estas palavras, o rosto do estrangeiro se cobriu de viva vermelhidão apenas durou um segundo. O homem tornou toda a sua serenidade e fitando sobre mim um olhar calmo e tranquillo:

— Senhor, respondeu elle, não vos enganae; sou eu mesmo quem, ha já muito tempo, tive o nome que acabaes de pronunciar. Hoje não tenho já esse nome.

E tirou do seu bolso uma pequena carteira, d'onde tirou uma carta que me mostrou e sobre a qual estavam traçadas estas linhas:

«John Freemann, Esq.

«Freemann's Kall, Wan Diemen's Land.»

Era com grande espanto que eu olhava ora para esta carta, ora para aquelle que acabava de entregar-m'a; porque me era impossi-

vel, no primeiro momento, comprehender os motivos que elle tinha tido para mudar de nome. Reparou sem duvida, que era isto que me embaraçava. Logo depois perguntou-me:

—E vós, senhor, serviríeis acaso no regimento dos hussards da morte, que fez parte do exercito inglez na Hespanha e na Secilia? Perdoai-me tambem se vos faço esta pergunta; pois envelhece-se com o tempo, e recordo-me apenas confusamente das vossas feições. Portanto permitti-me que vos pergunte como vos chamaes.

Logo que eu lhe disse o meu nome, elle estendeu-me as mãos, e um sorriso triste appareceu em seus labios em quanto me observava fixamente.

—Ab! agora que hei reparado melhor, vos reconheço perfeitamente! exclamou elle. Recordo agora da vossa pronuncia que é a do norte da Allemanha, e que era fallada por bem poucos dos nossos antigos camaradas. Os vossos cabellos, que tem embranquecido alguma cousa, me tinha illudido a vosso respeito; porque ha talvez vinte annos que nós nos encontramos sob a mesma bandeira e não nos tornamos mais a vêr.

—Oh meu Deus! não tornemos a fallar d'esse tempo, interrompi eu. Para que entristecer com amargas lembranças, o primeiro momento de felicidade que experimento ao tornar a ver um velho amigo?

—Pelo contrario, é preciso que fallemos, replicou M. Freemann; por que eu vos devo uma explicação conscienciosa sobre o que se tem passado desde então. Sómente o lugar é que é mal escolhido para dar-vol'a. Sêde, pois, meu hospede hoje e fazei o prazer de jantar comigo. Podeis acceitar sem receio de vos comprometterdes, ajuntou elle sorrindo.

Depois offereceu-me o braço, e descemos em seguida Albemarle-street. Alguns momentos depois, encontravamos-nos n'uma esplendida sala de jantar do hotel d'Albion.

(Continúa.)

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 93)

O anno de 45 apresentou-se com uma perspectiva muito feia; o vento fazia vergar as arvores e a saraiva açoutava as vidraças, e telhados.

—As filhas do barão estimaram ver ainda este estorvo á sua visita. Todo o inverno se passou assim sem que as tres meninas achassem um dia proprio para fazerem aquella jornada! passou ainda parte da primavera, e as filhas do barão achavam sempre pretestos para addiarem a sua ida á Salgueirosa; umas vezes, era um chapéo que esperavam de Lisboa; outras, um vestido que a modista retardava.

Estavamos no fim de maio, o dia 31 amanhecia claro e sereno; o sol rutilante apparecia no começo da sua carreira, e dava esperanças d'um formoso dia. As tres filhas do barão levantavam-se n'esse dia mais cedo do que o seu costume, por que seu irmão as havia despertado com a noticia de que iriam sem falta, fazer essa visita que, dizia elle, estava enfeitçada.

As nove horas sahiram enfim as tres meninas acompanhadas de seu irmão.

Estavam já perto da Salgueirosa quando se desenvolveu uma grande trovoadá; e veio tão rapida, que as nossas visitantes não se puderam livrar d'ella.

Eduardo ia desesperado não só porque a chuva desarranjava o seu elegante vestuario, mas porque suas irmãs o opprimiam com reprehensões pelas fazer ir n'aquelle dia, e por não haver consultado algum astrologo...

—As nossas plumas estragadas, dizia uma, —Os nossos vestidos desmerecidos, dizia outra, e tudo isto porque este senhor não descansava se hoje não vinha á Salgueirosa!

As meninas lastimavam, não a perda dos vestidos e chapéos, mas o *desapontamento* de apparecerem assim a Clotilde, a quem tencionavam confundir com o seu gosto e riqueza.

Quasi ao entrarem na aldeia da Salgueirosa levantou-se um vento furioso que veio pôr

cumulo ao desespero em que vinham as filhas do barão.

Chegaram enfim á casa de Clotilde; as portas estavam fechadas, no pateo e jardim. não apparecia ninguem, e tiveram ainda de soffrer por mais tempo o rigor da chuva e do vento. Depois de fortes pancadas na porta do jardim, appareceu um velho criado. Clotilde tinha descido do seu quarto para ver quem chegava por tão má tarde, e ficou admirada quando viu as filhas do barão.

—Minha querida senhora, disseram as tres meninas a um tempo, veja em que estado nós viemos!

—Não lhe parece que estamos umas figuras interessantes? procurava Eduardo, é para agradecer, o affrontarmos uma tormenta d'estas, para a virmos visitar!

—De certo, e eu agradeço muitissimo, respondeu Clotilde... Vamos para o meu quarto, acrescentou ella para as tres meninas, para vossas excellencias mudarem de vestidos.

—Agradecemos, e acceitamos, respondeu D. Antonia, por que a chuva alagou as nossas sedas. As quatro meninas subiram para os aposentos de Clotilde, e o senhor Cunha conduzia tambem Eduardo para o seu gabinete.

—Que incommodo lhê viemos dar, diziam as filhas do barão.

—O incommodo soffreram-n'o vossas excellencias, a mim só me dão muito prazer, respondeu Clotilde.

As tres irmãs admiraram com inveja, o arranjo que reinava no quarto de Clotilde; esta havia-lhe dado roupas brancas e vestidos, e as meninas, ajudadas de Rosa em breve se apromptaram.

—V. excellencia talvez tenha alguns enfeites para o cabello, disse D. Elisa; nós estamos no costume de os trazer sempre, e não podemos ver o cabello simples.

Clotilde não pode deixar de sorrir-se da grosseria, e foi buscar os enfeites pedidos. Quando voltou estavam as tres meninas examinando as estantes de livros que rodeiavam o quarto.

—Nós estamos a perguntar á sua criada se esta livraria era a do seu paizinho.

—Não, minhas senhoras, essa está no quarto de meu tio; esta contém alguns livros escolhidos, e a que minha mãe dava a preferencia; e outros romances modernos que eu tenho mandado vir.

—A leitura é um entretenimento bom para quem gosta, disse D. Francisca.

Eu emprego n'ella as horas que me sobram do trabalho, respondeu Clotilde.

—Pois eu não sou do seu gosto, minha senhora, acrescentou D. Antonia, por que só li, em quanto os mestres me obrigaram; depois não tornei a pegar em um livro.

O vento continuava a soprar, porém a chuva tinha cessado, o ceu trajava o seu vestido de puro azul. Viam-se lá ao longe, fugindo apressadas, as nuvens que o tinham manchado.

O resto do dia passou-se sem incidente algum que mereça ser descripto.

A noite estava lindissima; o vento tinha enchugado a agua que a trovoada vomitou; a lua brilhava no ceu com o seu poetico clarão. Clotilde, e as suas hospedes estavam no jardim, e conversavam em diversos assumptos. D. Antonia estava assentada ao pé de Clotilde, e perguntou-lhe:

—V. exc.<sup>a</sup> já está convidada para assistir ao casamento da filha do visconde de Fornos?

—Não minha senhora, nem sou visitada d'essas meninas.

—Bem sei, mas suppoz seria convidada pela familia do noivo.

—Como só agora ouço fallar n'esse casamento não sei com quem essa senhora caza.

—Pois não sabe que a minha amiga Eugenia caza com o filho do marquez de Santa Eulalia?! O mano Eduardo é que me veio a dar essa novidade pelo caminho.

Esta noticia foi um raio que cahiu sobre o coração de Clotilde, e foi queimar as raizes á ultima esperanza que a menina alimentava.

—Não esperava que fosse tão cedo!—murmurou ella—Eu devia esperar isto e com tudo causa-me uma impressão terrivel.

—E cuido que o casamento está para muito breve, continuou D. Antonia sem reparar na alteração que as feições da outra menina tinham soffrido, dizem que só espera que o noivo regressese de Coimbra. Nós como somos muito amigas da noiva, de certo somos convidadas. Eu já vim a dizer ás manas que é preciso mandarmos vir vestidos novos para esse dia. Vossa excellencia manda tambem vir algum? se quizer fazel-o bem á moda, eu lhe mandarei os ultimos *figurinos* que recebi de Pariz.

O que valeu á Clotilde foi a filha do barão não esperar pelas respostas d'ella, e continuar a conversar, porque a pobre menina não estava em estado de responder! A falla tinha-se-lhe prendido na garganta, e um suor frio banhava-lhe o rosto revestido da pallidez da morte.

(Continua).

## A FREIRA

(De pag. 20.)

Passado algum tempo Adelaide levantou a cabeça, e fitou a sua vista desvairada nos objectos que a cercavam; depois tirou o lenço do bolso, e limpou com elle o suor copioso que lhe banhava a fronte.

A final encarou com a superiora, e vendo que esta a olhava com enternecimento, aproximou-se d'ella e beijou-lhe as mãos.

—Quer continuar ou deixa isso para outro dia?—perguntou a superiora.

—Continuar?!... mas o que?...—disse Adelaide procurando na sua imaginação recordar-se do que pouco antes estava a fazer.

—Perguntava eu se queria continuar a contar-me a sua historia hoje; mas, segundo julgo, a menina não está boa e porisso será conveniente recolher-se á sua cella, e deixar ficar isso para amanhã, se por acaso já estiver mais socegada.

—Ah... sim... —volveu Adelaide depois de estar alguns momentos entregue a profunda meditação. —Queira v. exc.<sup>a</sup> perdoar-me... Já não me lembrava de nada...

—Perdoar-lhe?! não sei porque, minha filha! Olhe, escute o meu conselho, vá-se deitar.

Dizendo estas palavras, a superiora ia ao mesmo tempo ajudando Adelaide a levantar-se da cadeira, á qual parecia estar amarrada por uma força occulta.

—A superiora, depois de muitos esforços, conseguiu levantal-a; e tomando o braço, a acompanhou até á cella.

Na manhã do dia seguinte, foi a superiora saber da saude de Adelaide, e achou-a muito abatida e com febre. Porém, apesar de doente, quiz levantar-se, não attendendo ás justas considerações da superiora que lhe pedia se conservasse na cama.

O que esta não consentiu de maneira nenhuma foi que Adelaide sahisse da cella; e para obstar a isso veio ella propria fazer-lhe companhia.

Durante o almoço, que apenas durou dez minutos, não proferiam unica palavra. Só depois que a criada veio buscar a louça e se retirou, é, que o silencio foi interrompido por Adelaide, que fez a seguinte pergunta á superiora:

Em que ponto da minha narração fiquei eu hontem?

—Porque faz essa pergunta, minha filha? Disponha-se talvez a estar com o trabalho de continuar hoje?!

—Uma vez que comeci devo acabar; e porisso já v. exc.<sup>a</sup> vê que devo fazel-o.

—Mas tem muito tempo. Se não fôr hoje é amanhã, e se não fôr amanhã é depois. Agora não lh'o consinto; nem em quanto estiver doente.

—E se eu não melhorar? Se Deus me quizer levar para si dentro de breves dias?

—Ora, deixe-se d'isso. Falla em morrer, como se já visse a morte bem perto. O morrer é para os velhos; e a menina por emquanto ainda está muito nova.

—A morte não olha se uma pessoa tem pouca ou muita idade; quem primeiro encontra na sua impetuosa carreira, é quem ella primeiro arrebatá. Eu tenho um secreto presentimento de que em breve irei gosar na celeste mansão a paz e tranquillidade que não pude encontrar no mundo; e porisso ha de v. exc.<sup>a</sup> permittir-me que continue a minha narração.

—Já lhe disse o que lhe havia de dizer. Emquanto estiver doente não lh'o consinto. Se tem o presentimento de morrer breve, é isso causado do profundo scismar em que de continuo está embebida. Não pense em semelhantes cousas, porque o pensar n'ellas é a peor doença que póde ter.

Adelaide não replicou; mas conservou-se todo o dia em silencio, e entregou a sombrios pensamentos, de que a faziam sahir de vez em quando as perguntas da superiora, que por muitas vezes tentou abrir conversa. Porém as respostas de Adelaide eram o mais concisas possíveis; e se respondia era por não parecer incivil.

Ao anoitecer, a superiora obrigou-a a deitar-se e em seguida retirou-se.

(*Continúa.*)

AUGUSTO QUEIROZ.

## NO DIA DA DESOBRIGA

Vi-a, de joelhos, pallida,  
Coberta com a mantilha,  
E resando na cartilha  
Não sei que santa oração.

Não ha criança mais tímida  
Do que ella o é na igreja!  
Nem quer que ninguem a veja  
Quando vai á confissão!

E eu vi-a absorto, extatico,  
Por de traz do cortinado!  
E mais fiquei enlevado  
Quando ella a resar chorou!...

Por que no seu rosto as lagrimas  
Parecem perolas finas,  
Ao rofarem crystallinas  
Na face que descorou!

Chorava! E curvou-se tremula  
Aos pés do bom do abbade!  
E nem sabe como hade  
Dar principio á confissão!..

É que um aerio demonio  
Lhe está dizendo do lado,  
Que por um grande peccado  
Não alcança absolvição...

Porque ella é boa e ingenua,  
Mas tem só o grande crime  
De me dobrar como um vime  
Que verga ao chão do paul!...

Por ella é que eu scismo extatico.  
Quando o sol ao fim da tarde  
Como um triste cyrio arde  
Do mar sobre a linha azul.

P'ra ella, que é um branco lyrio,  
E' que eu corto os lyrios brancos,

Que nascem por os barrancos  
Da sua aldeia, em abril...

Penso que é uma sylphide,  
E ás horas calmas da sesta  
Corro—doudo!—na floresta  
Atraz de visão subtil...

E ao ouvir uns sons longiquos,  
Cuido que são doces beijos  
Que p'ra matar-me os desejos,  
Ella me atira ao passar...

Cuido vêr seu rosto pallido  
Na superficie do rio  
Em noites calmas d'estio,  
Quando é saudoso o luar...

Eu amo-a, porque ella é tímida,  
E humilde e boa filha,  
E crê na sua cartilha  
Mais do que crê no amor...

Por que inda não leu as paginas  
De Renan, e não tem visto  
Livro que ria do Christo,  
Que ella adora com temor!..

Porque possui um rosario  
Que lhe regula a *Corôa*  
Que reza a Deus e entoa  
Em voz alta, de manhã...

Porque não gosta das perolas  
Que traz a mulher vaidosa,  
E a ellas prefere a rosa  
Fresca, orvahada, louçã...

Por que não leu os philosophos  
Que dizem que a virgindade  
E' chimera, e que não hade  
Valer um throno á mulher...

E porque banhada em lagrimas  
Se queixa de me ter visto,  
E pensa talvez que n'isto  
Vai mal, que a hade perder...

23 de Março de 1866.

ALBERTO PIMENTEL.

**Ao excellento tenor Mongini, por  
ocasião do seu beneficio**

Surgiu alfim a noite de galas louças,  
Que tem fulgor igual ao de lindas manhãs;  
Thesouro idolatrado de gentis donzellas;  
Sublime realidade entre as visões mais bellas;  
Um mundo de ventura em horas de delyrio;  
Prazer baixado á terra do sonhado empyreo.  
A quem a fez despontar, a esse genio immenso,  
Que o espirito perfuma no celeste incenso  
D'ignoto templo; a esse magico portento,  
Que em densas nuvens de mavioso sentimento  
A mente, o peito e a alma eleva docemente;  
Ao incomparavel Mongini finalmente,  
Absorto envia nas blandicias da bafagem  
Um seu admirador profundo esta homenagem.  
Que elle a receba como indigna, mas sincera  
E não como se mais valôr ella lhe dera,  
Porque nunca tecer se podem-bellos hymnos  
Ao que tambem reproduz os que são divinos.  
Lisboa, 19 de março.

A. SALAZAR D'EÇA JORDÃO.

**CLOTILDE**

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 104)

—E mesmo se quizer que lhe mande fazer os vestidos á nossa modista: é das melhores que ha no Porto.

—Mil vezes agradecido—balbuciou emfim Clotilde—mas não serei convidada, não mando fazer vestidos novos.

Não tentamos descrever o que soffreu a pobre moça depois d'esta conversação! Ella que tanto havia pedido a Deus o esquecimento d'aquelle amor, e agora via Paulino proximo a ser esposo d'outra, e ella amando-o cada vez mais!! O soffrimento de Clotilde avalia-se, mas não se descreve...

Ao outro dia, quando estavam a almoçar, chegou o sobrinho do snr. Gomes.

—Quem é este senhor?—perguntou D. Antonia a Clotilde.

—É um rapaz meu parente.

—Como se chama?

—Bernardino de Mello.

—E' um moço bem galante — acrescentou D. Antonia—tem alguma irmã?

—Não, minha senhora, é filho unico.

Ou fosse coincidencia, ou sympathia, d'estas que resultam da semelhança de sentimentos; Bernardino de Mello ficou maravilhado da formosura de D. Antonia.

Passados momentos, Eduardo e Bernardino, eram já amigos intimos; e D. Antonia confessava que nunca tinha visto um rapaz tão elegante, e tão delicado!

Pela sua parte o mancebo estava enamorado, loucamente enamorado.

Eduardo fez taes circumstancias para que o seu novo amigo os acompanhasse n'essa tarde para sua casa, que elle não se pôde escusar, e partiram todos cinco para a quinta do *Socorro* aonde então vivia o barão do Franco.

XI

A FILHA DO VISCONDE

A casa do visconde de Fornos é situada em uma pequena elevação que domina um ferttil e formoso vale que se espreguiça a seus pés. A casa é elegante, e mobilada com luxo, gosto, e riqueza. O visconde tinha mesmo desvanecimento em que a sua casa fosse a mais bem adornada que houvesse na provincia.

As duas filhas do visconde occupavam o primeiro andar, que apesar de vasto não sobrava nada dos arranjos das duas meninas. Em um quarto elegantissimo viam-se dois leitos d'immenso valor não só pela qualidade de madeira, como pelo bem trabalhados que estavam. Era o quarto de dormir das duas meninas; ao lado d'este estava outro rodeado de bellos tremós, e um elegante lavatorio, que sustinha uma rica bacia de prata. N'uma vasta sala mobilada com luxo estava o piano, e pendentas das paredes viam-se os retratos dos melhores compositores de musica. D'esta sala entrava-se para o gabi-

nete de trabalho; que, a fallarmos a verdade, era o menos frequentado pelas duas meninas.

Por uma bella manhã de maio de 1845, estava Eugenia assentada ao piano, e estudava uma das brilhantes composições do sublime Verdi. O visconde entrou na sala, e Eugenia levantou-se e correu a abraçar seu pai.

—Minha filha, eu venho ter contigo uma conversação bastante seria. Espero que sejas franca nas tuas respostas.

A menina còrou, e assentou-se junto de seu pai. Este continuou.

—Já bastantes cavalheiros me tem pedido a tua mão, porém tu tens recusado até agora o concedel-a a algum, e eu nunca violentei, como sabes, a tua vontade. Tenho conhecido que o teu coração já não está isento do amor. Sê franca com um pai que tanto te ama. Se o objecto do teu amor é, como supponho, digno de ti, conta desde já com a minha approvação.

O visconde espera com anciedade a resposta da menina, e esta enlaçou os braços em torno do pescoço de seu pai, e murmurou confuzo:

(Continua).

Ill.<sup>mo</sup> snr. Alberto Pimentel.

Eis os versos de que lhe fallei.

Esriptos n'um tempo em que eu todo me deleitava em ouvir e repetir as singelas cantigas do nosso povo, resentem-se visivelmente d'esse tom popular.

Nem d'isso me envergonho; pelo contrario, confesso francamente que, em algumas d'essas *cantigas* aproveitei-me de pensamentos, e até de versos, que são o alivio de pastores namorados, o inlevo de sensiveis aldeãs.

Se os meus versos cazando-se com estes, não podem ser d'elles extremados, será essa a minha maior gloria: é certo que *acertei o tom*, o que não é tão facil como se imagina.

Se alguém me censurar por me intreter com estas *ninharias*, e me aconselhar que re-

monte o espirito a coisas mais sérias, responder-lhes-hei com a sentença de Ovidio:

..... *Carmina laetum*

*Sunt opus, et pacem mentis habere volunt.*

Queira o meu amigo vêr se podem ser publicados no primeiro numero da *Esperança*, pois n'isso mui grato lhe será o seu

att.<sup>o</sup> v.<sup>or</sup> e cr.<sup>o</sup>

JOAQUIM ALVES DA COSTA FONTELLAS.

## DESENFADO

(Ao meu amigo A. Alfredo Ferreira de Carvalho)

Quem tem amores na terra  
Bem pôde rir e folgar;  
Triste de mim, que os não tenho,  
Passo esta vida a chorar!..

Dizem que o amor que mata...  
Ai! quem me dera morrer!..  
É melhor morrer d'amores,  
Do que sem elles viver.

Brisa, tu podes brincar  
Pelas folhas da floresta:  
—As virgens abrem-te o seio  
Na hora ardente da sesta.

Fonte, tu podes correr  
Por esses campos além:  
—O luar da meia noite  
Mirar-se em teu rosto vem.

Rosa branca, rosa branca,  
Primor do lindo rosal,  
Podes matar de ciumes  
O rôxo lyrio do val:

—Nasces de mimos cercada  
Na tua roseira bella;  
Morres coberta de beijos  
No seio d'uma donzella.

Loureiro, verde loureiro,  
Podes crescer para o sol;  
—Que levas preso aos teus ramos  
O ninho do rouxinol.

Quem tem amores na terra  
 Bem pôde rir e folgar;  
 Triste de mim, que os não tenho,  
 Passo esta vida a chorar!

.....

O rouxinol quando canta  
 Brandos queixumes desprende;  
 Mas tem no olmeiro defronte  
 Quem seus suspiros entende.

Canta, canta, rouxinol,  
 De noite á luz do luar;  
 Canta, canta, que o teu canto  
 Algum peito hade abrandar.

Viuva triste, anda a rôla  
 Gemendo na soledade:  
 Mas a tristeza da rôla  
 Tem o encanto da saudade....

Feliz quem pôde carpir-se  
 D'um bem que teve, e perdeu:  
 E' certo que teve amores,  
 E' certo que já viveu.

Mas olha a onda, critada,  
 Como é negra a sua dôr!  
 Sempre aos abraços á rocha,  
 E sempre o mesmo rigor!...

Tão pallida anda a lua  
 Que nunca a vejo córar;  
 E' porque pôz sua esperança  
 Onde não pôde chegar.

E' porque tem uns amores  
 Que lhe andam sempre a fugir:  
 —Ella de luto—a chorar,  
 Elle de gala—a sorrir.

Porisso a lua anda triste,  
 Por isso se queixa a onda;  
 Por que não tem um suspiro  
 Que a seus suspiros responda.

.....

Quem tem amores na terra.  
 Bem pôde rir e folgar;

Triste de mim, que os não tenho,  
 Vae-se-me a vida em chorar!..

J. A. DA C. FONTELLAS.

## REVISTA MENSAL

PREAMBULO.—O auctor falla da semana santa e das festividades religiosas — Vem a ponto o fallar-se do S. Lazaro—A opera Fausto—Varias opiniões—Opiniões do auctor—Victor Hugo e a sua ultima producção.

Vou, meus caros leitores, encetar esta tarefa nas muito lidas columnas do semanario a ESPERANÇA, já se vê com a convicção, de que difficilmente poderei hobrear com o meu amigo João Climaco; no entanto, meus caros senhores, se agradar, continuarei; e se pelo contrario tiver a infelicidade de não agradar... continuarei da mesma maneira.

Fallarei com a imparcialidade que me caracteriza, dos acontecimentos e novidades, dos theatros, das festividades e da litteratura mensal. Se com isto fôr util ao publico, continuarei, esperançado sempre na grande questão de agradar; se, contra a minha vontade, vir mallogrados os meus intentos... ainda assim não deixarei de descrêr no futuro...

Mettamos pois, mãos á obra.

Este mez, foi fertillissimo em successos summamente singulares, e dignos por todos os titulos de figurarem n'esta minha primeira revista.

Findaram as festividades, os sermões, e os apparatus religiosos e imponentes que distinguem a *civitas virginis*, o sacro torrão portuense, das demais cidades do reino. Findaram. —O immenso jubilo, que á maneira de fachos celestes, crepitou no amago de todos os corações, é actualmente apenas—uma recordação—mas uma recordação que é partilhada por todos, que é a expansão solemne dos nossos sentimentos, que é a fonte das commoções da alma!

Qual foi o leitor, que, durante a semana santa, não foi ouvir alguns dos sermões, e especialmente, os do popular prégador, o reve-

rendo Carlos Rademaker? Qual, não foi, segundo o antigo, mas piedoso costume, *visitar as casas do Senhor*? Oh! a quinta feira santa! E n'esse dia que a massa compacta dos nossos fieis se desenvolve por essas ruas e praças, assimilhando-se, pelo seu fluxo e refluxo, a um immenso ariete, abalando as muralhas arruinadas da religião do propheta de Vatrib!

Occupemo-nos por um instante com a nossa *poetica e sempre concorrida* feira de S. Lazaro, apenas com o fim de mencionar todos os successos do mez. Ahi a concorrência, este anno foi limitadissima,—ao menos nos dias que por lá passei. — Viam-se aquelles bonecos *desanimados* a dançarem nas cordas elasticas, aquellas rebecas e espadas a oscillarem com a viração e as regateiras a espanarem as moscas de cima dos doces com os compridos espanadores de papel. Disse *viam-se*, porque os compradores podiam-se contar ao dedo... ou até pelos dedos!..

A empresa da companhia lyrica, tem mimoseado os *dilletantes* portuenses com a opera do maestro de Gounod—*O Fausto*.—Muito se tem dito d'esta opera, mas, segundo creio, ainda não disse nada. Teem sido vozes perfeitamente mudas, as de alguns *entendedores*. Todos querem affirmar que o *Fausto* foi assassinado na cidade do Porto. Todos—ou pelo menos—grande parte, dizem mui positivamente, que a opera extrahida da brilhante producção de Goethe foi pessimamente desempenhada no theatro de S. João, da cidade do Porto. Eu não posso de maneira nenhuma conformar-me com estas opiniões. A opera *Fausto* foi perfeitamente desempenhada pela companhia lyrica actual, embora haja, quem, levado pela inveja, ousa escarnecer até ao ridiculo, os esforços que o snr. Paccini, empregou para o bom desempenho da opera supra alludida. Embora a *Chronica dos Theatros* tente com assuas chalaças ironicas, vir tornar mais critica a situação da maior parte dos nossos actores, arremetendo-lhes ao rosto com as injurias aviltantes, encontradas no lodagal da ignominia. Quaes são os actores que a *Chronica* acha dignos?

Não posso por mais tempo deter-me sobre

este assumpto. No entanto, demos a Deus, o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar. O *mise-in-scene* e a orchestra, são bons não deixando nada a desejar. Outro quasi acontece com os côros, a que podemos applidar de—bons—consequencia natural d'algumas segundas partes; que n'elles entram. Em conclusão direi:—a opera *Fausto* tem papeis optimamente desempenhados. Paccini na parte de *Mephistopheles*, Demi no de *Margarida*, e Casaloni, na do pagem Liebel, andam perfeitamente e são credores d'elogios.

Para outra occasião serei mais extenso n'este assumpto, e pugnarei conforme entender e julgar conveniente.

O grande Victor-Hugo acaba de publicar mais um romance intitulado—*Les Travailleurs de la mer*. Dizem os intendedores, ou por outra, as pessoas que leram esta ultima e brilhante publicação, que o enredo é muito superior ao dos *Miseraveis*, obra que fez grande ruido na republica das letras, e entre os homens eruditos.

Dizem os jornaes parisienses, que, nos dois primeiros dias, que *Os operarios do mar*, appareceram, ficaram os livreiros com nada menos de 5:000 exemplares, ou 15:000 volumes de menos!.. Só, em Portugal, anda um pobre author em *bolandas*, sem se quer, poder ganhar o dinheiro que gastou com a impressão! Talvez que me digam, que nós somos .. nós, que Victor-Hugo, é o grande genio da Europa...

Esperem lá, meus caros leitores, eu não costumo correr de mais, porque receio... quebrar alguma perna! Reconheço e confesso tudo isso...

Dizendo que já tagarellei bastante, e que não quero enfadar por mais tempo a paciencia do leitor, ponho ponto ao folhetim.

A. P. DO AMARAL

## DOR, SACRIFICIO E LUZ

—  
*Stabat Mater dolorosa*  
*Juxta crucem lacrimosa*  
*Dum pendebat Filius.*

## I

Olhai a turba homicida  
 como uma serpa gigante  
 que passa tão arrogante  
 n'aquelle monte d'além.  
 Contemplando do propheta  
 seu horroroso tormento  
 onde solta seu lamento  
 pobre Mãe!

Que vê seu filho innocente  
 entre dois vis criminosos  
 que seus olhares furiosos  
 a todos lançando vem.  
 Lá vê as cruces erguidas  
 no sitio dos condemnados,  
 chora o filho sem peccados  
 pobre Mãe!

Que dolorosa agonia?  
 Que vista de tanta dôr!  
 O filho do seu amôr  
 que tanto soffrido tem!  
 Vêr o seu sangue correndo,  
 não ter ninguem que lhe valha,  
 quem lhe dê uma toalha  
 pobre Mãe!

Para as chagas ir limpar  
 de seu corpo sacro-santo,  
 ir laval-as com seu pranto  
 que tanto affecto contem.  
 Lançarem aquelles labios  
 as supplicas tão sentidas  
 e serem vozes perdidas  
 pobre Mãe!

Olhar a fronte do filho  
 e vêr a c'róa d'espinhos;  
 olhar além os caminhos  
 que os perigos de sangue tem.  
 Vêr o tormento horroroso  
 que soffre sem dar um ai!  
 suor que em bagas lhe cáe!  
 pobre Mãe!

Olhar a turba que folga,  
 que sorri em derredor,  
 dirigindo ao Salvador  
 tudo o que á mente lhe vem.  
 Vêr o sarcasmo, o motejo  
 Ao Filho seu que tanto ama,  
 por quem afflicta chama  
 pobre Mãe!

## II

Contemplae esta agonia,  
 contemplae tamanha dôr  
 ao Filho do seu amôr,  
 chorando a Virgem Maria.

Vê-de que augusto tormento  
 tão grande, tão sublime  
 que nem na phrase se exprime  
 quanto abrange o pensamento.

Vê-de além erguida cruz  
 onde pregado ha-de ser  
 Aquelle que vem trazer  
 nas trevas brilhante luz.

Vê-de Aquelle que na terra  
 nos vem remir do peccado  
 agora crucificado  
 soffrendo tamanha guerra.

E que nasceu na humildade  
 para a virtude ensinar;  
 que veio regenerar  
 as trevas da humanidade.

Que veio ao soberbo, ao pobre  
p'ra semear a clemencia  
mostrando d'esta existencia  
caminho seguro e nobre.

Que o triste cego fez vêr  
a luz brilhante do dia;  
áquelle que já dormia  
na campá fez reviver.

A mulher mais peccadôra  
que dava perfido exemplo  
conduziu-a ao sacro templo  
da religião consoladora.

Que soffreu tamanha dôr  
para livrar-nos do mal,  
do peccado original  
o Homem—Deus Salvador.

### III

Mas eil-a a cega e torpe humanidade  
que váe, percorre, nas trevas obscura  
não vendo quem lhe vem trazer ventura,  
não vendo a meiga luz da eternidade.

Não vendo a viva chamma, a luz divina,  
os milagres de Deus tão palpitantes,  
nos seus dias não vendo agonisantes  
a magestosa luz que os illumina.

Não ouve, não vê nada, que a cegueira  
lhe cerra, venda as portas da verdade,  
conduzindo-o nas trevas da impiedade  
na mais impia, veloz negra carreira.

Não ouve nada, não que orgulho insano  
dos crimes o maior faz commetter;  
o desdouro immortal vindo colher  
nos vindouros a aguia do romano.

Mas lá na cruz expira o Sacro-santo  
Filho de Deus o mundo libertando,

aos seus algozes mesmo perdoando,  
lá por elles derrama augusto pranto.

Na terra estrondo horrivel já se escuta,  
das campas lá resurgem os finados,  
e nas medonhas trevas sepultados  
a morte, susto, horror em negra lucta.

Mas á terra lá fica esse madeiro  
o Golgotha pendão d'eterna luz;  
lá vos fica mortaes, lá fica a cruz  
guia da eternidade verdadeiro.

COSTA GOODOLPHIM.

## COLLECÇÕES À VENDA

N'esta redacção acham-se desde já á venda sete collecções do primeiro anno d'este jornal, bem encadernadas, que se vendem pelo preço de 1\$500 reis cada uma. Tambem se enviam para a provincia a quem mandar em *vales* do correio o importe de 1\$600 reis adiantados, ao editor Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Theresa n.º 63—Porto.

## PRIMICIAS

### POESIAS

POR

AUGUSTO QUERROZ

Vai brevemente entrar no prelo este volume de poesias. Assigna-se na redacção da **Esperança**, Praça de Santa Theresa n.º 63, e nas principaes livrarias d'esta cidade. — **Preço 300 reis.**

## PRIMAVERA

Tudo revive ao halito  
Que a natureza aquece,  
Tudo rejuvenece  
A' luz do ameno abril.

SOARES DE PASSOS.

Vem formosa e gentil primavera reanimar a natureza com os teus encantos: vem lançar o germen d'uma vida de delicias por sobre a face da terra, que já sorri com o teu approximar. Vem gentil feiticeira, que tudo exulta á tua vinda.

Ainda do inverno a mão gelada e inerte poisada sobre os campos, ainda nas praias as ondas batiam alteirosas, e os ventos crestavam os arbustos, e já a natureza parecia reanimar-se, porque esperava em breve que tu chegasses, espalhando os teus beneficos dons. Porque tu, ó gentil feiticeira, surgindo cheia d'encantos, esparges em toda a parte as tuas graciosas dadivas. Os campos vestem-se de mimosas e variadas flôres, que ricas de perfumes, condensam na atmospherá um incenso vivificante, como querendo erguer-se ao throno do Altissimo. As collinas atapetam-se de seus verdes mantos aonde, d'espáço a espáço, se vêem a papoila e o malmequer, esmaltando-o; nas mais elevadas serranias começa o gêlo pouco a pouco a derretêr-se; além nos mares as vagas debatem-se com menos violencia; o firmamento despe o manto de nuvens que a mão do inverno lhe tinha desdobrado, e apresenta esse manto azul, onde á noite, como botões d'ouro, as estrelas resplandecem. Oh! formosa e gentil primavera! quem te não ha-de render homenagem, estação, em que tudo se reanima, em que tudo ergue um canto de gratidão e d'harmonia.

Qual será o homem que ao contemplar tantas joias espargidas pela tua benefica mão, não te ame e venera?

Haverá coração tão mesquinho de affeições delicadas, alma tão presa pela mesquinhez das ambições terrenas, que á tua vinda não exclame cheio d'alegria:— Bem vinda sejas, ó primavera!

Ha!

Não é o poeta a quem Deus conferiu na terra a missão de cantar, a quem elle deu um alaúde para nas cordas entôar hymnos de louvor e gratidão. Não é a donzella, a modesta virgem no primeiro alvorecer da

existencia, que te contempla impassivel, e que não deixa de sorrir á tua vinda, não.

E' o sceptico, é o homem que no fogo das paixões deixou queimar até ás fibras mais intimas do coração, é o homem que se deixou levar por uma luz enganosa, e se precipitou d'abysmo em abysmo, porque, espirito fraco, não soube sorrir ás tormentas da vida, e ao vêr expirar a ultima esperanza soltou a gargalhada do escarneo, substituindo-lhe aquella palavra que Deus lhe gravára n'alma, pela de sceptico! Scepticismo o veneno, a gangrena peor que se póde espalhar no coração do homem. Mas tambem não é para estes que já não sentem um unico bafejo de fé, que o Senhor fez as formosas manhãs em que a luz do sol reflecte os seus raios d'ouro sobre as flôrinhas, tornando em perolas as gôtas do crystallino orvalho, que as lagrimas da aurora espargiram, não é para estes que as meigas avesinhas entôam os seus canticos d'amôr, poisadas nos raminhos que a brisa matutina agita levemente, e que a amendoeira se orna de suas flôres nevadas, e o regato se desliza tranquillo por entre os vergeis, querendo tambem no seu murmurio entôar um canto d'alegria. E' para aquelles que sabem lêr no livro infinito, o poder e grandesa da magestade do Eterno para quem são abertos tantos thesouros de vida e de esperanza. Affastemo-nos, pois, nós tambem um pouco n'esta quadra em que tudo rejuvenece, dos mesquinhos laços que nos prendem á terra, olvidemos este viver material que nos acanha as aspirações do sublime, deixemos esses que nos calculos egoisticos trazem a alma enleada, e vamos á beira d'uma fonte, escutando o seu mesto arrullo, vêr declinar o sol no horisonte, despedindo-se dos montes, das serras e das collinas, e o crepusculo humedecer as corollas das flôrinhas, e contemplemos no céo, revestido d'esse azul vivissimo, despontar a lua desafogada do nubloso manto, enviando os seus limpidos raios ás superficies dos mares, ás aguas crystallinas das fontes, aos tapetes de verdura e á modesta virgem que na sua face magestosa fita os seus olhos, enlevada em candidos sonhos d'amôr e d'esperanza.

Bem vindas sejas oh primavera!

Costa Gooldophim.

## A POESIA DE TUDO...

(AO SNR. ANTHERO DO QUENTAL)

...antes de se abrir o mundo vasto  
 Às revoltas paixões da humanidade,  
 Já, nas dobras do manto, a immensidade  
 Tinha a poesia do que é santo e casto!

ANTHERO DO QUENTAL.

Quem já comprehendeu esta epopea  
 Que andamos sempre a ler a toda a hora?..  
 Quem me diz o que venha a ser a aurora,  
 E o que seja um astro e o grão d'areia?..

Quem me diz se as estrellas são faiscas  
 Do lar de Deus acceso para a ceia?..  
 O que sei é que o mar não tem areia,  
 Que tenha luz assim! E essas riscas

De lume, que se mostram na tormenta,  
 E se crusam no céu e passam logo,  
 —Clarões d'uma forja em vivo fogo!.. —  
 Ninguém diz o que são?.. O assombro augmenta!

Pois vós, que vos dizeis os scismadores,  
 Não estudaes a Deus pelo universo!  
 Não achaes uma ideia em cada verso,  
 Como a achaes pelos campos n'essas flores!

Vós conheceis a Deus só da cartilha,  
 E não o estudaes nos grandes mares,  
 De nossa mãe nos candidos olhares,  
 N'um beijo d'uma irmã ou d'uma filha!..

Ficais contentes só d'olhar o vaso,  
 E não quereis saber o que tem dentro!..  
 E só dizeis que o sol está no centro,  
 E que tem uma aurora e um occaso!..

Estudaes as marés nos livros velhos  
 D'um frade, que se deu á geographia,  
 E que sempre negou haver poesia,  
 —Até morrer!—nos grandes evangelhos!..

Não sabeis o que dista uma hyena  
 D'um coração de mãe ou d'uma pomba!  
 E andais a rir d'uma mulher que tomba,  
 E que pode ser um dia Magdalena!..

Sciencia como essa é vã, e humilha  
 Ao que se chama a si sabio profundo...

É melhor que estudeis a Deus no mundo,  
 E deixeis ás crianças a cartilha...

Deixai-vos do que é van, do que se aprende  
 No instante em que se leu, sem que se esqueça.  
 Abri o coração como a cabeça..  
 E vereis como Deus então se entende!..

Haveis achar poesia. Ella esvoaça  
 Por sobre nós e cresce até de sobra...  
 Quem não a viu cahir de cada dobra  
 Do manto d'uma virgem, quando passa?..

Quem não a viu sahir de qualquer vaso,  
 D'um lago, d'uma fonte ou d'uma rosa,  
 Como uma nuvem d'ouro e vaporosa  
 Que se balouça aos ventos do occaso?..

Eu mesmo a tenho visto em fios d'ouro  
 Flexiveis, luminosos e trementes,  
 A cobrir as roupagens transparentes  
 D'uma mulher que tem cabello louro!..

Eu ás vezes a vejo,—e fico cego!—  
 (E não chameis a isto ideia fatua...)  
 Em escamas de prata n'uma estatua  
 Sahida de cinzel d'artista grego!..

Quem lhe não viu ainda a chamma enorme  
 A tremer sobre a face ao moribundo,  
 E na dos que se chamam—bons do mundo,—  
 E na frente da creança quando dorme!..

Quem a não viu como um veo transparente  
 A voar no perfume da magnolia?..  
 A sua voz é a voz da harpa eolia,  
 Que vibra quando o sol baixa ao poente...

A sua voz é a voz de toda a ave  
 Quando chuva de sons lança nos ares...  
 O rumor d'uma concha e o dos mares...  
 E toda a voz que é grande e é suave...

Aqui sim podeis vós fazer estudo,  
 Esse estudo em que a alma se repousa...  
 E podeis vêr a Deus em qualquer cousa,  
 Que o que vós chamais *nada*, é muito, é *tudo*...

E se um, qualquer de vós, soberbo e rombo  
 Me disser que isto já era sabido,

Eu lhe perguntarei se tem ouvido  
A historia do ôvo de Colombo...

8 d'Abril de 1866.

ALBERTO PIMENTEL.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(ROMANCE HISTÓRICO)

(De pag. 99)

XII

### O jantar

No outro dia pela manhã, D. Alvaro deu bilhete de convite a varios cavalheiros para assistirem ao jantar que offerencia a D. Sebastião. Entre elles havia o conde da Castanheira, o duque d'Aveiro, Alvaro Peres de Tavora, o conde d'Alcaçova, o commendador da Malta, e Luiz de Camões, todos já nossos conhecidos.

Alvaro de Castro arranjou-se muito *coquete* e mettendo-se no carro partiu em direcção á rua do Principe, rua algum tanto escura e sinistra n'aquelle tempo.

Parou á porta d'um palacete, talvez a casa mais bella da rua, e bateu ao portão. D'ahi a a um instante abriu-se a porta e o nosso afdalgado *coquete* subiu para a sala.

—Meu caro senhor, disse elle a um sujeito, alto e magro, bem parecido e com o rosto alvo e maneiras delicadas—venho dar-lhe um *commodo*...

—Escusa de mais nada, meu amigo, bem sei quaes são os seus intentos, todos. Escusa de mais nada. Ao meio dia estou em sua casa sem falta..

—Como assim? Então o sr. Ricardo já sabe a minha tenção? Essa é engraçada.

—Se v. s.<sup>a</sup> tem negocios a tractar é escusado demorar-se mais. Eu tratarei de tudo muito favoravelmente... el-rei ficará convencido da verdade.

—Então, meu caro, eu lá o espero, quero lhe dever mais esse favor.

E sabiu para fóra partindo em breve no seu carro que o tinha esperado á porta.

Chegou a sua casa. Tratou de arranjar tudo

com muita brevidade e esmero possível para que seus reaes hospedes ficassem plenamente satisfeitos com a indole festiva do jantar.

Paio Telles, o seu mordomo, tambem foi incansavel para que tudo fosse convenientemente apromptado, e conseguiu quanto desejava, porque quando os relógios da casa batiam onze horas, já tudo estava prompto.

O primeiro conviva que penetrou na casa de D. Alvaro, foi o decantado Ricardo d'Oliveira: Era um homem que advinhava pelos effeitos que na verdade parecem pueris e pouco dignos de credito, mas o bom do homem advinhava, isso é que é certo, fosse lá pelos meios que fosse.

A' uma hora da tarde começava o jantar abrilhantado pela augusta presença do cardeal D. Henrique e de seu sobrinho, el-rei D. Sebastião. A conversa correu animada em todo o tempo, desde o começo até ao fim do esplendido *lunch* tão delicadamente offerecido a Sua Alteza pelo atrevido aspirante aos primeiros logares da côrte.

Viam-se aqui e acolá sobre a mesa gelar-se o vinho Champanhe nos compridos copos de crystal, sobre magnificas salvas de prata, primorosamente trabalhadas. Tudo estava com muita profusão e aceio. Todos os convidados estavam sentados em bellas poltronas adamascadas e franjadas a oiro, d'onde podiam perfeitamente saborear as magnificas comidas que vinham á meza.

Todos os criados andavam ricamente trajados, ostentando esplendidas gallas, nas suas festivas librés. Cada pessoa tinha atraz de si um criado; e o serviço era feito com uma regularidade e prestesa espantosa.

D. Sebastião estava collocado no centro da meza e tinha a seu lado o cardeal D. Henrique, defronte d'elle D. Alvaro tinha a seu lado direito a condessa das Idanhas, a mulher do ministro D. Pedro d'Alcaçova que estava sentado á sua esquerda.

Depois seguia-se aquelles outros convivas segundo a sua aristocracia, e posição social.

O banquete dava a demonstrar vivacidade pela immensa animação e borborinho que se

via e ouvia. Apesar de n'aquelle tempo ainda não estar adiantada a arte de cosinhar, já se via o maravilhoso cosinhado realçar primores sobre a meza. Já se ouvia fallar n'um bozado de *timballe á talharim á rainha*, vinho puro *Sherry*, n'um copo de Bordeus, e da Ilha de Chypre, etc.

E note-se, tudo isto no seculo das trevas!

—Meus senhores—disse D. Alvaro de Castro—tenho a distinctissima honra de reunir em minha casa, tão lusida como brilhante companhia, e já que vejo aqui presente el-rei e seu augusto tio pessoas por tantos titulos dignas da sympathia dos Portuguezes, permitti-me fazer um brinde, que julgo será bem accete de todos.

E voltando-se para o criado que estava atraz de si, disse:

—Traz-me vinho de Bordeus.

O criado chegou-se a um aparador e pegando n'uma garrafa de crystal deitou no copo de seu amo aquelle precioso liquido, e este levantando-se disse com effusão:

—O meu brinde é a el-rei!... Possa o dedo soberano do Creador indigitar-vos no bonançoso caminho da razão e dê justiça para o qual as vossas virtudes e qualidades parecem chamar-vos. Possa a dextra potente de Deus abençoar os designios humanos, e o nome de vossa alteza ser proclamado com jubilo pelos vossos fieis e dedicados subditos... os portuguezes...

Viva, sua alteza, el-rei o senhor D. Sebastião!

Estas palavras proferidas pelo dono da casa com voz forte e sonora, foram recebidas com geraes e entusiasticas acclamações de jubilo e no meio do estrepitoso tinir dos côpos.

D. Sebastião levantou-se *á son tour*, e com vinho de *Sherry* fez outro brinde correspondente áquelle que lhe acabava de ser dirigido.

—O meu brinde—disse elle—é aos portuguezes!... A esse punhado de bravos que tão decorosamente tem sabido abrilhantar a sua nação e manter a sua nacionalidade... a esse povo de heroes que com a espada em punho tem feito fugir amedrontado todo o Orbe conhecido e que jámais consentiu em seu territorio quem não soubesse manter religiosamente a indepen-

dencia e nacionalidade do reino!.. A' minha patria natal... á briosa nação portugueza!...

Se as palavras de D. Alvaro foram acolhidas com phreneticas acclamações, estas d'el-rei muito mais, porque os *hurry* foram immensos no esplendido salão do jantar.

Depois d'estes brindes ainda houve outros ao cardeal, que depois foi rei, á rainha D. Catharina d'Austria, ao ministro d'estado Pedro d'Alcaçova, e a varios outros fidalgos presentes, os quaes todos foram vivas e phreneticamente cortejados e correspondidos.

Eram perto de cinco horas quando todos se levantaram da mesa, dando assim o jantar por acabado. Mas ninguem desamparou a casa porque a festa continuava com todo o seu primitivo esplendor. Todos esperamos pelo baile da noite, e como haviam elles de sahir, se o proprio D. Sebastião estava ancioso por saber as novas que D. Alvaro lhe havia promettido n'aquelle dia?

Todos os convidados dirigiram-se para o jardim do palacete, cujas ruas tortuosas, mas elegantes, ostentavam bellos xadrezes de mosaico de côres, o que lhe dava uma primorosa apparencia.

Foi ahi servido o caffè. Como el-rei e seu tio o cardeal não se sentaram, todos tiveram de ficar de pé, sabe Deus com que vontade.

Ricardo d'Oliveira approximou-se do rei, quando todos estavam entretidos conversando, é o cardeal conversava com os seus partidarios em politica, e nos progressos da congregação do oratorio, e disse-lhe.

—Deus te salve, infeliz mortal, a quem a sorte te flagellará cruamente.

O rei estremeceu e olhando para quem assim lhe fallava, disse imperiosamente.

—Que dizeis?.. e depois de o contemplar por um momento, disse, não tenho a honra de vos conhecer...

—Não me conheceis? Sinto isso muito por que vós queria contemplar no rosto juvenil as duras peripecias com que os fados vos assignalaram...

—Não vos comprehendo... fallaes tão enigmaticamente...

—Ah! quereis que eu me explique? Então attendei:

(*Continúa*).

A. P. DO AMARAL.

## DOR MATERNAL

(AO MEU AMIGO ALBERTO PIMENTEL.)

Vou contar-lhe, meu amigo,  
uma veridica historia:  
todo o bom filho decore-a  
e attente bem no que eu digo.

—Dôr maternal—foi o nome  
que dei á minha poesia,  
pois elle diz a agonia  
que um peito de mãe consome

### I

Sobre uma cama deitado,  
em um modesto casebre,  
jazia, ardendo com febre,  
um pobre d'um desgraçado.

Na sua fronte pendida  
lê-se cruel desespero...  
*Tenho sede: beber quero*—  
dizia com voz sumida.

E sua mãe que chorava  
buscava esconder o pranto,  
e, cheia de zêlo santo,  
agoa lhe ministrava.

Mas d'alli por um bocado  
convulsa tosse o atacava,  
e logo o sangue jorrava  
da bocca do desgraçado...

E a pobre mãe, aterrada,  
ora o filho abraçar ia;  
ora p'ra longe fugia  
gritando desesperada.

Outras vezes ante a imagem  
do Christo crucificado,  
co'o rosto em pranto banhado,  
ia pedir-lhe coragem...

E assim passaram dous dias.  
dous dias de soffrimento,  
crescendo sempre o tormento,  
augmentando as agonias.

### II

Cegara o dia marcado  
no livro negro do Eterno,  
e junto ao seio materno  
expirava o desgraçado.

E a pobre mãe, que sentira  
tremor o corpo do filho,  
nos olhos procura o brilho  
que em vida sempre lhe vira.

Mas densa nevoa toldava  
dos seus olhos a pupilla..  
quebrara o vaso d'argilla  
que a alma trazia escrava...

E logo a mãe extremosa  
cae por terra desmaiada,  
como ao sôpro da rajada  
cae a purpurina roza....

.....  
.....  
.....  
.....

### III

Um sугeito que passava  
e o baque do corpo ouvira,  
na caza se introduzira  
em que a desgraça morava.

Vendo uma scena tão triste  
sentiu gelar-se-lhe o peito;  
mas á caridade affeito  
d'esta vez lhe não resiste.

Chama logo uma visinha,  
e, por ella auxiliado,  
levanta o corpo myrrhado  
de pobre mãe, coitadinha!..

E depois que sobre o leito  
a desgraçada puzeram,  
um remedio lhe fizeram,  
remedio de prompto effeito.

Voltada a si—*Oh! meu filho!*—  
exclama com voz suave,  
mas pia agoureira ave...  
seus olhos perdem o brilho...

Veio então de novo o pranto  
banhar-lhe o magro semblante  
e, d'alli por um instante,  
envolve-se em pobre manto;

e em quanto com a vizinha  
o cavalheiro fallava,  
pê ante pê caminhava  
sem ser vista p'ra cosinha.

Chegada alli, fecha a porta,  
e, uma oração tendo feito,  
crava uma faca no peito...  
dentro em pouco estava morta...

AUGUSTO QUEIROZ.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 104)

—Sim, meu pai, supponho que hade approvar a minha escolha; eu amo o filho do marquez de Santa Eulalia.

O rosto do visconde erradeou-se d'uma alegria triumphante.

—Tens a certesa de que Paulino te ama, Eugenia?

A menina sorriu e acompanhou este sorriso d'um volver d'olhos que queria dizer: — Acaso póde alguém deixar de me adorar? — O visconde comprehendeu aquelle olhar e acrescentou:

—Não é preciso só o amôr do filho, mas

tambem o consentimento do pai. O marquez é um d'aquelles fidalgos que tentaria conservar a sua prosapia ainda pedindo esmola. Ora, como tu sabes, a nossa familia não é das mais antigas, e então talvez recuse o seu consentimento.

—O marquez fará quanto v. exc.<sup>a</sup> quizer, respondeu a menina—elle é tanto seu amigo! E demais o meu pai disse hontem: — Eu tornei o marquez um automato que só se move á minha voz, e para onde eu quero.

—Pois bem, Eugenia, descança na ternura de teu pai, e dentro de pouco tempo serás esposa de Paulino.

A moça abraçou seu pai, e depois de receber um osculo paterno sahio da sala alegremente.

O visconde escondeu a fronte entre as mãos e meditou por momentos.

O plano da ruina do marquez tinha-o concebido desde que viera do Porto, onde era um fraco negociante. En 1839 morreu lhe um tio no Brazil, que possuia uma grande riqueza! não tendo outros herdeiros ficou o futuro visconde com toda a fortuna do tio; este era natural de Fornos e alli possuia ainda alguns bens, que entraram tambem na herança. O negociante vendendo-se milionario passou o seu negocio a um socio e começou a figurar de todo o modo que se lhe offerecia. Elle era tão ambicioso de ouro, como de representação. Foi para Lisboa onde se demorou trez mezes. Um dia sahio a passeiar; os cavallos que puchavam o seu elegante carrinho tomaram o freio nos dentes, e o cocheiro não os pode governar. Vinham dois pobres velhos pela rua onde passeiava o ex-negociante, e os cavallos corriam com tal rapidez, que os infelizes velhos não se poderam desviar, e ficaram muito mal tratados, porque os soberbos animaes passaram por cima d'elles.

O ex-negociante mandou-os levar, pelos seus proprios criados, para um hospital da misericordia, e logo que chegou a sua casa, mandou para o piedoso estabelecimento uma esmola de seis contos de reis!!

Esta acção meritoria, ainda que ditada pela vaidade, e pelo desejo de se tornar conhecido, attrahiu sobre si os louvores de muitas pessoas

d'elevada posição: ao outro dia todos os jornaes da capital noticiavam a benemerita dadiva.

—Passados poucos dias relia o ex-negociante o diploma que lhe concedia o titulo de Visconde de Fornos, com que tinha sido agraciado. Com o seu novo titulo voltou para o Porto; porém, alli não estava á sua vontade porque todos o tinham conhecido simples negociante! Resolveu por tanto ir para o seu viscondado de Fornos. Logo que alli chegou mandou edificar uma elegante casa, e adornou a de custosa mobilia. Elle queria que a sua familia fosse a mais notavel da provincia de Traz-os-Montes; e alli não havia outra que lhe fizesse sombra a não ser a do Marquez de Santa Eulalia. O visconde jurou logo derrubar este obstaculo, que procurando aliar-se com aquella familia para que o esplendor d'ella reverter-se sobre a sua, que lutando com inimigo até vencer.

Tomando conhecimento com o nobre marquez, ficou contentissimo vendo que elle era inclinado ao jogo, e que de mais a mais perdia sempre. Dentro de pouco tempo soube captivar a amizade do marquez.

Animado com ella fallou-lhe um dia na união do filho do marquez com uma de suas filhas. O marquez sorriu, e delicadamente lhe mostrou a differença de nascimentos que separava seus filhos; e por fim terminou dizendo fôrmalmente que não. O visconde fingiu não se offender com a recusa, e desestir da pretensão. Mas elle não desestira. Mudou unicamente de armas e de plano para chegar ao mesmo fim ..

O marquez depositava n'elle cega confiança. Tendo a sua casa já bastante empenhada pela má administração que elle lhe fazia; e com as avultadas sommas que perdia ao jogo, servia-se muitas vezes do dinheiro do visconde. O empenho crescia de dia para dia! Era preciso, ás despezas usuaes acrescentar as mesadas de Paulino que estava em Coimbra. O marquez ao principio dava-lhe pequenas mesadas mas o visconde *verdadeiro e solícito amigo* em tudo, fez-lhe vêr que era uma vergonha o filho d'um marquez não ter dinheiro sufficiente para se poder apresentar em toda a parte como lhe pe-

dia a sua alta posição social; e promptificou-se elle para lhe abonar mesadas mais avultadas.

O seu designio estava cumprido; o marquez estava de todo arruinado!

O visconde via com gosto approximar a queda do nobre fidalgo! Elle queria ir depois levantal-o com mão protectora impondo-lhe a condição de lhe dar o seu nome illustre para uma de suas filhas, e se ainda recusasse, esmagal-o debaixo dos pés da sua premeditada vingança. Quer d'uma quer d'outra maneira a victoria era sua. Ou satisfazia o seu orgulho a sua ambição vendo-se ligado a uma familia da antiga nobreza; ou a sua inveja vendo rojado no pó da miseria esse homem que lhe fazia sombra.

—Como é bello — diz elle — eu, visconde de nova data trazer acorrentada a mim essa enfatuada nobresa!..

N'outro tempo propuz ao marquez uma alliança entre nossas filhas, e elle mostrou-me desdenhosamente a differença que havia de mim a elle! Hoje porém esse vacuo que existia entre o nobre, e o *filho do povo*, como elle me chama, está cheio com o meu dinheiro. Amanhã vou propôr-lhe duas coisas. A escolha é infallivel. Ou hade consentir no casamento do filho com a minha Eugenia, ou eu apresento os meus titulos de divida, que elle já não poderá pagar, e ficará deshonrado! De qualquer dos modos te farei descer, altivo marquez; os grilhões com que te prendi foram d'ouro mas breve te pesarão como se fossem de ferro.

Os olhos do visconde brilhavam animados por uma alegria infernal.

(Continua).

## UM SUICIDIO COM FLORES

(Continuado do pag. 72)

Martha pouco perspicaz ainda, não percebeu a significação d'aquelle movimento, e cada vez mais enebriada accrescentou:

—Que grandiosa alma a d'elle! Que affavel o seu coração! Verga-se a todos os meus ca-

prichos com mais facilidade que a flecha da romanzeira ao peso dos fructos, que a tem de continuo inclinada.

—E que caprichos são esses teus?

—O meu maior capricho é de o vêr e de lhe fallar todos os dias. E elle satisfaz a minha vontade d'uma maneira irreprehensivel. Ainda está para ser primeira a noite em que tenha faltado. A's onze horas, estendo uma escada de retroz, e pouco depois, vejo-o no meu quarto, rindo-se com as minhas palavras, folgando com os meus devaneios, ameigando as minhas esperanças, e só se retira quando nas janellas bate um pallido reflexo do primeiro clarão d'alva.

—Então, todas as noites, das onze por diante?—Estas palavras pronunciou-as Adelina n'um tom vagaroso e indicativo de que lhe interessava muito o saber aquillo.

—Sim... e será isto um pequeno sacrificio da parte de Augusto?

—Augusto sómente?

—Augusto de Noronha.

—O coronel de cavalleria?

—Conhecel-o?

—Tenho ouvido fallar n'elle.

—Por Deus! não m'o invejes...

—Eu! estás louca... atalhou Adelina desferindo uma seca risada de ironia.—Tu és muito bella para que tenhas receio d'uma rival.

Depois d'esta conversa, Adelina tomou por pretexto o frio da tarde e retirou-se. Recusou passar uma parte da noite em casa de sua amiga, desculpando-se que tinha tambem a receber visita de suas primas. Ao despedirem-se, Martha sentiu-lhe uma certa frieza, e por instantes pensou n'ella, mas não tanto que lhe advinhasse a causa. Em breve, porém lhe saberia os resultados.

Na noite do dia seguinte ao da visita da sua falsa amiga, Martha, como de costume, esperava no quarto, o seu amante. Para minorar a longevidade das horas estava desenhando n'um pedacinho de papel uma paysagem, que se recordava ter visto na sua infancia. O seu lapis desenhava com uma facilidade pouco vulgar. Martha levantava por vezes o desenho para lhe

notar a perspectiva, e ria-se contente da sua obra. Com effeito havia n'elle uma suavidade de linhas, que produzia encanto. Dir-se-hia uma bucolica do Theocrito, traduzida n'aquelles mimosos traços.

Representava a estampa uma campina dilatada, dividida por um riacho, que se partia em mil voltas, mas socegado e crystallino. Por cima uma ponte d'arco com grades de madeira recortadas dava passagem a meia duzia d'aldeões. Ao lado da ponte, uma taberna com ramo de louro á porta e uma taboleta de pau, convidava os freguezes para o vinho e para os cigarros. Em frente da loja, duas creanças risonhas e inquietas, promptas a fazerem girar em mil voltas os seus arcos de junco captivavam logo as attenções do mais frio observador. Quem melhor reparasse no rosto d'ellas, havia de notar um não sei que de vago nas suas feições, que se diriam ter similhaça, ainda que remota com os de Augusto e de Martha. Esta com effeito tinha retratado a sua infantil figura, e a do seu amante, segundo lh'a tinham sugerido os caprichos da sua imaginação.

Assim que deu remate á porfiada tarefa que tanta canceira lhe havia roubado, voltou para traz os olhos, e ficou estupefacto ao vêr o ponteiro do relógio fixo sobre as duas horas. Sobresaltada tocou a campainha e logo uma creada appareceu no seu quarto.

—Sabe que horas são?—foi a pergunta que Martha lhe digiriu apenas ella passou a porta.

—Ao certo não, minha senhora.

—Pois va-se informar depressa.

Instantes depois voltava a creada

—No relógio da escada acabam agora de dar dez horas. Passam apenas cinco minutos.

—Que azango foi este no meu relógio! —acrescentou Martha. —Tome a chave, tenha o trabalho de o acertar.

A creada subiu a uma cadeira, e depois de o ter regulado, se dirigiu a sua ama e lhe perguntou:

(*Continua.*)

SOSA VITERBO.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 104)

## XII

## REVELAÇÕES

Voltamos agora á Salgueiroza. Tinham decorrido oito dias desde a visita das filhas do barão.

As janellas da casa de Clotilde estão fechadas, e as salas dezertas, parecia que algum acontecimento extraordinario reunia toda a gente da caza n'um só ponto. Clotilde está perigosamente enfermá. Junto do leito da pobre menina, estão padre Francisco e Roza; ambas mostram nos semblantes signaes da maior consternação.

Eram dez horas da manhã: o snr. Cunha que havia vélado toda a noite junto de sua sobrinha, estava agora repousando.

—Veja sr. padre Francisco, em que prestação ficou a menina depois da terrivel noite que acaba de passar! — dizia a velha criada.

E' esta uma molestia incompreensivel! — respondeu o padre, maneando tristemente a cabeça — Hontem perguntei ao medico o estado em que a achava, e elle respondeu-me que havia poucas esperanças de a salvar, porque não conhecia a molestia!..

—Que pena, santo Deus — murmurou a velha, derramando lagrimas — vêr uma flôr cortada no verdor da vida!

As faces de Clotilde começaram-se a tingir d'um vivo encarnado.

—Veja, snr., que linda côr tem agora a menina.

—Antes a quisera vêr pallida, respondeu o velho — isto é sangue que lhe sóbe á cabeça, e talvez venha o delirio. — Com effeito, passados momentos, a menina abriu os olhos, porém a vista vagueava espantada de objecto em objecto, como a de uma pessoa louca. Assentou-se na cama, esfregou os olhos, e disse com uma exaltação sempre crescente:

—Como ella vai linda! como lhe fica bem aquella grinalda de flôres de laranjeira!.. Quem será o noivo? Esperem; lá vem elle.... Jesus! será o meu Paulino? quero-me afirmar bem — e a menina inclinou-se para a borda da cama, de repente soltou um grito agudo, e retirou-se para traz. E' elle, é elle não ha duvida. E como ambos iam contentes! E eu aqui! teem-me presa.. com certeza foram elles que me mandaram encerrar n'esta prizão para que só atravez d'estes ferros podesse presenciar a sua felicidade. Estas grades serão derrubadas, e eu hei de perseguil-os por toda a parte, hei de tornar-me a sua sombra.

E a pobre moça agarrava-se com força febril a uma das torneadas columnas do leito.

—Meu Deus, valei-lhe, diziam o padre e Roza. Clotilde continuou:

—Aquella porta parece-me que está aberta, vou fugir por ella — e a menina ia a saltar fóra da cama, mas Rosa segurou-a fazendo-a deitar. — Enganei-me — murmurava Clotilde — lá estava a guarda vigilante! oh! elles teem-me bem guardada. — Depois pondo as mãos acrescentou com gesto supplicante: — Deixem-me sahir d'aqui, quero assistir ao casamento. Rosa, traz-me os meus vestidos, avia-te; tu não sabes que elles passaram á tanto tempo? Até ella escarnece de mim, nem ao menos me responde!

A criada soluçava sobre o leito.

—Aqui estou, minha senhora — dizia ella — socegue, a sua Rosa não a esqueceu.

—Chegaste em fim? — disse Clotilde lançando-lhe um braço em volta do pescoço — leva-me d'aqui; tu não sabes que tormentos, que tratos elles me teem dado? Vês como eu estou enfeitada? ora dize-me se não estou formosa, ainda mais do que ella. Só me falta a corôa de laranjeira, mas eu antes quero uma de *martyrios*. Não acha que deve ficar bem? Rosa, vai, diz a minha mãe que me venha vêr; preciso fallar-lhe. Oh! ella ahí vem — e um raio de alegria lampejou no rosto da pobre louca.

—Olhe, minha mãe, sonhei á pouco que a tinha perdido! se soubesse como este sonho me tem mortificado! Deixe-me abraçal-a bastantes vezes... quero-lhe contar uma coisa:

Vi-os passar aqui a *elles*; se visse como ambos iam risonhos! era a felicidade que fazia desabrochar seus labios. Porém eu, pobre de mim, hei-de enlouquecer de dôr? Olhe, minha mãe, parece-me que a loucura começa já... apalpe a minha fronte veja como escalda... parece que é um volcão que fermenta aqui dentro — e a menina apertava a cabeça entre as mãos.

—Minha mãe, não se vá, espere por mim; eu tenho medo que elles aqui me venham matar. Meu Deus —acrescentava a desgraçada estendendo os braços como para suster essa visão que o delirio lhe fazia vêr—até minha mãe me abandona! Mas que é o que eu vejo?... aquella não é minha mãe; essa morreu! já a perdi á muito. Além deviso um esquite, minha mãe está d'entro d'elle! Como está pallida! porém já nada sente: já o frio da lousa gelou aquelle coração, já aquella boca inanimada não pôde proferir nem uma palavra de consolação á sua pobre filha —e a infeliz moça escondia a cara como para roubar-se ás visões que o delirio formava em sua imaginação. Rosa, e o padre Francisco choravam silenciosamente. As cores do rosto de Clotilde foram desvanecendo pouco a pouco, e ella tornou a ficar n'uma prostração mortal.

Seriam duas horas da tarde quando a menina despertou; Rosa e o padre, estavam ainda ao pé d'ella.

—Aonde estou eu? — perguntou a joven, olhando em rōda de si.

—Na sua casa minha senhora—respondeu padre Francisco.

—E meu tio aonde está?

—A descansar um bocado; passou a noite toda a pé.

—Olha Rosa, em se levantando quero falar-lhe, para lhe pedir uma coisa.

—Eu vou vêr se elle já está a pé.

A criada sahio.

—Como se sente, minha senhora? — perguntou o padre.

—Melhor — respondeu a menina com voz desfallecida, — depois acrescentou com satisfação:—istó vai a acabar.

—Assim o espero.—Acrescentou o padre,

que não havia entendido o sentido das palavras de Clotilde.

—Nem outra coisa ha já que esperar — continuou ella — nunca os remedios physicos produziram effeito nas molestias moraes; por isso eu digo que isto vai a acabar porque sinto a vida fugir-me como um leve sopro.

—Não hade ser assim. Eu disse á pouco que esperava, mas era vél-a em breve restabelecida.

—Não o espere, senhor padre Francisco: o unico remedio para estas molestias, só se encontra nos tumulos, o — esquecimento — só dormindo o ultimo somno á sombra dos cypresses, encontrarei a radical cura para os meus soffrimentos.

—A religião manda-nos ser superior ás paixões terrestres, minha senhora; vossa excellencia deve fazer esforços por se esquecer de quem lhe causa tantos tormentos; e Deus vendo-a com essa nobre resolução, hade ajudal-a a olvidar esse homem.

—De quem falla?—perguntou Clotilde admirada.

—Olhe, minha filha, não se illude a gente da minha idade com essa facilidade. Conheço-a desde que nasceu; e tanto eu como a sua santa mãe, vimos com prazer adornar-se o seu coração de sublimes virtudes. Sendo ainda muito criança quando perdeu sua mãe, receiei que se retirasse da scenda da virtude que ella lhe havia prescripto; porém tem seguido sempre como se fōra guiada pelos sabios conselhos d'uma mãe; e com certeza, essa santa que perdeu tem sido seu guia lá do céu. Quando morreu disse-me a mim: —Olhe padre Francisco, não temo a morte, antes a saudo como uma amiga, por que ella me vai reunir ao meu chorado esposo; só me peza deixar a minha Clotilde tão nova, e sem ninguem n'este mundo que lhe tenha amôr. É uma parte da minha alma e não a posso levar! ainda lhe ficou para a guiar, os seus conselhos, padre Francisco, tenha compaixão da minha pobre filha: ella é docil hade attendel-o.

Este coração que ainda agora palpita, d'aquí a momentos estará gelado; pois bem, todo o amôr que ainda encerra deposito no vosso

coração, e junto com elle a authoridade maternal; empregai uma e outra coisa na minha filha—E ditas estas palavras expirou. Já vê que tenho o sagrado dever de valor por v. exc.<sup>a</sup> Este encargo tornava-se-me facil de prehencher, porque v. exc.<sup>a</sup> seguia os virtuosos exemplos da sua mãe.

Passados tempos nasceu em seu coração um sentimento vivo, e puro o — amôr. = Este novo sentimento crescia de dia para dia; porém esta marcha, ainda que rapida, era seguida da virtude. Eu approvava este amôr como estava certo a mãe de v. exc.<sup>a</sup> o approvaria. Julva-as a ambas felizes. Comecei a ter alguns receios á dois annos para cá, porque no seu rosto quasi sempre sereno principiei a notar vestigios de soffrimentos occultos. Uma densa nuvem de mysterio envolvia o coração de v. exc.<sup>a</sup> e não me deixava descobrir a causa d'esse pezar.

Via definhar, de dia para dia, sem lhe poder dar remedio!.. Estes ultimos dias estava eu resolvido a uzar da authoridade que a sua santa mãe me confiou á hora da morte, e procurando-lhe a causa dos seus soffrimentos; porém uma nova desgraça rasgou essa nuvem que lhes volvia o coração, eu pude então ver, e tentar essa chaga que um amôr mal correspondido tinha aberto n'elle. Agora que sei tudo, venho dizer-lhe, minha snr.<sup>a</sup>, que é preciso esquecer Paulino. Esse amor que eu d'antes approvava torna-se agora um crime, porque esse moço vai ser esposo d'outra. Estas palavras não as diz o pobre padre, dita-as o amor que a mãe de v. exc.<sup>a</sup> depositou no meu coração.

As feições do padre tinham tomado uma expressão de doce severidade. Clotilde escutava-o com silencioso respeito; quando elle acabou de fallar ficou algum tempo pensativa, depois respondeu:

—Ordena-me que esqueça Paulino! em breve o esquecerei, se é que na campa se pode esquecer um amor como este; por ora em quanto viver seriam vãos os esforços que fizesse para o olvidar.

Quando a menina acabou de dizer estas palavras entrou no quarto o snr. Anselmo.

—Veja meu tio, como eu sou impertinen-

te; nem o deixo descansar um momento!

—Eu vim saber o que tu me queres, pois a Rosa disse-me que desejavas fallar-me.

Queria pedir-lhe uma coisa, meu tio, mas temo abuzar da sua bondade.

—Não abuzas, não minha filha, diz-me os teus desejos que eu prometto de os saptisfazer.

—Agradecido, meu tio, agradecido. O marquez de Santa Eulalia está doente, e por isso sua filha não tem quem a acompanhe e eu desejava despedir-me d'ella. Queria por tanto pedir a v. s.<sup>a</sup> o favor de ir acompanhá-la para aqui.—A recordação da sua amiga d'infancia fez encher de lagrimas os amortecidos olhos da menina.

—Quantas vezes tu has-de ver a tua amiga—disse o sr. Anselmo.

—Não se illudam, — acrescentou Clotilde com melancolia—tenho visto a pouca satisfação do medico e nem um apego tenho á vida, e ainda que muito nova tenho soffrido bastante!

—A tua maior molestia é essa imaginação—disse o senhor Cunha—mas a tua amiga ha de distrahir-te. Vou já solicitar do marquez licença para sua filha te vir fazer companhia por alguns dias.

É esse um favor que eu muito agradeço meu querido tio—respondeu a moça pegando reconhecida na mão do seu tutor.

Este despediu-se da menina, deixou-a entregue aos cuidados de Rosa, e de padre Francisco, e partiu n'essa mesma tarde para a casa do marquez.

### XIII

#### O FIM DO SEGREDO

Essa noite, e o dia seguinte passaram sem que Clotilde experimentasse alguma melhora. A noite do dia seguinte tinha desenrolado o seu manto de sombras sobre a terra, e o sr. Anselmo sem apparecer.

—Já hoje não vem, dizia a menina a Roza:—Talvez que o marquez não deixasse vir Jozephina.

—Depois de v. exc.<sup>a</sup> lhe mandar pedir não

faltava — respondia a criada. — Parece-me que ouvi ranger as tranquetas do portão. Eu vou ver.

Com effeito, Roza não se havia enganado. Quando hia a sahir encontrôu já Josephina no cimo da escada.

— Como está a snr.<sup>a</sup>? — perguntou ella apressadamente; e sem dar tempo a que a criada respondesse entrou para o quarto da sua amiga.

— A filha do marquez assustou-se vendo o abatimento em que estava Clotilde. A esta sorria-lhe no rosto uma alegria infantil; e com a maior serenidade disse á filha do marquez:

— Agora já morro satisfeita! A unica pena que levava era o não te poder dizer adeus.

A filha do marquez soluçava apertando nos braços a sua amiga.

— Ingrata! queres despedaçar-me o coração?

— Olha Josephina, a vida tornou-se-me um fardo tão pesado que eu olho como uma felicidade o momento de o tirar de cima dos hombros. E... logo, quando eu te disser uma coisa, has de concordar commigo, que só me resta já a morte, unica amiga das infelizes.

O senhor Anselmo entrando no quarto poz termo a esta dolorosa conversação.

Clotilde esteve toda a noite muito mal: a febre havia augmentado. Josephina estava inconsolavel, por que Rosa lhe tinha dito as poucas esperanças que o medico tinha dado; e suppunha que a sua amiga não acordaria mais da somnolencia em que a febre a tinha prostrado. Toda a noite levou applicando o ouvido ao menor movimento de Clotilde: muitas vezes poz a mão tremula de receio sobre o peito da outra menina suppondo que o coração já não palpitava.

A manhã veio pôr termo á anciedade da filha do marquez; Clotilde abriu os languidos olhos, e fitou-os na sua amiga, e disse-lhe:

— Já a pé! para que te levantaste tão cedo?

— Esta noite fui a tua enfermeira, e passei junto de ti.

— Que bondade! — murmurou Clotilde. — Esta noite passei mais socegada; já me não appareceram as medonhas visões que nos outros

me teem perseguido: é que tu, anjo de bondade, velavas por mim.

Rosa entrou no quarto com um caldo para a doente.

— Olha Josephina, — dizia a sobrinha do sr. Cunha, passados alguns momentos — o caldo que tomei deu-me forças para te poder revelar uma coisa: senta-te aqui bem perto de mim; o que te vou dizer só deve ser sabido por nós ambos. Lembras-te da ultima vez que aqui estiveste com teu irmão?

— Ha quasi dois annos — respondeu Josephina.

— Tambem te lembras do que eu te disse n'aquella noite, Josephina? «Eu amo com delirio, mas não procures saber a quem; um dia «virá em que eu t'o heide dizer, e acredita que «esse dia decidirá da minha sorte. Acabarei de «te confiar o meu segredo sendo a mulher mais «feliz ou a mais desventurada — Lembras-te de «te eu dizer isto então?

— Bem me recordeo, respondeu a filha do marquez.

— Pois bem, chegou o momento de eu te dizer: — Josephina, eu amo teu irmão, e elle vae ser esposo de outra. A minha vida espirará com a minha felicidade. Estas palavras queria dizer-tas só no dia do casamento de Paulino; porém, Deus faz-me a esmola de me chamar para si sem passar por mais esse martyrio; e quando cerrar para sempre os olhos poderei ainda, sem remorsos, dirigir-lhe o meu ultimo pensamento.

— Clotilde, tu deliras? — dizia Josephina transportada de alegria — será possivel que eu vos veja felizes?

(Continua).

## AGRADECENDO AS FLORES

Ha offertas, ha lembranças  
de tão subido valor  
que valem mais do que esp'ranças  
no peito d'um trovadôr.  
Tem na sua singeleza  
um encanto tão sublime

que ás nossas almas exprime,  
 mil doçuras, mil encantos  
 que nascem d'um santo affecto,  
 tão santo, porque não vem  
 desse que morre e fenece  
 como a pallida cecem;  
 nem da lisonja que mata  
 com seu bafo adulador  
 aquelle que mais acata.  
 Este não, o sentimento  
 que vos deu de certo origem  
 é pensamento tão virgem  
 como um sonho de donzella,  
 que na aurora da existencia  
 lhe sorri propicia estrella  
 n'um ceu de pura innocencia,  
 Debuchando docemente  
 na tela da phantasia  
 ainda sem exp'riencia  
 tanto sonho d'alegria  
 ás vezes tanta chimera,  
 mas que o sol da mocidade  
 na quadra da primavera  
 quasi transforma em verdade.  
 Mas enfim emquanto dura  
 na vida doce illusão  
 enganando o coração  
 sempre se gosa ventura.  
 —Oh! sempre, sempre ligeiro  
 vos corra o baixel da vida  
 sem que uma esp'rança perdida  
 vos leve a veloz corrente  
 dos desenganos fataes;  
 emquanto a flôr innocente  
 desses annos festivaes  
 embalada pela briza  
 nos seus mais gratos perfumes  
 excite vivos ciumes  
 ao regato que deslisa.  
 Estes são os votos meus.  
 votos da mais pura estima  
 d'um coração que só prima,  
 anhelar pedir a Deus  
 que muitos dias felizes  
 vos conceda nos caminhos.  
 deste mundo, aonde ás vezes  
 nos ferem muitos espinhos,

nos cercam muitos revezes.  
 E este voto que vos mando  
 não é mais que gratidão  
 da offerta, da lembrança  
 que no meu peito morando  
 hade no meu coração  
 sempre ficar. E' thesouro  
 para mim de tal valia  
 que ninguem m'o compraria  
 ainda por minas d'ouro  
 das melhores do Universo,  
 pois tem um alto valor,  
 tem um preço mui diverso  
 que vale uma eternidade!  
 vive sempre, é um penhor  
 em nossa alma de amizade.

COSTA GOODOLPHIM.

### CELESTES NUPCIÆ

A minha alma tem frio como o pobre,  
 Que adormeceu á beira dos caminhos!  
 Por isso quer vestir-se dos arminhos  
 Da tunica do amor, que já te cobre!..

E eu gasto a scismar as noites todas!..  
 Sempre me lembras tu, e sempre penso  
 Ao vestir-se de luz o céu immenso,  
 Como um noivo se veste para as bodas!..

E que bodas não são! E' noiva a lua,  
 E o esposo é o céu, o grande espaço,  
 Que com ella se ajunta n'um abraço,  
 E por cima de nós todos fluctua!..

Tudo se prende e junta! E nós havemos  
 De nos prender tambem no grande beijo,  
 Em que eu ponho a esperanza e o desejo,  
 Porque é o do amor... E ambos o temos!..

Nós não somos d'aqui... O nosso mundo  
 E' o do sol, da lua e das estrellas,  
 —Essa porção d'espigas amarellas  
 Do celleiro do céu, que não tem fundo! —

Mas tu podes vôar, porque tens azas!  
 Mas tu podes subir, porque te chama

De lá o grande Deus, que solta a flamma  
D'esse fogo do céu em que te abrasas!

Oh! Leva-me contigo e o choro estanca...  
Quero subir também cheio d'assombro,  
Porque hasde pendurar-me em cada hombro  
Uma aza côr de neve, uma aza branca!

As bodas serão lá! Do céu as harpas  
Hão-de, vibradas por uns dedos leves,  
Abreviar-nos mais as horas breves,  
E derramar os sons pelas escarpas!..

Eleva-me contigo onde o Deus móra!  
Oh! Leva quem não tem onde se acoite!..  
E mesmo ha-de ser lindo o ir a noite  
A voar n'um abraço com a aurora...

5 d'abril de 1866.

ALBERTO PIMENTEL.

## UM SUICIDIO COM FLORES

(Continuado de pag. 120)

—V. exc.<sup>a</sup> quer que lhe traga a ceia ao quarto?

—Não, Josefa. Olhe, em vez de me ir buscar a ceia, vá ao jardim e corte-me um ramo de flores. Colha das mais bonitas. Aquellas roixas e brancas do meu canteiro, os lyrios que a mãe plantou, as margaridas que bordam o tanque, os lilazes de junto do poço, as madre-silvas que assombam a casa de fresco, as caneliras que perfumam a rua das estatuas, o magnolio que se encosta á parede, de tudo isto, Josefa, e de todas as mais rosas, que estão dormindo, ou vigilantes namorando as estrellas, componha um ramo o mais bello, que se possa imaginar.

—Para offerecer ao seu Augustinho, não minha senhora?

—Não sei como lhe heide perdoar a sua ouzadia e indiscreta curiosidade.

—Sabe, sabe. V. exc.<sup>a</sup> perdoa-me que é muito affavel, e além d'isso eu estimo tanto o snr. Augusto!

—Está bom, mulher, execute o meu recado.

Mal a criada sahiu, Martha tirou da sua escrivaninha de sandalo um pequeno volume de capa de marroquim vermelho, com feichos dourados, e o abriu sobre a mesa. As paginas finaes estavam ainda em branco, ao passo que as outras se viam cobertas por uma letra miuda, mas perfeitamente legivel e elegantemente disposta. Este precioso manuscripto era o livro de sonhos de Martha. Ainda antes de ter o seu namoro com Augusto já escrevia n'elle todos os sonhos, que lhe enchiam de visões formosas a bellissima cabeça. Era um thesouro preciosissimo de phantasias puramente originaes. Valia tanto como uma Iliada, e tinha mais graça, posto que menos artificio, que todos os idyllios. Os contos das mil e uma noites forçosamente lhes haveriam inveja.

A ingenua menina folheou e leu para si o ultimo escripto, e depois de deixar cahir insensivelmente o livro poz-se a meditar e a fallar tão baixinho, que só os éccos de muito perto lhe entenderiam a voz. Depois tornou-se pouco e pouco mais alto o seu cortado murmurio, e mais distinctamente, por fim se lhe escutaram estas palavras.

—Como o meu sonho d'hontem foi lindo! Que puresa d'idéas! que delicado contorno o das imagens! que céos azues! e que brisas enebriantes! E o d'hoje, ó meu Deus, comparado com aquelle, é como se pendurasse a capa d'uma pedinte ao lado da tunica d'uma vestal. Não estou bem certa n'elle, já se me varreu quasi todo da memoria, mas a vaga remeniscencia, inda m'o accusa tetrico e assustador. Sim, eu via nos revoltos e confusos elementos d'uma tempestade a véla azul da minha esperança, que rasgando-se nas fendas, desigualdades e asperesas dos cachopos, mais e mais se perdia e sossobrava n'um mar indomito, semeado de abysmos. Depois uma figura branca passava por entre aquelle turbilhão, e parece que os ruidos se extinguiam, que as catadupas se abaixavam, e que as vagas se tornavam plainas com o seu apparecimento subito. Atravez do véo espumoso da porcella, que a rodeava, eu

pude descobrir-lhe as feições magestosas, como se vê o rosto d'uma santa atravez do seu véo d'alabastro. N'aquelle vulto eu reconheci o meu Aug... o meu anjo da guarda. Roguei-lhe por mesiricordia, que me salvasse os restos do meu naufragio. Mas o seu braço, que sómente os poderia erguer, apontou para as nuvens negras da borrasca, e elle sorrindo-se, passou além, como se houvesse uma voz mais forte que a minha, que para lá o attrahia. E eu, redobrando d'afflicção, e de supplicas, accordei sobresaltada com os braços estreitando apertadamente o travesseiro, com as lagrimas a rescalda-rem-me as faces, e com a prece matinal nos labios. Oh! seria a gravidade pôr este maldito sonho a par de muitos outros tão meigos e tão promettedores. Não o escreverei, não, que fora rematado desacerto! Tenho estrellas no meu céu, e não quero ter os signaes da tormenta. Medo sentira d'este agoiro se não tivera da minha parte o seu coração e o seu amôr.

N'esta occasião entrou a criada, apresentando um açafate de flores.

—Que lindas são—disse Martha, tomando-lh'as da mão, e despedindo-as com um aceno —Que lindas são! Que delicadeza no colorido, que suavidade nos perfumes. Como elle as hade aconchegar ao peito, e sorver-lhes o aroma! Quantas lagrimas não dará por cada rosa, que se desfolhe, por cada violeta, que murche!

Onze horas soaram compassadamente no relógio do seu quarto.

Ao ouvir o ultimo toque da campainha, deixou cahir as flores sobre um cestinho de verga, e foi encostar-se á janella. Era a hora da entrevista.

Contra o costume, Augusto ia-se demonstrando. A escada de seda tremulava a sabor da viração, como a bandeira hasteada nas muralhas do forte, desfraldada aos ventos nocturnos. Já se tinha passado meia hora d'espera inutil, o que pela primeira vez acontecia, e Martha dava mil voltas á sua imaginação, não sabendo como inventar desculpas para a criminosa incuria do seu amante.

Cançada de o esperar á janella, recolheu-se para dentro e poz-se de novo a contemplar

as flores, e a fazer um ramo, que collocou na boca d'um copo cheio d'agua. A meia noute encheu d'um pavoroso murmurio o pequeno quarto. A pobre rapariga tremeu, e quasi se sentiu desfallecida. Um pequeno barulho a despertou. Martha julgando que já seria elle, que pizava o lageado da rua, voltou para a janella immediatamente, mas a mesma solidão e o mesmo silencio lhe augmentaram as suspeitas, sem a enganarem com o menor consolo. A queda d'um ninho vazio, que se despregava dos ramos d'uma arvore fronteira, tinha cauzado aquelle ruidosinho. Ainda assim esperou longo tempo. Para buscar lenitivo ou distracção voltou a contemplar as flores, e achou-as com o brilho perdido.

—Flores murchas!—disse para si—como as poderei offerecer?! Se as flores são a linguagem piccaresca do amor, como podem ser estas o interprete verdadeiro do que sinto. Irei colhel-as de novo. Quero que elle leve consigo o viço e frescura do meu jardim, já que hoje não lhe posso dar senão o amargor do calice da minha alma. Sim elle inda ha-de vir hoje. E deitando pelos hombros uma capa farta e longa de seda branca se dirigiu com rapidez ao jardim.

Emquanto por lá anda, fazendo colheita dos seus rozaes, tenha vossa excellencia a bondade de me acompanhar com a imaginação a casa de Adelina.

Esta, como vossa excellencia já de certo desconfiou em vista d'aquelle dialogo frio e cheio de ironia a occultar ciumes que travou com a sua tão innocente e despreocupada amiga, tinha ha muito tempo relações amorosas com Augusto. O coronel de cavalleria era semelhante ao sobrinho de Gillenormand, e pois que não tinha proesas a contar da guerra, fazia galdão das conquistas amorosas, e se nunca tirava da bainha a espada para feitos d'armas não deixava ferrugenta a dos galanteios. Affectando para com todas as suas amantes uma sinceridade hypocrita, e uma afeição superficial, encoberta com mostras d'uma paixão ardentissima, todas se acreditavam unicas na posse do seu amor, e do dominio, que sobre ellas

tinha, fazia base para o orgulho, que ostentava na sociedade.

Não é pois de admirar que Adelina, orgulhosa também, sentindo-se mal ferida pelo negro farpão do ciúme, escolhesse meios de vingança. Posto que muito volúvel, e amiga de quebrar protestos tinha para si que da parte d'aquelles para quem se mostrava affavel devia o reconhecimento ser persistente e sujeito aos seus caprichos. Além d'isso o coração da mulher sente-se ferido no seu orgulho, quando vê requestado por outrem o escravo do seu amor, inda que seja o mais engeitado. Não sei se faltam visos de verdade a esta minha aggravante consideração, mas v. exc.<sup>a</sup>, sem medir por si as demais almas, me dará a venia ou o castigo, segundo o que o entendimento lhe suggerir.

Adelina com o seu genio propenso a enredos soube bem depressa armar a cilada, em que faria cahir os dous, resultando porém só uma victima. Sua familia bastante opulenta, costumava dar frequentes partidas. Adelina como tivesse uma excessiva supremacia, sobre todas as pessoas da casa e especialmente a respeito de sua mãe, no coração e cabeça de quem reinava, não lhe custou a resolver-a para que desse uma reunião na noite em seguida áquella em que esteve com sua amiga. O primeiro a receber convite foi o coronel. Acompanhava o cartão uma carta, em que Adelina supplicava encarecidamente, que não faltasse. A tão exigente e provocador empenho quem poderia resistir?! O illustre convidado não achou que dar recusa.

Desde o começo do baile, Adelina seguiu-o sempre, receando que lhe escapasse. O coronel andava completamente estupefacto de tão assidua affabilidade. Perguntava a si mesmo, cheio de espanto, onde é que ella teria perdida a costumada frieza. A's onze horas pediu para retirar-se, pois não tendo tido occasião de avisar a Martha, sentia-se um pouco mordido na consciencia, se viesse a faltár, mas Adelina, tomando um aspecto o mais gracioso possivel, com estudada meigura lhe disse:

—Porque te queres já ir embora? Inda é tão cedot

—Sinto-me um pouco incommodado da cabeça, preciso de me ir deitar.

—Isso passa. São effeitos da walsa. Não dançarás mais, —E pouzando a mão sobre o hombro com uma inesperada familiaridade accrescentou.

—Não te vás ainda embora. E' a tua Adelina que t'o pede.

Aquella scena cauzou um certo ruido d'admiração e d'inveja na sala. Todos os olhares se fixaram em Augusto. Este sentiu desferida a corda peor do seu coração, a do orgulho, e cedeu. Viu uma senhora de condição superior á d'elle, cheia d'humildade a pedir-lhe uma bagatella, e deixou cahir dos labios um sim, de desdem talvez, mas que satisfazia de mais a que o exorava.

Esta pequena palavra foi para Adelina como a sentença que entrega mais uma victima ao algoz. Receiosa até alli, tornou-se repentinamente altiva, e com um sorriso desdenhoso lá murmurou para dentro de si: — Já não terás hoje quem satisfaça os teus caprichos, minha linda rival! Hasde te por fim cançar de tão grande espera, minha querida amiga. E cada momento que passava era para ella mais um raio de alegria feroz, e para Augusto um espinho d'afflicção, por quanto, subjogado sem muito o presentir pela angelica belleza e candura de Martha, sentia mais do que uma saudade, um começo de pezar e de remorsos.

Deixemos a intriga a cobrejar por entre o baile, como o verme por entre as flores que vae roendo, e busquemos de novo o azylo de Martha, que já tendo voltado do jardim está desesperada á janella, collando o ouvido ao mais pequeno ruido, ao mais imperceptivel phantasma.

(*Continua.*)

SOUSA VITERBO.

## EXPEDIENTE

*Pedimos a alguns dos snrs. assignantes da provincia que ainda não saptisfizeram o 1.º trimestre, a bondade de o mandar fazer, para não soffrer interrupção na sua remessa.*

## O COMMENDADOR DA MALTA

(De pag. 117)

## XIII

RICARDO D'OLIVEIRA

O magico como vimos, ia provar de que maneira os jesuitas enganavam o rei, o povo, e o estado, e D. Sebastião prestava-lhe grande attenção, estava ancioso para vêr o começo das sortes. Demais, não obstante a idade, tinha-se por esperto e julgou enganar Ricardo d'Oliveira, mas aconteceu o contrario, em vez de enganar, foi elle o enganado. Vamos vêr como:

Ricardo d'Oliveira pegou n'um cópo que tinha servido para trazer agua ao cardeal-rei, e se achava devoluto sobre a meza, enchei-o d'agua pura, e depois o cubriu com a competente tampa de vidro, agitou-o por algum tempo. Depois levantou-o, e pondo-o em frente dos reflexos do sól, disse:

—Vê vossa alteza este cópo ?

A resposta era naturalissima, e como os leitores logo poderão suppôr, el-rei respondeu:

—Vejo... e depois?

—Não é verdade que desejava saber se certas pessoas que julgava muito affectas se o atraçoavam?

Sim, é mais que certo... mas que pessoas são essas? Um magico deve dizer logo tudo.

—Não me dou a esse trabalho, senhor, quem elles são haviéis vós de o dizer... olhae para o cópo...

D. Sebastião olhou para o cópo que o magico conservava na mão, e deu um grito de surpresa. Havia visto gravado no cópo em letras crystallinas, as seguintes palavras:—*Os Jesuitas atraçoam-vos*—jesuitas com raios côr de fogo. Esfregou os olhos, julgando ser victima d'uma illusão, mas as letras lá estavam cada vez mais claras.

—Então, que tendes?—disse o magico rindo—Dizei quem elles são?... Estaes callado... esse silencio não vos fica bem.

—E' verdade que tendes poder, mas isso, não é sufficiente, porque as letras do cópo apesar de maravilhosas, podem ser phantasticas...

—Ah! bem sei, quereis provas mais positivas?... nada mais facil... olhae em vossa frente... que vêdes?

—Não vejo nada... mesmo nada... ah! esperae... lá ao longe está o padre Camara... mas elle em que sitio está?...

—Não vos confundaes... vedêl-o lá só?..

—Não; está um homem mas não o conheço... ah! é o conde de Castanheira... elles fallam...

—Escutae.

—Dizem que é necessaria a extinctão da realeza... será verdade... meu Deus!...

E D. Sebastião sentou-se e cobriu a cara com as mãos. Ricardo d'Oliveira, conheceu que prolongar por mais tempo a scena, seria máo, porque o rei sem duvida havia de fazer falta, e cruzou os braços. Em breve se levantou o rei já convencido e disse dando a mão a beijar ao magico.

A minha gratidão eterna... podeis contar com ella:

—Agradecido, senhor, eu em quanto usar d'este costume que tenho, não necessito de ninguem.

—E' verdade. Podeis gabar-vos que tendes uma optima sciencia. Invejo-vól-a.

—Como assim, real senhor... esta minha *nigromancia* é facil em extremo, é porque vós não vos daes ao trabalho, d'estudar... mas mesmo assim era incrível conseguir nada, por que eu... alguma coisa que sei, devo-a á pratica de muitos annos..

—Nem tanto como diz... pelo menos assim o parece.

—Engana-se vossa alteza, tenho muita pratica e conhecimento do mundo. A batalha do campo d'Ourique, a batalha do Salado, a batalha d'Aljubarrota, a tomada de Ceuta, a tomada d'Arzilla, a descoberta das Indias... nada d'isso me tem sido desconhecido... porque...

—Porque sabe a historia de Portugal... não?

—Porque assisti a tudo... aliás.

—Ah! ah! ah! esse agora é o facto mais interessante que se pôde mencionar. Pois um homem pôde fazer prodigios d'essa man ira...

Acaso sois vós um homem immortal? Por ventura nem o calcanhar d'Achilles vos é infiel... sempre uma chalaça assim... é mais que engraçada.

—Vossa alteza de pouco se ri, é tudo por falta d'experiencia do mundo. Olhe, eu tenho de me affastar, mas é mister descobrir-lhe tudo... É verdade que vós tendes em muita conta os jesuitas... não é...

—Sim... mas já os tive em mais.

—E será verdade que por elles tendes sacrificado alguns fidalgos moços, e mais experientes que elles?..

—Alguns.

—Pois bem. Saber-me-heis dizer se o duque d'Aveiro ainda vos merece o conceito que d'elle fazieis.

—D. Sebastião impallideceu e ficou calado.

—Nada de assustar... eu estou fallando mui claro mas amigavelmente. Abreviemos. Que conceito faço de vós? O melhor e mais favoravel apesar de ainda fazer mais se vós fosseis o unico senhor de vossas acções.

—E agora, dizei que conceito vos mereço? crêdes que fallarei verdade...

—Creio... pelo menos que se o tiro não é certo, é bella a pontaria e sempre bateis na extremidade do alvo...

—Mesmo assim poderei continuar?

—Podeis sim... estou ancioso por saber qual a minha sorte.

—Pois muito bem. Olhae para aquelle espolho... eis o primeiro quadro da vossa vida. Loucuras... denôdo... e esperteza. Lá vos vereis entregar á caça, á pesca sobre o mar e guerreando... reconheceis n'esse quadro alguma similhaça com os vossos actos diarios?

D. Sebastião contentou-se de dar por unica resposta um aceno de cabeça, tão enbebido estava a vêr aquellas scenas tão naturaes. Ufanava-se em vêr o seu denodo e valentia, e como no verdor dos annos se defendia d'um modo tão guapo e galhardo.

—Estaes satisfeito,—disse-lhe o magico depois d'alguns momentos — ou ainda quereis vêr o quadro por mais tempo?

—Estou satisfeito.

—Agora muito bem... vêde aquella fonte e dizei-me se gostaes do segundo quadro da vossa vida. Consta só de atrevimento... Loucura e bons successos.. Vêdes lá o bom successo da vossa jornada a Africa... A essa temeraria e louca empresa.

D. Sebastião estava encantado. Via com immenso jubilo as galeras portuguezas sob o seu commando a derrotarem o exercito africano. Depois deter contempla do o quadro por alguns momentos, foi-se este condensando pouco a pouco como se uma expressissima nevoa o fosse occultando a seus olhos. Depois esse quadro vestiu paulatinamente essas fórmis, e tomou outras differentes.

—Eis agora o terceiro e ultimo quadro da vossa triste vida. Vêde, é o que vos espera... ousadia... valor... e a morte... E' bonito o quadro. Lembrae-vos de infeliz batalha de Alcacer-quivir (este nome é um tanto exquísito, mas retende o bem na memoria) comprehendeis-me? Porque ahi haveis de exalar o ultimo suspiro.... Adeus, nada mais... se me quizerdes fallar, procura-me na rua do Principe n.º 25... E' facil de retêr na memoria.

E dizendo isto ausentou-se por entre as espessas arvores que formavam aquelle bello jardim. D. Sebastião apenas o magico o deixou, abriu uma mão e olhou desvairado em torno de si, como se tivesse despertado d'um sonho molesto e morbido. Foi-se juntar á alta jerarchia vivamente indignado contra os jesuitas.

Ricardo d'Oliveira passando por D. Alvaro disse maliciosamente.

—D. Sebastião, já ficou inteirado de tudo quanto desejava, agora o que lhe peço é que se não sirva muito da traição quando subir ao poder... quero dizer, quando ganhar as boas graças do rei.

—Oh! bom magico.... e virá esse dia desejado e fausto?

—E' provavel que sim... Ah! já me esquecia, não deveis raptar a filha do conde da Beira...

—Eu?.. Eu?.. Estaes louco, senhor?

—Não estou louco, não... o commendador

da Malta... um sujeito que v. s.<sup>a</sup> conhece muito bem e mais outras personagens que encubro poderão attestar esta verdade...

—Mas vós como sabeis isso?...

—Como o sei, não é da vossa conta; segue-se que os vossos intentos são esses, não é verdade? Pois bem. Deixae a pobre menina que está innocente... D. Sebastião, nunca d'ella se lembrou...

—Como assim?... E é isso verdade?

—E duvidáes? Perguntae-o ao rei e elle vól-o dirá. Não andeis ao acaso que podeis cahir, e a queda seria estrondosa e terrivel... E se acaso duvidáes ainda eu logo, de tarde, posso-vos fazer acreditar...

—E' desnecessario, senhor, eu creio em vós.

—Muito bem. Até outra occasião.

E o magico sahiu para sua casa muito vagarosamente,....

D. Alvaro foi para junto do rei.

(Continúa).

A. P. DO AMARAL.

## IMPROVISO

(N'UM THEATRO PARTICULAR)

Sacerdotes do bem, eu venho ao vosso templo:

Mandou-me o coração que vos beijasse a estola...

Eu compr'hendi tambem que o drama é o exemplo,

E que o theatro é hoje igual a uma eschola.

Paga-vos o trabalho a voz d'esta plateia...

Se o mestre vos morreu, se já no chão repousa,

Trabalhai, que vós sois apóstolos da ideia

Do author do *Catão* e *Frei Luiz de Souza*..

22 de Fevereçoiro 1866.

ALBERTO PIMENTEL.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 104)

Será certo tu amares Paulino, Clotilde? \*

—Se é certo! Não te disse eu já que a minha morte provem da sua indifferença?

—Não morrerás; has de viver para ser feliz, por que és amada por Paulino.

—Eu?!..

—Não me illudas, Josephina; tu bem sabes que o esposo de Eugenia não pôde nem deve amar outra mulher.

—Não te comprehendo! quem é essa Eugenia?

—A filha do visconde de Fornos com quem teu irmão está para casar.

—Está delirada!.. —dizia a filha do Marquez com amargura — E eu que me ia deixando arrastar pela esperança de vêr o amôr de meu irmão correspondido: sem me lembrar que Clotilde é a noiva de Eduardo!

—Josephina, eu não estou delirada, porém, tu dizes coisas que eu não comprehendo! Eu noiva de Eduardo?!

—Pois não deste o teu consentimento quando o barão veio pedir a tua mão para seu filho?

—Como podia eu consentir n'essa união sendo-me Eduardo indifferente. Apesar de já saber que teu irmão amava a filha do visconde, eu não o podia esquecer, antes o amava cada vez mais; e este amor não se pôde sentir duas vezes na vida.

—Clotilde, juro-te pelas almas de nossas mães que és amada por Paulino. Se tu souberas o que elle tem soffrido na supposição de que tu amavas Eduardo!

—Mas quem o persuadia d'isso?

—O proprio filho do barão.

—Que impostôr! Foi tambem elle que me disse que Paulino amava a filha do visconde, e que ella lhe correspondia: depois persuadi-me que eram verdadeiras as palavras de Eduardo,

porque a indiferença que Paulino me mostrava crescia de dia para dia. Ultimamente acabaram de me convencer as filhas do barão, que aqui estiveram á dez dias, e me disseram que para se effectuar o casamento só se esperava que teu irmão viesse de Coimbra.

Que odiosa intriga se desenrôla aos meus olhos!—dizia a filha do marquez—vou contar-te o que esse homem disse tambem a Paulino.

E a menina refere á sua amiga a conversação que tiveram os dois mancebos na rua dos Loureiros; e o que Eduardo havia dito quando ella e Paulino iam para a Salgueirosa. Narrou-lhe tambem a conversação que ella e seu irmão tiveram n'aquelle passeio do bosque, e a resolução em que o mancebo estava de fugir da sua patria.

—Desgraçado Paulino, como deve ter soffrido! — dizia Clotilde.—E eu?... Oh! Josephina, tu não podes imaginar as tempestades que se tem debatido no meu coração! O orgulho, a rasão, e a virtude a mandarem-m'o esquecer; e o amôr avivando com seu doce sôpro a imagem de teu irmão! Via com desespero todos os meus esforços baldados, todas as minhas lagrimas perdidas; o céo surdo ás minhas supplicas porque eu amava cada vez mais Paulino.

—O céo não estava surdo, minha amiga, ouvia os teus rogos, apreciou a tua nobre resolução, e agora vai premiar-te com a côroa de felicidade.

—Josephina, será isto uma realidade, ou um d'esses sonhos tantas vezes por mim sonhados?

—Não é sonho, minha Clotilde, minha irmã; (deixa-me desde já dar-te este nome) é uma realidade. Deus nunca deixa a virtude sem recompensa. N'essa mesma tarde escrevia Josephina a seguinte carta a seu irmão:

«Meu querido Paulino. Não admires o laceronismo d'esta, porque o prazer encobria-me os sentidos; e não me deixa dizer-te senão estas palavras: Paulino findaram os teus soffrimentos; és amado por Clotilde. Tu, e ella sereis victimas d'uma odiosa intriga, a que eu pude a tem-

po frustrar os resultados.... Vem Paulino, vem receber o premio do teu constante amôr.»

Logo que acabou de escrever mandou Leopoldo lançar a carta na caixa do correio, e ella voltou para junto da sua amiga.

Quando entrava no quarto encontrou Rosa, e o medico que vinha de fazer a sua vizita.

—Como encontrou a minha amiga, senhor Cardoso, perguntou ao doutor.

—Muito melhor, minha senhora, houve uma grande revolução no seu systema nervoso, o que eu ignoro a cauza, mas que a salvou, do que eu já t'inha perdido as esperanças, porque a sua molestia tinha as raizes n'uma ferida moral, e molestias do espirito não as sabe a medicina curar.

Agora a doente está quasi sem febre! Foi um milagre que eu não posso comprehender.

—Então julga-a livre de perigo?—perguntou duvidosa a filha do marquez.

—Sim, minha senhora, está salva. Agora só tem a soffrer uma irritação nervosa, filha do grande abatimento em que está. É preciso dar-lhe a miudo o calmante que receitei hontem. Se vossa excellencia me dá licença retiro-me porque tenho a fazer mais visitas que não admittem delongas.

—Eu teria remorsos demorando-o—respondou Josephina.

—Criado de vossa excellencia.

O medico sahiu e a filha do marquez entrou no quarto da sua amiga.

Seriam passadas duas horas depois da visita do medico quando Rosa entrou no aposento da sua ama, e disse a Josephina:

—Minha senhora, está alli um criado de vossa excellencia que pede a permissão de lhe fallar.

—E não traz carta de meu pai?

—Não, minha senhora; o senhor marquez está mais encommoado.

Esta noticia veio transtornar a felicidade que as duas meninas gosavam fallando do futuro que tão risonho se lhe apresentava agora. Josephina sahiu a saber noticias de seu pai. Quando voltou vinha a chorar.

Minha Clotilde, vou deixar-te: meu pai

está com um grande ataque de gôta. Agora mais que nunca precisa elle dos meus cuidados. Tu não me levas a mal que eu me vá amanhã?

—Primeiro que tudo estão os teus deveres de filha.

(Continua).

## A NOUTE DE S. JOÃO

Noite formosa, de ledos encantos,  
Que n'alma despertas um vivo prazer:  
Que geras sorrisos — debellas os prantos,  
Que ao peito outra vida nos fazes viver:

Bem vinda tu sejas.—Da negra tristeza  
—Ingente martyrio da pallida fronte—  
Não pôde nas trevas a nuvem que peza  
Toldar hoje o brilho do lindo horizonte.

Não pôde.—Esta noite da vida a mais bella,  
Dos olhos humanos luzente pharol,  
E' qual outro raio de fulgida estrella  
Rival não distante do brilho do sol.

Airosas donzellas de terno sorrir,  
Anhellos do poeta nos sonhos de amôr.  
Que tendes esp'rança no breve fugir  
Das horas ligeiras de tanto fulgor:

Dizei-me se agora no ledos folgar  
Que a mente ditosa vos vem entreter,  
Acaso sentis um minuto passar  
Que o riso dos labios vos faça morrer?

Dizei-me se a brisa suave, fagueira,  
Que d'êbano as tranças vos vai oscular,  
E volve depressa ao calor da fogueira  
Que é menos ardente no seu crepitar;

Não tem n'estas horas a bella poesia  
Que o peito de goso nos vem reencher,  
Que aos cantos das aves inspira harmonia,  
Que ao triste a ventura lhe faz appar'cer.

Dizei-me se o mundo não é n'este instante  
Um florido campo de vasto jardim  
Se a côr que elle ostenta assim tão deslumbrante  
Se deve ao pincel d'inspirado ch'rubim?

Os astros formosos que brilham nos céos  
E os olhos deslumbram co'a vivida luz,  
Par'cendo da terra n'um raio dos seus  
Saudarem a festa que n'elies reluz;

A flôr delicada que os campos reveste  
De côres festivas, de galas singelas,  
Que á brisa nocturna perfume celeste  
Lhe dôa nas folhas formosas e bellas;

A qu'rida alcachofra que encantos ministra  
Por entre os agudos espinhos que tem,  
E esp'rança ditosa ou esp'rança sinistra  
Ao peito offegante trazer hoje vem;

Os simples folguedos que junto á lareira  
Se ostentam alegres, ridentes, sem pár;  
A luz que derrama a vistosa fogueira  
Que o fogo sustenta em domestico lar:

Em tudo rescende a sublime poesia,  
Que a alma transporta a ignota mansão,  
Em tudo a sonora cadente harmonia  
Que notas d'amôr vibra no coração.

Mystica noite! que doces momentos  
A todos na vida tu fazes passar!  
Que feros espinhos de agudos tormentos  
Tu vens com presteza do mundo tirar!

Que fundas saudades d'eterna memoria  
A mente do triste te ha'de offerecer,  
Se foste que a elle inesperada victoria  
Das horas amargas fizeste colher!

Que sonhos fagueiros á joven donzella  
No somno tranquillo lhe dás a gozar!  
Que pranto sentido não verterá ella  
No ultimo instante do teu fulgurar!

Oh! Deus! se podera no tempo que dista  
D'este anno até outro ficar a dormir,  
Ou se ella podera com breve revista  
Esse anno n'um dia veloz resumir.

Que amavel sorriso nos labios teria!  
Que estrella propicia de brilho vivaz!  
Que enorme hecatombe por isso faria  
Se tal maravilha não fosse fallaz!

.....  
 Aziago destino reside no mundo  
 Que o gelo da morte bade em tudo espargir!  
 Disperso nos ares um astro jucundo  
 Defeso ao mortal é seu trilho seguir.

Assim é a vida — uma hora de gozo  
 Por dias inteiros de lento penar!  
 Sómente uma rosa na verde colina  
 Depois das agruras da serra tocar!  
 Ligeira bonança na rude tormenta  
 E a furia das vagas de novo affrontar!

Lisbôa, Junho de 1865.

A. SALAZAR D' EÇA JORDÃO.

## TREVAS E LUZ

AO MEU AMIGO J. L. DA SILVA VIANNA.

Meu amigo. — Fica tão gravada em nosso espirito a reminiscencia dos tempos da infancia, ha um prazer tão intimo e indefinido n'essas recordações que aquelles que foram nossos companheiros nas primeiras lides do estudo, tornam-se uns verdadeiros amigos no futuro, quando mesquinhas paixões não os fazem olvidar o mais nobre sentimento do coração humano — a amizade. — Tu, que foste meu condiscipulo affectuoso, és, entre todos esses companheiros do passado, um dos meus mais intimos amigos do presente. E tantas teem sido as provas da tua dedicação e estima, que não sei como equilibrar-as.

Acabas de me offerecer um romance, antecedendo-o d'uma carta, em que a tua benevolencia para comigo te fez escrever expressões que não mereço.

Dizes-me na tua carta que sentes eu ser tão modesto, não tenhas desprazer por isso meu amigo. Parte de dois principios este isolamento a que me tenho votado, sendo um corollario do outro. Parte pois, primeiro da minha consciencia me dizer em face dos meus mesquinhos trabalhos, que devo viver obscuro. ignaro, satisfazendo-me apenas contemplando os novos talentos que surgem promettendo um

bello futuro ás letras patrias. Em segundo lugar porque como diz Anthero do Quental, não pretendo lugar algum, mesmo infimo, na brilhante phalange das reputações contemporaneas, e por conhecer que o meu genio não se pode adaptar a esse servilismo vil e repugnante que serve de degráo a tantas nullidades que depois se pavoneiam com as migalhas que lhes atiram. Escrevo por desenfado, por entretenimento aos meus ocios: porque acho mais prazer, por que se conforma mais com o meu espirito gastar algumas horas na leitura de livros que me possam servir de guia e de estudo do que ter o officio de critico de botequim. Escrevo, pois sem ambições, sem que ponha a mira em conquistar applausos e por isso não me affectam em coisa alguma as criticas que por ventura me façam dos meus escriptos.

Mas de ti o que direi eu? Que possuindo um verdadeiro talento, e todos os recursos para seres um escriptor apreciado, condemnas as tuas producções a permanecerem obscuras no quanto d'uma gaveta! Ou ainda peor, condemnando-os ao supplicio do fogo. Ainda me lembro: ha proximamente um anno, sentado junto da mesa que avara guarda as tuas lucubrações eu te perguntava e pedia que me acabasses de lêr um teu mimoso escripto. — *Bellezas sublunares.*

— Já te mostro o que são as bellezas sublunares, me respondeste, rindo, com esse riso franco que todos os que tratam contigo reconhecem.

E qual foi o meu pasmo vendo approximal-as da luz e dentro em pouco tornadas em cinza as tuas *bellezas.*

Ainda não ha muito tempo publicaste um romance original — *Como é o mundo!*... e deixaste-o passar silencioso dos prelos para a mão dos leitores. E não foi decerto porque receases a critica; não, a critica, nunca se recêa quando parte de espiritos urbanos, e a que traz o ferrete das velhas theocracias d'aquelles que se julgam os *non plus ultras*, tendo por fim deprimir uma vocação, por que se não roja servilmente *ante* esses falsos idolos, a cssa que parte d'uma intenção malevola, lê-se e depois

nem se pensa mais n'ella e continua-se a trabalhar com o mesmo ardor.

Já vês meu amigo, que se eu sou modesto no meu pensar, no meu viver, tu ainda o és muito mais; porquanto eu, sem ambições, sem pretensões algumas deixo de sobre a minha meza fuzirem os quartos de papel com as minhas biscoas para um ou outro jornal.

A minha carta já vae longa de mais talvez. Muito ainda me fica por dizer, mas é forçoso pôr ponto final.

Acceita, meu amigo, essa pequena narrativa romantica, que não tem algum valor; além do pensamento que m'a inspirou a escrever e do teu nome que tomei a liberdade de collocar na frente para honrar o meu humilde escripto.

## I

Rozinha era uma singela e engraçada criança de quinze primaveras. O seu rosto, modulado como a capricho do mais precioso marmore contrastava com uns lindos cabellos pretos, uns olhos castanhos escuros, uns labios breves e mimosos como um botão de roza. Um typo de romance finalmente que traçadas as primeiras linhas já o leitor sabe como o quadro se completa.

A ingenuidade dos seus pensamentos, a candura da sua alma, casava-se perfeitamente com a vida tranquilla e simples que levava em companhia de sua tia, que habitava uma modesta casa, n'um sitio pouco distante de Scavem e Camarate. Singela e modesta porção que mostra, nas ruinas d'alguns edificios que outrora, talvez em tempos remotos, fôra mais apréciavel. Se não apresenta campos, que pela sua extensão parecem querer acompanhar o infinito, possui comtudo pontos verdadeiramente poeticos; quintas (\*) a que pelo bom gosto de seus proprietarios, poderiamos antes chamar jardins. Porém na época em que vamos descrever algumas scenas d'esta nossa narrativa, este logar nem tinha a grandeza, que parece lhe dera alguns edi-

(\*) Citarei uma das que me lembram ao correr da penna, a do exc.<sup>mo</sup> sr. conselheiro Antonio Maria Couceiro, chamada a quinta das rosas.

ficios que o braço hercules dos seculos derribou, nem tambem a vida, embora pouco agitada, que hoje se lhe observa. Provem isto de duas causas de ter já decorrido mais de meio seculo em que a civilisação tem operado tantos milagres e da proximidade dos caminhos de ferro. Era pois este logar na época, ainda que pouco remota, a que transportamos o leitor, o que concebemos pela palavra—aldea:—

Monotona parece para os que vivem nas cidades a existencia que se passa nesses chamados ermos, aonde não ha, nem quasi lembram os festejos das povoações ruidosas. Mas, para aquelle que nasceu no seio dos campos, a solidão que o circumda não tem esse cunho de tristeza, de aborrecimento que lhe acha o habitante das cidades. A vida desliza-se-lhe tranquilla e serena como o ribeiro nos dias de louçã primavera.

O seu mundo encerra-se na natureza, os seus olhos só contemplam a immensidade dos céos, o seu coração não é mais do que um sa-crario das affeições mais puras; por que a sua ambição limita-se a uma vida tranquilla e singela. E' a pagina branca do livro da existencia, com a mais simples grinalda. Os campos semeados de modestas flôres plantadas pela mão do Creador; as espigas douradas prometendo uma abundante colheita, as arvores vergando ao peso dos fructos, um céu limpo de nuvens, uma aurora bem fazeza rociando de crystallino orvalho toda a vegetação, eis as galas que aos olhos do camponez, o prendem e enlevam.

Rozinha, pois habituada desde criança a este, viver pacifico, não sentia no seu espirito nenhuma ambições. Sua tia possuia um pequeno cazal que lhe dava um rendimento com o qual passava independente. Seu marido fôra homem de muito apreço n'aquelles logares. Fizera a guerra peninsular, alcançara o posto d'alferes por distincção do seu valor, tinha duras condecorações e depois de ter sido reformado, voltando a descansar na sua terra natal, conseguia sempre os logares de mais nomeada. Aos dias santos os mancebos do logar, depois da missa sentavam-se junto da porta do seu cazal para escutarem as façanhas que o veterano lhes contava. Proésas que fizera duran-

te as campanhas, batalhas onde obrara prodigios de valor; finalmente como contam quasi todos os que vestem farda.

Era pois na sua modesta habitação o ponto onde as pessoas principaes d'aquelle logar se reuniam. Os lavradores vinham fallar das novidades, o veterano proseguia nas suas narrativas historicas, e o prior da freguezia ensinara Rozinha a ler, e explicar-lhe a doutrina. Depois jogava-se a classica e antiga bisca da aldeia, chegava a hora do jantar e cada um voltava para o seu casal e assim os dias declinavam no regaço da mais pura alegria.

Sumptuosos palacios, magnificencia da corte o que é tudo isso para quem vive affastado de todas as vaidades! Uma sobre casaca de briche herdada já do bisabô, um chapéu que perdera a côr primitiva e d'um feitio raro: eis os adornos que estão nas arcas dos aldeões para servirem nos dias festivos. E apesar de tudo isto a alma sente-se mais tranquillada longe dos prazeres virtiginosos das cidades.

Contudo, na época em que vamos traçar este pequeno quadro, Camarate perdera uma boa parte d'essa alegria que rodeava. O veterano tinha morrido havia já uns bons dois annos e o prior da freguezia, que era um santo e honrado pastor, fôra tranferido para uma igreja cerca de dez leguas. O casal estava mais solitario, a viuva vivia n'este recinto varias vezes sahindo de caza, afóra os dias de missa, e Rozinha entretinha-se de dia a cozer e a tarde cuidando n'umas singelas flores que plantára com extremo cuidado e que formavam todos os seus enlevos. Deste modo corria a primavera da sua existencia sem outros anhelos, mas singela de mais para um coração que tem toda a seiva de vida. Continuará assim toda a sua existencia?

(Continua.)

COSTA GOODOLPHIM.

## CHORA POR MIM...

Quando o vento do outono  
Desfolhar o teu jardim,  
Se eu dormir o longo somno  
Da morte, chora por mim.

Se eu morrer co'as tuas flores,  
Co'o perfume do alecrim,  
Vai com os mais scismadores  
Ao adro, e chora por mim.

Não esqueças quem repousa  
Das suas maguas ao fim...  
Anjo, sobre a minha lousa,  
À tarde, chora por mim...

ALBERTO PIMENTEL.

## COLLECÇÕES Á VENDA

N'esta redacção acham-se desde já á venda sete collecções do primeiro anno d'este jornal, bem encadernadas, que se vendem pelo preço de 4\$500 reis cada uma. Tambem se enviam para a provincia a quem mandar em *valles* do correio o importe de 4\$600 reis adiantados, ao editor Antonio Pereira da Silva, Praça de Santa Theresa n.º 63—Porto.

## EXPEDIENTE

*Pedimos a alguns dos snrs. assignantes da provincia que ainda não saptisfizeram o 1.º trimestre, a bondade de o mandar fazer, para não soffrer interrupção na sua remessa.*

PORTO—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º—1866

63, Praça de Santa Theresa, 63.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(De pag. 131)

## XIV

## Confidencias

Lancemos um golpe de vista retrospectivo e vamos ver algumas scenas passadas ha pouco tempo, e a que a historia deve considerar. Apenas D. Alvaro sahia da camara d'el-rei, este pegou n'um livro em que se descreviam as batalhas de Carlos V, que era o seu livro favorito. O cardeal veio procural-o e teve com elle o seguinte dialogo:

—Estaes só? Julguei á pouco ouvir a voz d'um homem. Seria engano meu?

—Com effeito aqui tive um fidalgo D. Alvaro de Castro que me veio convidar para amanhã assistir a um *soirée*, vossa alteza tambem quer ir?

—Com todo o gosto. Nunca me custa obsequiar ninguem, e muito menos o meu sobrinho.

—Agradeço-vos muito a amisade que para comigo tendes... mas poderei saber qual foi o fim de tão amavel visita?

—Eu vol o digo já—disse o cardeal assentando-se—Haveis certamente de ter conhecimento de que eu tenho muita amizade a esta nação e sobre tudo que me preso ser seu filho...

—Bem sei, meu tio; duvidal-o... seria descreer na religião, o que na verdade seria indigno d'um verdadeiro portuguez!..

—Pois bem, ouvi-me: Em breve sereis rei de Portugal; a rainha vossa avó, desiste por estes dois mezes mais proximos, da regencia do reino...

—Já me constou isso, mas permiti-me que duvide...

—Affianço-vol-o eu. Os meus calculos, quasi nunca me falham... podeis estar descansado. Mas como queria dizer-vos á pouco, a rainha odeia-me por causa dos jesuitas, e por conseguinte é muito de suppôr, que me não dê a regencia do reino; e n'esse caso tomas conta das redeas do governo...

—Nada, isso não é de suppôr. Quando se tracta de abdicção não ha odios partidarios... nem reminiscencias de politica passada... ha apenas plena confiança na recta justiça, vós bem o sabeis.

—Assim deveria ser, mas estaes enganado. Vossa avó é revel de geração, e portanto nada d'elle devemos esperar, ouvi-me socegado. O sceptro portuguez vai dentro em pouco parar ás vossas mãos. E' mister muita fé em Deus e além d'isso muitos conhecimentos divinos e humanos. Vós tivestes excellentes mestres e além d'isso muita penetração d'espirito... mas mesmo assim, ainda não tenho o socego bastante para vos deixar sem recursos para poderdes ganhar algum nome entre os reis vossos antecessores.

—Ainda tenho tempo d'estudar, meu tio, e se o desenvolvimento fôr como a vontade, de certo que hei-de fazer progressos.

Assim o espero. O culto divino deve-nos merecer serios e urgentes cuidados, porque é o meio mais efficaz de podermos ganhar fama n'esta vida e gloria na outra, que é mais para temer, vis o ser eterna.

—Sim... e demais...

—Jesus Christo—disse o cardeal interrompendo-o—soffreu sobre um madeiro, crimes que não commetteu, e em troca que recebeu dos homens, por causa de quem Elle se expoz á morte e mais privações?... Pragas e despresos... pelo menos a indifferencia de quasi todos...

—Jesus, que dizeis!... Pois para que se

instituiu o tribunal do Santo Officio e a companhia de Jesus?

— E' preciso que saibaes; a companhia e sobre tudo o decantado tribunal do Santo Officio, foram feitos para a elevação do nome de Christo, mas ainda assim o povo embrutecido, essa raça de judeus que para ahi ha, tem, com seus desvarios e vicios perversos excitado sobre si a cólera divina...

— Mas então?

— Eu já acabo. Se essa gente teme o carcere ou a fogueira da inquisição, porque teem amôr á vida, de noite trancam as portas e encerrados em suas casas, blasfemam da divindade de Christo, e o nome do rei dos reis e profanado em suas immundas bocas...

— Mas, ignoro aonde quereis chegar... que quereis que faça para pôr cobro a tão horrroso crime?

— Por ora nada, meu sobrinho; isto, agora não é mais do que uma conversa mas depois, assim que tomardes conta da nação, é que deveis acabar essa obra, que meu irmão começou em Portugal... Deus creou-nos. Nosso corpo é formado de barro, na verdade, mas foi disposto pela mão do Omnipotente. Estando assim organizado. Deus derramou sobre elle o sopro da vida, que é o espirito que nos alenta. Fez-nos á sua imagem, dando-nos uma alma firme e immortal, capaz de conhecer e admirar o seu auctor, de contemplar suas obras, e de governar toda a natureza. Estas luzes puras, que nos ministra o facho da revelação, sobre a nobresa da nossa origem, por mais communs que nos pareçam, são mais bellas e convincentes, que as pueris chimeras que lhe substituem para nos abater, confundindo-nos com os mais desprezíveis animaes!... O culto divino é tido pela mais elevada virtude que pôde obrar um corpo humano.

— E depois de tudo... ainda vos não comprehendí.

— Quero dizer, que deveis fazer todo o cuidado para a manutenção da santa Sé. Bem sei que esses são os vossos intentos, mas é preciso fortifical-os cada vez mais, porque tudo é necessario ser robustecido... Este mundo meu sobrinho, é uma fallaz miseria. Tememos o mundo, que não temos animo de desprezar, por mais desprezível que o julgemos. Tememos os homens, que não podem fazer-nos algum mal, e cuja censura é um tacito elogio, mil vezes mais glorioso, que falsos e frivolos louvores; e não tememos parecer, que nos envergonhamos do serviço d'um Senhor Omnipotente, d'um Deus zeloso, que olha com a mesma indignação para seus inimigos, e para aquelles que não se atrevem a declarar-se por Elle? E' necessario punir com severos castigos, quem se recusar a amar como deve o Eterno Sér Omnipotente.

— São essas as minhas mais fervorosas idéas, a mais arraigada vontade...

— Abraçae os religiosos, como tendes feito até aqui, porque desprezar os sacerdotes e os pastores da Igreja, é ordinariamente signal de que se não ama a Deus, nem a religião nem o seu dever. Em vão para se desculparem allegam, que o procedimento d'estes não é sempre irreprehensível, como o deveria ser.

— Bem se vê, que elles, sendo frageis como todos os mortaes devem calir indubitavelmente em erros...

— Justamente. Pertender que sejam impeccaveis, e sem defeitos, é querer, que não sejam homens. Porém se alguns se apartam das suas obrigações... quantos outros vivem como Santos, como pastores desinteressados e cheios de zelo?

— Isso está mais que provado, e muito me admira, que tenhaes tanto trabalho em me explicar cousas que estou farto de saber.

—Meu sobrinho!..—disse o cardeal com modos altivos—sê justo!..

—Justo em que... hoje desconheço-vos...

—Não sei em que me haveis de desconhecer... tudo isto em mim é zelo e interesse em advogar bem a vossa causa.

—Mas isso é loucura! A rainha minha avó não deixa tão cedo a regencia do reino—louca seria ella;—e dado esse caso, passaria logo para as vossas mãos o sceptro que ella agora tem.

—Creio que já vos disse, que a rainha não me deixa occupar o seu lugar... o governo passa para a vossa pessoa.

—Isso não ha de ser tanto assim, porque está na minha mão conceder-vos alguns annos de regencia. O reino não havia de gostar que eu assumisse o poder, por muitas razões... primeiro porque eu sobre o throno era invisivel—tamanho é o meu corpo... Segundo porque, eu com a força que tenho, era incrível que podesse segurar as redeas d'esta grande nação.

O cardeal não respondeu nada, apenas passou a mão pela testa, sorrindo-se. Não lhe tinha desagradado a replica do seu sobrinho, por que se accommodava á sua ambição de reinar... ambição pouco airosa para quem queria passar por um homem circunspecto e zeloso.

Depois d'um minuto de silencio.

—Com que então—disse elle—vós passaveis-me a regencia?

—Se fosse de agrado de vossa alteza.

—Agradeço-vos muito o bom conceito que vos mereço e podeis contar sempre com a minha amizade—disse o cardeal levantando-se da poltrona.

E depois de se ter aproximado da porta voltou-se para traz e disse:

—Boas noites, amanhã teremos o jantar, não?

—E' verdade, não deveis faltar.

—Está dito,—disse o cardeal.

E sahio.

(Continúa).

A. P. DO AMARAL.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 133)

### XIV

#### A VISITA DO VISCONDE

Na tarde em que Josephina foi para a Salgueirosa sentia-se o marquez bastante encomodado. Acabavam de o metter na cama quando lhe vieram dizer que estava alli o visconde de Fornos. O marquez mandou-o entrar para o seu quarto, e lembrou-se com susto, e pela primeira vez, que era um credor com quem ia falar. O ar risonho com que o visconde entrou decipou-lhe estes receios, e o velho fidalgo não viu diante de si senão o seu obsequiador amigo. Passaram algum tempo conversando em diversas coisas. Por fim o visconde tomou um ar de formalidade e disse:

—Marquez, eu transgrido mais outra vez as regras da etiqueta, e venho pedir-vos de novo a mão de seu filho para a minha filha Eugenia.

O marquez abriu muito os olhos como se não tivesse entendido. O visconde continuou:

—Estou convencido que seu filho estará d'accordo com a nossa vontade; mas se não estiver, vossa excellencia o convencerá com duas palavras.

—Mas, visconde, ainda que eu aprecio muito os dotes de sua filha, ha tanta differença...

—Entre o meu, e o vosso nascimento, que-reis dizer sr. marquez?—atalhou o visconde—Porém isso acabou; as familias mais nobres tem feito alianças com as familias plebéas; mesmo sem haver certos compromissos que existem entre nós...

—Fallaes das minhas dividas?—perguntou o marquez amargamente.

—Talvez. Quereis pagar-m'as?—perguntou o visconde, soltando uma risada. — Lançai um golpe de vista sobre estes recibos, e outro sobre a vossa casa, e vereis então se podeis satisfazer o que me deveis. O marquez conheceu então a perigosa situação a que, tinha arrastado o jogo.

—Fallemos claro, marquez,—continuou o visconde—eu não venho solicitar o seu consentimento; venho dizer-lhe: este casamento hade fazer-se porque eu assim o quero. Minha filha tem dinheiro, e o filho de v. exc.<sup>a</sup> tem nobresa; é preciso ligar uma coisa com a outra.

—Porém, se meu filho não consentir?

—V. exc.<sup>a</sup> o fará obedecer.

—E heide sacrificial-o pelas loucuras que eu pratiquei?

—Isso fica ao seu arbitrio; eu só digo a v. exc.<sup>a</sup> que está nas suas mãos a sua honra e a d'elle. Se o marquez não fizer com que seu filho consinta no casamento, estes papelinhos—e mostra-va-lhe os recibos—farão mudar a v. exc.<sup>a</sup> d'esta habitação para outra que não é lá muito honrosa... Mas se) pelo contrario, vv. exc.<sup>as</sup> forem condescendentes, serão estes recibos o presente de noivado que darei a Paulino. Bem vê que seu generoso.

O marquez estava succumbido.

—Em fim, marquez, eu não me posso demorar mais tempo. Logo que chegue Paulino virei saber o quanto pôde a authoridade paternal de v. exc.<sup>a</sup> O seu filho será um louco se quizer regeitar uma noiva formosa e rica para se desposar com a miseria ascrosa e repugnante. Adeus, marquez, acredite que serei sempre seu amigo.

O visconde sahiu deixando o marquez admirado de tanto egoismo. N'aquelle momento lembrou-se de se suicidar, mas reflectiu que nada remediava com a sua morte, porque seus filhos ficavam nas mesmas circunstancias.

—Fallarei a Paulino,—pensava o desventurado marquez—mas como lhe exporei a triste situação a que me reduzi, e a eltes? Sobrevivei á vergonha de confessar tudo a meu filho?

Como lhe direi:—caza com Eugenia ainda que lhe não tenhas amôr; ainda que o teu coração já seja d'outra, para remires com esse sacrificio as loucuras de teu pai.

—Talvez que meu filho goste da filha do visconde—pensava depois o marquez afogando uma repentina esperança—talvez que accete a proposta do visconde sem me ser preciso fazer tão humilhante confissão.

O choque que o pobre velho soffreu era superior ás suas debeis forças. A` noite appareceu-lhe bastante febre, e as dôres da gotta augmentaram.

—V. exc.<sup>a</sup> quer que mande avizar a snr.<sup>a</sup> do seu encommodo?—perguntava-lhe o seu escudeiro na manhã seguinte.

—Não, não ha necessidade de affligirem minha filha; porque isto que eu soffro não é nada.

Apesar d'esta recommendação o criado disse a Mauricia que mandasse chamar a senhora.

O marquez passou esse dia como havia passado a noite antecedente; as dôres eram horriveis, e a febre continuava.

—Quando chegará a senhora D Josephina,—dizia Mauricia ao escudeiro—nosso amo está cada vez mais doente.

—Será bom mandar chamar o medico—acrescentava o criado.

—Já agora deixemos vir a senhora.

No outro dia chegava Josephina a sua casa. O marquez vendo sua filha não pôde conter o pranto.

—Que tem meu querido pai?—dizia a menina abraçando-o.

—Senti-me tão doente que julguei não tornar a vê-te.

—Que ideia essa, meu pai!—murmurou a menina juntando as suas lagrimas com as do marquez.

—Na minha idade nada mais se pôde esperar, minha filha, e eu tenho um presentimento de que pouço tempo me resta de vida!.. quem sabe mesmo se eu não tornarei a vê teu irmão.—E torrentes de lagrimas tombavam pelas rugosas faces do marquez.

—Por piedade não diga isso, meu pai, quer-me fazer estalar o coração de dôr?

N'essa tarde chegou um criado de Clotilde para levar noticias do marquez. Josephina escreveu um bilhete á sua amiga participando-lhe o estado de seu pai, e pedindo-lhe que prevenisse Paulino quando passasse na Salgueirosa, para que ao chegar a casa não receba tão dolorosa surpresa.

O marquez continuava no mesmo estado, sua filha esperava com anciedade o medico, e ainda mais Paulino.

O medico chegou n'essa mesma tarde. A menina ficou assustada ao vêr o rosto descontente do doutor quando examinava o marquez.

—Como encontra meu pai, senhor doutor? —perguntava Josephina.

—Bastante doente, minha senhora, mas eu hei de fazer todas as diligencias para conservar tão preciosa existencia. Quando vem o senhor Paulino, minha senhora?

—Por estes dois dias sem falta.

Depois d'esta conversação ficou a menina dolorosamente convencida de que os presentimentos de seu pai se podiam tornar em realidade.

Na manhã do dia 14 de junho, mostrava o doente algumas melhoras. Sua filha, que havia passado a noite velando junto do leito do marquez, tinha-se retirado agora para repousar algum tempo. Foi despertada d'um ligeiro sono pelo barulho que se fazia em casa:

Desciam, e subiam as escadas com precipitação; e a menina pareceu-lhe que ouvia gritos. Lançou-se apressada fóra da cama, e correu para o aposento do marquez. Quando a joven sahio do seu quarto encontrou Paulino, que era o causador de todo aquelle alvoroço.

Um grito de alegria sahio dos peitos dos dois irmãos que se precipitaram nos braços um do outro.

—E nosso pai como está?—perguntou o moço.

—Hoje um pouco melhor. Agora está elle dormindo, se é que esta gente o não acordou com a bulha que fez ao tu chegares. Se tu queres vamos já ao seu quarto.

Passadas horas tinham os dois irmãos a seguinte conversa:

—Demoraste-te muito na Salgueirosa?

—Apenas meia hora. Foi sómente o tempo preciso para dizer a Clotilde o quanto a amava e para ouvir d'ella a confissão de que me correspondia.

Prometti-lhe voltar amanhã authorisado por nosso pai para pedir a sua mão ao senhor Cunha.

(Continua.)

## RETRATO DE DELIA

Crodimus? an, qui amat, ipsi  
sibi somnia fingunt?

(Virgilio Buc. 8 vers. 108.)

Uns louros cabellos,

Tão bellos,

Que mais bellos não podem haver;

A testa espaçosa,

Mimosa

A cutis, quanto pôde ser;

Olhos scintilantes,

Brilhantes

Mais inda, que a propria estrella;

A boca engraçada

De fada,

A voz mais terna, que a d'ella;

A face de carmin,

Mas sem fim

Os sorrisos amorosos;

E sempre com pejo

Um beijo

Dando aos labios desejosos;

Um collo de neve,

E breve

O pé, a perna torneada:

Este é o retrato,

Exacto,

De Delia, a minha amada.

SOUSA CAVALHEIRO.

## UM RASGO DE AMISADE

Na Grecia onde o sentimento da amisade era tido em grande consideração, e se deram admiraveis exemplos d'esta nobre virtude, aconteceu um facto que julgamos interessante memorar-o nas columnas d'este semanario.

Damon e Phitias tinham contrahido a mais sincera e estreita amizade. Aquelle foi condemnado á morte pelo tyranno Diniz, por meras suspeitas, e tendo necessidade de ir a casa para regular os seus negocios, pediu ao seu amigo que o substituísse na prisão. Pithias annuiu generosamente a este pedido, tanto podia n'elle a confiança n'uma verdadeira amizade. Chegado o dia no qual findava o praso em que Damon devia regressar para soffrer a pena que barbaramente lhe havia sido imposta pelo tyranno, elle não apparecia, porém Pithias não desesperava da confiança que tinha depositado no seu amigo, e por isso caminhava tranquillo para o patibulo, em de redor do qual, o povo escarneckia Pithias, por ter confiado n'um homem que assim trahia a sua boa fé, e recompensava com a ingratição os sentimentos da mais pura amizade. Estava Pithias quasi a perder a vida sob o cutello do algoz, eis que sente um murmurio geral; volve os olhos com confiança e o que vê?!... vê o seu amigo Damon, que rompendo por entre o povo com rosto prazenteiro, por ter chegado a tempo de salvar a vida ao generoso amigo, se lança em seus braços e vai occupar o lugar que fora designado pelo tyranno.

Que espectáculo se apresenta então áquelle mesmo povo que pouco tempo antes havia duvidado da confiança de uma verdadeira amizade — elle vê os dois amigos disputarem entre si qual o que deve perder a vida. A nobreza dos seus sentimentos produz o exemplo mais poetico e luminoso que se podia apresentar. Comovido com este exemplo, o povo derrama lagrimas de alegria, e o tyranno Diniz, commovido tambem pela primeira vez, perdôa a Damon, com a condição de o fazer participar da sua amisade.

Tanto pode um rasgo de virtude, ainda mesmo no coração d'um tyranno!

RIBEIRO GONÇALVES.

## CARTAS DE LISBOA.

## V

Fechou-se o theatro lyrico, mas em substituição temos abertas as portas do circo Price, aonde funciona presentemente uma companhia de zarzuela, composta de excellentes artistas, quasi todos já conhecidos do publico lisbonense, porque fizeram o anno passado as delicias da nossa sociedade. Entre as zarzuelas que mais leem agradado, figuram:—Catalina, Marina, El secreto d'uma dama, Campanone e Hija del Regimiento.

A gentil tiple Zamacois está este anno como a admiramos o anno passado: sempre bella, sempre attrahente! É uma cantora de muito merecimento, que tira todo o partido da sua excellente voz, e que sabe captar a sympathia do publico pela sua graça natural, pelo seu *salero* fascinador. Privados de ouvir a excellente voz de Volpini, que tão festejada foi ha pouco n'essa cidade ficou-nos a regalia de ouvir Zamacois, que, no seu genero compensa sem a falta d'aquella ympathica cantora, que ha dois annos pisa o palco do nosso theatro lyrico.

E ella mesmo é a propria a fazer justiça ao merecimento de Zamacois, porque ainda uma d'estas noites eu vi Volpini no Circo, depois da sua vinda de Coimbra, applaudindo com enthusiasmo a gentil tiple da companhia espanhola.

Sabbado foi uma noute de festa no Circo. Cantou-se a *Hija del Regimiento* em beneficio de Zaniacois, e excusado era dizer que teve um desempenho mais do que satisfactorio, optimo.

A *Hija del Regimiento* é uma linda zarzuela; para mim das mais bonitas do repertorio do theatro espanhol, e cantada por aristas de incontestavel merito faz dobrado effeito, como realmente o fez na noute do 28 do corrente.

O circo teve uma enchente real; os applausos phreneticos, unanimes os bravos, abundantes as flôres, sem conta as palmas!

A *Juanita* essa linda canção espanhola que Zamacois tão bem cantou o anno passado, e cuja musica os portuenses devem já ter conhecido, porque valeu um triumpho a Volpini durante a sua permanencia na cidade invicta teve

este anno o mesmo admiravel exito! foi *bisada* e recebida com estrepitosas palmas.

A sociedade mais escolhida de Lisboa assistiu á festa artistica da interessante Zamacois; só faltou a presença de SS. MM. para mais lusida ser aquella noute de verdadeiro delirio; mas, ainda assim, o enthusiasmo nunca esmoreceu, e Elisa Zamacois deve por longo tempo recordar-se da completa ovação, que o publico lisbonense lhe fez na noute do seu beneficio.

Passando do theatro espanhol para o normal, ou que pelo menos ainda conserva este titulo, direi que se teem representado ultimamente duas peças novas: *Coração e arte*, e o *Filho Bastardo*.

*Coração e Arte* é um drama que tem merecimento, e que está posto em scena com algum apparato. Fez com elle o seu beneficio a distincta actriz Emilia das Neves e, fóra d'esta noute de festa, não tem chamado concorrência ao theatro.

O *Filho Bastardo*, traducção do senhor Matheus de Magalhães, agradou bastante, como costumam agradar os excellentes dramas de Alexandre Dumas, filho.

Depois da *Joanna a Douda*, que já estamos fartos de vêr em scena no theatro de D. Maria, teremos *Judith* em que Emilia das Neves deve fazer realçar o seu talento tragico.

Parece que dera a sua demissão de commissario regio d'este theatro o senhor Francisco Palha.

Sendo assim, e havendo quem substitua dignamente o snr. Palha, podem alimentar-se algumas esperanças ácerca da prosperidade do nosso theatro-escóla.

No Gymnasio falta-nos Taborda, que é a vida d'aquelle theatro. Tem-se dado ultimamente um drama traduzido do francez—*A filha dos trapeiros*, que tem agradado.

Representou-se tambem um novo drama original com o titulo—*Legitimas consequencias*, que eu ainda não tive logar de ver.

Estamos na maré dos beneficios; teem-se dado muitos concertos em beneficio, no Circo vão elles começando, e até á actriz Fialho, da Rua dos Condes, chegou a occasião de fazer o

seu beneficio, para a noute de qual se procuram já com avidéz lugares de platea e camarotes, porque deve ser uma noute cheia, uma noute de gratas impressões para os espectadores e mais ainda para a beneficiada!

Nas variedades está-se representando n'esta occasião a *Revista do Anno*, que me dizem estar escripta com muito chiste, e que promete dar enchentes ao velho theatro do Salitre que hoje se acha convenientemente administrado.

Annunciam-se algumas publicações litterarias dos nossos mais festejados escriptores; mas por ora nada mais ha do que annuncios.

Aqui chegam a abandonar as lettras ainda os seus primeiros cultivadores, talvez por uma rasão bem simples: por não se poder viver d'ellas!

E esta rasão, se alguns a julgarem egoista, a maioria decidirá que é fortissima!

Lisboa 2 de Maio de 1866.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

## A AMISADE

AO MEU AMIGO COSTA GOOLDOPHIM

Mon Dieu! Vos dons toujours dépassent vos promesses.  
E dans mon plus beau rêve autrefois d'amitié  
Mon cœur n'en avait pas deviné la moitié!

LAMARTINE.

Quando o peito pouco a pouco se define  
Com o lento caminhar de uma agonia,  
E nas trevas se debate, sem que um dia  
Sua luz derrame n'alma tão sósinha;

Quando os olhos n'esta vida já vendados  
Não recordam o azulado firmamento,  
Como a lampada a que falta o alimento  
Não recorda os seus alvares já passados;

Quando o homem de descrente até já ousa  
Desdenhar do mundo atroz a vaga rude,  
Porque sente, como em gélido ataude,  
O cadaver que insensível lá repousa;

Finalmente se de todo tem partida  
A alma, o peito, a esperança, tudo... e jaz sem norte;

Se até nem julgar pode o que seja a morte  
Por que nunca julgar poudo o que era a vida:

Aonde encontrar a doce, a meiga brisa  
Que frescura leve as faces do proscripto?  
Que por momentos affaste ao pobre afflicto  
Os espinhos tão crueis que sempre pisa?

Aonde, aonde, buscar um som cadente  
Que lhe dê a presentir o coração?  
Aonde, aonde pôr termo á solidão  
Que o envolve sempre, sempre, tristemente?

Aonde achar assim um suave abrigo  
Que alivio possa ser a magua tanta?  
Aonde é que essa guarida se levanta  
A não ser no intimo d'alma de um amigo?

A amizade é a flor viçosa e qu'rida  
Que á terra trouxe a mão de um cherubim;  
E'a flor da minha vida,  
E'a flor do meu jardim.

Veneno aguarda o mundo em aurea taça  
Que o labio da desdita ha e tocar.  
—O ditoso—se é que passa,  
Nem o triste quer olhar!

Depois o labio secca;— de repente  
No infliz crepita a lava do vulcão.  
E já morta a fé na mente  
Lá trepida... jaz no chão.

Depois... é mais na vida um desgraçado;  
Não vê jamais no mundo unica flor;  
Não tem na terra um prado,  
Não tem um riso d'amôr.

Então d'abysmo fundo trilha a borda;  
Não pode com o peso do soffrer;  
Dos labios o fel trasborda,  
E a pobre vai perecer...

Mas se ainda para elle mão piedosa  
Se estende n'essas horas de penar,  
E' qual outra fresca rosa  
Que o anima a caminhar.

E caminha... e no erguer da debil fronte  
Bem diz o novo guia que o conduz;  
E fitando o horisonte  
Lá devisa nova luz!

De um peito amigo o doce sentimento  
Que quer volver a esp'rança ao desgraçado,  
Symbolisa o firmamento,  
Se d'estrellas recamado.

Eu tive já da morte o fatal sello  
Gravado na minh'alma:— o meu viver  
Era triste, e a soffrel-o  
Não podia mais soffrer.

E só qual debil planta do deserto,  
Exposta á furia insana do aquilão,  
Sem ao longe nem ao perto  
Ter um martyr... um irmão...

Tremi como treme o nauta ancioso  
Ao vêr o oceano irado em escarceus;  
Como treme o criminoso  
Quando está junto de Deus,

Mas hoje compartidas minhas dôres  
Já olho sem pavôr a soledade;  
Faltam-me ternos amores,  
Mas tenho a terna amisade.

E' tudo que de bello o mundo encerra;  
E' a estrella de brilho imorredouro;  
E' sómente o que ha na terra;  
O mais precioso thesouro.

Oh! sim, é a flôr viçosa e querida  
Que á terra trouxe a mão de um cherubim;  
E' a flôr da minha vida,  
E' a flôr do meu jardim.

Lisboa, Julho de 1865.

A. SALAZAR D'ÊÇA JORDÃO.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(De pag. 139)

## XV

## Um contratempo

Em quanto na camara do rei estava o cardeal admoestando e fazendo-o progredir na doutrina dos jesuitas, doutrina que elle momentos antes tinha visto tão contrariada na boca de D. Alvaro, estava a rainha esperando pelo chá no seu gabinete particular.

— Joanna — disse a rainha para a aia da sua camara — o conde ainda está na secretaria?

— Creio que sim, real senhora, ainda ha pouco elle lá estava tão embebido que nem deu fé de eu lá ter ido buscar aquella nomeação...

— Que nomeação? — perguntou a rainha admirada.

— Aquella que dei a D. Duarte de Castello-Branco... de conde de Sabugal.

— Ah! sim, mas dizieis vós, que o ministro estava muito occupado, a ponto de não dar fé de vós...

— E' verdade... aquillo é negocio de grande importancia, mas a esperanza que nos resta é sabermos que se hade desempenhar perfeitamente n'esta questão... como em todas as outras, porque ministro como o conde das Idanhas, não tornamos a ter outro...

— Com que então, parece-me que é um bom ministro? — disse a rainha e depois tornando-se triste e melancolica, disse:

— Mas faz-me admirar, que me não tenha dito nada... um negocio de tanto interesse...

E depois d'alguns instantes de silencio, accrescentou:

— Será necessario, ir-des lá da minha par-

te... ah! espera... escreve-se um bilhete e manda-se por Rodolpho...

E a rainha chegou-se á sua mesa e pegando n'uma folha de papel escreveu-lhe as seguintes palavras:

«Conde—Sei que andais empenhado n'uma questão cujo fim ignoro; se o interesse que isso vos causa poder tambem participar d'elle, seria bom que me desseis parte.

*Catharina.*

Apenas traçou estas linhas desleixadamente com alguns erros d'orthographia puchou por uma campainha que estava pendente sobre a sua escrivaninha e que communicava com o quarto do seu camarista Rodolpho d'Almeida. Quando este, respeitosamente abria a porta do quarto a sua real ama, entrava o ministro no camarim da rainha por outra porta.

A rainha apenas o viu, disse para Rodolpho, que ainda se achava no limiar da porta.

— Podeis-vos retirar, já não preciso de vós. Queria mandar chamar o ministro, mas visto elle já aqui estar, podeis-vos recolher ao vosso quarto.

O camarista sahio, e D. Catharina voltando-se para o conde que estava em pé e com uns papeis na mão, disse-lhe:

— Ia mandar-vos chamar, porque estava anciosa por saber quaes eram as vossas inquietações... vós, que nada vos mette medo...

— Nada mais que uma tentativa contra a vossa real existencia...

— Contra a minha vida?.. E quem... quem era o miseravel que me tentava assassinar?... quem?... A quem fiz eu mal para ter quem se conspire contra mim? Vós não me respondeis, conde, quem era o vil miseravel, que ousava perpetuar tamanha indignidade; de que meios se servia?

— Senhora, escutai, estaes certa quando

em Janeiro, o commendador da Malta, João da Cunha, teve a louca ideia de contribuir para que o vosso antigo confessor o padre Miguel de Torres fizesse um documento falso, para fazer provar aos sectarios da companhia, que vós desisties formalmente da regencia do reino, em favor do cardeal D. Henrique... lembrai-vos?

—Sim... lembro—disse a rainha, que parecia meditar—até foi a causa de se dar a pensão áquelle pobre rapaz...

—Depois, como visse que vossa alteza, obrava convenientemente é que tinha ganho a geral affeição de todos os portuguezes, projectaram differentes medidas, para lograrem o infame objecto das suas intenções.

—Continuai.

—A demissão que vossa alteza deu ao padre Miguel de Torres, foi um golpe terrivel, e com que elles jamais tinham contado. Toda a companhia de Jesus, que como sabeis, tem grande influencia no animo de vosso cunhado, o cardeal... jurou vingar esta affronta e tem feito todos os esforços para conseguirem attentar contra a vossa vida. Convencionam um meio, tractam de indagar quaes as circumstancias que os poderiam favorecer, n'este crime, e depois de terem tudo disposto, querem dar execução a estes criminosos projectos, mas faltava lhe o melhor, quero dizer, o essencial... ninguem se atreve a assassinar-vos...

—E depois... continuai... a lição para mim é terrivel, mas ouvil-a-hei até final.

—Tende animo, senhora, que nada vos ha-de succeder, confiái em mim. Como vos dizia, ninguem ousava perpetuar tão nefando attentado, vai n'isto sae de cá um homem que diz:—se me derem dinheiro que me satisfaça, comprometto-me eu a levar a cabo quanto desejáes... era este homem, era... era... o commendador da Malta!..

A rainha, estremeceu, e impallidecendo encostou-se á parede para não cahir no sobrado, mas disse alto e soffocada pela colera.

—E então esse homem? Esse miseravel, ainda está em sua nefanda tranquillidade... ainda o não tendes mettido n'uma masmorra, até dar com o corpo no patibulo?...

—Esperáe, que eu já termino. Approvaram os jesuitas a lembrança d'este seu criminoso irmão, e estava tudo preparado para hoje serdes assassinada na vossa propria camara... Mas como Deus zomba dos projectos dos impios das almas pertencentes a Satanaz... denunciou á justiça seus crimes e seu corpo jaz na cadeia, até que vossa alteza dê as suas ordens.

—Mas como soubestes isso tudo?

—Foi o acaso que m'o revelou. Hia eu a casa do conde da Castanheira, por causa de negocios d'Estado, quando ao passar pela *Rua Nova* ouvi grande algazarra em casa do commendador, caminhei para diante, importando-me pouco com o que se passava nas casas alheias... Mas quando de novo entrei em minha casa, encontrei sobre a minha meza particular uma carta anonyma, em que me dizia, que mandasse assaltar sem demora a casa do commendador porque queria attentar contra os preciosos dias de vossa alteza. Deu-se-lhe busca á casa e encontraram todas as provas da sua criminalidade, e como já vos disse está em prisão segura até nova ordem.

—Pois bem, seja já quanto antes exonera-do de todos os seus cargos e dignidades, confiscados os seus bens, e considerado como traidor á patria.

—Sim, real senhora...

—Ainda mais; que seja vedado a todo o cidadão, ter contractos, conversas, ou qualquer tracto com esse homem que é réo d'alta traicção...



D. Antonia via passar os dias sem que o mancebo comprisse a sua promessa de voltar em breve. Jámais d'uma vez tinha duvidado que o moço lhe tivesse o amor que elle dizia; porém estes receios desappareceram quando viu chegar o mancebo, cada vez mais namorado.

—Suppunhamos que já se tinha esquecido de nós, senhor Mello—dizia a baroneza.

—Faziam-me essa injustiça? Era impossivel esquecer a maneira por que fui recebido n'esta casa.—E o moço voltou apaixonadamente os olhos para D. Antonia. Depois apressou-se em dar parte da herança que tinha tido, exaggerando-a quanto era possivel.

Com esta noticia alegrou-se muito a baroneza; sua filha já lhe havia dito que amava Bernardino, e gostando muito do mancebo, receiava que seu marido não consentisse no casamento, por Bernardino não ser tão rico como a sua filha. Agora via com gosto este obstaculo removido, e estava com tenção de advogar a a causa dos dois amantes. Bernardino, aconselhado por Eduardo, dirigia-se no dia seguinte, não ao barão, mas sim á baroneza, pedindo-lhe a mão de sua filha. A baroneza deu com prazer o seu consentimento, e encarregou-se de obter o de seu esposo. Este não foi surdo ás supplicas da baroneza. Desde este dia na casa do barão não se cuidou senão nos preparativos da festa que se devia fazer no dia das bodas.

Assentaram que o casamento fosse feito logo que chegasse o sr. Gomes. Este veio passadas tres semanas; e no dia 12 de Julho o capellão abençoava a união de D. Antonia, e de Bernardino de Mello.

Durante oito dias duraram as festas na casa do barão. Só se via alegria em todos os semblantes, e felicidade em todos os corações.

## XVI

### UM PRESENTIMENTO

Porque razão estará Clotilde assim pensativa? qual será o motivo por que o seu semblante se cobre a espaços de uma nuvem de tristeza?..

No dia antecedente tinha Paulino voltado de Coimbra, e havia-lhe jurado um amor eterno, promettendo lhe voltar em breve a pedir a sua mão. Não era isto o que a menina desejava. Qual seria então o motivo do seu pesar? Era um presentimento que lhe assaltava o coração!! Parecia-lhe a sua felicidade muito grande para que se podesse realizar.

—Que loucura a minha—dizia a moça passeiando no jardim, e limpando as lagrimas—que tenho eu a receiar? Paulino ama-me, seu pai estima-me muito, e meu tio com gosto lhe concederá a minha mão. Que é pois este peso que me esmaga o coração? Se Paulino vier hoje, hade estranhar a maneira porque eu hospedo a nossa felicidade.

Quando a menina acabava de fazer estas reflexões ouviu o trote d'um cavallo. A porta do jardim abriu-se, e Paulino entrou com precipitação. O pobre moço trazia os cabellos em desordem; e os olhos esgasiados e vermelhos, deixavam conhecer a tempestade que se debatia no seu coração.

—Paulino!!—disse a menina com alegre surpresa.

—Clotilde!—murmurou o mancebo pegando n'uma das mãos da moça.—Quem me diria hontem...—e os soluços embargaram-lhe a voz.

—Paulino, que tem? perguntou a menina assustada.

O mancebo cobria a mão da donzella de ardentes beijos, a nada respondia.

—Que supplicio, meu Deus! Paulino, responde, conte-me a causa d'esta desgraça que eu vejo o opprime. Qualquer que ella seja, creia que tenho animo sufficiente para lhe supportar o peso

—Esta desgraça, Clotilde, é tanto mais terrivel quanto era inesperada.

—Faz-me tremer, Paulino? quero com tudo partilhar já os seus pesares:

—Eu venho despedir-me, Clotilde.

—Uma despedida?! Não o comprehendo.

—Eu me explico; vamos assentar-nos. Hontem quando cheguei a casa, encontrei meu pai com algumas melhoras. Julgei seria occasião opportuna para lhe fallar do nosso amôr. Estava

para me dirigir ao seu quarto, quando elle me mandou chamar. Meu filho, me disse elle, aproxima-te bem do meu leito; tenho a communi-car-te coizas que só devem ser ouvidas por ti: Tens 24 annos, já acabaste a tua formatura, e supponho que ainda não elegeste uma compa-nheira.

—Meu pai, lhe disse eu, venho agora mes-mo...

—Espera, me tornou meu pai—deixa-me acabar de fallar: Tu sabes a amisade que nos liga ao visconde de Fornos. Elle veio aqui ha poucos dias, e deu-me a entender que deseja-va o teu casamento com sua filha mais velha. Terás tu alguma repugnancia para esta união, que, é preciso dizer-te, é muito da minha von-tade?

—Não posso annuir aos seus desejos meu querido pai, nem aos do visconde, respondi eu, porque o meu coração já não está livre... eu vi-nha agora mesmo rogar a vossa excellencia me desse licença para pedir a mão de Clotilde. Meu pai ficou calado por longo tempo, mas eu via que elle soffria muito, mais d'uma vez lhe vie-ram as lagrimas aos olhos, por fim disse-me:

—Vejo-me na necessidade de te confessar tudo! Paulino, jura-me pela alma de tua mãe que não hasde odiar teu pai depois do que elle te vai dizer.

—Eu não o comprehendo, senhor, respon-di eu admirado.

—Eu me explico, meu filho, mas presta primeiro o juramento que te pedi.

Junto da cabeceira do leito estava o retra-o de minha mãe sobre elle dei o juramento exigido. Meu pai disse-me então:

—Paulino, nós estamos reduzidos á maior miseria! Tudo o que era vosso já nada existe!.. tudo sorveu o maldito jogo. O meu arrependi-mento d'agora faz-me vergonha, Paulino, por-que só vem desde que cavei a ruína de meus filhos. Lastima teu pai, mas não o amaldiçoes..

—Meu pai unia-me freneticamente ao coração.

—Socegue, meu querido pai—lhe disse eu —se não é maior o nosso infurtunio, esse pare-ce-me remediavel: eu advogarei emquanto não

poder arranjar um emprego; e ganharei os meios da nossa subsistencia.

—Desgraçadamente, Paulino, não pára só n'isso a nossa infelicidade! a maior ainda te não foi relatada.

Eu já devia bastante quando o visconde veio do Porto; uma intima amisade se estabe-leceu entre nós.

N'uma das primeiras noites que eu passei em casa d'elle perdi ao jogo quanto dinheiro tinha levado! Fui-me valer do visconde, e pe-di-lhe algum dinheiro; elle serviu-me com a melhor vontade. Passados poucos dias veio elle aqui: eu quiz-lhe saptisfazer a divida, mas elle não consentiu, e disse-me que nenhuma pressa tinha d'elle, e que se eu precisasse de mais al-gum podia dispor delle como meu. Desde esta occasião dispuz do dinheiro do visconde com a maior franqueza. Confessei-lhe que tinha algumas dividas, e elle aconselhou-me que pagasse tudo para o que elle me emprestou seis contos de reis, que a tanto montavam então as minhas dividas. Eu continuava a escorregar para es-se abysmo que absorvia todo o rendimento da nossa casa, e o immenso dinheiro que o visconde me emprestava constantemente. Foi preciso tu íres para Coimbra: era mais uma despeza que crescia. Eram pequenas as tuas mesadas, mas o visconde fez-me vêr que era uma vergonha não teres mais dinheiro á tua disposição! Disse-lhe que eu o não tinha, e elle promptificou-se a dar-te mesadas mais avul-tadas. Tantos obsequios confundiam-me, e tor-navam-me tão cego que não via que os recibos que eu passava ao visconde excediam já quan-to eu possuia!! Ha poucos dias veio elle dizer-me queria que tu cazasses com sua filha, por-que se não quizessemos satisfazer aquelle seu capricho usaria dos seus direitos reclamando o seu capital. Ficou de vir buscar a tua resposta, meu filho; diz-me meu Paulino, o que havia de eu fazer; tendo o visconde na sua mão a mi-nha honra?

A unica esperanza que me restava era a tua docilidade, meu filho. Paulino, não queiras com uma escusa fazer-me descer á sepultura deshonorado.

Veja Clotilde a minha situação! N'aquelle momento vi meu pobre pai tão desesperado que, sem saber o que fiz jurei sacrificar-me para o salvar, mas... depois... e o mancebo não continuou. Clotilde louca de dôr pode ainda perceber o que o moço queria dizer, e repetiu —Depois?

—Sim, depois tudo acabará.

—Fez o seu dever, Paulino, salvando seu pai, murmurou a menina, porém agora medita alguma acção desesperada... Pelas recordações da nossa infancia, pelo... ia a dizer—nosso amôr mas esse deve-o esquecer! mas, jure-me que— não tentará contra os seus dias.

—Quem lhe disse que eu tentava contra elles? disse o mancebo baixando os olhos. Clotilde havia-lhe lido no intimo do coração.

—Vamos, meu amigo, preste o juramento que eu pedi.

O moço olhou para a menina como se a não tivera entendido.

—Paulino, pela alma de minha mãe! — continuou a menina, supplicante.

—Pois bem, já que quer que se prolongue o meu martyrio, assim será; respeitarei esta vida que se me vai tornar odiosa. Clotilde, eu vinha despedir-me de ti até á eternidade, este juramento não faz mudar a despedida, porque nunca mais nos veremos.

—Que tenta fazer, desgraçado?

—Irei para bem longe de ti, mulher, que me fazes enlouquecer — murmurou o mancebo pegando n'uma mão da donzella, e unindo-a freneticamente contra o coração. Clotilde, antes de partir quero deixar-te uma recordação. Perto da ermida da serra, junto d'aquelles restos das muralhas, vou mandar plantar um cypreste. Ha-de cobrir o tumulo da nossa felicidade. Promette-me, Clotilde, que has de orvalhar com algumas lagrimas aquella sepultura? Aonde quer que findarem meus dias, o meu cadaver ha de ser conduzido para alli, e enterado debaixo do cypreste. Irás depôr alguma saudade sobre a minha campa? O mancebo dizia isto n'um tom tão apaixonado que a menina não pode conter por mais tempo o seu

pranto, entre soluços, murmurou:—Juro-o, meu amigo.

—Então agora adeus, Clotilde; envia alguns pensamentos ao infeliz que tanto te ama, e elles irão consolar o triste no seu desterro.

—Não o prometto,—disse a menina—porque os meus pensamentos eram criminosos depois de seres esposo d'outra.

—Está bom; não promettas nada, para que eu esgote todo o fêl do calix que puz aos labios.—E o mancebo levantou-se.

—Adeus Paulino — murmurou entre soluços a desventurada Clotilde, escondendo o rosto entre as mãos.

—Adeus... é tudo quanto me dizes?

—Que queres que te diga, desgraçado?

—Diz-me que jámais pertencerás a algum, que ninguem mais ouvirá de teus labios as palavras que hontem me disseste, e que eu tenho escriptas no coração.

—Essas palavras esqueças, Paulino, a ellas, e a mim.

—Não me promettes o que te pedi? — dizia o moço, como se não tivesse ouvido as ultimas palavras da menina.

—Nada te prometto— respondeu Clotilde, com resolução—só te digo que me deves esquecer.

—Clotilde; insistiu o mancebo, lembra-te que é a ultima coisa que te peço. —E o mancebo estava de joelhos aos pés de Clotilde.

—Paulino, levanta-te pelo amôr de Deus.

—Pois jura-me que já mais alguém te possuirá.

—Assim o juro— respondeu a menina.

—Agora vou mais sosegado, disse o mancebo levantando-se.—Adeus Clotilde, adeus para sempre.

E Paulino depositando um beijo na mão da menina, sahiu precipitadamente do jardim.

Clotilde seguiu-o com a vista como se fora o ultimo raio de esperança, e de luz que lhe restava; desde que deixou de o ver cahiu aniquilada sobre um dos bancos do jardim.

Em que parou toda a felicidade que eu te

nho sonhado—murmurou a infeliz—foi uma esperança que murchou, e cuja recordação vai augmentar o meu soffrer.

(*Continua*).

## UM SUICIDIO COM FLORES

(Continuado da pag. 128.)

Pobre mulher! Parece o lavrador de minas, que emprega todo o tempo em profundar um veio, que lhe promete uma California, e ao fim de barafustar muitos annos e a vida inteira, só tem cortado com a enxada e partido com o alveão algum saibro e rocha dura. Anjo! quem te expatriou do céu, para te sujeitar, no exilio da terra, ás penas infligidas pelo demonio do amôr?

Que maldicto te veio derreter nos pés o chumbo, que te faz pezar e pender para o abysmo?

Quem espera desespera, mas o esperar d'ella era d'enlouquecer. Só achava algum linitivo e desvanecimento nas flores. Pouco se demorava já á janella. A cada instante as vinha contemplar, e cada vez que as passava pelos olhos um tanto cegos, parecendo-lhe que estavam desmaiadas, corria ao jardim colher novos açafates.

N'este ir e vir havia já uma pronunciada allucinação. Dir-se-ia que Martha era a promettida esposa de Corintho, que Goethe tornou popular na sua ballada, ou alguma castellã, assassinada pelo marido devasso, e que se erguia do tumulo, cuja louza todos os dias se encontrava partida, para vir de noite presenciar as scenas de libertinagem, que se passavam no castello, e castigal-as com uma d'estas rizadas, que fazem gelar os ebrios d'amôr de vinho e de volupia. Era uma figura das lendas maravilhosas, que nos assustam a imaginação quando somos creanças, e nos encham de tristeza a alma, quando homens feitos, as ouvimos cantar á porta d'uma taberna

por uma pedinte que está chorando, enquanto lá dentro ha gargalhadas soltas.

Branca como o anjo da morte dos quinze annos, ligeira como o vampiro, similhava-se a um d'estes phantasmas, que apparecem nas encrusilhadas, nos caminhos remotos, e nas sombras da floresta, ao viajante que se transviou na estrada, a pedir-lhe mizericordia para o seu fadario, um talisman que destrua o seu encantamento.

De vez em quando soltava palavras sem nexo e entre outras muitas que se perderam, proferiu as seguintes:— «Para que duvido?.. Elle virá... Elle lá vem! Estava á espera da madrugada para que a aurora fosse a sacerdotisa, que nos santificasse a união. Trazer-me-ha uma corôa de lorangeiras, e eu em troca lhe darei esta grinalda de flores brancas, symbolo da minha innocencia!— «E ria como louca assim que dizia isto.

O chão estava já alastrado de flôres. Por toda a parte lyrios e rozas. O quarto estava completamente embalsamado. Apesar de estar a janella aberta, como não corresse a minima viração, os aromas não saham para fóra.

Soaram finalmente quatro horas. Um ponto alaranjado começou a lavar nos horisontes. A aurora vinha-se pentiar e rever aos espelhos do céu. Mas com ella não apparecia o phantastico e desejado noivo. Martha comprehendeu que já não era mais tempo d'esperar, e não sei porque acto de lucidez instantanea, buscou o leito depois de ter fechado todas as janellas e portas.

No outro dia, altas horas, o silencio que reinava no quarto de Martha assustou toda a gente da caza. Ella, que se levantava com a andorinha, que tinha o somno leve e passageiro, porque não despertava com o rumor natural?

Foram bater á porta, e nem um só baluciar colheram em resposta. Augmentaram os receios, e redobram as suspeitas. Fizeram mais barulho, porém o mesmo silencio reinava da parte de dentro. Viram-se na necessidade de quebrar a fechadura, e dirigindo-se logo ao leito da menina a encontraram fria sem dar signaes de vida. A mãe, convulsa e angustiada mandou chamar a toda a pressa um medico. Este, assim que chegou, ordenou que a expusessem a uma forte corrente d'ar, mas já era tarde. Todos os remedios que lhe applicou em seguida foram inuteis. Então o doutor, materialista como Epicuro, risonho como Voltaire, sem derramar uma lagrima sobre aquelle formosissimo cadaver, que foi passageiro envoluchro d'um cherubim, e que estava aguçando zelos ao seu escalpello, pôz-se n'um tom pedantesco a declamar contra o mau gosto das meninas da moda, que só queriam forrar os seus quartos de verde, e trazel-os muitos cheirosos e enfeitados de flores, sem attenderem ás condições hygienicas. Esta satyra truanesca em vez d'alegria produziu nauzias em todos os circumstantes, e houve algum, que travando-lhe do braço o poz a empurrões pela porta fóra.

Os jornaes da tarde, os alviçareiros d'um dia, noticiaram a morte da innocente menina, e todos a attribuiram ao excessivo desenvolvimento do acido carbonico produzido pelas flores.

Teria Martha conhecimento d'este facto demonstrado pela pratica e pela sciencia, e suicidar-se-ia, buscando assim um meio poetico de se roubar a vida, que a decepção d'um instante avergou de tantas amarguras, e evitar ao mesmo tempo as desconfianças d'um attentado? Talvez, mas o que é certo é que Martha morreu por cauza do amôr. Ainda que as flores não exercessem sobre ella a sua acção perigosa, a agonia que a devorava, e que brotou instantanea

como a lava d'um volcão, que não fomegou antes de rebentar a cratera, a havia de arrebatara mais hoje mais amanhã.

Commoveu a vossa excellencia a desgraça d'este infeliz. Os seus maguados cilios o attestam. Talvez desejasse saber em que cemiterio jaz, para lhe ir sobre a campa desfolhar algumas perpetuas e saudades. Ficarei mudo na resposta. E porque não? Pois eu já não disse a vossa excellencia que Martha era filha da minha imaginação? E, morta, não devia descer ao sepulcro de minha alma? Não me pergunte, pois, onde é o seu descanso de finada. Vossa excellencia seria bastante benigna para vir derramar sobre a louza do meu coração lagrimas, o testemunho mais grato e piedoso da mulher, quando a sua dôr é sincera? Oh! de certo que não. Sobre o monturo não se dezata um colar de perolas!

Janeiro de 1866.

SOUSA VITERBO.

### MARIA ISABEL

Este excellente romance original por Maria Peregrina de Sousa, está quasi concluida a sua impressão achando-se já no prelo a 15.<sup>a</sup> folha. Continua a receber assignaturas sendo o seu preço 400 reis em brochura.

### EXPEDIENTE

Os snrs. assignantes que desejarem comprar o volume de poesias, que sob o titulo de PRIMICIAS, acaba de publicar o snr. Augusto Queiroz, colloborador d'este jornal, queiram declarar-o ao entregador para lhe ser remettido.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(De pag. 145)

## XVI

## Um coração grato

Estamos a 24 de dezembro de 1560, dia fausto entre os christãos pelo auspicioso nascimento do Salvador, na cidade de Bethlem. O commendador estava pela volta das 10 horas da manhã, assentado a lêr no seu livro favorito, e a sua competente tia Lourença, accendia o lume para tratar da consoada, que era feita ao jantar, em vez de ser á noite, porque aquellas comidas não se davam com o estomago ao commendador; quando se puchou fortemente á campainha.

Era o Joãozinho, o filho da senhora Gertrudes, que o vinha procurar. Trazia-lhe o decreto da confiscação dos bens, em proveito do estado.

Assim que este soube a novidade, deu por paus e por pedras. Custava-lhe a acreditar como o ministro soube das suas intenções privadas!

Entretanto, teve que contentar-se com as peripecias da sorte adversa, e sómente se contentou em dizer ao pobre João, quando este lhe deu parte do succedido:

—Paciencia, filho, um homem é odiado por ter cumprido com um dever que os outros lhe impoem... paciencia! Os homens são ingratos em extremo... sempre o foram, para agora o não serem.

—Não vos afflijaes, eu cedo-vos a minha casa, pobre sim; mas que tem todo o aspecto de honradez...

—Tu estás louco? Não vez que encorrias nas mesmas penas que eu? Deixa-me soffrer só... tu não tens culpas, não mereces participar das minhas penas.

—E acaso poderei eu consentir, que vós, o meu protector e amigo, seja ludibriado e escarnecido por todos? Isso nunca.

—Tem juizo, e attende á razão. Que fazias tu com isso? Perdias a pensão que a rainha te deu...

—E não ficava perfeitamente sem ella? Acompanhae-me por quem sois. É esta a ultima graça que vos imploro. A' pouco, ereis nobre, rico e poderoso, tinheis adoladores e lisongeiros, agora sois pobre, estaes reduzido á miseria, e para onde vos recolhereis. Segui-me até minha casa, ahí sereis bem recebido, tractado conveniente e sem receiar serdes visto.

O commendador como tinha maus instinctos, pensou que d'esta maneira se fosse ao patíbulo, não iria só! É até onde podia chegar a sua ferocidade inaudita!

Esteve, com effeito, por estas razões, e seguiu para casa de seu protegido (actual protector) que não habitava já o casebre da praça do Rocio, mas sim uma bonita propriedade na praça do *Pellourinho velho*.

Como a tia Lourença era ahí perfeitamente conhecida, não faltou quem fosse immediatamente dar parte ao paço do acontecido á rainha.

D. Catharina, admirada em ver como lhe infringiam assim as suas ordens, mandou por Rodolpho ordem a João, para se apresentar immediatamente no paço de Xabregas.

Este logo viu para o que seria mas não duvidou em ir, acontecesse o que acontecesse.

Assim que chegou á camara da rainha, lançou-se-lhe a seus pès, com respeito.

—Levantae-vos, lhe disse ella, com grande severidade, com que então tivesteis a ousadia e atrevimento de recolheres em vossa casa o commendador que é réo d'alta traição?

—Senhora — respondeu João vivamente e com todo sangue frio—estou compenetrado da mais respeitosa sujeição para com vossa alteza, nem sou mau cidadão, nem vassallo infiel; porém, senhora, tendes a minha cabeça á vossa disposição! Eu não recolhi o cidadão indigno nem o commendador criminoso de lesa soberania, mas sim o meu antigo e respeitavel amigo, o meu protector, aquelle que me deu o pão, e grande parte da minha fortuna, que actualmante possuo.

E eu teria desamparado em sua infelicidade este amigo generoso, este magnifico bemfeitor? Ah! eu seria o mais ingrato dos homens!

A rainha ficou encantada do seu humor e bom coração e a sua linguagem compenetrava-a.

—Vós não sois—lhe disse ella aquelle joven, que me viesteis denunciar o padre Miguel de Torres?

—Sim, real senhora, porque se tenho um coração grato para os meus benfeitores, tenho uma alma fiel e dedicada para os meus monarchas.

—Tendes familia?

—Não, real senhora, quando vossa alteza me fez o obsequio e a distincção, de me concederdes aquella prova da vossa regia munificencia, tinha eu minha mãe ainda viva, mas actualmente não tenho ninguem, porque aquella a quem consagrava todo o meu amor, falleceu ha trez mezes.

—E quereis ficar comigo no paço?

—Eu, senhora?—disse o nosso Joãozinho muito orgulhoso, e lembrando-se da sua Theza de Gusmão.

—Sim, visto serdes só, podeis habitar aqui... isto é se quizerdes. Em quanto ao commendador, esse partirá n'um galião para as Indias d'onde jámais voltará.

—Como vossa alteza o desejar. Eu, senhora, como o vosso mais infimo subdito sou fiel escravo das vossas ordens.

A rainha cada vez gostava mais d'elle. Conhecia os instinctos do seu coração e estava decidida a retribuir-lhe a sua affeição, dando-lhe alguma posição honrada na sociedade. Tencionava resignar a regencia n'aquelle dia, e portanto se o quizesse obsequiar, era aproveitar a occasião, em quanto governasse.

—Então disse-lhe ella — annuis ao pedido que vos fiz? Quereis habitar o paço? Um coração fiel como o vosso, não deve habitar uma casa onde esteve um faccinoroso.

—Uma graça de vossa alteza, é uma honra muito elevada para eu a regeitar.

—Pois bem; ficae, não vos haveis de arrepender de ter obrado bem.

Ficou-se n'isto. João sahiu do regio aposento, mas não do paço; porque foi *sine metu* para casa da sua amada Theresa de Gusmão.

Esta assim que o viu, ficou admirada e sem saber a que attribuir tão inesperada visita.

—Atè que em fim, sempre se resolveu a entrar no paço?

João contou o succedido, não lhe esquecendo relatar tambem o horroroso attentado que o seu ex-protector o commendador da Malta queria perpetuar.

Toda a familia de Theresa estava admirada de ver tamanha audacia e atrevimento.

—Então agora sempre será certo receber o logar que o seu amigo perdeu?

—Credo! Eu espero lá semelhante coisa!

—Não, deixe estar, isso não é tão difficil como lhe parece... o ponto está ella prometter-lhe.

E depois d'um segundo de silencio; Theresa tornou-lhe:

—Ainda o hei-de chegar a ver ministro d'Estado... Ninguem pôde dizer n'esta vida, *d'esta aqua não beberei*—Deus que nos cá tem para alguma coisa é.....

Nesse mesmo dia João recebeu o titulo de conde da Mira, e depois de ter uma longa conferencia com D. Jayme de Bragança, irmão do duque do mesmo titulo, pediu-lhe a mão de sua sobrinha D. Theresa de Gusmão, terminando a conversa com a seguinte falla:

—Não se persuada vossa exc.<sup>a</sup> que pedindo a mão de Theresa de Gusmão, vossa sobrinha, tenbo em mira possuir o seu dote. Não senhor. Sou rico e ainda que o não fosse, teria a honradez necessaria, para abafar a voz da ambição. Amo vossa sobrinha, ha perto de um anno mas com amor sincero, posto que violento e firme... Se acaso não fosse correspondido na minha affeição acredite vossa exc.<sup>a</sup> que não accitaria a mão de mais ninguem... choraria solitario a minha triste sorte, em qualquer bosque desviado da ordinaria communicacão humana...

—O affecto que vós tinheis pelo throno e pelo vosso antigo protector, prova perfeitamente todo o amor, que segundo dizeis, tendes a minha sobrinha. O seu dote é consideravel na verdade, mas só o terá depois da minha morte.

Até esse ponto—o que não ha-de faltar muito  
—servir-se-ha da vossa fortuna.....

Duas horas depois d'esta conversação rece-  
bia João da Cunha ordem para partir n'um  
galião para a India com ordem para não voltar  
mais á patria.

(*Continua*).

A. P. DO AMARAL.

▲ \* \* \*

La muger, el generoso  
Ser, que Dios mandó a este suelo  
Para que fuése el consuelo  
Del hombre en el padecer.

(D. M. del Pillar S. de Marco.)

I

Mulher, anjo risonho da existencia,  
mensageira de Deus que vem trazer-nos  
amor, nos risos meigos da innocencia.

Alma pura que vem do céu dizer-nos  
«eu vou ser o teu sol, a tua sciencia»  
e á ventura nos vem emfim prender-nos.

Mimosa flôr dos céos, cujo perfume  
nos vem embriagar suavemente  
por que d'ethereos dons, o dom resume.

Cherubins que nos traz tão docemente  
dos astros o fulgor, o vivo lume  
nos olhos, dois pharoes da nossa mente.

Nas fallas a doçura, essa harmonia  
que n'alma nes accorda uma ventura  
que sem ella perpetua dormiria.

Esp'rança que anhelante o homem procura,  
imagem de mysterio e sympathia,  
um poema nos seus cantos de doçura.

Mensageira de Deus que ao homem diz  
«ahi tens esse presente do Senhor  
guarda-o como um thesouro e sê feliz»

«Olha que tão singela e meiga flôr  
do céu traz essa côr, esse matiz;  
essa rosa guardae, rosa d'amor.»

Mas ai! quanto na vida não caminha  
o homem sempre só rasgando o seio  
sem na vida encontrar uma varinha.

Que lhe empreste um condão, seguro esteio  
que lhe faça dizer—«mulher és minha!»  
sem que a sorte lhe mate o puro enleio.

Quantos negros espinhos e martyrios  
a noss'alma primeiro vem pungir,  
seguindo a nossa mente vãos delyrios?

quantas folhas não vem fazer cahir  
o vento, quando bate sobre os lyrios  
que se amaram nas fontes produzir?

No livro da existencia quantos sonhos  
que cingiram noss'alma tão fagueiros  
mostrando-nos momentos tão risonhos,

em dias d'uma angustia sem parceiros  
se mudam de tal fôrma tão medonhos  
que nos matam os momentos lisongeiros.

Até que um dia encontra na carreira  
do mundo, a sua estrella predilecta  
dando-lhe uma esperanza verdadeira.

Aquella que na mente do poeta  
foi sempre a estremecida, a luz primeira  
de su'alma a florinha mais delecta.

Aquella que no espirito vivia  
occulta como sombra peregrina  
nos sonhos d'uma ardente phantezia,

Que nosso pensamento nos fascina  
nas douradas visões da phantesia  
formadas n'uma tela tão divina.

Porque ao nascer o homem lá nos céos.  
no livro do infinito tem marcado  
que ha de vir guiar os passos seus.

Um anjo do Senhor lhe é destinado  
para o salvar dos negros escauceus  
pelos quaes muitas vezes é cercado.

Mas esse pensamento do Senhor  
é pela mão dos anjos transmittido  
á mulher, d'esta vida a meiga flôr.

Pois é ella que vem com olhar qu'rido  
cá na terra fallar, sorrir d'amôr,  
é ella um paraíso promettido.

E' ella que sorrindo nos conforta,  
é ella o nosso astro de bonança  
que noss'alma á ventura nos transporta.

E' ella cá na terra uma lembrança  
que das paixões ruins o laço corta,  
é a unica luz, a doce esp'rança  
que dá conforto á vida quasi morta.

## II

E eu caminheiro perdido  
no meio d'atro deserto,  
um astro vendo tão perto  
venho a sua luz seguir.  
Fito os olhos anhelantes  
nessa chamma tão divina  
que a minha vida illumina  
desde o presente ao porvir.

Venho á beira do caminho  
como o pobre peregrino  
a quem vem sonoro hymno  
despertar o coração.  
E que passando na mente  
esses phantasticos sonhos  
julga que dias risonhos  
de novo surgir-lhe vão.

Venho, e sinto dentro d'alma  
doce voz da poesia  
revelar-me a prophecia  
que a minha mente sonhou.  
Vejo um anjo lindo, lindo  
descer do solio de Deus  
e rasgar os negros veus  
que a minha vida enlutou.

Rasgar a pagina negra  
do livro da minha vida,  
a minha esp'rança perdida  
de novo tornar em flor.  
Trazer-me doce ventura  
n'um angelico sorriso,  
ao portão do paraíso  
fazer minh'alma transpôr.

Affastar essa tristeza  
que no meu seio pesára,  
Negra nuvem que passara  
no céu da minha existencia.  
Vendaval que o pobre arbusto  
veio sem ter piedade  
nos umbraes da mocidade  
dar-lhe a taça da experiencia.

Mas hoje que vejo a estrella  
a estrella do meu destino,  
eu, errante peringrino  
descançando a minha cruz,

nos labios tomo um sorriso  
volvo os olhos p'ra as alturas,  
sonhando novas venturas  
e peço um raio de luz.

Peço uma esp'rança, um conforto,  
peço uma luz, uma aurora,  
a voz d'um anjo, sonora  
que me falle ao coração.  
Peço uma brisa suave  
que me dê novo frescor,  
peço, virgem teu amôr,  
peço a minha redempção.

D'esses labios tão angelicos  
uma palavra, uma esp'rança  
que seja a minha bonança  
o meu perpetuo pharol.  
Pois é tão triste na terra  
viver o homem sósinho,  
nunca ter no seu caminho  
benigno raio de sol...

## III

E' triste, mas depois quando n'um dia  
se encontra a nossa estrella predilecta,  
vem saudar-nos a aurora da alegria,  
vem saudar-nos ventura mais dilecta.

Fecha-se do passado o livro inteiro  
e sobre elle se lança um manto escuro;  
abre-se um novo livro lisongeiro,  
abre-se o novo livro do futuro.

Olvida-se o passado, se martyrios  
nos legou e cingiu a nossa fronte,  
fórma-se uma coroa d'alvos lyrios  
e fita-se novamente o horisonte.

Pede-se á lua um canto festival,  
ás estrellas tambem os lumes seus:  
uma rosa do mais formoso valle,  
as mais formosas tintas lá dos céos.

Uma nova existencia que termina  
tudo quanto nos deu vivo amargor ;  
é um astro fagueiro que illumina  
com seus raios beneficos d'amor.

E's tu formosa virgem delicada  
que tens na linda fronte côr de neve  
a candura dos anjos retratada  
e um thesoiro na tua mão tão breve,

E's tu, que tens na voz essa harmonia  
que aos anjos conferida é só por Deus,  
és tu que tens nos olhos a poesia,  
esse facho de luz que vêm dos céos.

E's tu virgem formosa que meu seio  
ha-de sempre adorar com doce encanto;  
és tu hoje o meu livro aonde leio  
com affecto sublime, ardente e santo.

E's na terra para mim unica esp'rança,  
minha estrella d'amor, luz predilecta,  
o meu anjo da paz e da bonança,  
a minha c'rôa o symbolo de poeta.

E's a luz que alumia o meu presente,  
o meu astro brilhante de porvir,  
a delicada flôr que est'alma ardente  
extremoso a seu seio ha-de cingir.

Agosto—1865.

COSTA GOOLDOPHIM.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 147)

XVII

• thesouro

Paulino, logo que sahio do jardim, enca-  
minhou-se para a Ermida da serra. Acompa-  
nhavam-n'o o seu criado, e Leopoldo. Quando  
chegaram á Ermida estava padre Francisco re-  
gando o pé de um martyrio que está junto da  
fonte. Surprehendeu-o a visita inesperada do  
mancebo acompanhado de dois criados com en-  
chadas.

—Que veem fazer? — perguntou o velho,  
depois dos cumprimentos.

—A minha cova, disse o moço, querendo  
sorrir—quer vir abençoal-a, padre Francisco?

Todos quatro se dirigiram para o pé de  
um bocado de muralha que ainda estava em  
pé. Junto d'esta muralha viam-se os vestigios  
d'outra parede, que pelas fórmas que descre-  
viam indicavam que alli tinha sido um poço.  
Foi n'este sitio que os criados principiaram a  
abrir uma cova.

Teriam cavado quatro palmos de profundi-  
dade quando um objecto brilhante se lhe offereceu  
á vista. Era uma chave d'ouro que elles tinham  
partido com uma enchada. Padre Francisco

lembrou-se então do que lhe contava uma ve-  
lha que fôra sua ama, e que dizia, e asseverava,  
que n'aquelles sitios se occultava muitas rique-  
zas. Communicou isto a Paulino, e aconselhou-o  
a que mandasse alargar e afundar mais as es-  
cavações.

Um raio de esperança lampejou na mente  
do mancebo. Mandou chamar quatro homens á  
Salgueirosa. Depois de trabalharem algum tem-  
po sem resultado, as enchadas bateram por fim  
n'um objecto que offerecia resistencia.

Depois de muitos esforços tiraram-o para  
fóra por meio d'umas cordas, e viram que era  
um caixão de ferro de dois palmos de altura,  
e tres de comprimento. Pesava horripelmente.

Não estava fechado com chave, mas os  
ferrolhos mettidos n'o seu lugar tinham-se en-  
ferrujado, e mostravam bastante resistencia. Ven-  
ceram-a os esforços dos seis homens, e Pauli-  
no viu com maravilhosa alegria que o caixão  
estava cheio de peças d'ouro. Não podemos  
descrever o prazer do mancebo, que via n'aquel-  
le thesouro o remedio de todos os seus pesa-  
res.

Deixou ficar padre Francisco, e elle correu  
á Salgueirosa. Quando chegou a casa de Clotil-  
de encontrou Rosa a chorar.

—Onde está a senhora? — perguntou o  
mancebo com precipitação.

—Está no seu quarto, senhor, mas está  
muito mal! Fui a momentos dar com ella des-  
maiada no jardim, e só agora é que começa a  
recobrar os sentidos; porém, diz palavras sem  
ligação! Logo hoje o senhor Anselmo não ha  
de estar em casa! Venha vossa excellencia, tal-  
vez a sua visita a faça reanimar.

A velha, e Paulino subiram para o quarto  
da donzella

—Clotilde—disse o mancebo—vamos ser  
felizes; acabaram todos os obstaculos.

—Quem falla aqui de felicidade, quando  
me rodeia só desespero, e desgraça? — disse a  
menina, ainda mal desperta.

—Desespero e desgraça desapareceram,  
minha Clotilde, a felicidade maior nos espera.

—Será possivel que eu torne a ver-te,  
Paulino? ou será ainda uma illusão? — dizia a  
menina assentando-se na cama.

—Não, Clotilde, não é illusão, é o teu  
Paulino a quem vês. Um feliz e inesperado  
acontecimento mudou a face á nossa vida.

E o mancebo contou em breves palavras,  
o que havia succedido. A alegria fez de novo  
perder os sentidos á moça. N'este momento  
appareceu padre Francisco; o prazer transpira-  
va das suas feições.

— Não appareceu só o caixão — exclamou elle ao entrar no quarto — differentes objectos de muito valor já foram desenterrados. Venha Paulino, venha contemplar aquella amentoação de riquezas.

O mancebo, depois de entregar Clotilde aos cuidados de Rosa, acompanhou o padre até á Ermida.

Quando chegaram, acabavam os seis homens de tirar para fóra outro caixão maior que o primeiro, mas não vinha aberto como aquelle. Depois de muitos esforços conseguiram arrombal-o, e aos olhos maravilhados de todos apresentou-se uma miscellanea de colares, braceletes, e outros objectos. tudo de pedras preciosas!! O chão estava juncado de ricas alfaias, e de barras de ouro e prata. Paulino custava-lhe acreditar o que via, parecia-lhe tudo um sonho de que temia despertar.

N'essa mesma noite, depois de se haver despedido de Clotilde, foi Paulino dar aquella boa nova á sua familia.

Apênas chegou, correu ao quarto de seu pai. Junto da cabeceira do leito estava Josephina soluçando.

— Quanto me tardavas, Paulino, — disse a menina, limpando as lagrimas — Vê como está nosso pai — acrescentou, pondo a mão nevada sobre a fronte do marquez. — Todo o dia esteve acommettido de delirio, e no meio de muitas palavras sem ligação, repetia o teu nome, o do visconde, e o de Eugenia; porém quando pronunciava o nome do visconde punha-se em tal estado de fernezim que mettia medo! Muitas vezes lhe dirigiu ameaças. Quasi ao anoitecer principiou a socegar, e calhou n'este torpôr, que parece filho da morte!..

— Oh! se eu já não viesse a tempo! murmurou Paulino, tomando o pulso de seu pai.

— Paulino, vós occultaes-me algum terrivel segredo! as palavras que nosso pai soltou hoje não eram só as filhas do delirio; eram motivadas por uma desgraça por mim desconhecida. Tira-me d'esta incerteza, e pelo amor de Deus.

— Sim, minha irmã, nós occultavamos-te a desgraça que nos estava eminente, para te poupar mais dissabores, e por que julgavamos a nossa infelicidade sem remedio; porém, presentemente, nada temos a receiar. Vou contar-te as desventuras que pezam ainda sobre o coração de nosso pai.

E o mancebo contou a sua irmã as tristes circumstancias a que o jogo os tinha reduzido; as exigencias do visconde, o sacrificio a que se tinha sujeitado para salvar a honra, e o nome

de seus avós, e finalmente, o inesperado apparecimento de tantas riquezas.

O marquez principiava a fazer algum movimento.

— Minha Josephina, disse o mancebo, tem a bondade de te retirar; não é conveniente que nosso pai saiba que eu te relatei as suas infelicidades.

O velho fidalgo abriu os olhos, e fitou-os em seu filho.

— Paulino, tu não aborreces teu pai? — perguntou elle.

— Eu aborreço-o, meu querido pai! — respondeu o moço abraçando-o.

— Tinhas bastante rasão para isso, — redarguiu o marquez. Teu desventurado pai só tem feito tua infelicidade.

— Essa infelicidade esquece-se, porque está remediada, meu pai.

— E porque preço, meu Deus! — murmurou o marquez — Foi preciso tu fazeres desapareceres as tuas mais caras esperanças, e sugerir-te a um grande sacrificio!!

— Não, meu pai, já temos meios de satisfazer ao visconde, sem eu sacrificar o meu amôr.

— Explica-te, meu filho — acrescentou o marquez com anciedade.

— Paulino contou a seu pai o inesperado soccorro que o céu lhe tinha mandado.

Um mez depois d'esta conversação apeava-se o visconde do seu elegante carrinho, e entrava com ar triumphante em casa do marquez.

Tanto Josephina, como Paulino receberam-no com indifferença. O visconde ria interiormente dos modos desdenhosos da sua victima, como elle os suppunha.

Passados alguns momentos perguntou pelo marquez.

— Está na cama, bastante encommoado — respondeu Paulino.

— Eu tinha um negocio de importancia que tratar com elle.

— Meu pai receberá com a maior satisfação a visita de v. exc.<sup>a</sup> Bem sabe como elle presa as visitas dos seus amigos.

O mancebo fallava com tanta ironia, que o visconde não pôde deixar de olhar para elle admirado.

— S. exc.<sup>a</sup> quer acompanhar-me, não retardemos mais um momento de praser a meu pai.

O visconde seguiu o mancebo ao quarto do marquez, fazendo pelo caminho muitos juisos.

— Meu pai, disse Paulino ao entrar, está aqui o seu particular amigo o exm.<sup>o</sup> visconde de Fornos.

O semblante do marquez estava socegado, porém, lá dentro debatia-se furiosa uma tormenta de remorsos.

No momento em que o visconde entrou, affectou a maior amabilidade, ao cumprimental-o.

—Meu Paulino, has de retirar-te, pois tenho a tractar com o visconde um negocio de importancia.

O mancebo olhou para seu pai com ar supplicante, porém este deu-lhe a entender, queria se retirasse. Paulino obedeceu, e deixou seu pai só com o visconde.

Um e outro guardaram silencio por algum tempo

—Marquez—disse em fim o visconde—eu venho saber a sua resolução.

—Tenho a dizer-lhe que meu filho não annuiu á nossa vontade; e eu acho que é melhor desistir do seu projecto, visconde.

—Engana-se—bradou este—e eu lhe farei pagar bem caro o louco atrevimento de me desobedecer!

—Não se quiz utilizar da minha generosidade: exasperou-me, e agora serei sem piedade. Adeus marquez, cedo nos tornaremos a vêr.

E o visconde levantou-se.

—Espere visconde—disse o marquez placidamente—é preciso vêr os recibos, por que eu quero satisfazer a minha divida.

—Marquez, vossa excellencia está a cagar? aconselho-lhe que não abuse mais da minha paciencia.

—Pelo contrario, visconde, fallo com a maior seriedade, e vou provar-lh'o.

O marquez tocou uma campainha. Appareceu um escudeiro.

—Diga a meu filho que eu lhe peço para aqui vir.

Paulino entrou passados momentos.

—Meu filho, abre aquelle baú.

O mancebo obedeceu, e o visconde, viu de admiração que elle estava cheio de diferentes peças de ouro.

—Eu, e o visconde interessavamos na exploração d'essa mina,—disse o marquez dirigindo-se a seu filho,—mas o visconde é tão incredulo, que foi mister *vêr* para *crer* nos rendimentos d'ella. Quando quizer o visconde liquidaremos as nossas contas, e poremos em dia os nossos negocios.

Acredite, visconde que lhe fico summamente agradecido, pelo emprestimo do seu dinheiro. A' mais tempo que o podia estar embolsado d'elle, mas vossa excellencia não o quiz

receber em parcelas; não sei se isso era generosidade ou se levava em vista outro fim,..

E o marquez sorria.

—Em todo o caso não tenho senão a agradecer-vos.

O visconde recuperando pouco a pouco o seu sangue frio e tornando a si do espanto que causava appareição de tanto ouro, onde elle só suppunha miseria, disse, com um malicioso sorriso:

Aqui estão os recibos do capital, fazei a conta aos juros.

O marquez soltou uma risada, e disse:

—V. exc.<sup>a</sup> tinha-me emprestado o seu dinheiro sem juros, suppondo que por esse meio me obrigava a utilizar-me d'elle com mais franqueza. Queria cobrir com as flores da fingida amizade os espinhos da senda por onde tentava conduzir-me! Deu-me por companheiro n'esta peregrinação o odio e a inveja encapotados com o manto do fingimento! Agora suppunham-me resvalando no abysmo da ignominia, tirou a mascara, e o odio e a inveja appareceram com o seu feio as ecto, e v. exc.<sup>a</sup> sobre o carro do seu odioso triumpho queria com uma risada de escarneo festejar a minha queda. Sahiram errados os seus calculos; a sua ambição cegou-o, snr. visconde! Agora fique sabendo que a nobresa do pobre marquez vale sem vezes mais do que os milhões de vossa excellencia.

Hoje mesmo sereis entregues do vosso capital e juros, agora, expulsemos de minha casa como vil usurario que é. Saia senhor, deixe que eu passe os dias que me restava da vida, sem a sua odiosa presença.

O marquez exaustado de forças, pela commoção que sentia, cahiu desfallecido sobre o travesseiro.

Paulino estava admirado do que ouviu; e o visconde, lançando sobre ambos um olhar cheio de raiva, sahio do quarto do marquez.

(Continua.)

### QUE ARRUFOS!!!

Eduardo foi visitar a familia da exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Rita sua tia, e passou toda uma tarde divertindo-se com suas primas, filhas da mesma senhora.

Por motivos que não mé é dado aqui relatar, zangou-se ou fingiu-se zangada com elle uma das jovens, e Eduardo, usando de igual manha, disse que ia retirar-se, uma vez que a sua presença parecia encommodar alguém.

—Não vás por enquanto, Eduardo... Fica até mais tarde... — disse uma de suas primas, em quanto a outra lhe escondia o chapéu.

—Deixem-n'ò ir que não se perde nada! —gritou da janella, aonde se encostava, a outra joven, lançando-lhe um olhar de desprezo.

—Não se esteja a affligir, *minha senhora*, —retrucou Eduardo com ar zombeteiro. Pode de hoje em diante estar descançada que não virei mais a sua caza, uma vez que sou tratado tão grosseiramente.

—E prega-me com isso grande peça! Sabe que mais, *snr. Eduardo*, faça o que lhe parecer. Se não quizer voltar não volte, isso não me faz emmagrecer.

Tenbo entendido!—exclamou Eduardo, fitando na donzella um olhar cheio de severidade.—Por acaso *v. exc.<sup>a</sup>* dará resposta negativa a um pedido que desejo fazer-lhe?

—Conforme elle fôr. Se o que deseja é que eu peça a Deus que o leve depressa d'este mundo, estou prompta a fazel-o.

—Sempre é bem cruel! O meu pedido é outro. Queria que fosse ao quintal colher um ramo de flores para eu levar.

—Ah! ah! ah! essa não está má! Ia mesmo agora levantar-me por causa do menino! Pois não foste!

—Pois olhe, uma vez que tem um coração tão duro vou dirigir-me a quem satisfará com gosto o meu pedido.

E voltando-se para uma das outras jovens, fallou d'esta maneira:

—E tu, Maricas, por acaso serás tão cruel que me dês uma resposta igual á que acaba de dar-me tua irmã? Vais colher-me um ramo?

—Vou—respondeu ella, sorrindo.

E no mesmo instante partiu para o quintal acompanhada por Eduardo. Rita, que assim se chamava a zangada menina, seguiu-os pé ante pé, e foi occultar-se por detraz d'um ramo de murta muito espesso para poder ouvir a conversa dos dois sem que fosse vista; porém bem depressa teve de retirar-se porque foi descoberta.

Quando Eduardo entrou de novo na sala com Maria pelo braço, Rita deixou escapar dos

labios um sorriso de escarneo e voltou-lhes as costas.

—*Snr.<sup>a</sup> D. Rita*, queira dar attenção ao que lhe vou dizer. Vou propor-lhe o meu *ultimatum*. Eu vou-me embora...

—Pois vá, já lh'o disse.

—Mau! não me interrompa.

—Pois diga lá, que eu já me callo.

—Vou-me embora; e, *como v. exc.<sup>a</sup> sabe*, é meu costume dizer-lhes adeus da esquina da rua. Hoje não deixo de o fazer e se vir que *v. exc.<sup>a</sup>* me não corresponde, então escusam de esperar que eu volte a esta casa.

—Ha de dizer-te adeus, sim!—exclamaram as duas irmãs de Rita.

—Isso é que não!—disse esta.

—Mas nós agarramos-te na mão, e obrigamos-te a dizer adeus!

—Isso agora não consinto eu, disse Eduardo, se me disser adeus, ha de ser por sua livre vontade.

—Não digo, não; esteja certo d'isso.

Eduardo despediu-se e ao sahir a porta olhou para cima. Rita estava só n'uma janella, e suas duas irmãs n'outra.

Quando reparou que Eduardo estava a olhar, levantou os olhos e fitou-os no espaço. Eduardo começou a tossir, e ella olhou de novo para baixo.

—Ora vamos, menina! Não quero que olhe para mim, — disse elle sorrindo.

—Faço eu muito bem! Não se lhe importe!

—Então a deus?—tornou elle.

—Vá-se embóra, vá; que estou morto por vel-o pelas costas.

Faltava inda mais essa! Ouviu, não se esqueça do meu *ultimatum*.

—Ora! deixe-se de tolices!

—Eduardo seguiu pela rua abaixo e ao dobrar a esquina disse adeus com o lenço. As duas irmãs de Rita fizeram o mesmo; porém ella não fez caso algum.

(*Continúa.*)

AUGUSTO QUEIROZ.

## O COMMENDADOR DA MALTA

(De pag. 145)

## XVII

## Conclusão

É quasi ao fim da tarde. Uma magnifica berlinda parou á porta do palacio de Xabregas. O cocheiro abriu a porta, saltou abaixo um individuo magro e de estatura regular, vestindo trage de ecclesiastico, era o cardeal D. Henrique.

Subiu as escadas do paço com affoiteza e entrou no amplo salão d'espera. Passado instantes, Rodolpho conduziu-o á camara da rainha.

Apenas o cardeal entrou no aposento de sua cunhada, esta levantando-se, cedeu-lhe o seu lugar com maneiras extremamente affaveis.

—Minha senhora... como ainda ignoro o fim a que aqui me chamaste... desejava que m'o dissesseis...

—Senhor, vossa alteza ainda nem se sentou, como quer que lhe participe tudo? A seu tempo o saberá.

O cardeal assentou-se.

—Vossa alteza, sabe que desde, que vosso irmão e meu esposo falleceu, fiquei inteiramente desconsolada e triste com indeleveis saudades por tamanha perda? Pois bem, se acceitei a regencia do reino foi por comprazer com o povo e com as ultimas vontades de meu defuncto marido. Governei o reino quatro annos como regente... bem ou mal ahi estão os meus actos por justificação...

—Então abdicastes...

—Esperae, senhor—disse a rainha, ainda não acabei. A tenra idade de meu neto, tambem contribuiu bastante para acceitar o sceptro...

mas os desgostos e mais infortunios fizeram esse encargo muito pesado, e a regencia accettata por gosto, foi obrigada agora a ser regeitada pelo meu enfraquecimento physico e não sei até, se moral...

—Mas então, senhora?

—Eu já vos explico tudo. Agora novos pesares de que sem duvida haveis de ter noticia, fizeram pender a balança. Recolho-me desgostosa a um mosteiro, onde possam findar meus dias em descanso inalteravel... Ahi vos fica a regencia do reino, e oxalá que com ella possaes ser mais feliz do que eu fui... eu que sempre sacrifiquei o meu descanso e socego pela conservação e felicidade dos meus subditos.

—Como assim, senhora... vossa alteza diz isso assim... d'uma maneira que me deixa largas duvidas.

—Ainda me não comprehendestes? Digo-vos se quereis acceitar a regencia, porque se não, o remedio é facil, nomeia-se uma composta de quatro ou cinco membros, e assim que meu neto e vosso sobrinho, completar dez annos, entrega-se-lhe o governo.

O cardeal estava indeciso. Governar era o seu unico ponto preeminente... a sua mais predestinada mania, mas como era d'ordinario tímido antes de tomar qualquer partido, necessitava de fazer algumas reflexões, sobre si mesmo e a sua posição... O caso, no seu entender, dependia de sérias meditações, mas isso não o podia fazer por que levaria tempo, e n'esse entanto temia que a rainha tomasse resolução contraria.

Lembrou-se que se D. Catharina desse a regencia a alguns fidalgos que nomeiasse, ficaria elle sem governar, e isso era o que elle não queria.

Depois lembrou-se que se a rainha desse

o sceptro a alguém, seria taxado de rebelde e indigno da amizade do povo, visto não ter tido ganho a confiança da rainha...

Também lhe veio á ideia, que era incrível vir a dispôr da realza, se se conservasse perplexo por mais tempo; e por isso tractou d'erguer a voz...

—Senhora... eu...

—Vamos, que decidis?..

—Acceito com muito gosto a regencia do reino de Portugal.

—Muito bem. Tenho agora a honra de vos comprimentar. Desde este instante considerai-me como uma simples e infeliz religiosa....

No outro dia pela manhã entrava o cardeal no desempenho dos seus deveres, dando grandes e plenos poderes á companhia de Jesus; e a rainha D. Catharina d'Austria entrava no mosteiro de Xabregas, cujas portas se fecharam sobre ella, encerrando-a em suas tristes, mas venerandas paredes.

O aspirante a padre João, agora nobilitado com o titulo de conde da Mira, recebia dias depois á face da Igreja a sua amada Theresa que tinha feito por muito tempo as delicias da sua existencia. Talvez que sua mãe, se do céu o contemplasse, deitasse sobre elle, sua benção maternal sempre desejada em todas as épocas e em todas as idades.

D. Sebastião sentiu bastante a falta de sua avó, não obstante todas as ideias que os jesuitas lhe queriam inculcar no seu animo juvenil.

João da Cunha o ex-commendador da Malta, preparava-se no dia em que se lavrou a sentença para ir cumprir o degredo ás Indias, como réo de lésa-magestade, quando a tia Lourença recebeu uma carta de fóra.

Era o conde da Mira a despedir-se do seu antigo protector e amigo, o que todavia lhe não obstou a sua partida, pois passado dias sabia

um galião a barra de Lisboa em direcção ás Indias Occidentaes.

Ahi esteve elle curtindo acerbos lagrimas, só, n'aquellas ardentes plagas, por espaço de oito annos, até que foi perdoado e voltou, á patria quando o cardeal D. Henrique entregou as redeas do governo a D. Sebastião que então contava quatorze annos.

Quando a 12 de Setembro de 1578, entrava no Tejo a embarcação que trazia João da Cunha a seu bordo, trazia de menos uma pessoa que morrera na sua derrota para a patria. Era a tia Lourença que não podera subsistir a tantos trabalhos. Arrostando a sorte dura, em quanto esteve desterrada distante da sua patria, e agora que estava proximo a contemplar o sol puro do seu paiz natal, foi que a dura parca arrebatou d'entre o numero dos viventes.

FIM.

A. P. DO AMARAL.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 159)

XVIII

O SNR. GOMES

Era uma noite tempestuosa de janeiro de 1847, o vento furioso sibilava nos ares, e arremecava na terra copiosa chuva. Era uma d'essas noites que mesmo junto d'um bom fogo, estremece a gente com frio; uma d'essas noites que trazem á lembrança pavôrosos mysterios; assassinatos horriveis.

Seria meia noite, a chuva continuava cada vez mais espessa, e comtudo algumas milhas distantes da casa do barão do Franco, no meio d'uma escura selva dois vultos envolvidos em fortes capotes conversavam a meia voz.

—Que loucura esperar-mos por elle — dizia um dos embuçados.

—Esta chuva veio transtornar os planos de nosso amo, respondeu o outro, e bem louco seria o velho se se metia a caminho por uma noite d'estas!

—Safa! Já tenho a camisa ensopada, e se não fosse a agua-ardente tinha morrido com frio.

—Tem paciencia, Thiago, disse o outro, as vinte moedas compensam-nos d'este banho.

A pronuncia d'estes dois homens era galega.

—Ora, diz-me, Romão, que interesse tem o snr. Bernardino em se desfazer do tio?

—E's parvo chapado! Não sabes que o snr. Bernardino não é senhor de nada senão depois da morte do tio? Agora está casado; quer sustentar o luxo da senhora, e o velhote não dá para tanto...

—E a senhora tambem saberá do *arranjo* do marido?

—Eu não sei. Ella lá está para casa do pai, e dizem que está muito doente. Por isso o snr. Bernardino e o tio hão-de passar aqui, se não fosse a maldita chuva esta noite, assim talvez de manhã.

—Olha Romão, não sei o que sinto, mas tenho pena do pobre velho que vem assim enganado ao matadouro.

—Mas nós precisamos tanto das vinte moedas!

A miseria é tão feia! O oiro luz tanto!!

—Dizes bem, a miseria é insupportavel! ella nos faz ser maus mesmo contra nossa vontade. Mas os remorsos tambem são bem-negros; e eu parece que os tenho já antes de matar o homem!

—Tem coragem, Thiago; isto não deve custar nada. O homem chega, apontam-se-lhe as espingardas, pucha-se pelos gatilhos, e... está tudo acabado, e nós com vinte moedas nas algibeiras, e passagem paga para o Rio de Janeiro.

—Mesmo lá nos onde presequir os remorsos, respondeu Thiago.

Ambos ficaram pensativos, e calados por algum tempo. No entanto a chuva tinha cessado, mas a manhã ainda vinha longe.

Em casa do barão do Franco ninguem se tinha deitado n'esta noite de tempestade. D. Antonia acabava de dar á luz um filho.

Elle ia a romper a manhã. Toda a gente da casa havia ido repousar, quando foram despertados pelo immenso barulho que faziam no portão. Era Bernardino que acabava de chegar. Vinha acompanhado d'um criado que trazia á redea um cavallo sem cavalleiro.

Bernardino vinha extremamente pallido, e com voz tremula, principiou a dizer que os ladrões os haviam acommettido, e que seu tio ficára morto com um tiro, e que elle achara a salvação da sua vida na rapida corrida do seu cavallo.

Ao entrar no quarto de sua mulher, em vez do prazer que devia sentir com a vista do seu primeiro filho, que a ama lhe apresentava, experimentou uma sensação dolorosa, porque pareceu-lhe vêr o cadaver de seu tio impedindo-o de manchar com seus labios criminosos a fronte do innocentinho. Era o remorso que vinha pressuroso antepôr-se entre elle, e os prazeres que d'ora ávante podesse ter.

Ou fosse acaso, em que ainda ninguem tinha reparado, ou determinação lá de *Cima*, na face do menino, mesmo onde foi imprimido o osculo paterno, via-se uma nodoa vermelha, como uma mancha de sangue!

D. Antonia affligiu-se por vêr a face do filho defeituosa. Bernardino de Mello impallideceu, porque reconhecia a aquelle signal o principio da sua punição.

## XIX

## O MARQUEZ DE SANTA EULALIA

Tinham passado tres mezes depois da ultima visita do visconde de Fornos. Era no outomno. O sol estava quasi no fim da sua carreira; a brisa agitava e fazia cahir as amarellecidas folhas das arvores: as aves cantavam esses hymnos melancholicos que só se ouvem n'essa estação, e que mais parecem lamentos e gemidos do que cantilenas festivas.

O marquez de Santa Eulalia succumbiu a

olhos vistos! Parecia que as recordações do passado lhe consumiam as prisdões que o prendiam á vida. Debalde seus filhos tentavam com caricias e respeito fazer-lhe esquecer esse passado de decipação! Elle recebia os seus affagos com um triste sorriso.

Havia já alguns dias que o velho fidalgo se não levantava da cama. A mysteriosa enfermidade crescia de dia para dia, e o medico sahira n'essa manhã do quarto do doente asseverando que era a ultima visita que lhe fazia.

N'essa mesma tarde mandou o marquez levantar as vidraças do seu quarto, e recostado sobre travesseiros olhava para o sol, prestes a esconder-se, com uma saudade indefinivel. Clotilde estava assentada junto da cabeceira do leito, e ao pé d'ella estava tambem Josephina. Um pouco mais desviados, estavam: Paulino, Mendonça, e o snr. Anselmo. Todos guardavam um triste silencio. O marquez desviou a vista da janella, e fitou-a em seus filhos. Uma lagrima tombou-lhe pela face macilenta. O nobre velho limpou-a á pressa para a esconder de seus filhos.

Tenho pena de deixar o mundo, de me separar de vós, meus queridos filhos, meus bons amigos; — murmurou o marquez com voz desfallecida, demorando sobre cada um dos personagens d'esta scena o seu olhar cheio de tristeza e saudade.—mas é preciso dizer-vos que sinto que a morte se avizinha de mim com passos rapidos.

—Meu pai, meu querido pai, não diga isso, soluçou Josephina aproximando-se mais do leito.

—E' a melancolia que inspira esta hora, e este tempo que lhe choca os nervos, e o faz padecer mais—acrescentou Paulino.

—Não se iludam, meus filhos. Vêde, o sol acaba de se esconder, e eu presinto que é a ultima vez que o vejo.

Clotilde e Josephina apertavam entre as suas as mãos descarnadas do marquez, e orvalhavam-n'as de lagrimas.

—Tenho pena de não abençoar os vossos casamentos, meus filhos,—continuou o marquez —mas levo a consolação de que a saudade por

mim será a unica sombra que anuvia a vossa felicidade. Senhor Cunha — acrescentou virando-se para o tio de Clotilde — se o meu Paulino, se o meu Augusto precisarem algum dia dos conselhos de um pai, peço-lhe que lh'os dê.

—Com a melhor vontade, meu nobre amigo; mas não fallemos. Quando se tem a fazer uma longa jornada ha sempre disposições a fazer.

Paulino, aproxima-te mais. Clotilde, minha filha (deixe-me já dar-lhe este nome) dê-me a sua mão.

E o marquez pegando na mão da menina, e na de seu filho uniu-as, e apertou-as nas suas tremulas e geladas.

—Meu Augusto, bem sabes que minha filha te está promettida á muito tempo. Josephina minha adorada filha, dá a mão a teu esposo que vos quero abençoar a todos assim unidos.

Paulino, e Clotilde; Augusto, e Josephina ajoelharam ao pé d'esse leito, em volta do qual adejava já a morte.

Era uma scena que compungia! O senhor Cunha dobrou tambem o joelho, e curvou a cabeça com respeito.

—Meus filhos, que a vossa felicidade nunca seja interrompida: — murmurou o marquez olhando para aquelle formoso grupo com os olhos turbos de lagrimas.—Que nunca venha o remorso cravar-vos nos corações os seus espinhos! —acrescentou dolorosamente.

Os quatro jovens soluçavam.

—Vamos, mais coragem, filhos; isto tem de ser. E' uma separação por alguns annos, depois tornar-nos-hemos a unir lá no céu. Filhos, agora um abraço, e até logo. Preciso conversar por momentos com o nosso capellão. Senhor Cunha tenha a bondade de aqui mandar o padre Joaquim.

N'essa mesma noite, depois de receber os socorros espirituaes, o marquez de Santa Eulalia deixou de existir.

(Continua.)

## A UMA ESTRELLA

Como és bello astro-da noite,  
A mim volve a face pura,  
Um suspiro triste eu dou-te  
No meio d'esta espessura;  
Não te offusques desdenhoso,  
Em teu céu, tão orgulhoso!  
Dá-me um raio d'essa luz  
Que nas trevas só me guia  
Que nas horas d'agonia,  
N'outros mundos me conduz!..

O meu astro quanto é bello!  
Que nuvem tempestuosa  
Virá privar-me de vel-o!  
Fruira a vida ditosa  
Sempre no espaço a fital-o  
E se dormisse a sonhal-o!..  
Como, estrella é puro o amôr  
Que por ti sinto no seio!  
Vêr-te sempre eu só anceo,  
No teu céu com mais fulgôr!

MARIA ADELAIDE FERNANDES PRATA.

## VERSÃO DE VICTOR HUGO

(LES RAYONS ET LES OMBRES)

Como d'algum jardim no lago todo em calma,  
Duas coisas vemos nós em mais de que uma alma:  
O céu—que tinge sempre a essa agua dormente  
De nuvens e de luz; e o vaso—repellente,  
Immundo lodaçal, que a todos nós assombra,  
Coberto de reptis, que se perdem na sombra...

26 de Maio de 1866.

ALBERTO PIMENTEL.

## QUE ARRUFOS!!!

(De pag. 159.)

No dia seguinte tinha de vir a casa de Eduardo a criada de sua tia, e elle aproveitou-se d'isso para mandar a Rita os seguintes versos....

O teu coração, Ritinha,  
é mais duro que um penedo:  
tens mais fereza que o tigre  
que só d'olhar-nos faz medo.

Não quizeste acompanhar-me  
ao teu formoso quintal  
para me dar's um raminho!  
e porque? fiz-te algum mal?

Não fiz, não; mas no teu peito  
só habita a crueldade;  
quem ha de ver tal defeito  
no rosto d'uma beldade?

Tens a belleza d'um anjo,  
tens d'um tigre o coração:  
por causa de ti, Ritinha,  
padeço negra afflicção.

Quanto d'antes eu gostava  
de olhar o brilho do sol;  
quanto outr'ora me enlevava  
o canto do rouxinol;

agora só busco as trevas,  
as trevas da noite escura:  
ficaste de mal comigo;  
acabou minha ventura....

Vejam os leitores as gargalhadas com que seria recebida em casa da exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Rita, tia de Eduardo, a poesia que elle lhe enviara. Andavam as tres jovens a tombos com riso, e cuidavam logo no modo de responder-lhe.

No dia immediato já Rita tinha composto, de parceria com suas irmãs, outra poesia muito engraçada, a qual passo a transcrever:

Eduardo, o teu olhar.  
Faz-me um certo não sei que,

Vou responder á tua carta,  
Mas não sei para quê.

E' só para te dizer  
Que se ao quintal não te acompanhei;  
Não estive para isso,  
E fiz eu muito bem.

Não tinha eu outra pressa!  
Se não ir apanhar um raminho,  
Pois era tão mal empregado  
Em ti Eduardinho.

Mal não me fizeste nenhum,  
Mas eu tenho muita razão.  
E a culpa tenho eu  
Em te prestar atenção.

E' mais lindo que um sol,  
Tens a belleza d'um anjarrão,  
Tens uns olhos de coelho,  
Tens d'um lebo o coração.

Tens um nariz de fidalgo,  
E nariz de cavalete;  
Tens uma cara tão linda,  
Que parece um sabonete.

Tens uma boca rasgada,  
E a ver-se uns dentes tão brancos!  
E uns pés tão delicados,  
Que podiam uzar tamancos.

O que muito me admira,  
E' o cavaco que tu dás Eduardinho,  
Bem se vê nos teus modinhos  
Que ainda és muito rapazinho.

Tanto na cara, como no bigodinho.

O *envelop* que servia de involucro aos versos, vinha subscriptado d'esta maneira:

Para o Ill.<sup>mo</sup> snr.

Eduardo....., o zangão.

#### PORTO

Da mesma maneira que foi recebida por ellas a poesia de Eduardo, assim foi recebida por este a que ellas acabavam de dirigir-lhe.

(Continúa.)

AUGUSTO QUEIROZ.

#### O HUSSARD DA MORTE

(TRADUÇÃO DE AUGUSTO QUEIROZ)

(De pag. 102.)

M. Freemann pediu para ambos um d'estes gabinetes engradados e guarnecidos de cortinas de seda verde, que, a custume inglez, se encontravam misturados na grande sala, e cada um dos quaes era destinado a receber seis ou oito convivas. Foi alli que o jantar nos foi servido, e, devo confessal-o, eu me regosigeei singularmente de o ter accettato; porque tive, durante a comida, occasião de admirar o socego philosophico do meu companheiro de meza, e ao mesmo tempo a abundancia e variedade das noções que tinha adquirido, durante a sua larga habitação nos paizes retirados do Oriente.

Depois que o rapaz que nos servia á meza trouxe a segunda garrafa de vinho e accendemos os cigarros, M. Freemann começou a narração da sua historia propriamente dita, desde o momento em que nos tinhamos visto a ultima vez na Sicilia, depois da conclusão da paz continental até ao momento em que acabavamos de encontrar-nos por um acaso inesperado.

Para que as nossas leitoras possam comprehender a historia d'este homem tão estranhamente experimentado pelo destino, julgamos dever recordar em poucas palavras as circumstancias da sua vida antes da sua entrada no regimento dos hussards da morte, e sobretudo a causa porque foi chamado a conselho de guerra.

Charles Hennigs, agora chamado John Freemann, era filho d'um rico negociante estabelecido n'um dos portos mais importantes do Báltico. Os negocios commerciaes, que os acontecimentos da guerra tinham feito decahir notavelmente na cidade, tomaram um novo caracter depois da paz de Tilsit. Ao mesmo tempo, os funcionarios publicos que a reorganisação da communa tinha collocado á frente da administração, applicaram-se a dar um novo elemento de vida a todas as classes sociaes, sem que todavia o espirito de casta se atrevesse a levan-

tar a frente; porque os immensos sacrificios feitos pela classe burguezia durante os annos desastrosos que a Prussia acabava de atravessar, eram muito recentes ainda para que se podessem esquecer. De maneira que a burguezia se misturava com os funcionarios, mesmo os mais elevados, e as profissões liberaes estendiam a mão ao commercio: não eram todos, pelas mesmas razões, cidadãos dedicados ao Estado e á patria? Aconteceu, portanto, que os conselheiros reaes e os conselheiros intimos, particularmente os da administração das finanças, travaram amizade quasi intima, com o chefe da antiga e importante casa Hennigs.

Ora, n'um soberbo baile que foi dado na casa da camara, em 3 de agosto de 1807, por occasião do anniversario do nascimento da rainha Luiza da Prussia, o joven Hennigs, já socio commercial de seu pai, tomou conhecimento com uma encantadora e bella menina da qual o pai occupava as funcções de conselheiro intimo. Um baile seguinte forneceu aos dous jovens occasião de se fazerem o juramento reciproco da affeição que tinham concebido um pelo outro; e, quando o filho do negociante, aproveitando-se do feliz exito d'uma grande especulação que tinha feito para a casa, fallou a seu pai em casamento encontrou-o muito disposto a consentir. O velho commerciante não ignorava que o tratamento dos funcionarios intimos se reduzia a muito pouca cousa. Mas julgava saber tambem que a mulher do funcionario real tinha tido em dote uma fortuna pessoal muito notavel, cujas rendas lhe permittiam ter um estado de casa em relação com a sua posição social. Um outro motivo ainda determinou o consentimento do pai Hennigs. Este modesto sujeito passava geralmente por espirito de especulação encarnado; esperava obter, graças á protecção do conselheiro, uma adjudicação consideravel que os jornaes annunciavam já e que tinha por objecto fornecer os arsenaes e armazens militares despojados pela guerra que acabava de findar: tinha alli um grande e esperançoso negocio a emprender. Portanto consentiu com gosto no casamento, sobre o qual seu filho lhe pediu o seu paternal conselho.

Quanto ao conselheiro intimo, julgou vêr o dedo de Deus no projecto de união de sua filha com o filho do rico negociante. Por muitos annos tinha feito despezas excessivas de luxo, de sorte que os recursos que tinha encontrado na fortuna de sua mulher, morta ha bastante tempo, achavam-se notavelmente diminuidos e era preciso fazer economias, para reparar as falhas do dote da conselheira. Estas economias não podia elle introduzir-las convenientemente senão depois de ter arrumado sua filha. Ora, para a casar, elle difficilmente encontraria um partido mais vantajoso que o filho d'um dos mais ricos e considerados commerciantes da cidade. Tudo concorria pois para tornar felizes duas familias e para se effectuarem as esperanças de dous corações juvenis que só aspiravam ao momento de se unirem no futuro um ao outro. N'estas circunstancias ultimou-se logo a cerimonia dos esponsaes, e a do casamento foi fixada para trez mezes mais tarde.

Achavam-se no principio do anno de 1808. Os dous desposados eram felizes e os dous pais não o eram menos, por que cada um d'elles julgava ter calculado bem a empreza d'um negocio vantajoso.

Mas o homem propõe e Deus dispõe. O dia fixado para o casamento approximava-se a passos de gigante, e já todos os preparativos estavam terminados, quando uma manhã se espalhou na cidade a nova de que o conselheiro tinha morrido na noite precedente, fulminado por uma apoplexia. Esta noticia era verdadeira, e Charles Hennigs ficou muito consternado.

Fizeram-se os funeraes na manhã do dia seguinte com um ceremonial e uma pompa, de que a cidade não tinha talvez sido tes'emunha até então. O panno funebre que cobria o esquife estava todo agalhoado com as cruces numerosas que o defunto tinha trazido sobre o seu peito; um cortejo immenso de funcionarios, militares e cidadãos de todas as classes da sociedade acompanhou o corpo á igreja, onde ardião centenaes de cyrios; uma linha sem fim de carruagens e equipagens seguiu o carro funerarío ao cemiterio, e junto da cova foi feito um

magnifico elogio do morto por um dos principaes dignitarios do Estado, chegado de Berlin, expressamente para fazer sobresahir o merito do homem eminente que a patria acabava de perder. Depois que a multidão se retirou, e se apagaram os cyrios depois que a cova se fechou, e a boca do orador se tornou muda começou a circular sobre o defunto boatos de toda a natureza, dos quaes alguns estavam longe de confirmar o panegyrico de que elle tinha sido objecto.

(Continua).

### A HORA DA MEIA NOITE

Que paz tranquilla!.. Mas eis longe ao longe  
Funérea campa com fragór rangeu.  
Branco phantasma similhando um monge,  
D'entre os sepulchros a cabeça ergueu.

SOARES DE PASSOS.

Hora de visões tétricas  
Da negra côr da morte,  
Quem és? Que poder magico  
Te dá sceptro tão forte?

Ao teu passar descobre-se  
Recondito sentir.  
As tuas sombras lugubres  
Impedem o dormir.

Tens n'esses dobres funebres,  
Que n'alma vem echoar,  
Gelado e fundo pélago  
De triste meditar.

O mundo todo envolve-se  
No manto do mysterio.  
De dia o bello. tinge-se  
Agora de funéreo.

Da brisa melancholica  
O bafejo que ondeia,  
Na mente incute pávido  
Terror de negra ideia.

No firmamento somem-se  
Os astros rutilantes  
E negras sombras casam-se  
Com estes maus instantes.

Na terra abre-se um vórtice  
D'espectros horrorosos,  
Que o ar atroam, gélicos,  
Nos gritos cavernosos.

Esturje a horrivel pléiade  
Que os membros faz tremer;  
No cemiterio o impeto  
Modera dô correr

E lá aves fatidicas  
Aos centos adejando,  
O compasso á clausa infrene  
Ligeiras vão marcando.

Das lousas os cadaveres  
Hirsutos se levantam,  
E á beira dos seus tumulos  
Malditos córos cantam.

Gelados e satánicos  
Succedem-se incoherentes,  
Da legião phantastica  
Os risos estridentes.

E o espaço envia o estrepito  
Do hybrido concerto,  
Desde o real palacio  
Á choça do deserto.

O globo oscilla ao frémto  
Do horrido folgar;  
E n'alma pesa um fêretro  
Cruel de supportar.

Rainha dos espiritos  
Es tu sómente agora,  
Do mundo ingente pánico,  
Da vida mortal hora.

O teu enorme séquito  
Das horrorosas Parcas,  
Tem o poder altisono  
De todos os monarchas.

Jamais o sello frigido  
Que tens em ti gravado  
Se tira;—a morte pallida  
Sempre terás ao lado.

Domina pois, levanta-te,  
Espectro dos mortaes;  
Caminha ao passo rapido  
D'aquella com quem vais.

Lisboa, novembro de 1865.

A. SALAZAR D'EÇA JORDÃO.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 159)

## XX

## UM CRIME CONDUZ A OUTRO

Bernardino de Mello, sua mulher e filho, viviam no Porto, e occupavam uma bonita casa no campo de Santo Ovidio, hoje da Regeneração. A casa está ricamente mobiliada; e dentro d'ella tudo attesta a grande riqueza dos seus habitantes.

Era por uma manhã de dezembro de 1847. O sol a custo rompia por entre o nevoeiro espesso e humido. D. Antonia estava já levantada, posto que só ainda fossem sete horas; e entre-tinha-se em bordar um quente e confortavel roupão para o seu filho. O innocentinho dormia no seu pequeno leito, junto do vestidor onde sua mãe trabalhava.

Algumas lagrimas caíam de quando em quando dos olhos de D. Antonia sobre o estofo de lã que bordava. O semblante da pobre senhora exprimia o maior soffrimento. Olhava para o berço do filhinho, e um triste sorriso lhe entre-abria os labios: depois fitava tambem uma porta que lhe ficava em frente e que estava cuidadosamente fechada, e um profundo suspiro saíu-lhe do intimo do peito.

Largou o bordado, limpou as lagrimas, dirigiu-se a uma rica escrivaninha, dobrou o papel, tomou a penna e principiou a escrever.

Agora nós, leitor, precisamos commetter a indescipção de nos irmos collocar de traz do hombro de D. Antonia, para vêr o que ella escreve. A carta é para a baroneza do Franco.

«O meu viver é um soffrimento sem interrupção, minha querida mãe! Cada hora que passa é mais um espinho que se vem entertecer na minha corôa de martyr! O peso da minha cruz vai-se tornando insupportavel... Deus tem-me mandado coragem, e resignação nos sorrisos d'este desejo que vive junto a mim; mas tenho

«succumbir por fim a tanta pravação, e deixar o meu pobre filhinho só.

«Serca-me o luxo, a riqueza, e o esplendor, mas falta-me a felicidade!... Bernardino continua no seu mysterioso viver. Passam quatro e cinco dias sem elle vir a casa, e quando vem é acompanhado de rapazes libertinos! Entra e sai sem vir ao meu quarto, aonde eu, e o meu filho vivemos como reclusos, porque as risadas loucas, e a linguagem livre dos hospedes de meu marido encommoam-me, e envergonham-me!... Para que occultar-lhe nada, minha mãe? Vou contar-lhe tudo: Ha dias veio vizitar-me uma amiga, unica que aqui tenho, e muito instada por mim disse-me, que o jogo, e a embriaguez eram os divertimentos a que Bernardino se entregava, esquecendo por elles sua esposa, e filho!

«Algumas das raras vezes que nos vemos, parece que o encommoam e irritam as minhas lagrimas. Apresento-lhe o nosso filho, e elle desvia os olhos da pobre criança, e nem ao menos o quer vêr!

«Eu devo ser muito criminosa aos olhos de Deus para assim ter uma punição. Mas o pobre innocentinho que mal faria para ser aborrecido por seu pai?

«Ha dias pedi a Bernardino me deixasse ir ali passar algum tempo, mas elle voltou-me as costas, e nada me respondeu.

«De que serve a riqueza sem a felicidade?

«Quantas saudades tenho das suas caricias, minha boa mãe! quanto me recorro do tempo feliz em que eu não tinha outros cuidados senão os que me causavam um vestido que vi-a mal feito da modista!!

«Ha já quatro dias que Bernardino não vem a casa; o seu quarto está sempre cuidadosamente fechado, e a chave leva-a elle. Agora ouvi abrir a porta. Talvez seja meu marido. Vou occultar esta carta para que elle a não veja, no caso de vir aqui. Até logo, minha mãe...

«D. Antonia fechou a secretaria, e tocou uma campainha.

—«O senhor Bernardino já veio? — perguntou ella a uma criada que appareceu.

—«Ainda não, minha senhora.

—Quem entrou então no quarto do senhor Mello?

—E' o Manoel, que veio, segundo me parece, buscar a mala com roupa do senhor.

—Para que?

—Não sei, minha senhora. O Manoel disse que vinha buscar uma mala com roupa do senhor Mello.

—Chama cá esse criado, Marianna.

A criada saiu, e veio d'ahi a momentos acompanhada do criado particular de Bernardino de Mello.

—Aonde está seu amo, Manoel?

—Pois v. exc.<sup>a</sup> não o sabe?! O senhor Mello acaba de embarcar no vapor *Mindello*, e leva a direcção de Londres. Ordenou-me viesse entregar a v. exc.<sup>a</sup> esta carta, e de lhe arranjar alguma roupa e de o seguir com ella n'um navio que deve levantar ferro amanhã.

—Está bem; vá então executar as ordens de seu amo. Póde tambem retirar-se, Marianna.

Os dois criados sahiram, e D. Antonia cahiu de joelhos, soluçando junto do berço de seu filho. A pobre snr.<sup>a</sup> abriu a carta e leu o que se segue:

«Aborrecido da vida monotoná que aqui vivia, e de ver correr as tuas lagrimas sem motivo; resolvi agora mesmo ir viajar. Dirijo-me a Londres e d'alli não sei aonde irei. Conto demorar-me alguns mezes.»

D. Antonia chorou lagrimas de fêl sobre o berço de seu filho.

Era quasi noite quando a pobre senhora teve animo para acabar de escrever a carta que dirigia a sua mãe; e que terminava assim:

«Outro desgosto inesperado veio reunir-se aos que já me apoquentavam! Bernardino acaba de partir para Londres, levando todo o dinheiro porque foi vendida a nossa quinta das Aveleiras! Envio-lhe a carta que elle me escreve em despedida...

«Espero que meu pai ou Eduardo terão a caridade de vir acompanharem para ahi esta infeliz.»

Agora nós, leitor, transportamo-nos tambem, em espirito, a Londres. A rapidez d'esta narração não deixa descrever as impressões

da viagem, nem nos dá tempo para analysar as magnificencias da opulenta cidade. Chegamos a Londres tres dias depois de Bernardino de Mello.

Agora caminhemos rapidos, por que a aproximação da noite torna mais humido o nevoeiro. Caminhemos como somnambulos sem vêr nem ouvir até á entrada d'uma casa pintada d'amarello.

Agora accorde: é preciso ver. Na taboleta da porta lê-se em grandes letras—*O ramo de cidra*.

*O ramo de cidra* é um d'esses sorvedouros de fortunas, ainda as mais collocaes; era... uma casa de jogo.

Não nos cançamos a descrevel-a, por que mais de mil pennas mais habeis do que a nossa teem descripto esses abysmos, cujas orlas são tão escorregadias. Nós vamos rapidos entrar n'um vasto salão onde ha umas poucas de mezas rodeadas de jogadores.

Quem será aquelle homem, ainda novo, com os cabellos hirtos, a fronte curva sobre a mesa, e os olhos espantados cravados nas cartas que desaparecem debaixo de montes de libras?

Com a mesma curiosidade estão tambem aquelles dois personagens que conversam perto da mesa. Aproximamo-nos d'elles, porque talvez possamos colher alguns esclarecimentos da sua conversação.

—Conheces aquelle jogador que nos está em frente?—perguntava o mais moço dos dois.

—Não; mas sei que é um portuguez que chegou á tres dias, e que está hospedado perto da minha casa.

—Deve ser um nababo, por que hontem perdeu duzentas libras com a maior serenidade.

Esta noite favoreceu-o a fortuna. Ainda agora levantou uma boa porção de oiro.

—Mas nem isso lhe fez desanuviar a fronte! E' uma cara repugnante a d'aquelle homem.

—E' verdade. Dir-se-lia que os remorsos d'algun crime horrivel o apoquentam, e que elle joga para se esquecer.

—Principias tu a phantasiar. Ora deixa-te

d'isso. Vamos vêr outros jogadores: gosto de variar estas scenas.

O jogador que excitou a nossa curiosidade levantou-se tambem, e prepara-se para sabir. Vamos acompanhal-o, elle caminha apressado, e estremece a cada sombra que se desenha nas paredes. Chegou a uma porta que estava aberta e entrou. Subiu ao segundo andar, tirou do bolso uma chave e com ella abriu a porta d'um quarto, e fechou-a depois sobre si. Arrojou sobre uma cadeira a capa e o chapéu, e foi assentar-se perto d'uma meza em que ardia uma vela. Este homem pallido e desfigurado; este jogador entrepido que perde e ganha sem se affligir nem alegrar, é Bernardino de Mello. Tirou da algibeira uma bolsa cheia de oiro que arremessou sobre a mesa.

—Outra qualquer pessoa seria feliz com o oiro que eu ganhei esta noite; — murmurou elle — mas eu não posso alegrar-me com coisa alguma!

Sempre aquella visão a perseguir-me por toda a parte... Fugi da minha patria, deixei esposa e filho, e aquelle phantasma a acompanhar-me? Tornou-se a minha sombra, e quer a dormir, quer acordado vejo-o sempre... sempre.

E Bernardino de Mello escondeu a fronte entre as mãos como se quizesse roubar-se a uma apparição horrenda.

—Não ha remedio se não recorrer ao meu unico refugio — disse elle levantando-se e tocando uma campainha. Apareceu um criado da hospedaria.

—Quer que traga já a ceia? — perguntou o criado.

—Não quero ceiar. Traga-me uma garrafa de aguardente de cana.

O criado sahiu, e tornou logo a apparecer com uma grande garrafa, e um cópo que apresentou diante de Bernardino.

—E' preciso mais alguma coisa, senhor?

—Nada mais, póde retirar-se.

O criado inclinou-se, e sahiu fechando a porta após si. Bernardino de Mello destapou com avidéz e garrafa, encheu um copo que levou com sofreguidão aos labios, e despejou o de dois golos.

Em menos de um quarto de hora, a bojudá garrafa estava vazia, e o infeliz bebedôr debatia-se ainda com o seu phantasma, que um tenuo raio de razão lhe deixava ver ainda. Depois foi escorregando para baixo da meza, e ficou estendido no chão sem fazer o mais pequeno movimento.

A embriaguez era o *refugio* aonde se acolhia Bernardino de Mello para fugir ás perseguições do phantasma de seu tio, que o remorso lhe mandava atormental-o.

Agora leitor, voltemos as nosso bello Portugal, por que os nevoeiros de Londres chocam-me os nervos; e demais temos pressa de ir encontrar os outros nossos conhecidos que lá deixamos.

## XXI

## O INCENDIO

A casa do visconde de Fornos apresentá ainda o mesmo luxo, ostentação e grandeza; mas já não sorri alli aquella alegria, aquelle movimento festivo que as duas filhas do visconde entretinham e alimentavam. Eugenia, havia mezes que se via succumbir a uma enfermidade lenta que lhe ia pouco e pouco minando a existencia.

Debalde a medicina esgotou todos os seus recursos; a doença zombava d'elles e proseguia na sua marcha destruidora. A medicina, perdida a esperança da victoria, chamou-lhe phytisica e retirou-se do campo com a consciencia tranquilla e a reputação salva!

A pobre doente, e a familia é que sabiam perfeitamente o nome, e a causa da enfermidade...

(Continua).

## PAX...

## I

Abrem çucenas e lyrios  
 No verão.  
 Mais roxos que a luz dos cyrios  
 Elles são...

Ellas brancas, transparentes  
 Como o veu  
 Das visões loiras, trementes,  
 Do meu céu...

Seu calis é o fino vaso  
 D'onde vem,  
 A' hora triste do occaso,  
 Quanto tem...

Todo o perfume que encerra  
 Dá então...

Enche d'aromas a terra  
 No verão!

Vem colbel-as os amantes,  
 A sorrir,

Muito cedo, muito em antes  
 Do sol vir...

Depois se andam arrufados  
 Co'o seu bem,

Vão pôr-lh'as sobre os eirados.  
 Quando vem....

A moça e descerra a porta  
 Põe-se a olhar...

Então não se sente absorta  
 De as mirar!

Depois olha delirante  
 Em redor...

E vai búscal-as n'um instante...  
 —Doce amôr!—

São então d'entre os lilases  
 Do quintal

O amante... E fazem-se as pazes  
 A final...

Por isso colbi agora

A cecem

Que te vou dar... Linda, a aurora

Já lá vem!

Façamos ambos as pazes,

Serafim,

Como fazem os rapazes...

Não ou sim?

Sim. Concluiu-nos a aliança

Esta flor...

De novo volta a esperança

E o amor!..

## II

Amor! cantico suave!

Ouro dos intimos veios!

Voz igual á voz da ave!

Ave que canta nos seios!

Roza dos jardins da alma!

Das nossas noites estrellas!

Procella depois da calma!

Calma depois da porcella!

Astro n'um céu de tormenta!

Tormenta que é muito doce...

Mél que Deus deu e augmenta

Para que o fel nos adoce...

Muzica que sae das almas!

Aroma brando que veio

E nasceu das verdes palmas,

Que brotam do nosso seio...

Deus quer que em amor se falle...

Põe em tudo este poema!

Até nos lyrios do valle,

Que têm rôxo diadema...

Nas aves de todo o monte!  
 Na cruz de todo o caminho!  
 No suspirar d'uma fonte,  
 Nas sombras de qualquer ninho!

Sobre a fronte mais obscura  
 Treme um raio d'este fogo,  
 Que tanto como nós dura,  
 Que nasce connosco logo!..

Pois que Deus quer que se falle  
 Do fogo que em todos lavra,  
 E já que os lyrios do valle  
 Nos dizem esta palavra,

Amemos. E leve o vento  
 A nuvem ligeira, escura,  
 Que toldou, por um momento  
 O nosso céu de ventura...

1 de Junho de 1866.

ALBERTO PMENTEL.

## ·TREVAS E LUZ

AO MEU AMIGO J. L. DA SILVA VIANNA

(Continuado de pag. 134)

### II

Era ao declinar d'uma tarde do mez d'agosto. O dia estivera excessivamente quente mas ao sumir-se o rei dos astros uma fresca viração veio reanimar as flores que pendiam nos seus calices esmorecidas pelo calor. O céu era um manto azul, limpido e formoso; as estrellas brilhavam vividas nos plainos do firmamento, e a lua, a princeza da noite ostentava-se formosa enviando á terra essa claridade tão suave e que tanto nos enleva.

Rozinha cuidava nas suas florinhas e de vez em quando fitava os seus olhos no azul dos céos como embebecida em tão supremos encantos. A sua alma entregava-se a esse sonhar

de virgem vendo o mundo pelo prisma da innocencia que lhe apresentava um quadro bello, revestido das mais brilhantes cores. Uma voz a veio despertar.

—Boas noites, menina Rosinha, ha tantos dias que a não via, que hoje formei tenção de a vêr para saber como está.

Era um mancebo d'uns dezesseis annos quem lhe dirigia estas palavras.

—Ah! é o senhor Eduardo! disse ella alegremente. Estamos agora aqui tão sós desde que morreu o tio e se foi embora o senhor prior, que ás vezes me dá vontade de chorar!

—Chorar! não; uns olhos tão bonitos como as estrellas do céu não devem ser magoados pelos prantos.

Rozinha correu a chamar a tia que veio fallar ao mancebo.

Ao retirar-se Eduardo apertando a mão de Rozinha lhe prometteu que voltaria algumas tardes para acompanhal-a. Se os labios fizeram esta promessa, o coração não se esqueceu um instante de lh'a recordar.

Eduardo tivera por assim dizer sido criado juntamente com Rozinha, o que lhe fizera consagrar um affecto como d'irmão, mas ao vel-a crescer nos encantos, essa affeição que lhe consagrara mudou-se n'um outro sentimento, n'esse como diz Victor Hugo

flambeau pour tous les chemins,  
 une coupe pour tous les fleuves.

cadêa de ouro que prende duas almas e as transporta a regiões aonde o espirito se embala nos mais fagueiros sonhos.

Rozinha começou então a apreciar a vida d'um outro modo. N'aquelle peito innocente ao despontar a aurora d'este affecto começaram a abrigarem esses sonhos gentis d'uma

imaginação ainda tão pura e desafogada de intenções.

—Rosinha, disse-lhe um dia Eduardo pegando-lhe nas suas mãos, eu amo-a muito, já não se passa um momento, que me não lembre que está aqui sósinha. Se soubesse como aneio pela tarde para vê-la...

Rozinha baixou os olhos e corou timidamente.

Aquella declaração singela valia mais do que mil phrases elegantes, que o estudo e a fatuidade enfileira; aquella era a voz do coração. —Amo-te muito! — quando os labios repetem estas palavras com a verdadeira fé, quando nascem espontaneas, são a verdadeira eloquencia, um poema!

—Então não me responde, menina Rozinha, disse elle beijando-lhe uma das mãos com a timidez d'um primeiro amôr?

—Eu tambem sou muito seu amigo, disse ella extremamente enfiada, encostando a fronte ao hombro de Eduardo.

Este extasi, este enlevo em que ficaram aquellas duas almas, que o advinchem, que o calculem aquelles que já sentiram na alvorada da sua primavera o clarão d'este primeiro affecto.

Mais risonha e graciosa começou a correr a sua vida. O seu horisonte desenrolou-se mais amplo e sem mais vivas cores.

Já não era a criança sonhando com as flores é sentindo no seio um vacuo, que o amôr occupou; era a virgem sonhando a vida um quadro de variados matizes. Era a taça d'ouro engrinaldada de verde, contendo o mais dulcissimo nectar, offertada pela mão da esperanza e collada no altar da fé! Que noites embaladas por tão fagueiros sonhos, que manhãs despondidas aos mais doces pensamentos não começaram a ser as suas!

Assim decorreram muitos mezes sem que uma nuvem viesse escurecer um céu de tanta alegria.

Mas a ventura na terra é tão passageira...

### III

Eduardo era filho d'um pobre rendeiro a quem uma estrella perseguiu desde o berço. Tão fortes foram as ondas do infortunio que o cercaram, que depois da morte da mãe de Eduardo, entregou o filho aos cuidados d'um seu amigo, que possuia algumas terras e partiu para o Brazil na esperanza de quebrar o mau fado que o perseguia. «Vou trabalhar», pensava elle, e no fim voltarei a descançar das lides a que voluntariamente me entrego. N'esta época ainda o homem que nutrisse a ambição de ser rico, embora a preço de penoso trabalho, dizia: Vou para as terras de Santa Cruz, vou hoje pobre, passados alguns annos voltarei rico. Mas a quantos não fenecia esta illusão que os afagara nas horas de angustia! pomposas promessas dos enganadores cegavam aquelles que viviam sem fortuna. Largo era o horisonte que se lhes desenrolava ante a sua imaginação. Mas, como todas essas felicidades cabiam do seu falso pedestal ao chegarem ao termo da sua viagem e muitas vezes antes.

Sonhando lucros imaginarios, riquezas fabulosas durante a viagem, depois eram muitas vezes conduzidos a um mercado e vendidos como os pobres negros. Era a escravatura branca. Se a venda dos negros se torna ao espirito dos homens illustrados, e que sentem sentimentos nobres e elevados uma coisa sem qualificação, e a mais odiosa a escravatura branca ainda mais barbara se torna aos olhos da humanidade. Aquelles, selvagens ainda, não tinham

o sentimento tão desenvolvido e a magoa de ser escravo não lhe doia tanto como ao branco que se via por uma traição feito escravo e que tendo nascido civilizado a dôr lhe era muito mais profunda.

Bem haja o progresso que tem despertado a humanidade, condemnando a escravatura.

Bem hajam tu ó luz da civilização que tens illuminado os povos e feito em face da religião e da razão condemnar o insulto maior de todos os insultos com que os fortes opprimiam os fracos. O negro tem tanto direito á liberdade como o branco. Conviva mais longiquo da sociedade assiste-lhe o mesmo direito de vir á meza do progresso tomar a sua parte na civilização. Deixai que ainda muitos aferrados aos principios que, perante a geração illustrada são já os fins, venham com os seus argumentos sophisticos provar-nos a necessidade de ter o negro sugeito em estado de escravidão por que a tudo isso responderemos com o maior argumento—o preto é homem como o branco, e tem por consequencia tanto direito á liberdade e á civilização como aquelle.

Mas deixemos este ponto em que já tão illustradas pennas como a do conselheiro Rodrigues Bastos e outros tem esclarecido e continuemos a nossa narrativa.

O pai de Eduardo partiu tambem na esperanza d'encontrar a felicidade que lhe fugia. Pobre homem! Não sabia que ha destinos na terra que não se quebram ainda que se lhe anteponha a mais energica força moral. Passaram-se quatro, seis, oito annos e nunca mais escreveu.

O rendeiro que tomara conta de Eduardo vendo-o já um homem feito, considerou sobre o seu destino e procurou dar-lhe um rumo, uma vida.

Um dia pela manhã, depois do almoço chamou-o, e disse-lhe:

—Eduardo, vaes partir para Lisboa.

—Eu!? exclamou o mancebo com triste admiração!

—Sim, tu bem sabes que meu pai me deixou entregue de ti. Elle nunca mais escreveu.. Quem sabe o destino que levou!

—E' verdade, disse Eduardo arrasando-se-lhe os olhos de lagrimas.

—Os meus haveres são escassos, e mal chegou para meus filhos. E' preciso que tenhas uma vida. Sabes ler e contar; arranjei-te uma casa de commercio aonde podes alcançar alguma fortuna.

—Se não fôr tão infeliz como meu pai, disse o mancebo.

—Deus velará sobre ti. E's orphão e elle encaminhará os teus passos; prepara o teu fato, pois deves partir amanhã de tarde.

A magoa que esta noticia veio lançar no coração do pobre moço bem deve ser calculada. Ia affastar-se de todo dos seus logares tão queridos. Rozinha ficaria só, e elle partia para uma terra estranha sem ter ninguem que lhe podesse dar um conforto nas horas das suas agonias. Mas, áquella resolução não havia que fazer observações. Era orphão, não tinha nada, precisava trabalhar.

Chegou a tarde d'aquelle nefausto dia. Eduardo dirigiu-se para casa de Rosinha d'esta vez era lhe aquelle caminho uma via dolorosa. Ia despedir-se d'aquella que mais amava. Ainda que a distancia para onde partia não era impossivel de vencer n'umas poucas d'horas; contudo para quem sabe o que é a vida d'um pobre marçano, um escravo quasi, bem deve calcular que razos serão os momentos, em que possa dispôr d'elles com independencia. Ao chegar a casa de Rosinha, esta desconheceu as suas maneiras. O seu rosto estava pallido e os olhos

mostravam que ardentes lagrimas os tinham magoado.

—Estás hoje tão triste?...

—E' que a alegria vòu do meu coração.

—Não te percebo....

—Parto amanhã para Lisboa, disse Eduardo tristemente.

—De todo?!..

—Sim...

—Oh! meu Deus, o que será de mim!..

—Sou pobre, preciso trabalhar, ganhar o pão com o suor de meu rosto e com as minhas lagrimas. E' meu padrinho que me manda para a cidade.

Passados alguns instantes Rosinha chorava e apertava contra o seu seio a mão de Eduardo, a quem a dôr fizera immudecer.

Chegou a hora da despedida. Não ha palavras que tenham a força bastante para, ainda que imperfeita, uma ideia da intima dôr que cercava aquellas duas almas.

Este momento supremo em que dois espiritos unidos pelo amor se vêem obrigados a apartarem-se, essa palavra ultima que os labios soltam como a nota mais sentida, que rasga o veu da alegria no presente e desdobra o manto da saudade — adeus — é só para se comprehender, quando já nos tem marcado na fronte um traço indelevel de intimo soffrimento.

Rosinha ficou por muito tempo olhando o caminho por onde Eduardo partira. A saudade começava a pungir-lhe o coração, o seu espirito presentia as longas agonias porque d'ora avante iria passar. Chorava e chorava amargamente.

Eduardo na tarde seguinte partiu para Lisboa. A sua imaginação vai tão escandecida que nem deu pela extensão do caminho. Chegando á capital foi apresentado ao seu patrão que depois o mandou para a loja, aonde os mais caixeiros se riam d'elle porque estranhavam as suas maneiras melancolicas.

(Continua.)

COSTA GOOLDOPHEM.

## TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ PEREIRA DA SILVA & F.º

63—Praça de Santa Theresa—63

N'esta officina encarregam-se de toda e qualquer impressão a côres, assim como:

Romances, jornaes litterarios e obras religiosas

Bilhetes de visita ou de casamento

Prospectos, estatutos, lettras, circulares, acções, arrendamentos, procurações e carimbos em cartas

Facturas e contas correntes

Etiquetas ou bilhetes para pharmacia, para estabelecimentos commerciaes e industriaes, para garrafas de vinho, ou de licôr, etc.

Tem variados e lindos typos, tarjas, vinhetas, emblemas, etc.

A'lém do acima mencionado, acaba de receber uma grande encomenda d'enfeites de todos os gostos para contas, facturas, e cartas patentes; assim como tambem lhe vieram brações do Palacio de Crystal para servirem nos impressos dos expositores que obtiveram premio na Exposição Internacional de 1865.

## MARIA ISABEL

ROMANCE ORIGINAL POR

**Maria Peregrina de Sousa**

Este excellente romance que tem sido muito bem acolhido, acha-se á venda na Praça de Santa Theresa n.º 63 e nas principaes Livrarias d'esta cidade. Remette-se para a provincia a quem mandar um *vale* do correio no importe de 400 reis.

PORTO—TYP. DE J. PEREIRA DA SILVA & F.º—1866

63, Praça de Santa Theresa, 63.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL POR EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 171)

Paulino tinha casado havia mezes, e a paixão de Eugenia pelo filho do defunto marquez de Santa Eulalia, era d'aquellas que matam quando são mallogradas.

Com a sua ultima esperanza succumbiu tambem a pobre menina.

Não aconteceu assim a Eduardo, porque... era homem. Esse não se apoquentou muito com o casamento de Clotilde, e para se vingar do desprezo da moça, foi pedir a mão da filha mais nova do visconde, que lhe foi concedida. N'este mesmo dia em que nós encontramos de novo estes nossos conhecidos, assignavam-se as escripturas do casamento.

D. Margarida, rodeada de aias, está entertida a vêr o seu rico *toilette* de noiva, que as criadas vão tirando d'um grande caixão que acabava de chegar do Porto. O visconde, o barão, e Eduardo estão na bibliotheca como tabellião, que lavra as escripturas. A viscondessa passeia no jardim, e ampara os debeis passos de Eugenia.

Estava uma linda manhã. As aves reappareciam alegres aos primeiros sorrisos da primavera, e este cobria o seu variegado manto de folhas e flôres, ao som dos festivos hymnos que toda a natureza descantava.

Nem a viscondessa, nem a sua filha, reparavam no magestoso quadro que o divino artista desenrolava a seus olhos. Os da viscondessa fitavam-se com dolorosa tristeza no rosto emmagrecido e pallido da filha, os d'esta cerravam-se languidos para verem, talvez, alguma visão querida que a alma lhe phantaziava.

—Não posso andar mais, minha querida

mãe, — murmurou a menina com voz desfallecida — vamos assentar-nos debaixo d'aquelle cedro.

—Como te sentes agora, minha filha — perguntou a viscondessa depois de se assentarem.

—Melhor. Deixe-me encostar a cabeça no seu seio, minha mãe. Poucas vezes mais gosarei este prazer.

—Porque não has de viver, minha rica filha? Tem esperanza!

—Não posso, minha mãe, não posso. A minha vida está presa por um fio tão terno, que ainda que eu quizesse não a podia reter. Mas ainda que pudesse, não queria.

As lagrimas da viscondessa cahiam sobre a loura cabeça de Eugenia.

—Perdôe-me, minha mãe, mas eu saudo a morte como a aurora da ventura. Dizem que no tumulo ha esquecimento e descanso.

—E aqui não tens a ternura de teus pais, e a amizade de tua irmã?

—Tenho tudo, bem o sei, minha adorada mãe, mas aqui existe tambem a recordação, a desesperança e o amôr!...

E dos olhos seccos da doente, rebentaram duas lagrimas ao pronunciar estas palavras.

—Minha pobre filha, quem podera offerecer a sua vida para salvar a tua! — e os labios da viscondessa poisaram-se na fronte da infeliz menina.

—Minha mãe, quanto lhe devo! — acrescentou ella com meiguice, cobrindo de beijos as mãos da viscondessa. Por que não hade ser sufficiente para a nossa felicidade os extremos carinhos d'uma mãe? — proseguiu a menina tristemente.

—Tambem se vive feliz só com elles, minha filha. Tu não eras feliz com os meus?

—Diz bem, minha querida mãe; eu era

muito feliz antes do amôr tomar posse do meu coração... Mas agora, repito, era-me impossivel continuar a viver.

—Ahi vem Margarida. Fallemos d'outra coisa para não orvalharmos de lagrimas a sua corôa de noiva.

Margarida chegou ao pé de sua mãe e irmã, e beijou-as a ambos com ternura.

—Então, minha filha, como achaste o teu enchoval?

—Tudo do melhor gosto, minha mãe. O dia d'amanhã seria o mais feliz da minha vida, se não visse a nossa Eugenia tão doente.

—Eu estou melhor, muito melhor, minha Margarida. Verás como amanhã eu me apresento. Quem sabe se eu causarei ciumes á maior parte das damas que aqui se reunirem amanhã? A tua felicidade ha-de reanimar-me.

E a menina pegou com ambas as mãos na cabeça de Margarida e beijou-a na testa muitas vezes.

A viscondessa havia-se levantando, e desviava-se soluçando, do banco aonde estavam assentadas suas filhas.

As duas irmãs pouco se demoraram também; e com passos vagarosos dirigiram-se para casa.

O dia seguinte era o destinado para o casamento de Margarida.

O dia nove de abril, appareceu risonho: o sol apresentou no seu carro de triumpho, e após elle, vinham como cortejo, pequenas e nevadas nuvensinhas que ora se desviavam ligeiras como leves mariposas, ora marchavam em ordem em seguimento do sol.

Com o amanhecer d'esse dia despertou tudo em casa do visconde; e os preparativos da festa ultimavam-se com cuidado. Por toda a parte se viam flôres, sedas, pratas e crystaes. As salas enchiam-se de convidados illustres. A

noiva estava resplandecente de brilhantes, e as vinte primaveras que lhe sorriam na fronte mais faziam realçar a sua belleza.

A seu lado, rica também nos trajos, mas pobre de alegrias e sorrisos, via-se sua irmã. A sua fronte melancolica, mas ainda assim formosa, estava pendida como se estivesse pensando nos mysterios da sepultura. Um meigo e triste sorriso entreabria-lhe os labios; e os olhos, quasi sem brilho, pareciam não verem nada do que a rodeava, embevecidas na contemplação do céu. Parecia o anjo da melancolia que vinha áquella festa para fazer sobresahir mais, pelo contraste, o brilhantismo do archanjo da felicidade que estava hospedado n'aquella casa.

Eduardo, desvanecido, como sempre, da sua pessoa, quasi que não o erradear da estrela que lhe ia pertencer; nem reparava nos aprestes da brilhante festa que se preparava no placete do visconde. A viscondessa olhava, ora com desvanecimento e orgulho para a sua Margarida, ora com desconsolo, e tristesa para a sua filha mais velha. No coração d'aquella mãe reuniam-se o prazer de vêr uma de suas filhas feliz, e a dôr de ver a outra quasi nas hombraes da sepultura.

O visconde sempre orgulhoso, esquecia n'esse dia a magoa que lhe causava o perigoso estado da sua Eugenia, para se regosijar com o deslumbramento que o seu luxo e riqueza causava aos seus numerosos convidados.

O jantar era magrificente. No fim d'elle desceram todos para o jardim que resplandecia com centenaes de luzes. Uma bella banda de musica executava invizível, arrebatadoras *partituras*. E a lua, seguida d'um cortejo de estrellas mostrava-se risonha n'um campo de puro azul.

Os salões primorosamente illuminados foram-se pouco a pouco enchendo dos passeian-

tes; e o baile rompeu animado. A musica, as luzes e perfumes, o refulgir dos brilhantes, o roçar das ondas enebriavam os sentidos. Os olhares e sorrisos trocavam-se; as walsas agitavam-se vertiginosas, doidejantes até tocarem o delirio.

De repente, por cima das harmonias da musica, e do suave murmuro de milhares de conversações, ouviram-se gritos de susto e afflicção.

—Fogo, fogo -- repetiam distinctamente muitas vozes; e ao mesmo tempo um torbilhão de servos se precipitaram em desordem nos salões do baile, gritando sempre—fogo, fogo!!

Pelas portas que tinham ficado abertas, via-se lá ao longe, para a outra extremidade do palacete, os reberberos do incendio que ia devorando um dos quarteirões do edificio.

Póde imaginar-se, mas não descrever-se esta scena! Todos corriam sem direcção nem sentido para todos os lados; e na louca corrida derrubavam-se uns aos outros. Mais d'uma dama cahiu desmaiada, outras gritavam por socorro. E no meio d'esta horrorosa confusão, sobresahiam os clamores dos donos da casa.

O visconde, que tinha desaparecido dos salões aos primeiros gritos, tornou agora a apparecer louco, desfigurado, apertando a cabeça entre as mãos, e gritando:—Perdido, perdido de todo!!

O fogo pegara no seu quarto, aonde elle guardava a sua fortuna, e o quarto acabava de ser pasto das chammas, juntamente com o seu thesouro!!

O visconde vòava de sala em sala com uma rapidez maravilhosa! parecia que o demónio da distracção lhe sòprava, bradando:—ávan-te, ávan-te. E só perto do amanhecer, quando a maior parte da casa era ruinas, é que se pôde extinguir.

## XXIII

## JUSTIÇA DE DEUS

Estamos no mez de julho, leitor. Bernardino de Mello já regressou das suas viagens. Depois de se demorar alguns dias no Porto, dirigiu-se para casa do barão do Franco, onde estavam sua mulher e filho. Bernardino tinha envelhecido n'estes mezes, como se podem envelhecer em quarenta annos! A fronte macillenta e rugosa está sempre pendida sobre o peito como cedendo a um enorme peso. A estatura curva e tremula com o excesso de bebidas, parecia procurar por toda a parte os vestigios de crimes que lhe podessem fazer esquecer o seu...

D. Antonia recebeu-o com um sorriso de santa, e nem uma pessoa da familia lhe dirigiu uma palavra de censura. O seu filho, formosa criança, que contava perto de dois annos, estendia os bracinhos para esse homem que não conhecia, mas que o instincto, e a voz do sangue lhe faziam amar.

Bernardino tomou-o nos braços, e o innocentinho offereceu-lhe uma face para receber o osculo paterno. Mas essa face era justamente aquella onde a nodôa de sangue apparecia cada vez mais viva!...

Bernardino não foi senhor de si: arrojou a criança ao chão, e sabiu de casa como desvairedo, gritando:

—Sangue, sempre sangue!!...

A familia pensou que aquelle homem tinha enlouquecido. D. Antonia levantou do chão o filhinho que chorava, e unindo-o ao seio chamava-se desgraçada. Dois criados seguiram Bernardino de Mello. Este caminhava apressado pelos campos, sem saber aonde, nem a que ia! Os dois criados, cumprindo as ordens do barão, seguiam-no a distancia. O infeliz apressava cada vez mais o passo, como se fugisse a

um inimigo invisível, e os dois servos breve se viram na necessidade de descansarem para tomarem folego; e Bernardino que caminhava sempre, breve se lhe escondeu por entre o arvoredo que povoava a encosta.

Tal era o afan com que iam todos tres, que não reparavam nos altos castellos de nuvens que se conglobavam uns sobre outros do lado do sul, nem as viram correr rapidas, e encobrirem o sol, e depois unirem-se e chocarem-se, produzindo uma faisca que veio cahir não muito longe dos criados do barão. Um medonho estampido seguiu logo o raio, e veio acabar de gelar de susto os dois homens, que retrocederam sem mais quererem seguir Bernardino. Este sem ao menos dar attenção á luta dos elementos, caminhava sempre, e repetia de vez em quando:—Sangue... sempre sangue!... sempre aquella terrível visão. A chuva começava a cair copiosa. Bernardino ia com a cabeça descoberta, e a frialdade da agua fez-lhe bem. O pobre louco estava sem dar por isso, no mesmo sitio, onde dois annos antes, dois homens comprados por elle, mandavam a morte a seu tio nas balas das suas espingardas.

Bernardino reconheceu o logar e cahiu como aniquilado ao pé d'um carvalho.

A trovoadá redobrava de forças, e o vento agitando as arvores, assobiava por entre ellas uma cantilena medonha, que se convertia nos ouvidos do infeliz em gemidos e lamentos de pessoa a quem arrancavam a vida.

O terror que se apoderou de Bernardino chegava a loucura. Julgou vêr o espectro de seu tio diante de si, todo banhado em sangue; deitou-se de bruços sobre o solo enlamiado, repetindo por entre as convulsões do medo:—Sangue, inda mais sangue!!.. Um raio centilhou rapido, e veio cahir no carvalho, debaixo do qual estava Bernardino.

Nem um gemido, nem um sentimento soltou o desgraçado. Tinha deixado de existir. E...

*As gentes vão que não as entenderam,  
Chamaram-lhe fado mau, fortuna escura,  
Sendo só providencia de Deus pura.*

(Continúa.)

## QUE ARRUFOS!!!

(De pag. 166)

Eduardo tratou logo de responder e para isso metteu-se no seu quarto fechado por dentro para que ninguem o fosse interromper, e passado um quarto de hora já estava prompta a resposta, a qual mandou pelo correio no dia seguinte ao seu destino: Era concebida n'estes termos.

Ritinha, li os seus versos  
que mandou pela criada,  
e pelo seu conteúdo  
conheço que está zangada.

Não sei qual seja o motivo  
porque tanto se arrenega!  
Sempre o odio que me vota  
traz a menina tão cega!...

Notou em todo o meu corpo  
signaes de grande defeito,  
já nos pés já na cabeça,  
tudo enfim sem nenhum geito.

Os defeitos que me nota  
rebater eu bem podia;  
mas p'ra que? eu bem conheço  
que taes cousas não diria

se não estivesse o demonio  
sempre do lado a excital-a.  
Se os anjos tal carta viam  
queriam logo rasgal-a!

Escusava de dizer-me  
o que eu ha muito sabia:  
se attenção lhe não mereço  
eu tambem lh'a não pedia.

Não exijo sacrificios  
nem de si os acceitava.  
Cruzes! cruzes! anjo bento!  
Com tal genio não me dava!

De sua irmã siga os passos,  
apprenda a ser amorosa:  
quanto ella é boa e terna  
é a menina vaidosa.

Sympathisou já commigo,  
 agora julga-me feio:  
 acha talvez o *Cupido*  
 mais bello, segundo creio.

Eu farei todo o possivel  
 por livrar-me d'este enredo,  
 que o gato, quando escaldado,  
 'té d'agoa fria tem medo.

Coração tenho de lobo?  
 pois antes assim, Ritinha;  
 antes lobo do que tigre,  
 que este é féra mais damninha.

Não se metta mais commigo  
 se quizer tome cuidado:  
 sou bom moço, bem o sabe,  
 mas sou mau quando assanhado.

Satisfez o seu orgulho?  
 Deve estar já satisfeita.  
 Julgará que inda me prega,  
 ô Ritinha, outra desfeita?!

Para mostrar-lhe que o lobo  
 tem mais nobre coração,  
 acabe-se esta contenda,  
 que eu venho pedir perdão.

Apesar da condição que apresentara no seu *ultimatum*, Eduardo dirigiu-se no mesmo dia a casa de sua tia. Apenas entrou foi recebido com gargalhadas. Porém, tanto elle como Rita, conservaram-se muito serios. A final Eduardo perguntou-lhe:

—Então, snr.<sup>a</sup> D. Rita? Tem alguma resposta a dar-me?

—Já estão quatro prompts.

—Quatro quê?

—Quatro versos.

—Diga-me cá, eu tenho nariz de cavalete, não é isso?

Rita não respondeu, mas ficou suffocada com riso.

—Já compara a minha cara a um sabonete? continuou Eduardo.

Mal acabara de pronunciar estas palavras já soavam na sala as gargalhadas.

Elle proseguiu passado um instante:

—Então os meus pés podiam usar tamanhos? E' porque os não tem usado já.

—São delicados de mais para isso! disse Rita, sorrindo.

E assim continuou a conversação alegre e divertida até que Eduardo se retirou.

(*Continua*).

AUGUSTO QUEIROZ.

## O MONGE

Á EXC.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. GUIOMAR DE NORONHA TORREZÃO

Quem sabe o que era um monge? foragido  
 Ermo e triste na paz da estreita cella,  
 No pedestal da cruz tendo pendido  
 O rosto macilento de quem véla!

(THEOPHILO BRAGA.)

### I

Era o findar da tarde; o sol brilhante  
 á terra projectava os raios seus,  
 e n'uma onda de luz tão flutuante  
 qu'rendo a tudo dizer intimo adeus.  
 «Como é bello e solemne n'este instante  
 «o contemplar a face azul dos ceus  
 «e ler no grande livro do infinito  
 «o thesouro sublime n'elle escripto.

«Oh! hora melancolica da tarde,  
 «saudando-vos do mais intimo seio,  
 «deixai, deixai que o monge vos aguarde  
 «sempre no seu delirio com anseio.  
 «Oh! sim, oh! doce chamma em quanto arde  
 «esta doce affeição ainda leio  
 «que dentro de minh'alma o sentimento  
 «não se tornou gelado monumento.

«Oh! não, não é possivel, esta luz  
 «tão mystica e suave, que illumina  
 «lá no mais ermo valle humilde cruz,  
 «ou a singela roza da campina,  
 «esta chamma tão bella que a flux  
 «se reflecte no monte ou na collina,  
 «hade sempre aquecer a minha fronte  
 «ao despontar além no horisonte.

Assim fallava o monge solitario  
no seu erimiterio, no seu ermo  
envolto no seu borel, no seu sudario  
sentindo o coração tão frio, enfermo.  
Ouvindo ao longe a voz do campanario  
marcando mais um dia no seu termo  
que rapido nos foge, como a estrella  
que um dia nos sorriu propicia e bella

Ao longe, ao longe ouvindo Ave-Marias  
nos sinos d'um mosteiro, o pobre velho  
sentindo tão suaves harmonias  
a fronte inclinou, curva o joelho,  
E meditando aquellas profecias  
que devora o que lê no Evangelho,  
solitario assim vive o pobre monge  
dos homens e do mundo já tão longe.

E depois d'aquelle extasi profundo,  
no qual seu pensamento se remonta  
a um mundo melhor, a um outro mundo  
em que o premio á virtude se lhe aponta;  
não vendo o lodaçal tão vil, immundo  
do vicio erguido sempre como a fronta  
á virtude que busca uma guarida  
no meio das procellas d'esta vida.

Ergueu-se com o espirito tranquillo  
do balsamo que nos deixa a oração  
n'estas horas solemnes, n'este azylo  
de tão almo conforto ao coração,  
n'este quadro sublime, n'este idyllo  
composto pelo rei da criação.  
n'esta tão santa paz, tão sublime  
que o pincel do artista bem não exprime.

Ergueu-se, olhou em roda... contemplando  
o vasto azul do céu, o firmamento  
deixou de sonho em sonho ir divagando  
a outras regiões seu pensamento.  
E depois sobre seu peito inclinando  
a fronte, ergueu a voz e n'um momento  
assim fallou o monge solitario  
envolto em seu burel, no seu sudario.

Oh! sol que sois a unica alegria  
do monge solitario pobre e triste,  
vem tambem amanhã mostrar o dia,  
tu que sempre na vida me sorriste,  
aqui n'esta morada tão sombria  
onde a paz do sepulchro só existe;  
oh! vinde, vinde sempre dar conforto  
ao pobre coração já quasi morto.

Morto na primavera dos meus annos  
n'essa quadra da vida mais risonha,

quando não lembram inda os desenganos  
que noss'alma innocente inda não sonha,  
não vendo esses sorrisos tão insanos  
cobertos pela mascara medonha,  
da feia hypocresia tão avára  
roubando o que noss'alma idealisára,

Apenas estas phrases expiraram  
nos seus labios, ouviu vago rumor  
como as notas sentidas que voaram  
do pobre moribundo n'um stertor,  
e um echo n'um peito ainda acharam  
de quem lhe comprehende a sua dôr,  
sabendo traduzir o pensamento  
que se passa n'um intimo lamento.

Olhou e viu surgir d'entre o arvoredado  
com passo vagaroso uma figura:  
«chegai-vos, meu irmão, não tenhaes medo  
«do vosso irmão tambem na desventura.  
«Oh! se tendes no peito algum segredo  
«que vos pesa, e vos dá viva amargura  
«aqui achareis pois por almo conforto  
«se tendes o coração já quasi morto

## II

## O CEPTICO

Baixel que incerto voga entre um cachôpo  
E o horror da noite negra, eis minha vida!

(THEOPHILO BRAGA.)

«Oh! meu padre um pensamento  
«que minh'alma hoje domina,  
«me vem deixar em ruína  
«os affectos que nutrira.  
«Sim, meu padre, o soffrimento  
«teem-me rasgado este seio,  
«não creio em nada, não creio...  
«vejo em tudo uma mentira!

«Já tive sonhos fagueiros,  
«já tive c'róa de lyrios;  
«mas agora que martyrios  
«vem cingir a minha fronte,  
«Oh! sómente d'um rochedo  
«buscando as ondas do mar,  
«póde conforto encontrar  
«quem tem tão feio horisonte.

«Ali acaba-se tudo  
«n'aquelle seio profundo;  
«sobre nós se fecha o mundo  
«e não ha mais que temer.  
«Bate o craneo n'um rochedo,

«abre-se uma larga f'rida,  
«corre o sangue, esvae-se a vida,  
«acaba-se o padecer.

«Que importa as vozes estultas  
«d'esses que vivem felizes,  
«que não tens as cicatrises  
«que deixam intimas dôres;  
«que nem sentiram, nem sabem  
«o que valle o soffrimento  
«vêr n'um só dia um momento  
«murcharem todas as flores!

«Que importa venham dizer-nos  
«n'uma voz d'hypocresia:  
«—essa dôr essa agonia  
«é dom celeste, prophético  
«que vos manda o Creador;  
«abraçai estas verdades:—  
«se estas vozes, nullidades  
«são apenas para o ceptico!

«Sim, á força de soffrer  
«o homem perde a esperança,  
«que nos dias de criança  
«na sua mente sonhou:  
«descreê de tudo, de tudo,  
«vê que o futuro se encerra  
«só em dois palmos de terra,  
«e tudo o mais se acabou.»

—«Filho, filho não blasfemes  
«não renegues a verdade!...  
«Calai-vos por piedade,  
«temo a justiça de Deus.  
«Pois já não tens uma crença?  
«n'esse teu peito?!—Meu filho  
«um astro de puro brilho  
«já não encontras nos ceus?!...

—«Não, em nada já creio,  
sou sceptico!...

—«Porque ?

—«Por que a minh'alma não vê  
«onde firmar sua crença.  
«Agora a morte, só ella  
«termina o meu padecer,  
«só assim posso vencer  
«n'esta luta tão immensa.

—«Enganas-te filho, não vences,  
vaes-te lançar n'um abysmo,  
n'um inferno!.. O atheismo,  
vae a tu'alma perder!  
Oh! mas Deus, lá das alturas  
hade mandar um conforto;

teu coração quasi morto  
hade ainda reviver.

—«Enganae-vos, ó meu padre,  
quando o tormento é profundo  
não ha balsamo no mundo  
que nos possa confortar.

—«Mas ha em Deus, que recebe  
nos seus braços com amôr.  
aquelle que geme de dôr  
e sabe a dôr supportar,

COSTA GOOLDOPHIM.

### UMA SAUDADE

Et l'ame se fond en prière  
Et s'entretient avec les cieux,  
Et les larmes de la paupière  
Sechent d'elles memes a nos yeux!

LAMARTINE.

De Lisboa é Carnide o mais formoso  
Suburbio que se encontra. A natura  
Abriu elle seu cofre precioso,  
E a brisa que cicia fresca e pura  
N'aquelles campos em que o amôr impera,  
Sorveu n'um hausto bello e venturoso  
Do cofre a encantadôra formosura,  
Que lá novos encantos sempre gera.

Alli contém o sol um outro brilho  
Mais qu'rido, mais ditoso, mais intenso:  
Alli reina a poesia em cada trilho  
Que se percorre n'um anceiar immenso.  
E as flôres que se ostentam ardejantes  
Sorrindo, como ao pai surri um filho,  
Expandem no ambiente o sacro incenso  
Que á mente vem roubar os maus instantes.

A' noite quando a lua, pressurosa,  
Nos envia a luz divina lá dos céos;

E a brisa deleitosa

Nos sons cadentes seus,

O murmurio da linpha sonora

Transporta junto a Deus;

E as estrellas, modelos da Esmeralda,

Refulgem n'esse manto aveludado;

Thesouro sublimado,

Que a vista nos escalda;

E' bello caminhar a passos lentos  
No mysterio que abrange a noite amena.  
E encerrar dentro n'alma os pensamentos  
Que a brisa ao pensativo vem serena  
Depôr no coração.—Oh! é sublime  
Contemplar assim aureos portentos.

Alli a vida nossa é mais pequena,  
Mas não tem da cidade o fel que opprime.

Sim, lá volvem as horas socegadas,  
E n'alma um sulco deixam de saudade;  
Não são as negras horas compassadas  
Que a fronte nos enrugam na cidade.

Da vida a densa nuvem carregada  
Em nós não vem causar enorme dôr,  
Por que é sómente ouvida a voz que brada  
Palavras de sublime e puro amôr.

—Amôr—é o bisyllabo estridente  
Que vôa alli da terra ao firmamento;  
E que a alma nos eleva suavemente  
A mundos bem distantes do tormento.

E a mim que muito agrada a natureza,  
Nas horas de sublime quietação;  
Que só encontro allivio p'ra tristeza  
No seio da profunda solidão;

Que tenho no alvôr inda da vida  
Phantasma que de mim jamais s'esconde;  
Que anelo uma ventura, que por qu'rida,  
Da vista se me occulta não sei onde:

Não posso contemplar aquelle espaço,  
em que a mente se perde em devaneio,  
Quebrar, embora queira, o brando laço  
Em que doce poesia sempre leio.

Não posso, que nos lares de Carnide  
Tudo quanto existe a mim me falla;  
Não posso, que da mente não se elide  
Primeira sensação que nos abala.

Eu tenho alli um hymno em cada estrella,  
Um riso delirante em cada flôr;  
Lá tenho uma saudade que ao revel-a  
Augmenta dia a dia a triste côr.

Alli já me correram ledos dias  
De amôr, e de prazer, e de ventura,  
Já tive lá também as agonias  
Que o homem n'esta vida sempre atura.

Mas se antes de soar a hora extrema  
Que os dias para mim tornou penosos,  
Eu tinha em amanhã o mesmo thema  
Dos já passados dias venturosos;

Se antes da negra nuvem que não passa  
Azul era o meu ceu, e azul bem lindo,  
Se antes de vêr a sombra da desgraça  
Tinha na vida um sol que cria infindo:

Poderei acaso hoje dentro d'alma.  
Calar no duro gelo da indifferença,  
A lembrança que ainda a dor acalma  
Dos sonhos que eram d'ella toda a crença?

Não posso, que na vida uma lembrança,  
Mais doce, mais presada, mais ditosa,  
De gozal-a não tem pequena esperança  
Quem sente d'ella n'alma a voz saudosa.

Será Carnide o nome immarcessivel  
A que eu jamais recuse affeição pura;  
Da mente hei de trazel-o sempre ao nivel:  
Foi o berço do tecto em que a ventura  
Uns momentos no mundo me embalou;  
Foi base do relógio em que possível  
Julguei a ausencia de hora assim tão dura  
Como aquella que a morte me legou.

.....  
.....  
Na vida é tudo um sonho!—Alegre um dia  
Desponta a primavera mais fagueira:  
O sol brilha sem nuvens; a poesia  
Da terra eleva a alma prasenteira.

O campo é todo flôres! — Diz a rosa  
Palavras que não podem repetidas  
Vogar em labios d'homem; deleitosa  
Parece a vida fonte de mil vidas.

No espaço a mil adejam ternas aves  
Que soltam cadenciosas doces cantos;  
As brisas perfumadas vêem suaves  
Anediar a fronte.—E' tudo encanto!

Eis o sonho que a mente nos deslumbra  
Co'as côres de apparente realidade.  
Mas passou... Vêde agora, na penumbra  
Pallida se ergue a sombra da verdade!

Que é d'aurora de ha pouco tão doirada?  
Que é do sol que mostrava almo fulgôr?  
Que é da rosa do campo acarminada?  
Das aves que trinavam sons d'amôr?

Foi-se tudo já; — passou como o que era!  
Como passa na vida o que ditoso  
Nos torna o coração, e o que devera  
P'ra sempre conceder ethereo gozo!

Passou, e já não volta... A eternidade  
Guardou em ferreo livro o bello sonho,  
E' aquelle que o sonhou uma saudade  
Legou p'ra sempre no porvir medonho!  
Lisboa, Setembro de 1865.

A. SALAZAR D'EÇA JORDÃO.

## CLOTILDE

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 180)

## CAPITULO XXIII

## CONTRASTES

Agora, leitor, é tempo de desviarmos os olhos d'esses horribes quadros que temos visto nos dois capitulos precedentes, para os fi-tarmos n'uma scena edificante, bella, e risonha. Siga-me. Voltemos á Salgueirosa. Vamos encontrar esta aldeia completamente mudada. Tambem não admira, porque oito annos já passaram por cima dos acontecimentos que relatamos.

No logar da pobre e pequena habitação de padre Francisco, está edificado um vasto e elegante edificio. A capellinha da Snr.<sup>a</sup> dos Remedios, transformou-se tambem em um magestoso templo consagrado, como a capella á Virgem. A casa é destinada para receber pobres invalidos, e crianças abandonadas; e todas encontram alli agasalho, sustento e ensino. Estas obras de caridade, estes padrões de religião foram mandadas edificar pelo filho do marquez de Santa Eulalia, e sua esposa. Este feliz, e formoso par, vinha todos os mezes visitar e examinar o seu caritativo estabelecimento, que debaixo da regencia de padre Francisco, florescia e prosperava.

Venha leitor, venha vêr uma scena pathetica. Entremos na egreja, cujas portas estão abertas. Devagar. Entremos sem fazer ruido para não perturbar nem interromper as ceremonias da missa que padre Francisco está celebrando.

Agora repare n'aquella mulher vestida de escuro, e envolvida n'aquelle farto véo. Conhe-

ce-a? Aquella physionomia que respira tanta felicidade, aquelles olhos humidos de ternura, aquelle sorriso presenteiro não lhe recordam alguem que conheceu no decurso d'esta narração? Não reconhece n'ella Clotilde, a sympathica e sentimental sobrinha do snr. Cunha? E esse homem que está em pé mais adiante d'ella, com uma criança de seis para sete annos, pela mão, tambem o não conhece? Essa figura affavel, aquelle sorriso franco, aquelle o'har meigo não lhe parece que devem pertencer a Paulino? São elles, os nossos antigos conhecidos que aqui viemos encontrar, porque é este o dia da sua costumada visita ao azylo. Agora reparo que ao pé de Clotilde está tambem uma angelica criança ajoelhada. E' uma menina de quatro annos talvez. Com os seus cabellinhos louros anhelados, com as mãos pequeninas erguidas para o céu, e com as suas roupas nevadas, é verdadeiramente um anjo ajoelhado ao pé do throno do Omnipotente! Veja agora essa chusma de criancinhas d'ambos os sexos todas vestidas de fazendas claras, todas com os olhos em Deus, todas com os innocentes labios a murmurarem orações, a pedirrem bençãos para os seus protectores! Repare tambem n'esses pobres velhos de compridas e nevadas barbas, como olham reconhecidos, ora para o pai do céu, ora para aquelles que lhe mataram a fome, que lhe vestiram com roupas confortaveis os corpos regelados e nus, que lhe deram esse fim, a saude perdida, a abundancia, e sobre tudo a fé em Deus, e a crença nas venturas eternas. Agora reuna-me todos esses grupos, e diga-me senão compoem um todo arrebatador?

Findou a missa. Veja como todas aquellas criancinhas vão alegres beijar as beneficas mãos de Paulino, e Clotilde! e os nobres esposos tem nos labios um sorriso paternal para cada

uma d'aquellas creaturinhas, e como ellas, contentes e satisfeitas sorriam um para o outro com uma ternura indissível.

Como na sua passagem, esses velhos respeitavais curvam a fronte com reverencia. Não a curvam áquelles ricos senhores, curvam-na sim á virtude que n'elles brilha.

As crianças e velhos vão saindo da Igreja, e perfilam-se em alas fóra das portas para darem passagem aos seus bemfeitores.

*E novos e velhos ao ver D. Martinho, Como se topassem um Rei, ou um Deus, Paravam de prompto, abriam caminho, Curvavam as frentes tirando os chapéus!*

Paulino, Clotilde, e os seus dois filhinhos, Frederico, e Adoração veem após elles seguidos de padre Francisco, que já depoz as vestes sacerdotaes, e agora é abraçado e cumprimentado por velhos e crianças.

Paulino pegou em sua filha ao collo e Clotilde com uma mão poisada no hombro de seu esposo só olhava com terna solicitude para Frederico, que pela mão de padre Francisco ia diante d'elles. Seguiam-se-lhe as crianças e os velhos.

*Que Rei tive córte igual mais espontanea e leal?*

Frederico largou a mão do padre e veio abraçar as pernas de Paulino.

—Se o meu pai me desse licença d'hoje jantar com os nossos pobres — disse o menino com voz supplicante.

—E a mim. Eu tambem queria jantar com os pobres—acrescentou Adoração enlaçando os tenros bracinhos em torno do pescoço de seu pai.

—Que respondes ás supplicas d'estes traquinas, minha Clotilde? — perguntou Paulino a sua esposa.

—O que tu quizeres, meu amigo. Tu sa-

bes tão bem como eu, que nós nunca subimos tanto aos olhos de Deus, como quando praticamos um acto de humildade.

— Dizes bem, minha querida.

—Licença para jantar com os pobres — supplicava Frederico

—Pois sim, meus filhos; partilharão do jantar dos pobres, que são nossos iguaes aos olhos de Deus.

O menino tornou saltando a apoderar-se da mão do Padre Francisco; e Adoração pagava com muitos beijos a licença que seu pai lhe tinha dado.

Chegados a casa, entraram todos para esse templo de caridade, onde cada um tinha uma obrigação a fazer antes da refeição do jantar.

Os velhos tornaram a sabir munidos de leves enchadas, a cuidarem das flores, e arbutos que lhe rodeavam a sua habitação. Paulino, e a sua familia precedidos de Padre Francisco entraram na sala das *lições*, como lá lhe chamavam, aonde foram seguidos por todas as crianças. Clotilde tomou dos braços de seu esposo a pequena Adoração, e com ella ao collo foi-se assentar, rodeada de criancinhas que olhavam para ella como se olha para uma mãe. Paulino, e Padre Francisco dirigiram-se a uma grande meza que estava collocada ao comprido da sala, e na qual se viam muitos tinteiros, e muitas escriptas principiadas.

—Vamos, meus filhos—disse Padre Francisco voltando-se para as crianças — mostrem aos seus protectores os progressos que tem feito.

Trinta mãosinhas se estenderam para pegarem em seus abces, e nas suas escriptas.

Paulino foi assentar-se junto de sua esposa, e Frederico ficou em pé a seu lado.

Principiou então o exame. Cada uma das crianças vinha por seu turno repetir a sua lição

diante do venturoso par. Padre Francisco indigitava então os que eram mais estudiosos, e esses recebiam da mão do pequeno Frederico uma moeda de prata acompanhada d'estas palavras:—Isto é para comprarem livros novos.— Aquelles que não mereciam premio ficavam tristes; mas o formoso menino abraçava-os dizendo-lhes:—Não se intrestecem meus amigos; estudem, e para outra vez o meu pai os premiará.—

Acabada a inspecção da pequena escola, padre Francisco tocou uma campainha. Abria-se uma porta contigua, e appareceu n'ella uma mulher idoza, mas em boa disposição.

—Snr.<sup>a</sup> Florinda, agora pertence-lhe dar conta dos serviços das suas discipulas — disse o padre á respeitavel mulher.

—Tenha v. exc.<sup>a</sup> a bondade de me seguir disse ella virando-se para Clotilde. — Venham meninos—acrescentou para as crianças.

Clotilde com a filhinha pela mão, e seguida das meninas pobres dirigia-se para uma sala proxima, chamada a sala do trabalho. Alli principiou a mesma scena que acabamos de descrever; em vez de livros, e escriptas mostravam-se meias e costuras. Clotilde mostrava-se satisfeita do exame, e distribuia tambem premios ás que mais tinham aproveitado.

Depois foram assistir á refeição dos pobres que Frederico e Adoração quizeram partilhar.

Os velhos, e as crianças sorriam contentes por verem os filhos dos seus bemfeitores assentados com elles á mesa.

As meninas assentadas todas para um lado da mesa eram servidas pela sua mestra; e os meninos do lado opposto eram-no igualmente pelo padre. Paulino, e sua esposa assentados em frente, olhavam satisfeitas para aquelle quadro.

—Ai! como isto sabe bem—dizia de vez em quando o pequeno Frederico. Tu não gostas Adoração? — acrescentava elle virando-se para sua irmã.

—Gosto, gosto—respondia a angelica creaturinha. Acabada a refeição, padre Francisco deu graças, e todas as crianças e velhos em

pé, e de mãos postas agradeciam a Deus tantos beneficios.

Padre Francisco, Paulino, a sua esposa, depois de tomarem tambem uma ligeira refeição, dirigiram-se para o pé da fonte aonde tomaram o café. As crianças aproveitavam o dia de ferias que lhe concedia a visita dos seus protectores brincando, e saltando por entre as flores e arbustos que povoavam aquelles sitios encantadores.

O feliz par, e seus filhos desceram ao descair da tarde para a sua caza da Salgueirosa, aonde Rosa, e Leopoldo os esperavam.

Alli demoraram-se trez dias, e depois voltaram para a sua caza de Santa Eulalia, acompanhados das benções de tantas infelizes a quem elles davam consolação.

### *Epilago.*

O leitor necessariamente deseja saber a sorte que tiveram as outras personagens que lhe apresentamos no correr d'este romance. O seu desejo é justificado; e eu vou satisfazelo.

Josephina, e Augusto de Mendonça são uns esposos exemplares, e seriam completamente felizes se Deus lhe não negasse a ventura de serem pais. Para olvidarem este desgosto viajam. Eis a razão por que os não apresento ao leitor. As ultimas noticias que recebi d'elles foram de França, onde actualmente estão. Posso assegurar-lhe que são felizes.

O visconde de Fornos, cuja razão se principiou a turvar com o incendio que lhe devorou a maior parte da sua fortuna, transtornou-se-lhe de todo dois mezes depois com a morte de sua filha Eugenia. A sua loucura principiou a manifestar-se, porque alta noite viam-no ir com uma lanterna n'uma mão, e uma enchada na outra cavar nas ruinas que o incendio deixou; e assim passava horas, e horas! No fim soltava uma risada descomposta, e recolhia-se a casa.

Ultimamente, perdidas todas as esperanças de melhora, mandaram-no para Rilha-foles, onde ainda vive no mesmo estado de loucura, procurando em tudo, o seu thesouro consumido pelas chammas.

A viscondessa recolheu-se tambem no convento de Santa Clara, em Bragança, aonde tinha uma irmã, e lá morreu.

Margarida vive desgostosa com a indifferença de seu marido, no qual a vaidade degenerou em egoismo!... Cuidando só da sua pessoa, esquece totalmente sua esposa e filhos.

O barão do Franco, a baroneza e as suas duas filhas mais novas, ainda solteiras, vivem ainda. Os genios indolentes de que são dotadas torna-as involneraveis ás setas da adversidade.

A viuva do desgraçado Bernardino de Mello, e seu filho vivem em Castello Branco na casa que lhe pertenceu por morte do snr. Gomes mas a sua felicidade é interrompida pelas dolorosas recordações do passado.

O snr. Anselmo da Cunha morreu dois annos depois do nobre marquez de Santa Eulalia; mas antes de morrer teve ainda a alegria de abraçar o primeiro filho de Clotilde do qual quiz ser padrinho, deixando-lhe depois toda a sua fortuna.

Paulino e Clotilde são felizes quanto é possível sel-o n'este *val de lagrimas*. Vivem na sua casa de Santa Eulalia com os seus dois filhinhos, que são duas crianças interessantissimas, e das quaes nos occuparemos a seu tempo em outro romance.

Todos os mezes os felizes esposos vão fazer a sua costumada visita ao asylo que elles fundaram, e sustentam, como prova do reconhecimento que devem a Deus pelo inesperado soccorro que lhe mandou tanto a tempo.

Rodeiam-nos servos fieis, e sobre elles caem todas os dias as benções de Deus, e os louvores de milhares de infelizes que encontram sempre n'elles protecção, e amparo. A sua sementeira d'obras benéficas produzem-lhe n'este mundo a felicidade, e o repouso de consciencia; e preparam-lhe na outra vida a coroa dos escolhidos.

FIM.

## LYRIOS E GOIVOS

### I

V. exc.<sup>a</sup> não conheceu uma senhora, que na crise violenta d'um affecto, fizera ceifar a existencia no verdor dos annos a um joven que teve a imprudencia de lhe entregar o coração, e com elle a propria existencia? Não, por certo:— Leonor de Magalhães não era pessoa que v. exc.<sup>a</sup> conhecesse. Tambem pouco lhe deve importar isso. Se Leonor de Magalhães possuia no mais alto ponto o santo condão da belleza, v. exc.<sup>a</sup> nada lhe fica a dever com esse semblante nevado d'um archanjo das mansões celestes.

Mas passemos á narração. A pessoa que amava Leonor era um joven alto e pensativo. Se não possuia a felicidade de pertencer á mais elevada gerarchia da sociedade, em compensação gosava d'um dos mais elevados e proficuos condões que a natureza ou o Creador concede aos mortaes. Luiz de Sampaio era um poeta verdadeiramente inspirado e sublime.

Ao principio Leonor recebeu satisfeita as homenagens do vatê, e alegrava-se excessivamente quando recebia alguns versos do seu amante ternamente escriptos e parecendo querer exprimir todo amor que seu auctor possuia.

Era a primavera da existencia e da felicidade. A vida era para elles um sonho doirado, a quem a voz da realidade não tinha desadormecido de seu lathargo; era uma mansão athea de bonança e perpetuo bem estar, um eden formosissimo de felicidades inexprimiveis e immensas que continuamente os emballava em santa e pura tranquillidade.

No entanto o sopro empestado do desalento havia projectado levantar-se contra *elles*,... queria eu dizer contra *elle*.

Um dia entrava elle na fórma do costume para a casa de sua amante e não a encontrou. Admirou-se alguma coisa mas não passou d'isso.

Entrou. Passados instantes abriu-se uma porta para dar passagem a alguem—Era Leonor que entrava. Vinha algum tanto pallida e segundo as apparencias parecia triste e inquieta.

—Por aqui tão cedo—exclamou ella d'um modo quasi indifferente — julgava-os ainda em casa.

—Em casa ás 6 horas da tarde, quando ás cinco em ponto eu sou certo aqui para te ver, para te ouvir tuas palavras meigas, e ajuntar-lhe meus vocabulos de fogo. Leonor! Como eu te vejo triste e pensativa; acaso estás encommoada? Que indifferença é essa que eu te noto?...

—Estou bastante encommoada hoje. Precisava recolher-me mais cedo.

—E' necessario retirar-me?

—Assim o creio.

—Adeus, Leonor, oxalá que este adeus não seja o ultimo... oxalá que a voz do scepticismo ou antes do rigorismo diabolico me não vá accordar ao abysmo insondavel onde a tua mão me arremessou! Adeus, sê mais feliz que eu, a quem a morte irá encontrar já desfallecido e inerte; quando me quizer desterrar d'entre o numero dos vivos.

—E's louco... amanhã por estas horas aqui te espero... vê lá, que fazes... até depois.

Luiz sahia desvairado, e como que fóra de si.

## II

Toda a noite curtiu febres. Tinha sempre gravada na imaginação a scena terrivel da despedida. Nos seus sonhos febris ora se lhe affigurava ver um rival terrivel sustentando nos seus braços aquella por quem elle anciava, ora suppunha ver-se braço a braço arcando com elle n'um duello terrivel, n'um duello de morte. V. exc.<sup>a</sup> será capaz d'avalisar a agonia que despedaçava os intimos d'alma d'aquelle pobre rapaz?

Assim o creio. Uma alma verdadeiramente nobre como a de v. exc.<sup>a</sup> não póde deixar de comprehender a dôr que affligia aquelle desventurado joven.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, levantou-se Luiz e foi passear, a ver se os ares o alliviavam mais. Dirigiu-se incertamente á praça de

D. Pedro. Ahi encontrou um amigo, que ha muito não tinha visto, desde que tinha abandonado os bancos do collegio, onde por muito tempo foram condiscipulos.

Depois dos costumados e inevitaveis cumprimentos tratavam conversação.

—Estás tão triste! — disse o recém-vindo tu dantes eras mais alegre! — Apostar que são cousas de namoro! Querem vêr que advinhei.

Luiz sorriu tristemente e não respondeu.

—Justamente! advinhei. Desejava saber quem te tinha enfeiticado, a ti, que te vangloriavas tanto de ser insensivel ao amor! Contame as tuas maguas, e em compensação ouvirás as minhas. Entre amigos não ha cerimonia.

Luiz continuou ainda calado. Contentou-se em retrocer o bigode tristemente.

—Bôa váe ella! Querem ver que andas arrufado com a tua deidade! E's bem tolo se por tal te apaixonas. Faz como eu fiz e verás se depois te tens de arrepender. Ora ouve-me:

## III

—Eu amava, como tu sabes aquelle rapariga de Vianna. Ella era bastante exigente, e era pouco todo o dinheiro que ganhava para a sumptuosidade de seu *toilette* e despezas do vestuario. Um dia suspeitei que ella se tinha affeicoadado a um janota a quem chamava seu primo, e deixei-a ficar com elle e vim-me embora. Ainda dei mostras de rapaz honrado, não te parece? Deixei-lhe ficar tudo, quanto lhe havia dado...

—Vamos... presegue — insistiu Luiz.

—Depois vim aqui para o Porto. Estou cá, segundo creio, ha perto de mez e meio, e já tenho outra amante, mas uma rapariga formosa d'uma vez...

—Onde mora... como se chama?... insistiu Luiz avidamente. —

—Parece que vâes gostando da minha historia, pois olha, eu não tenho aspirações a historiador. Esta mulher chama-se Leonor de Magalhães, e mora na rua de... Mas que tens? — exclamou interrompendo-se de repente mudas

de côr?.. Estás encommodado?.. Conhecerias tu a minha amante?..

Nada lhe respondeu Luiz. Carregou o chapéu e ia a retirar-se quando voltou repentinamente.

—Infame! — bradou elle, afogeuado pela colera, infame! Ousaste arrebatá-me a mulher que eu julgava ser-me destinada pelo céu! Ousaste cuspir-me no rosto o escarro nojento e ignominioso do desprezo e aviltamento, da ignominia e do labéu da infamia! Mil vezes maldito e cruel! O meu anathema pesará sobre ti em toda a parte e a toda hora!

—Mas... és louco! — eu ignorava que tu pretendias Leonor... mas...

—Mas que, mas que? — Amanhã pelas tres horas da madrugada eu te espero nas Fontainhas. Levarei duas pistollas uma das quaes irá carregada. Um de nós ha-de perecer inevitavelmente. A um caberá o quinhão da morte, a outro a posse de Leonor. Amanhã nos encontraremos.

#### IV.

Luiz partiu d'alli tanto ou mais desorientado do que havia saído na vespera de casa de Leonor.

Alvaro — o seu amigo — sahio tambem bastante preocupado. Estimava muito a Luiz, mas amava muito mais a Leonor. Ambos elles trataram de procurar padrinhos e no dia seguinte á hora aprasada estavam no campo os dois rivaes, accompanhados dos padrinhos.

Pegaram nas pistollas, collocaram-se a dez passos de distancia e dispararam ambos. Luiz cahiu morto no chão. A balla havia-lhe atravessado, o estomago de parte a parte.

Agora v. exc.<sup>a</sup> que possui em muito mais elevado grau a belleza de Leonor e tem um coração muito mais terno e sensível, dirá — «E Alvaro teve a coragem d'hir apertar em seus braços a mulher por cuja causa havia arriscado a vida e finalizado a do seu amigo?»

—Alvaro odiou completamente essa mulher. Teve receio que os manes de seu amigo se conspirassem contra elle.

—«E Leonôr?..»

—Essa ainda é viva. Ainda pode sobreviver á perda de dois amantes, cada qual mais extremo.

Mas que quer v. exc.<sup>a</sup>? O mundo é assim. Nem todos se podem pavonear de possuírem um coração como e de v. exc.<sup>a</sup> Alguns entes são considerados como anjos, e outros apenas como espiritos do mal... como perniciosos reptis!

Porto, 11 de Junho de 1866.

ANTONIO P. DO AMARAL.

### NAPOLÉÃO E O MEZ DE DEZEMBRO

1.º de Dezembro de 1807. — E' nomeado rei de Westphalia José Bonaparte.

2. de Dezembro de 1804. — Coroação e sagração do imperador e de Josephina, por Pio VII.

2 de Dezembro de 1805. — Batalha d'Austerlitz.

2 de Dezembro de 1851. — Golpe d'estado de Luiz Bonaparte.

2 de Dezembro de 1852. — Acclamação de Napoleão III.

4 de Dezembro de 1808. — Entra o imperador vencedor em Madrid.

10 de Dezembro de 1848. — Eleição do presidente da republica.

13 de Dezembro de 1799. — Eleição do 1.º consul.

15 de Dezembro de 1840. — Chegada das cinzas do imperador aos inválidos.

16 de Dezembro de 1809. — E' dissolvido o casamento do imperador com Josephina.

18 de Dezembro de 1812. — Regresso do imperador de Moscow.

19 de Dezembro de 1793. — Tomada de Toulon, e principio da carreira militar de Bonaparte.

20 de Dezembro de 1851. — Escrutinio sobre o plebiscito proposto por Luiz Napoleão.

24 de Dezembro de 1800. — Escapa o 1.º consul á machina infernal.

## AS VIUVAS NA INDIA

E' costume, em algumas partes da India Oriental, quando morre algum homem casado, queimar-se a viuva na pyra funeraria do marido.

Os inglezes por vezes hão tentado abolir tão cruel cerimonia; mas até aqui com pouco resultado, por quanto a mulher que sob qualquer pretexto procura eximir-se do sacrificio, incorre no desprezo de todos. A seguinte descripção d'um d'estes ritos, foi-nos feita por um viajante de cuja veracidade não podemos duvidar.

Uma viuva, que teria, quando muito, vinte annos d'idade, havendo-lhe fallecido o esposo, resolveu celebrar-lhe o funeral, queimando-se juntamente com seus restos mortaes. Aprasára-se o dia; estava tudo disposto e chegou ao logar fatal com tanto animo e alegria que persuadido que se havia embriagado com opio. Na frente da comitiva ia uma banda de musica seguida por muitas mulheres solteiras e casadas, que dançavam adiante da viuva. Levava muitos anneis nos dedos, e as pernas e braços ornadas com braceletes, etc. Seguiam-se depois homens, mulheres e crianças, que fechavam o cortejo.

A pyra funeraria era quasi toda feita de lenha odorifera; aproximou-se d'ella com passo firme, e despediu-se dos amigos e parentes, pelos quaes distribuiu os seus enfeites. Estava eu então muito perto da joven com dous inglezes, lendo-me, talvez, no rosto o sentimento que me dominava, atirou-me com um bracelete que guardo como reliquia preciosa. Subiu depois á pyra, assentou-se no meio, e derramaram-lhe pela cabeça um vaso de oleo fragrante; os parentes da viuva lançaram fogo á lenha, na qual haviam deitado azeite para au-

gmentar a intensidade das chammas; a infeliz foi immediatamente envolvida pelo elemento destruidor, e os circunstantes atroaram os ares com alaridos e applausos, que abafavam os gritos da victima voluntaria.

(*Viagens na India.*)

## CIUME DE UM CASTELHANO

Não ha muitos annos que succedeu em Madrid uma horrivel tragedia, que foi mencionada por os jornaes de Hespanha, e que nós hoje vamos repetir para servir de aviso a ciosos arrebatados, e desaggravo ao bello sexo.

«Rodrigues, deputado ás côrtes de Hespanha, era casado, havia dous annos, com uma joven e gentil menina; a quem se unira por amor, quando esteve em Sevilha. Rodrigues tinha em todas as suas paixões o fogo do mais impetuoso genio. Logo aos primeiros mezes do seu casamento começou a mostrar um ciume terrivel, pela menor palavra, o mais insignificante gesto da pobre senhora que muito soffreu com isso. Comtudo, naturalmente affavel, aquella terna esposa que adorava seu marido, sabia tão bem acalmal-o por suas caricias, que ninguem suspeitava do seu triste viver, afora as pessoas da familia que, por muitas vezes, fizeram graves admoestações a Rodrigues.

Crescendo, porém, o ciume do deputado, a pobre senhora resolveu não apparecer nas salas de reunião; houve comtudo um baile em casa do senhor Vinadares, a que ella não pôde faltar; ia alli toda a boa sociedade de Madrid, a sua ausencia seria notada.

O baile era de mascaras, a senhora Rodrigues e seu esposo para lá foram vestidos de dominós pretos.

N'aquelle mesmo dia, o irmão da triste esposa official do exercito de Esparteiro, tinha chegado a Madrid.

O mancebo, afflicto com a tristeza de sua irmã, e suspeitando a causa resolveu dar uma boa lição a seu cunhado. Sem revelar suas intenções a ninguem, mascarou-se, e foi tambem ao baile.

Pelo meio da noite, o senhor Rodrigues estando a observar uma quadrilha, na qual dançava sua mulher, foi cumprimentado por um cavalheiro mascarado que lhe disse em tom chocarrero.

—Então, Rodrigues, continuas a ser zeloso?

—Não de ti, por certo, bella mascara, respondeu o marido.

—Não tens razão, porque tua mulher é bella e eu amo-a.

—Peior para ti.

—E's bem nescio, Rodrigues; e se eu te dissesse...

—Nem mais uma palavra, porque mentes, exclamou o marido já exasperado.

—Eu nunca minto, lhe responde o desconhecido. Amo tua mulher, e sou amado por ella; queres uma prova d'isso? Ella tem um signal debaixo do peito esquerdo.

A estas palavras, o senhor Rodrigues, pegando na mão do desconhecido, com uma força que parecia querer quebrar-lh'a, disse:

—Dentro em um quarto de hora, em minha casa... a tua vida, ou a minha.

Depois, arrancando sua mulher da quadrilha, a arrasta para fóra das salas.

A pobre senhora, espantada e muda, o segue como uma victima resignada. O seu marido não lhe dá palavra, mas obriga-a a caminhar a passos largos. Chegado a casa, sobe ao seu gabinete, segurando-a sempre pelo braço; alli, ás

apalpadellas, lança mão de uma pistola, e antes que a infeliz tivesse previsto o seu designio, varra-lhe o coração com uma bala.

Agora nós... diz o senhor Rodrigues.

O desconhecido dá um profundo suspiro, e arranca a mascara do rosto...

Era o irmão da victima!

### MARIA ISABEL

Este excellente romance original, de que é authora a sr.<sup>a</sup> D. Maria Peregrina de Sousa, acha-se á venda nas seguintes livrarias: Viuva Moré, Praça de D. Pedro; P. Podestá, na rua do Laranjal; Jacinto Pinto da Silva, e Novaes Junior, rua do Almada; e em casa do editor, Praça de Santa Thereza n.º 63.

### A sciencia do bom homem Ricardo, ou meios de fazer fortuna

Este opusculo de que é author o festejado escriptor francez B. Franklin, acha-se desde já á venda n'esta redacção, pelo modico preço de 80 reis, um livro de tanta utilidade.

### PRIMICIAS

Este volume de poesias de que é author o sr. Augusto Queiroz, escriptor bem conhecido na republica das lettras, acha-se á venda n'esta redacção e nas principaes livrarias.

### O QUE FAZ A AMBIÇÃO

Está no prelo a terceira folha d'este excellente romance devido á penna do sr. M. M. Rodrigues. Recebem-se n'esta redacção assignaturas.—Preço 300 reis.

TYP. DE JOSÉ PEREIRA DA SILVA

Praça de Santa Thereza, 63.

## AOS NOSSOS LEITORES

Este jornal continua a sahir á luz bafejado pelos propicios ventos da bonança, e acreditando na benevolencia que sempre tem recebido do illustrado publico.

Os poucos tempos da sua interrupção serão em breve compensados pela nitidez e sublimidade dos escriptos, e se as nossas intenções se não frustarem, é de suppôr que em breve augmentemos o jornal e lhe demos o realce necessario a uma publicação litteraria e além d'isso o unico semanario que conta actualmente a cidade do Porto.

Não fazemos brilhantes promessas, mas aquillo que promettemos cumprir-se-ha. Disse um sabio que devemos sempre prometter menos do que tencionamos dar. E' isto mesmo o que fazemos.

Creiam os leitores na sinceridade da nossa palavra, e acreditem, que acima de todos os deveres, teremos sempre em vista os melhoramentos progressivos do nosso jornal litterario.

O editor que foi d'este jornal Antonio Pereira da Silva, declara aos seus illustres subscriptores que o coadjuvaram na sua empresa até ao numero 24, que desculpem não terem recebido os numeros seguintes, porque justos motivos o levaram a não poder continuar com a sua publicação, e como ainda não se acha com forças bastantes para o dirigir, de commum accordo com os snrs. A. P. do Amaral e G. G. Coelho, lhe passo a empresa para elles poderem publicar como editores; emquanto satisfizerem ás condições do contracto contrahido entre mim e elles.

## DUAS PALAVRAS DE EXPLICAÇÃO

Ha dois annos escrevi essa historia, lenda, ou que lhe quizerem chamar, a que puz o nome de — A CASA NEGRA — Escrevi-a e atirei com ella para o fundo d'uma gaveta da minha secretaria.

Lembrei-me de lhe dar publicidade, não pelo merecimento do escripto que nenhum encerra, mas sim para tornar mais conhecida a rude singelesa que caracteriza ainda os aldeãos de Tras-os-Montes.

De semana em semana, de mez em mez, fui addiando este meu designio quasi dois annos!

Ultimamente, entre alguns livros que mandei vir, deparei com um romance do snr. Luiz Augusto Rebello da Silva, intitulado:—A Casa dos Fantasmas.—Li com curiosidade, porque se não bastasse o nome do author, a epigraphe é tambem um incentivo a despertar-a.

O meu interesse cresceu, quando deparei com uma Casa Negra, no romance do snr. Rebello da Silva!

Renovou-se-me o desejo de publicar o meu pobre escripto, mas agora fazendo-o, sem esta explicação, podiam suppôr que eu fui roubar ao excellente romance do snr. Rebello da Silva, a sua Casa Negra, povoada de fantasmas, e cheia de tradições horrorosas.

Algumas pessoas diziam-me que mudasse o titulo á minha producção, mas eu não acceitei o conselho, porque queria conservar á minha pequena obra o nome, e a fórma permittiva que lhe dei; e tambem entrava n'esta repugnancia á «crisma», um bocadinho de vaidade, por que eu tenho desvanecimento em ter tido um pensamento litterario, alguma coisa semelhante ao do abalissado e mimoso escriptor.

E quem sabe se nos mesmos dias em que s. exc.<sup>a</sup> escrevia—A Casa dos Fantasmas—eu escreveria tambem—A CASA NEGRA?!— Isto que fica dito não é para quem pôr algum termo de comparação no merecimento dos dois escriptos, porque isso seria irrisorio! Foi unicamente para provar a quem ler—A CASA NEGRA— que eu não plageei o romance do snr. Rebello da Silva.

A Casa dos Fantasmas é um romance lindissimo, com uma linguagem elegante, escolhida, cheia de naturalidade e graça que distingue os escriptos do snr. Rebello da Silva. A casa dos Fantasmas, é mais uma bonita flôr que se desprendeu dos biccos da sua delicada penna; — A CASA NEGRA — é... o que os meus leitores vão ver.

Veiga, 23 de Junho de 1866. EPHIGENIA CARVALHAL.

## A CASA NEGRA

A hora em que mais fundo inspira o somno  
Ouvii-se horrendo grito, unico; estranho!  
D'onde? de quem? porque? ninguem o soube, etc.

A. FELICIANO DE CASTILHO.

(Noite do Castello).

A aldeia do Nogueiral é uma pobre, mas pittoresca povoação que se espreguiça descuidosa pela falda d'uma elevada serra. Banha-lhe os pés um riacho que serpenteia por entre moitas de verdura, e sobre um tapete de areia fina e lustrosa.

A meia encosta da serra, eleva-se a elegante igreja de parochia, e a um dos lados, vê-se um cemiteriosinho gracioso e simples, simples como é tudo nas aldeias. Mas esta leva de vantagem a muitas, o ter um extenso e frondoso bosque de gigantescos sobreiros e carvalhos, escurecido aqui, e além, pelo verde negro de copados medronheiros.

Este bosque estende-se desde a povoação até um rio que se precipita em impetuosa corrente d'umas rochas dentadas e negras.

Perto d'esta queda d'agua, e a um kilometro da aldeia do Nogueiral, eleva-se uma casa de bonita apparencia, mas que escondida assim entre corpulentas arvores, e embalada pelo rugir impetuoso da corrente, nos faz lembrar mysteriosos crimes!...

As suas paredes são alvissimas, mas não obstante, o povo denomina-a — **A Casa Negra** — e contam d'ella coisas horrorosas!

Um veneravel velho, e uma encantadora menina a tinham habitado. Era pai e filha; mas havia dois annos que essa joven, esquecendo o decrepito pregenitor, fugiu da casa paterna com um homem que lhe segredou aos ouvidos innocentes palavras de tentação; e o triste velho succumbiu ao peso da vergonha e da saudade! E a filha não veio chorar sobre a humilde campa do pai que ella assassinou! Ninguem mais ouviu fallar n'ella na aldeia do Nogueiral.

Um anno esteve a casa deshabitada, mas alguns camponezes que recolhiam mais tarde para os seus casaes, e que passavam perto da **Casa Negra** vinham contar, tranzidos de medo, que tinham ouvido gritos sabidos da casa deserta.

Passado um anno, viram chegar á aldeia o raptor de Deolinda, a filha ingrata; mas em vez da desgraçada, acompanhava-o outro homem de rosto sinistro e repugnante.

Algumas raparigas da aldeia, ousaram perguntar por Deolinda, e o infame raptor, respondeu que a tinha desposado, e que vivia no Porto, no seio da abundancia e da felicidade.

Tomou o caminho da Casa Negra, que, dizia elle, vinha arrendar áquelle seu amigo que o acompanhava, e que alli se vinha estabelecer.

Depois de instalar na **Casa Negra** o seu novo habitante, deixou a aldeia do Nogueiral, levando mil presentinhos e lembranças que as raparigas mandavam á sua companheira nos folgedos infantis.

O viver do novo habitante da casa negra era um viver cheio de mysterios, e principiou a despertar suspeitas nos animos rudes e singelos dos aldeãos do Nogueiral.

Quem era esse homem? D'onde vinha? Para que fim veio habitar uma casa ha tanto tempo dezerta de gente viva, e só, no dizer do povo, povoada de espectros?

Eram estas as perguntas que entre si faziam os pacificos habitantes do Nogueiral.

Alguns mais curiosos, chegaram a examinar que na *casa negra* não se accendia o lume em todo o dia, e só ás horas d'alto silencio da noite, se viam sahir nuvens de espesso fumo, e ao mesmo tempo ouvia-se dentro da casa muito barulho, e rostos sinistros apparecerem pelas janellas!

O que fazia alli esse homem? para que arrendou elle essa casa, se os terrenos que a circundavam continam incultos?

Assim passaram oito mezes; os moradores da aldeia fazendo os seus commentarios, bem pouco lisongeiros ao mysterioso habitante da *casa negra*, e este sem se importar com elles, nem com a curiosidade que o seu viver excitava, proseguia no seu mysterioso existir. Poucas, bem poucas vezes, sahia de casa, e quando o fazia era para comprar provisões.

As velhas do Nogueiral diziam umas ás outras que aquelle homem tinha pacto com o demonio, e que tinha vindo presidir ás reuniões que os *espiritos* faziam n'aquella casa amaldiçoada.

Estavamos no fim d'outubro, em dia de Santos.

As raparigas, e rapazes faziam os *classicos magustos*, e dançavam alegremente em volta das fogueiras, aonde as castanhas estalavam. Os velhos entretinham-se nos seus misteres da lavoura, e as velhas conversavam no seu predilecto assumpto — a *casa negra* e o seu habitante.

A tia Brizida — a mais velha da aldeia — estava assentada no ultimo degrau da escada da sua casa, e mais duas mulheres idosas tambem, estavam acorodadas junto d'ella.

—Ai! Senhora do Amparo — dizia uma benzendo-se — eu cada *bes* que me *alembra* o que *bi* hontem á noite!...

—E que foi tia *Entonha*? — procurou uma das companheiras.

—Jesus, ainda estremeço em pensar em tal! Bento nome de Deus! — E a velha tornou-se a benzer.

—Mas que foi, tia *Entonha*?

—*Probablemente* passou perto da *casa negra* — respondeu a senhora Brizida com ar sentencioso.

—Justamente, senhora *Brigida*; eu *le* conto o que *bi*:

—O meu *Zé* tinha ido cortar estrume para o monte da fidalga, e que, como sabem, fica perto d'essa casa endemoninhada. Anoteceu, e elle sem *bir*! Tive medo que *le tibece* succedido alguma cousa má, cobri o capote pela cabeça e fui-me em *cata* d'elle.

Quando passei pela *casa negra* *estaba* esta tão socegada e muda como um *cemiteiro*, mas mesmo assim *tibe* medo; eu ia a resar no meu *rosairo*, e sem saber como, este cahiu-me da mão, e eu senti passar perto de mim a *modo* de um bode negro, e ouvi patas a godijar! Benzi-me e passei adiante. Cheguei ao fim do monte, chamei pelo meu *Zé*, mas elle não me respondeu.

—Ai! Credo Bento — disseram as outras velhas — em tal sitio, e a tal hora e vocemecê sósinha!!

—E eu só! não ouvia senão o barulho da agua do rio *prexepitando-se* das fragas, e o vento que passava *por riba* dos carvalhos! Chamei de *nobo* pelo meu *Zé*, corri o monte todo, e nada! Lembrei-me que teria ido pelo caminho do rio com os carros da fidalga, e *resolvi* a *boltar* para casa; mas quando tornei a passar defronte da *casa negra*... Jesus...

—Que foi?

—As *jinellas* *estabam* abertas, e d'ellas sabia uma luz, que luz! Ai S. Bento; — era uma

luz azulada, e n'uma das *jinellas* estava uma cara que *botaba* lume pela boca, nariz, e olhos!

—Ai! S. Sipriano — vocemecê está certa de *ber* isso?

—Se estou certa! Certa como estou de que logo quando os sinos tocarem pelos mortos elles hão-de *bir* em *percição* á roda da igreja.

—Eu fiquei *parba* de medo, e *oubi* gritos e gemidos que sabiam d'essa casa amaldiçoada, e a estes gritos, e a estes gemidos, respondiam outras vozes, se aquillo eram vozes, cantando umas cantigas, que só o diabo as entendia; e depois senti que dançavam lá dentro; de novo *oubi* os gritos e os gemidos, e o phantasma não se *mobia* da *jinella*, e continuava a lançar chamas pelos olhos, nariz, e boca...

—Cale-se, pelas chagas de Christo, tia *Entonha*: como pôde vocemecê vêr isso e não morrer?

—Eu levava comigo a correia de Santo Agostinho, e as bentinhas da Senhora do Carmo, benzi-me com ellas tres *bezés*, *dixe* o credo em cruz e *botei* a fugir para casa.

Eu queria que o *Entonho* do *Curral* *oubise* isto, esse que se ri quando a gente falla de bruxas, e de *espiritos*!!!

—Esse rapaz anda fóra da graça de Deus — accrescentou a snr.<sup>a</sup> Brizida.

—O outro dia — disse uma das velhas — vinha o meu *Joquim* do monte com as ovelhas e *biu* dois *homes* (cuidou elle que eram *homes*) que passeiavam no mais espesso do bosque que rodeia a *casa negra*, elle faz-se acercando d'elles cautelosamente para lhe *oubir* o que diziam... eis se não quando abriu a terra debaixo de seus pés, e os dois *tinhosos*, que outra coisa não eram, sumiram-se nas entranhas da terra!!

—Cruzes, Anjo Bento, que medo — murmurou a snr.<sup>a</sup> Antonia, benzendo-se.

—E' que o *Joquim* perdeu-os de *bista*, e elles tornaram para outro caminho do bosque — acrescentou a snr.<sup>a</sup> Brizida, com ares de duvida.

—Não, senhora, o meu *Joquim* *estaba* tão perto d'elles que se não podiam *esgueirar* sem elle os *ber*, e elle diz que se sumiram na terra,

—Pois olhe o seu *Joaquim* não era *home* que faltasse á *berdade* — accrescentou a snr.<sup>a</sup> *Entonha*.

—Lá isso não, nem por minas d'oiro.

(*Continua.*)

EPHIGENIA DO CARVALHAL.

## A' PATRIA

«Esta é a ditosa patria, minha amada»  
Este o jardim das matisadas flôres...

SOARES DE PASSOS.

Patria, patria, quem podera  
Tua fama renovar,  
Quem podera alçar um braço,  
Mil tyranos esmagar!  
Quem podera patria minha  
Fazer-te nobre rainha  
Dar-te imperio sobre o mar!  
Patria, patria, diz ao mundo  
Que inda tens valor profundo,  
Que te deixem respirar.

Sobe... ergue-te... diz bem alto  
Que inda és nobre Portugal  
Que inda tens d'outr'ora os brios  
E's mui nobre, mui leal...

Que te importa que os estados,  
Embora os mais potentados  
Se conspirem contra ti?..

Eia ávante!... Cruza os braços

Mas imprime nos espaços

Um grito de phrenesi.

Salvè patria dos Affonsos

Salvè, reino sem igual,

A ti só curvo a frente,

Só a ti, meu Portugal..

E's a patria dos guerreiros

D'esses mil aventureiros

Que domaram terra e mar...

E agora?... Eis já vencido...

Sobre a lança adormecido  
Sem a fronte levantar.

Patria... oh patria, se souberas

O valor que os mais te dão...

São mais santas tuas lendas

Que o famoso alcorão...

São tão bellas tuas terras

As hervinhas d'essas serras

Os teus rios de chrystal!..

Patria, patria. . tão amada,

Serás sempre venerada..

E's de Deus, oh Portugal.

Ergue-te, ó patria, accorda

D'esse lethargo mortal,

Dize ao mundo que inda és grande

D'outras eras, Portugal

Dize á Patria de Cervantes,

Dize ás terras mais possantes

Que inda tens o teu valôr!

Que te importa a terra inteira?

E's catholica... és guerreira

Temes só o Creadôr.

Outubro de 1866.

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL.

## A BATALHA DE GUADALETE

I

### INTRODUÇÃO

No anno 409 da era christã a peninsula hispanica, depois de ter supportado o jugo carthaginez e romano foi invadida pelos barbaros, que então assolaram a Europa e fizeram baquear o throno dos Cesares.

A Lusitania foi principalmente occupada pelos Alanos, cujo chefe era Resplandiano.

A estes succederam os Suevos no anno 420.

Andeca seu ultimo rei, sendo vencido por Leovigildo rei dos wisigodos, marcou a época do total desapparecimento da raça sueva, que pouco a pouco fôra attenuada, já pelas luctas com os gallegos, já pelas cruentas guerras dos Romanos.

Depois d'esta batalha a península foi habitada pelos wisigodos ou godos occidentaes.

Witisa, o Nero Wisigodo, foi um dos reis que adquiriu mais fama pela sua crueldade. Rodrigo filho de Theofredo, nobre dos mais distinctos, vendo as grandes crueldades, que o tyranno exercia em seu pae, chamou o povo á revolta

Witisa foi morto pela populaça exaltada e substituido no throno por Rodrigo.

Os parentes de Witisa julgando-se feridos nos seus direitos foram ter com Musa, governador da Barbaria (então colonia arabe) promettendo pagar-lhe um tributo se conseguisse collocar no throno algum d'elles.

O general Tarik, mandado por Musa com 12:000 homens, passou o estreito de Gibraltar e fortificou-se no monte Calvo, que depois se ficou chamando Gib-al-Tarik (montanha de Tarik).

Rodrigo ao saber d'este desembarque reuniu um exercito numeroso, que s'encontrou com o inimigo nas amenas margens do rio Guadalete.

## II

### O COMBATE

O dia amanhecera terrivel.

A abogada celeste, que durante a noite se conservava limpida e matisada d'estrellas, toldou-se de nuvens negras á medida que a aurora ia despontando e os dois exercitos se iam approximando.

Os raios do sol retidos por uma intensa nevoa e pelas espessas nuvens produziam uma sombra melancolica.

A suave brisa da noite foi substituida por um vento assolador.

A chuva cahia a torrentes, e os trovões longinquos echoavam pelos valles dos montes proximos.

Dir-se-hia que a natureza temia o choque das duas massas inimigas!!!

O momento da peleija aproxima-se.

Todos esperam com anciedade o signal da lucta. No rosto d'uns vé-se pintado o furor, que lhe ferve no peito; no d'outros a tristeza que lhe punge o coração.

As trombetas agareneas soaram, e os seus sons levados nas azas dos ventos foram repetidos pelo echo.

Todos se movem. Avançam os esquadrões, espada em punho. Tinem os ferros. Relincham os cavallos e tocam as trombetas.

O estandarte Wisigodo dentro de pouco tempo estava cercado por uma muralha de cadaveres.

A sorte declarou-se a principio a favor de Rodrigo, cujo exercito mais numeroso que o do inimigo, fez recuar os filhos d'Agar. Porém se era superior em numero tambem o era em traidores.

No meio do combate a divisão commandada por Oppas, arcebispo de Toledo, passou-se para o inimigo, que forte com este reforço cahiu sobre os Godos já quasi desmoralizados pela traição d'Oppas.

Então a carnificina foi horrivel.

Os arabes não embainharam os seus alphanes, senão quando o campo já estava quasi totalmente juncado de cadaveres.

Rodrigo, vendo-se trahido por uns e desamparado por outros, fugiu para Visen.

Assim começou o dominio mouro na península!!!

J. N. R. BOTELHO.

### QUE ARRUFOS!!!

(Vid. pag. 166)

Este, ao sahir a porta da casa de sua tia, tirou um cigarrõ do bolso e apertou-o. Como não trazia lumes com elle, veio caminhando com tenção de pedir lume, á primeira pessoa que encontrasse a fumar. Algumas passaram bem perto d'elle; porém, Eduardo, ia tão embebido a pensar nos arrufos com sua prima, que não deu fé. Passou, finalmente, tão perto d'elle, um janota todo aperaltado, que soltou uma baforada de fumo mesmo contra a cara de Eduardo, o que lhe fez lembrar que o seu cigarro ainda ia apagado. Aproximou-se pois d'elle a pedir-lhe lume, e quando o outro lh'o apresentava, Eduardo ia a cuspir, mas tão distrahido estava que o fez na mão do janota. Mas reparando logo no que fizera, pediu-lhe mil desculpas com toda a seriedade; mas sabe Deus a vontade que lhe ia na alma de soltar uma grande risada! O outro não se deu por offendido, e cedeu-lhe o lume, que elle lhe tor-

nou a entregar depois de accender o cigarro. Eduardo, custou-lhe, pelo caminho, a reprimir o riso, ao qual deu largas apenas chegou a casa.

No dia seguinte recebia Eduardo por um carpinteiro que trabalhava em casa da tia d'elle, a seguinte poesia:

POR ULTIMA RESPOSTA

Eduardo, li a tua carta,  
Que o carteiro veio trazer,  
Talvez julgas que não tenho,  
Mais nada para fazer.  
Melhor te deixes de contos,  
Estou pouco para brincar,  
Já estou farta e cheia  
De te estar a aturar.

Tu não sabes os motivos  
Porque eu tanto me arreneço,  
Nem os percisas saber,  
Mesmo eu não o quero.

Tu dizes, que notei em todo o teu corpo  
Signaes de grande defeito,  
Faltou-me ainda o melhor  
Que é o que não tem nenhum geito.

E' a tua linda cabeça,  
Que parece mesmo uma bolla,  
Mas olha lá! toma conta!  
Que ella anda muito á roda.

O que eu te posso dizer  
Que és uma perfeição;  
Tens uma linda carinha,  
Mas muito mau coração.

Eu bem sei que não exiges sacrificios,  
Nem eu por ti os fazia;

Eu havia de matar-me

Por quem se não mataria!

De teu irmão segue os passos,

Aprende a ser prudente,

Com o teu lindo modinho

Até és impertinente.

E' preciso paciencia

Para te estar a aturar,

Até agora ainda a tinha,

Mas ella vai-me a faltar.

Não penses que te tenho medo,

Não percisa tomar cuidado,

Cuidas que tenho receio

Por tu estares açanhado.

Não quero que me tornes

Agora mais a escrever;

Porque já não estou

Para te tornar a responder.

Findou aqui.

Eduardo, em vista da resolução em que estava Rita de tornar a responder-lhe, não se cansou a escrever.

No proximo domingo veio a tia de Eduardo, acompanhada de suas tres filhas, jantar e passar a tarde com a familia d'elle.

Quando Eduardo cumprimentou Rita, ella respondeu-lhe com muito bom modo, e passaram toda a tarde a conversar, como se nada tivesse havido entre elles.

Em que instante olvidaram as injurias que se lançaram em rosto nos seus versos!

Outra qualquer pessoa chamaria a isto *creancices*; eu, porém, não o farei, porque receio com isso offender os heroes do meu romance.

AUGUSTO QUEIROZ.

## O POETA

Quando o sol mergulha os raios  
 N'essas vagas d'além-mar...  
 Quando foge a luz do dia,  
 Para ás trevas dar logar...  
 Uma, a uma, mil ideias  
 Retraçadas nas areias  
 São as lucidas cadeias  
 Que o poeta vão cercar.

Noite! E's a hora do poeta  
 Nos seus sonhos divinães...  
 E's bissyllabo sagrado  
 C'roa etherea dos mortaes!...  
 Quem a sós, sobre essas fragoas,  
 Livre, livre, e sem ter magoas,  
 Ouve o sussurro das agoas...  
 Vê tremer os salgueiraes?

Quem conhece nos espaços  
 O poder dos altos céos?  
 Quem vê no sol, nas estrellas  
 O braço augusto de Deus?  
 Quem dispõe cataclysmos  
 Quem concebe idealismos,  
 Quem penetra nos abysmos,  
 Nas trevas dos mausoleus?

O poeta! E' esse o ente  
 Que sorri do vendaval...  
 Que lhe importa a elle o mundo?  
 Só o prende o ideal.  
 As loucuras d'esta vida.  
 Vans phantasmas são da lida,  
 Elle procura a guarida  
 D'uma senda immortal.

Porto, setembro de 1866

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL.

## MOSAICO

**A casa negra**—Começamos hoje a publicar este lindo romance, devido á mimosa penna da exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Ephigenia do Carvalho Sousa Telles, conhecida e intelligente romancista da ESPERANÇA, no tempo que era seu editor o snr. Antonio Pereira da Silva. Verão os nossos leitores que os não enganamos. A leitura da CASA NEGRA é muito agradável e interessante pelo facto de pôr em relevo as maneiras, ditos e costumes dos aldeãos da provincia de Tras-os-Montes.

**Modas para senhoras**—Na certeza e com a firme convicção de que prestamos ás nossas amáveis leitoras um bom serviço, extrahimos do *Diario de Noticias* de Lisboa, o seguinte artigo:

«Já appareceram em Pariz os primeiros modellos de chapéus para inverno, feitos na officina de mad. Auber, que na realidade são lindos, não obstante as pequenas dimensões das formas cuja exiguidade se concilia com as exigencias da temperatura. As pessoas friorentas não tem direito a apresentar duvidas e reeriminações, por que uns estendem-se para os lados de maneira que tapam os ouvidos; e outros são guarnecidos de fitas largas de velludo, que ficam por cima das orelhas, como continuação dos chapéus, erusando na barba, e fixas por um alfinete inglez invisivel, ou por um broche muito simples, para não affectar o aspecto de joia, e poder affrontar a luz do dia, tão hostile ás pedrarias.

Os vestidos são francamente curtos, sobre saias de cores vivas, e recortados por baixo, guarnecido o recorte com um volante encanudado de tafetá ou de casimira.

Em geral as pessoas elegantes fogem todas do uniforme nos factos; e a elegancia consiste em trajar de maneira que não se caia no ridiculo, mas que se não confunda com o vulgar. Todo o vestuario e mais accesorios, que offereçam certas commodidades, e sejam adequados ao uso que se lhes dá são sempre bem tra-

zidos, embora se affastem do commum. Isto entende-se tanto com as senhoras como com os homens.»

Depois d'este artigo, já vêem as leitoras, que nos exorçamos em lhes apresentar as mais recentes modas para o seu *toilette*. Se as nossas esperanças não falharem, brevemente contamos mimoseal-as com um bem lytographado figurino. Creiam vv. exc.<sup>as</sup>, nos exorços da nova empresa.

**Aneudocta**—Um lavrador abastado, mandou formar seu filho á Universidade, ancioso por lhe dar um modo de vida, muito honroso e lucrativo nas aldeias — A advocacia. — Uma bella manhã, entra-lhe o filho em casa radiante e satisfeito, como um general, que vem de vencer uma batalha.

— Meu filho, dize-me cá o que sabes — diz-lhe o pai mui pachorrento e tomando uma pitada, em quanto a mãe para festejar tão lauto dia, fritava meia duzia d'ovos na certã.

—Eu, meu pai, sei perfeitamente as artes liberaes, não me é desconhecida a rethorica e a poesia e sobre tudo sei sophismar.

—O que é *sophismar*? Cá os homens do campo, não foram a Coimbra, e não sabem a aquella de fallar...

—Eu lhe digo meu pai, o sophisma é um estratagema, ou melhor uma maneira de fazer provar ao auditorio, um absurdo, debaixo das apparencias de verdade. Olhe, eu exemplefico para me entender. Vê aquelles dois ovos dentro do prato?

— Vejo... mas que tem lá isso?

—Espere, lá vou já. São dois ovos como vê... pois, sou capaz de lhe provar que são tres. Ora ouça...

—Como assim? Eu só vejo dois...

—Ouça e não interrompa. Onde ha dois, ha um forçosamente... não é assim? Pois dois com um, são tres.

O pai sorriu-se, talvez de compaixão para com a sciencia, quem sabe?—e acrescentou:

—Isso é que é sophismar? Pois olha se assim é tudo, de nada te vale a tua sabedoria, melhor te deixasse agarrado á foice e ao arado queres agora uma rasão do meu dito? Então escuta: dos dois ovos, um é para mim, outro para tua mãe, e tu comes o tal imaginario.

Eis aqui como um lavrador, um homem sem recursos nem instrucção vence uma illustração, um individuo que tem gasto o seu tempo na convivencia com os livros, e homens doutos.

## EXPEDIENTE

*Prevenimos os nossos illustres assignantes que as assignaturas são pagas adiantadas aos trimestres, em conformidade com o novo programma. Os snrs. da provincia terão a bondade de enviarem o importe da sua assignatura, em estampilhas ou valles do correio, ao escriptorio da redacção e administração—Massarellos — rua da Fonte n.º 9. Annunciam-se as publicações de que se receberem dois exemplares. Os manuscriptos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituirão. Preço avulso da «Esperança»—60 reis.*

Por anno. . . . .	1\$200 reis
» semestre . . . . .	600 »
» trimestre . . . . .	300 »
» mez . . . . .	100 »

Para a provincia só accresce o importe das estampilhas.

## A CASA NEGRA

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 196)

N'este momento veio pôr termo á conversação das tres velhas, uma rapariga trajando com simplicidade, mas com certo luxo.

—Tenham muito boas tardes — disse a moça acercando-se d'ellas.

—Deus te dê as mesmas rapariga; isto é *nobidade* por aqui!

—Não acha?

—Pois olha que já ha um *bó* par de dias que te não puz os olhos em cima,—acrescentou a snr.<sup>a</sup> Brizida—nem no domingo na egreja; não ouviste missa rapariga?

—Não senhora, porque me foi preciso ficar em casa com a snr.<sup>a</sup> D. Vicentina.

—Então tua ama não está melhor?

—Alguma coisa, mas não de todo.

—A snr.<sup>a</sup> Fidalga *debe* estar muito mortificada com a molestia da filha a quem tanto quer.

—Não fazem vm.<sup>cos</sup> ideia; ha perto d'um mez que lhe não visitava os labios um sorriso, mas hoje vi-a rir-se deveras.

—E porque?—procurou com curiosidade a snr.<sup>a</sup> Antonia.

—E' porque o seu Joaquim, snr.<sup>a</sup> Margarida, foi-lhe contar uma historia muito curiosa d'uns homens que vira sumirem-se debaixo da terra, no bosque que circunda a *casa negra*!!

—E tua ama ria-se d'isso?—perguntou admirada a snr.<sup>a</sup> Margarida.

—Ria, sim, e a bom rir, e eu fiz-lhe companhia. O' snr.<sup>a</sup> Margarida, o seu Joaquim quantos quartilhos tinha bebido n'esse dia?—E a moça soltou uma risada.

—Quaes quartilhos nem meios quartilhos!

—respondeu a velha com azedume—tu é que me parece que vaes a estar uma herege!

Malfadada foi a hora em que tua mãe te deixou ir para essa casa aonde perdeste a religião.

—Por fim hade-te acontecer como á *alam-bicada* da filha do snr. Anselmo, que Deus tem; tambem se ria de tudo o que é sagrado, e por fim pregou-a ao pai na menina do olho.

—Não me compare com essa infeliz, senhora Antonia; ella perdeu-se, e matou o pai, porque uma má tentação a venceu; era formosa e rica, por isso foi cobiçada; mas nem ella, nem eu, noŝ rimos das coisas sagradas.

—Dizem a mim que não.... Olha, uma noite, e era noite de S. João, por signal, estava eu em casa d'ella, n'essa excommungada *casa negra*, e eu fallei em ir apanhar berbena, e alfasema pelo orvalho, duas ervas que apanhadas n'esta noite, servem para se advinhar qualquer coisa que a gente queira saber, e Deolinda ria-se a bandeiras despregadas, e chamou-me *imprismeira*! Outra *bez* *estabamos* a fallar em bruxas e *espiritos* e ella mandou-nos callar, e disse que aquillo era tudo uma *patranha*, uma *impestura*!!!

—E tinha razão—acrescentou a rapariga—as minhas amas tambem não consentem que fallem n'isso diante d'ellas, e despersuadem as pessoas que acreditam n'essas coisas.

—Ora diz-lhe que me despersuadam a mim — disse a snr.<sup>a</sup> Brizida em ar de desafio.

—Ou a mim.

—Ou a mim, tambem—disseram em coro as tres velhas.

—Persuadia, persuadia; a senhora convence com taes razões que é impossivel resistir-lhe.

—Olhem, eu quando para lá fui, tambem acreditava em bruxas e espiritos.....

—E agora não acreditas?

—Não, senhoras.

—Cala-te rapariga, que nem te posso *ou-bir* tal. Anjo bento que tal tu estás já!!!

—Se tu *bices* o que eu *bi* uma noite.... ai Credo, ainda me não posso lembrar de tal—E a snr.<sup>a</sup> Brisida benzeu-se, as outras velhas abriram desmesuradamente os olhos, e a rapariga sorriu.

—O que *bio* snr.<sup>a</sup> Brigida? — procurou Margarida.

—Oh! filhas, Deus *bos libre* de *ber* tal!...

Era uma noite negra, negra como um *carbão* e eu *bi* ao redor da igreja uma longa procissão de phantasmas, todas vestidas de branco, e com *bellas* accesas na mão, e resavam e gemiam, e choravam que se partia mesmo o coração de quem os *oubia*.

—E vm.<sup>co</sup> *oubiu-as*, senhora Brigida?

—*Oubi, oubi*, com este, e com este—disse a belha, apontando para os ouvidos; depois acrescentou: — Que diria tua ama se eu lhe contasse isto, *Jabel*?

—O que ella diria não o sei, mas eu pela minha parte digo-lhe que isso era brincadeira dos rapazes da aldeia, ou penitencia que alguém andava a cumprir.

—E's uma tola, nem era uma nem *outra* coisa,—eram *espiritos* que andavam ás procissões que n'este mundo deixaram de acompanhar.

—Bem faço eu que as tenho andado todas, para cá não *bir* depois.

—E eu.

—E eu.

A rapariga sorriu-se.

—Riste, grandecissima tola? — procurou a snr.<sup>a</sup> Brizida — Pois eu te conto *outra* que eu *bi*.

Quando o meu *home*, que Deus haja, era

pastor, eu ia levar-lhe a ceia; uma occasião elle *andaba* longe com o redil, *andaba* no *balle do rio-pardo*, e eu quando *binha* para casa passei n'aquella encruzilhada que *bós* sabeis, e *bi* um rebanho de patas a sapatiaem, e a grosnarem... Arrepiaram-se-me os cabellos, e *desbiei-me* do caminho; mas de repente, as bruxas deixaram de dançar, *lebantaram bóo*, passaram junto de mim, e era tal o *bento* que faziam que me *ergeu* do chão como se fosse um *polborinho*, e levaram-me... eu sei lá para onde! o que sei é que ao outro dia amanheci no *balle do rio pardo*, mesmo ao pé do redil onde *estaba* o nosso gado, e tão cheia de pisaduras, e tão moida *estaba* como se me batessem com um sacco de areia com doze *bintens* dentro.

—E que dizes a isto *Jabel*? — procuraram as attentas ouvintes da snr.<sup>a</sup> Brizida.

—Eu o que digo—respondeu a rapariga — é que a snr.<sup>a</sup> Brizida adormeceu no *val do rio pardo* e sonhou que se tinha vindo para casa, e que vira *patas* ou bruxas.

—Qual sonho nem qual *carapuça*; eu *estaba* acordada como agora estou.

—E tambem dormirá toda essa gente que *bé* os phantasmas na *casa negra*? — procurou a snr.<sup>a</sup> Antonia.

—Quaes phantasmas? isso é gente viva, não são espiritos.

—Quantas pessoas habitam a *casa negra*, *Jabel*?

—Um homem só, ouvi dizer, snr.<sup>a</sup> Brizida.

—Porque é então que o *Joquim bio* perto d'ella dois *homes* desconhecidos, e que se sumiram pela terra abaixo? E porque rasão a tia *Entonha bio honte* á noite um phantasma na *jinella* a *botar* lume pelos olhos, nariz e boca; e *oubio* dentro um barulho tal que parecia que todos os *tinhosos* do inferno, andavam a dançar alguma walsa infernal?

—Eu não sei o que isso é, snr.<sup>a</sup> Brizida, mas o que lhe posso dizer com certeza é que tudo isso é feito por gente viva, fosse ella qual fosse, porque diz a minha ama: —Espírito que vai, não volta.

—Ai! bento nome da Santissima Trindade!—murmuraram as tres velhas—tua ama está aqui, está no inferno!

—Por não crer em espiritos? — procurou a rir a rapariga.—Se elles não voltam...

—Ai, cruces, que *mafarrico* de rapariga esta!!

—Deixem-a fallar a ella, e á ama; dizem que não *boltam* cá as almas do *outro mundo*, mas por casa as tem trazido...

—Não?—procurou a rapariga admirada.

—Sim, sim. Pois eu não *oubi* dizer ha dias a dois *cabalheiros* que iam passando, e que vinham de casa de tuas amas:—Muito *esprituosa* é a menina Vicentina...

—Então vocemecês que entendem d'isso?

—Entendo o que toda a gente ha de entender—que a snr.<sup>a</sup> D. Vicentina é muito annexa aos *espritos*.

A rapariga soltou uma gargalhada.

—Riste, grandecissima tola?

—Podera não rir, snr.<sup>a</sup> Brizida; ha! ha! ha!

—Então tu, minha alambicada, que entendes do dizer dos *cabalheiros*?

A rapariga ia a responder, quando n'um movimento que fez, deu com os olhos em um guapo mancebo que estava parado em frente da escada, e que ouvia com toda a attenção a conversa das velhas, e da rapariga.

—Ai, o snr. Antoninho!—exclamou Isabel.

—Quem é aquelle petimetro? — procurou a snr.<sup>a</sup> Brizida.

—E' o primo da minha ama nova, aquelle com quem ella está para casar. (*Continua.*)

## A FILHA DA BARONESA

CONTO ROMANTICO

### I

—Anda, Arminda, prepara-te que são horas d'ir para o baile — dizia para uma joven, uma senhora mais idosa, mas muito *coquète* e perfumada.

—Espere lá, mamã—tornava a filha—não sei para quê, tanta pressa. Ainda nem se quer chegou o papá.

—Que temos nós com isso? E' muito bôa! Eu hei-de ir quando quizer e gostar, percebeste? Guarda a tua sabedoria para outra occasião. A gente, quando quer ser estimada, porta-se com toda a outra gente.

—Então eu que crime commetti? A apostar que se tracta d'algun anathema da fulminação? O que eu disse ha pouco, repito-o agora: a mamã não é a livre senhora de suas acções... a mamã tem uma tutela superior que lhe veda os passos, e ai do socego d'esta casa, se ella suspeitasse mesmo de leve dos pequenos tomboos que a mamã tem dado junto do abysmo. Não me entende? Quer que me explique?

—Não é necessario. Eu não sou tão ignorante como tu me fazes. Não tive principios, é verdade; mas tenho tanta ou mais honra do que aquellas que se affizeram a estudar desde o berço. Pensas tu que os homens gostam d'uma mulher que sabe meia duzia de bonitas palavras? Boa vai ella. Vale mais uma contrabandista, que diz quatro asneiras, mas que tem o canto da caixa coberto d'amarellas, e a bolsa bem quente, do que uma menina delicada, que sabe de cór os *dicionarios* e quantos *cartapacios* ha.

Teria razão, a snr.<sup>a</sup> baronesa d'Azambuja? Qual tinha. Enganava-se muito redondamente. Afóra meia duzia de loucos ambiciosos, ninguem quereria ligar-se a uma mulher estúpida, que questionasse continuamente a proposito da mais insignificante questão. Uma mulher d'estas não pôde fazer feiz homem algum. A intelligencia é mais apreciavel que o mais recheado de todos os thesoiros.

Eu escuso de pedir perdão á minha leitora: Tenho a certeza, que ella ha de ser tão intelligente como encantadora. Encantadora, sim: a leitora que tem actualmente o meu escripto entre mãos é forçosamente um anjo, meigo, puro e divinal como todos os mythos das mansões celestiaes.

Diga-me então, v. exc.<sup>a</sup> que é pessoa competente na materia. Supponhamos que v. exc.<sup>a</sup> se esforçava por ser amada por qualquer individuo, e para lhe agradar, que proferia: ser rica ou intelligente? Não me faça ficar mal, por quem é...

V. exc.<sup>a</sup> encolhe os hombros e responde-me apenas com um sorriso. Fiquei desapontado. Mas não, isso quiz dizer, que a pergunta era tão escusada, que não havia resposta natural. Uma senhora intelligente, é um ente divinal; acima d'ella, só Deus.

Mas não o entendia assim a sr.<sup>a</sup> Baroneza d'Azambuja, que queria que sua filha tivesse o seu cunho litterario, que não era nenhum absolutamente. Tendo na sua mocidade, sido creada de contrabandista, e depois da sua morte nomeada por sua testamenteira a sr.<sup>a</sup> Joaquininha, nome que até então tinha, foi requestada pelo barão d'Azambuja, que a recebeu finalmente. Depois mudaram-se as scenas; de simples Joaquininha, quer ser D. Joaquina, ter Dom, excellencia, cavallos, carruagens, vestidos, e quantos caprichos a accommettiam. Tornou-se *femme gatée*... como lhe chamaria algum poeta, se por acaso tivesse taes conhecimentos; mas infelizmente não tinha.

—Menina—tornou ella a sua filha, depois d'alguns instantes de silencio — são já horas e o carro está prompto, se me quizeres acompanhar... muito que bem, senão lá te havém com os teus romances.

—Eu vou, minha mãe, não vale a pena renegar-se por tão pouco.

## II

Duas horas depois entravam as nossas duas heroínas no salão do baile, em casa do conde de

Villar de Paraiso. Uma brilhante reunião ahi se ostentava. Arminda foi logo cumprimentada, pela flor da alta gerarchia ahi estacionada.

Era uma menina verdadeiramente formosa. A minha penna é completamente impotente para a descrever... e apenas, com muito custo, poderei dar alguns leves traços d'aquella prodigiosa tella. Tinha o rosto muito alvo, e ligeiramente tinto de encarnado. Os cabellos mais loiros que os de Daphne, uma bocca microscopica, onde pairava muitas vezes um sorriso voluptuoso, e uns olhos azues muito vivos e brilhantes. Depois d'estes predicados juntellhe uma certa morbidez, uma tal ou qual galanteria, e uma intelligencia fecunda e espirituosa, e digam lá na sua consciencia, se esta mulher não era arrebatadora.

Ahi está a leitora já com inveja de Arminda... e mal sabe quanto se engana, porque o seu rosto não fica a dever nada ao da filha da Baronesa... isto é o que me parece. V. exc.<sup>a</sup> depois decederá em frente do toucador se eu tenho ou não rasão.

Tornemos á nossa historia. Entre a roda de cavalheiros — desculpem; isto é termo de baile—havia um joven alto, trigueiro e bem feito do corpo. A primeira vez que ousou fitar os olhos no corpo da gentil Arminda uma chamma inextinguivel se apoderou do seu coração. Desde então o joven não podia desviar os olhos da sua *casta diva*, e cada palavra que ella dava para as pessoas que a acompanhavam, era uma punhalada que o pobre amante sentia no mais intimo do coração. Seria amor esse acrisolado cuidado? Oh! o amor, o amor! Ha ahi nada, que sendo mundano, produza tão brilhantes milagres?

E' o amor que faz com que a timidez desapareça, e seja substituido pelo affecto e ousadia, é o amor que faz com que o homem, para se tornar digno aos olhos do ente que ama, postergue de si todos os actos improprios e indignos, e só ame a virtude e a verdade; é o amor finalmente, aquelle que nos faz obrar durante a vida, aquillo que nos estaria reservado só além da campa.

Roberto de Mesquita — tal era o nome do

joven—amou com todas as forças do seu coração a elegante menina. Tudo quanto podia attrahir um homem, tudo Arminda possuia. Era bella, nova, intelligente e opulenta, que mais desejavam? O que resta saber, e que sem duvida os leitores me perguntarão, é se Arminda amava Roberto. Esperem lá, meus senhores, o que eu ia a dizer, ainda me não esqueceu. Pois bem. Arminda amou esse joven alto e trigueiro, cujo rosto era carectrisado por um longo e espesso bigode negro.

Eram duas horas da noite. No baile do conde dança-se com animação e delirio.

N'uma sala mais affastada, Roberto aos pés de Arminda, protesta-lhe o mais santo e puro de todos os amores, e ella da mesma maneira, o tenta arrebatrar por o mais angelico e seductor de todos os sorrisos humanos.

E assim terminou o baile. No dia seguinte, recebeu Arminda a seguinte carta:

«*Meu anjo,*

As grandes commoções communicam-se magneticamente. Ante-hontem vi-te pela primeira vez, hontem tive a honra de te ver e a felicidade de te declarar o meu amor, e hoje escrevo-te a primeira carta. Oxalá, que o amor se nós torne um manancial de verdores e jacinthes, e que em vez do tufão da descrença e do desalento, nós possamos receber as auras puras e suaves d'uma afeição reciproca. Já te disse e não me canso de te repetir, que te ama com todas as forças do seu coração, quem confessa ser

teu amante eternamente

*Roberto de Mesquita»*

Depois de a ler, Arminda mettu esta carta no seio.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

(*Continua*)

## O CAPITÃO RICARDO

ROMANCE ORIGINAL

PCR

ALEXANDRE DUMAS

(Traducção)

INTRODUÇÃO

Pouco mais ou menos a 18 legoas de Munich, se eleva a pequena cidade bavara Donauwœrt, situada nas margens do Danubio.

Hoje, que uma linha ferrea passa por lá, a cidade tomou alguma importancia, o que não tinha no começo do presente seculo.

No dia 13 d'Abril de 1809, de tarde, chegou á antiga cidade livre, o velho general Berthier, principe de Neuchatel, com um grande estado-maior. Desde então espalhou-se o boato de que o vencedor de Marengo escolhera Donauwœrt, como ponto de partida das operações na campanha, que ia emprehender contra a Austria; affirmando-se tambem que Napoleão vinha d'ahi a 3 ou 4 dias.

O orgão principal d'esta campanha, era a rival da França: a Inglaterra.

O mesmo aconteceu a Portugal que foi induzido pela alliada a faltar ao cumprimento do tratado d'Amiens.

Napoleão ao saber isto contentou-se com escrever.

«A casa de Bragança cessou de reinar.»

Felizmente o grande genio enganou-se. Foi então que teve lugar a occupação franceza em toda a península.

A 27 de Maio de 1808, rebentou uma insurreição em dez pontos da Hespanha e particularmente em Cadiz, onde os insurgentes se apossaram da esquadra franceza, que alli se recolhera depois do desastre de Trafalgar.

Depois, em menos d'um mez, espalhou-se por toda a Hespanha, o seguinte cathecismo:

—«Que és tu meu menino?

—Hespanhol, por graça de Deus.

—Que queres dizer com isso?  
 —Que sou um homem de bem.  
 —Quem é o inimigo da nossa felicidade?  
 —O imperador dos francezes.  
 —Quem é o imperador dos francezes?  
 —Um malvado! fonte de todos os males, usurpador de todos os bens e foco de todos os vicios.  
 —Quantas naturezas tem?  
 —Duas: a humana e a diabolica.  
 —Quantos imperadores dos francezes ha?  
 —Um só verdadeiro em tres pessoas infames.  
 —Como se chamam?  
 —Napoleão, Murat e Manoel Godoi.  
 —Qual d'elles é mais malvado?  
 —São todos eguaes.  
 —D'onde deriva Napoleão?  
 —Do peccado.  
 —E Murat.  
 —De Napoleão.  
 —E Godoi?  
 —Dos outros dois.  
 —Qual é o caracter do primeiro?  
 —O orgulho e o despotismo.  
 —Do segundo?  
 —O roubo e a crueldade.  
 —E do terceiro?  
 —A ambição, a traição e a ignorancia.  
 —Quem são os Francezes?  
 —Antigos christãos, hoje herejes.  
 —Que suplicio merece o hespanhol que faltar aos seus deveres?  
 —A morte e o desprezo.  
 —Como devem portar-se os hesponhoes?  
 —Segundo as maximas de Jesus Christo.  
 —Quem nos livraria dos nossos inimigos?  
 —A confiança em nós e nas armas.  
 —E' peccado matar um francez?  
 —Não, não, ganha o céu quem matar algum d'esses cães, d'esses herejes.»  
 Seguiu-se uma insurreição geral, que obrigou o exercito francez a capitular vergonhosamente a 22 de Julho de 1809.  
 A 31 do mesmo mez um exercito inglez desembarcou em Portugal.  
 Depois seguiu-se essa pagina gloriosa que

veio enriquecer a nossa historia portugueza. Que o diga Vimieiro, Bussaco e outros.

Porém deixemos Portugal e vamos á Austria.

A Inglaterra disse ao imperador Francisco II: Napoleão está a 700 leguas de Vienna, precisa de ter todas as forças consigo e portanto agora é occasião de lhe tomardes a Italia e de o espulsardes da Allemanha.

A Austria reuniu um exercito de quinhentos mil homens, entregou-os aos tres archiduques Carlos, Luiz e João e disse-lhe: «Ide, minhas aguias negras, ide despedaçar a aguia vermelha da França!»

Voltemos a Donauwœrt.

No dia 14 já os pacificos habitantes foram despertados ao raiar da aurora pelo rufar dos tambores.

Eram os regimentos francezes, que se concentraram em Donauwœrt, como Berthier ordenára.

No 17 todo o povo, á excepção dos velhos paralyticos e das crianças, que eram forçados a ficar em casa, entulhava as ruas, principalmente aquella, onde desembocam as estradas de Nordlingen e Dilingen.

Napoleão, vindo ha pouco d'Hispanha, estava nas Tulherias, quando no dia 12, á tarde, recebeu o seguinte officio do archiduque Carlos:

«Segundo a declaração de Sua Magestade o imperador da Austria, previno o sr. general em chefe do exercito francez de que tenho ordem de marchar com as tropas do meu commando, e de tratar como inimigas quaesquer outras que m'opuserem resistencia.»

O imperador partiu immediatamente no dia 13, pela manhã; era esperado em Donauwœrt no dia 17.

A's 9 horas da manhã d'este dia todo o povo correu com grande gritaria da extremidade da rua Dilingen para o centro da cidade.

Era um correio vestido de verde, que precedia a carruagem imperial, a qual já vinha a meia legua de distancia.

Passou rapidamente a rua Delingen fazendo signal com o chicote para que se retirassem

de diante d'elle, metteu-se pelas ruas tortuosas que conduzem á cidade alta, reapareceu na praça do castello e entrou por baixo da porta da antiga abbadia de Santa-Cruz, que na occasião presente era o palacio real.

Berthier com o seu occulo já tinha avistado as carruagens dez minutos antes da chegada do correio.

Napoleão passou como um relampago a atravez das ruas, subiu a rampa do castello sem affrouxar o passo dos cavallos e apeou-se no pateo do palacio, onde o aguardava Berthier.

Os cumprimentos do imperador eram serios; deixou cahir um «bom dia Berthier,» que o principe de Neuchatel apanhou, murmurando e roendo as unhas.

Em seguida subiu a escadaria, entrou no quarto, e, em quanto que um creado lhe tirava o colchão da sacca de coiro e o estendia a um canto, correu a um mappa da Baviera que estava sobre uma mesa.

Depois teve com Berthier uma conferencia relativa aos negocios militares, que foi interrompido pela vinda d'um mensageiro de Davourt.

(*Continua*)

J. N. R. BOTELHO.

### N'UM ALBUM

Esp'ranças, disvelllos, risonhos anhelos,  
Que sonhos, tão bellos, na vida gosei...  
Minh'alma sentida, d'amor desunida  
Perdeu-se na vida... não mais viverei!...

Findou a alegria, que outr'ora sentia  
Que sempre sorria, fallando d'além...  
Fallava d'um mundo, ethereo, jucundo  
Mui alto, profundo... alegre tambem.

Amor delirado, no mundo ganhado  
E' mal empregado, em muita mulher...  
Ha damas d'agora, que imitam a Cora  
Dos tempos d'outr'ora... mais vale morrer!

Mas mesmo no olvido, de todo esquecido,  
Meu corpo ferido; não ha de findar...

Embora o cynismo me atire ao abysmo,  
Não ha egoismo... que possa matar.

Novembro—1866.

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL.

### O CAVADO

Como são lindas as margens,  
Que o meu rio vem ornar  
Cobertas de mil ramagens  
E todas a verdejar,  
Como dão sombra tão grata  
A essas agoas de prata,  
Que além vão a murmurar.

Lá nos teus prados virentes,  
Adornados pelo til,  
As borboletas contentes  
Doidejam a mil e mil  
Poisando por sobre as rosas  
Que tuas agoas formosas  
Beijam bem tintas d'anil.

Por sobre as tuas areias,  
Assim de tanto fulgor,  
Vem em bando as Nereias  
Protestar-t'ó seu amor,  
Quando o zephiro fagueiro  
Nas folhas do limoeiro  
Ver-te aprasivel frescor.

O correr de tuas agoas  
Ai que harmonia não tem,  
Quando lá por entre as fraguas  
Sussurrando vão além.  
Quando co'o carpir plangente  
D'essa rolinha innocente  
Teu carpir casas tambem.

Quando no seixo alvejante  
Entornas meiga canção,  
E' qual a voz que um amante  
Solta do seu coração

Ao ver nos olhos d'amada  
Essa chamma incendiada  
Da mais sincera paixão.

Em noites do quente agosto  
A lua nos crystaes  
Acha prazer, acha gosto  
Ver as faces divinaes  
Ir beijar mui carinhosa  
A violeta e a rosa  
De teus risonhos rosaes.  
Oh! jamais a natureza  
Fez outro rio igual  
Assim com tanta belleza  
Por sobre o meu Portugal,  
E' o rio dos amores  
Deslisandô entre os verdôres  
Da minha terra natal.

A. P. A. CARVALHAES.

## MOSAICO

**Modas.**—Ahi apresento ás estimaveis leitoras, um dos melhores espelhos de que França e Portugal necessitam, para se servirem d'elle na actual época, e depois de o analysar de principio a fim, dirão quanto vale o recreio da *Esperança*. Eil-o:

«Os vestidos teem 6 metros e 50 centímetros na borda inferior da saia; na superior são chatos a diante e nos quadris; formando apenas duas pregas dobradas, ao centro do vestido, pelo lado de traz. Os vestidos curtos são unicamente admittidos nas toilettes de manhã. Este inverno os paletots pretos de panno, de cachemira e de *poult-de-soie*, terão uma grande maioria; o feitto será quasi invariavel, resumir-se-ha no *paletot-sac*, tornado mais ou menos elegante, com bordados, galões, contas, etc. Em compensação haverá muita variedade nos corpos dos vestidos, feitos de *mohair*, e cachemira branca ou de côr, com ornatos de entremeios de *gripure Cluny*, postos sobre fexas de tafetá de côr *viva*. Os entremeios ficarão tambem muito elegantes, feitos de seda, e *crochet*, ou a frioleiras. Os *corselets* reinarão ainda este inverno. As cinturas conservar-se-hão redondas e curtas, com roseta, ou *chou*, collocada ao lado. As meias de lã escossezas obterão este inverno as sympathias do *high life*.

**Pobre dandy!**—N'uma festa publica, estava um dandy, muito acanhado, collocado por detraz d'uma dama, que elle considerava a sua *Dulcinéa* d'el Toloso, e por causa de quem sentia os íntimos d'alma, abrasando-lhe o mais possivel. Aqui começa a intalação do pobre amante! Junto d'aquella que adorava, o coração dava-lhe no peito terriveis saltos, e impellia-o a fazer á sua *Ella*, uma declaração amatoria, mas a timidez subrepujava-lhe os desejos do coração. A final por uma d'essas resoluções repentinas, e auxiliado por um incidente natural, o nosso heróe, determina-se a incetar conversação com a dama. Procurára como assumpto a simples casualidade d'uma borboleta ter poisado no chaile do seu *bem amado*.

—Minha senhora—lhe diz elle, treffulo—v. exc.<sup>a</sup> tem... um animal pelo lado de traz.

—Ai, meu Deus—respondeu á dama voltando-se assustada—eu ignorava que o senhor estivesse aqui.

**Talento demosthenico**—Certo official, que se dizia muito versado em oratoria e historia militar, e que fallava frequentes vezes d'Alexandre e de Pompeu, estando um dia a fallar na derrota de Carlos Alberto, e querendo terminar o seu discurso por uma phrase pomposa, disse:

Desenganem-se, meus senhores, as grandes questões de principios, não se decidem, senão ao som do clarão dos canhões.

**O olho de vidro**—Com este titulo acaba o nosso primeiro romancista, e distincto collaborador, o snr. Camillo Castello Branco, de publicar um excellente romance historico. E' quanto basta saber que é escripto pelo talentoso auctor do *Judeu*, *Anathema* e *Agulha em palheiro*, para se lhe tecer os mais lisongeiros encomios.

Quem escreve estas linhas, redigirá em qualquer dos proximos numeros uma revista scientifica e litteraria, e então terá occasião de fallar d'esta e d'outras publicações, assim como da companhia lyrica e do seu empresario o J. Paccini.

**Expediente**—A redacção e administração d'este jornal é em Massarellos—rua da Fonte n.º 9—Porto.

## NECROLOGIO

PORTO, 15 DE NOVEMBRO DE 1866.

Portuguezes! falleceu um homem notavel o rei desthronado, o martyr da convenção d'Evo-ra-Monte. O snr. D. Miguel de Bragança deixou d'existir!

Esqueçamos por um momento, essa epocha odiosa do absolutismo tyramno, esqueçamos por um momento, um anno de inauditas barbaridades, escudadas por um atroz jugo de ferro. Além da campa não ha odios partidarios; perante a morte, não ha inimidades duradouras, para com os finados, ha apenas a recordação de que foram homens, e que são nossos irmãos.

Eu não venho prantear o actual finado. A minha idade é muito pequena para tanto. Conheço que esse homem ia de encontro ás mais santas ideias, que acareciam o bem estar da sociedade,— a liberdade e a independencia!— Abraço as ideias de meus avós, porque vejo n'ellas retractado o mais sublime condão do Creador; mas não posso deixar ao menos por um momento de ajoelhar ante o tumulo do irmão do grande Rei-Soldado e exclamar:— «Morreu! Findaram os odios e anathemas entre os portuguezes. Constitucionaes e realistas abraçam-se hoje em solemne fraternidade, e esquecendo o tempo passado, correm pressurosos a lançar ao menos uma lagrima de saudade na campa do rei exilado e dirigir ao Todo Poderoso uma singela prece por sua alma.»

Sim, portuguezes! O snr. D. Miguel de Bragança foi vosso compatriota, e thio do nosso illustrado monarcha o snr. D. Luiz I. Orae por elle ao Altissimo. Pedi-lhe que lhe perdoe os desvarios que como homem commetteu e prestareis assim um ultimo preito áquelle que vem enluctar o sceptro portuguez.

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL.

## A CASA NEGRA

ROMANCE ORIGINAL DE EPH:GENIA DO CARVALHAL

(De pag. 203)

O moço cavalheiro ao ouvir o grito da rapariga, adiantou-se, e saudou as quatro mulheres.

—Já foi a casa, senhor Antoninho?

—Ainda não, Isabel; ia agora de caminho, quando, passando alli defronte, me pareceu ouvir-te fallar, parei para me certificar, e ouvi pronunciar o nome da senhora D. Vicentina, prestei attenção e ouvi...

—Ah! ouviu, meu senhor? procurou a senhora Brizida. — Ora diga-me, qual é a sua opinião a respeito do habitante da *casa negra*?

—Não sei o que vocêmece quer dizer.

—Quero dizer, meu senhor, se v. s.<sup>a</sup> acredita que essa casa amaldiçoada é habitada por *bibos*?

—Ainda outra vez a *casa negra*! — disse o mancebo sorrindo — já um camponez que encontrei no bosque aonde andava á caça, me contou cousas do *arco da velha*, d'essa casa e do seu habitante!!

—Pois olhe que lhe não disseram nada de mais.

—Nem de menos— accrescentou maliciosamente a moça.

—Cala-te *tonta*, não sabes o que dizes; deixa-me contar a este senhor o que *bi* hontem á noite.

E a senhora Antonia repetiu novamente a apparição do phantasma que deitava lume pelos olhos, nariz e bocca.

—Com effeito, isso é horrivel, horrivelissimo, minha santinha! Vocêmece está bem certa de ver isso?—procurou o mancebo, a quem um sorriso de incredulidade entre-abria os labios.

—Se estou? boa pergunta, senhor!

—Pois é preciso procurar meios de afugentar as almas do *outro* mundo d'essa casa, e d'estes sitios.

E dizendo isto, o mancebo despediu-se das velhas, procurou a Isabel se não voltava para casa de seus amos n'essa noite?

—Só espero por meu irmão, que foi, segundo me disseram, fazer um magusto para a eira do senhor Vigario.

—Então até logo, Isabel.

O mancebo chamou por um perdigueiro que o seguia, e tomou o caminho da casa da fidalga, como lhe chamavam na aldeia.

Ao outro dia o primo de Vicentina dirigiu-se para a villa de ..., aonde foi sollicitar alguma tropa para, dizia elle, ir dar caça ás almas do *outro mundo* que tinham a sua habitação nos bosques que rodeiam a *casa negra*, e a aldeia do Nogueiral.

Depois de ter uma longa conferencia com o commandante, este mandou pôr á sua disposição um troço de soldados.

Foi seguido d'elles que no outro dia, quasi ao anoitecer, chegou ao Nogueiral.

Espessas nuvens envolviam a terra. Era uma noite negra e fria como são quasi todas as dô mez de novembro; a tropa seguida por uma grande multidão de camponeses, rodearam com a maior precaução a *casa negra*.

Ellá estava muda como um sepulchro! Parecia que nem um ente vivo a habitava!...

Era talvez meia noite; hora fatidica: hora que as doendes, as vampiras, e as bruxas escolhem para fazerem os seus malificios!.. D'essa *casanegra*, até alli silenciosa, ouviu-se de repente um barulho infernal! As janellas abriram-se com fragor e luzes d'uma côr sinistra sahiram por ellas. E, (horror)! n'uma d'essas janellas estava essa visão que tanto atemorizou a senhora Antonia do quintal!!

E aquillo era uma realidade que viam centenaes d'olhos, não era uma ficção de velha estonteada pelo medo. Todos viram essa cara disforme que vomitava lume d'uma côr azulada, e que immovel parecia contemplar a terra.

Todos ouviram esses gemidos que sahiam de ao pé do phantasma, e esses gritos, essas risadas que pareciam responder a elles.

Os aldeões benzeram-se, e foram-se desviando. Acharam mais prudente não arrastar assim as iras d'esses demonios que, no entender d'elles, celebravam alli uma das suas bacanaes.

Todas, excepto um, ao amanhecer tinham trocado o bosque pelo confortavel calôr do lar domestico.

E esse *um* que ficou com a tropa era Antonio do *curral*, esse moço *descrente* que as velhas tanto tinham censurado.

Apenas amanheceu, a um signal do primo da Fidalga, os soldados envadiram a *casa negra* para indagarem do seu habitante as coisas sobre naturaes que tinham presenciado!

Mas..... — coisa admiravel — a casa estava deserta!!!

Foi inutil toda a busca que se deu á casa d'alto a baixo; o seu mysterioso habitante tinha desaparecido: e comtudo Antonio do *curral* jurava, punha as mãos nos Santos Evangelhos, em como esse homem ou demonio tinha entrado ao anoitecer para essa casa aonde agora não apparecia!

Antonio procurou, procurou com a paciencia que caracteriza a gente do povo, e por fim de tantas indagações descobriu, cheio de jubilio, que na parede d'uma das salas se abria uma porta falsa!

(Continúa)

## A FILHA DA BARONESA

CONTO ROMANTICO

## III

(De pag. 205)

Rebentava no Porto o facho da guerra civil. D. Miguel havia disputado a primasia no poder ao nobre e magnanimo D. Pedro IV. Devide-se o reino em duas parcialidades... uns abraçam a liberdade, a expansão solemne de tudo quanto a alma soffre... outros afferram-se á mesquinha tenacidade das suas ideias retrogradadas. Mas ambos querem sangue... ambos correm uns para aos outros, ao som das ballas, dos canhões e dos obuses... entre um constante vaivem de pragas, improperios e maldições.

Roberto de Mesquita é roubado pela guerra dos braços de sua amante e corre pressuroso a alistar-se entre os voluntarios do heroico legislador, no proprio dia, que esse punhado de bravos havia desembarcado nas memorandas praias do Mindello.

—Adeus, anjo — exclamava elle — adeus! Não me lamentees se o progetil d'alguma bala me riscar d'entre o numero dos existentes... Não me lamentees... eu sou bem feliz. Possuindo o teu amor, sabendo que minha sepultura será calcada por teus pés, e que ao menos derramarás duas lagrimas á minha memoria, satisfeito descerei ao tumulo.

—Tu morreres, Roberto! E eu, que ficarei só e abandonada no mundo, sem que um só coração, qual o teu me ajude a vasar o calix da desventura. Oh! não me fujas, Roberto, compadece-te de mim!...

—Mas que queres, anjo? Acreditas que por minha vontade te deixo?

O imperador chamou-me ás armas e eu devolvei-lhe obedecer. Socega. Em breve nos veremos

Em breve, sim; porque ainda mesmo que eu morra, a vida é tão ephemera, que em pouco nos encontraremos na mansão dos justos. Adeus. Durante a minha ausencia, lembra-te de mim, que eu a ti só consagro meus pensamentos, palavras... todas as minhas acções.

E Roberto depois de lhe haver estampado um beijo n'aquelle rosto de cherubim, desappareceu ao longe, envolto na densa nuvem do pó que seu cavallo d'Alter, levantava galopando.

## IV

E Arminda ficou só. N'aquella mente virginal, onde até então só pensamentos infantis esvoaçavam, onde as mais risonhas chimeras, as mais pueris sensações se delineavam, ardia agora o mais apaixonado amor.

Não me digam os leitores, que tenho a imaginação fóra do meu lugar. Nada d'isso. Pessoas conheço, que em muito pouco tempo não só se amam (dizem elles que se amam) mas até tratam d'ajustar casamento. Mas deixemos a actualidade e tratemos da epocha em que nos propoemos escrever este pequeno romance.

Arminda sentia nos seios d'alma esse vacuo profundo e immenso, que ora faz deleitar, ora aborrecer, que ora nos mitiga nossas penas e afflicções, elevando-nos a um céu prodigioso de bonança e felicidade, ora nos recalci-tra no mais tenebroso e medonho dos abyssos... o amor!

Amor! palavra triplicadamente mysteriosa, palavra suavissima e tantas vezes aterradora, quantas victimas tens creado!

Arminda adoeceu. O amor sobrepujava-lhe as forças do coração.

—Então minha filha, que é lá isso—acudiu a mãe.—apostamos que anda por hi namorico... hein? A gente falla. Para que fez Deus

a lingua?—Para crear *ferruge*? Ora adeus. Vamos para a mesa ceiar e leve o demo paixões.

Mas a filha apenas lhe sorriu, tristemente. Recolheu-se bastante encommoada ao seu leito...

## V

Decorreram tempos. D. Pedro, ajudado, sem duvida pelo braço do Altissimo, obrava prodigios de valor. As cohortes de D. Miguel eram obrigadas, ou a render-se ou a morrer

Foi no memoravel dia 29 de Setembro de 1833. O sol estava abrasador, e o céu limpo e formosissimo. Houve então o ataque á Serra do Pilar. Os constitucionaes atacavam os realistas, com aquella força e viveza só propria de quem tem por si o Todo Poderoso e confia na justiça da causa. Quasi todos os liberaes se mostraram dignos do povo a que pertenciam, combatendo como leões... mas o expectador menos perspicaz teria conhecido que um joven sargento dos voluntarios da rainha atirava-se denodado contra as luctas inimigas com um rancor indifiniavel. Dir-se-hia que eram os instinctos da mais sanguinolenta vingança, que o levavam aquelle desesperado intento.

Mas n'aquelle continuo relancear de armas de fogo, o joven sargento, recebe uma balla no coração e cabe inanimado entre os innumeros cadaveres que juncavam a terra.

N'este momento Roberto de Mesquita que era capitão d'um dos corpos do exercito liberal chegava casualmente em frente do sargento. Porém, quando lhe ia a lançar uma mão para o levantar, a barretina cabe-lhe e duas grossas tranças de cabello loiro se lhe desata-ram pelas costas abaixo.

Roberto reconheceu Arminda! Disfarçada com a roupa de voluntarios, a denodada joven ousou atirar-se para o centro da peleja só com

o fim de ver o seu amante. Veio uma balla, d'essas chamadas *desgarradas* e levou-a para sempre d'este mundo de lagrimas e dôres!

Roberto em frente da mulher que amava tão loucamente, sentiu, o que só um poeta sentiria. A dôr de que foi victima allucinou-o e elle atravessando o coração com a espada que lhe pendia da cinta, cahiu moribundo junto do seu amor jurado! Triste sorte a d'estes dois amantes!

Porto 9 de Novembro.

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL.

## O CAPITÃO RICARDO

ROMANCE ORIGINAL

POR

ALEXANDRE DUMAS

(Traducção)

(De pag. 205)

## I

### OS GEMEOS

O enviado era um joven official de caçadores a cavallo.

O imperador lançou sobre elle uma vista rapida, fez um signal de satisfação e perguntou-lhe:

—Vindes de Ratisbonne, tenente?

—Sim, senhor.

—A que hora de lá sahiste?

—Á uma da manhã.

—Sois enviado por Davoust?

—Sim, senhor.

—Em que situação estava quando partiste?

—Tinha comsigo quatro divisões d'infanteria, uma de couraceiros e outra de cavallaria ligeira, fazendo ao todo 50:000 homens.

—E a concentração em Ratisbonne fez-se sem novidade?

—Unicamente a divisão Friant que cobria a linha d'operações é que teve algumas escaramuças.

—Estaes muito fatigado? podereis partir d'aqui a 2 horas?

—Vossa Magestade bem sabe que ao seu serviço nunca nos fatigamos. Dêem-me outro cavallo e partirei quando quizer.

—Como vos chamaes?

—Tenente Ricardo.

—Ide então descansar duas horas.

O tenente saudou-o e sahiu.

—Mandae entrar o enviado de Massena, disse Napoleão a Berthier.

—Já o enterroguei e nada de notavel, disse. Porém julgo ter uma cousa melhor para offerecer a V. Magestade.

—Ah!... é o espião?

—Sim, senhor.

—Mandae-o entrar.

—Estes homens muitas vezes recusam falar diante de muita gente.

—Deixae-o então só comigo.

—Mas.... falla-se em fanaticos, em sociedades.

—Eu logo verei se o podeis deixar só.

Berthier abriu uma porta pela qual entrou um homem de 30 annos vestido de rachador da floresta negra.

—Deus salve a Vossa Magestade, disse o espia, adiantando-se para o imperador.

—Oh!... a tua voz não me é desconhecida.

—Fui eu que na vespera da batalha d'Austerlitz, lhe dei informações sobre as posições do inimigo.

—Julgo que podeis deixar-nos sós, Berthier.

O principe de Neuchatel sahiu.

—Então que novidades trazes?

—O archi-duque tem consigo 150:000 homens sem contar os 50:000 do general Bellegard que devem já ter batido Davoust e os 60:000 do principe que passaram o Inn, no dia 10.

—Mas porque rasão tendo passado o Inn ha tanto tempo, não estão mais adiantados?

—Porque ficaram entolados 4 dias entre o Inn e o Isar. Mas logo que sahiram bateram-se....

—Com os bavaros?

Sim, senhor; mas como estes eram 28:000 retiraram para a floresta de Burnebach.

—Então o inimigo está a menos de 12 legoas d'aqui?

—Sim, senhor.

—Pois bem, não me trazes grandes novidades, mas comtudo é o que sabes.

—Faça-me Vossa Magestade outras perguntas.

—E sobre quê?

—Sobre o espirito do paiz. Por exemplo, sobre as sociedades secretas.

—Pois importas-te com isso?

—Importo-me com tudo o que diz respeito ao men mister.

—Então diz-me o que pensa de nós a Allemanha?

—Está simplesmente indignada contra os francezes, porque não contentes com a humilhar a occupam e devastam.

—E' porque não conhecem o proverbio do marechal de Saxe «é preciso que a guerra sustente outra guerra.»

—Elles bem o conhecem; mas é que antes querem ser sustentados que sustentarem. E' porisso que dizem que se hão de libertar dos principes que não sabem libertar-se de vós.

—Ah! Ah! e porque meio?

—Por dous: o primeiro é uma insurreição geral.

—Mas se eu vencer o archiduque, essa insurreição não pôde ter logar. Vamos ao segundo.

—O segundo é uma punhalada.

—Essa é boa! não se mata um homem como eu.

—Cesar, senhor, foi assassinado.

—Ah, mas Cesar estava n'outras circunstancias. Tinha 53 annos e fôra feliz. Em Cesar foi uma felicidade, porque se a fortuna lhe virasse as costas e o grande general soffresse uma ou duas derrotas, já o seu nome não seria tão respeitado. Estai tranquillo! A França não ousará manchar-se com o meu sangue, snr. Schlick.

—Tudo isso é possível, comtudo eu aconselho-o a que se acautele.

—Mas eu julgava que essas sociedades tinham acabado!

—Na Allemanha mais de 2:000 mancebos juraram assassinar-vos.

—Mas como o sabeis?

—Porque pertenço a ella.

Napoleão quasi sem querer, deu um passo para traz.

—Não temais. Eu sou d'ella mas é mesmo para vos livrar.

—E onde se reúne?

—Quasi sempre nas ruinas; por exemplo: se fôr a Abensberg é no seu velho castello.

—Vai, e então eu não me descuidarei.

Schlick sahio e Napoleão ficou pensativo.

—Uma punhalada! murmurava de vez em quando o imperador; assim aconteceu a Henrique IV: mas esse tinha 57 annos como Cesar.

N'este momento entrou um ajudante de

campo que fez sahir Napoleão da sua meditação, dizendo-lhe:

—Senhor, chegou um enviado de Italia.

—Mandae-o entrar.

—Entrae, senhor, disse o ajudante.

O official appareceu no limiar da porta com o chapéo na mão. Era um joven de 25 a 26 annos, ajudante do vice-rei da Italia.

Napoleão fitou o joven dos pés á cabeça, carregou o sobrolho e disse:

—Que brincadeira é esta senhor?

—Senhor, Vossa Magestade queira desculpar, mas eu não sei a quem se dirige.

—Então á pouco vinheis com casaco verde e agora com um azul?

—Senhor, o meu uniforme foi sempre este.

—Como vos chamaes?

—Tenente Ricardo.

—Napoleão olhou-o de novo com mais attenção e com ar de desconfiança, disse-lhe:

—Tendes alguma carta d'Eugenio?

—Sim, senhor; ella aqui está.

—Mas como diabo á pouco foste enviado por Davoust e agora por Eugenio! aqui anda por certo....

—Perdão, senhor; ha pouco veio algum official de caçadores a cavallo?

—Sim; da vossa idade e que na physionomia se confunde com vós.

—E como se chama?

—Tenente Ricardo.

—E' meu irmão, senhor, que ha 5 annos nos não vimos; é o Paulo, disse o joven saltando de contente.

—Pois ide abraçal-o e d'aqui a uma hora voltae.

Depois que o mensageiro sahio, Napoleão abriu a carta e o seu rosto empallideceu ao ler as primeiras linhas.

—Ah! Eugenio. O exercito d'Italia em retirada. O meu plano transtornado.

J. N. R. BOTELHO.

(Continua)

## INVOCACÃO

A...

Se és a imagem vaporosa.  
 Que á noite na vigilia dolorosa  
 A sorrir contemplo,—segue-me;  
 Se és a estrella fulgurante  
 Que lá do ceu no plaino deslumbrante  
 Co' o brilhar me encantas,—vella-me;  
 Se és brisa perfumada,  
 Ou se o encanto de maviosa fada  
 N'um sopro á terra te lançou,—affaga-me;  
 Se, mais que tudo, és mulher,  
 Então,  
 Deixa que a vida de um olhar dos teus,  
 Formosa prenda dos ceus,  
 Me reanime o coração:  
 Descerra os labios que despedem fogo,  
 E embora que o prazer me mate logo,  
 Deixa que eu oiça d'essa bocca de anjo  
 A doce palavra:—amôr.

A. SALAZAR D'EÇA JORDÃO

## MOSAICO

**Satisfação** — Por falta de espaço não podemos publicar hoje um extenso e espirituoso artigo a proposito dos *thugs*, devido á penna do snr. A. Salazar d'Eça Jordão. Contamos fazel-o para o proximo numero.

**Boa resolução** — Um estudante de Coimbra, pessoa descendente de boa familia, nunca sabia á rua, senão acompanhado d'um escudeiro. Um dia sahiu só, e viu-se perdido sem saber atinar com a casa. Correu ruas, becos e travessas, até que por fim já desesperado

resolveu-se a perguntar pela sua morada e dizia ás pessoas que encontrava:

—Vm.<sup>ce</sup> sabe-me dizer onde eu moro?

**As tres missas**—Foi El-Rei D. João V quem sollicitou do Papa Bento XIV indulto apostolico para que no dia em que a Igreja commemora os fieis defunctos, todos os sacerdotes tanto regulares como seculares, podessem dizer tres missas até ás duas horas da tarde.

O papa pela bulla *Quid expensis omnium*, expedida aos 26 de agosto de 1748, deferiu ás supplicas do rei, e n'aquelle anno se começaram as tres missas.

El-Rei D. João vivera muito devoto das almas do purgatorio, e refere um seu historiador que nos ultimos annos da sua vida mandara dizer mais de 700:000 missas pelas almas que conhecera e haviam fallecido, sendo todas as missas da esmola de 240 reis, o que vem a corresponder a um capital de 168 contos de reis!!!

Bom dinheiro devia ter custado a bulla das tres missas, porque é bem sabido que Roma não costumava fazer taes concessões de graça.

O mesmo Papa Bento XIV sagrou uma imagem da Virgem obra de prata sebredourada que El-Rei D. João V no dia 26 de maio de 1750, mandou collocar no coro da igreja patriarchal, e a imagem, que tinha uma inscripção declarando que fora sagrada pelo papa custou ao magnifico monarcha 120:000 cruzados, ou 48 contos de reis!

**A's senhoras**—Disputou-se n'uma sociedade de senhoras sobre quaes eram os melhores prégadores; depois de dizer uma que este, outra que aquelle, disse certa dama: «Não se cansem, eu os melhores sermões que tenho lido são feitos por uma senhora.» Espantaram-se os circunstantes, e perguntando um todo admirado quizesse dizer o nome de tal senhora que a seu vêr tambem prégava e escrevia, disse a senhora toda presumida: «Chama-se Domingas da Quaresma.»

**Chocolate em lugar de chá**—Em certa sociedade apresentando a dona da casa em uma noite de inverno chocolate em lugar de chá, observou que todos os que o tomavam

tiravam d'entre os beiços farrapos, e cotão; chamou a criada e lhe perguntou: «O que é isto que todos encontram nas chavenas?» E a esta pergunta respondeu a boa da criada: «Ah, minhas senhoras, isto é nada; não tem que se enjoarem: como não achasse o competente pão de bater o chocolate, servi-me do pau da seringa, e o que se encontra são algumas estopinhas do mesmo pau, que estava lavado.»

**Modas**—*Trajos elegantes*:— Saia de cachemira encarnada, ou apenas uma barra de 30 centímetros, encanudada em toda a altura, —vestido de *gros de naples* preto, com riscas vermelhas muito finas, recortado, e um pouco mais curto que a saia paletot de cachemira preta, também recortado, e todo guarnecido com galões de contas e *grelottes* compridos nos recortes e nas mangas, tanto no pregado d'ellas, como nas extremidades que caem sobre os pulsos. Chapeu de rendas e contas pretas com fitas de veludo escarlata acompanhadas de *tulle* de seda.

*Toilette mais rico.*

Vestido de veludo preto guarnecido de pelle de marta na parte inferior da saia, tendo essa guarnição 8 centímetros de largura. Casaco *péplum* igual ao vestido, e também guarnecido com pelle de marta, a qual acompanha as extremidades do paletot, os canhões, o pregado das mangas a gola e a frente. Chapeu de veludo azul vivo, de forma um pouco ablonga, com franzidos, guarnecido com *grelottes* de vidro coalhado branco. Fitas de veludo azul muito largas, guarnecidas de espiguiha de seda branca, as quaes se prendem debaixo da barba sem formar laço:—á direita do chapeu um molhinho de plumas curto, para formar o qual se aproveita só a parte superior das plumas, por ser mais bonita.

Quanto á moda dos vestidos curtos, pro-

move ella grande celeuma no mundo feminil. Não se assustem porém minhas senhoras; esta moda, que em Inglaterra é um pouco exaggerada, por isso que o vestido e a saia chegam a estar 30 centímetros acima do solo; em Pariz nunca excede a 25 ou 20. E como as botinas á prusiana ganham terreno este inverno, extingue-se d'este modo o inconveniente do fato curto.

**Pregador esperto**— Certo prégador tendo de prégar de S. Prospero tomou por thema *Intende prospere, procede et regna*, e verteu em portuguez: «Oh meu santo Prospero, «procedei, entendei, e reinai.»

**Boa traducção!...**— Foi-se examinar para ordens menores um estudante, o qual, apresentando-lhe o examinador para traduzir a oração de S. Nicolão, que começa, *Deus, qui Beatum Nicolaum innumeris miraculis decorasti*, etc., elle a traduziu do modo que se segue: «*Deus, ó Deus, qui tu que decurasti*, engoliste *Beatum Nicolaum* ao Bemaventurado «Nicolão *innumeris* pelos hombros.» — «Como é isso? disse o examinador muito espantado, «engolir pelos hombros? pelos hombros se engole?» Respondeu o examinado: «Cá está «*miraculis*, foi por milagre.»

**Expediente**— Prevenimos os nossos illustres assignantes que as assignaturas são pagas adiantadas aos trimestres, em conformidade com o novo programma. Os snrs. da provincia terão a bondade de enviarem o importe da sua assignatura, em estampilhas ou valles do correio, ao escriptorio da redacção e administração—Massarellòs—rua da Fonte n.º 9. Annunciam-se as publicações de que se receberem dois exemplares. Os manuscritos recebidos, não se restituirão.

Preços: por anno 1\$200, semestre 600, trimestre 300 reis.

## O CAPITÃO RICARDO

ROMANCE ORIGINAL

POR

ALEXANDRE DUMAS

*(Traducção)*

(De pag. 215)

## II

## AS RUINAS D'ABENSBERG

Emquanto que Napoleão dá a mensageiros diferentes ordens e que os dous gêmeos Paulo e Luiz se abraçam, digamos o que se passava na cidade de Abensbourg situada a oito leguas de Ratisbonne.

Quatro estudantes pertencentes a diferentes universidades, passejavam de braço dado, cantando a marcha do major Schill que acabava de levar a Berlim o estandarte da revolução contra Napoleão.

Ao ouvir este canto um joven de vinte annos pouco mais ou menos, que estava sentado perto d'uma menina de deseseis annos, que bordava, estremeceu, levantou-se e foi á janella.

Os cantores calaram-se e fizeram alguns signaes imperceptiveis ao outro joven que tambem respondeu imperceptivelmente.

—Que tens Frederico, perguntou a menina, que bem vira os signaes trocados entre os mancebos.

—Nada, querida Margarida, respondeu o joven. vindo sentar-se a seu lado.

A joven que acabamos de designar debaixo do nome de Margarida era digna d'este nome. Era loura como uma filha d'Arminio, olhos asuis, e os seus cabellos compridos rivalisavam com os d'algunha d'essas bellas imaginarias.

Margarida tinha uma irmã de 9 annos d'idade, branca e corada e que n'esta occasião estava a brincar.

O estudante era como já dissemos um joven de 20 annos d'estatura regular, um pouco magro, quer pela fadiga quer por ser atormentado por algum terrivel pensamento de cabellos louros e anelados pela natureza, e uma bocca pequena que quando se abria deixava ver dentes brancos como perolas. Uma expressão de melancolia lhe annuviava o rosto.

«Nada!» tinha elle dito; mas esta resposta não tinha tranquilisado Margarida e posto que se puzesse a trabalhar, Frederico que a cobria com a sua ardente vista, pôde ver duas lagrimas deslisarem-lhe pelo rosto e cahirem na tapeçaria.

A irmã, que vindo interrogar Margarida ácerca do vestido da boneca viu as lagrimas, perguntou-lhe com a innocencia infantil:

—Porque choras mana? Frederico ainda te causa magoa?

Estas palavras foram ferir o estudante até o intimo do coração; deixou-se cair aos pés da joven e disse-lhe:

—Oh! Margarida... perdoa-me...

—O que? perguntou esta lançando sobre o amante os olhos ainda humidos.

—Perdoa-me a minha preocupação!

Margarida abanou com a cabeça.

—Escuta, replicou Frederico, talvez ainda haja um meio para sermos felizes.

—Oh!izei Staps.izei o que é.

—Obtamos de vosso pai licença para nos casarmos o mais breve possivel, e depois fuja-mos para um canto onde se não ouça o nome de Napoleão.

—Oh! Fritz, vós bem sabeis que o nosso casamento era com a condicção de vivermos com meu pai.

—Sim, replicou o mancebo apertando a cabeça com as mãos e deixando-se cahir sobre uma poltrona ao pé da janella; é verdade!

—Mas se vosso pai o consentisse?

—De certo o consentiria porque antes queria viver no exilio mas ver sua filha feliz.

—Além d'isso ficava com elle tua mana Lieschen.

—E que serviço lhe faria esta creança?

—Porém Margarida, meus paes teem alguma cousa e nada faltaria a teu pai.

—Mas Staps para que te queres retirar da Allemanha? simplesmente para não ouvirdes fallar de Napoleão?

—Oh! Margarida não posso ser feliz se não com essa condicção; e mesmo assim fallando aos meus jurameutos!

—Mas onde não ouvireis fallar do terrivel imperador?

—E' verdade, Margarida. Eu é que sou tolo em...

—Não sois não; o que sois eu vou...

—Margarida!...

—Sois um conspirador Fritz.

—Não se chama conspirador o que quer libertar o seu paiz.

—Chama-se conspirador aquelle que faz parte d'uma sociedade secreta.

—Porque hei-de negal-o? Mas não pertencem a ella todos os leaes Allemães?

—E esse canto Fritz negareis que era um signal?

—Margarida, pertenco á União da Virtude, mas para vos provar quanto vos amo dir-vos-hei que o oppressor de minha patria, está a oito leguas d'aqui, e que se vós me dissesseis «fujamos e sejamos felizes» eu esqueceria a Allemanha, os juramentos, e partiria com vosco.

—Fritz, mas se amaes a nossa Allemanha, porque não vos alistais n'algum regimento, por-

que não substituis o punhal do assassino pela espada do guerreiro?

—Eu já o quiz fazer mas esse homem parece invulneravel pelas balas.

—E o ferro é mais seguro?

—Margarida!...

—Fritz abi vem meu pai, calla-te e occulta-lhe o que me não podeste occultar.

—Então elle advoga a causa de Napoleão?

—Não; detesta as guerras.

Emquanto que Lieschen correu a abraçar o velho Stiller, Margarida pegou no bordado que fôra interrompido e onde de novo rolaram duas lagrimas.

O pastor entrou profundamente triste, abraçou as duas filhas e estendeu a mão a Staps.

—Que novidades trazeis? perguntou o joven.

—Esperae Frederico, escutae com attenção.

Ouviu-se o som das trombetas austriacas que tocavam a marcha de Lutzow.

—Ah! exclamou Frederico com alegria, até que emfim chegaram os vingadores.

E sahiu para ser um dos primeiros a saúdar os soldados que o archiduque Carlos intitulava «salvadores da Allemanha».

J. N. R. BOTELHO.

(*Continua*)

## A CASA NEGRA

ROMANCE ORIGINAL DE EPHIGENIA DO CARVALHAL

(De pag. 203)

Essa porta estava cuidadosamente fechada. Após alguma resistencia cedeu, e todos se precipitaram em torbilhão no interior d'uma sala espaçosa bastante, e á qual dava unicamente

luz uma clara-boia. N'essa sala viram dispersos, e em desordem... Ora adivinhem o que?...

Todos os utensilios de fazer... moeda falsa!!!

Esclareceu-se então a verdade; explicou-se o mysterio.

Mas por onde se escapou o falsario, ou falsarios?

Procuravam todos os circumstantes.

Antonio do *curral* como querendo responder a esta pergunta fazia novas indagações nas paredes da sala mysteriosa, e d'ellas resultou o descubrimento d'outra porta falsa! Aberta esta uma lufada de ar humido, pesado, e insolubre que costuma haver nos subterraneos, veio fustigar as faces d'esses homens que recuaram de involuntario terror.

Antonio do *curral* foi o primeiro que cobrou animo, e que chegou perto d'essa abertura feita na parede, mas que ia dar quem sabe aonde. Além d'ella só reinavam trevas, e o silencio dos tumulos!

—Venha uma luz—gritou Antonio.

Um soldado olhou em roda de si para vêr se encontrava o objecto perdido, e com espanto não despido de terror viu a um canto uma caraça de papelão, que se lhe figurou uma caveira, com uma vela dentro. Exitou ainda antes de tirar esta, mas um novo pedido de Antonio decidiu-o.

A vela foi acesa, e á luz d'ella viram uma tortuosa escada que descia para as entranhas da terra.

Antonio precipitou-se por ella abaixo, após elle o primo de Vicentina, e todos os soldados.

A escada era longa;—no fim d'ella encontraram-se em um corredor humido e escuro. No fim talvez de cem passos já percorridos avistaram um pequeno raio de luz. Aproximaram-se. A luz vinha de cima por uma breve abertura a travez da qual se viam alguns ramos do bosque!

Era evidente que estavam no sitio em que o tio Joaquim viu sumir os dois homens pela terra abaixo.

—Mas como couberam elles por essa pequena abertura?

Repararam então que mais adiante havia uma lagea longa e lisa: empurraram-na, e ella cedeu, girou sobre uns gonzos de ferro e mostrou uma abertura bastante longa para dar passagem a um homem. Transposta esta estava-se no meio do bosque, e a lagea voltando pelo seu proprio movimento ao seu lugar mostrava uma superficie musgosa que illudia perfeitamente.

Para que fôra feita aquella passagem subterranea? Ninguem o sabia, e ainda hoje é um mysterio para toda a gente do Nogueiral!

A aldéa n'esse dia era uma perfeita torre de Babel, ninguem se entendia porque... todos fallavam a um tempo.

As nossas amigas da tarde precedente lá foram tambem á *casa negra* fazer o seu *auto de corpo de delicto*, não sem primeiro se machucarem bem em agua benta, e de se munirem de um dente de *alho*, d'um bocadinho de pão e folhas de oliveira benta que metteram cuidadosamente nas algibeiras.

Assim preparadas transpozeram os hombraes da *casa negra* na qual fizeram mil comentarios, e um d'elles era se o diabo não seria esse *moedeiro falso*? pois no entender das boas velhas não podia deixar de alli andar mão de satanaz.

Todas as pesquisas que fizeram para encontrar o mysterioso habitante da *casa negra* foram inuteis, e d'elles só colheram a certeza de que Diolinda fora envenenada pelo seu raptor, no qual ninguem mais ouviu fallar.

A casa esteve ainda muito tempo deshabitada, por que os supersticiosos moradores do

Nogueiral olhavam com horror e susto para essas paredes que o tempo ia enegrecendo com seu sopro.

Hoje habita n'ella Antonio do *curral*, que casou um anno depois d'estes acontecimentos com aquella *descrente* Isabel criada da menina Vicentina. Esta tambem cazou com o primo Antoninho, como ella e Izabel lhe chamavam.

O que posso assegurar-lhes é que são dois pares invejaveis pela sua felicidade.

A tia Brizida morreu! peço um padre-nosso pela sua alma.

A senhora Antonia, e a senhora Margarida vivem ainda muito velhinhas, é verdade, mas aos serões entreteem as moças e rapazes da aldeia contando-lhe mil historias de bruxas e uma que não esquece nunca é a da *casa negra*.

FIM

## OS DOUS IRMÃOS

CONTO ROMANTICO

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

I

Quem, depois de ter deixado o Porto, seguir pelo rio acima, logo distante legua e meia nas margens direitas do Douro, encontrará a cada passo, pequenas casas, modestas e de simples architectura, mas poeticas e com todo o garbo d'umas verdadeiras camponesas.

A calma que reina sobre estas bordas, as florestas d'espigueiros e madre-silvas que guardam aquellas estreitas ruas, as cantigas dos barqueiros, que passam e desaparecem por entre as ceruleas vagas d'um dos mais poeticos rios de Portugal, tudo quanto se vê e ouve, na sua rude simplicidade faria esquecer uma cidade populosa como Lisboa e Porto.

Ha quinze annos, estas paragens eram ainda mais solitarias, do que o são hoje. Apenas eram conhecidas de meia duzia de leiteiras matinaes, de outros tantos pobres pescadores, e de ainda menor numero de caçadores. Os outros preferiam a este atalho desigual e silencioso a symetrica e copada alameda de Massarellos.

No entanto, por uma bella manhã do mez de Junho de 1851, uma porta d'essas casas tão solitarias, abriu-se: e appareceu uma formosa joven, que d'ahi começou a caminhar. Lançou os olhos na direcção da aldeia, como se procurasse alguem ao longe, mas não via outra coisa mais, que a errugada superficie do Douro, os alvos telhados, occultos por moitas d'acacias em flores, e os espessos torbilhões de pó que o vento levantava na praia.

Depois essa joven consultou o relógio, e não pôde reprimir um gesto de impaciencia. Levantou os olhos para o Porto, deu alguns passos em frente, subiu uma pequena eminencia de terra, coberta de relva, d'onde se descobria um dilatado horisonte, e ficou immovel na posição d'um vigia que procura descobrir um navio no alto mar.

Nove horas acabavam de soar na igreja da parochia; o dia estava abrasador; mas um largo chapéu de palha atado debaixo da barba por uma fita azul protegia o rosto delicado da joven contra o ardor do sol. Com uma mão apanhava as dobras do seu vestido branco, agitado pela viração, e com a outra appoiava-se levemente a uma arvore visinha.

Tinham decorrido alguns segundos durante os quaes a joven não cessava d'esperar, quando um velho appareceu ao longe n'um atalho que se avistava. O velho era bastante baixo, trazia umas calças curtas, e um chapéu desabado. Elle caminhava coxeando, appoiado a um pau

nudoso, e posto que fizesse diligencias, teria demorado muito a chegar junto da donzella, se esta apenas o avistou não corresse ao seu encontro. Ella tinha reconhecido n'este velho coxo, o portador ordinario da correspondencia da communa.

Chegada a alguns passos d'elle, parou e fingiu seguir todos os seus movimentos, com uma esperanza misturada com o temor. Mas o mensageiro, em vez de lançar a mão ao seu sacco de couro, levou a mão ao chapéu e saudou profundamente a nobre donzella.

Depois affastou-se com a mesma lentidão que tão celebre o tinha tornado aos olhos da donzella. Esta, depois seguiu-o tristemente com a vista, até que elle desapareceu por entre os copados arvoredos. Em seguida abriu de novo a porta, atravessou o jardim com um passo meditativo, e depois de ter subido os degraus do atrio, entrou n'um dos salões do primeiro andar. Uma mulher tendo pouco mais ou menos vinte e sete annos, e que parecia ainda muito bella, apesar da sua pallidez, estava sentada sobre um canapé e tinha um livro na mão. Apenas ella viu levantar o biombo de damasco collocado diante da porta, fechou o volume e disse:

—Então, Luiza, viste o mensageiro?

—Vi, minha cara Helena, respondeu a joven, assentando-se junto da janella.

—Não vos entregou carta alguma?

—Nem uma — respondeu Luiza — ha tres annos que partimos de Lisboa, e ainda agora é a primeira vez que deixam passar dois mezes sem nos dar noticias.

Helena pareceu respirar mais livremente. Tornou a pegar no volume que ha pouco deixára e continuou a lêr. Luiza ficou pensativa junto da janella, com os olhos fixos nas larangeiras, que bordavam o terraço. Mas em breve

ella foi distraida do seu *reverie*, pelo ranger d'uma porta que acabara de se abrir. Ella voltou-se e viu uma mulata encostada a uma cadeira a quem Helena sombria e irritada, dava por signaes algumas ordens mysteriosas. A criada não tardou a affastar-se sem ter pronunciado sequer uma palavra. Mas esta muda apparição havia feito estremecer Luiza. Quando a porta se fechou, a joven approximou-se da sua companheira, e sentando-se junto d'ella lhe disse a meia voz:

—Não ouviste esta noite nada de extraordinario?

Helena lançou sobre a donzella uma vista inquieta. Luiza, porém, não exprimia em seu rosto, senão um vago sentimento d'inquietação.

—Não minha cara irmã, respondeu a joven, tornando a olhar para o livro com o tom da indifferença.

—E' singular; — replicou Luiza. No entanto é preciso quo te conte, o que me succedeu. Primeiro recordar-te-hei que vivemos sós aqui, depois do nosso resplendor. Quizeste dizer adeus ao mundo; nossos amigos, ainda mesmo os mais íntimos, ignoram o sitio onde te escondes, e não ha n'esta casa, senão nossa negra e alguns creados velhos.

—Onde queres chegar com isso — perguntou Helena com inquietação.

—Em breve o saberás. Isto que ouviste foi necessario. Agora escuta. Hontem á noite, quando nos separamos já passava de uma hora; apenas entrei no meu quarto, deitei-me mas em vão tratei de conciliar o sómno... meu espirito estava muito agitado para poder achar repouso. Lembrei-me da distancia immensa que nos separa da patria que nos viu nascer, e procurava indagar o segredo do silencio d'Eduardo e de meu irmão. De repente ouvi caminhar

com precaução no corredor contiguo ao meu quarto; prestei atenção, mas em breve os passos se affastaram pouco a pouco e tudo entrou no silencio habitual.

(*Continua.*)

## POR CAUSA DO DIARIO DE NOTICIAS

### Destempero forjado nas trevas a horas mortas

«Ó inclita Rály! ó venerando espantallo do Indostão! ó soberana rainha das araras! que tens um olho maior que o outro! irradia para mim a luz fulgurante da tua corôa esplendida, e faz com que eu seja o mais digno, o mais respeitavel, o mais assombroso *thug* dos que te rodeiam. Protege-me Rály! Sê o meu amparo e guia n'este mundo que sem ti tornarse-hia deslavado como um prato de arroz de manteiga! Oh! o que é preciso para que eu seja bem visto dos teus olhos de carneiro mal morto? sangue. muito sangue? Pois bem! confia-me a tua guarda, e todo o sangue dos homens, das mulheres, dos velhos, das crianças, dos parlapões, dos transcendentaes, dos aguadeiros, dos regedores, dos *penstras*, e até mesmo o da pais da patria, todo te será por mim sacrificado, a ti rainha dos mares, da terra, dos ceus e do inferno! Ama-me Rály, e prometto lavar-te todos os dias essa cara de *piteixeira* com sangue fumegante, e dar-te a todo o momento um prato de cabedella humana!»

Taes foram as palavras que eu proferi na hora solemne da minha iniciação; e ainda bem ellas não eram concluidas quando uma mosca me poisou na testa e um rato se fez ouvir ao longe, o que era o mesmo que dizer que a minha exhortação fôra agradavel á deusa.

Ah! e que soberbo *thug* eu fui! Que brilhante serie de honrosas façanhas durante a minha curta carreira de adoradôr de Rály! E como era evidente a *sympathia* que a grande deusa tinha por mim! chegava a pontos de muitas vezes me piscar o olho direito — o maior: isto, já se vê á socapa para os companheiros não verem. Mas é que tambem nenhum outro era mais sollicito em a servir, por que nenhum outro estrangulou como eu, no curto espaço de oito dias sete centos barões, tres mil agiotas, um milhão de conselheiros, e nove mil senhorios! Lisboa estava um paraíso. Toda essa chusma opulenta de boudados parasitas, que a toda a hora nos impediam o transito—uns derreando a casaca até fi-

carem quasi em mangas de camisa para melhor mostrarem os seus *valiosos* habitos — outros pisando e atropellando os que passam, porque a tanto julgam chegar o poder do baronato —; todas essas rotundas sanguesugas, conhecidas pelo nome de agiotas, que engordavam á força d'esticar os outros; todos esses esgrouviados senhorios, feios, iracundos, perfeitas photographias de Pan, tudo isso tinha desapparecido da face da terra com o auxilio do lenço sagrado. (E' fora de duvida que só um objecto sagrado seria capaz de destruir tantas pragas.) O pequeno periodo de oito dias fôra sufficiente para se operarem todas estas maravilhas! Agora já os passeios estavam desempeidos d'enfatuados personagens; ja os inclinios tinham cara de gente, e até para cumulo do prodigio, ja os amanuenses de secretaria andavam gordos e anafados que era um gosto vel-os!!!

Oh! se a minha nefasta estrella tivesse permitido que eu desempenhasse por mais um mez esta sagrada missão, todo o mundo seria reorganizado ás minhas mãos.

Não acontecerem porém assim. Um dia em que eu estava empenhado na tarefa d'estrangular o ultimo agiota, que a pesar de ser meu visinho e de saber qual era a amizade que eu dedicava á sua profissão, tinha a pouca vergonha d'emprestar a noventa por cento á semana; quando eu escutava as rasões por elle apresentadas para despertar a minha piedade, por isso que um agiota, lá no seu entender, era perfeito collega d'um *thug*, entrou-me pela porta dentro uma herda de cabos de policia, que me levaram até á estação municipal da Praça da Figueira, de onde no outro dia fui removido para o Limoeiro.

Um filho de Rály preso por cabos de policia e encerrado no Limoeiro! Horror!!

Não sei o que se seguiu; basta só que lhes diga que d'ahi a quatro dias marchava eu de mãos atadas com o lenço sagrado (que sacrilegio) e escollado por alguns soldados, até que cheguei ao Rocio, logar onde se erguia o patibulo que hevia d'estrangular um estrangulador. Então orei á minha deusa que trazia pendente do peito, a beijeira soffregamente; — ella corou de pudôr, mas moita, quatro vintens... não disse nem chus nem bus. Depois subi com passo firme a escada fatal, lancei um ultimo olhar á turba ameaçadora e esperei. Passados momentos o executor levantou o braço, o mortal cepo cahiu, e eu, sentindo uma dôr assim assim, resuscitei finalmente!

O meu primeiro movimento foi abrir a porta do quarto; mas ainda bem não tinha dado dois passos, quando o meu senhorio sahindo-me ao encontro, me diz:

—Meu caro amigo, venho prevenil-o de que para o semestre que vem, ou hade pagar mais a bagatella de doze moedas, ou então hade pôr escriptos...

—Oh! homem! pois o senhor nem depois d'estrangulado me deixa!?

—Estran... O quê! pois eu estou estrangulado?

—A mim quer-me parecer que durante a noite que passou lhe fiz essa obra de caridade...

—E' verdade! estou estrangulado, estou!.. Pois parto ja d'aqui a ir dar uma parte de você ao regedor, seu Herodes de uma figa!..

E lá se foi apalpando o gasnete.

Eu completamente louco, sem querer acreditar o que via, pego no chapéu e salto para o meio da rua. Ainda bem não tinha virado a primeira esquina, quando encontrei um dos barões que eu tinha acabado d'estrangular não havia ainda duas horas. Sem perder um momento, agarro-lhe as abas da sobre-casaca e pergunto:

—O senhor faz favôr de me dizer se passou bem a noite?

—Eu.. menos mal, muito obrigado...mas...

—Qual mas nem meio mas; diga-me se ao menos não sentiu assim... uma dôr no pescoço... ou coisa que o valha...

—Eu nunca tive por costume tomar gargarejos, senhor! Um barão, quando quer fazer a corte a qualquer menina acha logo a porta aberta e não precisa estar debaixo da janella a apañhar o relento da noite... percebeu? Ora passe muito bem.

E safou-se imponentemente.

Eu então perguntei a mim mesmo se era possível que os mortos resuscitassem, e reconsiderando um pouco conheci que tinha sido o ludibrio de um sonho.

Que pena!

Se eu lia todos os dias depois do almoço o processo dos thugs no *Diario de Noticias*..

Lisboa, Outubro, 1866.

A. SALAZAR D'ÊÇA JORDÃO.

## MOSAICO

**Modas.**—«Este inverno o luxo promette grande desenvolvimento nas *toilettes* de baile. E segundo o que nos afirma uma nossa elegante correspondente de Pariz, se as modas e a riqueza do traço continuarem nas proporções desmedidas que vão tomando, o imperador ver-se-ha obrigado a promulgar leis sumptuarias, se não quizer ver dentro em pouco arruinadas as principaes casas das pessoas da corte. Este inverno o prototypo da moda para os vestidos de baile é o brocatel

A elegante imperatriz Eugenia, e muitas das formosas damas da sua côrte ja mandaram fazer vestidos d'aquelle precioso estofo.

Uma das *toilettes* a que nos referimos é de corpo inteiriço com a saia sem prega alguma sobre os quadris; o *corsage*, ou corpo, muito decotado, com um segundo corpo de rendas, que sobe até á altura dos decotes usuâes. A saia aberta por diante até á cintura, e redonda em baixo, fórma cauda e é forrada por dentro de setim azul claro. Cinto estreito de perolas, com uma resola de brilhantes imitando o trabalho antigo, e formando *chatelaine* tendo pendente um relógio de esmalte do tempo de Luiz XV, e alguns berloques d'essa época.

A saia de baixo é toda de rendas de *Valenciennes*, sobre-postas. Sapatos de entrada muito abaixo, e de côr do forro do vestido, com uma pequena fivella de brilhantes. Nos penteados vão outra vez figurar as grinaldas de

flores, que ficam muito melhor á physionomia, do que os *topetes* de uma só flor que por ahí vemos a todos os momentos, e a que apenas fizeram diversão no dia da parada, os trajos pittorescos dos nossos provincianos que vieram assistir áquella festa militar.

As damas de Lisboa e algumas que vieram das provincias, ostentaram bellissimas *toilettes* n'aquelle dia.»

*Toilettes para visita* — O que antigamente se denominava saia, é feita com um corpo afogado e mangas justas, em *gros de naples violetta*, todo bordado de contas brancas, symmetricamente dispostas, mas de modo que fiquem as carreirinhas muito justas. O que se chamava vestido, e agora *saia de cima*, de *gros de naples* côr de peito de rola, muito mais curta adiante que dos lados e atraz, de maneira a deixar a descoberto 40 ou 45 centímetros da saia violetta, o que vai diminuindo até deixar apenas visível dez ou doze centímetros. D'esta saia parte um cinto e um pequenino corpo de seda irmã. As guarnições da saia e do corpinho se fazem ainda com seda igual, em fofos, tendo em cada apanhado uma conta branca, e sendo acompanhados de um enfeite de contas brancas que ficam pendentes. Os fofos da saia não devem exceder a 10 centímetros de extensão, e os de corpetinho, mais pequenos. Estes se collocam em todo a volta do decote, subindo aos hombros para formar *bretelles*. O corpete é tão pouco alto, quanto seja necessario para ficar um pouco inferior ao seio. No cinto, um pouco á esquerda, uma alcaxofra da seda violetta, enfeitada de contas brancas. Brincos e broche de ouro com pedras amethystas, para harmonisar com a côr da *soi-disant*, saia de baixo.

**Carta** — Recebemos do nosso amigo o ex-editor d'este semanario a seguinte carta, a que apressamos dar-lhe a possivel brevidade.

Diz este senhor, que deseja agradecer a collaboração do seu jornal, no tempo em que foi seu proprietario, aos talentosos escriptores que n'esse tempo lhe honraram as columnas.

Eis a carta a que nos referimos:

PORTO, 13 DE NOVEMBRO DE 1866

Tendo sido durante o espaço de 18 mezes, editor do semanario litterario — A ESPERANÇA, — que hoje está gerindo debaixo das firmas dos snrs. Amaral e Gomes Coelho, faltaria ao mais sagrado dos meus deveres, se deixasse d'agradecer a todos os illm.<sup>os</sup> snrs. collaboradores, e com especialidade aos snrs. Gullherme Braga, Alexandre da Conceição, Pedro de Lima, Eduardo Salgado, Ernesto Pinto d'Almeida, Alberto Pimentel, Sousa Viterbo, Augusto Queiroz, e Henrique Marinho, e ás excm.<sup>as</sup> snr.<sup>as</sup> D. Maria Peregrina de Sousa, Ephigenia do Carvalhal, e Fernandes Prata, que fizeram a distincta honra de me honrar as columnas do semanario com os seus bem conhecidos nomes na republica das Letras, e que me ficarão sempre gravados no coração os favores que me prestaram durante a publicação.

Snrs. redactores, fica-lhes muito agradecido pela publicação d'estas linhas, este que é

De v. s.<sup>as</sup>

Amigo e respeitador,

ANTONIO PEREIRA DA SILVA.

## PAGINAS INTIMAS

Um volume em prosa e verso

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

Esta obra, que brevemente entrará no prêlo conterà mais de 200 paginas em oitavo francez e será adornado com o retrato do author.

Preço para o Porto 400 reis, e provincias 450 reis.

Os snrs. assignantes da **Esperança**, que desejarem assignar o volume, terão a bondade de assim o participar á redacção, Massarellos, rua da Fonte n.º 9, que o terão por 300 reis.

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ PEREIRA DA SILVA.

63, Praça de Santa Theresa, 63

## OS DOUS IRMÃOS

CONTO ROMANTICO

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

(Continuado de pag. 222.)

Bateram duas horas, e eu repousei a cabeça no travesseiro, encetando de novo o curso dos meus pensamentos. Apenas tinha decorrido um quarto d'hora, julguei vêr no tecto um pequeno circulo luminoso. Não comprehendí a principio, o que tal incidente significava, e assustei-me. Depois, levantando os olhos para a janella, vi uma tibia claridade, brilhando a través da vidraça. A tal hora da noite has de confessar Helena, que tão singular acontecimento devia despertar a minha attenção. Hesitei um momento, lancei um chale aos hombros, e levantei-me, sem dar motim... Mas que tens Helena... empallideces? Estás encommoada?

—Não minha irmã; eu estou boa. Continua a tua narração.

—Dizia-te eu, que sahi do leito e me aproximei da janella. A noite estava escurissima; não fulgia uma só estrella no firmamento. A luz tinha desaparecido.

Helena esforçou-se para sorrir.

—Já vês; disse ella, que era tudo illusão. Apenas te informaste da verdade, a realidade veio-te mostrar o contrario.

—Enganas-te Helena. Infelizmente era verdadeiro o facto—continuou Luisa.

Quando me eu hia deitar, pensando já ter sido victima d'um engano, avistei no parque um clarão subtil que se avisinhava pouco e pouco. Ora se escondia por entre as arvores, ora apparecia repentinamente; mas caminhando sem-

pre, em direcção aqui ao nosso aposento. Por fim parou junto da estatua de Diana, que está no caramanchão do jardim. Mas que tens? Que tremura é essa? Se não estás boa paciencia. Eu te contarei a minha historia n'outro dia.

—Ora adeus! — exclamou Helena, exorcendo-se por desvanecer a sua emoção. Continua. Isto é um encommoado passageiro e demais, tu bem sabes, que estes ataques em mim são frequentes.

—Já que assim o queres, continuarei. Mas onde hia eu?

—A luz havia parado junto d'uma estatua — respondeu Helena, laconicamente.

—Muito bem—proseguiu a joven. Depois d'ahi a pouco começou a andar e eu pude distinguir a través das trevas da noite, dois vultos caminhando com um passo furtivo para a tua alcova. Era-me impossivel reconhecê-los, por que a lanterna deixava-os na escuridade, posto que projectasse uma leve claridade no caminho que seguiam. Chegaram mais breve, do que é possivel imaginar-se, em frente do terraço, e então a pessoa que trazia a luz levantou o braço, para vêr o caminho que seguia e d'essa maneira pude-lhe vêr o rosto. Não pude conter uma exclamação de surpresa; era Joanna a tua creada negra. Suas faces d'ebano, aquelles olhos brilhantes, juntamente com o marfim dos seus dentes, me causaram uma especie de paralytia moral.

Debalde procurei descobrir quem era a pessoa que a acompanhava, apenas pude distinguir as pontas fluctuantes d'uma pelissa negra, bordada d'um largo froque ponteagudo. Pareceu-me que a desconhecida tinha nos braços um pequeno embrulho que trazia com precaução. Neste momento debrucei-me na janella, mas ellas precipitaram a marcha e desapareceram com a luz no angulo do pavilhão.

—E' uma coisa singular, com effeito, disse Helena com uma voz alterada, e eis tudo o que viste... não?

—Não é assim, mana. Isto não é nada em comparação do que me resta para contar. Admirada, e quasi sem acreditar no que via, fiquei immovel e perplexa, sem querer desviar-me do meu ponto d'observação, quando vi luz n'uma das janellas do segundo andar precisamente no quarto da preta.

Que haveria de novo na caza? Quem era esta mulher que se introduzia furtivamente debaixo do nosso tecto? Este mysterio encobriria algum perigo?

Tu bem sabes que sou dotada d'algun sangue frio. Vesti-me rapidamente, abri a porta ao de leve, segui pelo corredor, subi as escadas e cheguei em frente do quarto em questão. Comprimi a respiração e prestei ouvidos. Duas pessoas fallavam em voz baixa, mas a porta é tão espessa que lhe não pude comprehender uma só palavra. Em seguida cessaram de fallar e só se ouviam gemidos e suspiros apenas intercortados por uma ou outra palavra, que trahia uma viva dôr. Era um d'elles que chorava; mas chorava afflictivamente... Mas continuou Luiza, interrompendo-se, tu tambem choras, Helena?

Esta ultima mordeu os labios, enchugou os olhos e fez um signal a Luiza para continuar.

—Não era a tua creada, que chorava tão amargamente, porque sua voz sonora elevando-se gradualmente em breve se fez ouvir. Dirigia ella allivios, e palavras affectuosas de consolação á infeliz que soffria. Dizia-lhe ella, com calor, estas palavras que me traspassaram os seios d'alma: — «Ha três mezes que vos deverieis ter separado de vosso filho. Não vos haveis de resignar e ficar ou tarde ou cedo sem gosar a

felicidade de o ver e apertar em seus braços?» A mãe não respondia senão com lagrimas, e eu ouvia os beijos que ella prodigalisava a seu filho. — « Quanto melhor, não seria para vós e para mim—continuava Joanna, que elle tivesse morrido!... » Aqui os soluços da desconhecida redobraram. A negra ajuntou:—«Quando nós á pouco atravessamos aquelle regato quanto melhor não faziamos se o lá deixassemos submergido... a noite estava tão escura...»

—Basta!—exclamou Helena levantando-se, como que desvairada—nem mais uma palavra! Quem?... Eu, matar meu filho? Antes a morte, percebes? Antes, mil vezes preferiria morrer...

E dizendo estas palavras, Helena deu alguns passos no salão, com o coração arquejante, os olhos chamejantes, e como que despedindo fogo, qual a leôa a quem o caçador acaba de esconder os filhos. A pobre sentia o sangue affluir-lhe sobre o coração

— Volta a ti Helena—dizia Luiza, chegando-se junto de sua amiga. Não estás hoje boa... queres que chame alguém? queres que te conduza ao teu leito...

Não pode continuar mais; Luiza acabava de reconhecer em Helena a pellissa que tinha visto á desconhecida atravez do clarão da lanterna. A esta terrivel descoberta, deu um grito, e cahiu desfallecida sobre uma diwam.

(*Continua.*)

## OS MEUS SONHOS

Á EXC.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> \* \* \* \* \*

Vem gentil, vem donosa donzella  
Minha fronte de loiros ornar...  
Vem dizer-me que a vida que é bella  
Que só vives no mundo para amar!  
Vem dizer-me que o Eterno despresa

Quem por outro pertende morrer...  
Vem ó virgem minh'alma te presa  
Em meu peito sempre has de viver.

Quando ó anjo, eu fito teus olhos...  
E te vejo contente a sorrir  
Desejara fugir aos escolhos ..  
A teus pés desejara cahir...  
Mas não posso, donzella, eu temo  
Que d'est'alma fulmines a dôr...  
Que lamentos o affecto extremo  
Do meu feito, dizendo-te «amor!»

Dizes, virgem, que presas o vate  
Que por elle quizeras morrer...  
Não te creio! E' tanto o quilate  
D'esse amor que me dizes só ter!...  
Se soubesses as vezes que eu sonho  
No teu puro amor divinal...  
Subirias ao mundo risonho  
D'onde perde o futuro phanal.

E's ó virgem meu meigo anelo,  
E's meu puro, brilhante condão...  
Mal tu sabes o grande disvello  
Que comprimo no meu coração  
E se queres, ó virgem que esta alma  
A teus pés se prosterne por fim  
Da-me a haste da candida palma  
Pede a Deus e aos anjos por mim.

Porto, 20 de Novembro de 1866.

JULIO D'OLIVEIRA

## O CAPITÃO RICARDO

ROMANCE ORIGINAL

POR

ALEXANDRE DUMAS

(Traducção)

(De pag. 218)

II

Uma segunda vez os quatro estudantes per-  
correram a cidade cantando a marcha do major

Schill, como temendo que, não fosse ouvida á  
primeira vez.

Chegou a noite. Na ponte levadiça do ve-  
lho castello estava uma sentinella.

Acabava de sôar a ultima badalada da meia  
noite, quando dois homens enlaçados em gran-  
des capotes se dirigiram para a sentinella, que  
lhe gritou :

—Quem vem lá ?

—Amigos, respondeu em allemão, um dos  
homens.

Approximaram-se da sentinella, abriram os  
capotes para mostrarem que não levavam nenhu-  
ma arma offensiva nem defensiva, deram-lhe o  
signal d'entrada, depois do que passaram a pon-  
te e se metteram nas ruínas.

Differentes grupos entraram até á meia nói-  
te e um quarto.

Soava um quarto depois da meia noite,  
quando dois homens, (que completavam o nu-  
mero de 16), passaram a ponte e se entranha-  
ram nas ruínas como os outros.

Ao chegarem ao pé d'um grande pilar, o  
homem que ia adiante disse para outro, baixo e  
em francez.

—Tenente, olha que isto não é brincadeira  
de rapazes; se fôrmos reconhecidos seremos as-  
sassinados.

—Bem sei ; mas eu julgo que me não co-  
nhecerão pela provincia.

—Vamos, é verdade, vós fallaes bem o al-  
lemão.

—Pelo rosto tambem me não conhecerão,  
porque estou mascarado.

—Mas depois has-de tirar a mascara.

—Mas se é a primeira vez que venho a  
Abenberg, e ainda ante-hontem estava em Ratis-  
bonne.

—Repito-te , isto não é brincadeira de  
crianças.

—Schlick, disse com uma voz firme o tenente, recebi uma missão; hei-de cumpril-a.

—Porém em caso de perigo não conteis comigo. Gosto muito do dinheiro do imperador, mas gosto mais da minha vida.

Se vos descobrirem, eu renegar-vos-hei tres vezes como S. Pedro.

—Queres vir?

—Vamos.

Schlick carregou n'uma mola encoberta pelas esculpturas do pilar, que immediatamente girou e deixou vêr uma abertura assaz estreita.

Uma escadaria parecia conduzir a uma sala subterranea; estas escadas eram esclarecidas por uma lampada suspensa no interior do pilar, que teria doze pés de circumferencia.

O guia atravez da sua mascara deitou sobre o companheiro um olhar, que parecia dizer: «ainda é tempo; senão quereis...»

—Vamos, disse o tenente.

Schlick seguido pelo companheiro, desceu as escadas e encontrou uma porta de bronze, onde bateu tres pancadas com intervallos eguaes.

—Atenção, disse Schlick, a porta vaie abrir-se e o vigia está ao pé d'ella.

Com effeito a porta abriu-se e appareceu um homem com uma mascara negra.

—Que horas são? perguntou o vigia.

—E' a hora em que nasce o sol, respondeu Schlick.

—Que fazes tão cedo?

—Levanto-me com o sol.

—Para que?

—Para ferir.

—D'onde vens?

—Do occidente.

—Por quem és mandado?

—Pelo vingador.

—Dá a prova de tua missão.

—Eil-a.

Schlick apresentou ao vigia um bocado de pau de forma octogona, onde estava escripta a palavra Bade.

O vigia reconheceu se era verdadeira e depois deita-a n'uma urna, onde já estavam as dos que tinham entrado antes d'elles.

—E quem é este? perguntou o vigia a Schlick apontando para o tenente.

—Um cego, respondeu este ultimo em excellente allemão.

—Que vens cá buscar?

—A luz.

—Quem é o teu padrinho?

—O meu companheiro.

—E elle responde por ti?

—Pergunta-lh'o.

—Respondes por aquelle que m'apresentas, irmão?

—Respondo, disse Schlick.

—Pois então vá para a salla das meditações, e quando forem horas d'entrar cá o viirão chamar.

E, abrindo uma porta introduzin o nosso incognito n'uma salla chamada das meditações.

Quanto a Schlick dirigiu-se para uma grade e foi para a salla principal, depois que o vigia lh'abriu aquella.

Esta salla era a chamada salla dos conselhos. Era toda pintada de preto e allumiada por uma alampada suspensa por uma cadeia.

Por baixo da alampada estava um monte d'armas, espadas e pistollas.

Em frente da porta estava uma mesa de marmore destinada ao presidente coberta por um docel.

Desesseis barris de polvora estavam collocados junto do monte d'armas.

E estes barris, onde os affiliados se sentavam, indicavam que em caso de necessidade,

valia mais irem pelos ares, que entregar-se.

Dava meia hora depois da meia noite quando Schlick entrava na salla.

Então um dos mascarados subiu para o estrado, onde estava a mesa do presidente, e disse:

—Irmãos, escutae-me.

Todos se calaram e se voltaram para o que lhes dirigia a palavra.

—Vigia, quantos irmãos estão?

—Desesseis, comigo.

—Então o decimo setimo ou é traidor, ou foi preso, ou morreu; porque quem ousaria faltar a uma reunião, quando ella tem por fim salvar a Allemanha.

—Irmão, o decimo setimo, disse o vigia, está na ponte vestido de soldado austriaco.

—N'esse caso está aberta a sessão.

—Irmãos, tornou o presidente, não esqueçamos que aqui cada um representa um povo.

O vigia pronunciou então uns apoz outros os nomes seguintes:

—Bade, Nassau, Hesse, Wurtemberg, Hanover, etc.

A cada um d'estes nomes excepto ao d'Hanover respondeu cada afiliado «presente».

A sentinella era o que representava o Hanover.

—Tirae d'esta urna, continuou o que tinha tomado o lugar do presidente, uma taboa e aquelle que ella designar será o nosso presidente.

O vigia metteu a mão na urna, tirou uma das taboas octogonas e pronunciou «Hesse».

—Sou eu, respondeu um dos afiliados.

E em quanto que o que até então tomara o lugar de presidente descia, o representante do Hanover sentava-se na cadeira presidencial.

—Irmãos occupae os vossos lugares.

Os 15 afiliados sentaram-se; um barril

ficou de vago, era o do representante do Hanover.

J. N. R. BOTELHO.

(Continua)

## FREI ANGELO

POEMA LYRICO

### CANTO I

*This world is all a fleeting shaw  
For man's illusion given;  
The smiles of Joy, the tears of Woe:  
Deceitful shine, deceitful flow---  
There's nothing true but Heaven!*

Th. Moore.

*N'esperons plus, mon âme, aux promesses du monde  
Sa lumière est un verre, sa faveur une onde  
Que toujours quelque vent empeche de calmer,  
Quittons ces vanités, laissons-nous de les suivre:  
C'est Dieu, qui nous fait vivre  
C'est Dieu, qu'il faut aimer.*

MALHERBE.

### I

«Que dobre é esse, que a ermida rude  
Com frouxos sons, as vidas vae gelando  
D'infundo susto, d'anciar continuo?  
Que dobre é esse que anciado escuto,  
E que uma, a uma as fibras vae cortando  
Do ermo coração? A paz, a vida  
P'ra cá da campa, não tem força... é nula,  
Não pôde, altiva, torturar o impio,  
Que, embora gema nos sombrios carcerees,  
Arrasta a vida, na carreira inculta  
Dos flagelados passos...»

«—Louco, louco»

—Taes sons murmura um vulto, altivo e nobre  
Que junto ao homem que atégora ouvimos  
Se acercou — «Pois é certo? Oh! acredita  
Que a vida aos homens é forçada e dura  
E pouco a pouco nos arrasta á campa?  
Louco, mil vezes louco! — A vida é santa,

E' pura, é nobre! Mil traidores offuscam  
Com seus embustes, tão formosa tela.  
Mas, muito embora a voz escude o seio.  
Embora a chamma lhes ateie as almas,  
Seu brado altivo, só a terra escuta,  
Jámais echôa n'essas almas fortes.

E pensativo, e mudo, a fronte abaixa  
Ancião que assim falla. Suor frio  
Que gôttá a gôttá as faces vae cobrindo  
Lhe enublá o rosto

—«Que contas guerreiro? (1)

—Tal o velho torna. «A' patria, Lysia  
Ainda voltas aguerrido moço?  
Inda vens contemplar o sollo bello  
Do teu torrão natal, da patria mesta,  
De Portugal emfim?...»

—«Então, padre

Mais tempo, querias que eu vivesse longe  
D'esta terra que tão cara me ha sido?  
E, inda mais, escravo querias ver-me  
Da seita despresivel que eu detesto? (2)  
Diz-me, padre, por quem dobra o sino,  
Quem d'entre os vivos já desceu á cãmpa?

O sangue que eu verti na guerra infausta  
As dores que eu passei além dos mares,  
São mil martyrios que penetram sempre  
A alma, o coração. Quem pode ufano,  
Depois de ser de Mahomet preso  
Ouvir canções, enamoradas fallas,  
Se já a alegria não existe n'elle?  
Diz-me padre, por quem dobra o sino,  
Quem d'entre os vivos já desceu á campã?

«Ouve:—primeiro conta-me as desditas  
Que tu nas plagas; tam ardentes d'Africa  
A sós soffreste. Diz que ousaste muito,  
Que dos imigos supportaste os golpes  
As lanças e cerradas meias-luas.  
Diz—joven!—que amparaste o rei potente

(1) D. Theodorio, duque de Barcellos.

(2) Os Mahometanos.

Na queda estrondoza que os tyramno  
Ha muito preparavam. Em fim dize... »  
—«Padre, padre, que importa ouvir mil feitos  
Que importa ouvir dizer que foi Alcacer.  
A guerra mais cruenta d'este seculo?  
Que importa!... Se a victoria foi perdida?  
Que importa!... Se os pendões la jazem rasos?

## II

Seguiram-se instanles de breve silencio  
Em funda mansão...

O joven guerreiro curvou a cabeça  
Bem baixa p'ró chão,  
Depois perfilou-se, cravando os seus olhos  
No nobre ancião.

Brilhavam seus olhos, altivos, formosos  
Qual vivo phanal,  
O sol radiante, cobria os outeiros  
De puro chrystal,  
Tam bellos, tam bellos seus raios só cobrem  
O meu Portugal.

Quem era esse velho, que tinha tão alvas  
Tam longas as cans?  
Seria fidalgo, gentil cavalheiro,  
Das hostes christans?  
Iria tambem atacar n'essas praias  
As turbas islans?

Não. Ao velho altivo, restavam apenas  
Os gosos do céu.  
O mundo p'ra elle já estava coberto  
C'um tumido véo.  
E' frade professo; despresa as vaidades...  
P'ró mundo morreu.  
(Continua.)

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## A UNS ANOS

Da tua existencia no sumptuoso altar  
Mais hoje propicio, um degrau snbiste

Entr'as benções de Deus;

A natureza, essa fada sacrosanta

Hoje se reveste de pomposas gallas

Pr'a saudar os annos teus.

Um anjo no poema da tua vida

Ao som dos hymnos de celestiaes archanjos

Mais um verso escreveu.

E no lustre das tuas primaveras,

A diva dextra do creador immenso

Mais um lume acendeu.

O mundo te saudava em seu sorrir jucundo

Deus, e a natureza, tecerem tua corôa

Da virtude o galardão;

E a virgem que te adora... em letras d'ouro

Registrou do teu natal o grande dia

No livro do coração..

4 de Dezembro.

A. DE SILVA.

## MOSAICO

**Declaração** — Em seguida publicamos a declaração, pela qual o snr. Coelho deixou de fazer parte da redacção d'este jornal.

Eis a declaração :

«Eu abaixo assignado, declaro que deixo de fazer parte da redacção do semanario a **Esperança**, ficando muito agradecido ás pessoas que se dignaram assignal-o, e pedindo continuem a honrar o snr. Amaral com a sua coadjuvação. — Novembro de 1866. — G. G. Coelho.»

**Modas** — Da nossa correspondente de Lisboa, recebemos o seguinte:

Nas *toilettes* de baile representarão este inverno um importante papel tanto o ouro como a prata.

A mais bonita collocação de taes enfeites,

será, formando riscas e applicando-se em *tulle* de seda.

A largura do *tulle* é de um metro a sessenta centímetros, é um vestido, leva sete metros. Tambem se lhes dá a fórma de estrellas, de rodellinhas, de faixas.

As riscas diagonaes, as grandes estrellas, e mesmo outros desenhos differentes, custam em Pariz, desde 9\$000 a 13\$000 reis.

Os vestidos de baile são, como os demais, cortados ao revez, e o seu preço não é exagerado, visto que n'elles se emprega de *tulle* seda branca, e tarlatana lisa, côr de rosa, azul, verde, amarella, encarnada, etc., etc. Com os vestidos de tarlatana lisa, usar-se-hão collares, brincos, broches, e pulseiras, feitos de pequenas flores, o que faz mui bonito effeito; mas estes adereces são proprios sómente para meninas que não excedam aos vinte e dous annos. As flores dos collares são fixados sobre tirinhas de velludo. Os mesmos adereces se fazem com imitações de fructos, como ginjas, cerejas, groselhas, bagas de sorveira, e uvas, pretas ou brancas. Nos apanhados dos vestidos muito proprio um ramalhetinho de fructos imitados.

A guerra comprehendida contra os balões tem sido efficaz para os restringir, impotente todavia para os anniquilar: e tanto isto é assim, que brevemente se verão á venda em Lisboa, saias balões de seis e oito arcos: as quaes apresentam novidade, pelo modo porque são feitas.

As saias de clina ou porque não façam bonita roda, ou porque se estraguem muito, pouca voga têm.

Usam-se muito em Pariz e Londres, vestidos de Panno, e mesmo o trajo completo. A moda dos vestidos nescados devia necessariamente trazer o renascimento dos vestidos de panno.

Fazem-se lizos ou com enfeites de lã; mas os mais elegantes são bordados. E o que talvez cause admiração é que esses vestidos tambem se enfeitam com folhagem e flores de sollo.

Um novo estofa acaba de apparecer nos *Armazens de Louve*, o qual é, glacé preto.

com salpicos brancos em relevo figurando cou-  
tas. Convem para *toiletts* de passeio ou de ca-  
sa, e não se lhes juntam guarnições de quali-  
dade alguma, além de botões com agulhetas,  
desde o pescoço até o fim da sai.

Continua a notar-se grande variedade nos  
chapeus Podem fazer-se em estofa de qualquer  
côr, inclusivé branco. Eis alguns exemplos Cha-  
peu oval de velludo branco; á roda renda de  
seda em bicos ao lado um grande *narciso* bran-  
co; testeiro de velludo verde largas fitas de seda  
brancas.

Chapeu redondo em velludo preto que se  
chamam *a demi fond*; isto é, a parte que anti-  
gamente o chapeu era redonda e ficava no la-  
do da nuca, agora fica no alto da cabeça, mas  
tem muito pouca altura: quer dizer, tem meta-  
de do comprimento que se dava então ao fun-  
do. O *chignon ao cuiá* ficará descoberto Grinal-  
das de flores com tres rosas mais grandes, lar-  
gas fitas de côr de rosa.

Chapeu franzido em setim violeta, com tres  
rosetas de contas pretas: rendas pretas por den-  
tro e nas extremidades que assentam na *cuiá*,  
as quaes se prolongam para se unirem com as  
fitas de atar, que são de seda, mas da mesma  
côr do velludo do chapeu; por cima das quaes  
fica o prolongamento das rendas, que já indi-  
camos.

Chapeu de velludo azul, acompanhando o  
rosto; na testa uma camelia de velludo branco:  
por cima renda preta pluma azul prolongada  
com o chapeu: ao lado esquerdo cae uma es-  
pecie de *chorão* azul com algumas contas: fitas  
para atar muito largas e azues: e finalmente  
duas tiras de renda descem de parte posterior  
do chapeu, e vão até proximo á cintura.

**Excellent rasão**—Questionavam duas  
freiras acerca da validade das suas igrejas. Uma  
era Franciscana e a outra Carmelita. A pri-

meira dizendo que a ordem de S. Francisco era  
a mais poderosa, acrescentava:

— Ora escute-me, irmã, eu confio, em  
Deus Todo Poderoso e no nosso santo patrono,  
que a hei de convencer. Olhe, na missa, que  
nós ouvimos todos os dias o padre não diz *sur-  
sum correa* mas sim *sursum corda*; d'onde se  
collige que a corda de S. Francisco é mais po-  
derosa que a corréa de S. Bento.

O que a anedocta não diz, é se a Carme-  
lita ficou convencido na questão; mas é de crer  
que sim, porque com tão potentes rasões era  
incrível deixar de convencer os ouvintes.

**Expediente** — Pedimos aos nossos il-  
lustres assignantes da provincia, que ainda não  
saptisfizeram o importe da sua assignatura, a  
bondade de o mandar fazer com a possivel bre-  
vidade ao escriptorio da redacção, rua da Fon-  
te n.º 9, em Massarellos.

## PAGINAS INTIMAS

Um volume em prosa e verso

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

Esta obra, que brevemente entrará no  
prêlo conterà mais de 200 paginas em oitavo  
francez e será adornado com o retrato do au-  
thor.

Preço para o Porto 400 reis, e provincias  
450 reis.

Os snrs. assignantes da **Esperança**, que  
desejarem assignar o volume, terão a bondade  
de assim o participar á redacção, Massarellos,  
rua da Fonte n.º 9, que o terão por 300 reis.

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ PEREIRA DA SILVA.

63, Praça de Santa Theresa, 63

## OS DOUS IRMÃOS

CONTO ROMANTICO

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

(De pag. 226)

N'este entretanto, Helena sahiu da sua prostração e comprehendeu que acabava de dar a conhecer á irmã de seu marido, o terrivel segredo, occulto ha tres mezes, com tanto trabalho. Ficou immovel, algum tempo e como que ferida por um raio. Depois ousou levantar os olhos para sua cunhada, mas ao encontrar os olhos de Luiza, abaixou-os de novo para o chão. Passaram-se alguns instantes de silencio igualmente penivel para ambas ellas. Emfim, chegou-se ao diwan, e murmurou estas palavras, com uma voz quasi imperceptivel:

—Eu não pretendo justificar-me, Luiza; eu conheço que sou culpada, e tu tens direito de me fechares teu coração. No entanto se tu soubesses quanto tenho soffrido, talvez tivesses compaixão de mim. O arrependimento seguiu de perto a culpa, e nunca procurei escusa no isolamento, em que teu irmão me deixou, e nas seducções d'um mundo, onde eu não tinha para me conduzir, senão uma razão debil e uma imaginação ardente. Não, eu conhecia todos os meus deveres, e gosava a felicidade, que experimentamos quando temos a consciencia de que aquillo que fazemos é licito, e bem visto aos olhos de Deus e do mundo. E todavia, esqueci esses deveres. Como isto aconteceu, não sei; o que é certo, é que se realisaram os desejos de meia dazia de ignobeis, a que eu—insensata!—ousei dar ouvidos. Tu tinhas partido para Coimbra;—eu tinha ficado só. O aborrecimento me tirou do retiro, onde me haveria conservado, e dado o primeiro passo, fóra da minha casa,

cheguei de festa em festa, no meio do turbilhão do mundo. Ahi cercada de homenagens e lisonjas, comecei um sonho que foi curto; e quando uma manhã, acordei... já era mãe!

Helena cobriu o rosto com as mãos. Luiza escutava com a cabeça abaixada, e não ousando levantar os olhos para ella.

—Depois d'esse dia — continuou Helena. procurei as trevas; como todos os criminosos. Obrigada a procurar um cumplice entre meus criados, escolhi um lugar, onde podesse no futuro, chorar sem receio, que minha dôr fosse escarnecida, pelos olhos motejadores do mundo. Ah! como tu és feliz Luiza! Soubeste conservar a paz e a serenidade de tua alma. Esperas, cheia de jubilos, aquelle que tuas, e que és feliz em amar... e eu!... eu estou reduzida a calcular o tempo que me resta a viver longe de meu marido!

E depois d'uma leve pausa, continuou:

—Os dias que tu achas tão lentos, passam para mim com a rapidez das horas... porque, quando elle vier, quando elle bater a essa porta, eu não poderei correr á sua chegada, nem o poderei abraçar, quando elle me estender os braços... Meu Deus, meu Deus, parece que tudo n'esta casa me reprehende, e levanta a voz para me imputar um crime. Quando me falava da virtude, Luisa, eu temia que não lesses na minha alma, e contra vontade, o rubor me subia ás faces.

Ah! tu não sabes todo mal, que me tens feito! Eu não ousava chegar-me a ti, e contemplar-te as faces, tão mimosas. Eu andava constantemente com os olhos fixos no chão, e quando por acaso os levantava para as paredes, via o retrato de teu irmão, e um spasma se apoderava de mim; eu via o retrato animando-se paulatinamente, e a espada do general, sahindo por si propria da bainha! Oh! não é im-

punemente que uma mulher olvida os seus deveres! Deus vingá-se! A vida da criminosa, esvae-se entre o sentimento do passado, e os terrores do futuro!...

A voz de Helena, era tão penetrante, seu sentimento tão vivo e profundo, que Luiza, não pôde deixar de a contemplar com uma terna compaixão. Helena continuou:

—Agora sabes tudo, Luiza. Bem quizera poupar-te estas tristes confidencias, porque de mais a mais a tua idade não é propria para isto, mas já que meus remorsos me trahiram, espero que tu não escutarás sòmente uma justa indignação; tu estender-me-has a mão mesmo no abysmo onde cahi. Oh! eu t'ò supplico! Tu, a quem, eu não ousa mais, chamar minha irmã, sê para mim, d'hoje em diante, o meu anjo da guarda, já que o verdadeiro me abandonou. Eu resolvi redimir a minha culpa. Todavia ha um sacrificio, perante o qual eu vejo cada dia enfraquecer minha coragem... só se tu me ajudasses a perpetual-o.

—Falla. Eu estou prompta, Helena —disse Luiza, levantando-se.

Tracta-se de meu filho,—replicou Helena. Ah! nada temas! Tu ficarás pura, como estes anjos que se juntam ás coisas da terra, sem que nada os possa manchar. Ouviste-me, não é verdade? Esta criança não pôde ficar n'esta casa. Infeliz! Jamais poderá medrar diante dos olhos de sua culpada mãe. A ninguem dará este doce nome, e viverá como um orphão. E' preciso que elle parta o mais breve possivel; tu o acompanharás a alguma d'essas cabanas, onde mãos mercenarias, lhe devem mesurar os cuidados, que eu lhe prodigalisara. Eu não mais o verei... mas tu, Luiza, tu irás vel-o algumas vezes.

—Irei, minha irmã — murmurou a donzella.

—Obrigada! — respondeu Helena. Agora sinto-me com as forças necessarias, para consummar o sacrificio. Mas antes de me separar para sempre de meu filho, quero abraçá-lo, mais uma vez ainda. Depois eu vol-o trarei. O carro estará convenientemente prompto e...

Helena não pôde continuar. As lagrimas embargaram-lhe a voz. Fez signal a sua cunhada para a esperar e sahiu do salão.

(Continua.)

## O QUE SE CONTA EM PROVENÇA

Era o trovador pelo commum um moço de phantasia e arrojados espiritos, nascido as mais das vezes n'uma choupana entre a floresta e o castello feudal. Ainda no berço uma cigana lhe lera a buena-dicha em que ninguem creu.

CASTILHO—*A chave do enigma.*

### I

Não sabe a castellã quem é que em seu eirado Põe, todas as manhãs, um ramo inda orvalhado Das perolas d'aurora; uma escondida mão O deixa alli ficar ao pé do coração, Que fica lá tambem... Muitas vezes o pagem, Em antes do sol vir, occulto na ramagem, Mandado por a dama, espera a ver quem é O mysterioso amante; espera e nada vê... Parece adivinhar o môço namorado Que alguém o espera alli nas moitas emboscado, E demora-se então emboscado tambem... Suspeita a castellã que alguma fada vem Poisar-lhe o ramo alli, e tanto lhe quer ella Que em fina jarra o põe no altar da capella... Se é triste, a castellã da jarra o vai tirar, Aquece-o entre as mãos, começa-o de beijar, E sente-se feliz!.. E sente que a alegria Pouco a pouco lhe vem, até que a inebria!..

Nas noites de luar, r'essas noites d'abril  
 Em que se mostra o ceu sereno e côr d'anil,  
 Poisa-o no travesseiro em que poisa a cabeça  
 E, mal'então se deita, adormece depressa  
 Descuidado a sonhar sonhos lindos d'amor!..  
 Em quanto feliz dorme o pé d'alguma flôr  
 Se lhe prende na trança e acorda presa ao ramo!

Mas do leito se ergueu mais leve de que o gamo  
 Ao seu eirado foi buscar o que tem lá  
 Á espera que ella chegue, á espera que ella vá!..

## II

Um dia a castellã de tão formoso rosto  
 De tão magico olhar, á hora do sol posto,  
 Andou, com muito afan, colhendo em seu jardim  
 Uma açucena aqui, mais além um jasmim,  
 E um ramo entreteceu...

Apenas o sol nado  
 Brillhou no outrô dia, alguém que sobre o eirado  
 Um ramo foi poisar, um outro ramo achou...  
 E logo descobriu quem foi que lh'o deixou,  
 Porque dizia assim:—*Ao mysterioso amante*  
*Dedica a castellã...*—

O moço delirante  
 O beijou muita vez!..

## III

Ia o sol a descer,  
 Quando em todo o castello a dama ouviu dizer,  
 Que o loiro trovador, que uma noite ouvira  
 Em as *cortes d'amor*, moribundo delira,  
 E pede que lhe vão a castellã chamar,  
 Que elle sem a vêr já não pôde expirar...  
 Chorou a dama e foi!... O coração da gente  
 Adivinha tambem!... Em convulsões tremente,  
 Chegou ao leito a chorar...

Mas tarde já chegou,  
 Que em vez do trovador um cadaver achou,  
 Tendo preso na mão o ramo perfumado,  
 Que de manhã achou posto sobre o eirado...

10 de Agosto de 1866. ALBERTO PIMENTEL.

## FREI ANGELO

POEMA LYRICO

## III

(Continuado de pag. 230)

«Padre, padre, mal tu sabes,  
 Quanto na guerra soffri...  
 Fui ferido na contenda  
 Rei, e patria, já perdi!  
 Vi n'aquelle infausto dia,  
 Quanto pôde uma agonia  
 Gravada n'um coração!..  
 Vi cahir inanimado  
 C'o escudo sobraçado  
 Nosso rei, Sebastião...  
 Vi cair! Mas esta alma  
 Resistir não soube á calma  
 E sobre elle se lançou.  
 Despresei o duro ardil,  
 Rompi filas mais de mil...  
 Junto ao rei me fui prostrar.  
 Mas debalde obrei prodigios,  
 Debalde ergui nos vestigios  
 O throno de meu valor;  
 O rei tinha succumbido,  
 Com valor tinha morrido,  
 Junto estava do Senhor.»  
 —«Mui cruel foi o destino...  
 Como assim? O rei morreu?»  
 —«E' verdade, eu mesmo o vi.  
 Mas dissei-me, eu vol-o peço  
 Por quem dobra aquelle sino.  
 Frei Angelo, não m'o occultes,  
 Talvez isto aqui não fique...»  
 —«Sabes tu, porque elle dobra?  
 Já não vive D. Henrique.»

## IV

E o frade piedoso  
 Abateu-se para o chão;

Levantou ao céu os olhos  
Murmurando esta oração:

«Salvè, Deus, n'essas alturas,  
Salvè, Santo de Tião...  
A ti entrego minha alma  
Dou-te vida e coração.

—  
Salvè, salvè! a ti me curvo...  
Bem conheço o teu poder;  
Em meu seio ergui-te um throno  
Hei-de amar-te até morrer.

—  
«Já não vives, rei valente,  
De ti, só, nos resta a dôr...  
Foste gosar das virtudes  
O premio ante o Senhor.

—  
«Mui breve foste na terra!  
—Era impropria para ti;—  
Estás no céu entre os santos,  
Tem-te Deus junto de si.

—  
«Salvè, Santo, pede aos anjos  
Pelo throno portuguez...  
Não te esqueça a Lusitania,  
Olha por ella outra vez.

—  
«Salvè, Deus, n'essas alturas,  
Salvè Santo de Sião,  
A ti entrego minha alma  
Dou-te vida e coração.»

## CANTO II

.....We take no note of time  
but by its loss.....

Young.

All quell'd!—Dark spirit! what must be  
the madness of thy memory!

LORD BYRON.

## I

Que tropas são essas que passam, altivas  
As raias immensas limites do reino,

Do meu Portugal?

São tropas Ibéras; lá trazem pendidas,  
As lanças, adagas, espadas luzentas,

E o manto real.

—  
Que fazem as tropas, qual é seu intento  
Passando as raias que o reino dividem?

Que feito é o seu?

Fazer o que ha sec'los fizera um guerreiro?

Fazer recordar as campanhas da patria

Que Nuno venceu?

—  
As tropas guerreiras commanda-as um bravo  
Que summa justiça, já causa á victoria

Mui grande valôr...

As tropas dos lusos são poucas em força  
Que importa que tenbam valôr estremado,

Que importa, Senhor?

## II

Reuniu-se o povo Luso

Nos campos de Santarem...

Quanto pôde ahi juntar-se,

Homens, moças, tudo vem.

Qual o fim, alguns não sabem.

Mas não falta ahi ninguem.

—  
Mas que quer o povo junto,

Quem o manda ahi chamar?

Quererão vencer castella  
 Que os veio atacar?  
 Oh! não querem, o seu fito  
 E' ter rei para os mandar.

Dom Antonio é o eleito  
 Pelo povo Portuguez...  
 Elegel-o todos querem  
 Dão-lhe um sceptro e um arnez!  
 Mas Deus queira em tanta festa,  
 Que não haja algum revez.

Mas quem vejo? D'entre as turbas,  
 Quem destingo a correr?  
 E' frei Angelo. Eil-o, chega;  
 Todos juntos o vão vêr...  
 Quantos beijam suas vestes  
 Com sinais de gran' praser?...

Com mostras de mui carinho  
 Os contempla o ancião  
 Com a estolla sobraçada  
 Um cruxifício na mão...  
 E tomando um vulto austero  
 Assim falla á multidão:

(Continúa) A. PEIXOTO DO AMARAL.

## O CAPITÃO RICARDO

ROMANCE ORIGINAL

POR

ALEXANDRE DUMAS

(Traducção)

(De pag. 218)

—Irmãos, continuou o presidente, o fim da nossa reunião é receber um novo affiliado e de-

pois tirar á sorte aquelle a quem cabe cumprir a santa missão—vingar a Allemanha—Quem é o padrinho do novo irmão?

—Sou eu, disse Schlick, levantando-se?

—Quem és tu?

—Bade.

—Pois bem; disse o presidente, vão os dois irmãos mais novos buscar o neophyto.

Os representantes da Baviera e do Tyrol mancebos de cerca de 20 annos, levantaram-se e foram buscar o tenente que appareceu um pouco depois com os olhos vendados á grade onde o esperava o padrinho.

Depois de ter dado alguns passos na sala, os dous mancebos foram tomar os seus lugares e o neophyto ficou apenas acompanhado do padrinho.

Reinava um profundo silencio; todos os olhos se voltaram para o novo affiliado. Um pouco depois ouviu-se a voz do presidente que perguntava com um tom magestoso:

—Irmão, que horas são?

—A hora em que o senhor vigia e o escravo dorme, respondeu o tenente.

—Onde está o senhor?

—A' mesa.

—E o escravo?

—Deitado no chão.

—Que bebe o senhor?

—Sangue.

—E o escravo?

—As suas lagrimas.

—Que quereis fazer d'ambos?

—Sentar o escravo á mesa e deitar o senhor no chão.

—Tendes armas?

—Tenho esta corda e este punhal.

—Que é a corda?

—O symbolo da nossa força e união.

—E para que serve o punhal?

—Para ferir.

—E fareis uso d'elle contra todo aquelle que fôr inscripto no livro de sangue?

—Sim; juro-o.

—E se vós faltasseis aos vossos juramentos e fosséis condemnado, entregar-vos-hieis ao punhal?

—Entregava.

—Pois, então, sois admittido no numero dos affiliados da União da Virtude e podeis se quizerdes, tirar a mascara.

O joven tirou d'uma só vez a mascara, deixando ao mesmo tempo cair o capote.

No momento em que todos contemplavam a sua esbelta figura, a porta de bronze abriu-se e entrou pálido, o representante do Hannover que estava de sentinella.

—Irmãos, disse elle, estamos perdidos!

—Que é?—perguntou o presidente.

—Mais de cem pessoas entraram nas ruinas; eu, como ellas me deram o signal d'entrada, não lhe oppuz resistencia. Porém, reparando em que era um numero excessivo, entrei nas ruinas, escondi-me atraz d'um pilar e vi entrar mais cincoenta homens, bem armados e então corri a avisar-vos... A's armas, irmãos! Houve um momento de confusão, durante o qual todos se apoderaram das armas que mais lhe convieram.

No meio da desordem, Schlick, aproximou-se do neophyto e disse-lhe:

—Ponde a mascara e fujamos; a sala tem muitas portas falsas.

—Porei, a mascara, mas não fugirei.

—Então armae-vos e combatei.

O joven já não encontrou senão espadas porque os outros affiliados tinham pegado nas armas e pistolas.

D'ahi a alguns instantes, viram-se as pontas das bayonetas dos soldados, que estavam pela porta fóra.

—Fogo! gritou o presidente.

—Fomos traidos, exclamaram todos; as armas estão descarregadas. A's portas falsas, irmãos, ás portas falsas.

Os estudantes correram então a diferentes pontos da sala, onde o tapeçaria se rompeu e deixou ver portas; porém, pararam, porque se acharam mettidos n'uma circumferencia de bayonetas. Cento e cincoenta soldados bavaros, os cercavam.

—Irmãos, fogo aos barris!

Os estudantes accenderam mechas, porém, a polvora, não s'incendiava.

—Traidos, exclamaram os estudantes!

—A historia não está muito boa, disse Schlick, ao ouvido do seu companheiro; mas nós dizemos quem somos e como os bavaros são aliados do nosso imperador...

N'este momento o commandante da força, adiantou-se e disse:

—Senhores, mettam-se n'uma fileira.

Depois tirou um papel do bolso e leu:

«O capitão Ernesto tomará, cento e cincoenta homens e revistará as ruinas do castello de Abensberg. Se encontrar os conspiradores, mettel-os-ha n'uma fileira e fusilará um, em cada grupo de dez. Logo que tiver logar a execução, os outros serão postos em liberdade.

MAXIMILIANO.»

—Viva a Allemanha! gritaram os prisioneiros.

—Senhores, disse o capitão, bem me custa, mas a justiça militar...

Dito isto, contou os affiliados e ao chegar ao decimo, que era o nosso incognito tenente, disse:

—Senhor, saí da fileira, sois vós que pagareis o dizimo de sangue.

O joven saiu da fileira e foi-se collocar ao pé da parede da sala.

—Podeis, senhor, se quizerdes, replicou o capitão, conservar a mascara.

## MOSAICO

—Não, disse o joven, tirando-a, não quero que digam que escondo o rosto para se não conhecer o medo.

Um dos soldados lh'apresentou um lenço.

—Senhor capitão, disse o joven, eu sou militar e por isso peço-lhe me deixe dar as vozes do commando e estar com os olhos desvendados.

Depois passou um a um os irmãos do condemnado, dizendo.

—Eu te saúdo martyr.

O capitão mandou collocar dez homens a oito passos do condemnado.

—Apontar! disse o joven, com serenidade

—Fogo!

Não se ouviu mais do que a pancada sobre a pederneira.

Tudo fôra uma experiencia.

Depois d'isto os soldados retiraram-se e os conspiradores tomaram os seus lugares depois de terem admirado a sua bravura e de Schlick lhe ter dito ao ouvido: «agora podeis chamar-vos Ricardo, coração de leão.»

—Irmãos, disse o presidente, Napoleão esse monstro humano é accusado de desvastar Allemanha e querer tirar-nos a independencia; que merece?

—A morte responderam todos em côro.

—Então tiremos á sorte a qual de nós cabe vingar a Allemanha. O vigia trouxe a urna na qual foram mettidas as taboinhas, mexeu-as e depois tirou uma.

—Baviera gritou elle.

Então o joven Staps, se levantou e disse tranquillo.

—Dentro de tres mezes ou Napoleão estará morto, ou eu fusilado.

—Viva a Allemanha, gritaram todos em côro.

E como o fim da reunião estava satisfeito retiraram-se.

(Continúa)

J. N. R. BOTELHO.

**Religioso**—Chegando um Religioso a Odivellas, e tomando a benção ao seu abbade, depois de passadas as primeiras ceremonias, lhe disse: «V. P. não me conhece?» Respondeu o abbade: Não» Tornou o religioso: «Pois eu estive em tal tempo toda uma tarde na cella de nosso P. Geral, por signal se riu V. P. tres vezes, e deu uma pancada no braço da cadeira com a força do riso.» Cahi o abbade em si com este signal, e perguntou-lhe: «V. P. era um frade que alli estava alto, bem disposto, com uma cabeça pequena, pintada de branco, alguma cousa, com dous dentes fóra aqui adiante?» Respondeu-lhe o frade que sim; deu-lhe então o abbade um abraço, e ficaram conhecidos...

Foi este religioso hospede á noite para casa do P. Reitor, onde se armou uma arrenegada, em que elle entrava, junto d'elle estava um miron, que, vendo as parvoices que o frade jogava, se ria muito; no que reparou o frade tanto, que se arrojou a discompor o homem, chamando-lhe judeu por variás vezes; e acertando ir o homem fóra a alguma cousa, emtanto lhe disseram os outros companheiros, que aquelle homem era christão novo, e que fizera mal em chamar-lhe judeu; respondeu o P. que a saber-o o não faria. Não tardou o homem em voltar para dentro, e levantando-se o P. lhe pediu perdão, dizendo que não sabia que elle era christão novo, e porque os seus companheiros lh'o tinham dito, se sentira muito de lh'o ter chamado, mas que a sua ignorancia o desculpava....

**Tem graça**—Indo o Arcebispo de Lacedemonia a Alcobaça, e hospedando-o o P. Geral com toda a grandesa, na occasião em que

lhe pozeram de merendar junto a uma fonte, que tem a cerca, na qual á dous olhos d'agua, que correm por suas bocas, das quaes uma é mais alta, e outra mais baixa: depois que o Arcebispo comeu, mesmo em pé, doze, foi beber agoa da mesma fonte, e chegando-se á bica, que ficava de cima, porque a outra não era tão saída, lhe advertiu o Geral que não bebesse d'ella, dizendo: «Beba Vossa Illustrissima do nosso olho de baixo, que é muito melhor.»

Estando em uma quinta um Religioso Bernardo, quiz ir ver um amigo, que estava alli vizinho em outra; encontrou ao sair de casa com um Franciscano, com quem travou conversa, e foram de caminho: haviam de passar um rio, e era lugar onde estava muito espraiado; tirou o Franciscano as suas sandalhas, arregaçou o habito, e com todo o desembaraço se ia mettendo á agua, quando o Bernardo lhe disse: «V. P. quereria fazer uma caridade de me passar da outra banda?» Respondeu o Franciscano, que de muito boa vontade, e pondo-se a geito tomou o Bernardo aos hombros; no meio do rio perguntou-lhe: «O' P., leva dinheiro?» O Bernardo cuidando que era para lhe pedir o frete, disse: «Levo, e darei a V. P. o que quizer.» Então respondeu o Franciscano. Eu não posso receber dinheiro, por ser contra a minha regra, nem tão pouco o posso levar commigo; e assim fique V. P. aqui, que eu não quero ficar excommungado; e dando um geito ao corpo o deitou n'agua...

**Tem chiste**— Vindo um barco de palha para o convento do desterro, foi necessario que o P. Abade (para lh'o darem livre) passasse uma certidão, o que fez nos termos seguintes: «Certifico que o barco de que é arraes o snr. Antonio Domingues, vem carregado de palha para o necessario dos P. Bernardos de N. S. do Desterro de Lisboa em casa de Março do mesmo mez que vai correndo.»

**Uma carta**—Tendo um dos nossos paes mandado por um rapaz uma carta á sua freira ao convento da Rosa, entreteve-se o rapaz com o mono do visconde de Villa-Nova da Cerveira, o qual lhe tirou a carta da algibeira, e a rasgou, e o rapaz lh'a tirou das mãos, e voltou afflicto ao Desterro; e vendo o P. que o rapaz vinha assustado, lhe perguntou o que havia succedido: respondeu o rapaz, que o mono do visconde lhe metterá a mão na algibeira, e lhe romperá a carta; perguntou-lhe então o P.: «Leu-a elle?» disse o rapaz que não; e muito satisfeito disse o P.: «O mais não importa.»

## PAGINAS INTIMAS

### Um volume em prosa e verso

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

Esta obra, que brevemente entrará no prelo conterà mais de 200 paginas em oitavo francez e será adornado com o retrato do author.

Preço para o Porto 400 reis, e provincias 450 reis.

Os snrs. assignantes da **Esperança**, que desejarem assignar o volume, terão a bondade de assim o participar á redacção, Massarellos, rua da Fonte n.º 9, que o terão por 300 reis.

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ PEREIRA DA SILVA.

63, Praça de Santa Theresa, 63

## OS DOUS IRMÃOS

CONTO ROMANTICO

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

(De pag. 226)

## III

Ainda a joven não tinha vindo a si da emoção que esta scena lhe causará quando um rumor de passos se fez ouvir sobre a areia do terraço. Levantou-se o biombo, e um homem de estatura elevada, entrou no gabinete. Trazia uma farda azul, abotoada pela frente, e uma longa espada lhe pendia da cinta, suspensa por um talim de verniz. Este individuo não havia de ter mais de quarenta annos, posto que seus bigodes grisalhos, sua fronte cercada de rugas, e uma larga cicatriz na face, podessem fazer acreditar á primeira vista, que era muito mais idoso.

Logo que viu Luisa, sentada sobre o canapé, seu rosto severo serenou-se repentinamente e um sorriso affectuoso pairou em seus labios. A joven, ainda sob o peso da terrivel confidencia que acabava d'ouvir, não tinha dado pela sua chegada.

O general depois de a ter contemplado um instante, com complascencia, exclamou com voz commovida:

—Luisa! Minha querida irmã!

A estas palavras Luiza, levantou a cabeça.

—Meu irmão! — Exclamou ella, precipitando-se nos braços do recém-chegado.

Este a cingiu donairosamente com o braço direito, levantou-a ligeiramente acima do sollo, como se ella fosse ainda a loira criança d'outros tempos, e depoz-lhe sobre a testa um candido beijo fraternal.

—Como estás bella e crescida — lhe disse elle collocando-a, *doucement* sobre o sobrado. Tu não nos esperavas, tão cedo, não é verdade? Quizemos-te causar uma surpresa — Mas onde está Helena?

Em lugar de responder, a joven, tremendo d'alegria, levantou os olhos para o terraço, a ver se distinguia a segunda pessoa, de que seu irmão, parecia annunciar a chegada.

—Eduardo, vem ahí já — disse o general com impaciencia — Mas então? Onde está Helena?

Esta questão recordou bruscamente a Luiza, o que se tinha passado n'aquella sala, alguns momentos antes. Com a chegada de seu irmão, a joven havia esquecido a aventura da noite, a confissão de Helena, e a terrivel situação, em que sua infeliz irmã se achava. A esta recordação uma pallidez de morte, lhe assomou ás faces. Ella quiz responder, mas as palavras morreram-lhe na garganta.

—Que significa isto, disse o general com inquietação — Helena está doente, talvez... Ah! eu quero vê-la. Corramos; talvez me occultes alguma desgraça.

Dizendo estas palavras, o general tomou a direcção da porta por onde Helena tinha sahido, e já estava prestes a abril-a, quando a joven se precipitou diante d'elle, tapando-lhe a passagem e exclamou com uma voz entrecortada:

—Esperae; Helena está enferma com effeito.... vossa presença repentina far-lhe-hia mal... eu vou prevenil-a.

—Tens razão, minha cara — disse o general com bondade — Vae! Mas lembra-te, que fieo esperando.

Luiza contente com o seu stratagem, dispunha-se para sair, quando a porta se abriu e Helena entrou na sala. O general cor-

reu para ella apressadamente com os braços abertos, mas ouvindo o grito de terror, que as duas jovens despediram, ficou suspenso como se fosse ferido por um raio. Helena, convulsa, tremula, fóra de si, apenas podia sustentar seu filho no collo, e sem ousar dar um passo, nem para diante, nem para traz.

—Meu Deus! — exclamou o general com uma voz abafada — que se passa n'esta casa? que tendes... que significa este terror?... E' d'esta maneira que sou acolhido, depois de tanto tempo d'ausencia? Desde quando me tornei eu para esta casa, um objecto de terríveis impressões?... Ah! eu comprehendo. Vós não me esperaveis forçosamente, e eu deveria ter-vos advertido. Perdoa-me Helena, a culpa foi minha... deixa-me apertar-te em meus braços.

Helena ficou immovel como uma estatua. O general contemplou-a um momento, e de repente, como que ferido por uma visão repentina, passou a mão pela frente e récouu um passo.

—Será isto um sonho? — disse elle d'um tom surdo — dizei-me de quem é essa criança.

Helena espantada fixou sobre seu marido uns olhos assustados e apenas respondeu com uma risada convulsiva.

—Endoideceu! Meu Deus, ella endoideceu! Mas por quem sois Helena, peço me digaes quem é essa criança... uma palavra... um gesto ao menos.

Sua esposa, não respondeu.

—Callas-te? continuou o general, elevando a voz, e já fóra de si — Oh! Isto não ha de ficar assim, é necessario que se explique cedo ou tarde. Pela ultima vez vos pergunto; a quem pertence esse innocente. Falla — accrescentou elle, dirigindo-se a sua irmã — tu nada ignoras, porque tremes.

Luiza, com effeito, tinha sido obrigada a apoiar-se sobre o encosto d'uma cadeira, porque sentia o corpo vacillante. O general chegou-se a ella, pegou-lhe n'um braço e saccudiu-lh'o rudemente — Estás muda? — lhe perguntou.

—Perdão, perdão! — exclamou a joven, levantando para seu irmão os olhos supplicantes.

—Perdão, dizes tu! — Sim, tel-o-has, mas primeiro, explica-me este terrível enigma.

Luiza abaixou os olhos e callou-se.

A frente do general errugou-se profundamente, os olhos brilharam, o sangue subiu-lhe ao rosto, cuja longa e pallida cicatriz, tornava a expressão mais terrível. Por um momento rapido tirou a espada da bainha e deu um passo para sua mulher. Luiza viu brilhar a espada, porém mais prompta que um relampago, precipitou-se para sua irmã, e exclamou arrebatada:

—Helena, dá-me o meu filho.

E no mesmo tempo arrebatou dos braços de sua irmã a desditosa criança, e fugiu com este perigoso fardo, para o fundo do salão.

Helena estava salva. O general lançou a espada sobre um sophá e exclamou com amargura, crusando as mãos sobre o peito:

—Eu já esperava isto. N'esta casa onde eu vinha procurar a paz e a virtude, não encontro senão a deshonra e a vergonha. Ah! infeliz de quem viaja! Quando nos apartamos, mil abraços, mil juramentos; passa o tempo e eis o que nos espera, quando voltamos. Eu tinha uma irmã, era um modelo de candura e innocencia, e quando voltei não vi mais que uma creatura aviltada, indigna do nome de nossa familia. Romperam-se os laços que nos prendiam; já não posso estender-lhe a mão nem contemplal-a, sem me envergonhar. Helena, não é a ti, que eu accuso: — eu advinho o

que se passou. Tu não és culpada senão d'uma indulgencia illimitada. E' essa a virtude das almas puras, como a tua.

(Continúa)

### A CAMPONESA

Bem longe do mundo nasci orgulhosa  
Ao lado risonho das rosas em flôr,  
Nasci bafejada da briza donosa,  
Que além meiga entôa mil trovas d'amor.  
Que vida tão linda a que eu passo no monte,  
Onde ouço mil aves canções modular,  
Onde entre boninas suspira essa fronte,  
Que ao meu coração, vem sentida fallar.

Por traz d'esses montes que além se levantam  
O sol vejô erguer-se e p'ra mim se sorrir,  
E as auras que endexas nas folhas descantam,  
Seu grato frescor me concedem fruir.

Por tardes calmosas deitada na relva  
Que sonhos tão bellos m'afagam a mim,  
Que immensas venturas se gozam na selva,  
Que a mente nos levam a mundos sem fim.

Por noites serenas vagueia sósinha  
Da lua adorando saudoso luar,  
Ai, sim adorando-o qual meiga andorinha  
Adora seus filhos, que vai animar.

P'ra mim os mancebos sorriem-se lédos  
Fitando os seus olhos nos meus d'azul côr,  
Querendo lêr n'elles do peito os segredos  
E os mil pensamentos que eu nutro d'amor.

Porém é debalde; só amo a terra.  
Onde entre perfumes ditosa nasci,  
Só amo as rosas, que brotam na serra,  
Que além feiticeira, p'ra mim se sorri:

Só quero as bellezas d'aldéa formosa,  
Só quero mui livre dormir no pomar,

Só quero da lua por noite calmosa  
Vêr n'esses ribeiros luzir o luar.

Novembro de 1866.

A. P. A. CARVALHAES.

### POBRE ORPHÃ!

I

A' beira, da cruz pallida  
Gemendo pensativa,  
Eil-a... pobre captiva,  
Orando ao Deus de ceu.  
Que noite! Visão tectrica  
A fronte apavoneia.  
Ao longe a sós campeia  
Um ermo mausuleu.

Ai pobre! Que dôr intima  
Te opprime os seios d'alma!  
Não tens sequer a palma  
Da fonte de teu ser...  
Desde o berço ao tumulo  
Bebeste amargo leite!  
Nem na vida um déleite!  
Nem sequer um praser!

Que queres, pomba candida  
Do ermo cemiterio?  
Quem causa tal mysterio,  
Na vida juvenil?  
Quem é, donzella timida,  
Que obriga a dar tal passo...  
Não temes que algum laço  
Te prenda n'um redil?

Não teme! Dôr recondicta  
Lhe abrasa a alma, o peito,

No frio, eterno leito  
 Descansa a pobre mãe.  
 Na sua hora ultima  
 Orou a Deus constricta...  
 Pobre orphã! Na desdita  
 Quizeras ir tambem!

«N'essas mansões olympicas,  
 «Falla por mim aos anjos;  
 «Ao coro dos archanjos  
 «Em breve irei subir.  
 «Oh! mãe, por Deus apressa-te  
 «Em quanto estou no mundo...  
 «D'este abysmo profundo  
 «Ao ceu desejo ir...»

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## O CAPITÃO RICARDO

ROMANCE ORIGINAL

POR

ALEXANDRE DUMAS

(Traducção)

(De pag. 218)

V

O ASSASSINO

Napoleão, que nós deixamos em Donauwoert, depois de ter alcançado uma serie de victorias sobre os austriacos, terminou por occupar Vienna, onde habitava o palacio de Schoenbrunn.

No dia 11 d'outubro de 1809 um joven de cerca vinte e um annos, trilhava com pressa a estrada que conduz á capital da Austria.

Logo que chegou a Vienna dirigiu-se a uma

hospedaria e depois de ter tomado uma simples refeição, sabiu e voltou depois, trazendo uma grande faca que tratou d'amolar.

Napoleão tendo de retirar-se de Vienna, tinha de passar no dia seguinte revista ao exercito.

No dia seguinte conversando com Budna plenipotenciario austriaco, que na estrada viera acompanhado por o joven que nos é incognito, e com o qual travára conversa.

Depois que os dois grandes diplomatas, terminaram as condicções da paz, entre as duas nações, desceram para passarem a revista ás tropas que já estavam formadas.

No momento em que a multidão se desviava para dar passagem ao imperador, um joven em vez de se retirar, ficou diante de Napoleão.

Rapp, ajudante de campo do imperador, viu brilhar um ferro que felizmente foi retirado a tempo pela sua mão.

—Staps! exclamou Budna!...

— Que ha de novo, exclamou Napoleão?

—Pois não visteis uma faca?...

—Explicae-vos. Ah! já sei...

—Um assassinato.

—E qual é o nome do cumplice, sabeil-o?

—E' Staps.

Duas horas depois da revista, Napoleão mandou buscar Staps á prisão, para o salvar, e para se certificar se seria alienação, para o que estava acompanhado de seu medico, Porém o joven recusou, e disse, que como era para salvar a patria, tentaria novamente e então talvez não sahisse frustrado.

Napoleão mandou convocar a conselho de guerra, deu a Staps um papel para mostrar ao presidente do conselho, e escreveu ao chefe da policia, o seguinte:

«Hoje um joven, tentou assassinar-me, tal-

vez por alienação, ou fanatismo. Como este caso foi pouco sabido, vêde se sois complascente.

NAPOLEÃO.»

E d'ahi a pouco sahia de Vienna.

## VI

### A EXECUÇÃO

No conselho, Frederico, confessou o crime pelo que foi condemnado á morte.

Na noite da vespera da execução, deu ao carcereiro a sua bolsa, pedindo-lhe que o chamasse cedo e que fosse pedir ao tenente, ordenança do conselho, que viesse fallar-lhe tambem pela manhã.

O carcereiro foi pontual,

A's seis horas da manhã, acordou Staps, que immediatamente se lavou e pentiou com uma perfeição inexcedivel.

Depois tirou do peito um medalhão, que beijou e apertou contra o coração.

N'este momento, appareceu o tenente com o chapéo na mão, no limiar da prisão.

—Muito vos agradeço a delicadesa.

—Tenho um favor a pedir-vos.

—Estou prompto a fazel-o.

—Não é esta a primeira vez que nos vimos.

—Sim, hontem, no conselho ..

—E tambem em Abensberg.

—Pois bem, fallae.

—Eu amava uma joven, que devia ser minha esposa, disse Staps com melancolia.

—Continuai, bem sabeis que não tarda...

—E' verdade, são-me contados os momentos. Sabeis que pedi para que me deixassem ficar até á minha morte o retrato de mulher ou antes d'esse anjo que me foi encontrado.

—E deram licença.

—Pois bem, quando eu morrer, tirai-m'ó,

porque ha-de estar sobre o meu coração, depois procurae-a e dizei-lhe como morri e sobre tudo que morri, pensando n'ella.

—Habita a Baviera?

—Não; por causa d'uma catastrophe, seu pai e ella, foram para Wolfack, pequena cidade do ducado de Bade.

—E como se chama?

—O seu nome está por detraz d'elle.

—Quereis mais alguma cousa?

—Sim, não quero ser confundido com os assassinos vulgares e por isso, depois da minha morte mostrareis ao presidente do conselho, o bilhete que hei-de ter na mão direita.

—Então adeus, e... coragem...

—Obrigado... onde nos encontraremos?

—Na esplanada.

Pela ultima vez apertaram a mão e depois o official saiu.

As oito horas o funebre cortejo dirigia-se por entre a multidão para a esplanada.

Staps, ia com toda a presença de espirito e procurava de certo, alguém..... era Ricardo.

De repente ouviu-se o troar longinquo do canhão.

—Que é isto, perguntou Staps, a Ricardo, que finalmente, encontrára.

—Annuncia a paz feita com Allemanha.

Então o joven ajoelhou entre a fileira dos soldados e orou instante. Logo que se levantou, Ricardo perguntou-lhe:

—E isto muda os vossos projectos?

—Lembraes-vos do que jurei?

—Mas, agora... a paz,

—Cumpris a promessa?

—Já vol'o disse.

—Então, dae cá a mão.

E ambos apertaram a mão.

Chegaram á esplanada.

O condemnado foi-se collocar a oito passos dos soldados:

—Posso voltar-me para que lado quizer? disse Staps.

—Pois não, disse o sargento.

—Então morrerei voltado para a Allemanha e para ella...

Um soldado apresentou-lhe um lenço.

—Dispensou, disse o condemnado.

—Atenção, disse o tenente.

—Preparar!

N'este instante, Frederico, olhou para Ricardo, como para lhe dizer — «não te esqueças».

—Apontar exclamou o tenente, voltando os olhos.

—Fogo, gritou o condemnado.

Os soldados obedeceram, e Staps caiu ferido por oito balas.

Ricardo, aproximou-se do cadaver e disse:

—Meus amigos, Frederico deixou-me incumbido dos seus negocios.

Os soldados retiraram-se com respeito.

Então Ricardo, ajoelhou-se, levantou o corpo de Staps, desabotoou a camisa e tirou um medalhão que deixou immediatamente cair

—Margarida Stiler! Oh! meu Deus!

Depois abriu-lhe a mão, tirou-lhe o papel, leu-o—

«Perdo-o  
Napoleão.»

—Oh! desgraçado!... morreu porque quiz.

(Continúa)

J. N. R. BOTELHO.

## ANJO E DEMONIO

(A' EXC.<sup>ma</sup> SNR.<sup>a</sup> D. M. A. R.)

Tão depressa turvou minha estrella,  
Como breve radiou bellá aurora,

Vi trocar-se por dias de pranto,  
Lindos sonhos ditosos d'outr'ora.

Era um anjo que expulso dos céos  
Só abrigo em meu peito encontrou,  
Soube em breve prender meu condão  
Com o sorrir que em seus labios pairou.

E eu amei esse anjo exilado  
Com protestos de nunca o deixar,  
E eu gozava uma vida d'amor  
Entre rosas que vi desfolhar.

E eu gosava venturas immensas  
Em um céu de delicias cercado,  
Quando ternos momentos d'amor  
Em seus braços passava enlaçado.

Mas bem pouco durou esta dita  
Foi em breve que a vi fenecer,  
Esses dias de tanta ventura  
Se trocaram em magua e soffrer...

O remorso adejou sobre elle  
Tinha um crime lá n'essa mansão,  
Em vez d'anjo, tornou-se em demonio,  
A semente criou-se da traição.

Traição... n'este peito descrido  
A' perversa um veneno lançou,  
Coração... minha fé... vivas crenças,  
Tudo, aos pés a insensata calcou...

Mas ainda ficou minha lyra  
Que a perversa não pôde quebrar  
E um peito magoado e oppresso  
Entre prantos, dôr e pezar.

Sirva pois minha lyra innocente  
P'ra só cantos saudosos vibrar,  
Se eu na vida cercado de espinhos  
Suas córdas poder dedilhar.

Dezembro de 66.

AUGUSTO DA SILVA.

## MOSAICO

**Mafokamachanya** — N'uma reunião de individuos em que cada um contava a sua historia, e estando entre elles um inglez que residiu algum tempo em Guiné, contou o seguinte:

Estando eu um dia a almoçar em casa de um negociante inglez, veio ter comnosco á mesa um *mafokamachanya*, (magistrado de categoria superior) e por elle vim a saber que o gallo era entre elles odiado, por ter sido a causa da côr negra com que se apresenta uma parte do genero humano.

Contar-vos-hei, em substancia, a conversação que teve lugar:

— Quer tomar alguma cousa, Mafouka? aqui ha peixe, cabrito, aves, pão, café, rhum e agua.

— De tudo um pouco, mas que ave é essa que ahí está? é gallinha ou gallo?

— Não sei, nem tão pouco vos deve importar.

— Porque?

— Porque o gallo é um maroto, um desavergonhado.

— Conta pois isso, que te fez o gallo?

— Que mal me fez! se não fosse elle, seria eu tão branco como os senhores.

— Então que analogia ha entre o gallo e a côr dos pretos?

— Toda.

— Mas explique-se,

— Eu lhe conto: Quando Deus Todo Poderoso creou o homem, apenas tinha um só dia para o fazer; começou pela manhã, e trabalhou sem descansar, porque tinha precisão de fazer muitas mais. Chegada a noute mandou-os metter todos em linha, para vêr que taes eram as obras que tinha feito. Examinou um, depois outro, etc., e achou que todos es-

tavam bem, pelo menos em quanto á fôrma; não gostou, porém, da côr; tinha-os feito pretos, e assentou que era melhor todos fôssem brancos. O remedio era facil; poz-se a lavar-os, trabalhou com ancia durante a noute a fim de acabar o trabalho no tempo que tinha prescripto para elle. Muito bem; mas o gallo não quiz que a cousa acabasse; quando Deus estava em meio da sua tarefa, poz-se o gallo a cantar, porque era manhã. Ficaram muitos por lavar, e eis-aqui o motivo porque eu sou preto, e porque não quero comer esses malditos que não deixaram acabar a obra de Deus.

Mafouka apasiguou a cólera com um copo de rhum puro, e comeu de tudo, porque o cosinheiro affirmou que não havia gallo na mesa.

**Presença d'espírito**—Lord Berkley, homem de grande firmesa, e presença de espirito, costumava gabar-se, n'um tempo, em que os roubos eram frequentes, que nunca se deixaria roubar por um salteador só. Uma noite, que ia de jornada, fez um ladrão parar o seu carrinho;—e, mettendo-lhe uma pistola pela portinhola, pediu-lhe a bolsa, dizendo—que visse s. s.<sup>a</sup> como bastava um só ladrão para roubar. Lord Berkley fingindo que levava a mão á algibeira para tirar o dinheiro, replicou-lhe com o maior sangue frio!

— Nunca tu me poderias roubar sem o auxilio, d'esse que está por traz de ti.

O ladrão virou a cabeça para olhar, e n'este momento lhe deu Lord Berkley um tiro.

**Conversação de dois amigos** — Ha dias hospedaram-se n'uma estalagem da rua do Souto, um alemteção com um minhoto: eram antigos conhecidos, e compadres; quizeram pernoitar no mesmo quarto; ao apparecer a madrugada, diz um para o outro:

— Compadre Tinoco?

—Que ha lá!

—Dormes?

—Porque?

—Era para que, se não dormisses, me emprestasses oito tostões.

Durmo.

**O marquez de Pombal**—Na guerra de 1762, entre Portugal e Hespanha, instava esta para que fechassemos os portos do mar aos inglezes, e como n'isto houvesse repugnancia da nossa parte, mandou da corte de Madrid a Portugal o duque de Almodovar com o seu ultimato de ou fechar os portos aos inglezes, ou entrarem as tropas hespanholas pelas fronteiras de Portugal a conquistar o reino; El-Rei D. José, a quem o duque procurou primeiro mandou-o ao marquez de Pombal para lhe fazer esta mesma intimação. Vai logo o duque a casa do marquez, e diz mui firme: «El-Rei meu amo manda-me aqui declarar á côrte de Portugal a sua ultima decisão, e vem a ser ou que Sua Magestade Fidelissima hade fechar todos os portos aos inglezes, ou que um exercito de 60:000 homens prompto para marchar, entra pelas fronteiras de Portugal.» O marquez tinha então perto de 70 annos, era prudentaço, e muito mánhoso; volta-se para o duque castelhano, fixa a luneta, e pergunta pasmado: «Quantos soldados são? quantos!»—«60:000» repete o embaixador. Pombal, na mesma fôrma d'at-tenção, retrocede um pouco, e diz. «Oh! é muito, não cabe cá tanta gente.»

**Espertesa**—Chegára certo cavalleiro (por signal que era morgado) á loja d'um alfaiate, na occasião em que elle tirava do fogo o ferro quente para assentar as costuras, e como visse que o alfaiate lhe cuspiu, perguntou-lhe: «Porque razão cospe v. m. no ferro quente?» «E', meu senhor, para ver se está bem quente, » ou se o posso supportar na mão ». Reparou

o cavalleiro na resposta, e passados alguns dias, estando a jantar mais sua mulher, viêrão á mésa uns lingoados fritos, e bem quentes: apenas o nosso morgado os viu, escarra-lhe em cima. Diz a mulher: «Porco que fizestes? Respondeu o cavalleiro: «Quero ver se os posso supportar na mão.»

## PAGINAS INTIMAS

### Um volume em prosa e verso

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

Esta obra, que brevemente entrará no prélo conterà mais de 200 paginas em oitavo francez e será adornado com o retrato do author.

Preço para o Porto 400 reis, e provincias 450 reis.

Os snrs. assignantes da **Esperança**, que desejarem assignar o volume, terão a bondade de assim o participar á redacção, Massarellos, rua da Fonte n.º 9, que o terão por 300 reis.

## EXPEDIENTE

Pedimos novamente aos nossos illustres assignantes da provincia que ainda estão em debito, a bondade de satisfazerem o importé da sua assignatura, para não soffrer interrupção a remessa do jornal.

TYPOGRAPHIA DE JOSÉ PEREIRA DA SILVA

63, Praça de Santa Theresa, 63.

## OS DOUS IRMÃOS

CONTO ROMANTICO

POR

ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

(De pag. 243)

## III

Helena, abatida, ouvia com grande magua as palavras de seu marido, e lançava sobre sua irmã uma vista dolorosa, onde se pintavam todas as torturas da sua alma, e ao mesmo tempo todo o seu reconhecimento. Luiza com o rosto coberto d'uma nobre confusão, escutava em silencio as reprehensões de seu irmão. Este proseguiu d'um tom, cada vez mais aspero.

—Desgraçada, como ousaste comparecer diante de mim! Não temeste, Luiza, que eu, no cumulo da minha indignação, esquecesse que tu eras a filha de minha mãe?! Ah! como tu deslisas dos passos d'essa santa mulher, para em tão pouco tempo lhe olvidares as suas licções! Feliz d'ella, que já não existe! Feliz d'ella, que de certo não sobreviveria á deshonra de sua filha. Calla-te. Que fazem tuas lagrimas depois do mal commettido? E' o allivio posthumo, d'uma affronta d'ignominia. O que mais sinto é a tua triste sorte. Antes o navio que te trouxe a Portugal naufragasse nas vagas do oceano.

—Vejo, disse Luiza, d'um tom resignado, que minha presença vos irrita. Deixai-me partir... abandonar esta casa...

—Sim, tu a deixarás, mais breve, do que cuidas—disse o general, a quem as palavras de sua irmã, haviam feito redobrar a cólera. Irás esconder em outra parte as lagrimas do teu arrependimento. Mas antes de te expulsar d'esta casa, dize-me quem foi o seductor. Oh! a

minha vingança não ficará aqui. Responde-me:—talvez te perdôe assim que conhecer esse miseravel, que veio manchar nossa familia.

—Nada tenho a responder. Castigae-me—disse Luiza, com firmeza.

N'este momento ouviu-se uma voz alegre retumbar no parque. Luiza estremeceu convulsamente

—Eis Eduardo!—disse o general affectando alegria. Felizmente chegou. Corre ao seu encontro, abraça-o carinhosamente, com mil palavras d'amôr! Affecta esses gestos enamorados, essas palavras apaixonadas, de que te servias em tuas cartas.

—Piedade! meu irmão, piedade!—exclamava a joven, com voz quasi desfallecida.

—Nunca!—exclamou o esposo de Helena. E' necessario que este excellente moço que não pensou senão em vós, durante tres annos, não seja por mais tempo victima d'uma vã illusão. E' necessario despedaçar o veu que lhe cobre os olhos....

O general não pôde acabar. Eduardo havia entrado no salão. Era um joven d'aspecto engraçado, e vestia com elegancia. Caminhou com um ar risonho, até ao meio da casa e estendeu os braços para Luiza.

—Eil-a—disse seu irmão, mostrando-a com o dedo. E' a ultima vez que a vedes.

—Como assim? Que dizeis?

—Se viestes aqui, para ver uma rapariga pura e virtuosa—continuou o general com dignidade—podeis-vos retirar; tal pessoa não existe em minha casa.

Eduardo empallideceu, e disse commovido:

—Luiza... é impossivel. Enganaram-vos, está pura, diz-m'o o coração. Luiza, calumnam-te: vê se te deffendes.

A esta ultima prova, a joven lançou um

olhar terno a sua irmã, que desde o começo d'esta scena, não tinha ousado fazer um movimento, nem pronunciar uma palavra; em seguida lançou sua vista sobre o sophá onde rutilava a espada desembainhada, e depois levantando os olhos para o céu, ficou immovel na attitude calma e altiva, em que se pintam os martyres na hora do sacrificio, que apenas têm a Deus por recompensa, e muitas vezes até por testemunha.

—Podes preparar-te para a viagem, replicou o general. O carro que me trouxe, esse mesmo te conduzirá ao sitio onde deverás embarcar até a ilha da Madeira, onde passarás o resto de teus dias.

Dentro d'um quarto d'hora, deverás sahir d'esta caza, onde depois poderei respirar mais livremente.

Dizendo isto, o general sahiu magestosamente do salão. Eduardo ia segui-o, mas Helena, correndo para a porta, reteve-o por um braço, e disse-lhe a meia voz:

—Uma palavra, senhor... em nome do céu escutae-me. Talvez me desprezeis, mas isso não importa. Devo fallar-vos a verdade. Luisa, é um anjo; essa criança que ahí vêdes é... meu filho.

—Grande Deus!—exclamou Eduardo, cahindo aos pés de Luiza.—Perdão, meu anjo, — continuou elle — alguma coisa me advirtia, que eras ainda a minha Luisa d'outros tempos, que nada tinhas de culpada. Mas tudo póde reparar-se. Eu não serei digno de ti; mas todavia debes recordar que me juraste amôr. Esta criança será vossa, visto tel-a, tão nobremente adoptada como vosso filho. Eu pedirei a teu irmão, a mão que ha tres annos me tem offerecido, e em breve chegará o auspicioso dia do nosso enlace. Não tremas pela pessoa que quiseste salvar. Deixa-me a gloria de me associar á tua dedicação.

Luisa reflectiu um momento, depois estendeu-lhe a mão.

Tendes um excellente coração, disse ella, o vosso designio é generoso. Mas meu irmão é inexoravel. Temos tudo terminado. Resta-nos a despedida.

—Oh! não, não! Eu te acompanharei.

—Jamais.

De repente a voz do general retumbou no salão. Chamava por Eduardo. O joven appressou-se a obedecer e Luisa seguiu-o tristemente, com a vista. Apenas elle desapareceu, a joven não pode suster uma lagrima ardente que lhe rolou pela porpurina face, mas voltou a cabeça com receio de affligir sua irmã. Depois d'este pequeno momento de fraqueza, retomou a um rosto sereno e disse resignada:

—Vamos, minha irmã, são horas de partir.....

#### IV

#### EPILOGO

Um quarto d'hora depois, um carro partindo a galope, echoou no pateo da casa. O general estava n'uma sala, a sós com sua mulher. Tinha socegado alguma coisa, e trazia já a espada embainhada. Viu o carro desaparecer atravez das arvores e disse emfim com emoção:

—E' Luisa que estes cavallos arrebatam para longe de nós! Infeliz! Vae talvez fazer n'esta casa um grande vacuo. Fui cruel... Mas quando um dia a quizeres abraçar, não tens mais que dizel-o. Immediatamente partiremos.

Eduardo foi ter com Luisa á ilha da Madeira, onde se receberam. Depois asseguraram ao general que a criança havia sido d'elles, li-

vrandu Helena d'esta maneira da culpabilidade, e facilitando-lhe a maneira de abraçar muitas vezes o seu filho querido.

FIM.

## O CAPITÃO RICARDO

ROMANCE ORIGINAL

POR

ALEXANDRE DUMAS

(Traducção)

(De pag. 246)

V

A CONFISSÃO

Depois da campanha da Austria, seguiu-se a da Russia.

A columna do general Nei, é a que seguiremos, porque é n'ella que estavam os dois gêmeos.

Depois de ter passado por um valle, não obstante a metralha russa, Luiz, reparou que seu mano Paulo, já não estava na columna.

No mesmo instante correu a procural-o; mas foi em vão. Finalmente, um soldado, disse-lhe que o vira cahir ferido ao passar por diante da bateria.

Luiz, correu para a rectaguarda, gritando com toda a sua força:

—Paulo!... Paulo!

Depois de ter corrido muito, uma voz lhe respondeu.

Paulo tinha uma perna quebrada e estava tanto elle como o cavallo, coberto de neve. Luiz levantou-o e sentou-o no cavallo, que já era cadaver, depois vendo que seu irmão estava impossibilitado d'andar, foi juntar-se á co-

lumna que ainda se estava batendo, enquanto que Paulo tirou duas pistolas dos coldres.

Luiz apenas viu cahir um cavalleiro pela metralha, montou-se no seu cavallo e veio ter com Paulo.

Montou Paulo no cavallo que fôra buscar, e depois d'elle se ter montado no que deixára ao pé de seu irmão, correram ambos ao acaso.

Durante todo o caminho não viram mais que destroços da guerra, feridos, e neve.

Finalmente, encontrou uma campina onde de certo, acampára alguma divisão. Uma conica barraca tinha ficado.

Luiz apeou Paulo, metteu-o na barraca, depois foi buscar alguma lenha que accendeu, carregou as duas pistolas e arranhou alguma cousa que comer.

Chegou a noite. Não se ouvia nada senão o uivar dos lobos.

Luiz accendeu fogueiras em volta da barraca, approximou de si as pistolas e arranhou uma refeição que apresentou a seu irmão.

—Oh! Paulo, então não comes?

—Não; antes quero beber.

—Toma lá o cantil.

—Paulo pegou no cantil e bebeu alguns golos.

—Pódes beber toda.

—Não; tenho tambem a fallar-te.

—Sim.

—E de negocio sério.

—Então falla; eu presto attenção.

—Luiz, disse o ferido, commetti na minha vida uma acção má, e não posso morrer sem que me promettas que a has-de reparar.

—Juro-te, reparal-a.

—Mano, existe na Allemanha uma menina.... filha d'um pastor.... do pastor d'Abensberg; pois essa menina, mano... deshonrei-a.

—Tu!

—Sim, eu... não fiz uma má acção, commetti um crime... mas o céo já me puniu; pensava n'ella quando fui ferido. Sim, deshonrei-a eu.... essa joven tinha um mancebo a quem amava... Esse joven era Staps, que quiz assassinar o imperador.

Paulo fez uma pausa, depois continuou:

—Esse mancebo foi condemnado a ser fuzilado; e mandou-me chamar á prisão e pediu-me que depois da sua morte, lhe tirasse do peito um retrato e da mão um papel. Effectivamente, logo que souu a descarga fatal, tirei-lhe o retrato e que vi... Margarida Stiller!.

—E o papel?

—Esse dizia: «Perdo-o

*Napoleão.*

—E não quiz...

—Sim, não s'aproveitou d'elle...

—Teve razão: a sua noiva foi deshonrada por um miseravel.

—Paulo! Paulo!...

—Logo que chegues a França, parte para a Allemanha e procuraes Margarida Stiller, filha d'um pastor que morava em Abensberg em 1809.

—Sim, sim, irei.

—Logo que a achés, diz-lhe como Deus me puniu e diz-lhe que n'uma cabana, ouvindo os uivos dos lobos, eu te contei esta miseravel aventura e offerece-lhe a minha fortuna.

Mas para melhor a conheceres, toma lá o retrato.

—Está secegado; mano.

—Da cá a mão.

Os dois irmãos apertáram as mãos e deitaram-se.

Pela manhã, Luiz, quando ia buscar agua, ouviu o estrondo d'uma arma de fogo.

Voltou á cabana, mas seu irmão já não

existia. Fez saltar os miollos com um tiro de pistola.

D'ahi a pouco passou Nei com a sua columna, procurando o Dniefer.

Luiz depois de ter feito o enterro de seu irmão com todas as honras militares, seguiu a columna.

VI

LIESCHEN WALDECK.

Muito tempo decorreu depois da morte de Paulo.

Napoleão estava na terra do exilio. Porém vamos á nossa historia,

Na pequena cidade de Wolfeck, uma das mais pittorescas do ducado de Bade, uma joven de 16 annos, cantava debruçada na janel-la, uma canção allemã.

Estava tão absorvida nos seus pensamentos, que não sentiu abrir-se a porta, por onde entrou um joven de cerca de trinta annos, vestido á moda da Westphalia.

—Lieschen! disse elle, approximando-se.

—Oh! sois vós.

—Que canção tão triste.

—Não sabeis o que é. Bem se vê que sois francez.

—Então conhece-se-me pela pronuncia?

—Não; vós fallaes bem o allemão.

O joven aproximou-se da menina e estendendo-lhe a mão, disse:

—Adeus.

—Ha algum novo perigo?.

—O perigo que corre um exilado, um condemnado á morte.

—Infeliz.

—Sim; acompañhei o imperador até á ilha d'Elba, e de lá vim a França, para preparar a sua vinda; fui condemnado á morte; porém, pude fugir e metter-me na Allemanha, onde

tenho uma missão sagrada a cumprir. Cheguei a Wolfeck, vi-vos e não pude deixar-vos, porém, é preciso que parta.

—Mas o perigo....

—Deus m'ajudará. Ainda hoje vi chegarem gendarmes francezes, que a esta hora, andarão á minha busca.

—Oh! e se agora te surpreendessem.

Que m'importava, a minha vida!.. o peor era vosso pai, porque um conspirador em sua casa, compromettia-o. Por isso, não posso deixar de partir para a Baviera.

—Para a Baviera.

—Sim; e logo que cumpra essa missão que é procurar uma joven tão linda como vós, mas menos feliz, eu voltarei; corra o perigo que correr.

—E quando voltareis?

—D'aqui a tres mezes.

—Tres mezes!... tanto tempo sem te ver.

—Sempre errante; sempre.... é fado.... nunca estou socegado por muito tempo n'uma terra.

—Infeliz exilado! sem amigos...

—Já os tive!... mas esses vi-os cahir no campo da honra. Os que hoje restam, estão algemados pela Inglaterra.

—Não houves uma carruagem; pois, é meu pai. E' forçoso separar-nos.

—Então, Lieschen, adeus!... Lembra-te do pobre exilado, que longe suspirará por ti e ora por mim.

—Então adeus, e volta o mais breve que possas.

—E' verdade, e uma lembrança tua...

—Toma lá um ramo de violetas. Mas por quem hei-de orar?

—Pelo capitão Ricardo;

—Parti, parti, que ahí vem meu pai.

—Adeus!

O militar desapareceu em quanto que Lieschen caiu sobre uma cadeira

(Continúa)

J. N. R. BOTELHO.

## SCENAS D'ALDEA

AO MEU AMIGO JOÃO LUIZ GONÇALVES

### I

#### As minhas arvores

Estas arvores são minhas amigas... Vim hoje aqui despedir-me d'ellas: creio que para sempre me despeço. Tenho que abraçar as mais dilectas e confidentes: umas que já eram velhas quando, em minha infancia, as vi; outras, que eram tenras então, e agora bracejam frondes de luxuriante mocidade.

C. CASTELLO-BRANCO—No Bom Jesus do Monte

Estou agora

Villa-Verde,

concelho

leguas distante do Porto. Não me aqui no retiro d'esta amenissima Thebaida nem o rumor dos concertos do Palacio de Crystal nem o écco longiquo dos saraus da Foz e de Leça; nada d'isso. Vivo com as minhas arvores, que me conhecem desde menino, e que já agora me hão de dar amisade e boa sombra n'estes poucos dias em que possa devanear assentado á beira d'ellas. A casa é isto que vulgarmente se chama um predio rustico; fica, porém, na encosta d'um monte, que banha os pés no Douro e esconde a cabeça entre as nuvens. O meu quarto abre sobre um eirado, d'onde se descobre um panorama deliciosissimo. Agora, que são nove horas da noite, vejo eu, atravez da vidraça, scintillar lá em

baixo a corrente do Douro, prateada pelos raios da lua. As noites aqui são de ordinario, caladas e serenas; poder-se-ha dizer, sem descahir em ficção poetica, que as aves d'estas paragens estão ensaiando, em seus conservatorios, novos canticos e novos hymnos, com que saiam a receber o sol, logo que a tibia claridade da primeira aurora, tremelusa nos pinaros das montanhas.

De longe a longe, porém, uma dulcissima voz de pastora enamorada quebra o silencio da noite. Não ha talvez meia hora, que eu estive, à janella, a escutar a filha do cazeiro. Creio que lhe não esqueceu uma só das trovas que se cantam por aqui; apreciei muitissimo o ouvir-a porque fiquei na certesa de que o povo conserva ainda restos da poesia nacional que tão descurada anda desde que o Almeida Garrett passou a melhor vida. Ouve lá esta copla, que foi de todas a que mais gostei e a unica de memoria.

Dize-me tu, Gonçalves, se estes singelissimos versos, gorgeados n'nma doce voz de pastora, que sabe dar ao canto a expressão do sentimento, porque ama e soffre, não desbancam centenares de paginas metrificadas, que não têm tanta poesia e não valem tanto como esta copla. Eu sempre que posso, e vem a ponto, fallar da poesia popular, que já não merece attenções de ninguem, desde que no verso se cuida da rythma e do metro e nada mais importa, não posso deixar de lamentar o ver desencordada e sem affinação a lyra do povo, que desleixada na fórma, era graciosa, expressiva, suave, como nenhuma outra. Estes dizeres, porém, desquadram aqui; voltarei a fallar

das minhas arvores. Doze annos vão passados, meu amigo, desde que, em vida minha, as vi pela primeira vez; tinha eu então cinco annos. Hoje vejo-as do mesmo modo, como então as vi, todas vestidas de folhagem, todas cobertas de ninhos e aves, a entornarem muzicas no espaço. Ellas, porém, quando hoje me enxergaram, ainda muito ao longe, não sei o que disseram entre si, mas cuido que foi causa d'este segredar o verem-me triste, muito outro do que era e differente do que me suppunham, talvez.

Hontem ainda trepava eu ás frondes para derrubar ninhos e colher os pomos sazoados; agora já não incommodo as minhas arvores senão para lhes pedir boa sombra e que me deixem scismar de baixo da ramaria. As aves, porém, não acreditaram a minha tristeza, e ficaram duvidosas da serenidade que eu mostrava porque me espreitavam de traz dos ramos e estremeciam pavidas ao menor movimento que fizesse. Ao principio foram causa de surpresa para mim estes receios; depois achei a rasão d'isto: é que se lembravam ainda d'aquella criança turbulenta, que se engolfinhava nas frondes para lhes derrubar os ninhos.

Esta tarde fui-me sentar n'um bosquezinho de laranjeiras, murmurante e cheiroso, com tenção de lêr a *Menina e moça* de Bernardim Ribeiro. As aves apenas me viram, temerosas, pozeram-se a olhar por entre a folhagem. Eu sentei-me, descancei um pouco e comecei a lêr: — Menina e moça me levaram de casa de meu pai para longes terras: qual fosse então a causa, d'aquella minha levada, era pequena, não n'a soube. Agora não lhe ponho outra, senão que já então parece havia de ser o que depois foi... »

Como o coração me prende ás minhas arvores, não as quiz privar do gosto d'ouvirem

tambem e comecei a lêr alto. As aves, porém, fugiram todas ao ouvirem-me fallar; receiaram, talvez, que eu estivesse planeando o ataque com que havia d'assaltar as suas cazinhas de musgo. «Vivi allí tanto tempo, quanto foi necessario para não poder viver em outra parte» continuei eu. As aves, cuido que conhecem então o *livro das saudades*, talvez de o ouvirem lêr a algum pastor enamorado e triste, porque voltaram todas de tropel e estiveram attentas á leitura, empoleiradas nas frondes.

Os cazeiros, olham-se espantados e fallam entre si, quando nie avistam. Eu sei, porém, o que elles pensam de mim; uns supõem-me orgulhoso e outros acham-me triste. Se alguns acertam com a verdade, não são de certo os primeiros. Eu d'antes convivía muito com a gente do campo; todos os lavradores me convidavam para os serões. Quando as noites eram de lua e iam serenas, dançava com as raparigas, no *quinteiro*, a *canna-verde*. Quando, porém, estavam frias e o céu era escuro, sentados no preguiceiro, ao pé do lar, ouviamos todos lendas que as velhas contavam, xacaras que as raparigas gorgeiavam n'uma voz dulcissima, com os pés no borralho e a alma pendente dos lábios d'ellas.

Se nunca estiveste n'uma aldeia, vais agora procurar no dictionario a palavra—quinteiro—e ficas pasmado de ti e de mim ao vel-a na accepção de — feitor de quinta, — accepção que não póde ser aquella em que eu a tomo. E de certo que não é. Ao que nós mocidade chamamos — pateo, — chamam — quinteiro — aqui. Como, porém, escrevo n'aldeia, has-de-me desculpar o vocabulo assim rustico como elle vai. A dança no *quinteiro*, nas noites de lua, corria de tal modo animada e divertida, que muitas vezes o albor matinal vinha-nos surprezar entretidos na *canna-verde*. Toda a nos-

sa orchestra, n'essas noites, não passava d'uma viola; o tocador era muito querido de nós todos, por que se não cançava, em quanto nós não cançassemos tambem. Comtudo para o termos de feição e sempre com vontade de nos fazer o que lhe pediamos, serviamos-lhe, de hora em hora, uma *malga* cheia de vinho e uma isca. Se ainda o não sabes, fica na certeza de que, n'aldéa, — malga — é synonymo de tigela, elles não querem outro vaso para beber vinho, não tens que ir, por ora, ao dictionario.

O certo é que o tocador tinha o estomago em tão estreitas relações d'amisade com os dedos, que emquanto o tivesse cheio, não os sentia doridos!

D'uma vez que vim aqui, ainda era muito criança, li a um bando de raparigas algumas trovas do—Romanceiro—de Garrett; ha pouco ia eu a passar n'um caminho e ouvi a uma pastorinha muito formosa e galharda, que hade andar pela minha idade, a primeira quadra das *pegas de Cintra*.

Gavião, gavião branco  
Vai ferido e vai voando;  
Mas não diz quem n'o feriu,  
Gavião, gavião branco!

Ao ouvil-a cantar n'um tom de tristeza suavissima, que daria enlevos ao proprio Garrett, senti na minha alma uma indizível saudade dos alegres dias da infancia, que já passaram na onda do tempo, para nunca mais voltarem. Criança que, n'esse tempo, viesse á luz do mundo, havia de ser minha afilhada, por força; andavam os bons dos lavradores a traz de mim a convidarem-me instantemente para padrinho do pequerrucho. Creio, porém, que os meus compadres se ressentiam de mim, todos os annos, pela paschoa. Isto, todavia, penso eu; que nem elles me fallavam em paschoa, nem os afilhados em foliar...

Entre o bando das minhas afilhadas, havia uma de cinco annos, de cabellos dourados a cahirem-lhe em aneis, olhos castanhos e tristes, e, sobre tudo, d'uma intelligencia pasmosa.

Quando eu chegava a Villa-Verde, sahi-me ella ao encontro a pedir-me a benção e a enroscar-se-me nas pernas. Este anno, porém, nem eu a vi, nem ella sahio de traz d'uma moita a atalhar-me o passo e a chamar-me — senhor padrinho.

Perguntei por ella; disseram-me todos, com as lagrimas nos olhos, que tinha morrido quasi de repente. Pedi mais claros apontamentos e logo me contaram a historia da pequena, que passo a referir.

(Continúa.)

ALBERTO PIMENTEL.

### O MEU BARCO

Vê, donzella, como brinca  
O barquinho á beira-mar  
Ai dentro d'elle é um doce  
Amor puro disfructar.

Repara como essas ondas,  
Que a praia beijam álem,  
O teu pé alvo de neve  
Dousas beijam tambem,

Ellas mesmas te convidam  
Que vás sobre si viver,  
Tu lá distante do mundo  
Mais livre não podes ser

Vem, não temas que o oceano  
Bonançoso está a sorrir,  
Por sobre elle não rasteja  
Do sul o rouco bramir!

Lá tem mais encanto a vida,  
Tudo lá nos diz — amor —  
Magoar-nos lá não podes  
O peito indómida dor!

O meu barco é mui veleiro  
Tão veleiro que mais não...  
Pelas ondas embalado  
Como falla ao coração.....

E' tarde, no céu já vejo,  
A meiga lua a fulgir,  
Ah! vem ridente donzella,  
Um céu de gosos fruir.

Olha como a lua imprime  
Nas aguas o seu fulgor  
Como não falla tão leda  
Ao longe do Redemptor,

Vem, donzella, no meu barco  
Sobre as ondas navegar,  
Vem, não temas; que o oceano  
Nos convida além a amar!

A. P. A. CARVALHAES.

### MOSAICO

Segundo os ultimos figurinos, e as mais modernas noticias de Paris, as modas parecem tornar aos tempos antigos. Agora, quer seja nos bailes, quer mesmo em passeios, as elegantes *ladyes* trazem vestidos chatos nos quadris, e a saia debaixo mais comprida, que a de cima. A cinta é mesmo por debaixo dos braços.

São cortados inteiriços (corpo e saia), ou com corpos separados, muito baixos, com decotes adornada com rendas. E' tambem moda trazer as saias atadas por detraz com um nó. Estamos anciosos por vêr a *linda* figura, que as nossas bellas hão de fazer, com os taes vestidos, com a cinta curta, arremedando as nossas avósinhas!...

# ÍNDICE

DAS

## MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

ALBERTO PIMENTEL		ALBANO COUTINHO JUNIOR	
	Pag.		Pag.
Luiza (a F. M. de Sousa Viterbo,)	5	Cartas de Lisboa, 42, 75,	
Lgrimas d'anor (poesia,)	15	Um desengano a tempo,	85
O demonio do amor (ao snr. J. G. Bran- dão,)	20		
Na sêsta do verão (poesia,)	35	A. P. A. CARVALHAES	
O echo do valle	44	O cavado (poesia,)	207
Sem titulo (poesia,)	55	A camponesa (poesia,)	243
Guiomar (a Alfredo Leão,)	59	O meu barco (poesia,)	256
A quem dão a preferencia? (poesia,)	67		
Cantigas para o serão,	76	ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL	
O Fausto,	95	Commendador da Malta (romance histori- co), pag. 9, 17, 27, 33, 49, 57, 65, 73;	
A minha mãe (n'um album,)	96	81, 89, 97, 115, 129, 137, 153, 161,	
O idyllio da infancia,	99	Lyrrios e goivos (conto),	188
No dia da desobriga (poesia,)	106	A' patria (poesia,)	196
A poesia de tudo (a A. do Quental,)	114	O poeta (poesia,)	199
Celestes nupciae,	125	A filha da baroneza (conto romantico),	
Improviso (n'um theatro particular)	131	203, 211,	
Chora por mim (poesia,)	136	N'um album (poesia,)	207
Versão de Victor Hugo ( <i>Les rayons et les ombres.</i> )	165	Neurologio,	209
Pax (poesia,)	172	Fr. Angelo (poemeto), 229, 235,	
O que se conta em Provença,	234	Revista mensal,	109
Scenas d'Aldeia (romance,)	253	Os dous irmãos (romance). 220, 225,	
Christo (a Pedro de Lima,)	12	233, 241, 249.	
		Pobre orphã! (poesia,)	243

	Pag.		Pag.
		Trevas e luz (romance,)	134, 173
A primavera,	401	A *** (poesia,)	155
Ao excellente tenor Mongini, por occa- são do seu beneficio (poesia)	407	O monge (a G. N. Torrezão,)	181
A noite de S. João (poesia),	433	EPHIGENIA DO CARVALHAL SOUSA TELLES	
A amizade (a C. Gooldophim)	443	Clotilde (romance original,) pag. 13, 22,	
A hora da meia noite (poesia),	468	31, 36, 46, 55, 61, 87, 92, 103, 118,	
Uma saudade (poesia),	483	121, 131, 139, 147, 162, 169, 177,	
Invocação (poesia),	215	185	
Por causa do <i>Diario de Noticias</i> ,	222	Adeus (ao meu adorado pai (poesia,))	37
AUGUSTO QUEIROZ		A casa negra (lenda,) pag. 193, 201, 209,	
A freira (romance), 4, 19, 105,		218	
A. C. (poesia,)	11	Duas palavras d'explicação,	193
A. C. »	29	F. M. DE SOUSA VITERBO	
A. C. »	38	A Emilia (poesia,)	7
A' exc. <sup>ma</sup> snr. <sup>a</sup> D. Amelia C. A. M. no dia do seu casamento,	63	Ao acaso (n'um album,)	16
Aos annos de M. C. Queiroz,	64	Um suicidio com flores, 25, 39, 44, 54,	
Hussard da Morte (traducção,) 79, 102, 166		71, 119, 126, 151	
Reminiscencias,	94	A uma rapariga (n'um album,)	96
Dor maternal (a Alberto Pimentel.)	417	M. A. F. PRATA	
Que arrufos!... 159, 165, 180, 197		O amor d'um negro (poesia,)	7
A.		O caçador, »	38
Horas alegres, 6, 12, 29		Ormia, »	52
A. J. F.		A uma estrella, »	165
A questão litteraria (a A. P.)	44	RIBEIRO GONÇALVES	
		Um rasgo d'amidade,	142
COSTA GOOLDOPHIM		SOUSA CAVALHEIRO	
Maria (poesia,)	69	O aventureiro (poesia,)	93
A Jacob Personn (poesia)	76	O retrato de Delia (poesia,)	144
Fragmento, »	84	J. ALVES COSTA FONTELLAS	
Não choreis (poesia,)	91	Desenfado (a A. A. Ferreira de Carvalho,)	108
Dor, sacrificio e luz (poesia,)	411	Carta a Alberto Pimentel,	108
A primavera,	413		
Agradecendo as flores (poesia,)	424		

J. N. R. BOTELHO

ARTIGOS SEM ASSIGNATURA

	<i>Pag.</i>		<i>Pag.</i>
Batalha de Guadalete,	196	Introdução,	3
Capitão Ricardo (romance,) 205, 212,		Aos nossos leitores,	193
217, 227, 237, 244, 251		Mosaico, 199, 208, 215, 223, 231, 239,	
		247, 252	
JOÃO CLIMACO		AUGUSTO DA SILVA	
Chronica, 30, 68		A uns annos (poesia,)	231
		Anjo e demonio (poesia,)	246
JULIO D'OLIVEIRA			
Os meus sonhos,	226		



# A ESPERANÇA

SEMANARIO DE LITTERATURA E RECREIO

(3.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

REDACTOR--PROPRIETARIO, ANTONIO PEIXOTO DO AMARAL

Este hebdomadario litterario—recreativo, dedicado ás senhoras Portuguezas e Brasileiras continuará a sahir regularmente todas as segundas feiras, confiando na protecção do illustrado publico, e vae no terceiro anno.

Oxalá que os favores que o publico lhe tem dedicado, continuem a favorecer a sua publicação, e desde já agouramos uma prospera vida ao semanario—A ESPERANÇA.—

Temos em nosso poder varios escriptos e poesias, e entre outros romances, taes como o que temos publicado,—*Os amores d'um opulento*,—e um romance historico, chronica do seculo XVI—*O baculo e o sceptro*.—

Os preços continuam na mesma e primitiva modicidade:

Porto: por anno 1\$200, semestre 600, tremestre 300, mez 100 reis. Para a provincia, accresce só o importe das estampilhas, sendo pagas aliantadas.

---

Assigna-se na typographia de José Pereira da Silva.  
450 reis, semestre 900, anno 1\$800.  
Preços: Porto, trimestre 300 reis, semestre 600, anno 1\$200 — Provincias, trimestres gar-se-ha na occasio da remessa do primeiro numero.  
Publicar-se-ha quinzenalmente, tendo cada numero 12 paginas. O primeiro trimestre pa-recio e utilidade; mas se tal não conseguirem, sirva-lhes a boa vontade de desculpa.  
Os redactores não pouparão esforços para que o =GARETT= attinja a dous pontos:— sejam illustras.  
Este jornal, que tem por titulo o nome do filho mais illustre do Porto=GARETT,=vao sahir á luz esperangado na protecção e benevolencia do publico. Oxalá que suas esperanças não

---

DEDICADO A NOBIDADE PORTUENSE

PERIODICO LITTERARIO

---

GARETT